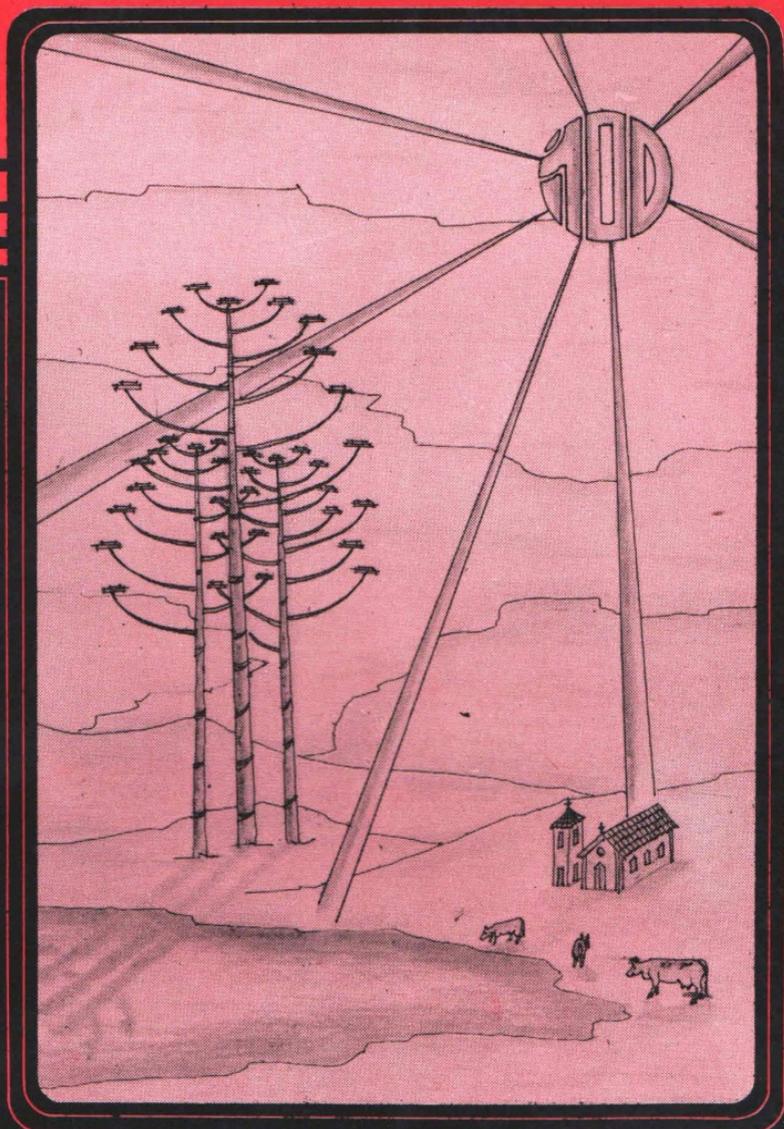


NOVA HISTÓRIA DE LAGOA VERMELHA



FIDÉLIS DALCIN BARBOSA

EST

A centenária Lagoa Vermelha tem, agora, uma história abrangente. Fidélis Dalcin Barbosa, o autor, denomina-a **“Nova História de Lagoa Vermelha”**. Nova porque não desconhece pesquisas históricas anteriores e nova, também, porque avança no campo do passado, identificando e ordenando novos documentos. Nova sobretudo, porque o Autor, forjado na sensibilidade empolgante de já consagrado autor de duas dezenas de romances históricos, traz para dentro da história sua acuidade antropológica, expressa em linguagem literária comunicativa e exata, sem jamais perder-se nos requintes literários que seriam impróprios ao estilo antropológico histórico que se propõe.

Fidélis Dalcin Barbosa, sempre que escreve história, como aconteceu em “Antônio Prado e sua história” e em “Vacaria dos Pinhais”, revela-se um atento observador participante, juntando os dados históricos do passado para uma aprazível percepção e conhecimento do presente. Há momentos em que sua observação vai às raias da paixão, mas o Autor jamais esconde suas paixões, de sorte que, ao revés de claudicarem o significado histórico da obra, enriquecem-na. Parece que a têmpera dos anos e a presença continuada do Autor nas diferentes comunidades do interior do Estado e em comunidades também de Santa Catarina e Paraná deram-lhe a condição privilegiada da observação histórica longitudinal, que se prolongou, no caso de Lagoa Vermelha, por mais de três décadas, tempo significativo para uma história de apenas cem anos.

Fidélis Dalcin Barbosa

Nova História de Lagoa Vermelha



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

2014

Fidélis Dalcin Barbosa

Nova História de Lagoa Vermelha

Passo Fundo
Projeto Passo Fundo
2014

Projeto Passo Fundo

Página na internet: www.projetopassofundo.com.br

e-mail para contato: projetopassofundo@gmail.com

Disponível no formato eletrônico /E-book.

Do livro: Literatura, História. -Porto Alegre: Edições EST, 1981. 336p.; il.; 23cm.

Todos os direitos reservados ao Autor.

O conteúdo deste sítio NÃO pode ser reproduzido, copiado, gravado, transcrito ou transmitido por meios mecânicos, fotográficos ou eletrônicos, sem a citação de autoria, nos termos da licença

[Creative Commons Atribuição-Compartilhual 3,0 Nao Adaptada.](#)

Para ver uma cópia desta licença, visite:

creativecommons.org/licenses/by-sa/3.0/deed.pt_BR ou envie uma carta para Creative Commons, 444 Castro Street, Suite 900, Mountain View, Califórnia, 94041, USA.

Revisado em: 03/01/2014

Capa: Adriano Luiz Candeia Donin

B238n Barbosa, Fidélis Dalcin, 1915-
Nova história de Lagoa Vermelha [recurso eletrônico] / Fidélis Dalcin Barbosa. – Passo Fundo: Projeto Passo Fundo, 2014.

E-book (formato PDF).

ISBN 978-85-8326-062-2

Modo de acesso: World Wide Web:
<<http://www.projetopassofundo.com.br>>.

1. Lagoa Vermelha (RS) – História. 2. Rio Grande do Sul – História. I. Título.

CDU: 981.65

Sumário

INTRODUÇÃO	7
OS ABORÍGINES	9
VIA DE PENETRAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL	34
DIVISÃO DOS CAMPOS DA VACARIA COM OS CAMPOS DO PASSO FUNDO	37
MATO PORTUGUÊS E MATO CASTELHANO	38
A FUNDAÇÃO DE LAGOA VERMELHA.....	41
OS PIONEIROS DO POVOAMENTO	55
ELEITORES NA DÉCADA DE 1900	90
SEDE MUNICIPAL POR DECRETO EM 1857	152
CAPELA, FREGUESIA E PARÓQUIA	160
MUNICÍPIO.....	169
COLÔNIA MILITAR DE CASEIROS	176
BARRAÇÃO	184
PITOCOS E JAGUNÇOS	206
A REVOLUÇÃO DE 1923.....	215
A BICA E O TANQUE.....	236
FERROVIA DECRETADA EM 1875	240
GUARDA NACIONAL E CÍVICA	243
GOVERNANTES DO MUNICÍPIO	250
ASPECTOS GEO-DEMOGRÁFICOS	252
A COMARCA.....	254
COLÔNIAS	261
PECUÁRIA	274
O ENSINO	279
AGRICULTURA.....	282
INDÚSTRIAS.....	290
SAÚDE	291
ESCRITORES	296
LAGOA VERMELHA NO ANO DO CENTENÁRIO	303
O ENSINO EM 1981.....	309
CASAS BANCÁRIAS.....	330
ESPORTES EM 1981.....	334
SERVIÇO PÚBLICO EM 1981	338
CLUBES SOCIAIS E DE SERVIÇO	345



INDUSTRIA E COMÉRCIO EM 1981	349
FESTEJOS DO CENTENÁRIO	374
A LEI AQUI É O REVÓLVER	379
JOÃO JORGE MOOJEN	384
WALDEMAR LUÍS DE HOLLEBEN	394
O PINHEIRO	398
ANTÔNIO BIANCHIN	400
TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO	407
EU FUI MARGINAL	414
ÍNDICE DO SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO	425
SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO.....	430



INTRODUÇÃO

O Centenário merecia uma História. Uma Nova História. História que trouxesse à luz novidades, muitas novidades que permaneciam escondidas no fundo dos arquivos. Novidades colhidas da boca de venerandos nonagenários, filhos ou netos dos fundadores de Lagoa Vermelha. Velhas histórias ameaçadas de desaparecer nas brumas do passado.

História opulenta e apaixonante, verdadeira tentação, para os ficcionistas, que em cada capítulo, encontram assunto para grosso volume. A epopeia indianista, comandada pelo legendário Cacique Doble, nascido, criado e morto neste município, onde escreveu cantos de bravura e patriotismo, aguarda a pena de um poeta para imortalizá-la.

O tropeirismo, a soberba epopeia dos tropeiros paulistas. O tropeirismo sulino, que tinha aqui o mais movimentado entroncamento de estradas, boca do sertão, ponto de parada obrigatória, antes de seguir para as Missões ou Sorocaba. Nesse entroncamento surgiu Lagoa Vermelha.

Crimes, tragédias, assaltos de bugres, salpicam de sangue as páginas desta História, que encontra na família de cada pioneiro um assassinado, quando não um assassino. A sangrenta história dos movimentados revolucionários, escrevendo páginas de heroísmo.

A História das velhas fazendas, com suas senzalas de escravos, que eram vendidos na fronteira por duzentas mulas cada um. A História das tropas de cargueiros rumando para Torres, São João de Montenegro, São Sebastião do Caí, São Leopoldo, Porto Alegre.

Os tropeiros de gado, tocando por velhas estradas imensos

rebanhos em busca de mercado consumidor, dos saladeiros, das charqueadas. Depois, a epopeia dos imigrantes, penetrando na mata que constituía três quartas partes do território lagoense, onde surgiram duas dezenas de cidades.

A seguir, a era do ouro da indústria madeireira, que fez de Lagoa Vermelha a Capital do Pinho, atraindo para cá os maiores exportadores do Brasil. Depois, a lavoura mecanizada, transformando as verdes campinas num oceano de trigo e de soja, ondulando ao sabor das coxilhas. Por fim, a explosão industrial, exportando erva-mate, móveis, madeiras, calçados.

E para acompanhar a História, para cantar seus heróis, para educar seus filhos, uma plêiade de mestres, de escritores, de poetas, de advogados, de engenheiros, de arquitetos, de médicos, com suas escolas, hospitais e igrejas.

Perdoem os leitores o alentado volume, que resume uma dezena deles, e não repete “Lagoa Vermelha e sua História” deste autor, como não repete as várias obras históricas do pioneiro no ramo, Demétrio Dias de Moraes.

BIBLIOGRAFIA

Arquivos: do pesquisador Walder Luís de Holleben; da Prefeitura Municipal; dos Cartórios; da Cúria Diocesana e das Paróquias.

Livros: “Passo Fundo das Missões” de Jorge E. Cafruni; “Passo Fundo Através do Tempo” de Delma Rosendo Gehm; “Rainha do Planalto” de José Fernandes de Oliveira; “Reminiscências” de Salatiel Soares de Barros; “O índio Kaingang no Rio Grande do Sul” de Ítala Irene Basile Becker”; “Pioneiros às Margens do Uruguai” de Giacomel, Polesso e Cherubini; “Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas no Rio Grande do Sul” de Berardin D’Apremont e Bruno de Gillonny;



“Santo Antônio da Patrulha: Vínculo, Expansão, Isolamento (1803-1889) de Vera Lúcia Maciel Barroso; “Revolução de 1923” de Arthur Ferreira Filho; “Minha Luta pela Liberdade” de José Garibaldi; “Torrão Amado” de Demétrio Dias de Moraes; “Brasil Grande e a História de Lagoa Vermelha” do mesmo autor; História de Machadinho de Ubiratan Alves de Oliveira e Ervino José de Lima; “São José do Ouro - História da cidade e suas instituições” de Américo Claudino Gelain; História de Sananduva de Loreno Luiz Zambonin; jornal Gazeta Popular.

O autor agradece a colaboração de: José Maciel Junior (Santo Antônio da Patrulha), Selene Sperandio (Curitiba), Nancy Westphalen Corrêa (Curitiba), Dr. Nívio Castellano, Demétrio Dias de Moraes, Prof. Jeni Ávila Reis, Dr. Ivo Rodrigues Fernandes, Sílvio Dias de Moraes, Alípio Rodrigues da Silva, Dr. Milto Tumelero, Alfredo Ferreira, Mário Gardelin, Frei Alberto Stawinski, Pércio de Moraes Branco, Pedro Balen, Augusto Moojen, Dr. Rômulo Augusto Moojen, Dr. Gomercindo Canevese, Franklin Barros Pinto, Nelson Berthier, Ademar Fagundes Teixeira, Augusto Carneiro Lobo, Frei Ricardo Aresi, Arlindo Gradin, Frei Raymundo Simonetto, Dr. Manoel Vieira da Fonseca, Itair Gonzatto, Orozimbo Tondello, Daltro Antunes Coitinho, Cônego Luiz Lovatel, fotógrafos Sebastião da Rosa, Primo Koch e José Koch, como a tantos outros que colaboraram com informações e fotografias.



OS ABORÍGINES

O atual território (2.267 km²) do município de Lagoa Vermelha, como o primitivo (8.131 km²), foram a princípio ocupados por várias tribos indígenas das raças Tupi e Guarani, conforme se pode provar por numerosos objetos de cerâmica, de que existem exemplares no museu particular do Dr. Ernani Dias de Moraes.

Na região do Planalto, os antigos Tapes limitavam com os Ibiraiaras na altura do Campo do Meio. A divisa da província jesuítica de Ibíá com a província de Tape (índios serranos) era o rio Ligeiro, antigo limite do nosso município.

Dos séculos XVI ao XVIII, a população gentia de nossa região tinha a denominação genérica de Guaianás. Já no século XIX, eram conhecidos por Coroados, nome originário do costume antigo de cortar o cabelo em forma de coroa.

A partir de 1882, todos os indígenas não Guaranis dos Estados de São Paulo, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, passaram a denominar-se Caingangues (morador do mato), termo introduzido por Telêmaco Morocines Borba. Sob esse nome genérico estão incluídos os Guaianás, os Coroados, os Bugres, os Botocudos (Xocrens) e outros.

Coroados e Botocudos eram inimigos ferrenhos. “Os coroados receiam muito menos os brancos, os indivíduos civilizados, do que os Botocudos”. Os Botocudos, embora fossem do litoral e da região dos Aparados, por vezes apareciam aqui. Diz Mabilde que numa excursão, em 1836, localizara um cemitério indígena na região do Campo do Meio. Mais tarde, em 1850, visitando o local junto com o Cacique Braga, contou-lhe este que “naqueles túmulos (sete ao todo), estavam enterrados homens da sua tribo, mortos em combate com os Botocudos. Foi um ataque que os Botocudos levaram contra sua tribo, sendo seu pai cacique”.



Afonso Mabilde (1806-1892), engenheiro belga a serviço do governo provincial do Rio Grande do Sul, nas décadas de 1830 a 1870, é a maior autoridade em assuntos indígenas e históricos da Grande Lagoa Vermelha. Aqui trabalhou apaziguando os Coroados e abrindo a estrada do Pontão, a futura Buarque de Macedo, a atual BR-470, na época da fundação de Lagoa Vermelha.

Por dois anos esteve preso às mãos desses silvícolas, cujo idioma aprendeu. Deixou-nos ele três centenas de páginas, que constituem completo tratado acerca da vida e costumes dos antigos Coroados.

A região da Lagoa Vermelha e Mato Português era conhecida pelos indígenas com o nome de Caamone, enquanto ao Campo do Meio chamavam de Carioí e o Mato Castelhana, Mondeca, que significa armadilha.

Junto ao Mato Castelhana, nas nascentes do Jacuí, o Pe. Francisco Ximenes fundou por volta de 1633 a Redução de Santa Teresa, que a seguir confiou aos cuidados do Pe. Pedro Mola.

Na província de Ibia ou Ibiacá não foram fundadas Reduções, por estar quase toda tomada por mercadores de escravos, os mamelucos de São Paulo. Quando o Rio Grande do Sul era considerado viveiro de escravos para outras capitâneas do Brasil, a ação escravagista dos portugueses estendeu-se à região de Lagoa Vermelha, da Província de Ibia. Os índios Carijós, como eram conhecidos os Ibiangaras pelos Jesuítas portugueses, deixavam-se escravizar por qualquer bugiganga. Com um vestido ou um machado, os portugueses chegavam a comprar 300 a 400 almas. Em 1635 no porto de Laguna seguiram 15 navios carregados de índios escravizados. Mais de 120 mil índios, conforme relata Serafim Leite.

Em 3.1.1635, o Pe. Francisco Ximenes, com o objetivo de combater esses traficantes de Ibiangaras e catequizar os gentios de Ibia, transferindo-os para a Província do Tape e de Uruguai,

penetrou no território do Ibia, passando pelos atuais municípios de Marau, Casca, Nova Prata, Veranópolis, Bento Gonçalves, e percorrendo, a pé ou por água dos rios das Antas e Taquari, todas as florestas das serras das Antas, Cai e Taquari.

Ximenes pretendia fundar uma Redução na Província de Ibia, mas viu que, além do obstáculo dos traficantes escravagistas e seus intermediários indígenas, tornava-se a fundação impossível, “nessa terra fragosíssima, de caminhos infernais, onde não existe campo para quatro vacas, assim como base alguma para comida”.

Nessa sua incursão de 24 dias, o Pe. Ximenes encontrou vários mercadores dos portugueses, entre os quais o feiticeiro Parapoti, “grandíssimo velhaco” que vendeu aos portugueses toda a nação (Aurélio Porto).

Ximenes conseguiu catequizar centenas de Ibiangaras e levá-los à Redução de Santa Teresa, em Passo Fundo. O fato irritou os mercadores, que se revoltaram contra os missionários. Pouco depois, sabendo da viagem do Pe. Cristóvão de Mendonça, com o mesmo objetivo, os feiticeiros amotinaram os índios, que massacraram barbaramente o missionário, o primeiro tropeiro do Rio Grande do Sul, junto ao arroio Ibia, no atual distrito caxiense de Santa Lúcia do Piaí, em 26.4.1635.

Mas não parou aqui a vingança dos portugueses contra os Jesuítas espanhóis. Atravessando a Coxilha Grande, o bandeirante André Fernandes assaltou a Redução de Santa Teresa, no dia do Natal de 1637, expulsando o Pe. Ximenes e o Pe. João de Salas.

André Fernandes ficou morando na Redução durante alguns anos, havendo seu filho, o Jesuíta Pe. Francisco Fernandes de Oliveira, tomado conta da direção espiritual dos índios. André Fernandes fez aqui o seu quartel general, de onde dirigia ataques contra as outras Reduções. Regressou a São Paulo no começo de 1639, numa incrível odisséia, levando enorme horda de índios preados, através do Mato Castelhana, Mato Português, cruzando o

rio Pelotas no Passo de Santa Vitória.

Em 1634, o Pe. Cristóvão de Arenas introduzia o gado na Redução de Santa Teresa, povoando o Campo do Meio, passando a seguir para os Campos de Vacaria, onde os Jesuítas fundaram a Vacaria dos Pinhais.



ASSALTOS DOS COROADOS

A maior parte do território da Grande Lagoa Vermelha, por ocasião da penetração dos primeiros povoadores, até começos do século XX, era formada pelas imensas florestas do Mato Português, da Serra das Antas e do Pelotas.

Nessas matas viviam os índios Coroados, mais conhecidos por Bugres, que ofereciam ferrenha hostilidade aos pioneiros, fazendo com que a fundação de Lagoa Vermelha fosse retardada de cerca de meio século, em relação às demais cidades do Planalto, como Vacaria, Passo Fundo e Cruz Alta.

Antes de 1800 havia tropeiros paulistas estabelecidos com fazendas na região de Santa Rita, Turvo e Pontão (Barracão). Nesse ano os índios assaltaram a fazenda do furriel Cipriano da Costa Monteiro e demais estancieiros da margem direita do Santa Rita, destruindo tudo o que não lhes servia, queimando as casas, trucidando as pessoas que lhes caíram às mãos e matando os animais domésticos, fazendo com que os moradores se retirassem para lugares distantes.

A passagem do Mato Português e do Mato Castelhanu constituía autêntica aventura. Para evitar os assaltos, os tropeiros deviam servir-se de um guia prático, na pessoa de um bugreiro. O mais famoso desses bugreiros foi José Domingues Nunes de Oliveira, que morava junto ao Mato Castelhanu. Era tão temido dos índios, que chegava a afugentá-los só com a presença do seu pala de gaúcho, que ele costumava emprestar aos chefes das caravanas



ou das tropas de muares (Delma Rosendo Gehm).

Em 1840, Bento Gonçalves e Davi Canabarro, junto com Garibaldi e Anita, cruzaram por onde mais tarde foi fundada a cidade de Lagoa Vermelha. Eis o que nos relata Garibaldi no seu livro “Minha Luta pela Liberdade”:

“Sucedeu ao general francês um incidente que narrarei por sua extraordinária originalidade. Labattut devia atravessar em seu caminho as duas florestas conhecidas pelos nomes de Mato Português e Mato Castelhanos. Encontravam-se naquelas imediações algumas tribos de indígenas selvagens chamados Bugres, dos mais ferozes que existem no Brasil. Conhecendo estes a passagem dos imperiais, prepararam-lhes várias emboscadas, saindo-lhes do emaranhado da mata e aplicando-lhes não poucos estragos; comunicando ao mesmo tempo ao General Canabarro que eles eram amigos dos República nos, e em verdade não nos causaram o menor mal ao atravessarmos a selva.

Vimos os fogos (cavidades profundas cobertas cuidadosamente com terra, nas quais se precipita o incauto viajor, enquanto os selvagens se aproveitam da situação para assaltá-los). Não encontramos nenhuma daquelas cavidades cobertas e as grandes barricadas de troncos ao lado da picada, de onde são feridos os viajantes com flechas, estavam desguarnecidas.

Naqueles mesmos dias, apareceu fora do mato uma mulher raptada em pequena pelos selvagens, de uma casa de Vacaria (Lagoa Vermelha), aproveitou a circunstância de nossa aproximação para salvar-se. A coitada encontrava-se em situação muito deplorável”.

Acerca das cavidades de que fala Garibaldi, deve-se esclarecer que estas nada têm a ver com as bacias afuniladas que ainda hoje se observam em muitos lugares, no campo ou no mato. Bacias circulares ou oblongas, algumas medindo mais de 50 m de diâmetro na boca de uns dez de profundidade, “serviam de piso para

os ranchos dos índios, em cujo centro ficava o fogo para aquecimento dos ocupantes” (Cafruni, pág. 130). Os indígenas, nessas bacias, deitavam-se recostados, com os pés próximos ao fogo.

Em André da Rocha existe o Morro da Vigia, do alto do qual um escravo da família de Bernardino Fialho de Vargas, que fora assaltado em 1851, todos os dias ficava de sentinela, prevenindo-se contra eventual aproximação dos Coroados. Mais tarde, a família Vieira mandou construir no alto desse morro uma capela dedicada a São João Batista. No dia da festa desse santo protetor dos rebanhos, os moradores homenageavam o Precursor de Cristo com preces, cânticos e fogueiras.

★ ★ ★

O ALDEAMENTO DE SANTA ISABEL

Embora Antônio Eleutério de Camargo assinale a data de 5.5.1849 para a fundação do Aldeamento de Santa Isabel, na entrada do Mato Português, hoje distrito de Caseiros, parece que a fundação oficial ocorreu mais tarde, pelo que se depreende dos relatórios da Presidência da Província.

Um relatório informa que o governo em fevereiro de 1857 nomeou o diretor do “novo aldeamento de Santa Isabel” na pessoa de Alberto Marques de Almeida.

O relatório de 1859 diz: “O estado em que paravam os indígenas das tribos dos caciques Doble e capitão Chico, por antonomásia, Nariz Comprido, desde que tomei posse da administração desta Província, atraiu minha atenção. Nomeei o cidadão Alberto Marques de Almeida para diretor destes infelizes e pedi ao governo imperial que os tomasse sob sua proteção.

Estas providências obtiveram felizes resultados. O governo imperial mandou criar uma Colônia Militar no distrito de Lagoa Vermelha para proteção da população dos lugares vizinhos, e

autorizou-me para mandar ali um missionário catequizar esses infelizes. Por outro lado, o diretor nomeado envidou todas as suas forças para conseguir plantar no lugar do Mato Português esse aldeamento, e reunir as duas tribos.

No dia 14 de agosto deste ano, seguiu aquele diretor para o posto indicado com 182 índios de ambos os sexos e de diferentes idades, da tribo Doble, para fundar o aldeamento de Santa Isabel, ficando uma porção da tribo do Cacique Doble no lugar denominado Campo do Meio, para concluir a colheita das roças.

Pelo estado de penúria em que viviam, estes indígenas cometiam depredações em alguns lugares e especialmente sobre a serra. Os esforços do digno diretor vão sendo coroados de feliz sucesso, conforme últimas participações.

O novo aldeamento de Santa Isabel acha-se situado na entrada da Picada do Mato Português, em terreno fértil e abundante de água. Já conta 29 ranchos e um grande galpão coberto de palha. Ali se fizeram os primeiros trabalhos de lavoura, e há prontos cerca de 15 alqueires de terra no mato virgem, à espera de tempo idôneo para serem semeados. Os índios já se vão habituando e tomando gosto ao trabalho.

É credor de todo o louvor este diretor; pois que se arriscou e muito, conseguindo a reunião desses infelizes, que se julgava impossível. Peço-vos que atendeis a necessidade de se lhe marcar uma gratificação. Nomeado em junho deste ano, o padre da Companhia de Jesus Tiago Vila Rúbia, para catequizar aqueles índios, não seguiu ainda para ali, em virtude do rigoroso inverno, mas parece que brevemente o fará”.

Sabe-se que este missionário não seguiu para o aldeamento, que ficou sob os cuidados espirituais do Capelão da Colônia Militar de Caseiros: Pe. João de Campos e Silveira, Pe. Antônio de Moraes Branco e Pe. Bernardo Barbosa de Andrade Pinto Brandão.

O Aldeamento de Santa Isabel foi extinto em 26.2.1862. Nessa ocasião, “apresentaram-se ao Diretor da Colônia Militar de Caseiros o Cacique Doble e outros com suas tribos em número de 25 homens e 33 mulheres, declarando ser sua intenção aldearem-se dentro dos limites da Colônia e aplicarem-se aos trabalhos agrícolas, pois não queriam transferir-se para o aldeamento de Nonoai”.

Apesar de extinto, o aldeamento continuou sendo chamado de Santa Isabel, passando ao depois para Toldo de Caseiros ou de Monte Caseiros. “Em 1863 foi recolhido ao aldeamento o índio velho José Francisco, sogro do Cacique Doble, com sua família composta de nove pessoas, que viviam nos matos de Pontão.

Em 3 de dezembro de 1864, o ajudante da Colônia saiu com 30 índios para induzir os índios bravios da tribo do falecido Cacique Nicofé, que viviam errantes e cometendo depredações pelos matos do Turvo e Cima da Serra, a se aldearem. A diligência foi bem coroada, e foram aldeados 27 índios, entre homens, mulheres e crianças. Alguns menores, com assentimento dos pais foram para Porto Alegre, e entregues a famílias, que se encarregaram de sua criação e educação”.

R. F. Hensel (1826-1881), em 21.5.1865, visitou os índios da Colônia Militar de Caseiros. Em seu relatório menciona a visita que alguns índios desse aldeamento, chefiados por Cacique Doble, fizeram a Porto Alegre em 1864 a fim de receber do Governo a recompensa por serviços prestados na captura de indígenas coroados, feito que lhe valeu a nomeação de Brigadeiro.

Em maio de 1865, conforme o relatório, o aldeamento possuía 140 índios a cargo de David Antônio de Oliveira.

No ano de 1875, ainda era diretor do aldeamento o ten. cel. Alberto Marques de Almeida, que solicitou ao governo uma verba de 8:979\$640. Nesse ano, conforme relata Manuel Duarte, o capelão, Pe. Bernardo Brandão, que voltava de Porto Alegre atacado de

varíola, recebeu a visita dos seus índios, que lhe dedicavam grande afeição. Apesar de advertidos, foram visitá-lo em seu leito, havendo contraído também a doença, que os dizimou. Os poucos sobreviventes fugiram para o mato, nessa oportunidade, 76 membros da Colônia foram atingidos pela varíola, morrendo 15.

Na década de 1910, os índios do Toldo de Caseiros foram transferidos para o Toldo do Faxinal (Faxinal dos índios), no atual município do Cacique Doble. No ano de 1918 havia nesse toldo 300 índios, dos quais morreram 150, vitimados pela epidemia “Espanhola”.

O Bispo do Rio G. do Sul, D. Cláudio José Ponce de Leão, que em dezembro de 1891 visitou Lagoa Vermelha, pediu ao Frei Bruno de Gillonnay, fundador da Província Capuchinha do Estado, que tomasse conta da catequese e civilização dos índios do Faxinal, do Forquilha e do Ligeiro.

O Frei Bruno realizou então obra gigantesca em favor desses índios, chegando mesmo a empreender viagem para atender o Toldo de Nonoai, o que não pode realizar por causa da grande estiagem, estando os campos sem pastagens para sustentar o cavalo que o conduzia.

Frei Bruno foi pessoalmente ao Palácio do Governo para obter a colaboração do então Presidente do Estado, Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, e do Secretário do Interior e Justiça, Dr. Protásio Alves.

É impressionante o minucioso relatório apresentado pelo missionário Capuchinho ao Governo Estadual, conforme se lê no livro “Comunidades Indígenas, Brasileiras, Polonesas e Italianas do Rio Grande do Sul”.

Foi então construída uma escola, sendo regente o professor Ricardo Zeni, seguido de José Gelain, o fundador de São José do Ouro. Era então chefe do Toldo o Cacique Faustino Ferreira Doble,

filho do Cacique Doble, que é o avô do atual chefe do toldo, o General Faustino Ferreira Doble.

Além da catequese e escola os índios aprenderam a cultivar a terra, plantando milho, batata, feijão... Um dia, mãos criminosas atearam fogo à escola e à moradia do professor. Aos poucos, os índios foram sendo explorados, tendo suas terras invadidas por civilizados, que devastaram os seus imensos pinhais, enriquecendo com a madeira das terras dos indígenas.

Atualmente, confiado aos cuidados da FUNAI, o Toldo de Cacique Doble está há longos anos sob a direção de Lídio Della Betta, especializado no conhecimento da alma indígena. Nesse toldo há famílias indígenas com depósitos bancários. Uns chegam a colher mais de 500 sacos de milho. Alguns possuem automóvel.

A população gira em torno de 400 almas, num total de quase 70 famílias, cada uma tendo uma média de 6 filhos. A professora Cesarina Cândido, filha de Caingangues de Tenente Portela, leciona em português e em caingangue, um dos dez dialetos da raça. Ela dispõe de livros nesse idioma, no qual não existem as letras b, p, l, q.

A professora Cesarina declarou ao historiador Frei Alberto Stawinski, como se lê no citado livro, que o idioma caingangue é pobre e não se presta a exprimir tudo como o português. Diz que as crianças aprendem com mais facilidade o português do que o idioma delas.

Durante longos anos, existiu na praça de Caseiros uma capela dedicada a Santa Isabel, com a imagem histórica do antigo Aldeamento de Santa Isabel. A capelinha foi demolida e a imagem, preciosa relíquia, deve encontrar-se em poder de alguma família, que, apesar de nossos esforços, não foi possível identificar.

★ ★ ★

O ALDEAMENTO DO PONTÃO

Nos fundos dos Campos de Vacaria, no lugar batizado pelos tropeiros de Pontão, hoje Barracão, viviam numerosos indígenas, por ocasião da penetração dos primeiros exploradores por volta de 1785. Era conhecido como “lugar de gentio brabo”. Os tropeiros enfrentavam aqui a feroz hostilidade dos silvícolas Coroados, que repeliram mais de uma vez a tentativa de povoamento.

Mais tarde, em 1851, após a fundação do povoado, ocorreu um incidente desagradável, conforme ofício da Câmara Municipal de Vacaria ao Presidente da Província. Uma força militar de Vacaria, procurando localizar os filhos de João Mariano Pimentel, raptados no dia 5-8-1851, pelos Coroados, bateu os índios do Pontão, provocando mortes e a revolta geral dos indígenas. Temendo represálias, não poucos moradores transferiram-se daquele para outros lugares mais seguros, como Vacaria, Campos Novos e Lages.

A tentativa da fundação do Aldeamento do Pontão data de 1849, por ocasião da construção da estrada do Pontão. O engenheiro Mabilde, diretor das obras dessa estrada, foi encarregado de aldear os índios junto à Capela do Pontão, também conhecida por Aldeia dos índios. Nessa empreitada, Mabilde encontrou muita dificuldade para fazer sair os índios do mato e aldeá-los.

“Logo ao chegar ao sertão do mato - escreve Mabilde ao Presidente da Província - encontrei os vestígios dos Bugres, e poucos dias depois tive o primeiro encontro com eles, de cujo resultado tive a honra de dar parte a V.Exa., em ofício de 13 de março p.p. Consta-me que naquela ocasião V. Exa. mandou que a Contadoria Provincial comprasse ou mandasse confeccionar várias roupas para me serem entregues, e serem por mim distribuídas aos referidos Bugres; porém não cheguei a receber aquelas roupas, por estar já muito adiantado pelo mato a dentro, quando Joaquim Antônio de Moraes Dutra (Administrador das Obras do Pontão), encarregado de as conduzir e de me as entregar, chegou no lugar



da entrada da Picada, e na beira do campo aonde dias antes tinha eu vindo arrancar os Bugres em número de perto trezentos, homens, mulheres e crianças, que com boas maneiras e mimos pude-os fazer sair do mato.

Indo sempre pessoalmente na frente em descoberta encontrei 34 arranchamentos ou alojamentos de Bugres... Resolvi abrir a Picada pelo meio daqueles alojamentos... O resultado foi terem-se mais depressa decidido a anuírem ao convite que lhes fazia de se retirarem daquele sertão como ao depois fizeram. Das tribos dos Coroados era a última nesta Província que ficava para se conquistar. Hoje estão no campo mansos e pacíficos...”

Em 1853 o Cacique Doble encontrava-se nos matos do Pontão. Diz um relatório da Presidência da Província: “O Diretor do Aldeamento de Nonoai, José Joaquim de Oliveira, mandou próprios chamar o Cacique Doble. Este ia indo para lá, quando, andando à caça, foi sua gente batida de surpresa por uma tribo desconhecida, resultando alguns feridos e perdendo tudo quanto havia recebido como presente do Presidente da Província.

Desconfiando tratar-se de traição de Pedro Nicofé, como vingança pela morte de João Grande, a quem Cacique Doble havia resgatado a família alemã de Mundo Novo, tinha derrotado, voltou para os matos de Pontão, que lhe eram caros”.

Um relatório da Presidência da Província à Assembleia Legislativa em 2.10.1854:” ... Tendo-me dito o Cacique Doble que com uma jornada de três dias poder-se-ia vir dos fundos da Vacaria até a Colônia de São Leopoldo, atravessando o rio das Antas em lugar baixo, e sem descidas rápidas, e constando-me que Francisco de Paula Felipe, que também mora naquele sertão, havia feito tentativas para esse fim, encarreguei a este de proceder a uma exploração em companhia do mesmo Cacique Doble no trilho, e seguindo a direção que por ele lhe fosse indicada. O resultado não correspondeu às esperanças.

Francisco de Paula Felipe diz que Doble, tendo reconhecido traços de índios desconhecidos que erravam naquelas vastas florestas, abandonara a verdadeira direção, e por isso seguiram num trilho muito tortuoso e de grandes descidas.

O fato é que tomaram as fraldas do rio Taquari para saírem na serraria dos irmãos Brochior, em vez de saírem na bacia do Caí junto à Picada Feliz. Com essa exploração gastou-se 202\$360 réis”.

Relatório de 1855 diz: “... A tribo do Cacique Doble está reunida nos campos do Pontão, no município da Vacaria, mantendo nesses lugares pacíficas relações com as autoridades e com os moradores vizinhos...”

No dia 26.12.1856, o governo da Província criou oficialmente o Aldeamento do Pontão, nomeando como diretor Francisco Ignácio Ferreira (Chico Furriel). Este diz em relatório que “não foi possível reunir os índios do Cacique Doble, que estão arranchados ao pé da fazenda do diretor, que pede ferramentas e roupas para eles e a presença de missionários”.

O CACIQUE DOBLE

O mais famoso Cacique dos índios Coroados é o Cacique Doble, cujo nome indígena era lu-Tohaê. Ele nasceu e passou quase toda a sua existência na Grande Lagoa Vermelha, tendo-se aldeado no Pontão e em Caseiros.

“Foi um chefe indígena amigo dos brancos, que prestou bons serviços à colonização do Rio Grande do Sul” (Schaden)

“Era um índio alto, simpático e elegante. Já montava bem a cavalo e fazia montado parte de suas excursões” (Jacques).

“Doble não era um simples chefe, mas um verdadeiro déspota, cujas ordens eram executadas sem a menor objeção. Tinha direito de vida e morte sobre os membros da horda. E tinha ao mesmo tempo funções religiosas e civis. Era ele quem fazia os

casamentos, mas permitia que fossem confirmados depois pelos missionários católicos, que de vez em quando visitavam a aldeia” (Schaden).

“Mais de uma vez apresentou-se em Porto Alegre, para discutir a situação de sua gente com os mais altos funcionários do governo da Província. Estes, por sua vez, o tratavam com bastante consideração, conferindo-lhe o título de brigadeiro. Doble compreendia muito bem que o governo precisava de seus serviços e considerava-se, por isso, no direito de exigir mantimentos, roupas, utensílios de ferro, sementes e outras coisas mais. Recebia tudo isso com grande facilidade, prontificando-se, de seu lado, a contribuir com todos os seus homens para a segurança do Posto Militar de Caseiros. Prometia, além disso, estabelecer perto de sua aldeia os índios bravios que ainda andavam nas florestas, constituindo sério perigo para as colônias...

Em tudo isso, Doble revelava bastante astúcia. É verdade que trazia índios do interior das matas. - Certa ocasião voltou mesmo com um grupo de 30 para dessa maneira patentear a sua boa vontade, dirigindo-se em seguida a Porto Alegre, a fim de receber, para si e seus homens, a recompensa prometida pelo governo. Mas cumpria a sua promessa somente aos pouquinhos, para que não se esgotasse a preciosa fonte de rendas. Todavia cabe-lhe o mérito de ter contribuído de modo eficiente para a pacificação dos Kaaguás, cujos últimos grupos, cansados da perseguição que se lhes movia, afinal se submeteram às autoridades”. (Schaden).

De 1848 a 1849, Doble estava subordinado ao Cacique Braga, cuja área de ação eram as florestas do Mato Português, do Mato Castelhana e da Serra das Antas e Caí.

Uma ocasião a tribo do Cacique Braga matou dois tropeiros e um negro escravo na passagem do Mato Castelhana. O êxito dessa correria da gente do Braga marca o início da luta entre este e

o Cacique Doble. Como resultado o grupo dividiu-se e passou a ter dois chefes.

Doble, formando um novo grupo, usurpou as matas do Braga, porque oram mais abundantes em caça e frutas do que as que ele ocupava, conforme relata Mabilde.

Quando a tribo do Braga festejava o assalto aos tropeiros, acima referido, ocorreu sangrento confronto, no qual Doble perdeu quase a metade de sua gente.

Daí por diante, Doble e seu grupo não teve mais sossego. Acossado por todos os lados, forçado pelas circunstâncias, saiu do mato, meio contra gosto, e apresentou-se aos civilizados, tendo-se aldeado nos lugares que lhe foram indicados pelo Governo Provincial nos fundos de Nonoai e de Guarita.

Entretanto, quando se dirigia para Nonoai, foi atacado com seu grupo por índios desconhecidos, que julgou tratar-se do bando de Pedro Nicofé, seu inimigo.

Decidiu, por isso, não mais fixar-se em Nonoai, ficando no Pontão e a seguir no Aldeamento de Santa Isabel, junto à Colônia Militar de Caseiros.

Nessa luta entre Doble e Braga, foi decisiva a intervenção de Mabilde: “Foi preciso o meu encontro nas matas com aqueles indígenas selvagens e com o seu cacique Braga, em março de 1850 (como consta na minha correspondência com o Governo Provincial daquela época) para a vista da colisão em que os tinha posto, que saíssem das matas em número de 304 de ambos os sexos e de várias idades, e que se aldeassem, porém, com a condição de nunca estarem nas imediações do lugar onde estivesse o seu traidor companheiro, o cacique Doble, com o qual nunca aqueles Coroados quiseram tomar à antiga amizade, não obstante os empenhos que fez mais tarde o Cacique Doble para conciliar-se com o cacique Braga.



Se não fosse aquela traição do chefe Doble, um dos chefes subordinados ao cacique principal Braga, traição essa que motivou a guerra de vingança e de extermínio, em que aqueles selvagens se achavam envolvidos, podemos estar certos que até hoje aqueles indígenas não se teriam apresentado, nem se aldeado tão pacificamente, porque os Coroados pela sua volubilidade e natural inconstância de que são dotados, costumam muito a sujeitar-se às condições da vida civilizada, porquanto para eles o melhoramento do estado social, acostumados como estão com uma liberdade sem limites e a um sistema governamental muito simples - produz o mesmo efeito que um cativo rigoroso. Pessoalmente reconheci mais tarde entre aqueles indígenas retirados das selvas e aldeados sob a forma civilizada”.

No Toldo de Cacique Doble, no município do mesmo nome, existem descendentes do grupo de Braga e do grupo de Doble. Pois até hoje reina entre eles uma certa animosidade, fruto da velha briga.

Cacique Doble colaborou decisivamente no resgate da família de Mariano Pimentel e de outra do Mundo Novo (Taquara), como veremos.

Segundo Mabilde, o Cacique Doble teria morrido por volta de 1866, tendo sido sepultado com todas as honras e ritual dos Coroados.

JOÃO GRANDE

João Grande era um negro foragido, que tinha ódio ferrenho à população branca. Reunira em torno de si um grupo de duas dezenas de índios, entre os quais um genro do Cacique Doble, com sua família.

O bando de João Grande havia já praticado mais de uma dezena de assaltos a famílias de colonos e fazendeiros, sendo várias de Lagoa Vermelha, como as de João Mariano Pimentel e



Bernardino Fialho de Vargas.

O governo estava interessadíssimo em prender o João Grande e seu bando. Não sendo possível, foi convidado o Cacique Doble, por ocasião de um assalto praticado em Mundo Novo (Taquara) no dia 8.1.1852.

Demos a palavra ao historiador Leopoldo Petry: “Era inspetor daquela zona o Capitão Francisco Müller. Este reuniu às pressas vários colonos e convidou também o grupo chefiado pelo cacique Doble, que casualmente ali se encontrava, para encetarem a operação e que foi iniciada logo que estavam concluídos todos os preparativos.

Dirigiu-se a escolta primeiramente à casa do estancieiro, do qual acima falamos e levando para guiá-la a ex-prisioneira, tomou o rumo do mato.

Narra o Cap. Francisco Müller: “Já eu tinha deliberado o que havia de fazer com respeito ao famigerado João Grande, o chefe do bando.

Poderia talvez prendê-lo e entregá-lo a seu dono... Mas o preto, muito esperto, teria fugido de novo para recomeçar a sua vida de bandido e dar largas ao seu ódio contra a raça branca. Por isso julguei melhor deixar plena liberdade ao bugres do Cacique Doble.

Entramos no mato. Os Bugres se espalharam e apesar de saber que não estavam longe de mim, não podia avistar nenhum deles. Só de vez em quando aparecia um subindo com agilidade numa árvore, ou descendo por um cipó. Nós, brancos, seguíamos o trilho, conforme as indicações da Maria.

Os bugres de João Grande viviam despreocupados. Não julgavam que a sua prisioneira tivesse fugido, pois, nunca tinha mostrado intenções de o fazer. Acreditavam que se havia perdido no mato, e as pegadas em rumo do acampamento, que tinha visto, os confirmavam nessa opinião. Resolveram, por isso, demorar-se ainda

alguns dias no mesmo sítio, a fim de serem encontrados por Maria, caso esta voltasse.

Não demorou, pois, muito, que fossem pressentidos pela gente do Doble. O acampamento foi cautelosamente cercado e o círculo apertado cada vez mais. Nós que seguíamos pelo trilho do gado, chegamos mesmo a tempo de podermos assistir ao renhido combate, que já tinha começado.

A filha e o genro de Doble, que não queriam render-se, caíram sob as cacetadas dos nossos bugres. Doble a princípio queria poupar os seus netinhos, mas, como estes se portassem quais gatos furiosos, o velho matou-os igualmente a porrete.

João Grande levou uma cacetada na cabeça e caiu. Conhecendo a resistência dos crânios africanos, fiquei um pouco desconfiado com o crioulo e adverti o velho cacique de que ele ainda não estava morto. Mas Doble, rindo-se, disse: Este não levanta mais.

Para provar o contrário, puxei da espada e com um golpe cortei fora a orelha do preto, juntamente com um pedaço de crânio. Ligeiro, como o raio, levantou-se o pseudo-morto. Então os bugres novamente puseram em ação os seus cacetes e reduziram em pouco tempo a uma massa informe a cabeça de João Grande. Feito isso, Doble me disse: Mas agora acho que está morto.

Tínhamos conseguido realizar o nosso intento. Margarida e os dois meninos estavam salvos. A horda de João Grande estava extinta, com exceção de alguns indivíduos, que, por estarem ausentes, tinham escapado ao morticínio; mas que, sem chefe e amedrontados com a sorte dos seus companheiros, não constituíam mais perigo algum”.

Diz o historiador Leopoldo Petry que as mulheres e os meninos brancos vinham com o cabelo bem curto; além disso, tinham-lhes arrancado as sobrancelhas e os supercílios, e quase

não se podia distingui-los dos bugres.

Os dois meninos tanto se tinham habituado à vida selvagem, que queriam por força voltar aos matos, enquanto as mulheres não acabavam de narrar o muito que tinham sofrido durante o cativo.

Cacique Doble, seu bando, juntamente com as duas mulheres e os dois meninos, foram apresentados ao Presidente da Província. O intérprete apontou o cacique Doble, que tanto se havia distinguido na morte de João Grande e extinção de sua horda. Então, o cacique, sabendo que estavam falando dele, meteu, todo faceiro, a mão no bolso das calças e, tirando um objeto que se parecia um tanto com um pedaço de couro seco, apresentou-o aos presentes, dizendo que se tratava da orelha direita de João Grande, guardada por ele como lembrança.

As duas mulheres resgatadas e os dois meninos, mais tarde, transferiram-se para Santa Maria da Boca do Monte. Quando explodiu a Guerra do Paraguai, os dois rapazes alistaram-se como voluntários, tendo prestado, devido à sua agilidade, adquirida com os índios, bons serviços à Pátria.

Durante a campanha do Paraguai, um deles, tendo subido a uma árvore para fazer um reconhecimento, foi avistado por um soldado paraguaio, sendo morto com um tiro. O outro regressou à casa paterna.

Com a morte de João Grande, terminaram os assaltos dos índios, na região de Lagoa Vermelha, tendo havido outros na serra do Caí, como o que aconteceu com a família Versteg (1868), assunto dos meus livros “Prisioneiros dos Bugres” e “Luís Bugre”.

Entretanto a morte de João Grande custou a vida de quase todos os integrantes do seu grupo. É Leopoldo Petry que nos narra: “Tendo sido presenteados pelo governo Provincial com fardamentos usados por soldados atacados de varíola, os pobres índios do cacique Doble, muito satisfeitos, vestiram-nos, sendo então

atacados igualmente do mesmo terrível mal.

Não conhecendo, julgavam que com banhos de água fria poderiam curar-se; mas o contrário aconteceu. Quase todos morreram”.

Os restantes, junto com o cacique Doble, retomaram para Lagoa Vermelha.

★ ★ ★

O ASSALTO A FAMÍLIA PIMENTEL

No dia 5.8.1851, João Grande e sua horda assaltaram a estância do paulista João Mariano Pimentel, no Turvo, hoje distrito de André da Rocha, nas atuais fazendas de Sílvio d'Ávila Hoffmann e Adroaldo Hoffmann Paim, filho de Livino e neto de Adolfo Paim de Andrade, ex-Intendente Municipal de Lagoa Vermelha.

No assalto os índios mataram a Serafim, irmão de João Mariano, os filhos Marcos e Manuel e mais três peões, poupando milagrosamente a vida da esposa, D. Bárbara Borges Vieira, e mais da filha menor, Núncia que se encontrava na casa do tio, José Nunes da Silva, na Fazenda São José. Os índios levaram as filhas, já moças, Francisca e Perpétua, os filhos João Mariano, de 8 anos, e Antônio, de três, e mais uma escrava, os quais foram resgatados um mês após, no dia 6 de setembro, junto à barra do Carreiro com o rio das Antas, onde João Mariano fundou um povoado, dando-lhe o nome de sua esposa - Santa Bárbara, que é porto e passo ligando os municípios de Bento Gonçalves e Guaporé. O resgate foi facilitado com a valiosa ajuda do Cacique Doble e seu grupo, do Aldeamento do Pontão.

Na ocasião, João Mariano encontrava-se de viagem para a Feira de Sorocaba na sua profissão de tropeiro. Retornando, na altura de Campos Novos, teria ele perguntado a um tropeiro que novidades trazia de Lagoa Vermelha. O tropeiro, que não conhecia João Mariano, respondeu: Nenhuma novidade, a não ser que os

bugres assaltaram a família de João Mariano Pimentel.

O fato vem referido por Mabilde, que acrescenta poder contar pelo menos mais cinco ataques da mesma natureza, na região. Sabe-se, pelo relatório da Câmara Municipal de Vacaria, que na mesma ocasião João Grande e sua horda assaltaram a casa do fazendeiro Bernardino Fialho de Vargas, matando mais três fabricantes de erva-mate do Turvo.

Mabilde narra a maneira como os índios procediam nesses assaltos. Começavam chegando desarmados e mansinhos à casa dos brancos, que os tratavam bem, dando-lhes presentes. As visitas repetiam-se até que, depois de conhecer bem a casa da família, aproveitavam a ausência do chefe da casa e praticavam o assalto.

Além da narrativa bastante fiel feita por vários autores, criou-se uma lenda em torno do assalto à família Pimentel, lenda que foi recolhida pelos historiadores João de Paula e Silva e Demétrio Dias de Moraes.

Por ser absurda, temos o dever de refutá-la. Começa ela trocando os nomes de Francisca e Perpétua por Europa e Proserpina, as quais foram resgatadas “cada uma com um filho no colo”.

O cativo foi de apenas 31 dias. Nem mesmo podiam ter retornado grávidas, porque, conforme Mabilde, os Coroados, que castigavam o adultério com a pena de morte, não permitiam que o índio casasse ou tivesse relações com mulheres civilizadas, pois usavam de extremo rigor na conservação da pureza da raça.

Diz Mabilde: “No cativo das moças as mulheres brancas como no das de cor aprisionadas pelos Coroados, é mui notável a brandura com que esses homens selvagens e brutais, contrastando singularmente com este tratamento mal e rigoroso que sofrem das mulheres das ditas tribos, a quem servem como escravas”. Confirmando Mabilde, afirma Antônio Serrano: “As mulheres

prisioneiras, não índias, mereciam também um tratamento diferenciado: não eram aproveitadas pelo Coroados para atos sexuais”.

Outro absurdo da lenda é a referência ao negro que chefiou o assalto e que teria sido enforcado e esfolado por João Mariano. Esse negro era o João Grande, que nada tinha a ver com as filhas de João Mariano, conforme afirma a lenda, declarando que o preto estava apaixonado por uma delas e que por isso praticou o assalto. A lenda refere ainda o absurdo de que João Mariano teria matado os dois netos espúrios.

João Mariano Pimentel passou para a posteridade como homem valente e poderoso, tendo sido acusado de ladrão e assassino. Afirma-se que ele teria assassinado o cacique Pedro Nicofé e alguns de seus índios, quando, em 1859, após o assalto à sua família, foram pedir comida. Bernardino e Manoel Fialho de Vargas moveram rumoroso processo contra João Mariano, processo que ocupou na época largas páginas da imprensa de Porto Alegre. Andou ainda envolvido pela quadrilha de Luigi Vampa.

Libório Mariano Pimentel, neto de João Mariano e filho de João Mariano Pimentel Filho, raptado pelos índios, foi um dos vultos mais destacados de Lagoa Vermelha, tendo sido Prefeito Municipal por cerca de 10 anos. Seu nome está hoje imortalizado numa das avenidas principais da cidade, a antiga Júlio de Castilhos, prolongamento da avenida Afonso Pena. Libório faleceu com 92 anos em 1978.

Libório Pimentel assegura como absolutamente infundada a lenda, pois que ele mesmo ouviu da boca de seu pai, das duas tias raptadas e do esposo de Perpétua, João Jacinto Ferreira, um dos integrantes da caravana do resgate, que as duas jovens retornaram virgens do cativeiro.

A filha Perpétua, alguns anos após o resgate, casou com João Jacinto Ferreira, que era advogado, tendo sido encarregado

pelo governo da Província para dirigir os trabalhos de colonização em Bento Gonçalves e Garibaldi. Seu neto João Diogo Ferreira, que residia na cidade de Nova Prata, faleceu nonagenário.

João Mariano Pimentel Filho, pai de Libório, vendeu a parte da fazenda que lhe coube em herança aos antepassados de Salustiano Machado Vieira e, por volta de 1890, veio morar perto da vila, numa grande fazenda entre o Lajeado dos Ivos e Pizzamiglio, onde estão a Escola Agrícola “Desidério Finamor” e o Distrito Industrial.

João Mariano residia nesta fazenda, quando, durante a Revolução de 1893, sendo ele federalista, foi preso e degolado, no dia 7.9.1894. Era grande amigo de Heleodoro de Moraes Branco, então Intendente Municipal. As forças de Gumercindo Saraiva, durante a Revolução, acamparam na sua fazenda. Dias após, quem acampou na sua fazenda foi Pinheiro Machado. De noite, tanto os oficiais maragatos como os federalistas iam jogar cartas com o pai de Libório Pimentel. Ele não se envolvia na Revolução, sendo amigo de gregos e troianos. Apesar disso, foi preso e degolado, ele que havia sido poupado pelos índios. A viúva, Gertrudes de Almeida Pimentel, foi vendendo os campos a trezentos mil réis o milhão.

O avô Libório, conforme nos contou este, era muito amigo do português Manuel Silveira da Cunha, ao qual disse um dia: Olhe, seu Cunha, o dinheiro que você arranjar de ouro, troque comigo, ouviu? eu quero enterrar.

João Mariano sofria da bexiga e durante 20 anos urinou por uma sonda, de acordo com informações do coronel Libório, que também narrou o seguinte: “Um dia, meu avô vendeu o resto da fazenda do Laranjal e foi morar na fazenda do Silvério, no Cacique Doble, lá perto da zona dos índios. Silvério era o nome do capataz de João Jacinto Ferreira. Acontece que o meu sogro, o velho João Lúcio Nunes, era agrimensor e compadre de Hipólito José de Paula, irmão de Franklin José de Paula.

Hipólito e seu irmão eram donos de uma grande extensão de campo e mata lá por Cacique Doble e São José do Ouro, naquele tempo só habitados por índios. Um dia, Hipólito procurou meu sogro e falou: Temos aquela grande fazenda. Precisamos vender. Vamos fazer uma sociedade. Cedemos-lhe a metade daquelas terras para o senhor medir, dividir e vender.

João Lúcio assim fez. Foram vendendo para colonos de Flores da Cunha, de Nova Pádua, Caxias do Sul, Antônio Prado... Naquele tempo, o Cacique Doble, que era um índio muito correto, tinha uma polícia de bugres para cuidar dos colonos. Estes podiam deixar as ferramentas na roça, que os bugres não levavam. O velho João Lúcio Nunes, em sua homenagem, batizou com o nome dele a sede da colônia, hoje cidade de Cacique Doble.

Eu não conheci pessoalmente este cacique, mas conheci o filho dele, o General Faustino. Na Revolução de 93, deram-lhe uma farda de coronel. Então ele chegava aqui com dois ou três bugres de capangas, vinha com aquela farda muito surradinha, de pé no chão. No tempo do Faustino, havia no toldo mil e tantos bugres.

Depois que meu avô mudou-se para Cacique Doble, para a fazenda do Silvério, a velha casa do Laranjal virou tapera. Diziam que era assombrada. Minha avó, D. Bárbara, morreu na fazenda do Silvério, com idade avançada. Quando ela morreu, meu avô, João Mariano, pintou a casa de preto, em sinal de luto. Nessa fazenda do Silvério morreu ele também, com noventa e tantos anos, no dia 18 de agosto de 1888”.

★ ★ ★

VIA DE PENETRAÇÃO NO RIO GRANDE DO SUL

A região de Lagoa Vermelha, depois de haver sido visitada pelos missionários Jesuítas, transformou-se em via de penetração

dos bandeirantes, preadores de índios, e de outros que demandavam a Colônia do Sacramento e as Missões.

Francisco Bueno teria sido o primeiro a transpor o rio Pelotas, juntamente com André Fernandes (1637). Francisco Bueno faleceu em Taquari, enquanto André Fernandes, atravessando o Mato Português, o Campo do Meio e o Mato Castelhana, destruiu a Redução de Santa Teresa, no Natal desse ano, voltando a São Paulo pelo mesmo caminho em começo de 1639, para retornar em 1648.

Em 1638, o bandeirante Fernão Dias Pais, o “Caçador de Esmeraldas”, passou por aqui, rumo às Missões. Pela mesma rota, penetrou no território gaúcho em 1641 a bandeira de Jerônimo de Barros. Na década de 1720, os Campos de Vacaria e os Campos do Passo Fundo eram visitados por lagunenses e paulistas, que vinham caçar gado alçado, para aproveitar apenas o couro e o sebo.

Em 1729 passou por aqui Francisco de Sousa e Faria. Em 1735, Manuel Dias da Silva. Em 1738, Cristóvão Pereira de Abreu aviventou este caminho, ligando as Missões a São Paulo.

Em 1752, Gomes Freire de Andrade, em carta ao Rey de Portugal, falava desse caminho. O jesuíta português Pe. Diogo Soares, o conhecido Matemático da região, escrevendo ao Rei de Portugal, referia-se a este novo caminho que se tornou depois o mais batido pelos tropeiros entre São Paulo, as Missões, Argentina e Uruguai.

A princípio, os tropeiros seguiam pelos Campos da Vacaria e cruzavam o Pelotas no Passo de Santa Vitória, na confluência do rio dos Touros, no atual município de Bom Jesus, onde em 26.5.1780 foi instalado um Registro.

Por volta de 1785, os tropeiros, encurtando caminho e fugindo à cobrança do imposto no Registro de Santa Vitória, abriram um passo clandestino na barra do Canoas (Marombas). Este passo,

mais conhecido por Passo do Pontão, no Barracão, foi oficializado em 1818 pelo Major Atanagildo Pinto Martins, tendo como imediato o alferes Antônio da Rocha Loires e como guia o índio Jonjong. Esses bandeirantes atravessaram os campos de Palmas e penetraram em território gaúcho pelo Barracão.

No ano de 1819, João de Barros, abastado tropeiro paulista, antepassado da numerosa família Barros de Lagoa Vermelha, transportando uma tropa da fronteira, abriu um novo pique no Mato Castelhana, seguindo daí por Vacaria ou Barracão.

“Divulgada a notícia dessa audaciosa aventura - escreve o historiador passo-fundense Antônio Xavier e Oliveira - depressa aflui para o novo caminho toda a comunicação que o comércio de muares, então em grande prosperidade, alimentava pela antiga estrada, que foi abandonada pelos tropeiros, visto que o trajeto pela região missioneira, sobre encurtar enormemente a distância, reunia ainda a vantagem de ser feito por terrenos mais favoráveis, quase todos de campo e sem grande inconveniente dos rios a nado. Resultou daí que a deserta campanha das Missões em pouco tempo se encheu de moradores, tornando-se um importante centro pastoril e comercial”.

Tanto a nova como a velha picada davam, à boca do Mato Português, no atual distrito de Caseiros. No local, onde mais tarde surgiu a cidade de Lagoa Vermelha, junto ao rio Passo Fundo (Passinho Fundo), era o entroncamento das estradas do Pontão e de Vacaria.

Aqui os tropeiros costumavam acampar, a fim de se prepararem a transpor com segurança o sertão, infestado dos temidos índios Coroados.

(Bibliografia: “Passo Fundo das Missões” de Jorge Cafruni; “Passo Fundo através do Tempo” de Delma Rosedo Gehm” e Arquivo do pesquisador Waldemar de Holleben).

DIVISÃO DOS CAMPOS DA VACARIA COM OS CAMPOS DO PASSO FUNDO

O lugar onde hoje assenta a cidade de Lagoa Vermelha, anteriormente conhecido pelos índios com o nome de Caamone, foi posteriormente batizado pelos tropeiros por Fundos dos Campos da Vacaria. Até por volta de 1848, quando teve início o povoado, aqui era Vacaria.

Os limites dos Campos da Vacaria era o Passo Fundo, hoje mais conhecido por Passinho Fundo ou Passofundinho. As terras que ficam ao oeste desse rio levavam o nome genérico de Campos do Passo Fundo.

Quando o capitão Manuel José das Neves fundou a Capela de Nossa Senhora da Conceição Aparecida, esta recebeu o nome de Passo Fundo porque se situava nos Campos do Passo Fundo.

Junto à ponte “Armando de Araújo Annes”, na avenida Brasil, na cidade de Passo Fundo, existe uma inscrição num muro na qual se lê que os tropeiros paulistas batizaram aquela passagem com o nome de Passo Fundo, nome que passou ao povoado, hoje cidade de Passo Fundo.

É uma dessas distorções históricas que por vezes se observam. Os historiadores Antônio Xavier, Jorge Cafruni e Delma Rosendo Gehm esclarecem que o atual rio Passo Fundo recebeu dos tropeiros o nome de Uruguai-Mirim. Os tropeiros, habituados a transpor o caudaloso Pelotas e outras grandes correntes, nunca teriam dado o nome de Passo Fundo a um passo raso, como a passagem do Uruguai-Mirim naquele ponto, nas suas cabeceiras.

O nome de Uruguai-Mirim, antigo nome do rio Passo Fundo,

figura em todos os mapas e jornais da época, ao passo que o nome de Passo Fundo só aparece em fins do século passado. Podemos citar, por exemplo, o jornal porto-alegrense “A Reforma” do dia 12.7.1873, que publica uma crônica do correspondente de Passo Fundo e na qual o atual rio Passo Fundo é citado com o nome de Uruguai-Mirim.

A alteração do nome de Uruguai-Mirim ocorreu com o andar do tempo, precisamente porque o rio nasce na zona urbana de Passo Fundo. Então não foi o rio que deu o nome à cidade, mas o contrário: a cidade deu o nome ao rio.

O rio Passo Fundo de Lagoa Vermelha, a uns três km da cidade, foi batizado pelos tropeiros com esse nome porque, na antiga estrada das tropas, abaixo da BR-285, o rio é realmente fundo e o passo encontra-se num vale fundo. A fazenda de Manuel Rodrigues dos Santos chamava-se Fazenda do Passo Fundo. A Capela de São Paulo, em alguns documentos, é citada como Capela de São Paulo no lugar conhecido por Passo Fundo.

Num ofício da Câmara de Vereadores de Vacaria, datado de 21.2.1853, a Capela aparece com o nome de Capela de São Paulo do Passo Fundo. Isso prova que a capela, por estar junto ao rio Passo Fundo, teve também este nome.

Se a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha, criada em 1857, tivesse sido criada antes da freguesia de Nossa Senhora da Conceição Aparecida do Passo Fundo, criada em 1847, talvez Lagoa Vermelha se chamasse hoje Passo Fundo.

(Bibliografia: Arquivo de Waldemar de Holleben, “Passo Fundo das Missões” de Jorge Cafruni; Delma Rosendo Gehlm”).

MATO PORTUGUÊS E MATO CASTELHANO

Os tropeiros paulistas, a começar por Cristóvão Pereira de

Abreu, na década de 1730, percorrendo o caminho das tropas do Planalto gaúcho, cruzando os Campos da Vacaria, rumo das Missões, ao atingirem a atual localidade de Caseiros, a 20 km da cidade de Lagoa Vermelha, defrontavam-se com uma barreira quase intransponível. Naquele lugar, onde em 1858 foi fundada a Colônia Militar de Caseiros, hoje Vila de Caseiros, os campos desapareciam, para ceder lugar a uma gigantesca floresta, em que predominava o pinheiro-araucária, floresta que os indígenas chamavam de Caamone.

Essa imensa floresta, à chegada de Cristóvão Pereira de Abreu, já tinha nome dado pelos civilizados. Chamava-se Mato Português. O Mato Português tomou-se famoso em todo o sul do Brasil, por sua extensão, hoje ocupada por vários municípios, e sobretudo, por ser o habitat dos indígenas Coroados, mais conhecidos por Bugres, extremamente ciosos na defesa de seus domínios, oferecendo, por isso, séria ameaça aos tropeiros e outros viajantes, que ali sofriam contínuos assaltos.

A grande floresta formava um prolongamento da serra do rio das Antas atravessava o campo, indo conectar com as matas do Alto Uruguai, onde hoje florescem as cidades da Grande Lagoa Vermelha, a saber, São José do Ouro, Paim Filho, Maximiliano de Almeida, Cacique Doble, Machadinho e parte do Barracão.

Atravessado o Mato Português, os tropeiros, soltando fundo suspiro de alívio, defrontavam-se outra vez com o campo, o qual por se situar entre o Mato Português e o Mato Castelhana, foi batizado com o nome de Campo do Meio. Os indígenas chamavam-no de Cariroí e os missionários Jesuítas, de Potreiro Grande, porque nele pastavam seus rebanhos.

“O Campo do Meio - diz Afonso Evaristo de Castro, grande amigo do lagoense Salatiel Soares de Barros - tem a extensão de seis e meia léguas, que formam vastas e verdes campinas, cortadas por mansos ribeiros, sombreadas aqui e ali por redondos e

majestosos capões. Colocado assim entre um círculo, formado por espessa mata virgem, torna-se baluarte inexpugnável, fazendo lembrar as remotas praças fortes dos romanos”.

No Campo do Meio, existem hoje vários povoados, como Ametista, Cruzaltinha, Santa Cecília, Água Santa, Tapejara, Muliterno...

O Mato Castelhana, que se dilatava até às proximidades do local onde mais tarde surgiu a cidade de Passo Fundo, constituía outra gravíssima preocupação para os tropeiros e viajantes, diante da dificuldade de atravessá-lo e da ameaça de novos ataques dos gentios. Atualmente, como sucedeu com o Mato Português, o Mato Castelhana encontra-se inteiramente transformado em fértil região agrícola, mediante a colonização por famílias de origem italiana, que fundaram ali florescentes povoados.

O nome desses dois matos remonta ao tempo das Reduções Jesuíticas e das investidas dos bandeirantes, sendo, pois, anterior às guerras entre portugueses e castelhanos. O nome surgiu na década de 1630, quando os Jesuítas fundaram aqui a Redução de Santa Teresa, e os portugueses preadores de índios percorriam a região.

Como se sabe, o Mato Castelhana constituía o limite dos domínios das Missões dos Jesuítas espanhóis. Ele pertencia, pois aos castelhanos. Ao passo que o Mato Português era considerado pelos Jesuítas dominação lusa, em que pese os posteriores tratados acerca dos limites das duas Coroas. Para impedir o avanço dos portugueses escravizadores de índios, os Jesuítas colocaram uma guarda junto do Mato Castelhana, exemplo que mais tarde foi seguido pelos lusos, colocando outra guarda no Mato Português.

“Para evitar toda comunicação com os espanhóis - escreve o Cônego Gay - e conter os índios, os Jesuítas fizeram cavar fossos profundos e levantar fortes paliçadas, seguras por cadeados, nos lugares de passagem necessária e inevitável - e aí colocaram

sentinelas e guardais vigilantes, para não deixarem entrar nem sair ninguém, sem ordem por escrito. Rodeavam o território da jurisdição de novos fossos, portas e guardas nos lugares de passagem...”

“Para resguardar-se dos paulistas - continua o mesmo autor, citado por Cafruni - os Jesuítas estabeleceram corpos de guarda pela serra do Erval, na margem oriental do Uruguai, e sobre as costas do Grande Mato de Pinhais Araucária, que cobre uma parte da serra limítrofe às Províncias de Santa Catarina e do Paraná, chamado até hoje MATO CASTELHANO, que dava passo às tribos bárbaras e paulistas”.

Relativamente à guarda do Mato Castelhana, ainda hoje existe um capão com o nome de Capão da Guarda. O avô do Cel. João Fagundes de Sousa era proprietário de uma fazenda no Campo do Meio que levava o nome de Fazenda da Guarda Velha.

Conforme Cafruni, no seu volumoso livro “Passo Fundo das Missões”, uma senhora, descendente do Cel. Quim César, ainda conserva uma imagem de Nossa Senhora que os antepassados haviam encontrado nos matos, no referido local da Guarda Velha, onde os missionários haviam erguido uma capela.

(Ver Cafruni e Delma Rosendo Gehm, nas obras citadas).

★ ★ ★

A FUNDAÇÃO DE LAGOA VERMELHA

O LUGAR

Precisamente no centro da cidade de Lagoa Vermelha, cruzava, desde os tempos de Cristóvão Pereira de Abreu, na década de 1730, a célebre estrada das tropas a que nos referimos nos capítulos anteriores.



Por volta de 1785, o local transformou-se em entroncamento da nova estrada das tropas, mais conhecida por Estrada do Pontão. Essa nova estrada além de seguir rumo da fronteira, mais tarde bifurcou-se para o sul, ligando a Picada Feliz, estrada primeiramente aberta por Francisco de Paula Filipe, com ajuda do Cacique Doble, e aperfeiçoada por Mabilde, sempre por ordem do governo da Província.

Além de ser um importante cruzamento de estradas, o lugar tornou-se ponto de concentração de tropeiros, que aqui se reuniam a fim de se prepararem para atravessar com segurança o Mato Português e o Mato Castelhana, infestados de “gentio brabo”, de acordo com a expressão dos antigos documentos. Atravessados os dois matos, no retorno, os tropeiros estacionavam aqui outra vez, a fim de descansar, refazer-se de forças e enfrentar depois o sertão de Santa Catarina e Paraná.

Em redor desse cruzamento de estradas, os tropeiros tinham suas invernadas, onde as tropas de bestas pastavam, antes de seguir viagem rumo de Sorocaba e outras Províncias.

Conforme declara Salatiel Soares de Barros, cujo pai se transferiu para cá em 1851, houve ocasião em que sobreveio séria crise no comércio de muares. O fato fez com que alguns tropeiros da antiga Freguesia de Santo Antônio do Registro da Lapa, depois Vila Nova do Príncipe e hoje a cidade da Lapa, no Paraná. Resolvessem transferir-se para cá, fundando um povoado, onde pudessem se ocupar em outras profissões, que não do tropeirismo. O local escolhido foi esse entroncamento de estradas.

Esse entroncamento de estradas, antes da fundação da cidade com o nome oficial e definitivo de Lagoa Vermelha, aparece nos documentos como Fundos de Vacaria, Passo Fundo e também Mato Português, porque uma ponta desse mato vinha até junto do cruzamento, a apenas um quilômetro, e o rio Passo Fundo, o atual Passofundinho ou Passinho Fundo, ficava a uns 2 km do

entroncamento.

A DATA DA FUNDAÇÃO

A fundação de Lagoa Vermelha consta de duas fases. Daí a polêmica reinante acerca da verdadeira data da fundação e do seu autor. A tradição oral diz que a fundação do povoado, isto é, a inauguração da Capela de São Paulo de Lagoa Vermelha, ocorreu em 1845, enquanto historiadores, baseados nos arquivos, afirmam ter sido em 1849.

De acordo com a tradição, a Capela de São Paulo foi construída pelo Capitão José Ferreira Bueno e inaugurada com a bênção do Vigário de Vacaria, Pe. Cândido Lúcio de Almeida, no dia 25 de janeiro de 1845, desta do Apóstolo São Paulo. Historiadores, entretanto, baseados em documentos, afirmam que a Capela foi inaugurada pelo Pe. Cândido Lúcio de Almeida, no dia 7 de outubro de 1849, tendo sido o terreno doado pelo filho de José Ferreira Bueno, Capitão Serafim Ferreira de Oliveira e Silva. Alegam estes historiadores que no arquivo da Cúria Diocesana só se registrou a visita desse Vigário à Capela de São Paulo nos dias 2 e 7 de outubro de 1849. O Pe. Cândido, muito zeloso na sua vida pastoral, não poderia ter deixado de visitar a localidade e a capela durante cerca de quatro anos.

Toda esta questão, toda esta dúvida, entretanto, se esvaece naturalmente. Tudo se explica com facilidade, sem contradizer a tradição e os arquivos. Estes como aquela dizem a verdade. O que não se pode esclarecer peremptoriamente é qual dessas duas datas é realmente a da fundação. Quanto ao fundador, isso é, o doador do terreno, não existe maior dificuldade, pois se trata de pai e filho, havendo este apenas confirmado a doação daquele, feita anteriormente.

O Capitão José Ferreira Bueno, considerado o fundador, residia na Vila Nova do Príncipe, hoje cidade da Lapa, no Paraná. Exercia o tropeirismo sulino, possuindo aqui uma invernada, a

Fazenda São Paulino, precisamente onde hoje se ergue a cidade. Nos anos de 1841 a 1846, José Ferreira Bueno, como se observa pelos arquivos da Câmara de Vereadores da Lapa, encontrava-se ausente, porque havia transferido a residência para sua Fazenda de São Paulino, no então município de Santo Antônio da Patrulha, fundos dos Campos da Vacaria.

Na sua fazenda, ele construiu uma capela dedicada a São Paulo, doando terreno para a fundação de um povoado. Esta capela, segundo a tradição, foi benta pelo Pe. Cândido Lúcio de Almeida, no dia 25.1.1845. Era apenas uma capelinha, um simples oratório, que não se prestava para o culto público. O povoado ainda não existia, porque só foi iniciado em 1848, quando os moradores construíram outra capela maior, que foi solenemente inaugurada no dia 7.10.1849.

A falta do culto antes dessa data, num período de quatro anos, explica-se pela ausência de moradores e pela exiguidade da capelinha, que era um simples oratório. Então o Pe. Cândido teria no dia 25.1.1845 bento a capela, sem, contudo, fazer algum batizado. Se tivesse havido batizado, este deveria necessariamente constar no livro de registros, como constam os realizados nos dias 2 e 7 de outubro de 1849.

Quanto ao doador do terreno, acontece que por ocasião da construção da segunda capela, em 1848, Bueno já não residia aqui, enquanto o seu filho, o Capitão Serafim, continuava no tropeirismo, havendo mesmo contraído matrimônio com uma gaúcha. Como o pai não residia mais aqui, ele teria confirmado a doação.

OS FUNDADORES

Os fundadores da Lagoa Vermelha foram os tropeiros paulistas da Lapa, que para cá se transferiram na década de 1840. Especificamente, por ter construído a primitiva capelinha e doado terreno para a fundação de um povoado, é considerado prioritariamente o Capitão José Ferreira Bueno.

Além do que publiquei no livro “Lagoa Vermelha e sua História”, acerca do fundador, nascido em Curitiba a 2.11.1808 e falecido na Lapa a 5.11.1875, vou transcrever o que a sua descendente Selene Amaral di Lenna Sperandio escreveu no seu livro “Quem Somos - Genealogia da Família Ferreira do Amaral”, publicado em Curitiba em 1977.

“Capitão José Ferreira Bueno, filho de João Ferreira de Oliveira Bueno e de Maria Helena do Nascimento, casados em Curitiba em 1800. Neto pelo lado paterno do Sargento-Mor Francisco Xavier Pinto e de Rita Ferreira Bueno, ele, filho de André Esteves e Madalena Pinto, ela, filha de João Ferreira de Oliveira e Maria Bueno.

Neto pelo lado materno de José dos Santos Lima (n. em 1762) e de Gertrudes Maria do Rosário, os quais casaram em 29-7-1779. Ele José Cristóvão, de Labruia, Braga, Portugal, falecido em 27.4.1766, e de Maria Pais; ela Gertrudes Maria do Rosário, era filha de Luís dos Santos Meneses e de Maria do Rosário Conceição.

O Capitão José descende da linhagem longínqua do descobridor Pedro Alvares Cabral e de alguns nobres como Antônio Preto, Amador Bueno da Ribeira, que foi aclamado rei em São Paulo, em 1641, e outros de grande destaque como o Capitão-mor e Ouvidor Jorge Ferreira Nobre e ainda Baltasar Carrasco dos Reis, que aqui veio em meados do século XVII, tendo sido um dos fundadores de Curitiba, segundo a Genealogia do historiador Francisco Negrão.

Residiu muitos anos na cidade da Lapa, onde chegou a ser o primeiro mandatário da cidade. Enviava erva-mate aos engenhos de Morretes e Antonina, negociava também como tropeiro, conduzindo, auxiliado por escravos, tropas de muares trazidos do Rio Grande do Sul para a feira de Sorocaba, com escala pelas invernadas dos Campos Gerais.

Faleceu na cidade da Lapa, onde foi sepultado. Atribui-se a

ele a fundação da cidade de Lagoa Vermelha, no Rio G. do Sul, sendo que a municipalidade daquela cidade gaúcha reivindica seus restos mortais para erigir-lhe um monumento.

Seus irmãos: Serafim Ferreira Bueno, casado em 1^a núpcias com Maria da Trindade, em Curitiba, 30.1.1826, e em 2^a com Inácia Maria dos Santos Pacheco. João Ferreira Bueno, Francisco Ferreira Bueno, Francisca das Chagas Bueno e Maria Joaquina da Ascensão.

Casou em 1^a núpcias com Inácia Maria da Silva (+ 8.4.1835), filha de Manuel José Barbosa e de Ana Esméria da Silva. Casou em 2^a núpcias com Maria Bernarda de Ramos (fal. na Lapa em 5.6.1892), filha de Manuel Pereira de Ramos e de Maria Jacinta Ramos”.

O irmão Francisco Ferreira Bueno, um dos fundadores da Lagoa Vermelha, transferiu-se para cá, tendo sido abastado fazendeiro e deixando numerosa descendência.

O Capitão Serafim Ferreira de Oliveira e Silva, tronco ilustre da numerosa família Ferreira do Amaral, é o único filho do 1^o matrimônio do Cap. José Ferreira Bueno, que do segundo matrimônio teve vários filhos.

A família Ferreira do Amaral em 1977 compunha-se de 411 descendentes - conforme o citado livro “Quem Somos”. - Desses, 24 são médicos; 15 professores universitários, sendo 10 catedráticos; 22 advogados; 11 economistas; 9 agrônomos; 6 farmacêuticos; 21 professoras; 2 médicos Veterinários; 1 comunicação; 3 químicos; 2 bioquímicos; 3 bibliotecários; 1 Comércio Exterior...

O Cap. Serafim, que nasceu na Lapa, passou sua infância junto com os pais, na Fazenda São Paulino, onde José Ferreira Bueno deu início à fundação de Lagoa Vermelha. Depois que o pai mudou-se para a Lapa, Serafim prosseguiu na atividade de tropeirismo pelo sul, vindo a casar com Júlia Moreira do Amaral e

Silva, nascida em Cruz Alta, em 22.7.1846, sendo filha de Vítor Antônio Moreira e neta do Major Atanagildo Pinto Martins, o bandeirante que descobriu os campos de Palmas e penetrou em nosso Estado em 1818 pelo atual Passo do Barracão. D. Júlia, mulher de grandes virtudes, foi autêntica figura patriarcal.

Tiveram 13 filhos, entre os quais se destaca o Dr. Vítor Ferreira do Amaral, fundador da Universidade de Curitiba. Quando estudante do Colégio Abílio, do Rio de Janeiro, tornou-se amigo de D. Pedro II, que na conclusão do curso lhe entregou o diploma e a medalha de ouro, conquistada, por sua classificação em 1^o lugar, pelo jovem estudante Vítor.

Outro descendente ilustre é o Dr. José Westphalen Correa, duas vezes Prefeito Municipal de Cruz Alta, havendo em 27.9.1976 recebido das mãos do Governador Sinval Guazzelli o diploma de Cidadão Honorário Gaúcho.

Conforme Salatiel Soares de Barros, o Capitão Serafim Ferreira de Oliveira e Silva, (que aparece como Serafim Ferreira do Amaral, em virtude do grande destaque de sua família Ferreira do Amaral), teria sido o doador do terreno para a fundação da Lagoa Vermelha.

Salatiel Soares de Barros, nascido em Lagoa Vermelha em 1868, é filho do Cap. João Soares de Barros, um dos fundadores da cidade, havendo-se transferido da Lapa para cá em agosto de 1851. João Soares de Barros, depois de ter sido comerciante, foi aqui Juiz de Paz, Delegado de Polícia, Advogado... Entre seus 11 filhos, destacam-se João Soares de Barros Filho, que sempre residiu aqui, onde veio a falecer. Antônio Soares de Barros, fundador da Casa Dico. E Salatiel Soares de Barros, que foi professor na Colônia Militar de Caseiros, um dos fundadores com seu irmão Antônio do Banco Nacional do Comércio, do qual foi gerente por 24 anos, um dos fundadores do “Correio do Povo”, do qual foi sócio, gerente, repórter, redator e colaborador.

De suas numerosas colaborações nesse jornal porto-alegrense, surgiu o livro “Reminiscências”, do qual extraímos os trechos seguintes, referentes ao Cap. Serafim.

“João Soares de Barros nasceu na histórica cidade de Itu, província de São Paulo, em 1822, ficando órfão de pai quando cursava a escola de Direito... Transferiu-se para a hoje histórica cidade da Lapa, que fica à beira do imenso sertão, onde concentravam-se numerosas comitivas de paulistas, compradores de muares para as vendas nas grandes feiras de Sorocaba... Esses negociantes de muares, inclusive Serafim Ferreira, que mais tarde comprou e doou o terreno onde foi fundada a Lagoa Vermelha, influíram João de Barros para acompanhá-los e entrar no negócio. Aceitou, e nas suas viagens ia até Quaraí, deixando a esposa hospedada em grande e confortável rancho de capim do Coronel Antônio de Melo e Albuquerque, tio dela e um dos fundadores da cidade de Cruz Alta, cidadão de grande prestígio que em 1835 comandou a divisão cruz-altense em luta armada contra os revolucionários farrapos.

Sobreveio desoladora crise no negócio de muares, e João de Barros com outros companheiros malogrados fixaram residência no projetado povoado que denominaram “Lagoa Vermelha”, certamente fazendo referência à lagoa de água barrenta próxima ao povoado, hoje cidade”.

E Salatiel à página 44 do seu livro prossegue dizendo: “Meus pais, recentemente casados, vinham também em demanda do Rio Grande, a negócios, para, depois, fixarem residência no local designado para fundação da Lagoa Vermelha, em terreno doado pelo paulista Serafim Ferreira do Amaral”.

À página 55: “Lagoa Vermelha: - terra de meu nascimento e da maioria de meus onze irmãos e irmãs. Meu pai, Major João Soares de Barros, com outras famílias, Lacerda, Albuquerque, Toledo, Ferreira, Marques e Pimentel e poucos outros foram os

fundadores do povoado de São Paulo da Lagoa Vermelha, sendo doador do terreno da sede, que para isso o comprou, o tropeiro de muares Serafim do Amaral, pai do atual reitor da Universidade de Curitiba, Dr. Vítor do Amaral.

O povoado foi localizado logo na encosta do grande sertão que se estende em cerca de 700 km de largura, até sair nos campos do Paraná – então ainda integrante da província de S. Paulo. Aqueles paulistas ora citados dedicavam-se ao comércio de muares comprados na região serrana, indo até a fronteira missionária, fazendo no povoado o ponto de concentração de suas tropas, para, incorporados, vadearem o sertão e as venderem na feira de Sorocaba.

Reunidos, faziam-se fortes para se defenderem dos ataques dos índios botocudos, ferozes habitantes dos sertões, tendo, muitas vezes, aniquilado caravanas de viajantes, como sucedeu com a do fazendeiro Mariano Pimentel, consoante já escrevi em anteriores “Reminiscências”. Ocasão houve, que o negócio de muares sofreu grave crise e grandes prejuízos causou aos bandeirantes paulistas, que assim fixaram domicílio no povoado e se dedicaram a outras profissões”.

★ ★ ★

Apesar da afirmação de Salatiel Soares de Barros de que o doador do terreno do povoado teria sido o filho de José Ferreira Bueno, a convicção geral é que foi o pai, sendo, por isso, considerado o fundador. O Relatório de 1890, da Prefeitura Municipal, ao Governo do Estado, diz o seguinte:

“O território que constitui o município da Lagoa Vermelha pertenceu outrora a Santo Antônio da Patrulha e posteriormente a Vacaria. A povoação, hoje vila de Lagoa Vermelha, teve começo pouco mais ou menos no ano de 1844, sendo edificada em terrenos doados pelo Cap. José Ferreira Bueno e sua mulher a São Paulo, sob cuja invocação foi elevada à categoria de Freguesia em 17 de

fevereiro de 1857”.

O advogado Hildebrando do Amaral Fão publicou em 1901 no Almanaque do Rio Grande um longo artigo sobre Lagoa Vermelha, no qual se lê: “A vila Lagoa Vermelha é assente numa pitoresca colina em suave declive para Oeste, distante um km de um pontão de serra em suave do Mato Português. Existem nos limites urbanos 160 casas construídas de madeira e quase todas cobertas de telha. A população da vila é calculada em 1.100 almas e a de todo o município em 10000.

O terreno da vila, que fica a 840 m a cima do nível do mar, foi em 1845 doado pelo extinto capitão José Ferreira Bueno, sob a condição de ser criada a povoação tendo S. Paulo por padroeiro, condição que foi cumprida.

Este terreno tem a área de 480.000 metros quadrados, como se verifica pela medição da planta da vila, feitas há meses pelo hábil profissional sr. tenente coronel João Lúcio Nunes. Sendo este terreno excessivamente pequeno e de poucos recursos aos habitantes, o honrado Intendente Sr. Heleodoro Branco comprou ao sr. Mariano Pinto, pela quantia de 2:800\$000, uma boa parte de terras de campo e matos, unida aos terrenos da vila, compra que trouxe ao patrimônio municipal grandes vantagens”.

Logo que a lei permitiu a aquisição de propriedades mediante escritura pública, em 1850, o Cap. José Ferreira Bueno, embora residindo na Lapa, procurou escriturar o terreno de que obtivera posse e no qual assentava o incipiente povoado de São Paulo da Lagoa Vermelha. Eis o texto dessa escritura, feita em Santo Antônio da Patrulha em 1850 pelo escrivão José Maximino de Faria, sendo vendedora Maria da Trindade Ramos:

“Um rincão de campo e Matos e suas capoeiras de planta, ao pé da Capela nova de São Paulo, distrito de Vacaria, sendo em sua primeira divisa pela estrada velha das tropas até bater na nova povoação de São Paulo e desta dividindo com ele mesmo

comprador descendo por um rincão chamado Rincão Comprido, que faz barra com o Lajeado Grande, e subindo por este acima até dividir com os campos de Manuel Teles de Souza por um arroio por este acima até bater ao pé da morada do dito Teles e logo acima bater na dita estrada velha onde fecha e finda esta venda e que vende por preço e quantia de duzentos mil réis”.

Esta escritura pública foi devidamente transcrita no Registro Geral de Imóveis de Lagoa Vermelha nº 13423, livro 3 fls. 110, em 17.11.1944. Em 2.6.1885, os herdeiros por escritura particular ratificaram a doação feita oralmente por José Ferreira Bueno, declarando que transpassavam explicitamente o que já tinha transpassado implicitamente ao padroeiro S. Paulo, o direito e domínio que tinham ou viessem a ter.

Os impostos de transmissão de propriedade foi pago pelo Vigário Francisco da Silva Carrão. A Intendência de Lagoa Vermelha contestou o direito da Igreja, dizendo que o povoado existe desde 1848. O Dr. Angelito A. Aiquel, promotor adjunto, aconselhou as partes a fazerem um acordo em 22.10.1946, o que foi feito. Por este acordo, passaram ao domínio do município as terras doadas ao Santo Padroeiro S. Paulo Apóstolo. Este acordo foi confirmado em 4-11-1948, sendo Vigário Frei Celestino Dotti de Antônio Prado e o Prefeito Dr. Abelardo José Nácul, juntamente com o Bispo-prelado D. Cândido Maria Bampi.

É de se estranhar não haja José Ferreira Bueno incluído no texto da escritura uma cláusula pela qual doava o terreno ao povoado. Isto parece justificar a afirmação de Salatiel Soares de Barros de que o filho Serafim fez doação posterior.

O POVOADO

A segunda e decisiva fase da fundação de Lagoa Vermelha verifica-se em 1848, quando os moradores resolveram construir uma capela maior, em local mais central, fazendo frente com a atual avenida Libório Pimentel. Esta via pública foi a princípio conhecida

por rua da Igreja, depois rua do Meio, a seguir, rua do Comércio e ainda avenida Júlio de Castilhos.

Que esta capela foi construída em 1848, consta no relatório de Mabilde, adiante transcrito. Vem ainda confirmada por um estudioso que assina com as iniciais I.P.S.A., o qual esteve aqui em 1851, tendo feito uma descrição da região, publicada no Almanaque do Rio Grande do Sul em 1859. Diz o texto:

“A Lagoa Vermelha é uma capela situada para Oeste do distrito, constando apenas de 30 a 40 casas cobertas de palha, além de um grande número de chácaras que a circundam. A capela, ereta a São Paulo, é de tábuas, coberta de capim. O local, que é formoso, dista 11 léguas S.O. do Passo do Pontão, e 12 léguas também S.O. de Vacaria.

Essa freguesia começou a povoar-se há três anos e já excede a vila de Vacaria. Há ali ricas matas, o terreno é ótimo para a cultura vegetal, e uma colônia criada na serra do Mato Português, que lhe passa bem perto, daria grande incremento à prosperidade do lugar. Lagoa Vermelha dista 4 léguas da boca do Mato Português e este dista cinco ditas da do Mato Castelhana, separando ambos o Campo do Meio, que lhe fica de permeio”.

Na divisão civil da Província, elaborada em 1850, não consta Lagoa Vermelha. No gráfico consta a Freguesia de Vacaria e a Capela dos índios do Pontão. Na relação das propriedades nas localidades do distrito de Vacaria em 1846, constam propriedades no Pontão (Barracão), turvo e Forquilha, não sendo sequer mencionada Lagoa Vermelha.

Eis o relatório de Mabilde: “Existem na Vacaria duas povoações nascentes, já muito adiantadas em população: a do Pontão, na costa do Uruguai, e sobretudo a da Lagoa Vermelha (S. Paulo). Deste último lugar, sendo preciso um indivíduo comparecer perante o tribunal de Santo Antônio, não chega a essa vila com menos de 9 dias de viagem, ou 7 dias indo bem montado. Sua Exa.

o Sr. general Andréa, tendo notícia dessa nova população intitulada São Paulo, que se estava formando no referido lugar, denominado Lagoa Vermelha, ordenou-me verbalmente que na minha passagem por ali, tomasse algumas informações acerca daquela nova povoação.

As informações, que S. Exa. tinha, eram mui limitadas, e apenas constava a S. Exa. que alguns moradores da Vacaria queriam dar princípio à fundação duma capela no mencionado lugar da Lagoa Vermelha.

Muito diferentes eram as informações do que de fato encontrei, e pela lista nº 4, que pude obter do sacristão da igreja daquele lugar, cuja lista original tenho a honra de remeter a V. Exa., verá que em 31 de março passado, a população daquela capela montava a 406 habitantes. Tem muitas casas, posto que pauapicada e barreadas, muitas cobertas de telhas, mui bem construídas e bem alinhadas.

Existe igualmente uma olaria que trabalha na fabricação de telhas. Há boa aguada, e matos perto, na distância de 1/2 légua. Não me tendo sido possível demorar-me na dita capela senão poucas horas, e por ignorar o estado do lugar, fui inteiramente desprevenido de instrumentos próprios, e por essa razão não levantei a planta daquele interessante lugar.

A igreja é construída de madeira de lei, e com toda a segurança possível; seu total comprimento é de 80 palmos com 40 de largura e 18 de altura do chão ao telhado. Está ornada com muita decência e tem tudo à custa dos habitantes. A estrada geral, que segue desde Porto Alegre por Santo Antônio, Campos de Cima da Serra e Vacaria para as Missões, pelo Mato Português, Campos do Meio e Mato Castelhana, passa pela referida capela, o que lhe dá pelo muito trânsito grande importância...” Vila de S. Leopoldo, 27 de agosto de 1850. Ao Sr. Desembargador José Antônio Pimenta Bueno, Presidente da Província. (Ass.) Affonso Mabilde”.

Como se vê, Mabilde fala em casas cobertas de telha, ao passo que o estudioso acima referido diz que as casas são todas cobertas de capim. Isto parece indicar que o estudioso esteve aqui antes de Mabilde, havendo, possivelmente, feito a redação em 1851.

★ ★ ★

Quando foi inaugurada a nova Capela de São Paulo? O historiador João de Paula e Silva, no ano de 1949, publicou no “Diário da Tarde” de Passo Fundo um esboço histórico de Lagoa Vermelha, precisamente no centenário de sua fundação, conforme declara. Como se deduz, este deputado federal, ao fazer semelhante afirmação, não levou em conta que a fundação de Lagoa Vermelha consta de duas fases, isto porque foram criadas duas capelas, uma em 1845 por José Ferreira Bueno e outra em 1848 pelos moradores.

Por este motivo, por ignorar as duas fases, escreveu ele: “Em 1849 e não em 1845, como estabelece a Cronologia seguida pelo Departamento Estadual de Estatística, na sua importantíssima obra “Divisão Administrativa e Judiciária do Rio Grande do Sul”, cujos dados em grande parte aproveitamos para a elaboração deste artigo; mas, data vênua, discordamos quanto ao ano em que foi fundada Lagoa Vermelha, pois que, a tal respeito, dispomos de elemento histórico seguro...”

João de Paula e Silva refere-se apenas ao ano da fundação, sem citar mês e dia. Isto prova que ele possuía um elemento histórico que não o arquivo da Cúria Diocesana, no qual consta que o Pe. Cândido Lúcio de Almeida esteve celebrando na Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha nos dias 2 a 7 de outubro desse ano.

Como o dia 7 era domingo, supõe-se que o Vigário de Vacaria aqui esteve uma semana antes a fim de preparar a festa da inauguração da nova capela, acontecimento que marca a segunda fundação do povoado. João de Paula e Silva supõe ter havido na ocasião grandes festejos, inclusive com cavalhada, o que



certamente não terá ocorrido em 1845, pois nesse ano era bem reduzido o número de moradores.

OS PIONEIROS DO POVOAMENTO

O povoamento do atual município de Lagoa Vermelha teve início antes de 1800. Entretanto, em virtude da hostilidade do gentio, os primeiros moradores foram obrigados a retirar-se, para só se fixarem definitivamente a partir da década de 1830 nas regiões do Barracão, Santa Rita e Turvo.

Conforme relatório de 1846, o distrito de Vacaria possuía 47 propriedades, sendo oito no atual território da Grande Lagoa Vermelha, a saber: 4 no Turvo, 2 no Pontão, 1 no Forquilha e 1 nos Fundos (Fundos da Vacaria ou Fundos da Costa do Forquilha). Nessas propriedades havia então 888 cabeças de gado vacum, 2.300 de gado cavalariço, 520 de gado muar e 300 ovelhas.

Na década de 1860, além da sede, figuram moradores nas seguintes localidades: Pontão (Barracão), Turvo (André da Rocha, Tupinambá e Chimarrão), Ipê, Forquilha, Faxinal (Ibiraiaras), São João do Herval (Nova Prata), Rincão Comprido, Carazinho (Barretos), São Joaquim, Santa Rita, Espinillo, Capão Bonito...

Os pioneiros seguiam o princípio filosófico *Res nullius primo occupanti*, coisa de ninguém é do primeiro ocupante. Em geral, como prova de ocupação de uma fazenda, para fins de se obter título de propriedade, levava-se em conta, além de edificação de casas, a existência de árvores de espinho (laranjeiras, bergamoteiras, limeiras, limoeiros).

Os pioneiros, em número superior a mil, procediam na sua maioria da Lapa, de Castro, Guarapuava, Ponta Grossa, no Paraná; de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Missões e de várias outras localidades do nosso Estado. Quase todos distinguiam-se por

proles numerosas, chegando por vezes a 26 filhos, como é o caso Manuel Leite, pai de Silvano Antônio Leite, avô dos Laureano, Jovelino, Alcindo, Laudelino, Maurílio, Durval e Gustavo, todos de idade avançada, ainda vivos.

Outra característica era a longevidade, havendo muitos que ultrapassavam a idade de cem anos. A escrava Catarina, nascida em Moçambique, faleceu na serra do Mato Português com 130 anos, no ano de 1902. Pedro da Silva Moreira faleceu em Santa Rita, em 1878, com 110 anos. Auta Maria Ferreira, do Capão Bonito, faleceu em 1905 com 109 anos.

Vamos trazer a relação de mais de mil pioneiros do povoamento de Lagoa Vermelha, relação extraída dos arquivos da Cúria Diocesana, do antigo Cartório de Paz, Cartório de Registro Civil, do Registro de Imóveis, ou junto a velhos descendentes destes pioneiros. A relação deste capítulo vai se completar com a do capítulo seguinte com o nome dos eleitores da década de 1900, relação em que figura também a filiação.

JOÃO JORGE MOOJEN, por sua grande importância na fundação do município, terá nesta obra um capítulo especial.

SIMÃO LOPES ESTILITA (+ 1880), c.c. Francisca Dias Ferreira, emigrou do Paraná na década de 1830, fixando-se no Pontão. Sua filha Maria casou com FRANCISCO FERREIRA BUENO, irmão de José Ferreira Bueno, fundador de Lagoa Vermelha. Francisco faleceu aqui com 69 anos em 19-12-1888, ano em que faleceu seu filho Valeriano Lopes Ferreira, com 32 anos. Inácia, filha de Simão, casou com Pedro Vieira Gonçalves, grande latifundiário. O filho que mais se distinguiu foi:

MANUEL LOPES FERREIRA (+ 21-9-1898), cel. da Guarda Nacional, c.c. Ana Nunes Brum; abastado fazendeiro no Pontão, era dono da Fazenda Fortaleza; filhos legítimos: Mateus Lopes Brum; João Lopes Brum; Rita c.c. Antônio Correa de Lacerda Loló; Horácio Lopes Brum; Etelvino L. Brum; Zeferino. Filhos naturais perfilhados:

Jacinto Lopes Brum; Francisca c.c. João Soares de Barros Filho; e Bertolina c.c. Antônio Juvêncio da Luz.

FELIPE JOSÉ DE SOUSA (+ 4-9-1870) veio do Paraná na década de 1840, estabelecendo-se no Pontão, como grande fazendeiro, dono de muitas terras e invernadas no Rincão Comprido e Rincão do Butiá; c.c. Maria Eugênia Vieira; filhos: Generosa, c.c. Ponciano Carneiro Lobo, filho de Joaquim Carneiro da Silva Lobo; João de Sousa Vieira; Balbina, c.c. José Leandro Ferreira.

JOSÉ VIEIRA CORREIA, c.c. Maria Felisbina Alves dos Santos (+ 4-10-1870); filhos: Evaristo Teles Sobrinho; Cândida Teles de Sousa, c.c. Jorge Pereira da Silva; Laurentina, c.c. Baltasar Vieira; Virgínia, c.c. Elesbão A. Dutra; Leolinda, c.c. Manuel Antônio Leite; Rosa, c.c. Pedro Tavares Moreira; Daniel Teles de Souza; Manuela, c.c. Antão de Oliveira; Manuel Belarmino.

JOÃO DOS ANJOS DOMPIERRE (+ 1-7-1875), c.c. Francisca Peres Duarte, tronco da numerosa família Subtil dos Anjos; filhos: Joana; Faustina, c.c. José Subtil das Dores; Maria Teodora, c.c. Justino Francisco de Lima; Manuel; Vitoriana, c.c. Joaquim Vidal da Rosa; Francisco; Bernardo; José e Marcos. João Subtil dos Anjos foi um dos fundadores de Sananduva, de que foi Juiz distrital; Valdomiro Subtil das Dores foi vereador em L. Vermelha; Marciliano Subtil das Dores, c.c. Laurentina Teles de Souza, teve 23 filhos, entre os quais Alípio Subtil dos Anjos, pai da prof. Esmeraldina Subtil dos Santos.

JOAQUIM DIAS DE MORAIS (+ 1875), natural de São Paulo, emigrou na década de 1840, sendo um dos fundadores da cidade, tronco da numerosa e ilustre família Dias de Moraes; tenente da Guarda Nacional; c.c. Ana Teles da Silva; filhos: Ana, c.c. Eufrásio Tattel; Lucinda; Heleodoro Dias de Moraes, c.c. Helena de Moraes Branco; Matilde, c.c. Heleodoro de Moraes Branco; Alfredo Dias de Moraes, e Maria. É avô de Francisco Dias de Moraes, pai do historiador Demétrio Dias de Moraes. Sua casa, de madeira de lei, é

a mais antiga da cidade, possuindo internamente pinturas históricas; além de servir de Coletoria durante muitos anos, foi salão de reuniões políticas e sociais e de trincheira; situada no centro da cidade, defronte ao prédio do Banco do Brasil, abriga hoje o Laboratório Heloísa do Dr. Ernani Dias de Moraes.

DOMICIANO DE SOUSA MARQUES (+ 5-11-1876), c.c. Joaquina Maria de Jesus, Major da Guarda Nacional, poderoso fazendeiro do Faxinalzinho, lindeiro com José Bueno de Oliveira; exerceu diversos cargos públicos. Filhos: Joana, c.c. Inácio Leopoldino de Aguiar; Maria Joaquina, c.c. Manuel Correia de Quadros, José, c.c. Helena Lopes; Bernardina, c.c. Joaquim Pereira Lopes; casou em 2º núpcias c. Laurinda Rosa do Amaral, filha de Francisco Alves Ribeiro do Amaral; filhos: Francisco, Eduardo, Manuel, Pedro, Josefina, Luís, Paulo, Ana, Ângelo, João, Madalena; Francisco Alves de Sousa Marques foi conselheiro Municipal; Ângelo foi Delegado de Polícia (1905), Eduardo foi Vereador (1877), Paulo (1867-1912) foi Escrivão de órfãos e Presidente do Conselho Municipal, Vice-Intendente e Promotor Público; Luís foi Conselheiro Municipal e um de heróis da resistência do cerco à vila em novembro de 1894, morrendo durante o conflito de 8-7-1920, quando procurava apaziguar os ânimos; é pai de D. Alice Marques, sogra do sr. Olívio Mello.

FIDÉLIS PEREIRA NEPOMUCENO, da Lapa, falecido em dezembro de 1876; filhos: Filomena, c.c. Joaquim Cirino dos Santos; José; Manuel; Maria Antônia, c.c. José Pereira da Costa; Inácio; Balbina, c.c. Manuel do Carmo Espírito Santo; Francisco; Ana Maria, c.c. Isaías Manuel Pereira; e Bento Manuel; seu neto Aureliano Pereira Nepomuceno, c.c. Rosa Cirino da Silva, é avô dos advogados e Jornalistas Davino e Aldoir Rodrigues Nepomuceno, da “Gazeta Popular”.

FRANCISCO INÁCIO FERREIRA (Chico Furriel), Coronel Honorário do Exército, do Paraná, filho de pai ignorado e de Teresa de Jesus, c.c. Maria Eufrosina Garcez; era cunhado do Dr. João

Jorge Moojen, esteve na Guerra do Paraguai, dono da imensa Fazenda Santa Isabel, do Pontão; foi diretor do Aldeamento do Pontão; faleceu tuberculoso em 8-7-1878; não teve filhos, mas adotou o sobrinho Dr.

JOÃO ANSELMO FERREIRA, a quem coube sua importante fortuna, que compreendia a maior parte do atual distrito de Clemente Argolo, vila de que foi fundador; era filho de Tristão José de Almeida, proprietário da Fazenda do Pontão, que foi vendida aos três Irmãos Mendes de Araújo; irmão de Alberto Berthier, João Anselmo era pai de João Batista Ferreira, falecido de varíola em 1919; pai de José Gumercindo, c.c. Ana Domingues, filha de Anísio Domingues; pai de Tristão, professor universitário e escritor, falecido tragicamente em 1974; pai de Maria Eufrosina, c.c. Salustiano de Oliveira Machado; de Maria Luísa, c.c., Dr. Alfredo Augusto Moojen, pai do Dr. Rubens A. Moojen; de Ana Amélia, c.c. José Júlio Garcez, advogado e escritor, pai do promotor público Dr. Vítor Hugo Garcez; de Ambrosina, c.c. Amadeu Muliterno e depois com Napoleão Augusto Moojen; de Morena Cândida, c.c. Lauro Júlio Garcez; e de Alice Rola, c.c. Otacílio Schüller.

ALBERTO MARQUES BERTHIER c.c. Balbina Lacerda, teve os filhos: Gustavo, Maria Augusta c.c. Manuel Júlio Garcez, Maria Luísa c.c. Tancredo Machado, Augusto (coletor estadual), Alberto Manuel (1º gerente do Banco do Brasil em L. Vermelha, c.c. Helena Amarante da Luz, pais de Alda, Erom e Leny), Maria Teresa c.c. Anísio Domingues. Manuel Júlio Garcez c.c. M. Augusta, tem os filhos: Júlia, Gilberto, Amélia, Ruy Manuel, Esteia, Antonieta, Zita Augusta, Teresa e Jaime. Augusto c.c. Maria Mosa Vieira, f.: Albertina, Alberto, Nanei, Balbina e Antonio Augusto.

GUSTAVO BERTHIER (Tida) c.c. Francisca Borges Vieira, f.: Nelson (chefe da CINTEA), Lanes (Agente da Receita Federal), Nair c.c. João de Góis Vieira, Nei, Alexandre (Passo Fundo), Junno (bancário), Augusto (promotor e atual Chefe da Casa Civil do Governo Estadual), Eunice c.c. Clodoveu Vieira e Iracema c.c.

Bernardo Amarante. Gustavo Berthier foi autêntico caudilho, dedicou 50 anos de serviços à Pátria, iniciando sua vida pública aos 18 anos como subdelegado de Clemente Argolo, tendo sido ainda Delegado de Polícia do município e tomado parte nas revoluções de 1923, 1924, 1930 e 1932. Faleceu em 1977 com 86 anos.

JOÃO SOARES DE BARROS (+ 17-12-1887), oficial da Guarda Nacional, Juiz de Paz, Delegado de Polícia, advogado e comerciante, nasceu em Itu, S. Paulo, em 1822, casou na Lapa com Ubaldina Albuquerque, transferindo-se para Lagoa Vermelha em agosto de 1851, sendo um dos fundadores da cidade. Filhos: Ana Eufrosina, c.c. Cap. Francisco Delfino de Carvalho; Policena, c.c. Tte. Antônio Bueno Candeia; João Soares de Barros Filho, nascido na Lapa em 1847 e aqui falecido em 1939, tendo sido coletor por muitos anos, é avô materno de João Salatiel Pinto e de Franklin Barros Pinto (Delegado da Ordem dos Músicos do Brasil); Gertrudes; Maria Augusta c.c. Cândido Nogueira da Silva; Salatiel, um dos fundadores do Correio do Povo e do Banco Nacional do Comércio; Antônio, um dos fundadores do Banco Nacional do Comércio e da Casa Dico, de Porto Alegre; e Maria da Conceição. Um irmão de João Soares de Barros emigrou da Lapa para Cima da Serra (hoje São Francisco de Paula), sendo o tronco da numerosa e ilustre família Soares desse município serrano.

ANTÔNIO JOSÉ FERREIRA, natural de S. Paulo, faleceu em 14- 6-1898 deixando os filhos: Zeferino José (25 anos), Belarmino José (23), Maria José (20), Amândio José (19), José Francisco da Silva (18), Justino José (17), Pracidina José (15), Edelina José (15), Antônio José (14), Francelina (12), Pedro José (7), João José (5) e Maria José (2).

CLAUDINO ALVES DOS SANTOS, c.c. Apolinária Ribeiro Marques, faleceu em 1907, deixando os filhos: Maria da Luz Teixeira (35), Felipe Ribeiro dos Santos (34), Angelina (32), Jerônimo (23), Otávio (22), Maria Júlia (16), Hermelina (15) e Isauro (7).

JOÃO DE DEUS CARPES c.c. Luisa Antônia da Luz, faleceu em 1907 com 89 anos, deixando os filhos: Manuel (59 anos), Claro Alves de Carpes (44), João Alves (42), Bibiano Agostinho (58) e mais 11 filhas.

FRANCISCO BENTO OSÓRIO c.c. Núncia Mendes da Glória, faleceu em 1905, deixando os filhos: João Osório Mendes, Laurentino, Arsênio, Florentino, Saturnino, Manuel, Gomercindo e Sátiro.

JOSÉ BUENO DE OLIVEIRA, dono da Fazenda São João, com área de 155 milhões de metros quadrados, hoje ocupada pelos municípios de Sananduva e Ibiaçá; tinha senzala de escravos com mais de cem negros, que comercializava; c.c. Constância Augusta Garcez, teve os filhos: Napoleão César Bueno, que exerceu vários cargos públicos; Mariana Eufrásia, c.c. Eduardo Manuel de Araújo; Olímpio César Bueno; filhos naturais; Luísa, c.c. José Damásio da Silva, e João Bueno de Oliveira; faleceu em Castro a 31-8-1886.

FRANCISCO ALVES DO AMARAL, Major da G.N. proprietário da Fazenda dos Três Pinheiros, de 158 milhões de metros quadrados, que foi vendida a José Francisco de Oliveira, c.c. Maria Filomena Xavier, o esperto e folclórico Jeca Cabeça, pai do Cap. João Damácio de Oliveira; a fazenda foi depois vendida por 105 contos de réis a Manuel Fagundes de Sousa, filho de João Fagundes de Sousa. Francisco Alves do Amaral é antepassado do pecuarista Romeu Esquina, pai do Dr. Érico Esquina e da escritora Jovita Esquina. A Fazenda dos Três Pinheiros leva o nome de três altos pinheiros, erguidos no descampado, a poucos metros um do outro, formando um triângulo; um desses pinheiros caiu na década de 1950; dos três hoje só resta um como lembrança.

JOÃO MARIANO PIMENTEL, natural de Faxina, S. Paulo, veio para cá em 1847, c.c. Bárbara Borges Vieira, dono da Fazenda São João, que compreendia grande parte do atual distrito de André da Rocha; filhos: Manuel Mariano, assassinado pelos bugres em 5-

9-1851; Marcos Mariano, assassinado no mesmo dia; Perpétua, c.c. João Jacinto Ferreira (+ 1888); Francisca, c.c. João Gabriel de Sousa (do Campo do Meio); João Mariano, degolado em 7-9-1894, pai do Cel. Libório Mariano Pimentel, duas vezes Prefeito Municipal (1887-1978), c.c. Alaíde Nunes, f. do Cel. João Lúcio Nunes; Antônio, c.c. Cassiana Alves Vieira; e Núncia, c.c. Joaquim Vieira Gonçalves. O pioneiro João Mariano faleceu na Fazenda do Silvério, atual município de Cacique Doble em 18-9-1888, com 80 anos.

PE. ANTÔNIO DE MORAIS BRANCO (1824-1869), sacerdote português, iniciou seu ministério no Taim, Rio Grande, onde relacionou-se com Maria Eufrásia Calixto, portuguesa, de cuja união nasceram: Heleodoro, Helena, Antônio, Belmira e Cícero. Heleodoro, Cel. Honorário e da Guarda Nacional (1849-1921), uma das figuras de maior destaque político de Lagoa Vermelha, tendo sido Intendente Municipal durante quatro mandatos, por rivalidade política com o Cel. Maximiliano de Almeida, acabou transferindo-se para Passo Fundo e mudando de partido, assim como o seu filho Vítor de Moraes Branco (1878-1933), vulgo Coronel Mesquita, que comandou a força maragata na Revolução de 1923. O Pe. Antônio de Moraes Branco foi Vigário de Viamão de 1850 a 1852, de Vacaria de 1852-1859 e Capelão da Colônia Militar de Caseiros e do Aldeamento de Santa Isabel (1862-1865); passou a residir em Lagoa Vermelha, não havendo sido pároco, como se pensa; aqui veio a falecer com apenas 45 anos. Entre seus numerosos descendentes, destacam-se o Dr. Pedro de Moraes Branco, Juiz de Direito; Dr. Celso Domingues; Heleodoro de Moraes Branco (Atos), titular do Registro de Imóveis, hoje de seu sobrinho Dr. Ivens Branco Balen, filho de Pedro Paulo Balen; Dr. Pércio de Moraes Branco, geólogo e escritor; Dr. Sérgio de Moraes Branco, médico; Dr. Vítor de Moraes Branco, odontólogo; sendo ainda antepassado materno do historiador Dias de Moraes Branco, pai do Dr. Ernani Dias de Moraes.

JOAQUIM CORREIA LEITE, alferes da G.N. e grande

fazendeiro, natural de São Paulo, nascido em 1817 e falecido em L. Vermelha a 6-10-1893, c.c. Liduína Domingues do Espírito Santo; filhos: Antônio, c.c. Maria Trindade Candeia; Manuel, c.c. Brandina; José, c.c. Ana Maria de Lima; Balbina, c.c. Vicente Antônio Maciel; Maria, c.c. Francisco Machado; Luís, c.c. Teodora Candeia, f. de Inácio Bueno Candeia; Antônia, c.c. Francisco Alves do Amaral Toledo Júnior; Manuel, c.c. Candinha; Sebastião, c.c. Antônia de Sousa; Horicena, c.c. Lúcio Antunes Pinto. Entre seus numerosos descendentes, destacam-se: Luís Correia Leite, escrivão distrital de Sananduva; Pedro Maurílio Leite, c. c. Carolina Raimundi, f. de Carlos Raimundi, que foi Conselheiro Municipal, pais do Dr. Zigomar Leite, c.c. Dra. Jacy de Holleben.

CÂNDIDO DE CARVALHO GUIMARÃES, de Campos Novos, SC, c.c. Gertrudes Soares de Barros, vereador e notário, cargo que passou para o filho Agapito; filhos: Agapito (1861-1937), c.c. Nemésia Schmens, pais de Alcindo, c.c. Olímpia Braghirolli, e de Paulo Afonso, subgerente do Banco do Brasil; Tarcila, c.c. Manuel Antônio de Resende; Sílvia, c.c. Carlos Roberto Kothe; Carlos, notário, c.c. Delfina dos Santos; Maria Iria, c.c. Névio Castellano, pais do ex-Prefeito Adão Castellano; Gesermina, c.c. Arlindo Ferreira da Silva; Cândida, c.c. José David de Oliveira; Carolina, c.c. Antônio Edler, agrimensor; Jovita, c.c. Desembargador Maurílio Alves Daielo; Edília, c. em Cruz Alta; e João c.c. Nair Mahr.

DELFINO HENRIQUES DE CARVALHO (1796-1876), de Santo Antônio da Patrulha, c.c. Leucádia Maria do Espírito Santo; exerceu vários cargos públicos, tendo sido Vereador da I Câmara Municipal em 1876; filhos: Tomás Henriques (Jaguarão), Maria Henriqueta (Passo Fundo), Manuel H. (Alegrete), Franklin Flores Ribeiro de Carvalho. Veio para Lagoa Vermelha com o filho:

FRANCISCO HENRIQUES DE CARVALHO (1831-1918), de Santo Antônio da Patrulha, foi Juiz distrital e esteve na Guerra do Paraguai; filhos: João Henriques; Francisco; Maria José, c.c. Luís Alves de Sousa Marques; Rosa, c.c. Paulo de Sousa Marques;

Lídia, c.c. Jacinto Moreira; Alvaro (Nicofé); Olinda; Cesário (Quita), c.c. Cecília Nunes; José; Leonor, c.c. Vítor Vieira Pato; e Pedro.

ZEFERINO SALES DE BITTENCOURT SILVEIRA, de SC, falecido no Barracão em 1-12-1900, com 72 anos, filho de Francisco Sales de Bittencourt e de Rosa de Jesus, c.c. Rita Pereira da Cunha, filha de Joaquim Antônio Pereira da Cunha e de Felisbina Rodrigues Pereira; descende de família nobre de Flandres, França; foi fazendeiro, vereador, escrivão e coletor; filhos: Sátiro Silveira de Bittencourt; Dr. Zeferino Silveira de Bittencourt; João Simão de Bittencourt; Francisco de Bittencourt Silveira; Felipe Silveira de Bittencourt; Luís Silveira de Bittencourt; Eulália de Bittencourt Neves; Ana Maria de Bittencourt Garcia; Etelvina; Honorina; Júlia Silveira de Bittencourt Chaves e Maria Silveira de Bittencourt Ferreira; dele descende a numerosa família Bittencourt de Lagoa Vermelha, destacando-se a poetisa Bartira Ferreira Bittencourt, o professor Eduardo Bittencourt, D. Nancy Bittencourt de Holleben, viúva do pesquisador Waldemar Luís de Holleben e D. Antonieta Bittencourt Ferreira, esposa do comerciante Ernesto Ferreira.

ANTÔNIO FERREIRA DE ANDRADE (+ 10 3-1895), c.c. Francisca do Espírito Santo Garcez, filha de João Moreira Garcez; filhos: João; Antônio; Maria da Luz, c.c. o Cel. Maximiliano de Almeida, ex-Intendente; Maria da Trindade; José; Otávio e Maria do Carmo; filha natural: Benedita de Paula, c.c. Pantaleão Teles de Aguiar; exerceu cargos públicos e era Capitão da Guarda Nacional; tronco de numerosa família lagoense.

MANUEL MOREIRA LEITE (+ 29-6-1876) c.c. Felicidade Teles de Sousa; filhos: Apolinária, c.c. João Teles Cordeiro; Paulo; Laurentina, c.c. Desidério Alves Ferreira; João; Ricardo; Joaquina, c.c. Eugênio Correia de Melo; Maria; Zeferina; Manuel; Antônio e Bernardino.

ISRAEL RODRIGUES MACHADO, f. do Cap. Antônio Machado de Sousa, que em 1864 abriu picada ligando Montenegro

a São Francisco de Paula, passando por Campo dos Bugres, hoje Caxias do Sul, levando 51 dias; c.c. Ermínia Antônia de Oliveira, f. do Cel. Antônio Inácio de Oliveira; o casal transferiu-se para Lagoa Vermelha ainda no século passado. Filhos: Carlos de Oliveira Machado (1877-1942), professor, advogado e escrivão do Registro de Imóveis, c.c. Malvina Moojen, tendo 11 filhos, entre os quais Israel Farrapo Machado, da Diretoria de Terras e Colonização; Salustiano (Lulu) (1882-1975), c.c. Maria Eufrosina Ferreira, professor, comerciante, pecuarista e secretário municipal de Obras, pai do poeta Auto Paulo Evandro Machado, de Amaury Machado, ex-gerente do Banco do Estado do Rio G. do Sul e de Augusta, c.c. Dr. Raul José de Campos, ex-Prefeito de L. Vermelha; Trajano, c.c. Niniche Castellano, advogado, tesoureiro da Prefeitura Municipal, tendo exercido outros cargos públicos, era cunhado do Dr. Nívio Castellano; Tancredo, c.c. Luísa Berthier, f. do Cel., advogado, secretário do Conselho Municipal; Hortêncio, professor, agrimensor; Israelina, c.c. Cincinato Barreto, combativo jornalista.

CLARO JOSÉ DE LIMA veio do Paraná na década de 1840, fixando-se no Capão Bonito, na sua Fazenda do Rabão, imenso latifúndio que ocupava mais da metade do atual território desse subdistrito. Criava milhares de mulas e escravos, para o comércio. Casado com Bertolina Afonso Pereira, faleceu em 10-8-1876, deixando os filhos: Hermenegildo; Geremias; Claro; Maria Mafalda, c.c. Francisco Ferreira Leão; Eduvirges, c.c. Constantino Tavares Vieira; Ana Maria, c.c. José Correia Leite; Joana; Sátira Maria e Pedro. Hermenegildo José de Lima, capitão da G.N. como seu pai, casou com Francisca Ferreira Bueno, filha de Francisco Ferreira Bueno; faleceu em 1904, deixando os filhos: Pedro (23 anos), José (22), Simão José (21), Luís José (20), Bertolina, Isidoro José (15), Amélia (14), Afonso José (12), Piedade (10), Salvador José (8), Elíbia (5) e Valeriano. Pedro, Salvador e Valeriano foram assassinados. Valeriano, após violenta luta com seu irmão José, acabou morrendo vitimado pela pistola de sua propriedade,

acionada pelo irmão. Valeriano, assassinado no dia 23-8-1910, deixou os filhos: Francisca (8 anos), Bertolina (7) e Podalírio (5), cujo filho Celso de Freitas Lima foi também assassinado no centro da cidade no dia 3-5-1978.

GEREMIAS JOSÉ DE LIMA, c.c. Hortência Chaves de Lima, falecida em 1905, filha de Joaquim Rodrigues de Chaves e Policena Maria Afonso, teve os filhos: Bernardino José, Severiano José, Fausto José, Lídia Chaves de Lima, c.c. César Augusto Muliterno, Fabriciano José, Martiliano José, Antônio José e Paulino José; Bernardino José de Lima, o conhecido Capitão Bernardo Lima, ex-combatente da Revolução de 1923, é pai de Nicanor de Lima e avô do deputado estadual Jarbas de Melo Lima, um dos mais competentes e atuantes parlamentares, atual líder da bancada governista (PDS) na Assembleia Legislativa, Irmão do Dr. Nereu Lima, vice-presidente da Ordem dos Advogados do RS e professor universitário, Jair e Egeu, advogados; Jary e Alceu, médicos veterinários; e das professoras Jane Lima Paganella, Maria Eloísa Lima Santos, Maria Janete Lima Bassani, Alice Henriqueta Lima Scheller e Maria do Carmo (universitária).

BERNARDINO FIALHO DE VARGAS emigrou de Taquari na década de 1840, tomando-se proprietário da Fazenda do Prata, imenso latifúndio hoje ocupado por parte do distrito de André da Rocha. Esta fazenda e a família foram assaltadas em agosto de 1851 pelo bando indígena chefiado por João Grande. Depois desse assalto, todos os dias um escravo subia ao alto de um morro próximo da casa da fazenda, a fim de observar outra possível aproximação dos Coroados. O morro, por causa disso, tem até hoje o nome de Morro da Vigia. Seu irmão Joaquim Pereira Fialho de Vargas era proprietário da Fazenda Fialho, em Monte Vêneto, hoje Cotiporã, Veranópolis, quando ainda era Colônia Alfredo Chaves, 3º distrito de Lagoa Vermelha. Joaquim Pereira Fialho de Vargas foi fundador de Arroio do Meio. Da família Fialho de Vargas surgiram numerosos sacerdotes e religiosas, entre os quais: Pe. Dr. João

Filho de Vargas, secular, irmão de Bernardino, Joaquim e Manuel (este também fazendeiro no Turvo); Pe. André Fialho de Vargas e Pe. Pedro Fialho de Vargas, jesuítas; Madre Bernardina, carmelita em Rio Grande; Ir. Petronila, também carmelita, em S. Leopoldo; e as religiosas franciscanas: Ir. Núncia, neta de Bernardino; Ir. Afonsa, Ir. Inácia, Ir. Rosa e Ir. Emiliana, sendo as três últimas filhas de Joaquim P. Fialho de Vargas e tias maternas da exímia professora Jeni Ávila Reis. Da família Fialho de Vargas descendem os antepassados maternos do acadêmico Vianna Moog e paternos do Dr. Elpídio Fialho, médico, residente em Passo Fundo, como também das numerosas famílias Fialho de Vacaria e Lagoa Vermelha. Antonio Fialho de Vargas c.c. Maria Inácia Dutra são pais de Justina, avó materna do acadêmico Vianna Moog. A Fazenda do Prata de Bernardino Fialho de Vargas foi vendida para Manuel Pereira Vieira.

MANUEL PEREIRA VIEIRA (20-5-1902), de Laguna, morreu com 86 anos, deixando os filhos: Manuel Pereira Vieira (com 51 anos), avô materno do Dr. Manoel Vieira da Fonseca, ex-Prefeito de L. Vermelha; Maria Angélica de Jesus, c.c. Joaquim Jacques, antepassados da numerosa família Jacques de André da Rocha; Luísa Angélica de Jesus (45), c.c. Manuel Tomé; Marcolino Porto Vieira (43); Carolina Angélica de Jesus (41), c.c. Guilherme Hoffmann; Justina Angélica de Jesus (36), c.c. Salvador de Ávila Prestes, avô do Prefeito José Carlos Prestes Vieira; Agnelo Pereira Vieira (36), c.c. Maria da Glória Nunes da Silva; e Adão Pereira Vieira (2 anos).

BENEDITO CARNEIRO LOBO, do Paraná, c.c. Antônia da Silva, faleceu no Capão Bonito em 1876, deixando os filhos: Salvador Pereira (50 anos), Benedito Carneiro Lobo (43), Maria Ana (38), Joaquina dos Santos (28) e João dos Santos (26).

LEONARDO FERREIRA BUENO, do Paraná, faleceu em Santa Rita com 70 anos em 1904, deixando os filhos: Pedro Leonardo Sobrinho (23 anos), Henriqueta (19), Ana (18), Antonio

(17), José (15), Liduína (7), Joaquim (5) e Narciso (2).

JOAQUIM DA SILVA MOREIRA c.c. Laura Maria do Espírito Santo, faleceu em Santa Rita em 1903; filhos: Ambrósio (38), Aniceto (36), Maria (34), Paula (33), Domingos (32), Gregório (29), Reinaldo (27), José (26), Teotônio (25), Firma (23), Miguel (21), Sátira (20), Filomão (17).

MANUEL BENTO DE SOUSA, de Santa Catarina, c.c. Jacinta Teixeira de Ávila, faleceu com 70 anos, deixando os f.: Bento (40), Esméria (38) e Boaventura (30).

JOÃO FIEL DA SILVA ROSA, capitão, faleceu com 81 anos, f.: Emília (48), Roberto (46), Teresa (44), João (42), Luís (34), Antônio (34), Jaime (19).

HENRIQUE JOSÉ BOEIRA faleceu em 1902, f.: Manuel José (42), Henrique José (36), Prudente José (34), Antônio José (32), Leopoldina (c.c. Luís Correia da Paixão), João José (25), Teodoro José (24), Clemência Maria (c.c. José Ribeiro), Miguel José (22), Sebastiana (20), Joana (19). Residia na Fazenda São Crispim.

PAULO MOREIRA LEITE faleceu em 1902 com 51 anos, f.: Madalena (21), Manuel (20), Francisco (19), Inácia (17), Antônio (17), João (12), Belarmino (15), Ernestina e Eugênia (14) e Apolinária (12).

IVO ALVES DAS CHAGAS c.c. Rosa Maria de Jesus que faleceu com 100 anos, residia em Lajeado dos Ivos. Deu nome ao rio.

JOÃO SOARES DA SILVA faleceu em 1900, f.: Basílio (18), Fortunato (17), Aurélia (16), Crescêncio (14), Eduardo (12), Carolina (10), João (6), Manuel (4) e Evergisto (3).

JOÃO ANTÔNIO DE CASTRO c.c. Brasília Dias, + 1899 com 66 anos, f.: Florência, Brasília, Pedro, Maria Isabel, João, Alberto, Valério, Serafim, Florindo, Franklin, Josefina e Maria Daly.

Residia no Forquilha.

ANTÔNIO TEIXEIRA d'ÁVILA era pai de Narciso Teixeira d'Ávila ex-tenente da Guerra do Paraguai, casado com Idalina Garcez Bueno. São netos desse casal: os dois Irmãos Maristas, Ir. Dorval d'Ávila Vieira e Ir. Narciso d'Ávila Vieira, altas expressões do magistério de Santa Catarina. Nelson d'Ávila, ex-diretor do Banco Central RS, atualmente aposentado, filho de Lauro d'Ávila que foi secretário da Prefeitura de Lagoa Vermelha na década de 1910. Jeni Ávila Reis, professora, casada com Renato Reis. É bisneto de Narciso Teixeira d'Ávila o Padre Gilberto Schneider, filho de Hilda d'Ávila e Augusto Schneider, este descendente de tradicional família de Nova Prata.

JOÃO DE SOUSA DIAS, 1º proprietário da Fazenda São Crispim (Chimarrão), é pai de Afonso Crispim Dias, + 22/2/1900, com 50 anos, deixando os filhos: Elpídio (com 13 anos), José (11), Ana (9) e João (7); foi oficial da Guarda Nacional e Vereador.

ISMAEL NUNES DE MESQUITA veio de S. Francisco de Paula, havendo permutado sua fazenda com a Fazenda Velha da família Fogaça, que se havia intrigado com seus vizinhos Nunes da Silva. c.c. Júlia Nunes teve os filhos: Maria Cândida, c.c. Domingos Chagas e depois com Francisco Machado Rodrigues; Saturnino; Olímpio; Bertolina, mãe de Oldengar Mesquita Machado; Ambrosina; Carolina, c.c. Tolentino Inácio Vieira; Pedro, c.c. Délcia d'Ávila; Abel, c.c. Maria Antonieta Flores; Etelvina c.c. Francisco Nunes da Silva; Domingos, c.c. Adélia Lourenço de Lima, pais de Ilza, Olmir e Adroaldo; Maria, c.c. José Bandeira de Oliveira; José, c.c. Leopoldina Xavier.

JOSÉ NUNES DA SILVA, natural de Santa Maria da Boca do Monte, casado com Donaciana Borges Vieira, de Vacaria, foi o 1º proprietário da Fazenda São José, no Turvo, com uma área de 110 milhões de metros quadrados, prolongando-se desde o Turvo até os atuais municípios de Nova Prata e Ibiraiaras. A casa da fazenda

ficava a 300 m da atual Capela do Divino. A fazenda limitava com a de São Crispim, de João de Sousa Dias, e com a de São João, de João Mariano Pimentel, seu cunhado.

Teve dez filhos, sendo assassinados dois (José e Antônio) e o genro Joaquim Antônio Fernandes. José Nunes da Silva Filho foi assassinado por motivo de ordem passional por um membro da família Fogaça, que por isso se transferiu para São Francisco de Paula, permutando sua Fazenda do Sarandi ou Fazenda Velha com a de Ismael Nunes de Mesquita. O corpo da vítima foi jogado no Poço Redondo do rio Turvo. A família Fogaça, pioneira do povoamento de Lagoa Vermelha, tornou-se tronco da ilustre e numerosa família Fogaça de S. Francisco de Paula. Hoje, uma descendente, Lenita Soares Fogaça, reside aqui, casada com o hábil profissional da fotografia José Koch; Lenita descende ainda de outra família de pioneiros de Lagoa Vermelha, Soares de Barros, cujo antepassado era irmão de João Soares de Barros, um dos fundadores da cidade lagoense.

Antônio Nunes da Silva foi assassinado em 18-2-1883, com 35 anos, por questão de partilha de herança. Senhor de força hercúlea, Antônio surrou o Juiz e seus acompanhantes, que haviam comparecido em sua casa, como era costume. Na ocasião Antônio desferiu violento murro na mesa, rachando-a, emendando-a depois com uma placa de prata. Dias após, chegou à sua casa uma escolta de Vacaria para prendê-lo. Ele, sem abrir a porta, respondeu que ao clarear do dia os atenderia. Os da escolta foram abrindo uma fenda na parede de barro da casa, por onde o alvejaram enquanto estava sentado à mesa ao lado do lampião. A Fazenda do Barreiro, de sua propriedade, pertence hoje ao pecuarista Garibaldino Lourenço de Lima.

Manuel Nunes da Silva é pai de Fidêncio, Sinfrônio (pai de Libório, Joaquim, João, Henriqueta c.c. Pedro Boeira e Margarida), João (que foi residir em Itararé, S. Paulo), Maximiliano c.c. a correntina Zeferina Ramos (pais de Bertolina c.c. Alcebíades



Rodrigues, falecido com mais de 100 anos em 1979). Aureliano Nunes da Silva é avô do fazendeiro Demétrio Nunes da Silva, c.c. Ilza Lourenço de Mesquita.

Maria casou com Joaquim Antônio Fernandes em 22-8-1852. Ana Nunes da Silva casou com Antônio Pereira da Fonseca, tendo os filhos: Maria; Sátira (casada em 1º núpcias com Leandro Propício da Silva, filho de Paulo Propício da Silva e Maria Alves da Silveira e em 2º núpcias com Jordão Ribeiro de Melo, filho de Antônio Jordão de Melo e Gertrudes Teles de Sousa, havendo do 1º matrimônio Etelvina e do 2º Jordão; Etelvina c.c. Antônio Hoffmann de Melo, filho de Jordão Ribeiro de Melo e Dorotéa Hoffmann, havendo os filhos: Oscar, Alda, Getúlio, Antônio Carlos, Leandro, Hilda, Dorotéa, João Altamiro e Hermínio); Salomé; Maria José; e Gregório (que teve muitos filhos e morreu cego em Capão Bonito). José Nunes da Silva Filho c.c. Maria de Oliveira morreu assassinado e não deixou filhos. Aureliano Nunes da Silva c.c. Maria Joana Antunes, filha de João Antunes Maciel e Maria Francisca da Silva.

JOAQUIM ANTÔNIO FERNANDES, filho de José Antônio Fernandes e Genoveva Luísa de Jesus, paulistas, casou em 22-8-1852 com Maria Nunes da Silva, filha de José. Um dia, andando a cavalo em sua fazenda, viu uma onça perseguindo um rebanho de sua propriedade. Como não tinha arma, resolveu defender o seu gado laçando o tigre. Este, bem preso pelo laço, investiu contra o cavalo que caiu, enquanto dois enormes cachorros entravam em luta com o felino. Joaquim viu-se obrigado a cortar o laço, para que a fera tomasse o rumo do capão. Durante a revolução de 1893, indo a Alfredo Chaves com seu filho Sátiro (1858-1948), Joaquim foi preso pelos Maragatos e degolado. O filho, ao ser amarrado pelas mãos, conseguiu escapar, disparando pelo campo aberto, recebendo apenas um tiro durante a fuga. Embora ferido numa perna, ocultou-se num capão, sendo depois recolhido ao hospital de Veranópolis, onde recebeu a visita de Pinheiro Machado. Sátiro Fernandes, com seu filho Firmino Jacques Fernandes, foi o pioneiro

na instalação de banheiros carrapaticidas no município; introduziu aqui o gado de raça Devon, que adquiriu na Fazenda Pedras Aldas do Dr. Assis Brasil, de onde trouxe também as sementes dos primeiros eucaliptos. No ano de 1924. Sátiro permutou sua fazenda do Laranjal com a fazenda Santa Cecília de Ernesto Hoffmann, no então município de Passo Fundo, hoje Tapejara. A fazenda de Santa Cecília, que adquiriu, media 8.400 hectares, foi acrescida de mais de três mil hectares por compra da firma Schilling Goelzer & Almeida (Maximiliano de Almeida). Nesta fazenda encontra-se hoje a granja do Grupo Tumelero, de 11 milhões de m². Sátiro, que faleceu em 1948 com 90 anos, é pai de: Osvaldo (pai de Oscar), Alfredo, Benícia, Otilia, Corina (c.c. Benjamin Antunes Ribeiro), Alice e Alcídia (gêmeas), Valdomiro (pai do Dr. Ivo Rodrigues Fernandes, advogado e pecuarista, ex-advogado do banco Central e ex-chefe da Consultoria Jurídica do Banco Central do Brasil em Brasília), Renato (pai de Achyles Jacques Fernandes, ex-presidente do Sindicato Rural), Teodólvio, Antônio e Alípio (pai de Nair c.c. José Maria Vigo da Silveira, Prefeito de Tapejara).

HORÁCIO SEVERO DA COSTA (1875-1946), filho de Zeferino Severo da Costa e Joana, nasceu na Fazenda do Sobradinho, em Vacaria, c.c. Felisbina Barreto da Costa (26-3-1898), foi criado desde os dois anos pelo padrinho Horácio Paim de Andrade, indo residir em Campo Aldo, em André da Rocha, donde se transferiu em 1943 para a localidade de Barretos. Tropeiro, transportava gado para os matadouros de São Leopoldo. Em Barretos doou terreno para a construção da Escola que leva o seu nome, sendo o líder da comunidade. Teve 12 filhos, entre os quais Ori, falecido em 1975, pai de Bernardo Dutra da Costa; Felisberto, falecido em 1980, pai de Ivo, Orácio, prof. Terezinha e Albertina. Vivem ainda: Alzira, c.c. Pedro Cirino de Carvalho; José, funcionário público aposentado; Assis, tabelião e vice-Prefeito de Novo Hamburgo; Maria Joana, c.c. Odair Guerreiro de Lima; e Amantino Barreto da Costa, um dos mais laureados pecuaristas da raça

Devon, premiado em dezenas de exposições, detentor de numerosos troféus; é pai de João Horácio, advogado, pecuarista e político; Danilo, pecuarista; e das professoras Suely, Célia e Marlene; é proprietário da Cabanha Santa Lúcia.

JOSÉ LOUREIRO DE MELO é natural de Faxina, S. Paulo, c.c. Ana Maria do Espírito Santo, faleceu com 103 anos, deixando os filhos: Delfina, professora, c.c. o médico Ricardo Von Borowski; Inocência, c.c. Antônio Zeferino Moreira (Totó), que foi assassinado na Revolução de 1893, quando em serviço de estafeta para Nova Prata; Ana Maria, c.c. José Ferreira Carepas; Madalena, c.c. José Castellano; Tomás (1880-1953), c.c. Júlia Vieira, pais de: Octacílio, c.c. Regina Dias de Moraes; Olívio, c.c. Inésia Marques; Osvaldo, c.c. Graciolina da Cunha Hoffmann; e Zila Laura (1907-1953), solteira.

FRANCISCO RODRIGUES DA COSTA, pai de Manuel Rodrigues da Costa (Maneco Ruivo), dono da grande Fazenda Passo Fundo, que ia do Passinho Fundo até o município de Ibiraiaras. Manuel é pai de:

Sebastião, um dos herdeiros da Fazenda Passo Fundo; Vespasiano, c.c. Mercedes dos Santos; Generosa, c.c. Tito Lívio Muliterno; Maria, c.c. José Ferreira. Manuel é avô paterno do professor Érico Costa.

JOÃO DE SOUSA FEIJÓ veio de Viamão, c.c. Ambrosina Moreira Garcez; filhos: Amália, c.c. Anísio José Domingues (12 filhos); Constância, c.c. Ildefonso de Oliveira (9 filhos); Augusta, c.c. João Anselmo Ferreira; Cel. Timóteo de Sousa Feijó, c.c. Laura Adelina da Cunha, pais de Artur Feijó, falecido em 1928, e avós do líder social e político Raul Feijó.

ÍNÁCIO BUENO CANDEIA nasceu em Vacaria e morreu em Lagoa Vermelha em 1877, fazendeiro e político prestigioso, foi vereador em Vacaria e da 1º Câmara Municipal de Lagoa Vermelha. Casado com Honorata Maria do Rosário, teve os filhos: Antônio, c.c.

Maria B. Pereira (filhos: Antônio (1857-1941), c.c. Policena Soares de Barros; Maria da Glória (1879-1966), c.c. Severino Alves Pereira (1870-1905) e em 2ª núpcias com o Dr. Irineu de Abreu, pai do Dr. Plauto de Abreu); Maria José, c.c. Leonardo Pereira Xavier; Ana Maria, c.c. Veríssimo Américo Gomes; Francelina, c.c. José Inácio Monteiro; Maria da Trindade, c.c. Antônio Correia Leite; Dulcelina; Maria Teodora, c.c. Luís Correia Leite; Jorge, c.c. Clara Gabriela, morreu novo, deixando dois filhos menores, José e Maria.

MAXIMILIANO BARBOSA VIEIRA, c.c. Ana Subtil do Rosário (+ 1879), filhos: José, Virgílio, Gaudêncio, Hipólito, Delfino, Joaquim, Núncia, Paulina, Josefina, Crescêncio Manuel, Francisca e Maria Barbosa Vieira.

ANTÔNIO ANTUNES PINTO (+ 1879), c.c. Ana Maria do Espírito Santo; filhos: Angélica, c.c. Joaquim Domingos de Matos; Lúcio; Vidal; José; Vicentina Maria; Florêncio; Joaquim e Custódia.

JÚLIO FERREIRA GARCEZ, descendente de família nobre lusa-castelhana, nasceu em Castro e faleceu em L. Vermelha, Oficial da Guarda Cívica, c.c. Júlia de Almeida, filha de Tristão José de Almeida e Maria Luísa Moojen; filhos: Manuel Júlio Garcez, fazendeiro e líder político, c.c. Maria Augusta Berthier (Miúda), f. de Alberto Marques Berthier e Balbina Correia de Lacerta, 9 filhos; José Júlio Garcez, advogado, c.c. Ana Amélia Ferreira, f. de Dr. João Anselmo Ferreira e Augusta Feijó, pais de Apeles (pai do Dr. Aramis Antônio Garcez, Consultor Jurídico do Estado e Secretário Substituto do Turismo; do Dr. José Antônio, promotor público); José Júlio é pai também do promotor Dr. Vítor Hugo Garcez e de Júlio Augusto Garcez, funcionário público; Lauro de Almeida Garcez, fazendeiro, político, c.c. Morena Cândida Ferreira, f. do Dr. João Anselmo Ferreira e Augusta Feijó, 8 filhos: 3 advogados: Hilton, Carlos Celso e Aroldo (promotor); João, médico; Cyrano, estudante de Arquitetura e Direito; Norma, c.c. Jocely Almeida; Augusta Júlia, c.c. Luiz Menezes; Solange, c.c. Antonino Almeida Filho; Odete, c.c. João Mendes de Araújo; todos em curso superior. Ambrozina

Moreira Garcez casou com João de Sousa Feijó.

JOAQUIM RESENDE CORREIA DE LACERDA (1845-1905), Coronel, o “Legionário da Lapa”, Senador da República, casou em Lagoa Vermelha em 1874 com Maria Madalena Moojen (1857-1931), f. do Dr. João Jorge Moojen. Dele descende Romeu Lacerda, pai do Dr. Paulo Lacerda, que foi Ministro interino do Trabalho, irmão de Zamir, Antônio Carlos e Dr. Vitor Hugo. Antônio Correia de Lacerda (Loló), c.c. Rita Ferreira Lopes. Manuel Correia de Lacerda, escrívão de Barracão, c.c. Júlia Teles. Neusa de Lacerda, c.c. o prof. Eduardo Bittencourt. Eulália Correia de Lacerda, c.c. Cel. Demétrio José Ramos, f. do Tte. Cel. Fidélis José Ramos e Marta Gomes dos Santos.

TRISTÃO JOSÉ DE ALMEIDA (1829 e + 1-6-1899), Tenente Coronel, veio do Paraná, dono da Fazenda do Pontão, filho de Henrique Berthier, mas criado com o tio materno Pe. Almeida, do qual herdou o sobrenome. Filhos: Maria Augusta, João Anselmo, Alberto Marques Berthier, Júlia Garcez, Amélia de Oliveira, Ernesto de Almeida, Luísa Nunes, Olímpia Quadro, Maximiliano de Almeida e Maria Teresa. João Anselmo Ferreira foi criado por Francisco Inácio Ferreira que lhe deixou a enorme fortuna. Médico prático e farmacêutico, foi o fundador da vila de Clemente Argolo. Durante a Revolução de 1893 refugiou-se em Cruz Alta, perdendo então todos os seus rebanhos, sendo obrigado a vender sua Fazenda Candeia, que depois pertenceu ao Dr. Plauto de Abreu, e a Fazenda da Floresta, vendida a Severino Pereira e depois a Antônio Dal Molin. Maximiliano de Almeida, líder político e combatente de várias revoluções, foi Intendente Municipal diversas vezes.

JOSÉ CARDOSO MATOSO, c.c. Angélica Maria de Jesus, deixou os filhos: Antônio, José Cordeiro Matoso, Marcelino Cordeiro Matoso, Manuel Cordeiro Matoso, Inácio, Maria de Jesus e Ana Carolina de Jesus.

ANTÔNIO MANUEL DUTRA, c.c. Angelina Maria da Silva,

filhos: Gertrudes, c.c. Alcides Alves Valente; Manuel; Marica, c.c. João Pereira de Carvalho; Ana Maria, c.c. Justino Ribeiro Guimarães; Eugênio; Maria; Antônio; Jesuíno; Feliciano; Batista e José.

JOAQUIM CIRINO DOS SANTOS BARRETO (+ 1904) era mineiro, casou na Lapa e veio como tropeiro, estabeleceu-se em L. Vermelha e daí para a Colônia Militar de Caseiros, como auxiliar do Aldeamento de Santa Isabel. É pai de Teodoro Cirino dos Santos Barreto; avô de Pedro Cirino dos Santos, pai dos advogados Fileto Jaime e Luiz e do madeireiro Euclides. Pedro foi Juiz de Paz de 1931 a 1971, substituindo José Cirino Rodrigues. Joaquim veio da Lapa junto o sobrinho José Cirino Rodrigues, pai do subprefeito, Juiz de Paz e Vereador, do mesmo nome. Manuel Gonçalves de Sousa (Manuel Manco), avô materno de Pedro Cirino, esteve na Guerra do Paraguai e foi assassinado na Revolução de 93 no Posto (Usina) do Forquilha. Joaquim era c.c. Filomena, f. de Fidélis Pereira Nepomuceno.

ANTÔNIO PEREIRA DE ANCHIETA +12-2-1910 com 74 anos, filho de José Pereira de Anchieta e Ana Correia, deixou os filhos: João Pereira Damasceno, Antônia Tomásia Alves, Pedro Alves Pereira, Galdina Tomásia Alves, Severino Alves Pereira, Paulino Alves Pereira e Virgílio Alves Pereira. O filho João Pereira Damasceno faleceu em 1905 deixando os filhos: Virgílio, Coradino (Nei), Emídio (Nano) e Diniz que é pai do Dr. João Pereira Neto. Eugênio Pereira de Anchieta faleceu em 1901 com 72 anos, deixando os filhos: Joaquim, Paulo, Polidoro, Anúncia, Belmira, Olesiano, Eufrásia e Quintiliano. Gesuíno Pereira de Anchieta, c.c. Gertrudes Maria Antunes, faleceu em 1904 com 89 anos, deixando os filhos: Manuel Pereira de Almeida, Isaías Pereira de Anchieta, João P. da Anchieta, José P. de Anchieta e Maria. Eram do Capão Bonito. Curiosidade: o sobrenome Anchieta, de origem espanhola, desapareceu, e o sobrenome Damasceno surgiu porque João Pereira Damasceno nasceu no dia de São João Damasceno.



MANUEL JOSÉ PEREIRA DE ANDRADE veio solteiro de Lages, casando aqui com uma descendente da grande família Oliveira. Pai de Ulisses Teodomiro de Andrade, que morreu em combate em Clevelândia, no Paraná, durante a Revolução de 1924, da Coluna Prestes. É ainda avô paterno de Hyll Andrade e sogro do Dr. Ricardo Von Borowski.

MANUEL ANTÔNIO LEITE, de origem castelhana, faleceu durante a Revolução do 93, deixando o filho Silvano Antônio Leite, que é pai de 26 filhos, estando ainda vivos em 1981, em idade avançada: Laureano Antônio Leite (neto materno de Manuel Rodrigues da Costa, que morreu com 66 anos), Jovelino, Alcindo. Laudelino, Maurílio, Durval e Gustavo.

INÁCIO LEOOLDINO CARDOSO DE AGUIAR faleceu em 1904, deixando os filhos: Pantaleão, Maria Joaquina, João, Maria Filomena, Oliveira. E antepassado do professor e bancário Odilon Cardoso de Aguiar.

JOSÉ BARRETO DO AMARAL FONTOURA, pai do Tte. Cel. Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral, dono da Fazenda do Espinillo, tendo sido o Presidente da 1ª Câmara Municipal, sendo pai de Felipe Barreto do Amaral, Hemetério Teles do Amaral, Olivério Barreto do Amaral. Sinfrônio era tocador de viola, sendo antepassado dos Irmãos Barreto, que possuem um apreciado conjunto musical.

JOAQUIM MANUEL FERREIRA, c.c. Alexandrina Alves, pai de Osório Paulino Ferreira e avô de Crescêncio Paulino Ferreira, do Capão Bonito, que faleceu em 1980.

ANTÔNIO ZEFERINO MOREIRA (Totó), c.c. Inocência Loureiro de Melo, foi tenente da guarda pessoal de Duque de Caxias durante a Guerra do Paraguai; assassinado na Revolução de 1893, deixou os filhos: Francisco Melo, Vasco Alves Moreira de Melo, Iracema, c.c. Vasco Lenzi, Maximiliano Mendes de Melo e Maria, c.c. Noé de Melo, Núncia, c.c. Manuel Antônio de Ávila. Vasco é pai

de: Constantino, João Batista, Inocência, c.c. Otaviano Flores Machado e Cirilo Melo c.c. Iracema Muliterno, pais de Paulo e Marisa que morreu tragicamente junto com o esposo Laércio Tigre, deixando a filha Rejane com um ano, em 6-3-1968.

JOSÉ MULITERNO, natural de Nápoles, Itália, estabeleceu-se na Lapa e daí para Lagoa Vermelha, onde, sendo, viúvo de Alexandrina Maria de Jesus, casou com 25 anos em 16-12-1874 com Guilhermina Marcondes Coelho. Comerciante e pecuarista, tornou-se um dos maiores latifundiários, proprietário de duas fazendas, uma na Limeira e outra no Campo do Meio. Deixou seu nome à localidade de Muliterno. Faleceu na sua Fazenda de Limeira em 18-10-1913, com 64 anos de idade, deixando os filhos: César (com 38 anos); Ernestina (36, c.c. Francisco Dias de Moraes, pais de Demétrio, Sílvio, Carlos, Lauro e Felipe, este, muito viajado, morreu em Sorocaba); Tito Lívio (34, c.c. Generosa Rodrigues da Costa, ambos muito religiosos); Felipe (32, c.c. Carolina Müller); Sílvio (27, c.c. Jesus Ferreira da Silva); Juvenal Otacílio (23, pai do Dr. Cezar); Amadeu (21 c.c. Ambrosina Ferreira); e Nestor (12 c.c. Erecina da Costa e Silva, pais de Ubirajara e Inah Muliterno Corrêa).

JOSÉ CASTELLANO, italiano de Nápoles, ex-seminarista, emigrou do Paraná para Lagoa Vermelha em 1887; alfaiate; casou com Madalena Loureiro de Melo, tendo os filhos: Susana Niche (c.c. Trajano Machado), Névio (pai do ex-Prefeito Adão Castellano) e Domingos (1893-1922). Casou em 2ª núpcias com Elisa Moojen (1874-1916), tendo os filhos: Flávio; Nívio; Arícia; Agar (1910-1922); Aricina; Aurora Castellano Mambrini, viúva, residente em Flores da Cunha. José Castellano, que faleceu em 1950, foi Conselheiro Municipal, Funcionário da Coletoria Estadual, Tesoureiro da Prefeitura. Dr. NIVIO CASTELLANO, nascido em 23-6-1907, c.c. Eliza Moojen Castellano, tendo os filhos: Dr. José Carlos (advogado e oficial legislativo, c.c. Eunice Mello Castellano), Iara (c.c. João Carlos Silveira, inspetor do Banco do Brasil), Rosa Maria (c.c. Luiz Antônio Bonotto Tramontini, pecuarista e granjeiro); é uma das



figuras de maior relevo na Vida cultural, política e social do município; advogado atuante durante muitos anos; secretário da Prefeitura durante 20 anos; Vereador em quatro legislaturas, tendo sido presidente da Câmara e Secretário do Conselho Municipal; presidente e secretário de extinto Partido Social Democrático; Prefeito interino e a seguir nomeado; historiador apaixonado, tendo proferido grande número de palestras de cunho histórico, sendo publicada a que proferiu em 10-5-1977, por ocasião do 96º aniversário da segunda criação do município; é autor de "Efemérides Vermelhenses", a sair, notável contribuição à História de Lagoa Vermelha. Em 1981 foi premiado com a comenda "Osvaldo Vergara", outorgada pela OAB-RS.

FRANCISCO GENTIL (1857-1938) teve seu sobrenome Gentilli adulterado no processo de naturalização; descende de família nobre da Itália donde emigrou novo estabelecendo-se primeiramente em Bento Gonçalves e daí para Lagoa Vermelha, casando em 1885 com Maria Dias de Moraes, tendo 14 filhos, criando-se nove: Sílvia c.c. Álvaro Schmidt; Constância c.c. Vidal Ribeiro; Amélia c.c. Aparício Marques da Silveira; Francisca c.c. Procópio Pereira de Andrade; Elvira c.c. Domingos Bazzo; Antonieta c.c. Fernando Ducroquet; Mário, solteiro; Eugênia c.c. Hélio Willig; Antônio c.c. Hilda de Quadros. Marceneiro, fabricante de móveis do mais alto estilo da época; carpinteiro, construiu várias dezenas de casas; comerciante durante muitos anos; pecuarista e agricultor, proprietário de numerosos lotes na zona urbana e suburbana, indo do atual prédio dos Correios até perto do Lajeado dos Ivos; Juiz de Paz; Vereador eleito em 1891. Proprietário da fonte da Bica, cujo tanque, de autoria de Pedro Campana, foi construído em 18-2-1938, quatro dias antes de sua morte, ocorrida em 22-2-1938. Em 1935 celebrou festivamente suas bodas de ouro, cercado de sua numerosa descendência.

FAMÍLIA NICOLODI deslocou-se para cá por volta de 1892: Maximino; Maria c.c. Jorge Hemmerle; Carolina c.c. Pedro Fidélis

Ferreira; e José Nicolodi c.c. Ana Fé Frainer, carpinteiro, hoteleiro, filhos: Arcindo (c.c. Corina Oliveira, f. Airton e Cleusa), Arnaldo (c.c. Georgogina Machado, f. José e Jane), Arlinda (c.c. Ivo Reichmann, f. Eneida, Newton, Haidée e Belo Tregnago), Alduíno (c.c. Atenaide Dagnoluzzo, f. José Fernandes, Atílio Luiz, Paulo Edson, Ana Maria, João Pedro, Antônio Carlos e Sérgio Ricardo), Jandira (c.c. Diógenes Cunha, f. José Henrique e Carlos Henrique) e Jacira (c.c. João Fernando Isquierdo).

FAMÍLIA ROMAN – os irmãos João e Carlos Roman emigraram de Bento Gonçalves, casados com duas irmãs Strada; Carlos teve os filhos: Vitória, Segundo, Tercilo, Armindo, Inês (c.c. Manoel Lopes Osório), Mafalda (c.c. Elpídio M. de Campos) e Arcindo. João teve os filhos: Ângelo, Olga (c.c. João da Luz), Nunciada (Clevelândia), Otávio, Arlindo, Patrício, Alcides e Virgílio. Adquiriram o Hotel de Raimundo Salomoni, hoje ainda de sua propriedade, como casa de moradia.

FAMÍLIA BOZZA – os irmãos Eugênio Segundo, Luiz e José Bozza, naturais da província italiana de Veneza, emigraram para cá em 1898; Eugênio foi professor no Carazinho (Barretos) desde 1906, transferindo-se em 1923 para a localidade de Pizzamiglio, onde também lecionou seu filho Antônio Armando Bozza; descendem dessa família os professores João Batista e Paschoal Bozza e o técnico da CEEE Nelson Pereira Bozza.

FAMÍLIA PIZZAMIGLIO – os irmãos José, Ernesto, Pedro e Eduardo aqui chegaram em 1907, instalando em 1908 serraria na localidade que recebeu seu nome (hoje Caingangue).

RAIMUNDO SALOMONI emigrou de Nova Prata na década de 1910, estabelecendo-se com casa de pasto, serraria, comércio de madeira, fábrica de cerveja e gasosa; pedreiro, construiu as pontes do rio da Prata e do rio Santa Rita; faleceu em 1942 deixando os filhos: Ocídio, Maurício, Amadeu, Celestino e Florentina c.c. Natal Schiavenin.

FAMÍLIA CAMPANA – os irmãos Pedro, Luís, João e Fortuna Campana, vieram de Bento Gonçalves, depois de haver estado algum tempo em Veranópolis. Pedro, hábil pedreiro, teve os filhos: Pascoal, Anita (c.c. Tte. Cel. Adonis Ventura Homem, ex-comandante do Corpo de Bombeiro de Porto Alegre, comandante do destacamento da Brigada Militar em L. Vermelha), Vitorio, Luís, Irene (C.c. Croaci Nunes) Gioconda (c.c. João dos Santos), Pedro, Américo e Maria (solteira).

JOSÉ MORETTI emigrou da Itália com 16 anos, estabelecendo-se aqui por volta de 1880; carpinteiro e pedreiro, foi durante longos anos auxiliar de Pedro Campana; trabalhando na construção de túmulos, cegou 23 anos antes de sua morte, ocorrida em 26-4-1945, tendo 75 anos de idade.

ANTÔNIO ASCARI, forte comerciante e madeireiro, dono de numerosas casas, foi proprietário do 1º moinho movido a energia elétrica em 1931.

PIONEIROS DE ORIGEM ITALIANA Lagoa Vermelha foi o município gaúcho que recebeu maior contingente de imigrantes italianos e seus descendentes. A partir de 1885, na antiga Colônia de Alfredo Chaves, os descendentes italianos fundaram colônias que se transformaram em municípios: Veranópolis, Nova Prata, Nova Araçá, Paraí, Ibirairaras, Ibiaçá, Sananduva, Maximiliano de Almeida, Paim Filho, Cacique Doble, Machadinho, São José do Ouro, parte de Marcelino Ramos e Barracão, como outras localidades. Na década de 1880 estabeleceram-se aqui Luís Cavani, natural de Toscana. João Casagrande que casou com Honorina Vial, filha do médico Vial, francês.

Na sede do município, as principais famílias são: Scalabrin, Dolzan, Biasi, Sanson, Stella, Accorsi, Gasola, Bonotto, Ceni, Guadagnin, Spode, Martinazzo, Bassani, Comiran, Colla, Fabris, Anzolin, Piccoli, Allegretti, Boff, Camozzato, Mondadori, Andrighi, Ferri, Furlan, Piola, Vassali, Rigon, Bossardi, Piva, Oro, Caron,

Caon, Spolti, Bordin, Bombassaro, Possan, Durante, Argenta, Zanin, Madalozzo, Bertoldi, Bortoluzzi, Chies, Biavatti, Franciscon, Brun, Dal Lago, Dal Molin, Nezello, Gargioni, Dalazen, Mezzomo, Mezzon, Zulianello, Pedrotti, Visentainer, Manenti, Bonez, Menin, Battistin, Mugnon, Gobbato, Orso, Pazzetti, Bertelli, Stedile, Rech, Grigol, Colussi, Slaviero, Piloni, Campetti, Capri, Strapazzon, Giordani, Bigarella, Brollo, Pasqualli, Silvestrin, Frainer, Pessato, Finger, De Nardi, Gasperin, Casarin, Fappi, Pellegrini, Tomazoni...

FAMÍLIAS ÁRABES José Gabriel MERIB, seus irmãos Benjamin (que depois se transferiu para a Argentina), Jorge e Felipe (ambos morreram afogados no rio Lajeado dos Ivos). José Gabriel Merib Filho é o pai do Vereador Octacílio Nicolau Merib. Gabriel Moisés TIGRE emigrou da Síria, onde nasceu em 1886, c.c. Alzira Pimentel, tendo os filhos: Ruy, Napoleão, Amini, Nita e Rolando. Gibrail TIGRE, filho de João Moisés Tigre, nasceu em Vacaria a 2-10-1896, c.c. Maria Antonieta, filhos: Jacy, Cecy, Hugo, Afonso Celso, Gilda e Leda. Foi Vice-Intendente e Prefeito de Lagoa Vermelha.

JOSÉ JACOB NÁCUL nasceu na Síria em 1870, aqui chegou em 1890, estabelecendo-se com forte casa comercial, tornando-se ainda grande pecuarista; c.c. Luísa Moojen, tendo os filhos: Dr. Abelardo José (advogado, deputado estadual e Prefeito); Dr. Cyrio José Nácul (médico e vereador); Dr. Araby Augusto Nácul (dentista e professor); Marina c.c. Jorge Moojen; Dr. Jorge Guilherme (médico); Jacira; O filho Dr. Abelardo José é pai da Dra. Rose May Berthier (advogada e professora), Maria Salete c.c. Dr. Alduíno Sartori, Antônio Carlos (pecuarista) e Abelardo. Filhos do Dr. Cyrio: Berenice (médica), Arquimedes (advogado), Cyrio José (estudante de Medicina) e Maria Luísa, c.c. um Juiz de Direito. Filhos do Der. Araby: Evandro (engenheiro da Petrobrás), Terlando (engenheiro civil), Jacira (c.c. o falecido advogado Jacques de Andrade, pai do Dr. Caio Nácul de Andrade), Susi (professora) e Júlio Celso (gerente da Caixa Federal de Porto Alegre).

MIGUEL JACOB NÁCUL emigrou da Síria em 1880, estabelecendo-se com casa de comércio; c.c. Noemy Moojen, teve os filhos: Dr. Jacob Nácul (advogado, diretor do Banco do Brasil em S. Paulo, faleceu em 1979); Dr. Jamil (médico); Dr. Augusto (médico); Dr. Paulo Soly (médico); Dr. Almir (médico); Cecy c.c. o Dr. Sabino Arias; Mary (c.c. o sr. Veloso, da direção do Banco do Brasil no Rio de Janeiro); Maria Célia (solteira, formada em Letras no Rio de Janeiro). Seus netos são todos formados ou estão estudando em cursos superiores.

ANTÔNIO JOSÉ PEREIRA, pioneiro que se fixou no Capão Bonito, é pai de Henrique José Pereira, que por sua vez é pai de Vitorino Rodrigues Pereira, pai dos prof. João Batista e Clóvis Pereira Bozza e Nelson Pereira Bozza.

MANUEL ANTÔNIO DE OLIVEIRA veio de Vacaria para a Colônia Militar de Caseiros sendo pai de David Antônio de Oliveira, c.c. Ana Maria, proprietária de grande fazenda na região do Forquilha; o filho deste, Marciano Afonso de Oliveira, era proprietário da Fazenda da Laranjeira, que adquiriu do Cel. Heleodoro de Moraes Branco, hoje pertencente aos herdeiros de Otacílio Mello, Sílvio Dias de Moraes, Djalma Martins Pinto; era ainda proprietário da Fazenda hoje pertencente ao Dr. Nívio Castellano; Marciano Afonso adquiriu também da família Fernandes Duarte uma fazenda de mais de três milhões de campo, sendo parte do Dr. Dario de Vasconcelos; nesta fazenda, em 1929 Matulino Afonso de Oliveira, filho de Marciano Afonso, fundou a Vila Oliveira, loteando para os operários das madeiras que então, vindo de Carazinho, aqui se estabeleciam, como também para operários do Batalhão Ferroviário, depois do Batalhão Rodoviário. Luís Afonso de Oliveira (vulgo Marciano) faleceu por volta de 1978 com 92 anos. Desse tronco pioneiro descende também Bernardo David de Oliveira, que foi subprefeito de Caseiros.

POLICIANO CARNEIRO DA SILVA LOBO, f. de Joaquim Carneiro da Silva Lobo, casou em Vacaria com Generosa Maria de

Sousa, f. de Felipe José de Sousa, no dia 23-9-1851. Entre seus filhos, destaca-se o Cap. Antônio Vitor Carneiro Lobo, que foi Juiz Municipal, subintendente, professor público e Delegado de Polícia. Era c.c. Maria Felisberta de Albuquerque, e deixou os filhos: Francisco (c.c. Anna de Mello Lobo, tendo os f.: Elíbia c.c. Mário Cirino, Elsa c.c. o prof. Miguel Messina, Melânia c.c. Maurício Piola, Augusto César, João Batista, José Valdomiro, Jaques Aramiz e Paulo Celso); Renato (c.c. Davina Dias, f.: Dario, Hélio, Ely, Emy e Terezinha); Felisberto (c.c. Cândida Edler); Augusto (c.c. Palmira Dias, f.: Ivo); Waldomiro (que morreu solteiro em acidente); João (c.c. Alba Zapparoli); Haidé (c.c. o prof. Olavo David de Oliveira); Joliva (c.c. João Baú). Vivem, em 1981, Augusto e Haidé. Maria Felisberta de Albuquerque, filha de Felisberto de Albuquerque e de Idalina d'Ávila, casada em segundas núpcias com o Tte. Narciso d'Ávila.

PEDRO FAGUNDES TEIXEIRA, do Paraná, faleceu em 1891 com 68 anos. Messias Fagundes Teixeira, irmão de Pedro, Francisco e Benedito. Messias Fagundes Teixeira foi distinguido com o título de tenente por ato de bravura durante a Revolução de 1893. É pai de: Messias, Alípio, Trajano, Edmundo, Amália, Julieta e Rosa (que está nos Estados Unidos com um filho) e Napoleão Fagundes Teixeira; este, pai do locutor da Rádio Cacique Ademar Fagundes Teixeira, João Carlos, Odalgiro, Roberto, Jussara e Napoleão.

JOSÉ LOURENÇO DE LIMA c.c. Gertrudes Alves de Lima, faleceu em 1890 com 67 anos, deixando entre outros o filho Ildfonso Alves Lourenço de Lima, que foi assassinado em 20-5-1916, com 49 anos de idade, deixando a esposa Geltrudes Alves Ribeiro do Amaral e os filhos: José c.c. Araci Marques; Severina com 18 anos; Plínio (17); Isidoro (15 assassinado); Garibaldino (6), Calimério (3) e Érico (advogado comendador).

ANTÔNIO JORDÃO DE MELO c.c. Gertrudes Teles de Sousa; seu filho Jordão Ribeiro de Melo c.c. Sátira Nunes da

Fonseca, pais de Etelvina c.c. Antônio Hoffmann de Melo, filho de Jordão Ribeiro de Melo e Dorotéa Hoffmann (pais de Oscar, Alda, Getúlio, Antônio Carlos, Leandro, Hilda, Dorotéa, João Altamiro e Hermínio). Jesuíno Ribeiro de Melo, filho de Antônio Jordão, em 1897 c.c. Henriqueta de Freitas Vieira.

PIONEIROS DE ORIGEM ALEMÃ - São poucos os pioneiros procedentes da Alemanha, entre estes: *Frederico Trein*, que faleceu no Capão Bonito em 1891 com 66 anos. A família mais numerosa é *HOFFMANN*. Eram 12 irmãos, dois dos quais se fixaram em Vacaria e Lagoa Vermelha: Cristiano e André. Cristiano estabeleceu-se com casa comercial perto da Encruzilhada, enquanto André junto ao rio Santa Rita também com casa comercial. Ambas as casas de pedra ainda se conservam hoje. André, que era tuberculoso, viajou para a Suíça em busca de cura e lá faleceu. Deixou os filhos: Henrique, Guilherme e Dorotéa; Henrique c.c. Maria Joana da Cunha, filha única do português Manuel Silveira da Cunha (1841-1921), teve os filhos: Constantino (1889-1962), Manuel (1906-1970), André (1899-1970), Ermínia (c.c. Jerônimo Paim) (1888-1965), Maria do Carmo, c.c. José Paim, Osvaldo, Carolina (c.c. Livino Paim e depois com Inácio Néri). São filhos de Henrique: Amantino Vieira Hoffmann, Ernesto (c.c. Ledovina Teles, f.: Alaidy c.c. Epaminondas Hoffmann Paim, Hilda (c.c. Nadir Peruffo, Prefeito de Veranópolis); Ivo, Alvício (assassinado), Valdir, Edy, c.c. Dr. Manuel V. da Fonseca, e Dr. Alvaro (engenheiro). Amantino Vieira Hoffmann é pai dr. Sílvio d'Ávila Hoffmann. Os descendentes dos irmãos Hoffmann somam várias centenas.

PIONEIROS ORIUNDOS DO PARANÁ: Jerônimo Rodrigues de Lima, pai do Cap. Joaquim Rodrigues de Lima e do Dr. José Rodrigues de Lima. Antônio Vieira Gonçalves (+ 1891). Leonardo Pereira Xavier (+ 1891). Salvador Alves da Silva. José Manuel Gonçalves. João Evangelista Ratier (+ 1881). Francisco Lourenço dos Santos. Salvador Ramos de Oliveira (+ 1887). Manuel Tomás Gonçalves. João José de Borba. João Boeno dos Santos. Jacinto

Ribeiro Leitão (+ 1888). José Gotardo da Silva (+ 1889 com 84 anos). Constantino Alves de Oliveira (+ 1890). João Antônio Leite (+ 1876). Antônio Rodrigues de Lara (+ 1875). Joaquim Domingos Garcia (+ 1876). Joaquim Antônio Soares (+ 1876). Bernardo José Ribeiro. Marcelo Martins Ribeiro. Sebastião Antônio dos Santos. José Antônio de Oliveira Penteado (+ 1876). Jerônimo Antônio de Matos. João Ribeiro Damasceno. Leonardo Pinto de Faria (1877). Policarpo Antunes Maciel. José Francisco de Sousa. João Francisco de Sales. Serafim José de Camargo. José Damos da Silveira (+ 1885). Joaquim de Ramos Braz. Braz Monteiro de Ramos. Inácio Palhano da Rocha. Jacinto José dos Santos. Egídio Carneiro da Silva, José Xavier Bueno. Francisco Xavier Carneiro. Florêncio Gouveia da Silva. José Francisco de Sousa. Miguel Francisco Valente. Joaquim Alves de Oliveira. Jerônimo Antônio de Matos. Francisco Pedro do Nascimento e Sousa. Fortunato Simões. Antônio Ferreira de Andrade. Cesário Lopes Xavier. Antônio Zeferino Moreira. Pedro Antônio de Oliveira. Antônio Afonso de Matos. José Joaquim dos Passos. Manuel Ferreira Paz. Joaquim Rodrigues da Silva Chaves. Eduardo Ferreira da Silva. Manuel Pereira Viana. José Manuel Rodrigues. Benedito Rodrigues de Abreu. Antônio José dos Passos. Antônio Luís de Matos. Porfírio Ferreira França. Antônio Ferreira de Andrade. Joaquim João Carneiro. Jesoíno Antônio de Matos. José Subtil de Oliveira. Manuel Antônio de Lacerda. Manuel Soares Castanho. Francisco Antônio Gonçalves. Baltasar Pereira de Moraes. Antônio José Ferreira. Manuel Luís de Matos. Luís Antunes Pereira Marques. Francisco Antônio Gonçalves. Pedro da Silva Moreira. João José da Luz. Fidêncio José da Silva. Pedro Xavier dos Santos. Francisco Ferreira da Silva Carepa. Eduardo Alves Osório. Antônio Mendes de Araújo. João Tavares Vieira. Manuel Pedro de Araújo. José Dias de Moraes. Francisco Rodrigues da Costa.

PIONEIROS ORIUNDOS DE SÃO PAULO Manuel Bento Rodrigues de Oliveira (+ 1892). Salvador Rodrigues de Camargo. João Pereira de Sousa. Felipe Gonçalves de Meneses. Luís Antônio



Pereira Marques. José Bueno. Manuel Rodrigues Galvão. José Rodrigues de Abreu. Manuel Alves da Conceição. Manuel José de Santana. José Esteves de Sousa. Antônio Francisco Pires. Joaquim Ferreira de Carvalho. Francisco Manuel do Prado. Narciso Teixeira de Ávila. Manuel Gonçalves de Sousa. Felipe Gonçalves de Meneses. Joaquim Manuel Caetano. Antônio Antunes Pinto. João Bueno de Oliveira. Joaquim Antônio de Almeida. Daniel Pires de Oliveira. Venâncio José Correia. Francisco Florêncio de Godoi.

PIONEIROS ORIUNDOS DE SANTA CATARINA, RS, Portugal, PR, SP, Minas Gerais e outras localidades: José Lopes de Miranda, Vicente Moreira Pinto, Ricardo Antunes de Cândia, Antônio Rodrigues Padilha, Antônio de Pádua Holanda Cavalcanti (filho do Juiz assassinado), Francisco Marques Xavier, Antônio Fogaça de Sousa, João Nogueira Pinto. Francisco José de Sousa Godinho c.c. Maria Joaquina de Oliveira. Salvador Alves das Chagas. João Alves de Albuquerque. Manuel Barbosa de Carvalho. Antônio do Amaral Gurgel. Joaquim Simão de Góis. Francisco Ricardo de Oliveira. Salvador Alves da Silva (+ 1891 com 80 anos). Salvador Teles Cordeiro (+ 1892 com 60 anos). Francisco de Paula Felipe (+ 9-9-1885 com 85 anos). Manuel Moreira de Barros. Antônio Rodrigues de Oliveira Diogo. Francisco José Ribeiro. José Teles de Sousa. Geraldo Pereira de Barros. Dr. Joaquim Monteiro de Seixas Borges. Manuel Jacinto Lopes. João Teles da Silva. Jacinto Antônio Lopes. Cândido Rodrigues de Sousa. Fortunato José Lourenço. João Propício da Silva. Francisco Manuel do Prado. João Luís de Araújo. David Canabarro de Oliveira. Etelvino Rosa Brasil. Manuel Antônio Dutra. Joaquim Alves Teixeira. Joaquim de Freitas Vieira. João de Deus Campos. Francisco do Amaral Toledo. Antônio José da Costa. José Moreira de Barros. Laurindo de Sousa Godinho. Júlio de Sousa Godinho c.c. Maria José de Oliveira. José Alberto Alves. Francisco José Ribeiro. Antônio Gusmão Machado. Salvador Manuel de Ramos. Felisbino José de Matos. Francisco Alves Fragoso. Luciano Alves Teixeira. Manuel Joaquim de Oliveira Pinto. Alberto Alves



Teixeira. José Antônio de Oliveira. Claro Rodrigues de Almeida. Joaquim Correia Leite da Silva. José Silveira Goulart. Joaquim de Paula e Silva. Felipe Alves Pinto. Joaquim Rodrigues da Silva. Felisberto Ferreira da Silva. José Alves Teixeira. Francisco Lemos da Silva. Manuel Inácio Teodoro. Valério Lopes da Rosa. Esmênio Correia de Paula. João Lopes de Camargo. Manuel Joaquim de Oliveira Pinto. Francisco Antônio Gonçalves. Francisco José de Almeida. Francisco Manuel do Prado. Joaquim Inácio da Rosa. Salvador Manuel de Ramos. Teodoro Francisco Mendes. Zeferino Alves Monteiro. Florêncio José de Almeida. Ináci Palhano da Rocha. José Lourenço de Lima. José da Costa Varela. Antônio José do Amaral. José Ferreira de Moraes. Eleutério José da Silva, José Francisco da Mota. Manuel Nicolau Fernandes da Fonseca. Atanagildo Teles de Sousa. Francisco de Paula Guedes. Manuel Correia Borges. Manuel Francisco Nunes. Laurindo Francisco da Mota. Ricardo Leite. Antônio de Paula Matos. João Antônio da Cruz. Maurício Antônio de Assunção. Agostinho Nogueira da Silva. Antônio Rodrigues de Lara. Augusto José Ferrari. Inácio de Oliveira Pinto. Francisco Monteiro da Silva. Joaquim Guedes Ribeiro. Laurindo Antônio Ferraz. Pedro Júlio Ribeiro. Manuel Caetano de Carvalho. Antônio Manuel Ribeiro. João Luís de Araújo. Elesbão Antônio Dutra. João Marques Antunes. Antônio Cordeiro Matoso. Francisco José da Silva. Marciano Barbosa Vieira. Hermenegildo Fernandes dos Santos. Pedro Barbosa do Rego. João Pereira de Godói. Manuel Benedito Gomes. Emiliano Olímpio de Barros. Daniel Pires de Oliveira. Antônio Policarpo de Sousa. Manuel Correia de Almeida. Salvador Alves Teixeira. Florêncio Garcia da Silva. Ricardo Padilha Teles. Benjamin José dos Santos. Florêncio Antônio da Silva. José Custódio de Paula. Olivério Manuel Ferreira. Bento Antônio de Lima. Fortunato Xavier de Castro. Antônio Francisco Antunes. Jacinto José dos Santos. Jerônimo Antônio de Matos. Manuel Soares da Silva. Antônio Manuel Dutra. Felisberto José de Almeida. José Inácio Martins. Amândio Silveira de Sousa. Evaristo Teles de Sousa. Francisco Leonardo Ferreira. José Antônio da



Rosa. Joaquim Antônio de Góis. João Nunes França. Bernardo José do Nascimento. João de Deus Araújo. Teodoro Francisco Pedroso. Joaquim Pereira Lopes. Arcelo Ferreira da Mota, Antônio Duarte Moreira, Dionísio Teixeira da Rosa. Francisco Alves Valente. Manuel Franco de Lima. Joaquim de Paula e Silva. Manuel Correia de Matos. Germano Alves de Lima. Domiciano José Pereira. José Sirino Pacheco de Quadros. Amâncio Ribeiro da Silva. Antônio Joaquim dos Passos. Hipólito de Paula Barbosa. Cândido José Pereira. João Bueno dos Santos. Pedro Barbosa do Rego. Manuel Joaquim Barbosa. Joaquim Pacheco da Rocha. Emiliano José Ribeiro. Francisco Félix do Prado. Crescêncio de Oliveira Penteadado. Ildefonso José de Oliveira. Vidal Antunes Maciel. Antônio José da Costa. José Ferreira Leitão (+ 1898 com 75 anos, pai de Alfredo e Antônio). Francisco das Chagas Lima. Inácio José dos Passos (pai de Arão José, João Simplício, Manuel José e Geraldo José). Isidoro José Machado. Rufino Ferreira Carpes. Salustiano Monteiro da Silva (assassinado em 1906). José Jesus do Nascimento. Olivério Marques Antunes. Alexandre Alves da Silveira. Antônio Correia Teixeira. José Pereira dos Passos. Oliveira Manuel Ferreira. Francisco Xavier Carneiro Lobo. Fabrício Subtil de Oliveira. Fortunato Simão Ferreira (+ 1905 com 120 anos). Atanagildo Leandro Franco. José Antônio de Oliveira. Antônio Cândido Dutra. Francisco Adolfo de Oliveira. Delfino Vieira Rodrigues (+ 1903 com 93 anos). Aureliano Correia Teixeira. Francisco Ferreira da Silva Carepa (+ 1903 com 96 anos. Aniceto Ferreira da Mata. João Monica Ribeiro (+ 1903 com 115 anos). Geremias Pereira de Melo. Laurindo Batista Ferraz. Firmino Alves Teixeira Primo. Galdino Francisco Teixeira. Manuel Alves Teixeira. Paulino Antunes da Silva. Idelfonso Luís de Melo. José Gomes de Aguiar. João Antônio de Araújo (+ 1898). Elias José de Oliveira (pai de Francisco José de Oliveira). E muitos outros.



ELEITORES NA DÉCADA DE 1900

Com a colaboração do Dr. Gomercindo Canevese, oficial do Registro Civil, apresentamos a relação completa dos eleitores na década de 1900, em número de 876. Na filiação destes eleitores, figura grande parte dos pioneiros do povoamento do município. Havia então 529 criadores, colocando-se em segundo lugar os agricultores. Todos os eleitores assinaram seu nome completo com caligrafia elegante.

Alberto R. Fernandes Chaves, 35 anos, Juiz da C., casado, residência 1° d., filho de Des. Paulino R. F. Chaves;

Alfredo Dias de Moraes, 32 anos empreg. p., casado, residência 1° d., filho de Joaquim Dias de Moraes;

João Alves de Sousa Marques, 22 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Domiciano de Sousa Marques;

Francisco Gentil, 48 anos, negociante, casado, residência 1° d., filho de José Gentil;

Maximiliano de Almeida, 29 anos, empr. p., casado, residência 1° d., filho de Tristão José de Almeida;

Vicente de Paula Ferreira, 41 anos, advogado, solteiro, residência 1° d., filho de Pedro de P. Ferreira;

Paulo Alves de Sousa Marques, 38 anos, empr. p., casado, residência 1° d., filho de Domiciano de S. Marques;

Cândido Nogueira da Silva, 38 anos, empr. p., casado, residência 1° d., filho de Agostinho N. da Silva;

João Luvisetto, 42 anos, agricultor, casado, residência 1° d., filho de Francesco Luvisetto;

Francisco Delfino de Carvalho, 73 anos, Promotor ap., viúvo, residência 1° d., filho de Delfino Henriques de C.;

Alberto Marques Berthier, 43 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Tristão José de Almeida;

Cândido Dias de C. Guimarães, 55 anos, empreg. p., casado, residência 1° d., filho de João Dias de C. Guimarães;

Hildebrando do Amaral Fão, 64 anos, advogado, casado, residência 1° d., filho de Antônio Joaquim Dornelas;

Heleodoro de Morais Branco, 50 anos, empreg. p., casado, residência 1° d., filho de Antônio de Morais Branco;

Olivério Alves da Rosa, 30 anos, negociante, casado, residência, 1° d., filho de Gabriel Gomes de Oliveira;

Mário Galvão de Moura Lacerda, 28 anos, farmacêutico, casado, residência 1° d., filho de João Batista G. de M. Lacerda;

Agapito Dias de Carvalho Guimarães, 31 anos, empreg. p., casado, residência 1° d., filho de Cândido Dias de C. Guimarães;

Luís Pacheco de Quadros, 34 anos, negociante, casado, residência 1° d., filho de José Cirino P. de Quadros;

Artur Alves Cavalheiro, 38 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Francisca Maria;

João Garcez Ferreira de Andrade, 28 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Ferreira de Andrade;

Jacob Kauer, 28 anos, negociante, casado, residência 1° d., filho de Henrique Pedro Kauer;

João Augusto Moojen, 26 anos, negociante, casado, residência 1° d., filho de Augusto Edmundo Moojen;

Manoel José de Almeida, 40 anos, empreg. p., casado, residência 1° d., filho de João Manuel de Almeida;

Pedro Alves de Sousa Marques, 44 anos empreg. p., viúvo, residência 1° d., filho de Boaventura Francisco Pacheco, 41 anos, carpinteiro, casado, residência 1° d.;

João Subtil dos Anjos, 42 anos, empreg. p., casado, residência 1° d., filho de José Subtil das Dores;

Damiano José de Oliveira, 32 anos, empreg. p., casado, residência 1° d., filho de Sebastião José dos Reis;

Manuel Fabrício Vieira, 34 anos, comerciante, casado, residência 1° d., filho de Fabrício Inácio Vieira;

Joaquim Ant. de Almeida Silva, 65 anos, lavrador, solteiro, residência, 1° d., filho de Antônio José de Almeida;

Salvador Mariano de Almeida, 32 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Manoel de Almeida;

Pedro Mariano Pimentel, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de João Mariano Pimentel;

Martin Henrique da Silva, 40 anos sapateiro, casado, residência 1° d., filho de Henrique Hagg;

Mancílio José de Almeida, 22 anos, agricultor, solteiro, residência 1° d., filho de Paulino José de Almeida;

Salvador Antônio do Amaral, 39 anos, empreg. p., casado, residência 1° d., filho de Maria Antônia Dutra;

Francisco de Paula Pacheco, 45 anos, alfaiate, casado, residência 1° d., filho de José Sirino Pacheco de Quadros;

Otílio Rodrigues de Carvalho, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Maria Cândida de Sousa;

José Jacob Nácul, 35 anos, negociante, solteiro, residência 1° d., filho de Jacob Nácul;

Luís Fiel da Silva Rosa, 41 anos, criador, casado,

residência 2º d., filho de João Fiel da Silva;

Afonso Antônio de Matos, 31 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Antônio Afonso de Matos;

Ramiro Luís de Matos, 24 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Antônio Afonso de Matos;

Jaime Fiel da Silva, 22 anos, criador, casado, residência, 2º d., filho de João Fiel da Silva;

Filibino Afonso de Matos, 37 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Antônio Afonso de Matos;

Policarpo Antunes Maciel, 66 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Francisco Manuel Antunes;

Francisco Palhano Fortes, 42 anos, lavrador, casado, residência 2º d. filho de Manuel Palhano Fortes;

Bernardo Bueno dos Reis F., 42 anos, lavrador, viúvo, residência 2º d., filho de Bernardo Bueno dos Reis;

Joaquim Bueno dos Reis, 23 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Bernardo Bueno dos Reis;

Hurfiliano Ferreira da Silva, 22 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Jorge Pereira da Silva;

Henrique Antunes de Matos, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de Policarpo Antunes Maciel;

Fabício Lopes de Matos, 21 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Antônio Lopes de Matos;

Antônio Teixeira de Matos, 26 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Antônio Teixeira de Matos;

Bento Teixeira de Sousa, 46 anos, criador, viúvo, residência 2º d., filho de Manuel Bento de Sousa;

Boaventura Teixeira de Sousa, 38 anos, criador, casado,

residência 2° d., filho de Manuel Bento de Sousa;

Eduardo Abreu dos Santos, 36 anos, empreg. p., casado, residência, 1° d., filho de José Florêncio dos S. Pacheco;

Francisco Antônio de Oliveira, 37 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio José Francisco;

Manuel Pessoa da Silva, 48 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Luís Pessoa da Silva;

Francisco de Lima Franco, 40 anos, lavrador, casado, residência 2°, filho de Firmino Teodoro de Chaves;

Bernardino Moreira Leite, 35 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Moreira Leite;

Leopoldino Antônio de Rezende, 32 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio José de Rezende;

Antônio Ferreira da Silva, 21 anos, ferreiro, solteiro, residência 2° d., filho de Eduardo Ferreira da S. Carepa;

Luís Silveira Bittencourt, 52 anos, empreg. p., casado, residência, 1° d., filho de Zeferino S. Bittencourt;

João Jorge Pez, 40 anos, propriet, solteiro, residência 1° d., filho de Jorge Jacob Pez;

João Rodrigues Candeia, 21 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Rodrigues da Silva;

João Ferreira da Silva, 30 anos, negociante, solteiro, residência 1° d., filho de Francisco Ferreira da Silva;

Manuel Rodrigues Lisboa, 42 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Rodrigues Lisboa;

Sérgio Sutil das Dores, 24 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de José Sutil das Dores;

José Marques de Matos, 34 anos, lavrador, casado,

residência 1º d., filho de Manuel Correia de Matos;

Aureliano Antônio Moreira, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Daniel Antônio Moreira;

Filomeno Pereira Gomes, 25 anos, negociante, solteiro, residência 1º d., filho de Domingos Pereira Gomes;

Sulidônio de Oliveira Campos, 23 anos lavrador, solteiro, residência 1º d, filho de Marcolino Rodrigues de Campos;

Valentim Isaías Pacheco, 48 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de José Serino Pacheco de Quadros;

Arcelino Ferreira da Mota, 72 anos, lavrador, viúvo, residência 1º d., filho de Generoso Ferreira Bueno;

Raimundo José Ribeiro, 32 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de José Francisco Ribeiro;

Francisco Alves de S. Marques, 49 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Domiciano de Sousa Marques;

Teotônio Moreira Branco, 26 anos, lavrador, solteiro, residência, 1º d., filho de Félix Moreira Branco;

Antônio de Almeida Marcondes, 38 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Bento de Almeida Marcondes;

Manuel Antônio de Rezende, 66 anos, criador, viúvo, residência 1º d., filho de Antônio José de Rezende;

Antônio Amâncio de Lima, 26 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de José Amâncio de Lima;

José Raimundo de Matos, 27 anos, criador casado, residência 2º d., filho de Antônio Raimundo de Matos;

João Mariano Bueno, 25 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Antônio Mariano de Matos;

Joaquim Rodrigues Galvão, 44 anos, lavrador, solteiro,

residência 2° d., filho de Manuel Rodrigues Galvão;

Edmundo Palhano dos Santos, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de ■Joaquim Palhano da Rocha;

Emílio Pereira da Silva, 66 anos, casado, residência 1° d., filho de Apolinário Mendes da Silva;

Henrique José de Almeida, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Florêncio José de Almeida;

Cândido Domingues Garcia, 42 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Domingues Garcias;

Serafim Silveira Bittencourt, 23 anos, negociante, casado, residência 2° d., filho de Zeferino Sales de Bittencourt Filho;

Epifânio Florêncio de Godói, 24 anos, emp. públ., solteiro, residência, 2° d., filho de Cândido Florêncio de Godói;

Timóteo Antônio de Vilas Boas, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d, filho de João Porto de Vilas Boas;

Pedro Rodrigues Galvão, 28 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Rodrigues Galvão;

José Francisco Ventura, 29 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Francisco José de Albuquerque;

Jaime Domingues Teixeira Sobrinho, 35 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Alexandre Domingues Teixeira;

Bernardino Domingues Galvão, 31 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Manuel, Rodrigues Galvão;

Joaquim Subtil de Oliveira, 36 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Ireno Subtil de Oliveira;

Florêncio Leite de Godói, 33 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Cândido Florêncio de Godói;

Diogo Martinho de Bittencourt, 30 anos, emp. p., casado,

residência 2º d., filho de Zeferino Sales de Bittencourt Silveira;

Elpídio Rodrigues Chaves, 23 anos negociante, solteiro, residência 2º d., filho de Joaquim Rodrigues Chaves;

Silvino Francisco Ventura, 36 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de José Francisco Ventura;

Antônio Leite de Godói, 29 anos, brigadiano, casado, residência 2º d., filho de João Leite de Godói;

Francisco Leite de Godói, 26 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Cândido Florêncio de Godói;

Serafim Pimentel de Camargo, 26 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Joaquim Bueno de Camargo;

Erciliano Antônio de Camargo, 26 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Vitoriano Antônio de Matos;

Hildebrando Silveira Bittencourt, 23 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Francisco Silveira de Bittencourt;

Manuel Sales da Silva, 33 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Salvador da Silva;

João Rodrigues Teixeira, 50 anos, comerc., viúvo, residência 1º d., filho de Joaquim Teixeira Ávila;

Cassiano Florêncio de Godói, 21 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Cândido Florêncio de Godói;

Benvindo Alves de Campos, 25 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Felisberto Alves de Campos;

João José de Camargo, 25 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Francisca Maria da Silveira;

João Florêncio de Godói, 25 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Cândido Florêncio de Godói;

Luís Antônio de Rezende, 35 anos, criador, casado,

residência 1º d., filho de Manuel Antônio de Rezende;

Feliciano Atanásio da Silva, 38 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Atanásio Francisco da Silva;

José Prudente Ministriel, 25 anos, ourives, casado, residência 1º d., filho de Manuel Prudente Valente;

Arlindo Ferreira da Silva, 23 anos, ferreiro, solteiro, residência 1º d., filho de Francisco Ferreira da Silva;

José David de Oliveira, 30 anos criador, casado, residência 1º d., filho de David Antônio de Oliveira;

Deuclécio Ferreira da Silva, 26 anos, tropeiro, solteiro, residência 1º d., filho de Francisco Ferreira da Silva;

Ernesto Manuel Rodrigues, 38 anos, negociante, casado, residência 1º d., filho de Manuel Antônio Rodrigues;

Francisco dos Anjos Dumpierres, 59 anos, agricultor, viúvo, residência 1º d., filho de Iodo dos Anjos Dumpierres;

Francisco José Ribeiro, 39 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuela Ribeiro da Silva;

Benvindo Rodrigues Moreira, 52 anos, emp. p., solteiro, residência 2º d., filho de Rodrigo Antônio Moreira;

João Marques de Aguiar, 26 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Francisco Alves de Sousa Marques;

Otávio Alves de Oliveira, 22 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Francisco Adolfo Alves de Oliveira;

Augusto de Lemos Monteiro, 24 anos, carpinteiro, solteiro, residência 1º d., filho de José Inácio Monteiro;

Vidal Gonçalves de Meira, 28 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de Manoel Gonçalves de Meira;

Antônio Lúcio de Castilhos, 25 anos, lavrador, solteiro,

residência 2º d., filho de Antônio Manuel de Castilho;

Antônio Gonçalves de Meira, 31 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Manuel Gonçalves de Meira;

João Batista da Silva, 29 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Luciano José da Silva;

João Gonçalves de Meira, 22 anos criador, solteiro, residência 2º d., filho de Manuel Gonçalves de Meira;

Ernesto Vieira de Castilho, 23 anos, criador, casado, residência, 2º d., Antônio Manuel de Castilho;

Antônio Manuel de Castilho, 50 anos criador, casado, residência 2º d., filho de Lúcio de Castilho;

Bernardo Pessoa da Silva, 41 anos, negociante, casado, residência 1º d., filho de Luís Pessoa da Silva;

Celestino da Silva Dutra, 22 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Manuel Antônio Dutra;

Francisco Gonçalves de Meira, 35 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., Manuel Gonçalves de Meira;

Antônio Garcias de Rezende, 23 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Antônio de Rezende;

Juvenal Dámaso da Silveira, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de José Dámaso da Silveira;

João Maria Dias Nunes, 66 anos, farmacêutico, viúvo, residência 1º d., filho de José Antônio;

Marçal Ferreira de Carvalho, 49 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Tristão Teles de Carvalho;

Olivério Cardoso de Aguiar, 30 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Leopoldino Cardoso de Aguiar;

Estanislau de Oliveira Campos, 54 anos, criador, casado,

residência 1º d., filho de Marcolino Rodrigues de Campos;

José Manuel Antunes, 72 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Francisco Manuel Antunes;

Sebastião Antunes Maciel, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de José Maciel Antunes;

Eduardo Francisco de Albuquerque, 37 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Maria Micaela de Albuquerque;

Domingos José Ribeiro, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de Emiliano José Ribeiro;

João Lúcio Nunes, 49 anos, agrimensor, casado, residência 1º d., filho de Celestino Nunes;

Cristiano Hoffmann, 61 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Cristiano Hoffmann;

Guerino Moreira de Barros, 47 anos agrimensor, casado, residência 1º d., Manuel Moreira de Barros;

João B. Moreira de Melo, 29 anos, negociante, solteiro, residência 1º d., filho de Antônio Zeferino Moreira;

Maturino Afonso de Oliveira, 27 anos criador, solteiro, residência 1º d., filho de Marciano Afonso de Oliveira;

Heleodoro Borges dos Santos, 23 anos, criador, viúvo, residência 1º d., filho de Hildebrando Antônio dos Santos;

João Teles Moreira, 22 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Teles de Matos;

João Vicente Delgado, 48 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Jorge Delgado;

José Correia Leite, 53 anos, criador, casado, residência, 1º d., filho de Joaquim Correia Leite;

Delfino de Paula Néri, 34 anos, criador, casado, residência

2º d., filho de Francisco de Paula Néri;

Francisco Cesário Gomes, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Antônio Cesário Gomes;

José Manuel da Silva Moreira, 37 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Inácio Sutil de Oliveira;

João Bergamo, 39 anos, negociante, casado, residência 1º d., filho de Omobono Bergamo; Fermino Ribeiro da Silva, 27 anos criador, casado, residência 1º d., filho de Américo de Godói e Silva;

André Cristiano Hoffmann, 66 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Cristiano Hoffmann;

Lauro Marques de Aguiar, 27 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Francisco Alves de Sousa Marques;

Francisco Rodrigues Moreira, 27 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Benvindo Rodrigues Moreira;

Francisco Antônio Ribeiro, 52 anos criador, casado, residência 1º d., filho de Antonio Ribeiro Damasceno;

Basílio Soares da Silva 23 anos, casado, residência 1º d., filho de João Soares da Silva;

Sinfrônio Nunes da Silva, 22 anos, criador, solteiro, residência 3º d., filho de Manuel Nunes da Silva;

João Gomes da Silva, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Francisco Gomes da Silva;

Atanásio Manuel de Sousa, 27 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Antônio Hilário;

Júlio Cristiano Hoffmann, 30 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Cristiano Hoffmann;

Vitorino Ribeiro da Silva, 23 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Américo de Godói e Silva;



Teotônio da Silva Moreira, 25 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Joaquim da Silva Moreira;

Miguel da Silva Moreira, 23 anos, criador, casado residência 1° d., filho de Joaquim da Silva Moreira;

Ramiro Teles Moreira, 25 anos criador, casado, residência 1° d., filho de João Moreira Leite;

Claudino Teles Cordeiro, 29 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Teles Cordeiro;

Antônio Teles Cordeiro, 25 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Teles Cordeiro;

Paulo Tolentino dos Santos, 21 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel José dos Santos;

João Bueno dos Santos, 23 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de João Bueno dos Santos;

Fortunato Soares da Silva, 22 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Soares da Silva;

Desidério Alves Teixeira, 65 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Hipólito Alves Teixeira;

José Cristiano Hoffmann, 33 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Cristiano Hoffmann;

Daniel Teles Cordeiro, 26 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de João Teles Cordeiro;

Israel Ribeiro Leitão, 27 anos criador, casado, residência 1° d., filho de João Ribeiro Leitão;

João Pereira Damasceno, 44 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Pereira de Anchieta;

Antônio Pereira de Lima, 27 anos, criador, casado residência 1° d., filho de Claro José de Lima;

Claro Pereira de Oliveira, 50 anos, carpinteiro, viúvo, residência 2º d., filho de Cândido Pereira de Oliveira;

Feliciano Cirino Rodrigues, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de José Manuel Rodrigues;

Manuel Alves Palhano, 35 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Constante Palhano;

Venceslau Rodrigues Teixeira, 52 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Joaquim Teixeira d'Ávila;

Teodoro Rodrigues Teixeira, 40 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Joaquim Teixeira Ávila;

Felisbino Cirino Rodrigues, 29 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de José Manoel Rodrigues;

José Antônio de Araújo Mendes, 64 anos, criador, viúvo, residência, 1º d., filho de Manoel Mendes de Araújo;

Jamaria Florêncio de Godói, 56 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Antônio Florêncio de Godói;

Antônio Pereira de Anchieta, 67 anos criador, casado, residência 1º d., filho de José Pereira de Anchieta;

Salustiano Manuel do Carmo, 25 anos criador casado, residência 1º d., filho de Manuel Américo do Espírito Santo;

Bernardo Antônio de Oliveira, 38 anos, negoc., casado, residência 1º d., filho de David Antônio de Oliveira;

Antério Pereira Bueno, 27 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de José Pereira de Oliveira;

Pedro Soares da Silva, 27 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Soares da Silva;

Barnabé Eleutério da Luz, 63 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Manuel José da Luz;

Manuel Lima Boaventura, 32 anos, negoc., casado, residência 1° d., filho de Manuela Maria Inácia;

Augusto Rodrigues dos Passos, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de João Leite dos Passos;

João Rodrigues dos Passos, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio José dos Passos;

Firmino Ferraz da Luz, 32 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Barnabé Eleutério da Luz;

Afonso Eleutério da Luz, 29 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Barnabé Eleutério da Luz;

José Simpliciano da Luz, 26 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Barnabé Eleutério da Luz;

Osório Cirino dos Santos, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de José Cirino dos Santos Barreto;

Joaquim Nogueira Pinto, 26 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Nogueira Pinto;

Porfírio Martins Duarte, 46 anos, lavrador, viúvo, residência 1° d., filho de Raimundo José Duarte;

Eustáquio Alves da Silva, 40 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Alves da Silva;

Elias Antônio dos Passos, 28 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio José dos Passos;

Antônio Rodrigues Barbosa, 25 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Leucádia Maria de Chaves;

Hemetério Teles do Amaral, 30 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral;

Manuel Pereira Vieira, 52 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Pereira Vieira;

Alípio Ferreira dos Santos, 33 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de José Francisco dos Santos;

Henrique Hoffmann, 39 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de André Cristiano Hoffmann;

José Juvêncio da Luz, 67 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel da Luz Eleutério;

Henrique Luís Klippel, 56 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Adão Klippel;

João Lopes de Miranda, 22 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de José Lopes de Miranda;

Manuel Francisco dos Santos, 28 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco José dos Santos;

João Antunes dos Santos, 25 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco José dos Santos;

Ovídio Bueno de Camargo, 28 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Bueno de Camargo;

Francisco José dos Santos Pereira, 41 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Fortunato Justo dos Santos;

João Amâncio de Lima, 42 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de José Amâncio de Lima;

Francisco Ferrari, 37 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de José Ferrari;

João Rodrigues de Moraes, 30 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Fortunato Rodrigues de Moraes;

Bento José do Amaral, 45 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco Gurgel do Amaral;

Luís Antônio de Godóis, 31 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Maria da Silva;



Joaquim Vieira do Prado, 22 anos criador, solteiro, residência 2° d., filho de José Leonardo Prado;

João Rodrigues Galvão, 29 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Rodrigues Galvão;

Honorato Mariano Bueno, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio Mariano Bueno;

Joaquim Manuel da Silveira, 57 anos, criador, casado residência 2° d-, filho de Manuel Teodoro da Silveira;

José Simão do Prado, 34 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Ana Simão da Cruz;

Lúcio José de Castilho, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de José Maria de Castilho;

Osório Dámaso da Silveira, 39 anos, criador, casado, residência 1° d-, filho de José Dámaso da Silveira;

Viridiano Gomes de Almeida, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Inocêncio Gomes de Almeida;

João Moreira Leite, 52 anos, criador, casado, residência 1° d. filho de Manoel Moreira Leite;

Sezefredo Ferreira Guimarães, 26 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Vieira Rosa;

Valeriano José de Lima, 25 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Hermenegildo José de Lima;

João Correia Lima, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de José Correia Leite;

Antônio Teles Moreira, 33 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Moreira Leite;

Joaquim Manuel Caetano, 60 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Camilo Antônio de Matos;

Abílio Pereira de Campos, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Dionísio Pereira de Campos;

Eduardo Alves Osório, 54 anos, criador, viúvo, residência 2° d., filho de José Bento Osório;

José Ant. Rezende Sales, 28 anos, criador, solteiro, residência 2° d filho de Antônio José Rezende;

André Pereira Bueno, 23 anos, jornaleiro, solteiro, residência 1° d., filho de José Pereira de Oliveira;

Porfírio Manuel Antunes, 42 anos, criador, casado, residência 2° d. filho de José Manuel Antunes;

Manuel Severiano Machado, 50 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Severiano. Machado da Silva;

José Domingues da Mota, 35 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Domingues da Mota;

Bernardino José de Lima, 26 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Geremias José de Lima;

João Ferreira Cheles, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Inácio José Ferreira;

João José Ferreira, 45 anos, criador, viúvo, residência 2° d., filho de José Leonardo Ferreira;

Francisco Henriques de Sales, 49 anos lavrador, casado, residência 2° d., filho de Rita Ferreira de Moraes;

João Batista Ramos, 23 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio Leite do Prado;

Otaviano d'Ávila, 24 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Narciso Teixeira d'Ávila;

Roberto Boeno dos Santos, 52 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de João Bueno dos Santos;

João Luis Sobrinho Hoffmann, 25 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Cristiano Hoffmann Sobrinho;

Raimundo Francisco Mendes, 37 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Teodósio Francisco Mendes;

Arlindo Francisco Mendes, 23 anos; criador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio Francisco Mendes;

Renato d'Ávila, 21 anos criador, solteiro, residência 3° d., filho de Narciso Teixeira d'Ávila;

João Paulino de Sousa, 31 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Luís Paulino de Sousa;

Andrino Pereira Machado, 23 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Pereira Machado;

Inácio Pessoa da Silva, 43 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Luís Pessoa da Silva;

Adriano Alves Rodrigues, 28 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de João Alves Rodrigues;

Antônio da Silva Resende, 30 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio José Resende;

Gabriel Cornélio dos Santos, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de José Cornélio da Silva;

Felisberto Lopes de Abreu, 47 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Lúcio Lopes de Abreu;

Heleodoro José de Lima, 21 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Pedro José de Lima;

Agustinho Daniel Moreira, 38 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Daniel Leite;

Manuel Joaquim dos Santos Barreto, 21 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Laurindo dos Santos Barreto;

Olímpio Inácio Nunes, 23 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Manuel Inácio Nunes;

Luís Paim de Andrade, 23 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Adolfo Gomes Paim de Andrade;

Francisco de Sales Bueno, 46 anos, negoc., casado residência 3° d. filho de Generoso de Sousa Bueno;

Silvano José dos Santos, 53 anos, lavrador, viúvo, residência 2° d., filho de Fidêncio dos Santos;

Tristão Pereira Bueno, 23 anos, negoc., solteiro, residência 1° d., filho de Francisco Pereira Bueno;

Francisco Alves Osório, 27 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Eduardo Alves Osório;

Emídio Alves Osório, 27 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Eduardo Alves Osório;

Vergílio Antônio de Sousa, 24 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Firminiano Figueiredo;

Teodoro José de Paula, 24 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Clemência Maria de Jesus;

Henrique Pereira de Almeida, 27 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Pereira de Almeida;

Manuel Pereira de Almeida, 57 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Jezuino Pereira de Anchieta;

Isaías Pereira de Almeida, 28 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Pereira de Almeida;

João Pereira de Anchieta, 44 anos, lavrador, viúvo, residência 1° d., filho de Jezuino Pereira de Anchieta;

Laurindo Pereira de Almeida, 21 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Pereira de Almeida;

Sebastião Pereira de Almeida, 23 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Manuel Pereira de Almeida;

Antônio Ferreira da Silva, 24 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Manuel Ferreira da Silva;

Saturnino G. de Andrade, 47 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de João Antônio Machado;

Agustinho Ferreira da Silva, 22 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Manuel Ferreira da Silva;

João Bueno Candeia, 23 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Antônio Bueno Candeia;

Antônio Francisco Mendes, 34 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Teodósio Francisco Mendes;

Manuel Júlio Garcez, 23 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Júlio Ferreira Garcez;

Francisco Moreira de Melo, 32 anos criador, casado, residência 1º d., filho de Antônio Zeferino Moreira;

Lúcio Gomes Cavalheiro, 31 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Francisco Gomes Cavalheiro;

José Alves Ferreira, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Maximiliano Alves Rodrigues;

Saturnino Amado Xavier, 46 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Amado Xavier;

José Florêncio Lemos, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Roque José de Lemos;

Gregório Juvêncio da Luz, 22 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de José Juvêncio da Luz;

Salvador Juvêncio da Luz, 24 anos criador, solteiro, residência 2º d., filho de José Juvêncio da Luz;

Antônio Ricardo da Silva, 36 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Atanásio Francisco da Silva;

Joaquim Antunes Pinto, 38 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Antunes Pinto;

João Cardoso de Aguiar, 39 anos, criador casado, residência 1° d., filho de Inácio Leopoldino de Aguiar;

Marciano Afonso de Oliveira, 49 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de David Antônio de Oliveira;

David Afonso de Oliveira, 21 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Marciano Afonso de Oliveira;

Salustiano Monteiro da Silva, 27 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Pedro Monteiro da Silva;

Conceição Alves da Silva, 31 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Alves da Silva;

José Lemos Monteiro, 34 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Inácio Monteiro;

Sebastião Alves Ferreira, 34 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Alves de Castro;

Elpídio de Paula Guedes, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Francisco de Paula Guedes;

Venceslau Mendes de Lima, 29 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Israel Francisco Mendes;

Simão Mendes de Lima, 26 anos, solteiro, residência 1° d., filho de Israel Francisco Mendes;

João Ferreira Dalmácio, 27 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Maximiano Alves Rodrigues;

José Luís Machado Pereira, 21 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Rafael Machado Pereira;



Elpídio Mendes de Lima, 27 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Israel Francisco Mendes;

Manuel Teles Moreira, 38 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Moreira Leite;

Pedro Borges dos Santos, 50 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Hildebrando Antônio dos Santos;

José Pereira Boeno, 45 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de José Pereira de Oliveira;

João Teodoro de Chaves, 35 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Francisco Teodoro de Chaves;

Maciel Teodoro de Chaves, 36 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Francisco Teodoro de Chaves;

Francisco Teodoro de Chaves, 69 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Francisco Teodoro de Chaves;

Francisco Esquina, 29 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Aparício Esquina;

Júlio Ferreira Garcez, 46 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Joaquim Moreira Garcez;

Pedro Alves Pereira, 39 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Antônio Pereira de Anchieta;

Basílio Pereira Lima, 22 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Claro José de Lima;

Faustino Tavares Vieira, 66 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de João Tavares Vieira;

Claro Florêncio de Lima, 32 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de João Florêncio de Lima;

Gustavo Feijó, 43 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de João Sousa Feijó;

Alípio Manuel Ferreira, 36 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Joaquim Manuel Ferreira;

João Alves Mendes Sobrinho, 33 anos, criador, solteiro, residência 1 d., filho de Antônio Alves Mendes;

Ernesto José Almeida, 36 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Tristão José de Almeida;

Florêncio Teles Pereira, 33 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Domingos José Pereira;

Joaquim Miguel Pereira, 34 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Joaquim Manuel Ferreira;

Alexandre Antônio de Góis Vieira, 62 anos, criador, casado, residência 1 d., filho de Bernardino Antônio de Jesus; Alfredo Tavares de Vieira, 28 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Faustino Tavares Vieira;

Hermes Inácio Antônio, 28 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Inácio Galvão;

Jacinto Inácio dos Santos, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Miguel Inácio da Costa;

Angelo Soares da Silva, 25 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Soares da Silva;

João Ferreira de Moraes, 55 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Fernandes de Moraes;

Gustavo Francisco de Candeia, 33 anos, criador, solteiro, residência 1 d., filho de Alfredo Antunes de Lima;

João Aniceto da Silva, 39 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim da Silva Moreira;

Manoel Pedro de Alves Mendes, 66 anos, casado, residência 2° d., filho de Manuel Mendes de Araújo;

Henrique de Góis Vieira, 22 anos criador, solteiro, residência 1° d., filho de Alexandre Antônio de Góis Vieira;

Alcides Mariano Pimentel, 23 anos alfaiate, solteiro, residência 1° d., filho de João Mariano Pimentel;

Hortêncio José Pinheiro, 46 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Leonardo **José Pinheiro**;

Serafim José Pinheiro, 22 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Hortêncio José Pinheiro;

José Ferreira de Lima, 23 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Hermenegildo José de Lima;

José Antônio Machado, 70 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Mendes de Araújo;

Manuel Rodrigues da Costa, 50 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Rodrigues da Costa;

Filipe Olímpio Barreto do Amaral, 35 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral;

Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral, 65 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Barreto do Amaral Fontoura;

Boaventura Américo de Aguiar, 78 anos, criador, viúvo, residência 1° d., filho de Antônio Américo Aguiar;

Silvano Nunes da Silva, 35 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Manuel Nunes da Silva;

Sátiro José Fernandes, 51 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Joaquim Antônio Fernandes;

José Sirino Pacheco de Quadros, 75 anos, empr. p., viúvo, residência 1° d., filho de Isaías Pacheco de Quadros;

Fidêncio Nunes da Silva, 26 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Nunes da Silva;

Osório Bueno da Rocha, 40 anos, criador, solteiro, residência 3º d., filho de Antônio Joaquim Bueno;

Ildefonso Alves Lourenço de Lima, 36 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de José Lourenço de Lima;

Emílio Rodrigues Leite, 36 anos, criador, viúvo, residência 1º d., filho de Firmino Rodrigues Leite;

Otávio Ferreira de Andrade, 24 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Antônio Ferreira de Andrade;

Tito Lívio Muliterno, 25 anos criador, casado, residência 1º d., filho de José Muliterno;

João Francisco de Santana, 37 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Domingos José de Santana;

Ângelo Luís de Bairos, 32 anos, criador, casado, residência 1º d., José Luís de Bairos;

João Soares de Barros, 50 anos empr. p., casado, residência 1º d., filho de João Soares de Barros;

José Osório Mendes, 25 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Francisco Bento Osório;

Arcênio Mendes Osório, 22 anos criador solteiro, residência 1º d., filho de Francisco Bento Osório;

Francisco Bento Osório, 50 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de José Bento Osório;

Francisco Ferreira Carpes, 40 anos, e. público, casado, residência 1º d., filho de Rufino Ferreira Carpes;

Afonso Alves Ferreira, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de Felisberto Ferreira da Silva;

Delfino Hoffmann de Chaves, 21 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Antônio Gonçalves de Chaves;



Afonso Alves dos Santos, 23 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de José Florêncio dos Santos Pacheco;

José Florêncio dos Santos Pacheco, 77 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Custódio de Paula;

Sesefredo José Ferreira, 75 anos, agricultor, viúvo, residência 3° d., filho de Leonardo José Ferreira;

Bernardo Lourenço da Luz, 44 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Juvêncio da Luz;

Polidoro José de Lima, 24 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Claro José de Lima;

Henrique Vieira do Prado, 30 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Lemos do Prado;

Simão Henriques de Sales, 28 anos agric. casado residência 2° d., filho de Francisco Henriques de Sales;

Sebastião Antônio de Oliveira, 26 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Narciso Antônio de Oliveira;

Roberto José de Campos, 51 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de João José de Campos;

Florentino Pinto de Andrade, 43 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Atanagildo Pinto de Andrade;

Dinarte da Costa Leite, 24 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Pedro da Costa Leite;

José Ferreira da Silva, 34 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Porfírio Ferreira França;

José Chicuta Vieira, 45 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Crescêncio Chicuta Vieira;

Lúcio Manuel do Carmo. 37 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel do Espírito Santo;

Pedro Alberto do Amaral, 51 anos, carpinteiro, casado, residência 1° d., filho de Manuel Antônio Pedroso;

Silvino José Ribeiro, 27 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Francisco Ribeiro;

Floresbelo Rodrigues da Silva, 44 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Florisbelo Rodrigues;

Vítor de Moraes Branco, 26 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Heleodoro de Moraes Branco;

Firmino Jacques Vieira, 33 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Joaquim Jacques da Silva;

Claro Manuel do Carmo, 23 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Américo;

Felisberto Bicudo do Amarante, 37 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Bicudo do Amarante;

Raimundo Guerbari, 24 anos lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de João Guerbari;

Amândio José Ramos, 36 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de José Alves Ferreira;

Joaquim Gonçalves de Sousa, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Gonçalves de Sousa;

Ernesto Lacerda Vieira, 25 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de José Amâncio de Lima;

José Gonçalves de Meira, 38 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Gonçalves de Meira;

Manuel Amâncio de Lima, 38 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Amâncio de Lima;

Augusto Ferrari, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de José Ferrari;

Estêvão Nunes da Fonseca, 27 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Serafim José Nunes;

João Lúcio de Castilho, 54 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Lúcio de Castilho;

Raimundo de Almeida Ramos, 36 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de José Ramos de Araújo;

Narciso de Barros Pais, 22 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Amantino de Barros Pais;

Ricardo Paulo do Nascimento, 52 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Inácio José de Paula;

Salvador Antônio de Matos, 25 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Valêncio de Matos;

Jacinto Henriques de Sales, 22 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Francisco Henriques de Sales;

João Lopes de Santana, 28 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Antônio de Santana;

Elói Lopes de Santana, 24 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Antônio de Santana;

Alfredo José Machado, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Felicíssimo José Machado;

João Ventura Américo, 44 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Boaventura Américo de Aguiar;

Joaquim Ribeiro da Silva, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Ribeiro de Oliveira;

Felipe Sales de Bittencourt, 45 anos, e. público, casado, residência 2° d., filho de Zeferino Sales de Bittencourt;

Demétrio Porto Vieira, 23 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Marcolino Pereira Vieira;

Osório Porto Vieira, 22 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Marcolino Pereira Vieira;

Lauro d'Ávila, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 3° d., filho de Narciso Ferreira d'Ávila;

Belarmino Américo da Veiga, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Justino da Veiga;

José Alves Pereira, 38 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Alves das Chagas;

Fausto Alves Pereira, 41 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Alves das Chagas;

José Ferreira Nunes, 28 anos, criador casado, residência 1° d., filho de Antônio José Ferreira;

Pedro Teles do Amaral, 42 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Fidêncio Barreto do Amaral;

Vidal Antunes Pinto, 49 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Antunes Pinto;

Ireno Ribeiro Machado, 27 anos, criador, solteiro residência 1° d., filho de João Ribeiro de Trindade;

Olivério Barreto do Amaral, 36 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral;

Florêncio Rosa de Oliveira, 33 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Vicente Rosa Sutil;

Osório Pinto Ribeiro, 29 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Geremia Pinto Ribeiro;

Florêncio Antunes Pinto, 42 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Antunes Pinto;

Artur Soares de Lima, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio Soares Castanho;

João Teles de Sousa, 41 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Evaristo Teles de Sousa;

Jacob Noé, 46 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Jacob Noé;

Rufino Rodrigues Borges, 28 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de Francisco Rodrigues Borges;

Augusto de Sousa Godinho, 26 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Laurindo de Sousa Godinho;

João Batista de Oliveira, 27 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Jeremia Pinto Ribeiro;

Crispim Silveira de Sousa, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Amândio Silveira de Sousa;

Pedro Borges Vieira, 22 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Manuel Borges Vieira;

Demétrio Teles Ribeiro, 26 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Francisco Teles Ribeiro;

Carlos Antônio de Sousa, 22 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Antônio Firmino de Figueiredo;

Pedro Alves Osório, 22 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Eduardo Alves Osório;

Antônio Firmino de Figueiredo, 64 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Manuel Firmino de Figueiredo;

Lúcio Antunes de Matos, 22 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Bento de Almeida Matos;

Hermelino Teodoro de Moraes, 50 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Constante Simão de Moraes;

Guilherme Finger, 42 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Henrique Finger;

Antônio Pereira dos Santos, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de José Pereira Faes;

Angelino Ribeiro dos Santos, 41 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Cláudio Alves dos Santos;

Valentim Alves Teixeira, 40 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Alves Teixeira;

Diogo Dias de Moraes, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de João Dias de Moraes;

Hortêncio Francisco Mendes, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Francisco Mendes;

Severiano Alves da Silva, 36 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Alves Teixeira;'

João Cândido Mendes, 34 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Cândido Mendes Marques;

Máximo Martins de Oliveira, 32 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Antônio Martins;

Francisco Rodrigues Quilns, 39 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Antônio Rodrigues Quilns;

Isaías Pereira de Anchieta, 50 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Jesuíno Vieira de Anchieta;

João José Barbosa, 45 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Joaquim José Barbosa,

Tomé Pereira Vieira, 25 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Tomé Vieira;

Jerônimo Aparício Rodrigues de Lima, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Jerônimo Rodrigues de Lima;

Isauro Rodrigues de Lima, 24 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Jerônimo Rodrigues de Lima;



José Rodrigues de Lima Sob., 28 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Jerônimo Rodrigues de Lima;

Arão José dos Passos, 26 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Inácio José dos Passos;

Lúcio Lauriano de Sousa, 23 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Manuel de Sousa;

José Valêncio dos Santos, 30 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Fidêncio José dos Santos;

Jomnes Teodoro da Silva, 39 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Pereira da Silva;

João Florêncio de Lima, 65 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Joaquim Lima;

Onofre Gregório da Silva, 32 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Gregório Xavier Teixeira;

Júlio César Machado Lima, 30 anos criador, solteiro, residência 3° d., filho de Inácio da Nóbrega Lima;

Otávio Machado Cornélio, 37 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Frederico Valentim Cornélio;

Israel Teles de Sousa, 64 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Evaristo Teles de Sousa;

Eliseu Nunes da Supessão, 22 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Maria Anastácia da Supessão;

Pedro Pinto Ribeiro, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Prudente Pinto Ribeiro;

José Inácio de Sousa Cabral, 39 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Antônio Inácio de Oliveira;

Almênio da Silva Coitinho, 39 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Francisco da Silva Coitinho;

Vítor Antônio Vieira, 22 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Alexandre Antônio de Góis Vieira;

Alfredo Rodrigues de Oliveira, 25 anos, lavrador, casado, residência 3º d., filho de José Pedro Rodrigues;

Manuel Mendes de Araújo Filho, 24 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Manuel Pedro de Araújo Mendes;

Simão Antônio Martins, 29, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Antônio Martins;

Severiano José de Lima, 23 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Jeremias José de Lima;

Domingos Martins de Melo, 32 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Filomeno Vilarino Batista;

Terêncio Joaquim Barbosa, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Manuel Joaquim Barbosa;

Antônio Pinto de Oliveira, 29 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Geremias Pinto Ribeiro;

Argemiro Alves Osório, 26 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Eduardo Alves Osório;

Marcos Bueno Ribeiro, 22 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de José Bueno Ribeiro;

Otávio Afonso de Matos, 23 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Antônio Afonso de Matos;

José Bueno Ribeiro, 53 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de João Bueno Ribeiro;

Galvão Bueno Ribeiro, 26 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de José Bueno Ribeiro;

Miguel Bueno Ribeiro, 24 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de José Bueno Ribeiro;



Alexandre Vieira da Luz, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Vieira da Luz;

Inocência Propício da Silva, 43 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Propício da Silva;

Paulo Propício da Silva, 39 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Propício da Silva;

Francisco Luís de Barros, 36 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de José Luís de Barros;

Geminiano Moreira de Melo, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio Zeferino Moreira;

João Borges de Camargo, 45 anos, criador, casado, residência, 2° d., filho de Antônio Borges da Silva;

Francisco Ferreira da Silva, 33 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Ursulina Maria da Silva;

Antônio Borges de Camargo, 38 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Borges da Silva;

Ângelo Alves Teixeira, 40 anos lavrador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Alves Teixeira;

Laurindo Borges de Camargo, 43 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Borges da Silva;

Felisbino Luís de Barros, 32 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de José Luís de Barros;

Pedro Antunes Ribeiro, 36 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Antunes Maciel;

Francisco Borges de Camargo, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Gabriel Correia Borges;

Geremias Correia Borges, 39 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Borges da Silva;

Florêncio de Godóis e Silva, 32 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Fernando de Godóis e Silva;

Claro Alves de Campos, 32 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João de Deus Campos;

João Alves da Silveira Sob., 32 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Alexandre;

Gabino Nunes Xavier, 30 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Nunes Xavier;

Francisco Moreira e Silva, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Paulo Moreira Leite;

Emídio Vieira da Luz, 29 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Vieira da Luz;

José Pereira de Anchieta, 42 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Jesuíno Pereira de Anchieta;

Antônio de Oliveira Matos, 57 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Jesuíno Antônio de Matos;

Jordão Marques da Rocha, 69 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Joaquim Marques;

Francisco José da Silva; 29 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio José da Silva;

Alberto de Dias de Castro, 28 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de João Antônio de Castro;

Joaquim Manuel Ferreira, 69 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Olivério Manuel Ferreira;

João Pedro Andara, 39 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Pedro Gomes Andara;

Guilherme Hoffmann, 45 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de André Cristiano Hoffmann;



Salvador de Oliveira Prestes, 45 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de José Francisco de Oliveira;

Narciso Teixeira d'Ávila, 64 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Salvador Teixeira D'Ávila;

José Vieira de Sousa, 30 anos, criador, casado, residência 3° d., - - -

Paulino Teles Cordeiro, 34 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Teles Cordeiro;

Felipe Ribeiro dos Santos, 25 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Claudiano Alves dos Santos;

Valêncio Alves de Andrade, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Antônio Dutra;

Pedro Lúcio de Castilho, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de João Lúcio de Castilho;

Tertuliano Luís de Bittencourt, 37 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Luís de Bittencourt;

Francisco de Paula Guedes, 65 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Joaquim de Paula Mesquita;

Inocência Pereira Mendes, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Veríssimo Alves Mendes;

Heleodoro Pereira da Silva, 26 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Pereira da Silva;

Justino José Ramos, 29 anos, lavrador, casado residência 1° d., filho de Antônio José Ramos;

Dámaso Alves de Almeida, 34 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Alves de Almeida;

Hermenegildo Alves de Almeida, 33 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Salvador Alves da Chaga;

Justino José Ferreira, 26 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio José Ferreira;

Francisco Américo de Aguiar, 51 anos, criador, viúvo, residência 1° d., filho de Boaventura Américo de Aguiar;

Alfredo Subtil das Dores, 29 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Oliveira Subtil das Dores;

Gabriel Dias Ribeiro, 25 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Galvão Ribeiro;

Manuel Nunes Xavier, 56 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Nunes Vieira;

José Joaquin de Oliveira, 24 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Manuel Joaquim de Oliveira;

João Moreira de Barros, 41 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Moreira de Barros;

Maurício Horácio Barbosa, 28 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Pedro Barbosa;

Crispim Xavier da Silva, 23 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Eva Fagundes Castro;

Gregório José Osório de Almeida, 32 anos, carpinteiro, casado, residência 1° d., filho de João Manuel de Almeida;

Francisco Fagundes Teixeira Coelho, 30 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Pedro Fagundes Teixeira Coelho;

Napoleão Ferreira da Silva, 28 anos, ferreiro, casado, residência 2° d., filho de Eduardo Ferreira da Silva;

Pedro Teles de Sousa, 28 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de José Teles de Sousa;

Joaquim José dos Passos, 48 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de José Joaquim dos Passos;

Carlos Michels, 43 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Jacó Michels;

Pedro Antônio da Silva Sob., 24 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Ricardo Antônio da Silva;

José Antônio da Silva, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Ricardo Antônio da Silva;

Manuel Correia de Quadros, 43 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de José Correia de Quadros;

Manuel Alves dos Santos, 36 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Júlio Alves dos Santos;

João Alves dos Santos, 38 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Júlio Alves dos Santos;

Porfírio Antunes Pereira, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio Antunes Pereira;

Marcelino Correia de Quadros, 21 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de José Correia de Quadros;

Amador Gregório da Silva, 46 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de A Marques da Silva;

Aníbal Silveira de Rezende, 32 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Francisco Antônio Rezende;

Antônio Marques Ribeiro, 22 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de João Lourenço Ribeiro;

Júlio Sutil de Oliveira, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 3° d., filho de Matilde de Oliveira;

Pedro Ferreira Lima, 24 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Hermenegildo José de Lima;

Pedro Alves da Silveira Filho, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Pedro Alves da Silveira;

Pedro José de Lima, 43 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Claro José de Lima;

José Teles Rodrigues, 23 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Mariano José Rodrigues;

Mariano José Rodrigues, 42 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de José Rodrigues Garcia;

Manuel Miguel Ribeiro, 44 anos, criador, casado, residência 3º d., filho de Antônio Ribeiro;

Pedro de Freitas Vieira, 27 anos, criador, casado, residência 3º d., filho de Ângelo de Freitas Vieira;

Valêncio Ferreira da Silva, 38 anos, ferreiro, casado, residência 1º d., filho de Francisco Ferreira da Silva;

Belisário Agostinho Campos, 56 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de João de Góis Campos;

Gustavo Agostinho de Campos, 22 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Belisário Agostinho de Campos;

Vasco Alves Moreira de Melo, 31 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Antônio Zeferino Moreira;

Manuel Eusébio do Amaral Ferreira, 29 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Licínio Gonçalves Ferreira;

Alberto Alves de Campos, 25 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Francisco Alves Teixeira;

Zeferino Antunes da Silva, 54 anos criador, solteiro, residência 1º d., filho de João Antunes Maciel;

Delfino Moreira de Melo, 25 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Antônio Zeferino Moreira;

João Marques da Silva, 27 anos criador, casado, residência 1º d., filho de José Marques Antunes;

Diogo Antônio de Oliveira, 38 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Antônio José Francisco;

João Teixeira de Camargo, 38 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Zeferino Teixeira de Camargo;

Floriano José de Sousa, 28 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Honorato José de Oliveira;

Valêncio Alves Valente, 40 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Alves Valente;

Manuel Teles de Matos, 49 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Evaristo Teles de Sousa;

Francisco Bermírio da Silva, 43 anos, lavrador, casado, residência, 1° d., filho de Bermírio Inácio da Silva;

Avelino Soares Borges, 29 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio Inácio Soares;

Sérgio de Paula Néri, 26 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco de Paula Néri;

Osório Manuel de Sousa, 28 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Antônio Hilário;

Jordão Ribeiro de Melo Sob., 50 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio de Melo;

Inácio Dias da Silva, 26 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Maria Dias da Silva;

Paulo Ribeiro Leitão, 35 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de João Ribeiro Leitão;

José Batista de Almeida, 40 anos, carpint., solteiro, residência 1° d., filho de João Batista de Almeida;

Salvador Antônio Gonçalves, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Gonçalves de Meneses;

Alfredo Alves de Campos, 30 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Firmino Alves Teixeira;

Claro Lourenço dos Santos, 32 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Francisco Lourenço dos Santos;

Júlio Ribeiro Leitão, 35 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Clemente Ribeiro Leitão;

Júlio Alves Mendes, 35 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio Alves Mendes;

Onofre Bueno dos Santos, 55 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de João Bueno dos Santos;

Vicente Antunes Maciel, 65 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco Manuel Antunes;

João Bueno dos Santos, 22 anos carpint., solteiro, residência 1° d., filho de Onofre Bueno dos Santos;

Ildelfonso Fagundes de Sousa, 30 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Fagundes de Sousa;

Cecílio Fermino de Figueiredo, 36 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Fermino de Figueiredo;

José Francisco de Vargas, 37 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de João Nunes de Vargas;

Luís Alves dos Santos, 32 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de José Florêncio dos Santos Páscoa;

Francisco Teles de Matos, 21 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Teles de Matos;

José Castelano, 39 anos, alfaiate, casado, residência 1° d., filho de Domingos Castelano;

Ulisses Teodomiro de Andrade, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel José Pereira de Andrade;



Serafim José Nunes, 62 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Firmino José Nunes;

Antônio Nunes da Fonseca, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Serafim José Nunes;

João Antônio de Matos, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Lúcio Antônio de Matos;

Simão Vitorino de Almeida, 50 anos, pedreiro, casado, residência 1° d., filho de João Manuel de Almeida.

José Ferreira da Silva, 31 anos, ferreiro, casado, residência 1° d., filho de Francisco Ferreira da Silva;

José dos Santos Barreto, 24 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Laurindo dos Santos Barreto;

João Gabriel Ribeiro, 30 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Gabriel Narciso de Melo;

Marcolino Pereira Vieira, 47 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Pereira Vieira;

Virgínio Dall'Igna, 27 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Antônio Dall'Igna;

Hortêncio José Barbosa, 22 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de João José Barbosa;

Tomás Loureiro de Melo, 37 anos, e. público, casado, residência 1° d., filho de José Loureiro de Melo;

Salustiano Manuel Joaquim, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Maximiano Manuel Joaquim;

João Decarli, 35 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Inocente Decarli;

Hortêncio Teles da Silva, 32 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Silvano da Silva Moreira;

Antônio Correia de Lacerda Loló, 30 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Rezende Correia de Lacerda;

Serafim Pinto de Camargo, 40 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Pedro José de Oliveira;

Pedro Vieira Gonçalves, 51 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Pedro Vieira Gonçalves;

Pantaleão Cardoso de Aguiar, 32 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Inácio Leopoldino de Aguiar;

Valeriano Ribeiro Leitão, 28 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de João Ribeiro Leitão;

Virgílio José de Lima, 33 anos, criador, casado residência 2° d., filho de Isaías José de Lima;

Valério Lopes de Abreu, 33 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Eusébio Lopes de Abreu;

João Lopes Brum, 27 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Lopes Ferreira;

Fortunato Xavier de Castro, 24 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Florêncio Xavier de Castro;

Adriano José do Nascimento, 28 anos, criador, casado, residência, 2° d., filho de Bernardo José do Nascimento;

João Pereira Machado, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Roberto Pereira Machado;

Manuel Alexandre Ferreira, 48 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Ana Pereira;

Horácio Lopes Brum, 23 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Manuel Lopes Ferreira;

Mateus Lopes Brum, 35 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Lopes Ferreira;



João José Machado, 44 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Jesuíno José Machado;

Gesuíno Ribeiro de Melo, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Jordão de Melo;

Jesuíno Pereira de Anchieta, 30 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Pereira de Almeida;

Francisco Alves Rodrigues, 38 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de José Alberto Alves;

Sebastião Antunes de Matos, 28 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Lucidoro Domingues de Matos;

Luís Piovezan, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de José Piovezan;

Claro José de Lima, 55 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Claro José de Lima;

Leriano José de Almeida, 54 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Pedro José de Almeida;

Júlio Maximiliano Pimentel, 30 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Antônio Maximiano Hannver;

Alfredo Policênio de Sousa, 34 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Antônio Policênio de Sousa;

Diogo da Silva Soares, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 3° d., filho de João da Silva Soares;

Ismael Nunes de Mesquita, 49 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Domingos Nunes de Mesquita;

João Nunes da Silva Sobrinho, 45 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Nunes da Silva;

Osório Nunes da Silva, 25 anos, lavrador, solteiro residência 3° d.,;



Caetano Peluso, 35 anos, negociante, casado, residência 3º d., filho de Miguel Peluso;

Boaventura Luís da Costa, 40 anos, criador, casado, residência 3º d., filho de Serafim Luís da Costa;

Evaristo Teles de Matos, 26 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Teles de Matos;

Osório Pereira Machado, 24 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Salvador Pereira Machado;

Justino Lopes de Miranda, 28 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de José Lopes de Miranda;

Galdino Teles Tavares, 25 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de José Teles de Sousa;

Antônio José Ferreira, 29 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Clemente José Ferreira;

Salvador Eleutério da Luz, 49 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel ■ José da Luz Eleutério;

João Narciso da Luz, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Barnabé Eleutério da Luz;

João Antônio da Silva Moreira; 32 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de José da Silva Moreira;

João Luís Ramos, 40 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de João Henriques Ramos;

Jesuíno Pereira Ramos, 27 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Serafim Pereira Mota;

José Alves de Oliveira, 23 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Claro Guedes de Oliveira;

Leandro Alves da Silva, 25 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Isaías Alves da Silva;



Antônio Vítor Carneiro Lobo, 46 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Policiano Carneiro Lobo;

Manuel Bento dos Santos, 69 anos, criador, viúvo, residência 1° d., filho de Francisco de Araújo Santos;

Ângelo Crispim Nunes, 31 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Nunes Xavier;

João Dalmácio da Silva, 30 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio José da Silva;

Alfredo Ângelo dos Santos, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Adão Ângelo dos Santos;

Brasílio Alves de Toledo, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Francisco Alves do Amaral Toledo;

Afonso Guedes de Oliveira, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Claro Guedes de Oliveira;

Bonifácio Marcelino de Matos, 39 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio de Oliveira Matos;

Caetano José da Silva, 37 anos, jornalista casado, residência 1° d., filho de Antônio da Silva;

Firmino Alves Ferreira, 32 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de João Alves de Castro;

Franklin Carneiro Tavares, 34 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Xavier Carneiro Lobo;

Joaquim da Silva Moreira, 43 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de José da Silva Moreira;

Paulino da Silva Moreira, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Joaquim da Silva Moreira;

David Teixeira de Andrade, 24 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Clementino Teixeira de Andrade;

Osório Paulino Ferreira, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Joaquim Manuel Ferreira;

Francisco Pereira de Oliveira, 40 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Cândido Pereira de Oliveira;

Serafim Daniel Moreira, 58 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de João Daniel;

Daniel Maria do Sacramento, 46 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Maria do Sacramento;

Ângelo José Machado, 45 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Antônio José Machado;

João Francisco Maciel, 29 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de José Antunes Maciel;

Antônio Lúcio Correia, 25 anos criador, solteiro, residência 2° d., filho de Lúcio Antunes Pinto;

José Antunes Pinto, 47 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Antunes Pinto;

Lúcio Antunes Pinto, 50 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Antunes Pinto;

Nicolau Rodrigues da Costa, 49 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Francisco Rodrigues da Costa;

Agnelo Pereira Vieira, 39 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Pereira Vieira;

Honorato Prestes de Oliveira, 22 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel de Oliveira Prestes;

João Gonçalves Meireles, 26 anos, lavrador, solteiro, residência 3° d., filho de Boaventura Gonçalves Meireles;

Boaventura Gonçalves Meireles, 75 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Mariano Gonçalves Meireles;

Joaquim Antônio de Oliveira, 42 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Antônio José Francisco;

Martinho Manuel do Carmo, 28 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Américo;

Felisberto José Ribeiro, 35 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Francisco Ribeiro;

Manuel José Ribeiro, 26 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Francisco José Ribeiro;

Justino João Vieira, 22 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco Vieira;

Manuel Justino da Veiga, 50 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Justino da Veiga;

João Alves de Freitas, 44 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Alves de Freitas;

Eugênio Ruiz Chaves, 43 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Joaquim Ruiz Chaves;

Francisco José dos Santos, 55 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de João Vicente dos Santos;

Miguel Lopes Cordeiro, 35 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Miguel Lopes de Santana;

Feliciano Antunes Pinto, 45 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Pinto;

Franklin Dias de Castro, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de João de Castro;

José Janzi, 22 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de João Janzi;

Manuel Propício da Silva, 57 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Propício da Silva;

Laurindo Mendes de Araújo, 35 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Mendes Araújo;

Luís Gomes Correia da Rosa, 23 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Ângelo Gomes Correia;

Evaristo Antônio de Assunção, 22 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de José Nunes Ribeiro;

Inácio de Oliveira Pinto, 63 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Inácio de Oliveira Pinto;

Alípio Lopes Ferreira, 22 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Jacinto Lopes Ferreira;

Manuel Teles Ribeiro, 33 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Teles Ribeiro;

Teodoro Teles de Sousa, 31 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Teles de Sousa;

Jerônimo Rodrigues de Lara, 49 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Rodrigues de Lara;

Jacinto Lopes Ferreira, 43 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Lopes Ferreira;

Fausto Tavares Carneiro Lobo, 36 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Xa. Carneiro Lobo;

Marcos Alves da Rocha, 46 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Antônio •Joaquim Rocha;

Edmundo de Oliveira Ramos, 35 anos, criador, casado, residência 1° d. filho de Januário de Oliveira Ramos;

Pedro Dias da Silva, 21 anos, lavrador, solteiro, residência 3° d., filho de Manuel Dias da Silva;

Baldomero Vieira, 63 anos, negociante, solteiro, residência 3° d., filho de Francisco Vieira;



Saturnino Marques da Rosa, 28 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Cândido da Rosa;

Sinfrônio de Oliveira Marques, 29 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Luís Antunes Pereira Marques;

Antônio Ribeiro de Trindade, 31 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Pedro Ribeiro de Trindade;

Atanásio Antônio de Oliveira, 26 anos, lavrador, casado, residência 3° d., filho de Porfírio Antônio de Oliveira;

Joaquim Loureiro Vidal, 45 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Vidal Loureiro de Oliveira;

Jordão Francisco Mendes, 29 anos, jornal., solteiro, residência 1° d., filho de Antônio Francisco Mendes;

Felipe Carneiro Lobo, 48 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Policiano Carneiro Lobo;

João Rodrigues Moreira, 24 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Benvindo Rodrigues Moreira;

João Manuel Mena Gonçalves, 33 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Antônio Gonçalves;

João Teles de Sousa, 22 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Lúcio Teles de Sousa;

Ricardo Alves Ferreira, 45 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Alves de Castro;

Félix Alves da Silva, 32 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Pedro Garcia da Silva;

Pedro Garcia da Silva, 58 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Cesário Garcia da Silva;

Isidoro Alves Ferreira, 33 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio Geraldo dos Santos;

Manuel Alves Teixeira, 44 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Salvador Alves Teixeira;

Felipe José de Sousa, 34 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de João Felipe de Sousa Vieira;

Francisco José de Lima, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de João de Lima Góis;

Viezeli Antônio, 56 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Viezeli Giovanni;

Marcelino Teles Cordeiro, 34 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Francisco Teles Cordeiro;

Marciano A. Monteiro, 45 anos, criador, residência 1º d., filho de Florêncio Monteiro da Silva;

João Lourenço da Silva, 28 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Rafaela Maria do Espírito Santo;

Bento de Almeida Mascarenhas, 68 anos, casado, residência 2º d., filho de Ponciano de Almeida Azevedo;

João Anselmo Ferreira, 45 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Tristão José de Almeida;

Luís Alberto d'Holleben, 37 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Henrique Holleben;

Valério Vieira do Prado, 24 anos, criador, casado, 2º d., filho de José Lemos do Prado;

José Lemos do Prado, 54 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Francisco Teles do Prado;

João Luís Klippel, 26 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Henrique Luís Klippel;

João Luís Trespach, 37 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Alexandre Frederico Trespach;



Fermino Alves Teixeira Primo, 49 anos, lavrador, casado, residência 2° d, filho de Joaquim Alves Teixeira;

Feliciano Alves Teixeira, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Fermino Alves Teixeira Primo;

Marcílio Alves Teixeira, 28 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Fermino Alves Teixeira Primo;

Jorge Soares Candeia, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Antônio Bueno Candeia;

Anfilóquio Godinho da Silva, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio Belino;

Severiano Pereira Gomes, 32 anos, negociante, casado, residência 2° d., filho de Domingos Pereira Gomes;

Januário Demétrio, 50 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Vitor Caffaro;

Antônio Antunes Correia, 32 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Vicente Antunes Maciel;

José Antunes Correia, 37 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Vicente Antunes Maciel;

Sebastião Teixeira dos Santos, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Clementino Francisco dos Santos;

Teodoro Cirino Rodrigues, 31 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de José Manuel Rodrigues;

Antônio Moreira e Silva, 22 anos criador, solteiro, residência 1° d., filho de Paulo Moreira Leite;

João Máximo de - , 42 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Máximo...

Manuel Rodrigues Chaves, 24 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Joaquim Rodrigues Chaves;

Marcolino Rodrigues Chaves, 39 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim Rodrigues Chaves;

Francisco Moreira Leite, 25 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Luís Correia Leite;

João Júlio Leite, 23 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Luís Correia Leite;

Bortolo Tagliari, 35 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Ângelo Tagliari;

Antônio Tagliari, 35 anos, criador, solteiro residência 3° d., filho de Ângelo Tagliari;

João Tagliari, 24 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Ângelo Tagliari;

Valentino Tagliari, 42 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Ângelo Tagliari;

Antônio Eusébio de Chaves 23 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Teodoro de Chaves;

Guilherme Moreira Barbosa, 28 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Barbosa;

Guerino Peruzzo, 34 anos, negociante, casado, residência 3° d., filho de Antônio Peruzzo;

Severino Alves Pereira, 40 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Pereira de Anchieta;

Manuel Silveira de Sousa, 33 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Amândio Silveira de Sousa;

Alberto Gomes Martins, 50 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de João Gomes Martins;

José Cassamalli, 37 anos, negociante, casado, residência 2° d., filho de Jacinto Cassamalli;



José Jaime Vilarino, 37 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Policena Batista Vilarino;

Joaquim Pereira de Brito, 30 anos, neg., solteiro, residência 2º d., filho de Custódio Pereira de Brito;

Virgilino Pereira da Silva, 22 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Feliciano Pereira da Silva;

Paulino Alves Pereira, 36 anos, criador, casado, residência 1º d. filho de Antônio Pereira de Anchieta;

Olímpio Mendes Ferreira, 22 anos, criador, solteiro, residência 1º d., filho de Marciano Manuel Ferreira;

Joaquim Bueno de Camargo, 69 anos, criador, casado, residência 2º d., filho de Serafim José de Camargo;

Alfredo Bueno de Camargo, 40 anos, criador, solteiro, residência 2º d., filho de Joaquim Bueno de Camargo;

Leopoldino Bueno de Camargo, 40 anos, solteiro, residência 2º d., filho de Joaquim Bueno de Camargo;

Francisco Domingos Santos, 35 anos, lavrador, casado, residência 2º d., filho de Joaquim Domingos Santos;

Silvano Antônio Leite, 38 anos, negoc., casado, residência 1º d., filho de Manuel Antônio Leite;

Amândio Ferreira Mendes, 22 anos, criador, solteiro, residência 1º d. filho de Marciano Manuel Ferreira;

Osório Henriques de Sales, 23 anos, lavrador, solteiro, residência 2º d., filho de Francisco Henriques de Sales;

Manuel Correia de Lima, 42 anos, lavrador, solteiro, residência 1º d., filho de Joaquim;

Ricardo Teles de Jesus, 42 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Joaquim Teles Cordeiro;

José Américo Gomes, 23 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Veríssimo Américo Gomes;

Gabriel Manuel dos Santos, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio Américo Gomes;

Jorge Américo Gomes, 26 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel José Pereira;

Veríssimo Américo Gomes, 60 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Antônio Américo Gomes;

Manuel Pereira de Oliveira, 23 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel José Pereira;

Elias Pereira de Anchieta, 51 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Jesuíno Pereira de Anchieta;

Altino Rodrigues Néri; 24 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Generoso Néri;

Pedro Cândido da Rosa, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Joaquim Cândido da Rosa;

Anarolino José Ferreira, 23 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de José Ferreira de Andrade;

Fausto Luís da Rosa, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Joaquim Cândido da Rosa;

Francisco Pedroso de Ramos, 32 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Salvador Alves de Ramos;

Ricardo Paixão do Nascimento, 58 anos, sapateiro, solteiro, residência 1° d., filho de Maria Alexandrina Pereira;

Salvador Alves Verlindo, 26 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Cândido Verlindo;

Delfino José do Carmo, 24 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Maria José do Carmo;

João Ribeiro Leitão, 59 anos, criador, casado, residência. 1° d., filho de Roma Maria Ribeiro;

João Teles de Oliveira Cândido, 41 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Teles de Oliveira Cândido;

João Lino dos Santos, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de José Teles David;

Celestino Florêncio da Silva, 25 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Macário Florêncio de Godói;

José Júlio Farrapo, 32 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Pedro Júlio Ribeiro Farrapo;

Francisco Pedro Tichs, 44 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Jorge Pedro Tichs;

João Vieira do Prado, 39 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco Manuel do Prado,

Hipólito Pereira da Veiga, 22 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Hosbal Pereira da Veiga;

Pedro Custódio Verlindo, 33 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Martins Verlindo;

José Maria Rosa, 28 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de José Maria Rosa;

Emílio Zambonin, 22 anos, carpinteiro, casado, residência 1° d., filho de José Zambonin;

Alcebíades Rodrigues Moreira, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Benvindo Rodrigues Moreira;

Gabriel Noé Borges, 23 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Jacob Noé;

Bernardo Gomes de Oliveira, 36 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Antônio de Oliveira;

José de Sousa Oliveira, 34 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim de Sousa Oliveira;

Florêncio de Sousa Oliveira, 45 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Joaquim de Sousa Oliveira;

José Ferreira Xavier, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de Francisco Gomes Xavier;

João Machado Filho, 38 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de João Machado Filho;

Plácido Rodrigues de Quadros, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Maria Rodrigues Sousa;

Crestalino Barcelos, 22 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Honorato Barcelos;

José Francisco Ramão, 27 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Manuel Francisco Ramão;

João Antônio Batista, 52 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Antônio Alves;

Felicíssimo da Silva Dutra, 37 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Antônio Manuel Dutra;

Manuel Francisco de Sousa, 27 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de João Francisco de Sousa;

Francisco Sousa de Lima, 24 anos, lavrador, solteiro, residência 2° d., filho de João Francisco de Sousa;

Vergilino Francisco de Sousa, 26 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de João Francisco de Sousa;

Manuel Juvêncio da Luz, 41 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de João Juvêncio da Luz;

Ângelo Alves de Sousa Marques, 35 anos, e. público, casado, residência 1° d., filho de Domiciano de Sousa Marques;

Constante Venâncio Pereira, 48 anos, lavrador, viúvo, residência 2° d., filho de João Venâncio Pereira;

Geremias Avelino Marques, 30 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Luís Antunes Pereira Marques;

Antônio Camílio dos Santos, 56 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de João Alves dos Santos;

Marco Sartori, 35 anos, carpinteiro, solteiro, residência 1° d., filho de José Sartori;

Ernesto Damas da Silveira, 39 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Damas da Silveira;

Francisco Henriques de Carvalho, 47 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Francisco Delfino de Carvalho;

Jacinto José Moreira, 37 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de José Moreira da Costa;

Sertório Antônio de Resende, 33 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Antônio de Resende;

Marcolino de Oliveira Lima, 24 anos, lavrador, viúvo, residência 1° d., filho de Pedro Rodrigues de Lima;

Manuel Antônio Resende Filho, 43 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Antônio de Resende;

Manuel Tiago de Resende, 24 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Isabel Vieira de Brito;

José Vieira, 21 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Manuel Vieira Rosa;

Policarpo Francisco Pedroso, 25 anos, lavrador, solteiro, residência 3° d., filho de Teodoro Francisco Pedroso;

Pedro Livino de Almeida, 29 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Francisco Mariano Pimentel;

Avelino Francisco Pedroso, 22 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Teodoro Francisco Pedroso;

João Pedro Barbosa, 35 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Manuel Joaquim Barbosa;

Bernardo Duarte Moreira, 30 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Galdino Duarte Moreira;

Francisco Galvão de Moura Lacerda, 25 anos, e. público, casado, residência 1° d. filho de João Batista Galvão de M. Lacerda;

Zeferino Genésio Ferraz, 25 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Vítor Antônio Ferraz;

João Anastácio Ribeiro, 45 anos, criador, casado, residência 3° d., filho de Antônio Ribeiro Damasceno;

Daniel de Oliveira Pinto, 27 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Geremias Pinto;

Francisco Lemos do Prado, 53 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco Teles do Prado;

João Batista de Abreu, 40 anos, lavrador, casado, residência 2° d., filho de Lúcio Lopes de Abreu;

Jovino de Paula Néri, 30 anos, criador, casado, residência 2° d., filho de Francisco de Paula Néri;

Alberto Ferreira de Almeida, 22 anos, criador, solteiro, residência 2° d., filho de Madalena da Silva;

Luís Correia Leite, 45 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Joaquim Correia Leite;

Antônio Nunes da Silva, 29 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Aoleriano Nunes da Silva;

Belo Rodrigues Machado, 30 anos, criador, solteiro, residência 3° d., filho de Belo Rodrigues Machado;



Aureliano Pereira da Silva, 37 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Antônio Pereira da Silva;

Ovídio Joaquim de Anhaíja, 30 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de José dos Santos de Anhaíja;

Fernando de Godói e Silva, 57 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Generoso de Godói;

Luís Alves de Sousa Marques, 30 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Domiciano de Sousa Marques;

José Bueno Candeia, 28 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Jorge Bueno Candeia;

Braz Veloso Leal, 46 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Braz Veloso;

Generoso Inácio Monteiro, 32 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de José Inácio Monteiro;

Manuel Godinho de Sousa, 41 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Francisco José de Sousa Godinho;

Francisco Ribeiro de Melo, 40 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Caetano Ribeiro de Melo;

Francisco Sbutil do Sacramento, 45 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Manuel Joaquim do Sacramento;

Pedro Inácio dos Santos, 40 anos, lavrador, casado, residência 1º d., filho de Maria Inácia dos Santos;

Pedro Santana de Paula, 25 anos, criador, casado, residência 1º d., filho de Belmira Pereira da Veiga;

João Bortolini, 28 anos, carpint., solteiro, residência 1º d., filho de Leandro Bortolini;

Virgínio Biolo, 27 anos, carpint., casado, residência 1º d., filho de Giovani Biolo;

Paulo Lopes de Camargo, 35 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de João Lopes de Camargo;

Ricardo Von Borowski, 48 anos, médico, casado, residência 1° d., filho de Eduardo Maximiliano Von Borowski;

Bonifácio Moreira de Barros; 53 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de José Moreira de Barros;

Pedro Teles Oliveira, 30 anos, lavrador, solteiro, residência 1° d., filho de Pedro Teles Fagundes;

Antônio Ferreira Leão, 35 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de José Ferreira Leão;

Geremias José de Lima, 67 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Claro de Lima;

Francisco Alves Damasceno, 35 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de João Alves Damasceno;

Absalão Antunes de Lima e Silva, 22 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Zeferino Antunes da Silva;

João Pereira de Campos, 21 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de Dionísio Pereira de Campos;

Jacinto José dos Santos, 52 lavrador, casado, residência 2° d., filho de Jacinto José dos Santos;

Livera Alves Dutra, 27 anos, lavrador, casado, residência 1° d., filho de Manuel Antônio Dutra;

José Barreto do Amaral, 37 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Sinfrônio O. Barreto do Amaral;

Marciano Manuel Ferreira, 43 anos, criador, casado, residência 1° d., filho de Joaquim Manuel Ferreira;

Antônio Cipriano dos Santos, 21 anos, criador, solteiro, residência 1° d., filho de José Florêncio dos Santos;



SEDE MUNICIPAL POR DECRETO EM 1857

Um dos capítulos mais curiosos de toda a História de Lagoa Vermelha é a transferência da sede do município de Vacaria para a Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha. Fato incomum e inédito - uma capela, que ainda não é freguesia nem curato, é elevada à categoria de Vila, quer dizer, sede de município. A história é longa e apaixonante.

Na década de 1840, como vimos, toda a região da campanha ficou praticamente ocupada por tropeiros paulistas, que, procedentes sobretudo da Lapa, se transformaram em fazendeiros, inaugurando o povoamento da Grande Lagoa Vermelha.

Enquanto se povoavam os campos, alguns tropeiros deram início à fundação de um povoado, que se chamou São Paulo da Lagoa Vermelha. O fato provocou a afluência de numerosos moradores, de sorte que em 1850 havia no povoado 406 habitantes.

Em 1848 os moradores construíram uma nova Capela, em substituição à primitiva, de proporções demasiadamente exíguas, ereta pelo fundador José Ferreira Bueno. As casas, a princípio cobertas de capim e depois de telhas, fabricadas por uma olaria local, formavam duas tuas bem alinhadas - a rua da Igreja e a rua das Tropas.

Graças ao seu rápido desenvolvimento, a nova localidade ultrapassou em número de moradores e de prédios a própria sede do município de Vacaria, criado em 22-10-1850.

Em 21-1-1853 a Câmara de Vereadores resolve então solicitar à Presidência da Província a criação do Distrito de São Paulo da Lagoa Vermelha, tendo por limites o rio de Santa Rita, desde sua barra no rio das Antas, por ele acima até a cabeceira

mais próxima da casa de José Antônio de Oliveira, e dali a rumo em linha reta a procurar a cabeceira do Lajeado denominado Bernardo José e por este a baixo a fazer barra no rio Pelotas.

O ofício vinha assinado pelo Pe. João Antônio de Carvalho, presidente da Câmara de Vereadores, e por José Luís Teixeira, Estêvão Malaquias Pais de Figueiredo, José Joaquim Ferreira, Miguel Joaquim de Camargo, Mâncio José da Fonseca, vereadores, e pelo secretário José Joaquim de França Vasconcelos, pelo procurador Rodrigo Antônio Moreira, pelo fiscal Francisco Rodrigues Barbosa e pelo porteiro e contínuo Antônio Félix do Sacramento.

Em 23-3-1853 foi dirigido ofício ao Dr. João Lino Vieira Conceição, Presidente da Província, solicitando dita criação. Em 2-2-1855, a Câmara solicita urgência na criação do Distrito, indicando para subdelegado o sr. Manuel Bento da Costa e suplentes: Inácio Bueno Candeia, Francisco Alves do Amaral Toledo, Baltasar Mariano Pimentel, Pedro Vieira Gonçalves, Claro José de Lima e Lino Pessoa da Silva. No mesmo ano de 1855, foi então criado o Distrito.

Entretanto, lá por Vacaria, a situação política, depois da criação do município, preocupava as lideranças, diante da insatisfação reinante, como se pode verificar pela seguinte representação dirigida à Assembleia Legislativa da Província, pela Câmara Municipal em 1857:

“De há muito os povos deste município lamentam e sentem os males que lhes trouxe a sua elevação à categoria de Vila, e a Câmara Municipal, inteiramente convencida de que jamais os negócios públicos marcharam de uma maneira condizente à prosperidade de seus municípios, não só porque estes se acham espalhados sobre um vasto território e têm de superar grandes dificuldades para concorrerem a prestar mútuos serviços, como também a carência de pessoas hábeis para o bom desempenho dos cargos públicos, não pode prescindir de submeter à vossa ilustrada



consideração o estado desanimador a que em tudo se acha o nosso município. Uma representação neste sentido nos foi dirigida, dias antes de vossa reunião, por grande parte de habitantes que a subscreveram, porque, ou fosse verdadeira ou falsamente extraviada, é certo que ela não chegou às vossas vistas, e desta sorte ficaram os assinados sujeitos à continuação de seus sofrimentos.

E assim, Ilmos. Senhores, que, entregue o direito a justiça dos povos nas mãos da ignorância e da ambição, sua sorte grandemente se tomará mais triste, se vós, com aquele critério e imparcialidade que vos é inerente, não revogardes tal lei que elevou esta povoação à categoria de Vila, ficando como outrora pertencendo a Santo Antônio da Patrulha.

As intrigas que não de ser envolvidos os habitantes deste desgraçado município por causa da ambição dos mandões, a impossibilidade de reunir-se em júri, a irregular administração da justiça, outras muitas razões que não vos são estranhas e longo seria enumerar, são suficientes e sobejos motivos para vos contristar e resolver a deferir, de como esta Câmara espera, a vossa justiça”.

Apesar deste apelo insistente para que o município de Vacaria fosse extinto, os Deputados Provinciais, que haviam aprovado a emancipação, não acharam conveniente agora extingui-lo. Por isso, sabendo que a Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha superava em número os moradores da sede do município, resolveram transferir a sede para a nova povoação, distante 75 km da Vila de Vacaria.

Aprovada pela Assembleia Legislativa, a Lei nº 337 foi no dia 16 de janeiro de 1857 sancionada pelo Presidente da Província, Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, nestes termos: “Faço saber a todos os seus habitantes, que a Assembleia Legislativa Provincial decretou, e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1º: Fica pertencendo à comarca de Porto Alegre o município de Vacaria. Art. 2º: A sede da vila deste nome fica removida para a Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha com a denominação de Vila da Lagoa Vermelha...

Palácio do governo na leal e valorosa cidade de Porto Alegre aos 16 dias do mês de janeiro de 1857, trigésimo sexto da Independência e do Império, (ass.) Jerônimo Francisco Coelho”.

Apesar de não ter sido esta a intenção da Câmara Municipal de Vacaria, parece que a medida governamental a princípio agradou, tanto a que “um voto de agradecimento foi dirigido pelos moradores do município da Vacaria a esta Assembleia, pela remoção da sede da vila para a Lagoa Vermelha. - Recebido com agrado”.

★ ★ ★

E agora começa o segundo capítulo de “uma trama político-administrativa”, diante do rebaixamento da vila de Vacaria, cujas autoridades deveriam transferir-se para o povoado de São Paulo da Lagoa Vermelha, nova sede do município.

Se era verdade que a Câmara Municipal solicitara a extinção do município, se era verdade que certos moradores felicitaram a Assembleia Legislativa pela remoção da sede do município, não é menos verdade que o fato representava uma humilhação para os vacarianos.

Quando se iniciavam as tratativas para a transferência da Câmara de Vereadores e demais autoridades municipais para Lagoa Vermelha, a grita foi geral. Protestos, reclamações, intrigas e mesmo atentados, como se observa pelo Relatório do, Presidente da Província à Assembleia Legislativa, que diz:

“Por questões da localidade sobre a mudança da sede da Vila, determinada pela nova Lei Provincial de nº 377, datada de 16 de janeiro deste ano, para a nova Freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha. O fato ocorrido na Vacaria se refere à emboscada

procedida por mais de 20 homens à pessoa do 3º suplente do Delegado de Polícia, Cap. João Pereira de Almeida, para o surpreenderem, meia légua distante da Vila, ocasião em que foi atingido por descarga de tiros, o mesmo acontecendo com os que o acompanhavam”.

Mas onde as manifestações explodiram com maior violência foi no seio da própria Assembleia Legislativa, que havia decretado a remoção da sede do município. Durante alguns meses, os debates dos deputados provinciais ocuparam as manchetes e as colunas da imprensa da Capital da Província.

O deputado Morais Júnior, autor do projeto da transferência da sede, na sessão ordinária de 19-10-1857, dizia: “Vós todos, Srs., tereis por certo em lembrança que a ideia da remoção da sede do termo da Vacaria para a Lagoa Vermelha foi bem aceita por esta casa, sem a menor oposição. Deveis também ter em lembrança os desatinos, que tiveram lugar, e mesmo o desrespeito contra a lei que partiu da Assembleia (apoiados). Houve alguém que declarou ser capaz de esgotar a última gota de sangue se não conseguisse do governo da Província a revogação da lei...”

Este deputado, que era da região de Cruz Alta, fez então uma proposta de anexar Lagoa Vermelha ao termo de Passo Fundo, desligando-a de Vacaria.

Em seguimento aos debates, dizia o deputado Fioravanti: quando uma capela, uma freguesia, uma vila assume categoria de cidade, ou município, tem adquirido um direito na própria representação nos foros da superioridade, fazer retrogradar é reagir contra esse direito, adquirido, é esbulho. E a Vacaria que depois de ser elevada a Vila, depois de ter entrado no uso e gozo de seu direito, quando a Lagoa Vermelha não era mais que uma obscura capela, nem isso ainda, um agregado de casas de capim, pauapicadas onde se demoravam os tropeiros que invernando suas tropas de bestas até a quadra de seguirem com elas para Sorocaba,



o que ficou sendo depois que a lei provincial criou nela a mesma Lagoa Vermelha, mudando a sede daquela...”

E prossegue o deputado Fioravanti: “...Para que a Lagoa Vermelha possa ser um termo, é necessário que encontre os necessários quesitos da lei, os elementos que a lei consigna para os termos: júri, tabeliães, juiz municipal e outros oficiais e agentes da autoridade pública, coletor, etc., etc. Poderá a Lagoa Vermelha, essa povoação tão encantada, com o seu desenvolvimento que tem abismado tudo, em círculo tão acanhado, ter em si estes elementos? Existe na Lagoa Vermelha capacidade para tantos cidadãos aptos, que possam desempenhar estes empregos? Sr. Presidente, V. Ex. sabe que o tribunal de júri exige o número duplo de 48 cidadãos com os requisitos necessários para serem jurados, isto é, 96 cidadãos nestas condições; e a Lagoa Vermelha, que não é mais do que um campo, pode ter tanta gente com as habilitações que a lei exige? Que felicidade! Um lugar da Província, que até aqui tem vivido na obscuridade, cujas vantagens só são conhecidas pelo comércio do trânsito das tropas para S. Paulo; esse lugar que tem sido arredado da civilização pelos óbices que apresenta a localidade - a falta de estradas e outras circunstâncias -, porque quase toda a sua população se compõe de tropeiros, de homens moradores em S. Paulo, e que apenas têm ali invernadas para as suas tropas; sendo da mesma espécie a população da Vacaria, poderão ambos estes lugares constituir duas municipalidades, dois termos, onde dentro deles se encontrem 96 cidadãos em um, e 96 cidadãos em outro, perfazendo o número de 192 jurados pela parte mínima, que saibam ler e escrever, e tenham os requisitos transcendentales que a lei marca! Que feliz lugar é a Lagoa Vermelha! Nesta Capital tem havido dificuldades para a reunião de um tribunal de júri: e ali regurgita a população com cidadãos aptos para serem jurados...

Oh! Srs.! Pois o povo da Vila da Vacaria não felicitou o governo por ter mudado a sede desse termo para a Lagoa Vermelha?... Os próprios que confessam ter a Lagoa Vermelha uma



igreja decente, boa praça, ruas alinhadas e excelente comércio; os que hoje negam... Vacaria não tem nada disso: ali não há mais de nove casas de telha e três de capim; não há igreja; as imagens estão numa casa particular; e dentro da povoação não residem mais de dez ou doze pessoas, ao passo que o Relatório do Tte. Cel. Mabilde, já em 1850, dá à Lagoa Vermelha mais de 406 habitantes no povoado e com todos os elementos de progresso...”

E o deputado Fioravante prossegue na sua acalorada argumentação. Lê alguns ofícios assinados por Teodoro de Sousa Duarte e de Manuel Batista Pereira Bueno, requerendo o não cumprimento da lei, alegando, entre outras coisas, que o tabelião negava-se a transferir-se, porque era comerciante, e porque teria de colocar seu cartório numa barraca...

Enquanto os deputados debatem na Assembleia, chega até eles um relatório da Presidência da Província, nestes termos: “Determinando a Lei nº 337 de 16 de janeiro do corrente ano o Município de Vacaria ficava pertencendo à comarca desta Capital de Porto Alegre, e que a sede da vila daquele nome ficava removida para a Capela de S. Paulo da Lagoa Vermelha, com a denominação de Vila da Lagoa Vermelha, não tem sido possível até agora conseguir-se a execução da última parte desta Lei, pelos muitos inconvenientes que se têm apresentado, de alguns dos quais já vos dei notícia, quando tratei da tranquilidade pública.

Não é sem dificuldades nem sem graves embaraços, e mesmo sem risco de se alterar o sossego e tranquilidade dos habitantes que se fazem mudanças desta ordem; os da Vila da Vacaria se consideram ofendidos, quando não nos seus direitos ao menos na categoria e nas prerrogativas que gozam os habitantes de uma Vila; por outro lado os da Capela de S. Paulo da Lagoa Vermelha pressurosos em entrarem no gozo dessas categorias clamavam contra a demora da remoção da sede da Vila; daí o choque das paixões e o ciúme entre os moradores das duas localidades foi o que se manifestou e tomou incremento;

apareceram as representações, manifestaram-se as dificuldades, e mesmo os inconvenientes com a remoção da Vila, e em tais circunstâncias forçoso foi marchar com toda a circunspeção, porque tendo a Assembleia considerado a conveniência de ser a sede da Vila naquele lugar e não em Vacaria, a ela competia apreciar as causas que se opunham a essa remoção, no entanto que com o tempo preciso para as ulteriores averiguações e estudo das especiais circunstâncias daqueles lugares; conseguia-se que arrefecessem as paixões e os ânimos se acalmassem, mesmo porque a falta de acomodações apropriadas de casa e de outros misteres, e a impropriedade da estação chuvosa e fria eram outras tantas dificuldades invencíveis que se apresentavam às pessoas que tinham obrigação de ir residir na Lagoa Vermelha.

Agora pois que vos achais reunidos, vos são apresentadas aquelas representações, e vós com calma e patriotismo que devem e sempre têm caracterizado vossos atos deliberados se aquela Lei deve ser executada, ou se será conveniente sustá-la ou mesmo revogá-la”.

Em 24-11-1857 entrou por fim na Assembleia Legislativa o projeto do Dr. Moraes Júnior, mandando extinguir o município de Vacaria. O deputado Néri manda um substituto extinguindo o município e passando para Santo Antônio da Patrulha as freguesias de Nossa Senhora da Oliveira de Vacaria e a de São Paulo da Lagoa Vermelha.

O projeto foi aprovado pelos deputados e o Presidente da Província, Conselheiro Angelo Muniz da Silva Ferreira, sancionou no dia 26 de Novembro de 1857 a Lei nº 391, que assim reza: “Art. 1º. Fica extinto o município da Vacaria; Art. 2: As freguesias de São Paulo da Lagoa Vermelha e de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria passam a pertencer ao município de Santo Antônio da Patrulha”.

Desta forma, todo o imenso território situado entre o rio das



Antas e o rio Pelotas, constituindo o então município de Vacaria, passou a depender novamente de Santo Antônio da Patrulha por espaço de cerca vinte anos, sofrendo os graves inconvenientes da enorme distância e falta de comunicações.

O desvilamento de Vacaria era fruto de uma trama político administrativa, como bem acentua a jovem historiadora Vera Lúcia Maciel Cardoso, filha do pesquisador José Maciel Júnior, em sua tese de Mestrado sob o título de “Santo Antônio da Patrulha: vínculo, expansão, isolamento (1803-1889).

CAPELA, FREGUESIA E PARÓQUIA

Conforme vimos, o arquivo da Cúria Diocesana não confirma a tradição oral que diz ter o Pe. Cândido Lúcio de Almeida, Vigário de Vacaria, inaugurado a primitiva capelinha de José Ferreira Bueno, no dia 25 de janeiro de 1845, a menos que não haja havido batizados, o que pode ter acontecido pelo número reduzido de moradores, nos primórdios da fundação da cidade.

A primeira vez em que o referido sacerdote, de acordo com o registro de batismos, oficiou na Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha, foi no dia 2-10-1849, e, logo a seguir, no dia 7 do mesmo mês. Visto como o dia 7 era domingo, supõe-se que o Pe. Cândido Lúcio de Almeida tenha vindo uma semana antes a fim de preparar a festa da inauguração da nova capela, construída pelos moradores no ano de 1848.

Esta nova capela erguia-se no local onde hoje assenta a casa do Sr. Jorge Augusto Moojen, recentemente falecido, na atual Av. Cel. Libório Pimentel. Ficava nos fundos do lote, presidindo pequena praça, conhecida por Pátio da Igreja. Nesta capela oficiou o Pe. Missionário Miguel Cabeça, Jesuíta, em maio de 1850. No dia 27-7-1850 esteve celebrando culto o Pe. João Antônio de Carvalho, Vigário de Vacaria e Presidente da Câmara de Vereadores, tendo



nesse dia ministrado o batismo a três crianças, das quais foram padrinhos Antônio Florêncio de Lima, Albano de Alves Carneiro e Prudente de Lemos.

O Pe. Cândido Lúcio de Almeida, a quem coube a honra de presidir à cerimônia de inauguração da Capela de São Paulo, dando início oficial à fundação de Lagoa Vermelha, foi pároco de Vacaria de 1844 a 1849. Dava ele, assistência espiritual a toda a imensa freguesia de Nossa Senhora da Oliveira e à freguesia de Cima da Serra, hoje São Francisco de Paula, atendendo ainda a capela da Guarda de Santa Vitória.

O Pe. Cândido, mais tarde, Vigário de Bagé, onde entre outras grandes obras, construiu e inaugurou a nova Matriz de São Sebastião, hoje Catedral, e fundou a Escola Paroquial São Sebastião. Faleceu em consequência de congestão pulmonar em 27-3-1872, com 61 anos. “Havia vigariado a Paróquia durante 14 anos e 11 meses, tendo se mostrado piedoso e zeloso no cumprimento do seu múnus, não se podendo olvidar, entre outros, o gesto de abrir mão de sua côngrua de um ano (6000\$000) um favor das obras do Seminário de Porto Alegre”, (V. Tarcísio Taborda em “A Igreja de São Sebastião de Bagé”).

Em 1854, visando transformar a Capela de São Paulo em Matriz, os moradores efetuaram uma reforma completa, aumentando-a de 80 palmos para 110 de comprimento e cobrindo-a de telhas. Nesse mesmo ano, Relatório da Presidência da Província dizia: “Os moradores da Capela de S. Paulo da Lagoa Vermelha fizeram por intermédio desta Presidência uma petição solicitando que a mesma Capela seja elevada a Curato ou Freguesia, visto já terem concluído uma igreja a expensas suas, conter a povoação para mais de 50 casas cobertas de telhas, e ficam muito distantes da Freguesia de Nossa Senhora da Oliveira, à qual pertencem.

Tendo a Presidência solicitado ao Exmo. Sr. Bispo sua opinião acerca desta pretensão, foi este de parecer que seja



atendido o pedido, sobre o que resolveis”.

Em 24-10-1854, ofício da Câmara de Vacaria solicitava a criação de uma Freguesia na povoação de S. Paulo da Lagoa Vermelha, “por ser já uma povoação com mais de 50 casas, uma Igreja decente, boa praça, rua alinhada e comércio”.

Em 7-11-1856, a Câmara de Vacaria torna a solicitar a elevação à categoria de Freguesia a Capela de S. Paulo da Lagoa Vermelha. Nesse mesmo ano, no dia 17 de novembro, Provisão nomeava para sacristão da Capela o Sr. Manuel José Ribeiro.

Por fim, no dia 17 de fevereiro de 1857, o Conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, Presidente da Província, sancionou a Lei nº 358, que elevava à categoria de Freguesia a Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha. Pela mesma Lei foram criadas as freguesias de Cacimbinhas (Pinheiro Machado), São Miguel de Dois Irmãos e de Pedras Brancas, no município de Porto Alegre, com a invocação de Nossa Senhora do Livramento.

A Igreja Matriz de S. Paulo continuou sendo atendida pelo Vigário de Vacaria, até agosto de 1858, quando tomou posse o 1º Vigário, na pessoa do Pe. Bernardo Barbosa de Andrade Pinto Brandão. Este Sacerdote competente e zeloso, em 1858 assumiu a capelinha da Colônia Militar de Caseiros e a regência da escola, cargo que ocupou até setembro de 1859, reassumindo em junho de 1865 ainda o cargo como Vigário. Em setembro de 1872, desligou-se da Paróquia para dedicar-se inteiramente à capelania da Colônia, sua escola e o Aldeamento de Santa Isabel. Em 3-9-1877 o Pe. Bernardo seguiu para Porto Alegre, havendo dedicado cerca de vinte anos de zeloso apostolado, tendo por diversas vezes solicitado e obtido recursos do Governo Provincial para reformas na igreja Matriz de São Paulo.

Em 31 de dezembro de 1860 foi nomeada a Primeira Junta Paroquial para governar a freguesia junto com o Vigário, Pe. Bernardo Brandão. A Junta era integrada pelo Cel. Francisco Inácio

Ferreira (presidente), Cap. Claro José de Lima, Francisco Pereira de Sousa e Cap. Manuel Bento da Costa, tendo como suplentes: José Barreto do Amaral Fontoura, Major Domiciano de Sousa Marques e João Soares de Barros.

Em 1872 foi nomeado Vigário da Paróquia de São Paulo o Pe. João José de San Martim, que aqui veio a falecer em 9-9-1879, com assistência médica do Dr. João Jorge Moojen. Durante o ano de 1875, foi Vigário o Pe. João Perreto, sendo substituído pelo Pe. Miguel Zito em 1876. De 1876 a julho de 1878, vigariou a Freguesia o Pe. Miguel Eboli. Em várias oportunidades, substituindo estes párocos, a Matriz teve a assistência do Pe. Bernardo Brandão.

Em agosto de 1878, tomava posse como pároco o Pe. Francisco da Silva Carrão, que aqui veio a falecer a 17-4-1905, à uma hora da tarde, em domicílio próprio, na então rua Júlio de Castilhos, sem assistência médica, com 75 anos de idade. Conforme registro de óbito, o Pe. Carrão era natural de São Paulo, filho de João da Silva Carrão e Francisca Carrão.

Durante seu longo paroquiato, o Pe. Carrão construiu duas Igrejas, que serviram de Matriz, porque, conforme Relatório da Prefeitura, em 1890, “a Igreja ou Capela de São Paulo está em ruínas, ameaçando desabar a qualquer momento. Graças aos esforços do digno Vigário desta Vila, o Rvmo. Pe. Francisco Carrão, possui hoje a Vila da Lagoa Vermelha um templo decente edificado com as esmolas dos fiéis, sob a invocação do Divino Espírito Santo, no qual são celebrados os atos religiosos. O templo é todo construído de madeira mas feito com capricho e preenche perfeitamente o seu fim”.

Esta Igreja do Divino, construída por volta de 1888, ao lado da antiga Capela de São Paulo, no local da garagem da família Jorge Moojen, na avenida Libório Pimentel, foi demolida em 1916. O seu pequeno sino encontra-se no museu de Demétrio Dias de Moraes.



Pelo ano de 1892, foi construída uma igreja de material, de tijolo, e rebocada com barro. Era uma igreja alta e estreita, com uma torre, erguida no centro da atual avenida Afonso Pena, defronte à Igreja Matriz de São Paulo. Presidia a antiga Praça da Igreja, depois Praça Mal. Deodoro, com frente voltada para o poente. Sua construção deslocou o centro da vila para o alto da coxilha, em cujo lançante se erguiam as igrejas de São Paulo e do Divido Espírito Santo.

Hildebrando Fão em março de 1900 assim se referiu a esta igreja: “A igreja de material, que teve começo há 8 ou 9 anos, teve de ser demolida em consequência da má qualidade do material empregado. Existe, porém, uma igreja regular, construída de madeira a expensas do pároco, o venerando ancião Padre Francisco da Silva Carrão”.

Durante a revolução de 1893, quando a vila foi cercada pelas forças rebeldes de Gumercindo Saraiva, a igreja de material serviu de trincheira. Do alto da torre, os defensores da vila respondiam ao tiroteio dos sitiantes. Depois disso, a igreja entrou em demolição. A torre caiu e foram caindo as paredes, cujos tijolos eram aproveitados pelos moradores para construção de fornos.

Como ocorreu com o Pe. Antônio de Morais Branco, o Pe. Francisco da Silva Carrão também deixou descendentes, entre os quais Lopo da Silva Carrão, que foi Vereador e Oficial da Guarda Nacional. Vergilino da Silva Carrão, outro filho, era sapateiro. Existem hoje numerosos descendentes em várias cidades, como Passo Fundo e Ijuí. Embora o Pe. Carrão vivesse maritalmente com mulheres, parece que se encontrava em paz com sua consciência. Tanto assim que, recebendo um dia a visita do Frei Pacífico de Bellevaux, declarou que não necessitava receber os últimos Sacramentos. No arquivo da Cúria Diocesana existe uma carta do Pe. Carrão, dirigida ao Bispo D. Cláudio Ponce de Leão, falando da possibilidade da introdução do divórcio no Brasil.

Na primeira semana de dezembro de 1891, ocorreu um fato altamente significativo para Lagoa Vermelha. Pela primeira vez um Bispo visitava a paróquia. Era o referido D. Cláudio José Gonçalves Ponce Leão, que aqui permaneceu vários dias, havendo no dia 4 aposto seu visto em visita pastoral no livro de registro de batismos. A segunda visita pastoral, na pessoa do Bispo Auxiliar de Porto Alegre, D. João Antônio Pimenta, teve lugar no dia 1º de março de 1908.

Durante a enfermidade do Pe. Francisco da Silva Carrão, em julho de 1903, atendeu a paróquia provisoriamente o Pe. Manuel de Campos Romero, que em agosto cedeu lugar aos Padres Capuchinhos da Paróquia de Vacaria. Frei Germano de Saint Sixt começou então a atender a Paróquia.

Em 1908, depois de curto atendimento do Pe. Henrique Domingos Poggi, Frei Germano era nomeado Vigário, aqui permanecendo até 1913, indo a seguir para Porto Alegre, onde veio a falecer em odor de santidade em 1952, com 77 anos de idade.

Em 1910, Frei Germano tratou de construir a nova Igreja Matriz, de madeira, com duas torres, no local da antiga matriz de alvenaria, junto à Praça de Mal. Deodoro. Durante a construção, efetivada sob a direção dos carpinteiros Francisco Gentil e José Nicolodi, caindo dos andaimes da torre, no dia 3-8-1910, morreu o operário Emílio Zambonin, italiano, residente em Sananduva, de 28 anos, c.c. Teresa Pegoraro, pais de três filhos menores. Salvador Antônio do Amaral, que se encontrava junto no momento, conseguiu agarrar-se a um barroto, sendo socorrido em tempo.

Esta matriz, do mesmo estilo das construídas por aquela época em Sananduva e Cacique Doble, segundo projeto do Frei Pacífico de Bellevaux, foi artisticamente pintada internamente por um francês, Piérre G., que foi quem também pintou na ocasião a casa centenária construída pelo pioneiro Joaquim Dias de Moraes, casa que foi do filho Alfredo Dias de Moraes, serviu de coletoria e



hoje é de propriedade do Dr. Ernani Dias de Moraes, que lá mantém seu laboratório de análises clínicas.

Frei Germano foi o primeiro sacerdote a penetrar no sertão de Sananduva, Machadinho, Paim Filho, Cacique Doble, São José do Ouro. Atendia outrossim o Toldo do Faxinal dos índios, onde realizava excelentes promoções catequéticas, patrióticas, festas de primeira comunhão.

A 4-7-1913 assumia a direção da imensa Paróquia o Frei Pedro de Wailly (1880-1933), que permaneceu no cargo até setembro de 1915, sempre auxiliado pelo Frei Melchior de Eyzin Pinnet (1884-1936). De julho de 1914 a 27-10-1918, o Frei Gentil de Caravágio (1885-1953) foi cooperador de Lagoa Vermelha e Sananduva. De setembro de 1915 a fevereiro de 1919, foi Vigário o Frei José Cherubini de Bento Gonçalves (1887-1968), que a princípio passou a residir em Sananduva, de onde vinha atender a sede.

A respeito desse fato curioso, vamos passar a palavra ao próprio frei José, com seu depoimento no livro do Tombo da Paróquia de Paim Filho: “Note-se aqui, para justificar no futuro o semiabandono em que viveu então a cidade de Lagoa Vermelha, que, ao ser o Pe. José enviado a Lagoa e Sananduva, recebeu ordem formal e clara de não residir em Lagoa, mas sim em Sananduva, junto com o seu coadjutor. Dali um ou outro iria a Lagoa e ao interior para o ministério, como nas outras capelas, esperando tempos melhores e mais pessoal. Alguns lagoenses notaram e queixaram-se deste fato. Lagoa era então cidadezinha mesquinha e indiferentíssima em assunto de religião. Por certo, o superior não queria deixar seus súditos isolados em lugares tão corruptos”.

De fevereiro de 1919 a fevereiro de 1924, vigariou a paróquia o Frei Cláudio de Nova Pompéia (1889-1969), que instalou o Colégio de Irmãs de São José. De 1924 a 1930 foi Vigário o sábio sacerdote alemão Pe. Augusto Pomp, do clero diocesano. Em 1931

assumiu interinamente a direção da Paróquia o Frei Geraldo de Gruffy (1885-1954), seguindo-se o Frei Clemente de Nova Bassano (1900-1952), de 1932 a 1934; Frei Timóteo de Garibaldi, de 1934 a 1936; Frei Valentim de Caxias (1900-1938); Frei Luís de Alfredo Chaves, de 1938 a 1946, tendo como coadjutores o Frei Atanásio de Nova Roma, Frei Venâncio Pivato de Alfredo Chaves, Frei Félix de Antônio Prado, Frei Bernardino de Vilas Boas, Frei Gilberto de Caxias e Frei Romualdo de Alfredo Chaves.

De 1946 a janeiro de 1951, vigariou a Paróquia o Frei Celestino Dotti de Antônio Prado, auxiliado por Frei Lucas de Farroupilha e Frei Tomás de Cacique Doble. Sucedeu-lhe o Frei Huberto Mattana de Flores da Cunha, auxiliado por Frei Antelmo de Vilas Boas, Frei Anastácio de Alfredo Chaves, Frei Félix de Antônio Prado, Frei Vítor de Carlos Barbosa e Frei Bonifácio Bianchi. Coube ao Frei Huberto dirigir os trabalhos de construção da atual Igreja Matriz de São Paulo, inaugurada em 11-3-1956. A antiga Matriz foi demolida em 1953, sendo as imagens transferidas para a cripta da nova Matriz em construção na qual se oficiava o culto provisoriamente. Frei Huberto construiu ainda a atual casa paroquial e o salão da comunidade da Paróquia de São Paulo.

Na primeira semana de fevereiro de 1952, chegava a Imagem Peregrina de Nossa Senhora de Fátima, conduzida pelo missionário capuchinho Frei Bernardino de Vilas Boas. Foi uma apoteose! Mais de 350 automóveis recepcionaram a Imagem à entrada da cidade. Grandes multidões, procedentes de toda a atual Grande Lagoa Vermelha, afluíram para aplaudir a milagrosa imagem, que permaneceu aqui durante três dias, operando verdadeiras conversões. Houve mais de 15.000 comunhões.

Em junho de 1976, depois de mais de 70 anos de contínua ação pastoral, os Padres Capuchinhos deixavam a Paróquia de São Paulo, que foi confiada ao clero diocesano, tomando posse no dia 26-6-1976 o novo Vigário, Pe. Germino Pagno, tendo como auxiliar o neo-sacerdote Pe. Odalberto Domingos Casonatto, que em janeiro



de 1978 cedia lugar ao Mons. Jaime Kramer da Fonseca. Em 23-6-1979 chegava da diocese de Caxias do Sul o Pe. Ireneo Udilo Lusa. Em 18-2-1979, o Mons. Jaime da Fonseca retirava-se para Vacaria, sendo substituído pelo Pe. Angelito Andreolla. Em janeiro de 1980, este, promovido para Vigário de Maximiliano de Almeida, cedia lugar ao Pe. Santo Menegat. Em janeiro de 1981, o Pe. Germino Pagno era substituído pelo Pe. Angelito Andreolla e o Pe. Santo pelo Cônego Luís Lovatel.

Em 28-8-1967, D. Henrique Gelain, Bispo diocesano, criava a nova Paróquia de Santo Antônio, que abrangia a parte oriental da cidade e do município. A Igreja Matriz funcionou, a princípio, provisoriamente, na Capela de Santa Catarina, na Vila Nunes, tendo como primeiro Vigário Frei Mateus Dolzan, da Ordem dos Capuchinhos, de tradicional família da localidade. Ele, num esforço gigantesco, poderosamente auxiliado pelos paroquianos, iniciou a construção da nova Matriz junto à Praça Alberto Pasqualini, na antiga Lagoa da Raia, que segundo opinião de muitos, teria dado nome à cidade. O novo templo, de linhas modernas, estilo funcional, encontrava-se em fase de conclusão, quando Frei Mateus foi transferido para Vespasiano Correia, onde faleceu em 11-11-1979. Foi seu substituto Frei Maurílio Parizzotto, auxiliado por Frei Camilo Bordignon e Frei Brás Rodegheri. Em 1980 foi instalado o carrilhão de sete sinos, oferecido pelo deputado federal Dr. Eloy Lenzi, no paróquiato de Frei Mateus.

Em 8-5-1905 foi criada a Paróquia de Sananduva; em 25-11-1927, a de Paim Filho; em 29-4-1929, a de Cacique Doble; em 20-1-1940, a de Maximiliano de Almeida; em 6-1-1940, a de Ibiraiaras; em 6-1-1947, a de Ibiacá; em 4-1-1947, a de Tupanci; em 7-6-1953, a de André da Rocha; em 2-1-1944, a de Machadinho; em 5-3-1961, a de Caseiros; em 7-1-1940, a de São João da Urtiga; e em 21-11-1949, a de São José do Ouro; todas primitivamente pertencentes à Paróquia de São Paulo da Lagoa Vermelha.

Frei Huberto, que governou a paróquia de São Paulo

durante cerca de 25 anos, ao deixar o cargo foi encarregado da construção do prédio residencial dos Padres Capuchinhos e da Rádio Cacique, ao lado da Matriz de Santo Antônio. Embora Vigário de Esmeralda, Frei Huberto Mattana continua como diretor da Rádio Cacique.

MUNICÍPIO

Extinto município de Vacaria, toda a região situada entre o rio das Antas e o rio Pelotas ficou praticamente isolada da sede do município, Santo Antônio da Patrulha, sofrendo as tristes consequências da enorme distância, da falta de comunicação, aumentando o índice de criminalidade. Por isso, atendendo reclamações das lideranças das duas freguesias, a Assembleia Legislativa Provincial, em 25-9-1862, aprovou o seguinte decreto:

“Art. 1º - Fica criado um novo município, que será composto das freguesias de São Paulo da Lagoa Vermelha e de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria. Art. 2º - A vila será ereta na atual povoação da Lagoa Vermelha; porém não será instalada enquanto não tiver casa da Câmara e cadeia, feitas às expensas dos respectivos moradores. Art. 3º O novo município fará parte da Comarca de Santo Antônio da Patrulha... Neri - Miguel Meireles, Portinho, Gomes da Costa e Andrade Neves”: Em 23-10-1862 este decreto foi aprovado em primeira discussão, sem debates.

Em 26-10-1867, na Assembleia Legislativa, nova discussão para criar o município de São Paulo da Lagoa Vermelha, nada ficando resolvido. Em 1873 entrou em discussão na Assembleia Legislativa o projeto do Deputado Dr. Carlos Chaves, elevando Vacaria à categoria de vila, abrangendo a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha. Longos debates dos deputados Dr. Soares da Silva, Dr. Carlos de Oliveira, Dr. Antunes Ribas, Dr. Epaminondas de Arruda, Dr. Chaves Campeio e Dr. Carlos Flores. Nessa discussão foram apresentados argumentos de distância, assassinatos impunes, crimes absolvidos...

Em 29 de março de 1876 entra em discussão o projeto de



Lei nº 77, da autoria do Deputado Antunes Ribas, nos seguintes termos: “Art. 1º - A freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha fica elevada à categoria de vila, com a mesma denominação. Art. 2º - A nova vila compreenderá, além do território abrangido pela freguesia e o distrito de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria, conservando as mesmas divisas ora existentes. Art. 3º - Este município passará a pertencer à Comarca de Passo Fundo, ficando desmembrado de Santo Antônio da Patrulha...”

Em 1-4-1876, este projeto foi aprovado em primeira discussão. No dia 5 do mesmo mês, foi aprovado o projeto 77 em segunda discussão e rejeitado o projeto do Deputado João Bonifácio de Camargo, elevando a vila a freguesia da Vacaria. No dia 7 do referido mês, o projeto nº 77 foi aprovado em terceira discussão, sendo também aprovada a redação para ser enviada a sanção.

Finalmente, no dia 12 de abril de 1876 foi sancionada a Lei nº 1018, nestes termos: “O Conselheiro Tristão de Alencar Araripe, Presidente da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul, etc. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a Lei seguinte:

Art. 1 - A povoação de São Paulo da Lagoa Vermelha fica elevada à categoria de vila com a mesma denominação. Art. 2 - o município da nova vila compreenderá os territórios das freguesias de São Paulo da Lagoa Vermelha e de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria. Art. 3 - Este município fará parte da Comarca de Passo Fundo. Art. 4 – Ficam revogadas as disposições em contrário. Mando... Palácio do Governo na Leal e Valorosa cidade de Porto Alegre aos onze dias do mês de abril de 1876, quinquagésimo da Independência e do Império. (L.S.) Tristão de Alencar Araripe. O Oficial-Maior servindo de Secretário do Governo Germano Severiano da Silva”.

Criado o município, o Governo Provincial em 20-5-1876 criou três aulas públicas, uma na sede, outra no Barracão e a terceira no Rincão dos Padilhas. Para aluguel das salas de aula o aluguel era de 16\$000 para a sede, 12\$000 para cada uma das demais.

INSTALAÇÃO DA VILA DE SÃO PAULO DA LAGOA VERMELHA

A Lei Provincial nº 1018 de 12 de abril de 1876 elevou à categoria de Vila a Freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha. No mesmo ano de 1876, foram eleitos os Vereadores para a Câmara Municipal, que foi instalada no dia 18 de janeiro de 1877, conforme auto que a seguir transcrevemos:

“Auto da instalação da Vila de São Paulo da Lagoa Vermelha. Juramento e posse dos Vereadores da respectiva Câmara Municipal. Aos dezoito dias do mês de janeiro do ano do nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e setenta e sete, quinquagésimo sexto da Independência do Império, da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, Freguesia de S. Paulo da Lagoa Vermelha, antes do Município de Santo Antônio da Patrulha, elevada à categoria de Vila, com a mesma denominação, pela Lei Provincial nº 1018 de 12 de abril de 1876, cuja íntegra é do teor seguinte: Artigo 1º - A povoação de São Paulo da Lagoa Vermelha fica elevada à Categoria de Vila com a mesma denominação. Artigo 2º - O Município da nova Vila compreenderá os territórios das Freguesias de São Paulo da Lagoa Vermelha e de Nossa Senhora de Oliveira da Vacaria. Artigo 3º - Este Município fará parte integrante da Comarca de Passo Fundo. Artigo 4º - Ficam revogadas as disposições em contrário. Secretaria do Governo em Porto Alegre, 15 de abril de 1876. Conforme o Oficial Maior Germano Severiano da Silva. Cumpridas as disposições do Decreto de 13 de novembro de 1832 e em virtude delas, na dita Vila e casa destinada para as Sessões da Câmara Municipal, pelas 11 horas da manhã, compareceu o Tenente Coronel Sesefredo da Costa Torres, como Vereador Presidente da Câmara Municipal de Santo Antônio da Patrulha. Comigo José Joaquim de Carvalho, Secretário da mesma Câmara Municipal e sendo também presentes os Vereadores eleitos, convocados previamente, os Cidadãos Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral como Presidente, Venâncio Antônio Coelho de Moraes Abreu, Francisco Henriques de Carvalho, Francisco Pereira de Sousa, Antônio Rodrigues de Oliveira Diogo, Jorge Guilherme Moojen e Inácio Bueno Candeia. O Sr. Vereador



Presidente da Câmara de Santo Antônio da Patrulha deferiu o juramento do estilo ao Sr. Vereador Presidente na fórmula prescrita no artigo 11 da Lei de 1º de outubro de 1828, e sobre um livro dos Santos Evangelhos, seguindo os demais Vereadores, jurando fidelidade ao Imperador e à Constituição e cumprirem dignamente com os deveres inerentes a seu cargo, promovendo por todos os meios a seu alcance a prosperidade e engrandecimento de seu Município. Prestando assim o juramento o dito Sr. Presidente declarou instalada a nova Vila e empossada a respectiva Câmara Municipal, tomando em seguida assento na Cadeira da Presidência o respectivo Sr. Vereador Presidente e demais Srs. Vereadores juramentados. E de tudo para constar se lavrou o presente Auto em que assinaram todos os Srs. Vereadores perante mim José Joaquim de Carvalho, Secretário que a escrevi. Torres. Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral. Venâncio Antônio Coelho de Moraes Abreu. Francisco Henriques de Carvalho. Francisco Pereira de Sousa. Antônio Rodrigues de Oliveira Diogo. Jorge Guilherme Moojen. Inácio Bruno Candeia. Eu, Inácio da Nóbrega Lins, Secretário que o subscrevi. Amaral. Moraes Abreu. Carvalho. Pereira de Sousa. Diogo. Moojen. Candeia. Conforme. Inácio da Nóbrega Lins”.



A Câmara Municipal da Vila de São Paulo da Lagoa Vermelha, em sessão de 28 de fevereiro de 1877, aprovou o código de Posturas da Câmara Municipal da nova Vila, contendo seis capítulos e 33 artigos. Eis um resumo dessa Lei Orgânica:

O 1º capítulo, que trata da Vila e demais povoações, estabelece que as ruas devem ter 80 palmos de largura, e as travessas, 50. Dentro de um ano, depois de concluída a casa, o proprietário é obrigado a calçar toda a frente do terreno edificado, com largura de sete a oito palmos, devendo a calçada ser de pedra.

O 2º capítulo trata da polícia, limpeza e salubridade da Vila e seu Município. Nele proíbe-se conservar porcos soltos na povoação, que serão apreendidos e vendidos em hasta pública, revertendo o seu produto em favor do proprietário, depois de deduzidas todas as despesas. É proibido andar de galope nas ruas, sob pena de multa de dois mil réis. Ficam proibidas as rifas em todo o município, sob pena de trinta mil réis de multa. Todos os chefes de

família são obrigados a fazer vacinar seus filhos.

O 3º capítulo trata das estradas, caminhos e tapumes. No artigo 21 determina-se que o animal que penetrar nas lavouras cercadas, será vendido em hasta pública e com o seu produto será paga a multa de dez a trinta mil réis.

O capítulo 4º trata das Bandeiras. O 5º do Presidente da Câmara. O 6º dos empregados da Câmara. No artigo 32 consta que o Capitão de Mato, pela prisão de cada escravo fugido, terá a gratificação de seis mil réis, pagos pelo senhor ou Procurador deste.

Este código de Posturas, da autoria da primeira Câmara Municipal, foi aprovado com algumas emendas pela Lei nº 1435 de 1-4-1884, pelo Presidente da Província Dr. José Júlio de Albuquerque Barros, tendo vigência até 1893, quando foi aprovado novo código, adaptado ao regime República no.

★ ★ ★

Criado o Município de São Paulo da Lagoa Vermelha, as lideranças políticas de Vacaria, inconformadas, apelaram para a Assembleia Legislativa no sentido de ser a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira elevada à categoria de vila.

Quando em 17 de abril de 1877 entrou em discussão o projeto criando uma Comarca em Lagoa Vermelha e Vacaria, os Deputados, argumentando que a vila de Lagoa Vermelha não possuía condições para sede da Comarca, elaboraram o seguinte projeto: Art. 1 Fica elevada à categoria de Vila a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria e rebaixada dessa categoria a da Lagoa Vermelha. Art. 2 - A freguesia da Lagoa Vermelha fará parte do município da Vacaria. Francisco de Paula Soares, João Bonifácio de Camargo e Félix Xavier da Cunha.

Em 21-4-1877 foi aprovado pela Assembleia Legislativa em 1º discussão sem debates o projeto elevando à categoria de vila a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria e rebaixando a de São Paulo da Lagoa Vermelha. Em 3-5-1877 o projeto nº 39 criando o município de Vacaria foi aprovado e remetido para sanção.

O Projeto foi transformado na Lei nº 1115 de 1-4-1878, nos termos seguintes: “O Dr. Américo de Moura Marcondes de Andrade,



Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul. Faça saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte:

Art. 1 - Fica elevada à categoria de vila a freguesia de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria. Art. 2 - A freguesia da Lagoa Vermelha fará parte do município da Vacaria, que pertencera à Comarca de Passo Fundo. Art. 3 - Ficam revogadas as disposições em contrário... Palácio do governo, na Leal e Valorosa cidade de Porto Alegre, em 1º dia do mês de abril de 1878, quinquagésimo sétimo da Independência e do Império. (L.S.). Américo de Moura Marcondes de Andrade. O Oficial Maior, servindo de Secretário, Germano Severiano da Silva”.

Já a Lei nº 1141 de 7-5-1878 desanexava de Passo Fundo e constituía uma nova Comarca todo o território pertencente à freguesia da Lagoa Vermelha, sob a denominação de Comarca de Nossa Senhora da Oliveira da Vacaria.

Ato de 15-10-1878 criava o 3º distrito de Vacaria, constituído pela freguesia de Lagoa Vermelha.

Em 1880 o Partido Liberal ganhou as eleições em Lagoa Vermelha, graças aos esforços do Cel. Tristão José de Almeida, Major Ovídio Moojen e o Tte. Cel. Alberto Marques de Almeida, chefes do partido no distrito. A chapa liberal ficou assim constituída:

Cap. João Soares de Barros 203 votos.

Jorge Guilherme Moojen 200 votos.

Cel. Delfino de Paula Néri 199 votos.

Romualdo Antônio Alves 192 votos.

Cel. Joaquim Luís Leite 191 votos

Conservadores:

Afonso Crispim Dias 133 votos.

Fidêncio Barreto do Amaral 122 votos.

Valeriano de Siqueira Borges 150 votos.

Cap. Felisberto Teles de Sousa 114 votos.

Tte. Cel. Miguel Joaquim de Camargo 104 votos.

Juízes de Paz liberais:

Cap. Francisco Delfino de Carvalho 206 votos.

Cap. Augusto Edmundo Moojen 204 votos.

Venâncio Antônio Coelho de Moraes Abreu 201 votos.

Francisco de Almeida Campos 200 votos.

Conservadores:

João de Sousa Feijó 127 votos.

João José da Luz 119 votos.

Francisco Ferreira Leão 118 votos.

Leonardo Pereira Xavier 117 votos.

SEGUNDA CRIAÇÃO DO MUNICÍPIO

Atendendo ao apelo das lideranças políticas do distrito de Lagoa Vermelha, a Assembleia Legislativa da Província, na sessão de 21 de abril de 1881, apresentava o Projeto-Lei nº 76, que decretava a elevação à categoria de vila a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha, como segue: Art. 1^o - Fica elevada à categoria de Vila a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha. Art. 2^o - Suas divisas, como município, são as mesmas que tinha como freguesia. Art. 3^o Revogam-se as disposições em contrário. Sala das sessões aos 26 de abril de 1881. Ribas.

Na sessão de 30 do referido mês, foi aprovado em segunda discussão o projeto e remetido à comissão de redação. Na sessão de 4 de maio, foi aprovado em terceira discussão o projeto elevando à categoria de Vila a freguesia de S. Paulo da Lagoa Vermelha.

Finalmente em 10 de maio de 1881 o Presidente da Província sancionava a Lei nº 1.300, como segue: “O Dr. Joaquim Pedro Soares, Vice-Presidente da Província de S. Pedro do Rio Grande do Sul, etc. Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial decretou e eu sancionei a lei seguinte: Art. 1^o - Fica elevada A categoria de Vila a freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha. Art. 2^o Suas divisas como município



são as mesmas que tinha como freguesia. Art. 3º Revogam-se as disposições em contrário. Mando... Palácio do Governo na Leal e Valorosa cidade de Porto Alegre, aos dez dias do mês de maio de 1881, sexagésimo da Independência e do Império. D. Joaquim... O Diretor Geral servindo de Secretário do Governo. Francisco Pereira da Silva Lisboa”.

Lagoa Vermelha continuou como distrito de Vacaria, até 26-1-1883, quando foi instalada uma Câmara composta pelos Vereadores Francisco Ferreira Leão Sobrinho (presidente), Alfredo Dias de Moraes (secretário), Augusto Edmundo Moojen, Heleodoro de Moraes Branco, Lopo da Silva Carrão e Elias José de Oliveira.

Em 15-3-1890 foi dissolvida a Câmara Municipal e nomeada uma Junta Governativa, composta de: Jorge Guilherme Moojen, Napoleão César Bueno e José Muliterno, que administrou provisoriamente os negócios do município.

Em 14 de agosto de 1892, por ato do Presidente do Estado, então respondendo o Vice-Presidente Dr. Vitorino Carneiro Monteiro, foi nomeado Intendente do município o Tte. Cel. Heleodoro de Moraes Branco, que nesse mesmo ano foi eleito para o referido cargo, no dia 3-7, empossado no dia 4 de setembro.

Em 13-3-1883 o município, pelo ato 35, foi dividido em três distritos: Sede (1º), Barracão (2º) e Turvo (3º).

Conforme o esclarecimento do historiador Arthur Ferreira Filho, a data municipal deveria ser o dia 12 de abril, no entanto, a Câmara de Vereadores decretou o dia 10 de maio, com a sanção do Prefeito Dr. Milton José Stella, levando em conta a segunda e definitiva criação do município.

COLÔNIA MILITAR DE CASEIROS

“A Colônia tem por fim a distribuição de terras às praças que obtiveram demissão na forma de seus contratos”. A princípio, no Mato Português, onde depois se instalou a Colônia, foram medidos

em 1853 e 1854 lotes coloniais em número de 90 de 22.500 braças quadradas, pelos engenheiros militares Manuel Martins da Silva e José Ferreira de Campos. Estes lotes destinavam-se aos soldados alemães que em 1852 haviam sido contratados pelo governo imperial para guerra contra o ditador de Buenos Aires, D. João Manuel Rojas. Visto como os soldados alemães não aceitaram, o governo resolveu criar a Colônia Militar, destinando-a aos soldados brasileiros excluídos do Exército, por doença, defeitos físicos adquiridos durante a guerra. Para tanto, foram mais tarde medidos outros lotes, perfazendo 363, “que serão distribuídos aos voluntários da Pátria e guardas nacionais com direito a semelhante distribuição”.

Antes de ser definitivamente instalada no Mato Português, a Colônia Militar de Caseiros esteve para se fixar no Turvo e no Pontão, como se observa pelos ofícios do diretor da Colônia ao Presidente da Província, Conselheiro Ângelo Muniz da Silva Ferraz:

“Tendo participado a V. Exa. em ofício de 12 de dezembro do ano pp., que na passagem do rio Saltinho havia se molhado o cargueiro que conduzia objetos para a escola... Outrossim, que à espera das ordens de V. Exa. para saber definitivamente a estabilidade da Colônia, para poder dar começo a ranchos e plantações de inverno. Deus guarde V. Exa. Colônia Militar de Caseiros, junto ao Rio Turvo, 7 de Fevereiro de 1858. José Lopes de Oliveira, Tenente Diretor”.

Em outro ofício do mesmo diretor, em 17-2-1859, lê-se: “Acusando a recepção do ofício de V. Exa. datado de 3 do mês próximo passado, em que me ordenais mudar o estabelecimento desta Colônia para o Pontão ou Mato Português, tenho a cientificar a V. Exa. que a citada ordem foi cumprida a 13 do corrente quando me foi apresentada a condução para a mudança pelo Capitão Francisco Antônio de Moraes, tendo-me no mesmo dia acampado na Freguesia da Lagoa Vermelha, à espera que chegasse do Pontão os oficiais de Engenheiros para designar o estabelecimento da Colônia,

e tendo eles chegado a 12, foram a 16 percorrer o Mato Português para onde determinou o Sr. Major José Maria Ferreira de Campos que eu marchasse, e fizesse o estabelecimento da Colônia junto à boca da picada velha; lugar em que nesta data fico acampado, e já principiei no corte de madeiras para a construção do quartel. Foi-me também entregue nesta data pelo dito Capitão Morais a quantia de um conto de réis para edificação do quartel, Igreja e casas dos oficiais empregados na Colônia, assim como 29 vacas mansas com crias e dois touros... Colônia Militar de Caseiros no Mato Português, 27 de fevereiro de 1859”.

Relatório da Presidência da Província à Assembleia Legislativa em 1858 dava conta da “criação de uma Colônia Militar pelo Governo Imperial, situada na Lagoa Vermelha, composta de 30 praças. Unicamente no mês de outubro puderam aportar a esta Capital as praças que a devem compor e que voluntariamente se ofereceram”.

Em 1859, o diretor José Lopes de Oliveira, estando com 28 praças, informava, “que os 32 prazos que se acham demarcados têm proporções para admitir cem colonos”. Por aviso da repartição geral das terras públicas, de 17-4-1858, mandou o governo estabelecer um núcleo de Colônia Militar, mas só em novembro do ano seguinte lhe deu regulamento o Decreto datado do Palácio da Bahia em 16-12-1859.

O Decreto nº 2.504, de 16-11-1859, do Governo Imperial, compõe-se de 35 artigos e destinava os terrenos já medidos em 1852 e 1854 e “todos os terrenos devolutos que ficaram dentro da circunferência de 12 léguas do raio, junto do lugar onde se acha atualmente estabelecida a referida colônia”.

Dentro deste espaço estão hoje compreendidos os municípios de Lagoa Vermelha, todos os da Grande Lagoa Vermelha, mais Getúlio Vargas, Sertão, Passo Fundo, Serafina Correia, Marau, Casca, Nova Prata, Nova Bassano e Esmeralda.

Após a fundação oficial pelo governo do Império, foi em 11-5-1860 nomeado diretor da Colônia Hortêncio Maria da Gama Sousa e Melo, empossado em 1-11-1860.

No livro de registro de batismos, que se encontra na Cúria Diocesana de Vacaria, lê-se: "Livro para assento de batismos, que se fizeram na Colônia de Caseiros", tendo sido rubricado em Porto Alegre em 28-10-1858 pelo Arcediago Vicente Zeferino Dias Lopes.

O 1º batismo realizou-se no dia 7 de setembro de 1859 "nesta Capela de Nossa Senhora da Conceição da Colônia Militar de Caseiros em Mato Português, Freguesia de S. Paulo da Lagoa Vermelha", pelo Pe. João de Campos e Silveira, Capelão do Exército da Colônia de Caseiros.

Este sacerdote foi o primeiro capelão da Colônia, havendo realizado o seu último batismo na Colônia no dia 3-10-1861. Em 1º de novembro desse ano, ele pediu demissão, em virtude das queixas apresentadas ao Presidente da Província, por estas razões: "O Pe. João de Campos e Silveira é pouco caprichoso, tanto como capelão e como professor, e não é dotado de moralidade".

A seguir, o Pe. Bernardo Barbosa de Andrade Pinto Brandão, Vigário de S. Paulo da Lagoa Vermelha, passou a atender a Colônia, a escola e o Aldeamento de Santa Isabel, de novembro de 1861 a maio de 1862, quando assumiu a capelania o Pe. Antônio de Moraes Branco, havendo feito aqui o último batismo no dia 26-6-1865. Daí por diante, até fins de 1878 continuou como capelão e professor o Pe. Bernardo Brandão.

Em 1860 havia na Colônia 24 colonos, sendo 18 praças do Exército e 6 escravos do serviço Os animais somavam 93, sendo 82 vacuns e 11 muares. Diz o relatório: "Existe só uma casa com 50 palmos de frente e 22 de fundo. Capela provisória, casas do Diretor, ajudante, Capelão, escrivão, ferraria e quartéis, tudo coberto de palha e em bom estado.



A colheita, pela seca, foi de apenas 20 alqueires de feijão e 800 de milho; trabalha-se em grandes derrubadas de mato para as plantações deste ano, calculadas em 8 alqueires de milho e outros tantos de feijão. Seguiu para a Colônia o novo Diretor levando 40 praças de prestação de serviço escolhidas, sendo a maior parte delas oficiais mecânicos”.

Em 31 de julho de 1862, chegava o Dr. Manuel Martins dos Santos Pena, cirurgião do Corpo de Saúde do Exército. Nesse ano, havia na Colônia, além do Diretor, ajudante, capelão e médico: 45 praças dos corpos do Exército, 10 famílias, sendo 55 homens adultos, 11 mulheres adultas, 9 menores do sexo masculino e 7 do feminino. Foram distribuídos e cultivados 51 prazos coloniais, além de 41 medidos ultimamente para serem distribuídos às praças. Colheita: 348 alqueires de feijão; 5.000 de milho; 2 arrobas de fumo, 6 alqueires de cevada e 10 de batatas. Animais dos colonos: 389 cavalares, 193 vacuns, 367 caprinos e 5.979 aves.

Em 4-3-1863 foi nomeado Diretor o capitão reformado Luís Antônio Dias de Andrade. Em 1864 um Relatório da Presidência da Província à Assembleia Legislativa, dizia: “Esta colônia, desde sua fundação em 1858 até hoje, não tem feito progresso algum sensível”. E o Presidente sugeria a transferência do pessoal para a margem do rio Ijuí.

Relatório de 1865 diz que havia na Colônia 46 casas de empregados, ferraria, xadrez, paiol, secretaria e enfermaria. As obras da igreja continuam paradas por falta de operários.

Em 1866 era diretor o Tte. Cel.do corpo de Engenheiros Luís Manuel Martins da Silva. Em 1868 foi exonerado do posto de 2º cirurgião o médico reformado Dr. Evaristo Nunes Pires. Em 1869 havia na Colônia 230 pessoas, sendo 229 católicos e um protestante, sendo 228 brasileiros e dois estrangeiros. Nesse ano não havia médico. Na escola, 31 alunos. 50 casas, sendo só a do diretor coberta de telhas. A igreja com falta de alfaias e paramentos,

acha-se em completo estado de ruínas, a ponto de não poder nela funcionar em dias de chuva. Cemitério de pedra bem construído...

Diz mais o relatório: “Esta colônia não tem prosperado, por estar muito isolada dos povoados, o mais próximo a 14 léguas. A despesa ordinária anualmente sobe a 12.000\$000. Por isso em 13-2-1869 solicitou ao governo imperial a sua extinção.

Em 1870, na Colônia, “a festa do Divino, com esmolas deixadas pelo finado Manuel Antônio de Oliveira (da Vacaria), foi magnífica, porque o testamenteiro David Antônio de Oliveira, filho do festeiro, foi muito coajuvado pelo Vigário Pe. Bernardo e pelo Cap. Luciano José da Rosa, diretor da Colônia. Tocou música serrana o professor Justino F.E. de Lima. Houve novena, império, cavalhadas, dança de jardineiras, marujada e baile. O vigário Pe. Bernardo é um cavalheiro distinto que com seu simpático trato sabe agradar a todos.

Foi liberada uma inocente, Inês, de cor branca, 5 anos, por solicitação do Vigário, o Cap. Diretor, sendo a alforria de 200 mil réis dada por D. Maria Antônia de Oliveira, senhora da Inês. Durante o lauto banquete, diante da casa do Vigário, foi apresentada a linda e interessante criança trajando com gosto, sendo-lhe entregue pelo Vigário a carta de sua liberdade. A alocação do Vigário fez correr lágrimas a quase todos os convivas do festim. Concorreu grandemente o negociante da Lagoa Vermelha José Ferreira Leão.

Contribuíram para a libertação da Inês: Pe. Bernardo 20\$000; Manuel Teodoro da Rocha (Passo Fundo) 12\$000; Cap. Luciano José da Rosa 101000; Jorge Ricardo da Silva (Campos Novos) 10\$000; com 5\$000: Alferes Francisco José de Oliveira, Elias José de Oliveira, Teodoro José de Silva, Bilardo A. de Aguirre, David Antônio de Oliveira, José A. de Quadros Penteado, José Bruno de Oliveira, João Jorge Moojen, Ten. Leopoldino José dos Reis, Manuel Antônio de Oliveira, Dr. João Joaquim Ramos e Silva (Juiz Municipal de Conceição do Arroio), Dr. Antônio de Pádua



Holanda Cavalcanti.

Com 4\$000: Cap. João Soares de Barros, Joaquim Antônio de Matos, Antônio de Paula Matos, Antônio Rodrigues de O. Diogo, Major Francisco Matos, D. Ana Maria de Almeida, D. Maria Eufrosina Justino, João de Sousa Feijó, Cândido Dias de C. Guimarães, Antônio Gomes Ferreira, José Ferreira Leão e José Francisco Ribas. Com 2\$000: Manuel Antônio de Lacerda, Antônio José Francisco, José Marques de Sousa, Cap. Francisco Ferreira Bueno, Ten. Joaquim Dias de Moraes e Manuel L. Ferreira.

Em 1871, por causa de mútuas e graves acusações, foram suspensos das funções o Diretor Cap. Luciano José da Rosa e o ajudante, Ten. Valentim José Barbosa. O 1º foi substituído pelo Cap. Carlos Francisco Cardoso e o 2º pelo Cap. Arsênio Joaquim de Sousa, ambos reformados. Mm 1872 assumiu a direção da Colônia o tenente honorário do Exército João Luís Müller, por não haver oficiais reformados. A igreja está sendo reedificada. Foi reparada uma casa para servir de escola. Em 1873, era Diretor o Major honorário do Exército João Detsi. Em 1874, o Cap. Eusébio Gomes de Argolo Ferrão.

Em 1875 era Diretor o Tte. Cel. João Manuel de Lima e Silva, auxiliado pelo Cap. Frederico César Viana e o alferes João Sabino da Rocha. Havia então 126 homens e 151 mulheres, dos quais 186 eram colonos civis; havia 281 católicos e dois protestantes, 280 brasileiros e 3 estrangeiros. Existiam 55 prédios, sendo seis da diretoria. A casa do médico foi vendida ao comerciante português José Ferreira Leão. A escola, regida pelo Pe. Bernardo Brandão, tinha 24 alunos. Havia um total de 71 animais, sendo 22 vacas e dez novilhas, 17 terneiros, dois cavalos, 4 mulas, 1 touro e 7 bois mansos. Foram colhidos 4.120 litros de milho, 2.100 de feijão, 101 quilos de batatas, 14 de trigo, 2.320 pés de mandioca e 5.000 de fumo. Nesse ano grassou a varíola, atacando 76 pessoas das quais morreram 15, estando sob os cuidados do médico Dr. Aurélio Benigno Castilho.

Em 1879, a Colônia Militar de Caseiros foi autorizada a se emancipar do regime militar, ficando encarregado o ajudante alferes honorário José Vieira da Costa a tomar conta do material e o Vigário a transferir para a Matriz de São Paulo os paramentos e alfaias. As casas foram quase todas desmanchadas por ordem da Presidência da Província, que mandou vender em leilão público o madeiramento, ferramentas e o gado, sendo a renda recolhida à Coletoria de Passo Fundo. Os soldados e numerosos colonos foram transferidos para a colônia do Passo Grande, no Alto Uruguai. O material de escritório foi recolhido e encaixotado num arsenal de guerra. Em Lagoa Vermelha houve reclamações porque o leilão, que durou vários meses, foi realizado sem a indispensável divulgação, favorecendo alguns comerciantes, que arremataram por preço irrisório.

“Na extinta Colônia Militar de Caseiros houve um grande fandango - diz um relatório - na noite de 2-12-1879, em regozijo da vitória alcançada pelo partido liberal desta paróquia, na eleição de 26 de outubro. Foram dados 150 tiros que pareciam ser de canhão no ataque de Monte Caseiros. Foram vendidos em leilão objetos de preços altos por pouco mais de nada”.

“A extinção daquela colônia - continua o relatório - foi um mal, como outros muitos, cometidos pelo atual governo, pois sendo outrora um lugar pacífico, é hoje o paradeiro de quanto vagabundo há. A cada passo está o subdelegado tendo participação de que ali há brigas, tiros, etc. Já muitas pessoas deixam de caminhar pela estrada que por ali passa, preferindo a antiga estrada, embora mais longa e péssima”.

O nome de Caseiros dado à Colônia Militar deve-se à célebre vitória alcançada pelo Exército Aliado a 3-2-1852 contra o tirano João Manuel de Rosas no lugar denominado Monte Caseiros, perto de Buenos Aires.

Por decreto nº 7.842, de 30-6-1939, o nome do distrito de Caseiros foi alterado para Caseiros.



Em 1981 é subprefeito Mário Cirino Rodrigues e Vigário o Pe. Fernando Guerreiro de Paiva. No dia 10-5-1981 o Governador Amaral de Souza inaugurou o novo prédio da Escola Estadual Casemiro de Abreu. A escola particular São Alexandre Sauri, sob a direção do Vigário, conta com 144 alunos e nove professores: Maria Neusa Sgarbossa, Azélia Dalazen Leite, Idélia Andrade, Nádya Tumelero, Wilson Dias de Moraes, Eneli Dutra Leite Rodrigues, Maria Helenita Ribeiro, Itamira Ribeiro Silva, Ir. Zilda Jesus Ribeiro, Eri Leite Ferreira (secretária). A escola, fundada em 1969, teve até 1980 um número de 675 alunos.

A vila conta hoje com Armazém de Vilson Munhon, Casa Comercial de Atilio Rigo, Bar de Leonildo Brancaglione, Comércio de Cereais de Avelino Tondo, Oficina mecânica de Olinio Bonatti, Beneficiamento e aberturas de Nelson e Paulo Celante, loja de Ivo Munhon (1968), Oficina de rádio e TV de Ari Tessaro. Táxis de Milton Leite e José Loide da Silva. Posto Petrobrás de Augusto Pomatti. Oficial do Registro distrital Odila Ana Astolfi Sgarbossa, que sucedeu a Joaquim Antônio de Resende, que assumiu em 1920. Loja de Benjamin Marini. Madeireira de Euclides Cirino dos Santos. Aviário de Silva e Andrade (1980).

Os pioneiros de origem italiana: Oreste Dalazen, Benvenuto Zanchet, Francisco Lunelli, Ricieri Brusamarello. 1º comerciante: José Cirino Rodrigues.

BARRACÃO

O atual município do Barracão, antigo distrito de Lagoa Vermelha, foi um dos marcos iniciais do povoamento da região, então conhecida por Fundos dos Campos da Vacaria. Os tropeiros paulistas batizaram o lugar com o nome de Pontão, em virtude de uma ponta da serra, de floresta de pinheiro-araucária, que, partindo da encosta do rio Pelotas, avançava pelo campo a fora.



Era a maior reserva de pinho-araucária do nordeste do Estado. Um grosso pinhalão, que colocava imensa mancha negra em forma de ponta, agredindo audaciosamente o verde da campina. Infelizmente, na década de 1960, esta reserva desapareceu, destruída pela invasão das indústrias madeireiras.

Em 7 de maio de 1785, o Governador da Capitania de São Paulo, Francisco da Cunha e Menezes, em ofício a Antônio Rodrigues de Oliveira, Sargento-mor na Vila de Lages, mandava sequestrar todas as tropas que vinham do Rio Grande do Sul “por um novo caminho para o distrito dessa Vila, três ou quatro dias de viagem desviado do Registro de Santa Vitória pela parte das Missões, pelo qual passam e têm passado muitos animais por alto...”

Em 15 de março de 1786, o Alferes Manuel da Fonseca Pais, Comandante do Registro de Santa Vitória, oficiava ao Governador Sebastião Xavier da Veiga Cabral da Câmara: “Consta-me que há perto de dois anos os indivíduos da Vila das Lages da Capitania de S. Paulo abriram um Passo Rio Pelotas abaixo, o qual pela direitura persuado-me distar deste registro quatorze léguas, no fundos da Vacaria, campos infestados de gentio brabo, por onde se comunicam com os Povos de Missões Espanholas e por esses extraíam animais...”

O caminho novo, de que falam os documentos acima, só podia ser o da barra do Maromba, mais tarde denominado Passo do Pontão, onde vai ser construída a ponte da BR-470, a 12 quilômetros da cidade do Barracão.

A abertura oficial desse passo verificou-se em 1818, por Antônio da Rocha Loires, tendo à frente o major Atanagildo Pinto Martins, que já estivera aqui em 1814, guiado pelo índio caingangue Jonjong, tendo sido acossado pelos índios guaranis.

A ideia da abertura desse passo e dessa estrada foi do Marquês de Alegrete, que do Rio Grande do Sul fora transferido



para São Paulo. Até 1818, o único passo oficial, fiscalizado, era o de Santa Vitória, no atual município de Bom Jesus.

Desejando encurtar caminho e fugir ao pagamento do imposto, que era cobrado no Registro de Santa Vitória, os tropeiros, por volta de 1784, abriram este caminho, considerado clandestino até 1818, quando o Major Atanagildo Martins, com 60 exploradores, o abriu oficialmente, por ordem do Conde de Palma, a quem coube concretizar a ideia, fazendo penetrar a expedição desde Palmas, atravessando o sertão de Campos Novos, até atingir o nosso Estado no referido Passo do Pontão.

No ano de 1848, Joaquim Antônio de Morais Dutra, por ordem do Governo Provincial, construiu a Capela e o Quartel, precisamente no local onde hoje se ergue a cidade do Barracão. Com a construção da Capela e do Quartel, juntamente com a coletoria para cobrança do imposto do gado que era transportado para fora da Província, foi se formando um povoado, que a princípio de chamou “Capela do Pontão”.

De acordo com as informações do engenheiro Mabilde, de que falaremos depois, o povoado foi crescendo, de sorte que em março de 1850 havia nele 95 habitantes. A população não parou de afluir, com novos arranchementos, apesar dos protestos do proprietário do campo.

“O lugar escolhido para a construção do Quartel - escrevia Mabilde em 8.9.1850 - é o mais apropriado possível, no meio de uma coxilha ao nível de todos os terrenos adjacentes... Além disso, o lugar aonde se está atualmente edificando o Quartel é o único que achei aonde há fontes de água, no lugar aonde passa a estrada que segue desta Província para a de São Paulo”.

“Este lugar - continua Mabilde - tem mudado inteiramente de aspecto. De medonho e perigosíssimo por causa dos repetidos ataques que faziam os bugres, o que obrigava os tropeiros e viandantes a estar toda a noite alerta, e cuidando os animais a fim

de evitar extravios, roubos e assassinios que os bugres praticavam, logo que qualquer descuido dos tropeiros o permitisse praticá-los, este lugar, digo, tornou-se risonho, e o movimento da pequena população já existente neste lugar mudou inteiramente de fama... Hoje, e Deus permita que assim continue, a maior segurança é para os tropeiros, que agora vêm pousar no meio de uma pequena povoação, que a coisa de um ano era mata virgem e faxinais habitados pelos bugres”.

O povoamento do atual território do Barracão teve início por volta de 1800 com “ricos fazendeiros, provenientes de Lages e Vacaria”. Em 1851 visitou a localidade um estudioso cujas observações foram publicadas no Almanaque do Rio Grande do Sul. Escreveu então: “Em virtude da coletoria aí estabelecida, foi edificado um extenso barracão de madeira, onde ela funciona; foi desse fato que também o lugar tomou o nome de Passo do Pontão, como é conhecido hoje e que nenhum mapa dá-lhe tal denominação. O local começa a povoar-se e promete prosperar com o tempo. Tem uma capela ereta a Nossa Senhora das Dores, hoje abandonada por falta de sacerdotes”.

Pelo arquivo da Cúria Diocesana de Vacaria, sabemos que o Padre Missionário da Companhia de Jesus José Cabeça esteve celebrando e batizando na Capela do Pontão em 4.9.1849 e a seguir nos dias 24 e 30 do mesmo mês, nos dias 6 e 24 de outubro, nos dias 12 e 20 de novembro, no dia de Natal do mesmo ano, no dia 30 de dezembro do mesmo ano, no dia 22 de janeiro de 1850, e ainda nos meses de fevereiro, março, abril e maio de 1850.

O passo, que fora arrematado por D. Ana de Matos, de Campos Novos, pela soma de 250 mil réis, já em 1849 mantinha uma receita diária de quatro mil réis, nos meses de pouco movimento. Nos sete meses em que havia transição de bestas, a receita diária aumentava para 24 a 40 mil réis. Mais tarde, o Governo Provincial arrematou o passo.



Em 1849 teve início a construção de uma estrada mais transitável, sob as ordens do engenheiro belga, naturalizado brasileiro em 1848, Pedro Francisco Afonso Booth MABILDE, que exerceu notável influência na região, sobretudo por sua louvável interferência nos conflitos entre os povoadores e os índios Coroados, que eram em número superior a duzentos, espalhados pelos matos do Pontão.

Havendo permanecido prisioneiro dos índios durante dois anos, Mabilde aprendera a sua língua, o que muito lhe valeu nessa contingência. Deixou-nos ele valioso tratado acerca dos costumes dos Coroados do Rio Grande do Sul, como também a respeito da fundação do Barracão. Um grosso volume de 300 laudas, escrito por Mabilde, encontra-se em poder de sua família em Porto Alegre. Desse documento, colhemos algumas informações aqui presentes.

Refere Mabilde que os moradores do Pontão, como os trabalhadores da estrada, procuravam aplacar a ira da tribo indígena, presenteando os índios com roupas e alimentos. Entretanto, em 1851, ocorreu um fato lamentável, que provocou o êxodo de muitos estancieiros, diante da grave ameaça dos Coroados.

No dia 5 de agosto do referido ano, indígenas dessa tribo assaltaram as famílias de João Mariano Pimentel e de Bernardino Fialho de Vargas, proprietários de fazendas na região compreendida entre o rio Turvo e o Prata, então pertencente ao município de Vacaria, assim como os atuais municípios de Lagoa Vermelha, Barracão e Esmeralda.

Visando resgatar os membros da família Pimentel, sequestrados pelos índios, uma escolta de soldados, sob as ordens do tenente coronel José Luís Teixeira, comandante da Guarda Nacional de Vacaria, moveu forte ataque aos índios do Pontão, chegando a matar homens, mulheres e crianças.

Os moradores, temendo vingança dos silvícolas, deixaram

suas casas, seus rebanhos e suas terras, causando o abandono de suas fazendas, “ficando desta sorte despovoada grande parte do município, o que bastante atrasa os interesses da Província, por serem aqueles moradores quase todos estancieiros e criadores, e pessoas que exportam anualmente tropas de gado, muitas para fora da Província”, conforme se manifestou a Câmara de Vereadores de Vacaria, em ofício ao Marechal Conde de Caxias, Presidente da Província, no dia 16 de setembro de 1851.

A maior parte dos índios atingidos pela perseguição da escolta da Guarda Nacional encontrava-se nos fundos da fazenda de Felipe José de Sousa, que se transferira do Paraná em 1841, juntamente com o pioneiro inglês João Jorge Moojen.

Mabilde refere que em 1850, enquanto ele construía a estrada do Pontão, vinham numerosos moradores da região, pedindo lotes para a construção de casas de moradia no povoado e outros para se instalarem com casas de negócio, que depois se estabeleceram em número expressivo. Havia ainda uma biblioteca pública.

O povoado passou a ser conhecido por Capela do Pontão ou Aldeia dos índios. Em 1852, em algum documento, já aparece o nome de Barracão, denominação popular que passou a se firmar definitivamente, tendo origem no quartel, que era um vasto barracão de madeira. Nos documentos oficiais, entretanto, o nome de Pontão aparece até na década de 1880. Mais tarde, em virtude da Fazenda do Pontão do Cel. Tristão José de Almeida, vendida aos três Irmãos Mendes de Araújo, o nome de Pontão passou a denominar a região da encruzilhada da estrada Barracão - São José do Ouro, onde se ergue a atual Capela do Pontão.

Em 1848, a imprensa de Porto Alegre publicava: “Quartel do Pontão - despendeu-se com esta obra a avultada soma de 20:645\$200 réis; é toda de madeira, foi mal construída, e já está arruinada antes de servir.



Parece que o pensamento do Presidente, que mandou construir um tão grande quartel, foi estabelecer ali um ponto militar. Hoje terá de servir para residência dos soldados prussianos, que não de se estabelecer numa Colônia, que conforme as ordens do Governo Imperial, se vai fundar aquele lugar”.

Esta Colônia não chegou a ser fundada no Pontão, tendo havido uma tentativa de fundação no atual distrito de Caseiros, onde o Governo Imperial havia mandado medir lotes antes da fundação da Colônia Militar de Caseiros.

O Relatório do Vice-Presidente da Província, na abertura da Assembleia Legislativa da Província, em 4-3-1848, rezava: “Para melhorar a arrecadação das rendas da Coletoria de Santa Vitória e desviar uma das causas que concorria para o seu decrescimento naquele lugar, foi conveniente removê-lo para o Passo do Pontão - por onde se dirige a estrada que de Campos Novos segue para a Província de São Paulo, estrada está mais transitada, por ser melhor do que a outra de Santa Vitória, ficando aí os dois agentes que o Coletor conserva no Pontão”.

O primeiro Coletor de Pontão foi o cap. Joaquim Antônio de Moraes Dutra, diretor da construção da obra. Em 1850 era coletor José Pedro da Silva e Albuquerque; em 1854, José de Sá Brito.

Um relatório diz: “A Coletoria do Pontão no ano de 1856 produziu 26:339\$310 réis, e no ano de 1857 somente 25:582\$440, apresentando para menos 756\$830, quando a arrecadação devia elevar-se neste último ano, porque o imposto sobre os animais exportados, que é o que ali exclusivamente se arrecada, foi elevado a 800 réis. Esta declinação de renda por um modo tão notável é justificada pelo coletor dizendo ele que a demanda de bestas para a feira de 1856 foi grande, e que tendo ela causado muitos prejuízos, por não terem sido vendidas as muitas tropas ali então acumuladas, resultou não terem concorrido compradores a esta Província no ano de 1857, e que a exportação fosse insignificante.



Outra causa, assinala ele, é a de darem hoje os tropeiros preferência à estrada de Nonoai... Estando eu na vila de Lages no ano de 1856, soube por muitas pessoas que o contrabando das bestas era grande, e que até havia pessoas que se encarregavam desse modo de vida. A Agência de Nonoai no ano de 1858 arrecadou 3:316\$400 réis e no ano de 1857: 9:149\$80.”

Relatório da Província à Assembleia Legislativa em 1855: “Para melhoramentos da estrada do Pontão, desde a Coletoria ao Passo consignada a importância de 4:000\$000 réis. Infelizmente os trabalhos foram paralisados, mas recomendou-se ao comandante da polícia local, João Patrício de Castro, dando uma gratificação diária de 650 réis, pois por essa estrada passam numerosas tropas de mulas, fazendo com que a Coletoria do Pontão seja das mais rendosas da Província”.

Em 1855 o Governo da Província mantinha no Pontão 1 alferes e 11 praças. Em 1859 era Coletor o cap. José Jacinto Ferreira, seguido de Francisco José Martins (1860), Jerônimo Rodrigues de Lima, Heleodoro Dias de Moraes, Zeferino de Sales Bittencourt, Antônio Gomes Ferreira, Virgílio Justino Moreira, João Soares de Barros... Por ato nº 47 de 2-12-1899 determinou-se a transferência da sede da Coletoria do Barracão para a Vila de Lagoa Vermelha.

Em 15-4-1874 entrou em discussão na Assembleia Legislativa o Projeto de Lei nº 131 decretando a criação de uma escola pública no Barracão. Em 20-5-1876 estava em funcionamento a escola pública, sendo paga pelo aluguel da sala a quantia de 12\$000. Em 30-4-1884 foi contratado para a escola o professor Felipe Sales de Bittencourt. Em 1890 a escola estava vaga.

O Relatório da Intendência Municipal de 1890 dizia: “Povoado do Barracão: Com 16 casas, dista 66 km da sede. No povoado está estabelecida uma Coletoria do Estado. Tem uma aula



criada para o sexo masculino, mas não está provida. Tem capela de madeira construída regularmente, com esmolas dos moradores do lugar”.

Durante a Revolução de 1893, Barracão sofreu a invasão das forças beligerantes, sob o comando de Pinheiro Machado e Chachá Pereira. Idênticas incursões verificaram-se durante a Revolução de 1923, quando por diversas vezes as forças cruzaram o rio Pelotas no Passo do Barracão. Na Fazenda do Pontão, de Tristão José de Almeida, verificou-se horrível chacina, com o trucidamento de 15 pessoas que caíram às mãos de um grupo de maragatos de Gumercindo Saraiva.

Na mesma Fazenda do Pontão, no dia 31-10-1914, foi assassinado João Antônio Machado Filho, pai do fazendeiro Aparício Mendes, falecido há poucos anos, que assim relatou o fato ao autor deste livro:

“Eu estava na sala conversando com um tio recém-chegado, irmão do assassino. Este, Gomercindo Mendes, estava combinado com o irmão para matar meu pai.

Enquanto eu me entretinha na conversa, ouvi um tiro. O pai tinha sido atingido pelas costas no momento exato em que entregava a cuia de chimarrão ao meu avô, Manuel Pedro Mendes de Araújo, que era natural de Guarapuava, no Paraná. Gomercindo havia disparado por uma fresta da cozinha onde meu pai se encontrava.

Levantei-me. Atravessei o corredor onde encontrei o pai com o revólver na mão e cambaleando. Agarrei-o e em seguida morreu. O irmão do assassino me ajudou a colocá-lo na cama. O avô pediu-me que aprontasse o cavalo e fosse avisar os vizinhos. Eu respondi:

- Mas tem gente lá fora.

Um cachorro estranho choramingava. Nós não tínhamos

cachorro. Notei que alguém forcejava o trinco para entrar. Agarrei o revólver do pai e fiquei de espera. Mas a porta não se abriu. Daí a pouco eu pude sair para chamar os vizinhos.

Supõe-se que o motivo do crime fosse o ciúme que Gomercindo tinha do meu pai e da criada que meu avô tinha em casa. Gomercindo era neto do meu avô e criado por ele.

Meu pai era quem cuidava do avô. Depois que meu pai morreu, eu cuidei dele até dar-lhe a sepultura. Gomercindo casara havia pouco e morava em nossa casa. Mas não se quadrou com meu avô, seu pai de criação, e nem com a criada.

Meu avô tratou então de ajeitar que o Gomercindo fosse morar numa internada, perto de Tupanci. Enquanto construía a casa, ficou morando numa casinha do sogro.

Decerto o assassino achou que o pai não consentia que ficasse morando em nossa casa, com receio de que podia matar a criada do avô. Morto meu pai, o avô não teria quem cuidasse dele e o Gomercindo ficaria dono da situação.

Embora ninguém tivesse visto, as suspeitas caíram todas sobre o Gomercindo, pois nem ao velório ele queria vir. Chegou tarde, mas ficou no galpão. Só convidado ele foi, a contragosto. Quando ele entrou na sala do velório, o cadáver verteu sangue. Aí meu avô disse:

- O sangue do meu filho está pedindo justiça.

Então o Gomercindo não aguentou e saiu. Mas naquela mesma semana, enquanto tratava da mudança da casa foi preso”.

Gustavo Berthier, subdelegado de Polícia de Clemente Argolo, é agora quem vai contar como prendeu o criminoso: “Naquela tarde, o Gomercindo esteve na Estância (Clemente Argolo), na bodega do Lulu Machado, e comprou uma porção de chumbo grosso. Tinha uma pistola de carregar pela boca:



Andava num burro. E nós, examinando o mato, achamos, num olho d'água, o lugar onde o burro estava amarrado. Pisou tudo ali. Então já caiu a suspeita nele.

No outro dia, o Gomercindo mudou-se para a casa dos Almeida. Fui lá para conversar com ele. Quando cheguei lá, saiu com um revólver atravessado na frente. Prendi ele. Tinha um punhado de balas despejado no bolso.

Aí fui examinar um cesto de roupa velha, porque na cozinha do crime fora encontrada uma bucha assim quadrada, de uma fazendinha de luto, roxa, de raminho. Pois naquele cesto da mulher, eu achei o resto do vestido daquela fazenda e bem certo donde saiu o quadradinho para fazer a bucha.

Ficou preso dois anos. Foi solto, mas não prestou mais. Começou a beber. Decerto de remorso. Mas foi solto porque tinha um bom advogado de defesa, o Dr. Macedônio Rodrigues da Silva, sogro do Dr. Plauto de Abreu, e por que não havia testemunha ocular do crime”.

★ ★ ★

Foi no dia 8 de maio de 1905, no Pulador, ermo rincão, junto à estrada entre Clemente Argolo e Barracão, na casinha de comércio do árabe Antônio Nicolau.

Naquela solitária casinha, ilhada na verde imensidão da campina, o pacato comerciante vivia com a velha mãe, fornecendo os criadores de artigos de fora, recebendo muitas vezes em troca produtos da pecuária.

Não havia bancos para guardar dinheiro. O comerciante era obrigado a aguardar a volta dos caixeiros viajantes para efetuar novas compras e pagar as mercadorias anteriores.

Naquela noite, dois rapazes, um deles irmão de Gustavo Padilha, encontrava-se de pouso na casa comercial do Antônio

Nicolau. Mas lá, a certa altura da noite, cinco assaltantes arrombaram a porta da casa e abatem a tiros o velho comerciante, que depois degolam. A seguir, com 16 facadas, matam sua velha mãe, juntamente com os dois hóspedes, degolando a ambos.

A polícia municipal procurou em vão durante meses uma pista dos assaltantes. Enfim, em 1907, no Barracão, a velha Júlia, sogra de José Claro Biriba, um dos assaltantes, apesar das ameaças de morte por parte do genro, dá parte ao subintendente, capitão Felipe Sales de Bittencourt Silveira.

José Claro Biriba foi preso, juntamente com outros dois bandidos, que foram condenados a 30 anos de reclusão. Dois, resistindo à ação da polícia, foram abatidos, sendo um destes o tal de João Dedo, que se havia refugiado nos matagais do Espigão Alto, onde foi morto pela polícia.

Dois anos mais tarde, em 1907, ainda no Barracão, o negro Baeta assassina o cidadão Florêncio Leite de Godói, de numerosa prole. O negro Baeta, autor de vários crimes, defrontou-se um dia com o Cel. Gustavo Berthier, junto ao rio Barreiro.

- Quem é você? - pergunta o coronel.

- Eu sou o negro Baeta - respondeu pondo a mão na pistola.

Gustavo Berthier, rápido como o raio, deferiu-lhe um tiro na testa. O rio, muito cheio, arrastou o negro e seu cavalo, que depois foi encontrado, não assim o corpo do bandido.

Gustavo Berthier continua: “Foi no Barracão. Uma quadrilha de ladrões botaram açougue. Roubavam. Chegavam num fazendeiro, escolhiam uma vaca, laçavam, levavam e carneavam. E ninguém podia dizer nada, porque era muito brabo, muito quebra.

O tropeiro pousava ali no Barracão, e eles roubavam o lote de mulas. Mula mansa. Escondiam. Depois iam vender. Eram João Evangelista, outro João, dois irmãos, e um tal de Zé da lana, José



Alves da Silveira, mais conhecido pelo apelido da mãe, Iana.

Depois de algum tempo, o Zé da Iana foi pronunciado. Ele era o responsável. Mandaram o Pelegrino, o coronel Pelegrino (Jorge Pellegrini Castiglione), que era o comandante em Lagoa, prender.

Passava aqui com dez, quinze soldados. Iam no Barracão. Mas aqueles soldados apeavam, tocavam trombeta, militarmente. Como é que pegavam um homem daqueles, desse jeito?

Tinha eleição do Borges, e Sívio Barbedo, que era o Prefeito, chefe político, fomos no Barracão para a eleição. Então o pessoal se reuniu:

- Se os senhores não solucionarem este caso, que não pegue o Zé da Iana, aqui não vota nenhum. Os Borges não pega nenhum voto.

- Pois é, o que é que eu vou fazer? O Coronel Pelegrino vem e não pega.

- Pois aqui não vota ninguém.

Aí eu disse: Então dê uma ordem para eu pegar. Aí o Sívio disse: Vamos na Lagoa.

Cheguei lá, o professor Saraiva, o Delegado, me deu uma ordem pra prender o homem no Barracão: - Aí, Tida, vamos lá. Vamos aprontar dez soldados pro senhor.

- Não - eu disse - não quero dez. Quero um soldado só. Um que preste.

Me deram um soldado. Me trouxeram de auto aqui (Clemente Argolo) com o soldado. No outro dia fomos pousar no Barracão.

Mandei procurar o tal de Iana. Daí a pouco vieram me dizer que estava no velho Maneco Juvêncio tomando cachaça. Fizeram lá

uma banca de bacará na mesa. Tava jogando bacará.

De noite eu encontrei um diabo lá que ia com o soldado, e ele contou pro da lana que a polícia andava por aí. Às 9 horas botou uma pistola na mesa: Estão dizendo que a polícia anda por aí. Vou me prevenir.

E eu então deixemos o cavalo atado no mato. O soldado foi pro fundo da casa. Saiu um filho do velho Maneco. Saiu correndo pro lado do rio. E o soldado vai, pega o rapaz. Derrubou. Estava segurando ele: Está aqui o homem.

A mulher do Maneco gritou: Olha o soldado a cavalo. Aí o Zé da lana saltou. Eu gritei: É este o Zé da lana?

E dei ordem de prisão. Tinha uma cerca baixinha. Ele montou a cavalo da cerca. Agarrou a pistola de dois canos. Antes que me atirasse, meti-lhe uma bala 38 no botão do colarinho. Mas caiu. Eu até nunca vi. Nem caça cai tão ligeiro.

Aí mandei chamar o Delegado do Barracão, o Hildebrando Bittencourt, e disse: Olha, aqui está o Zé da lana. Está morto. Aqui tem nove testemunhas. Agora faça o corpo de delito. Faça o processo.

O caso foi tão comentado, que até fizeram uma bonita décima, que muita gente sabe de cor até hoje”.

★ ★ ★

Agora vamos ouvir o Coronel Libório Pimentel, que foi testemunha do célebre conflito da Raia dos Pinheiros, ocorrido no dia 15-10-1916, entre membros das famílias Chaves e Castilho. O poeta Ovídio Chaves e o jornalista Hamilton Chaves são sobrinhos dos Chaves que morreram no conflito.

“Eram vários irmãos - conta Libório Pimentel. - Lúcio Castilho era o subdelegado e subintendente do Barracão. Dois filhos, o Procópio e outro, eram prealecidos, abusando da

autoridade da família e faziam coisas que não deviam fazer.

Crescêncio Chaves, que foi promotor público em Campos Novos, soube da encrenca dos irmãos dele com as autoridades. Escreveu uma carta para o Antônio Lúcio Castilhos, o subdelegado, avisando que no dia das carreiras, pelas duas da tarde, esperasse na cancha. Que reunisse os filhos dele, porque ele vinha para justar contas. Avisou os irmãos dele.

Crescêncio veio, cruzou o rio, passou no Barracão. Onde pousou tinha um filho pequeno de Antônio Lúcio. Disse: Vá adiante, avise seu pai que hoje estou aqui e, como prometi, às duas horas, estarei na cancha dos Pinheiros para nós justar contas. Hoje nós vamos nos ferrar de rijo!

Antônio Lúcio se preparou. Às duas horas, Crescêncio chegou. Foi aquele tiroteio! Cem tiros!... Depois, quando cessou a fumaça, estava caído o Crescêncio e o irmão dele, o Eugênio Chaves. Leandro Chaves, outro irmão, morreu também. E morreram dois filhos de Antônio Lúcio Castilho: Jordão e Procópio.

Cessou a fumaça. Daí a pouco, Eugênio Chaves se levanta. Ele tinha tomado uma cacetada na cabeça. Saiu-lhe todo o couro cabeludo, veio para os olhos com uma bola de sangue. Ele nem enxergava. Recuperou os sentidos. Levantou o couro. Olhou, viu um guri com umas laranjas. Disse: Dê cá uma laranja, que estou com uma sede danada. Eu não vi nada.

O Crescêncio também se levantou. Tinha tomado um balaço de Winchester no braço direito, atravessara o corpo e o outro braço. Outro tiro havia lhe atravessado as duas pernas. Viu que a polícia 1ª atrás dele. Mandou vir a mula. Montou a cavalo, cruzou o rio Pelotas numa canoa com a mula a reboque e foi se curar com arnica no outro lado do rio.

O Leandro e os filhos do Antônio Lúcio ficaram se atirando. O Leandro se encostou num poste e, como não tinha mais bala,

puxou da adaga e atravessou o outro com um pontaço. Caíram os dois, um de cada lado.

Eugênio Chaves, mais tarde, foi morto na Revolução do 23.

Havia então em Clemente Argolo um contingente da Revolução comandado por Eliziário Paim, o Falcão. Veio com uma guarnição, todos bandidos escolhidos a dedo em Santa Catarina e Paraná. O que tinha menos crimes, tinha seis. Só não tinha crime o cozinheiro, um gurizote. Quando saíam em diligência, ele ficava chorando: Eu queria que vocês me levassem, eu queria aprender a degolar...

Dois índios daqueles desentenderam-se com o Eliziário, o Comandante, e foram embora. Cruzaram o Pelotas. Mas depois se arrependeram e queriam voltar. Precisa um pretexto.

No morro do outro lado, na porta da venda estava o Eugênio Chaves comendo um enlatado. Mandaram chegar e mataram o homem.

Elpídio Chaves, o pai de Ovídio Chaves, foi para Porto Alegre, onde cuidava dos morféticos, perto do Guaíba. O filho foi também, encontrando na Capital ambiente para o seu gênio.

Crescêncio Chaves criou um rapaz, o Gilberto Chaves, que se tornou grande. Educou-o, e mais tarde ele foi para São Paulo. Lá se elegeu deputado estadual por duas legislaturas. Era o presidente, o patrão, do Centro de Tradições Gaúchas em São Paulo. Pessoa muito relacionada. (Faleceu em 7-7-1981).

Do Barracão é também o Dr. Zeferino Bittencourt, médico em Porto Alegre. Natural de lá e também um parente meu, que foi Prefeito em diversos municípios no Paraná. É o Patrocínio Pimentel”.

★ ★ ★

O povoado do Barracão, criado 2º Distrito de Paz em 16-11-



1898, passado o período áureo do trânsito de tropas de mulas para São Paulo, quando sua Coletoria se tornou a mais importante de toda a Província do Rio Grande do Sul, foi caindo em decadência, perdendo o seu antigo esplendor. A capela era atendida a princípio pelos Capuchinhos da Paróquia de Lagoa Vermelha. Criada a Paróquia de São José do Ouro, passou a pertencer a esta.

No ano de 1960, um acontecimento expressivo vai trazer um pouco de alento à população, que a partir daí entrou a crescer. Esse acontecimento foi a criação da Paróquia de Nossa Senhora das Dores do Barracão, pelo Bispo D. Augusto Petró, no dia 15-9-1960, sendo no dia 18 empossado o primeiro Vigário na pessoa do Pe. João de Smetd, numa festa concorrida em que houve cerca de 300 crismas.

Em 24-3-1963 tomava posse o dinâmico Pe. Alexandre Pestka, que deu impulso ao movimento emancipacionista, que vinha se esboçando. Organizou-se então a Comissão emancipadora, assim constituída: Pe. Alexandre Pestka, Odilair Dal Prá, Atílio Antunes Leal, Francisco Lopes de Miranda, Cecílio Pereira de Figueiredo, Luís Dal Prá, David de Lima Jacobi, Dário Nunes dos Santos, Ernesto Bergamo, Romano Bergamo, Hilário Ferrari, Delfino Julião Machado, Fiorello Egídio Giordani, Erotildes Jacobi dos Santos, Manoel Teles de Miranda, Hilário Kohl, Laurindo de Lima Jacobi e Erico da Costa, Diretor do Ginásio Estadual.

A campanha foi vitoriosa. No dia 30-5-1964, pela Lei estadual nº 4732 era criado o Município de Barracão, com uma área de 524 Km², e uma população de cerca de 8.500 habitantes. Realizada a eleição, com candidato único, foi oficialmente instalado o Município, no dia 7-2-1965, sendo empossado o Prefeito Municipal, na pessoa do sr. Pedro Machado Pereira, tendo como vice-Prefeito o sr. João Pedro. Jacobi dos Santos, com mandato que espirava em 31-1-1969.

Na mesma ocasião, foram empossados os Vereadores

eleitos, a saber: Pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB): Arlindo Gradin, Eurico Rodrigues Boeira, José Teles da Silva e Heliodoro Silveira dos Santos. Pelo Partido Social Democrático (PSD): José Pereira Jacobi e Henrique Tonial.

Para o segundo mandato, foi o eleito Prefeito o sr. Estevam Malinoski, tendo como Vice-Prefeito o sr. Ataíde Mendes de Lima, ambos do Partido Trabalhista Brasileiro. O segundo chefe do Executivo, entretanto, governou o município até 2-7-1969, por haver sido afastado do cargo em virtude da cassação do seu mandato pelo Governo Federal.

Foi então nomeado Interventor Federal o professor Romeo Júlio Abrahão, que se manteve à testa do Executivo de 2-9-1969 a 31-1-1973. Os Vereadores empossados em 31-1-1969 foram: Pelo Movimento Democrático Brasileiro (MDB): Arlindo Grandin, João Pagnunssatti, Horacilio José de Paula e Avelino Reolon. Pela Aliança Renovadora Nacional (ARENA): Juvenal Pereira de Figueiredo, David de Lima Jacobi e Orion Soloé da Silva, os quais se mantiveram à frente do Poder Legislativo de 1969 a 1973.

De 31-1-1973 a 31-1-1977, foi Prefeito Municipal o sr. Pedro Machado Pereira, da ARENA, tendo como Vice-Prefeito o sr. João Bragato, e Vereadores, pela ARENA: David de Lima Jacobi, Brunildo Taciano Scalabrin, Hilário Kohl e Juvidino Rodrigues de Oliveira; Pelo MDB: Horacilio José de Paula, Jorge Pereira da Silveira e Wilson Pieri.

Por fim, para o mandato de 31-1-1977 até 31-1-1983 (em virtude da prorrogação dos Mandatos), foi eleito e empossado o sr. Arlindo Gradin, do MDB, tendo como Vice-Prefeito o sr. Leopoldo Lopes Pereira, do mesmo partido. Vereadores: Pela ARENA: Oradil Mendes de Lima, Joares Espedito Bergamo, Dirceu Antonioli e Francisco Corá Cândido; Pelo MDB: Atino Degerone, Celçoi Poles Zanella e Jucelino Branco de Macedo.

Em substituição às Escolas Reunidas, em 3-3-1962, pelo

Decreto nº 11997 foi criado o Grupo Escolar Jesus Menino, que teve como primeira diretora a prof. Darcy Ghilardi Teles, seguida de Miriam Gradin Trevisan, Érico da Costa e Brasil Viriato (1981). O Grupo Escolar foi transformado em Escola Estadual de 1º e 2º Grau, tendo atualmente cerca de 500 alunos. Funcionam ainda cinco Escolas Estaduais, com 315 alunos; 32 Escolas Municipais com um total de 900 alunos. A Biblioteca Pública Municipal Castro Alves, fundada em 21-1-1974, possui em 1981 cerca de 5.500 volumes.

No setor de transportes, o município possui cerca de 500 km de estradas municipais. A BR-470, ainda conservada pelo DAER, percorre 45 km dentro da área municipal. Nas décadas de 1960 e 1970, várias empresas construtoras, como a Continental, abriram o trecho compreendido entre a cidade e o rio. Depois de longos anos de interrupção do tráfego pelo Passo do Barracão, foi finalmente em 12-9-1981 inaugurada uma balsa metálica de 27 m de comprimento, com capacidade para 90 toneladas, restabelecendo novamente o tráfego, que já conta com rodovia pavimentada no trecho compreendido entre o rio e o resto do Brasil, dando comunicação com outras rodovias federais e prolongando a BR-470 rumo de Blumenau e Itajaí, conectando com a BR-282, a BR-116 e a BR-101: Este acontecimento inaugura nova era de progresso para o município, toda a região e grande parte do Rio Grande do Sul, que se beneficiam com um encurtamento de percurso para fora do Estado de cerca de 150 km sobre as demais rodovias federais.

No ano de 1980 estavam emplacados no Município: 195 automóveis, 46 caminhões, 1 ônibus, 146 camionetas, 27 jipes. O Município conta ainda com duas linhas de ônibus diariamente para Lagoa Vermelha e uma para São José do Ouro e Machadinho.

No setor de Comunicações, funciona uma central telefônica da CRT, com 65 aparelhos e uma Agência da EDCT. Uma Agência do Correio. Um Cartório do Registro Civil. Um cartório de Registro de Títulos e Documentos. Uma junta do Serviço Militar. Uma

Unidade Municipal de Cadastro. Um encarregado do MT para emissão de Carteira Profissional. Um Parque Florestal no Espigão Alto, com a finalidade de preservar a flora e a fauna nativa, plantio de mudas de árvores exóticas e nativas, e um posto de criação de abelhas para cultura do mel. Uma Delegacia de Polícia. Um Grupo de Policiamento Militar. Uma rede de fornecimento de água potável de 6.000 m, mantida pela CORSAN.

O Serviço de Iluminação Elétrica, que era mantido pela Cooperativa de Eletrificação Rural do Alto Uruguai Ltda., passou recentemente para a CEEE. Funciona na cidade um Sindicato dos Trabalhadores Rurais, fundado em 12-2-1967. Um Posto do FUNRURAL, instalado em 1-6-1977. Um Núcleo Voluntariado da LBA, instalado em 1-6-1978. Um Clube de Serviço do Lions Clube, fundado em 16-4-1978. Esporte Clube Aliança, fundado em 17-2-1957. CTG Alvorada dos Pampas, fundado em 14-10-1960, sendo o primeiro de toda a Grande Lagoa Vermelha.

Entre as numerosas realizações da atual Administração Municipal, destacam-se: Aquisição de duas tombadeiras Ford F-600 (1978-1879); aquisição de um trator escavo Fiat Allis - 1969; aquisição de uma camioneta Brasília - 1980; uma motoniveladora Huber Warco - 1981; construção de uma garagem de alvenaria com área coberta de 375 m².; ponte de concreto sobre o arroio Monte Alegre, com 20 m de vão; Praça 30 de Maio com 4.000 m².; 685 m de esgotos; 15.620 m² de calçamento em ruas; 50 luminárias a mercúrio na av. Brasília e rua n° 18; terreno para construção de nova sede do Esporte Clube Aliança; casa para a LBA; em construção novo prédio da Prefeitura Municipal, com área de 400 m².; construção de prédios escolares e equipamento mobiliário na Linha São Bernardo, Passo da Ilha, outra na linha São Bernardo, Linha São Pedro, Linha São José, Linha Sobradinho, Gramado (Silico), Linha São Jorge, Cerro Alto, Linha Chaves, Gramado (Ivan).

No setor econômico, Barracão dispõe de uma agência da Caixa Econômica Estadual, com início de atividades em 9-11-74,

passando à categoria de Agência em 1-1-1977. Banco Brasileiro de Descontos S/A, inaugurado em 5-9-1978. Banco do Estado do Rio Grande do Sul S/A já possui carta patente para funcionar. A Exatoria Estadual inaugurou um posto em 12-7-1979.

A produção agrícola atualmente, em números redondos, é de 250.000 sacos de soja, 50.000 de trigo mourisco, 70.000 de milho e 20.000 de feijão. A pecuária conta com 20.000 cabeças de bovinos e 5.000 de suínos. A principal indústria é a madeireira, tendo à frente Hilário Kohl & Cia Ltda., Henrique Tonial & Cia Ltda. e Irmãos Fabiani. No comércio: Supermercado Corso, Anildo Betiollo e João Bragato. Funciona aqui uma filial da Cooperativa Agrícola Mista Ourense Ltda., com capacidade de armazenamento de 200.000 sacos de cereal. O orçamento Municipal para 1981 é de 23.000.000,00, sendo a arrecadação em 1980 de 15.023.000,00.

O Hospital São Valentim teve sua pedra fundamental lançada em 11-10-1964, com a bênção do Vigário Pe. Alexandre Peslka. Construídos os alicerces de pedra com recursos da Paróquia e da população, as obras estiveram paralisadas por motivos políticos. Em 16-1-1973 o novo Vigário, Frei Ricardo Aresi, reiniciou as obras de construção, com recursos da Paróquia, do Governo e da população. No dia 9 de setembro de 1974, o Hospital recebia os primeiros doentes.

Em 23-10-1974 forte vendaval destruiu completamente o telhado dessa casa de saúde, sendo então repostado telhado de zinco novo, com uma despesa de 30 mil cruzeiros a cargo da Paróquia, sem alguma indenização. Em 1978 prosseguiram as obras de complementação, possuindo o Hospital 53 metros de comprimento, 12 de largura e capacidade para 30 leitos. O Governo contribuiu com a quantia de 800 mil cruzeiros, sendo a Paróquia Sócia Benemérita do Hospital São Valentim. Encontra-se em projeto a construção um novo bloco do prédio, para o centro administrativo, farmácia, consultório, cirurgia... O novo bloco cirúrgico mede 700 m². O Hospital Beneficente São Valentim mantém convênio com INPS,

IPE, FUNRURAL e CEE. Na cidade funciona um Posto de Saúde mantido pela Secretaria da Saúde, que funciona desde 1968, com atendimento médico e odontológico.

Desde a fundação da Paróquia em 1960, foram construídas três Igrejas para Matriz. A primeira, de madeira, foi totalmente destruída por um temporal, juntamente com o salão paroquial.

O Vigário, Padre Alexandre, reconstruiu a igreja, de madeira, que foi inaugurada em 29-5-1967. Em 9-10-1977, por iniciativa do novo Vigário, Frei Ricardo Aresi, foi lançada a pedra fundamental do atual templo de alvenaria, com a bênção do sr. Bispo Diocesano, D. Henrique Gelam, o qual em 8-10-1978 dava a bênção inaugural. Para a construção da nova Matriz, houve uma despesa de 900 mil cruzeiros, excluída a torre. Mede 33 m de comprimento por 18 de largura.

Em 26-5-1974 era inaugurada a nova Casa Paroquial, obra do Vigário Frei Ricardo Aresi, que, além de sua extraordinária obra pastoral, publicou dois livros de êxito completo - “Lares Autênticos não se Improvisam” já em 13ª edição, e “Noivos Preparados, Casais Ajustados”, esgotado. É ele irmão do Frei Albino Aresi, outro Capuchinho, um dos mais conceituados parapsicólogos da atualidade, com premiação e renome internacional, que mantém clínicas psiquiátricas nas principais Capitais do Brasil, tendo publicado diversas obras relacionadas com seu setor de atividade.

Deve-se ainda ao trabalho do Frei Ricardo a construção da Casa das Irmãs, iniciada em 1975 e Escola Para Meninas, esta inaugurada em 15-4-1981, com a presença de Frei Raul Suzin.

No município de Barracão, Paixão Cortes gravou duas músicas tradicionalista do seu vasto repertório. Trata-se de “Chico Sapateado” com coreografia de danças, e “Mariquita”, de Santiago André, fabricante de rebecas.

Barracão foi o berço do povoamento de toda a Grande



Lagoa Vermelha, pois no seu território se estabeleceram os primeiros fazendeiros, nus primeiras décadas de 1800. A Capela do Pontão foi inaugurada antes da Capela de São Paulo da Lagoa Vermelha, construída pelos moradores em 1848. Por isso, o destaque que esta Nova História de Lagoa Vermelha dá ao município do Barracão.

PITOCOS E JAGUNÇOS

Uma das páginas mais atraentes da História de Lagoa Vermelha é a prolongada luta partidária de duas facções do Partido República no, chefiadas por dois extraordinários líderes, que governaram o município durante várias décadas - Heleodoro de Morais Branco e Maximiliano de Almeida.

É uma página que resume um grosso volume, quando ela for escrita em todos os seus detalhes - uma autêntica tragicomédia, que umbu com uma linda história de amor.

A parte cômica já principia com o apelido depreciativo de “Pitocos”, dado aos heleodoristas pelos “Jagunços”, nome esse que em troca receberam os maximilistas.

Cada facção tinha o seu jornal e a sua banda. “O Farol” (Pharol), que se dizia Órgão República no, era dirigido por Edmundo Dalmácio de Oliveira (Mundica) e gerenciado por Cincinato Barreto, da facção do Cel. Heleodoro. “A Ordem”, do mesmo partido, sob a direção do professor Carlos de Oliveira Machado, tendo por secretário o seu irmão Tancredo Machado, apoiava o Cel. Maxi.

As duas bandas, fazendo vibrar seus provocantes dobrados e marchas, estavam uma, a dos Pitocos, sob a direção do Dr. João Messina, e a outra, sob a batuta do notário Agapito Dias de Carvalho Guimarães, assessorado pelo escrivão da Coletoria Federal, Damiano José de Oliveira.



Os dois jornais tinham liberdade de usar a linguagem mais ofensiva e desbragada, assim como naquele tempo todos tinham liberdade de andar armados com dois revólveres e um punhado de balas no bolso.

Aí vai um exemplo, extraído do jornal “O Farol” do dia 11-4-1920, com referência à propaganda política do Pe. Antônio Serraglia, Vigário de Protásio Alves, então 7º distrito de Lagoa Vermelha. Este sacerdote foi candidato a Conselheiro Municipal, tendo recebido em 6-7-1920 o sufrágio de 1.296 votos.

“Este indivíduo parasita daqueles pobres colonos, e ainda mais apoiado pelo também hipócrita Maximiliano de Almeida, tornou-se um grande maroto no seio daquela colônia, composta na maioria de pessoas incautas, que se deixam arrastar para um fim desastroso.

É tão audacioso essa negra figura, falso ministro de Deus, que chega a ponto de ameaçar em deixar os colonos sem suas terras, caso não se qualifiquem com o caído e repudiado ex-intendente.

É tão imbecil esta caricata figura de gente que chegou a escrever a um distinto senhor, nosso digno correligionário, a seguinte carta”.

A carta faz referência a um casamento civil, que, segundo ele, não tem valor nenhum perante Deus. E o jornal comenta então: “Eis a que ponto vai esse patifão e chaleirista do sr. Maximiliano de Almeida!

Recomenda-se que a carta acima, e também ao seu protetor hipócrita, o ex-intendente repudiado. É preciso o nosso Benemérito Chefe, Dr. Borges de Medeiros, tomar nota de mais este fato importantíssimo, que patenteia claramente o pouco prestígio de Maximiliano de Almeida a ponto de lançar mão de um padre, que desavergonhadamente não quer reconhecer as leis que nos regem!



O sr. Maximiliano demonstra ser antipatriótico apoiando esta alma negra e danada que escraviza desapiadadamente um núcleo colonial, merecedor de um cura bondoso e que levante cada vez mais a nossa Santa Religião.

Veremos qual a deliberação de S. Exa. Bispo D. Antônio Valverde (sic), ao receber a carta, acima, como do quanto é atrevido esse Antônio Serraglia e mais os documentos irrefutáveis das ameaças aos colonos que não querem estar sob o jugo dessa bisca atropelada de outras paróquias, em vista do seu proceder infame.

Esperamos. E temos certeza que Serraglia será mandado daqui para fora como um miserável e assim teremos a satisfação de vermos no seio daquele povo um outro padre, cumpridor de seus devedores, verdadeiro representante de Cristo, espalhando amor e bondade”.



A história da tremenda briga que dividiu durante tantos anos toda a população de Lagoa Vermelha, tem origem no velho ditado latino – assueta vilescunt: o que dura muito tempo acaba se aviltando, acaba enjoando.

O cel. Heleodoro governara o município durante duas décadas consecutivas. Como herói da Revolução de 1893, firmou-se em bases sólidas, gozava de prestígio e do apoio do Presidente do Estado, Dr. Borges de Medeiros.

Um dia, os próprios partidários e parentes acharam que Lagoa Vermelha merecia mudar de Intendente, pois o velho Heleodoro já vinha sendo acusado por alguns de inoperância e despotismo.

Um grupo de políticos, num encontro com o chefe do Estado, expôs ao Dr. Borges de Medeiros a situação política do município, vindo a receber autorização para organizar partido e apresentar candidato.



Heleodoro, vendo-se preterido, ofereceu resistência, apoiado por numerosos amigos. A briga foi longe, como veremos, culminando com um conflito sangrento, em que o próprio Heleodoro saiu ferido. Depois deste episódio, o grande líder República no, desgostoso, mudou de partido e transferiu-se para Passo Fundo. Seu filho, Victor de Moraes Branco, chegou a comandar a força revolucionária do 23 contra Borges de Medeiros.

Vale a pena resumir os acontecimentos de 8 de julho de 1920. Um negrinho, José Laranjeira, filho do conhecido João Laranjeira, que além de homicida, é autor do famoso chote Laranjeira, armado de pistola, disparou um tiro na porta de uma casa dentro da qual se encontrava o historiador Demétrio Dias de Moraes, com seu irmão Carlos.

José da Silva, subintendente, quis desarmar o desordeiro, na avenida Benjamin Constant, diante da casa do Cel. Heleodoro, localizada onde hoje se ergue o edifício da escola Rainha da Paz. No outro lado da avenida, onde está o Hotel Stedile, era casa do Cel. Maximiliano.

O Cel. Edmundo Dalmácio de Oliveira, que deixara os maximilistas e se bandeara para o heleodoristas, opôs-se ao desarmamento do rapaz, investindo com o guarda-chuva contra o sargento Venceslau Alves de Oliveira. José Silva, acompanhado por Pedro Fedélis Ferreira, pai de Ernesto e Alfredo, e mais Sebastião Kneipp Ramos, então jovem de 18 anos, e mais o Cel. Francisco Dias de Moraes, vice-intendente, avisados, compareceram em defesa do sargento, que estava sendo agredido.

Ao aproximar-se José Silva, que fora palhaço de circo, disse Edmundo: “Venha, palhaço, é você mesmo que eu quero”. Seguiu-se violento tiroteio, caindo morto o capitão Luís Alves de Sousa Marques, que tentava acalmar os ânimos. Dois dias depois, morria também José Silva, que fora gravemente ferido.

Resultaram feridos ainda Francisco Dias de Moraes, Pedro

Fidélis Ferreira, Heleodoro de Morais Branco, Edmundo de Oliveira e outros.

A pedido do Juiz da Comarca, Dr. Ney da Silva Wiedmann, que da janela do hotel presenciara o drama, chegou um destacamento da Brigada Militar, sob o comando do Cel. Jorge Pelegrini Castiglione, então tenente e solteiro, que aqui permaneceu durante alguns anos, tendo sido Delegado de Polícia, vindo a casar com a viúva de José Silva, Doninha Bach, filha de Carlos Augusto Jorge Bach, um veterano da Guerra do 14.

★ ★ ★

Vejamos agora o que nos conta de toda esta contenda partidária um filho da terra, descendente do primeiro professor público de Lagoa Vermelha, José Moreira Rodrigues, uma pena brilhante e um apaixonado pelos fatos históricos deste município.

Na “Gazeta Popular” do dia 2-8-1980 publicou ele: “A política de Lagoa Vermelha girava em torno de dois nomes de legenda República na: Heleodoro de Morais Branco e Maximiliano de Almeida. Heleodoro, antigo propagandista República no, desde a proclamação da República, prestou serviços à causa pública, sendo membro da Câmara de Vereadores e delegado de polícia.

Na revolução de 93 foi comandante do corpo provisório local, que fazia parte da brigada comandada por Laurindo Paim. Nesse longo e trágico período, no sítio de Lagoa Vermelha pelas forças de Generoso Brabo e José Córdova Passos. Cooperou eficazmente com Chachá Pereira na resistência oposta aos exércitos de Gomercindo Saraiva, na passagem do Mato Português. Terminada a revolução, foi eleito intendente e administrou o município 16 anos. Era verdadeiro ídolo do caboclo que via nele a concretização de seus ideais.

Maximiliano de Almeida, República no de crença, desde moço dedicou-se à causa pública, exercendo diversos cargos. Foi

intendente municipal por longo tempo. Comandando o 34º Corpo Provisório, combateu contra a Coluna Prestes, através dos Estados de Santa Catarina e Paraná. Na revolução de 30, comandou a Brigada do Nordeste. Era homem inteligente e instruído. Dotado de verdadeiro tino político, com enorme prestígio.

Em 30 de junho de 1917, Heleodoro, talvez com o fim de demonstrar seu grande prestígio, organizou nas proximidades da vila enorme reunião política, à qual compareceram 2.012 homens. Foram carneados então mais de 35 reses para churrascos.

Maximiliano, por sua vez, reuniu grande número de partidários e entrincheirou-se na Intendência Municipal. Manda a verdade histórica dizer que naqueles tempos, em qualquer reunião política, embora pacífica, o povo ia armado. Ainda existiam pela campanha velhas combalains, deixadas pela Revolução de 93, e estavam muito em uso as carabinas Winchester e os revólveres Nagam e Parabelum.

Heleodoro enviou extenso telegrama ao Dr. Borges de Medeiros, do Partido República no, então Presidente do Estado, exigindo medidas urgentes atinentes ao estabelecimento da ordem em Lagoa Vermelha. Borges pediu explicações do fato a Maximiliano. Este respondeu que a ordem pública não estava alterada. Mas se estava, era então pelo Cel. Heleodoro, reunido com grande multidão de gente, sem fins justificados. Heleodoro debandou rapidamente seus correligionários.

Naqueles dias circulou entre o povo uma poesia da qual transcrevo o último verso: “Viva o Cel. Heleodoro/ Viva Borges de Medeiros/ Viva trinta de junho/ Viva nossos companheiros”.

No “Correio do Povo” de 3-7-1966, José Moreira Rodrigues publicou: “Corria o ano de 1920. Lagoa Vermelha, convulcionada por uma luta no mar revoltado das ideias partidárias... Aproximava-se a época da eleição para intendente municipal. O Partido República no local - formidável e gloriosa legião partidária - estava dividido em



duas grandes e poderosas facções políticas.

A situacionista, chefiada pelo Cel. Maximiliano de Almeida, dotado de tino político e administrativo, possuidor de excelente cultura. Fazia oito anos que administrava competentemente o município, tendo adquirido por sua inteligência capacidade profissional e valor pessoal grande prestígio e popularidade. Apresentou como candidato à sucessão municipal o cel. Alberto Berthier, então comandante da Guarda Nacional do município.

A facção oposicionista era chefiada pelo coronel Heleodoro de Moraes Branco, oficial honorário do Exército. Na revolução dos maragatos, tomou parte ativa do começo ao fim comandando um corpo provisório da Brigada sob o comando de Laurindo Paim. Exerceu diversos cargos públicos e foi eleito intendente municipal, sendo reeleito quatro vezes, desempenhando esse cargo com critério, honradez e honestidade. Era grande seu prestígio político e enorme sua popularidade. Heleodoro apresentou como candidato o cap. Manuel Júlio Garcez, sobrinho e genro do Cel. Alberto Berthier.

A campanha política foi renhida e agitadíssima ao extremo. As duas correntes em luta empenharam grandes esforços para conseguir a vitória eleitoral. O situacionismo tinha como principal meio de propaganda o jornal “A Ordem” e os oposicionistas fundaram “O Pharol” (Farol), jornal de bom formato e ótima impressão (cuja coleção completa guardo em meu poder). Tinha como gerente Cincinato Barreto, competente jornalista, que mais tarde, na Revolução de 23, desempenhou o cargo de secretário do general Portinho.

A agitação política havia chegado ao auge de exaltação, e, para acalmar os ânimos e evitar a luta armada, o Dr. Borges de Medeiros, apresentou como candidato de conciliação o Dr. Sílvio Barbedo, engenheiro da Comissão de Terras, cuja candidatura foi aceita e apoiada pelas duas facções.

A 6 de julho realizou-se a eleição para o Conselho Municipal

(hoje Câmara de Vereadores). Dois dias depois, na manhã fria e Chuvosa de 8 de julho, desenrolou-se tremendo conflito a bala, em pleno coração da vila, entre elementos de destaque de ambas as facções. Foi uma verdadeira tragédia, quase atingindo proporções de combate.

Morreram na luta o cap. Luís Alves de Sousa Marques e o subintendente José Silva, saindo feridas diversas pessoas, entre as quais o vice-intendente em exercício cel. Francisco Dias de Moraes e Edmundo de Oliveira, homem este de ação enérgica e resoluta e de grande coragem pessoal. Posteriormente se distinguira nos movimentos revolucionários de 23, 24 e 25, comandando forças governistas.

Por sua vez, o impertérrito caudilho Fabrício Vieira, célebre guerrilheiro nordestino, partidário e amigo de Heleodoro à frente de 200 homens armados, marchava de Santa Catarina e pronto a entrar em ação, acampava à margem direita do rio Pelotas.

Numerosos grupos armados percorriam o município. A população pacífica de Lagoa Vermelha viveu dias e dias de ansiedade, em grande tensão de nervos e espírito, apreensiva com desenrolar dos acontecimentos. Horas pavorosas eram aquelas!

Finalmente, veio a Lagoa Vermelha o subchefe de polícia Dr. Eurico de Sousa Leão Lustosa, acompanhado de um contingente da Brigada Militar, sob o comando do então tenente Jorge Pelegrini Castiglione, conseguindo pacificar a agitação política lagoense.

“A Ordem” e “O Pharol” foram extintos, e apareceu o jornal “União”. O Dr. Sílvio Barbedo foi empossado como intendente de conciliação e administrou o município até os primeiros dias da revolução de 23”.

★ ★ ★

Completando a exposição acima, acrescentamos que na

ocasião da enorme concentração do Cel. Heleodoro, correu boato de que o Capitão Sátiro Fernandes vinha chegando do Turvo com uma força de 300 homens armados. Era verdade, mas com uma força de apenas 30 homens. O boato colocou em fuga os participantes do comício.

Frei Gentil, que nesse tempo trabalhava como Vigário Cooperador em Lagoa Vermelha, deixou escrito em suas memórias “Meus 25 anos de ministério”: “Dois partidos dividiam todo o município de Lagoa Vermelha: Jagunços e Pitocos. O primeiro era chefiado pelo coronel Maximiliano de Almeida e o outro pelo coronel Heleodoro de Martins Branco, pai de Vítor de Moraes Branco, chamado Mesquita.

As coisas chegaram a tal ponto que, ao aproximar-se a festa de São Pedro (não me recordo se em 1916 ou 1917), partiram 200 homens da zona do Pinhal (hoje Paim Filho), sob a direção de um certo Rodrigues, armados e vestidos de uniforme, tendo um chapéu de palha branco, quebrado na frente, para ir sitiá-la Lagoa Vermelha. Mesquita reuniu os homens todos de Sananduva e uma carreta com armas e munições.

Do Capão Bonito veio um tal Menna Barreto com mais 200 homens. Chegaram às imediações de Lagoa Vermelha, todos a favor de Heleodoro (Pitocos, portanto). Os jagunços (Maxi & Cia) armaram-se em número de mais ou menos 80, levantaram trincheira com sacos de sal ao redor da Intendência para defender-se. Mas quando viram chegar os adversários, em número muito superior, julgaram prudente retirar-se para as bandas do cemitério, onde ainda se encontravam as trincheiras de 1893. Então os Pitocos tomaram Lagoa Vermelha, obrigando os negociantes a deixar sob a chuva as trincheiras de sal ao redor da intendência.

Entrementes, o Dr. Borges de Medeiros, tendo recebido um telegrama expondo o caso real e os perigos que os seus corriam, enviou o emissário, de automóvel via Alfredo Chaves, o qual

solucionou o caso, encontrando uma forma satisfatória para ambos os partidários. E assim, depois de apenas três dias, todos os sublevados retomaram às suas residências, orgulhosos de sua expedição” (Pioneiros às Margens do Uruguai).

A REVOLUÇÃO DE 1923

Acerca da Revolução federalista de 1893, além de uma síntese em nosso livro “Lagoa Vermelha e sua História”, existem detalhes completos de todos os episódios, ocorridos no município, nas obras históricas de Demétrio Dias de Moraes.

Limitar-nos-emos à Revolução de 1923, reproduzindo entrevistas com ex-combatentes, umas publicadas em nosso livro “O Relógio da Tapera”, inteiramente esgotado.

O Gal. Firmino Paim Filho comandava as forças da facção governista na região; enquanto o setor rebelde obedecia às ordens do Gal. Filipe Portinho.

O historiador Arthur Ferreira Filho, ao tratar da luta no Nordeste, em seu livro “Revolução de 1923”, escreve:

“Antes da narrativa dos acontecimentos bélicos que ali se desenrolaram, vamos referir um fato relacionado com o nosso assunto, que talvez haja influído no curso da história política da época.

Em princípios de janeiro de 1923, antes de conhecido o resultado do pleito, foi Paim Filho procurado em sua residência pelo Deputado João Neves da Fontoura, que se fazia acompanhar de seus colegas, Drs. Baltazar de Bem e Nicolau Vergueiro, manifestando-se muito preocupado com a expectativa do futuro. Achava-se presente também o escritor Manuel Duarte, posteriormente Deputado à Constituinte de 1946.

Lembrava o visitante a conveniência de não se proclamar a reeleição do presidente Borges de Medeiros, porque este, ou não alcançaria de fato o “quórum” exigido ou, se o alcançasse, seria por margem tão diminuta que não daria para convencer a oposição de



derrota. Julgava preferível se procedesse a nova eleição de acordo com a lei em vigor, da qual o Partido República no sairia fatalmente vitorioso, consolidando definitivamente sua posição. Fora disso, dada a predisposição de Bernardes, seria a guerra civil e a conseqüente intervenção federal contra o Governo do Estado. Seria a ruína da situação riograndense, tal como havia acontecido com Pernambuco, Bahia e Estado do Rio. E insistia na necessidade de evitar a revolução que os assististas já preparavam.

Paim Filho ouviu atentamente o colega e declarou:

- Se é por temor ao Presidente da República e para evitar a revolução, que se propõe sacrificar o chefe do nosso Partido, então eu direi que assim não se evitará coisa alguma, porque já estou entendido, com várias guarnições do Exército para fazer a revolução contra Bernardes. Se reconhecida a reeleição do Dr. Medeiros, os assististas fazem a revolução no Estado, se não a reconhecerem, faremos nós a revolução no Brasil.

Em face de uma reação tão categórica, não se falou mais no assunto. E tão logo o movimento revolucionário criou corpo no norte do Estado, com visíveis sintomas de alastramento para o nordeste, onde Lagoa Vermelha, com suas recentes dissensões locais entre República nos era campo propício, Paim Filho segue para Vacaria com o fim de organizar forças que defendessem o Governo”.

★ ★ ★

Enquanto Paim Filho, comandante da 4ª Brigada Provisória, organizava sua defesa, os rebeldes reuniram-se na Fazenda da Estrela para conferenciar com o Cel. Libório Antônio Rodrigues, chefe dos Libertadores em Vacaria. Vamos ouvir o que nos conta José Borges Teixeira (1883-1978).

“Eu estava na minha casa, na Fazenda São João, na Agência, em Vacaria. Ainda antes da Revolução do 23, o pessoal estava todo se movimentando.

Quando foi um dia, chegaram três homens a cavalo direto à minha casa. Era o coronel João Fagundes, de Passo Fundo, que morava no Campo do Meio. Vinha da casa do falecido João Anselmo, que era o chefe dos Libertadores, naquele tempo, ali na

Estância Velha (Clemente Argolo), vinha na Fazenda da Estrela conferenciar com meu primo irmão e compadre, Libório Antônio Rodrigues, que era o chefe dos Libertadores em Vacaria e dono da Fazenda da Estrela.

Um cunhado meu, Orlando Luís Teixeira, que fez a Revolução também, foi quem mandou João Fagundes na minha casa para eu ir com ele na Fazenda da Estrela.

Chegaram na minha casa. Trocaram os cavalos. Quem deu os cavalos fui eu. Eram Jango Fagundes, dois rapazes e Otávio Rocha, companheiros do Campo do Meio. Conferenciaram com o compadre Libório, e no mesmo dia, de tarde, voltaram. Eu fiquei por lá, na Fazenda da Estrela.

Lá estava o coronel Manuel Lopes Castelo Branco, chefe dos Libertadores de Bom Jesus, homem corajoso e disposto. Estava lá com o major Maurício Cardoso.

Voltei na minha casa, na Agência. Quando foi um dia, chega o compadre Virgílio Rodrigues, que é morto, filho do velho Libório. Era o mais moço dos filhos, Major Abtino Lima, que era cunhado do Virgílio, casado com a Etelvina. Chegou também o compadre Orlando Luís Teixeira, meu primo irmão, e o pai desse Nicanor Lima (pai do Deputado Jarbas Lima), capitão Bernardo Lima.

Chegaram lá em casa. Almoçamos.

- Olha - diz - nós viemos aqui, queremos varar para Santa Catarina, onde está o coronel Fabrício, nos Valões.

Diz o compadre Orlando: Quero que o senhor vá junto. Tem passageiro lá no Passo?

- Tenho o compadre Bibiano, que passa nós do outro lado.

No lado de cá morava eu, José Borges Teixeira; pro lado de lá, morava José Borges do Amaral, meu parente, um lageano, fazendeiro. Homem muito distinto e bom.

Chegando ao Passo da Agência, no Passo Velho, encontramos uns caçadores de veado, todos conhecidos: um José Anastácio Nunes, um preto, Salvador Calixto, o negro Salvador Calixto. Chamamos o Bibiano, que estava no outro lado. Vieram

com duas canoas. Passei os homens. Voltei, e eles foram conversar com o Fabrício. O Cel. Manuel Fabrício era meu parente, era Borges Vieira.

O Fabrício diz: Eu dou a palavra. Eu vou fazer a Revolução. Orlando, eu vou. Pode me esperar sem falta. Eu vou e levo meus companheiros, homens práticos, daqui, homens que lidaram comigo no sertão no tempo do Contestado. Eu levo meus companheiros. Vai meu filho também, o Capitão Luís Fabrício. Tal dia eu estou na Anita Garibaldi.

Lá morava o sogro do Fabrício, o Eduardo Salmori, um italiano. Nós ficamos no Campo Belo e organizamos uma coluna com gente de Vacaria. O compadre Orlando e o Bernardo Lima voltaram. Vieram para a Estrela.

Trouxeram muita arma. Um cargueiro. O Fabrício cedeu armas, umas mulas, cangalhas, bruacas... Veio muita Winchester, muito Marlin, muito fuzil, muita munição. Fabrício tinha muita arma. Era veterano velho.

Aí eu fui na Estrela com o compadre Orlando. De lá mandei um rapaz, que ainda tenho ele aqui, um mulato chamado Maurílio, que eu criei: Vai lá na casa do compadre Eusébio, diz pra ele que venha, que nós já voltamos, falamos com o Fabrício e ele vem tal dia na Anita Garibaldi.

Fomos na casa do meu cunhado Libório Antonio Rodrigues Filho, que é casado com minha irmã Albertina. Lá estava todo aquele armamento, engraxado, num pátio grande, no sol, escostado. Umas cento e tantas armas.

Aí vem o compadre Balduino e diz: Compadre José, este Marlin o Fabrício mandou pro senhor, de presente.

Era um Marlin pequeno, muito lindo. Marlin é arma antiga, calibre 44, doze tiros.

Aí o pessoal pegou a se reunir na Estrela. Vinha muita gente que era atropelada de outros lugares. Retiravam-se ali com o compadre Libório, um grande nome. Chegavam lá, tinham tudo. Tinham gado pra comer. A fazenda muito grande. 80 milhões. Um matão daqueles, na costa do Pelotas...



Lá tem um lugar muito grande, um campestre, que já é histórico. O lugar é chamado até hoje Campestre do Chicuta. É no meio da Serra, entre duas léguas de mato. Depois tem um picadão lá adiante, um coxilhão bonito, e aquele campo com água boa, lajeadinho bom...

Na Revolução do 93, José Chicuta, que era do Machadinho, veio, entrou pela Vacaria. Estava na Fazenda da Estrela, mas pra baixo das casas. A gente do falecido Avelino Paim veio na Fazenda da Estrela e brigaram muito lá com aqueles homens que tinha lá.

Tinha um tal de capitão Inocêncio Liberato, que era de Campos Novos. Era do José Chicuta. Esse retirou pra lá onde estava o Chicuta. Foram presos uns três ou quatro. Prenderam e mataram. Eram também da Serra do Machadinho. Teve um que depois de degolado, levantou-se, andou, passou a taipa e morreu do outro lado. Era um sujeito meio metido a índio, um sujeito baixo, meio gordo, moço.

Naquele tempo correu boato que lá na Fazenda da Estrela fizeram grande chacina, matando uma centena de pessoas, homens mulheres e crianças. Não é verdade. Mataram só três pessoas. Mataram pra cá do portão, perto da taipa”.

★ ★ ★

E José Borges Teixeira, senhor de uma memória prodigiosa, prossegue falando ao microfone do gravador:

“Depois ficamos na Estrela. Daí varamos o rio, no passo onde cruzou a Chicuta no 93. Saímos na fazenda do seu Atanásio Marques, lageano, um índio de valor, com 60 anos, cabelo quase branco, moreno. Sabia que nós íamos chegando. Veio ao nosso encontro e disse: Eu sei que o Fabrício está na Anita Garibaldi. - E perguntou:

- Os senhores vão precisar de alguma rês para carnear?
- Sim, senhor, precisamos.
- Pois então aqui têm uma vacas. Estão por aí. Os senhores carneiam o que precisar.

Carneamos umas vacas, comemos, depois descemos. As



reses depois o compadre Libório pagou pro seu Atanásio Marques, que não queria receber. O compadre Libório disse então:

- Não, seu Atanásio, o senhor é de outro Estado. O senhor já auxiliou a nossa gente. Eu preciso pagar.

Aí fomos nos juntar ao Fabrício. Veio mais gente dele. Veio atrás o capitão Manuel Bastos Pais Leme, que era do Exército. Veio outro capitão. Veio um tal Pedroso, dois filhos Pedroso...

Combinou-se para entrar no Rio Grande. No dia 5 de maio de 1923. Fomos Pelo Paiquerê. Uns 50 homens. O pessoal da Estrela e muito lageano.

No outro dia, fomos pra frente e pousamos na Fazenda Três Marias, do finado Antoninho Branco, de Bom Jesus. Uma fazenda muito linda. O seu Antoninho não estava em casa.

No dia seguinte, fomos pra Bom Jesus. Ficamos uns seis dias por ali perto do Povoado. Sem roubar. Só carneamos alguma vaca.

Veio o Prefeito, Antônio Inácio Velho. O capitão Jeremias Pinheiro, Amândio Borges de Albuquerque, que era da Vacaria mas morava em Bom Jesus, irmão do falecido Alfredo Borges. Veio lá do acampamento. Conhecia o Fabrício. O Amândio hoje é morto. Tem lá a família.

Levantamos acampamento e fomos pousar na costa do rio dos Touros. Aí o Fabrício disse: Não vamos ficar aqui, porque veio um próprio avisar que a força do Paim vem vindo de Vacaria, um piquete grande. Vamos pra Invernada Velha. Varar o passo. Caminhar um pouco.

Nós estávamos no Passo dos Touros. Muita taipa. Muito capão. Ficava na divisa pra passar pra São Joaquim, se fosse preciso. Pousamos ali. E o Fabrício mandou o Pais Leme e seu filho, o capitão Luís Fabrício:

- Vocês façam um piquete e vão ficar ali. Se o pessoal vier de noite, qualquer coisa, de madrugada, vocês metam bala.

Mas eles não vieram naquela noite. Aí levantamos acampamento e fomos pra Invernada Velha. Acampamos. Ficamos

por lá uns dias.

Quando foi no dia 11 de março, deu-se o primeiro combate. Só saiu ferido um homem nosso, o seu Basílio. A bala do fuzil entrou aqui perto da mamila e saiu pelas costas, sem ferir o coração nem quebrar osso.

Nós tínhamos um médico, o Dr. Otto, que veio com o Fabrício. De origem alemã. Ele fez uma injeção no ferido, que sarou.

Daí varamos pra S. Joaquim. Ficamos por lá um tempo. O Portinho estava se arrumando lá pelo Erechim. Nós descemos por Campos Novos, Campo Belo.

O tio Demétrio Ramos e o Fabrício estavam com um piquete lá no Espigão Alto, no Barracão. O tio Demétrio José Ramos veio do Mato Grosso. Era federalista. Fez a Revolução do 93 quando tinha 25 anos. O pai dele não queria. O pai, o falecido Fidélis Ramos, dizia:

- Meu filho, não se envolva.

- Mas, meu pai, eu preciso me envolver. Eu pertencço a esse Partido Federalista. Então o senhor não quer que eu vá?

- Pois, meu filho, faça o que entender.

O Demétrio reuniu 150 homens e foi. Foi até a Miraguaia, lá perto de Santo Antônio da Patrulha. Estava em S. Francisco de Paula. Soube que lá tinha um armamento do governo, munição, capa e casacos de baiano.

Foi a S. Francisco de Paula. E o coronel Batista Soares, um federalista, não quis dar força.

- Pois eu vou com meus 150 homens e sendo feliz quero voltar com todos.

Foi lá, sitiou a tal casa de pedra, do Governo. O homem não queria entregar. Ele trouxe todo aquele armamento.

Pois agora o Seu Demétrio resolveu passar o rio no Pinhal. No dia 20 de julho de 23, brigamos no Pinhal. Acampamos no povoado de São José do Pinhal, no lugar chamado Tabuleiro, que era do compadre Juca, José Pedro Subtil. Acampamos cinco dias



ali.

Antes de passar o pessoal de lá pra cá, o tio Demétrio disse: Olha, passa uns a pé, de noite, e vão ficar na boca da picada, que ali na serra tem muito chimango. É pra prender todos, mas não pra matar.

Vieram os três irmãos Kuze: José, Guilherme e Tilote. Saíram de madrugada e prenderam aqueles homens. Prenderam o subprefeito, prenderam Isidro Carneiro, irmão de Quintino. Prenderam Manuel Antônio, Samuel Varela e outros.

O tio Demétrio deu garantia de vida. Entretanto, os Pais Leme uma tarde mandou amarrar os homens pra matar. Aí eu disse ao soldado que ia atar os homens: olhe, não leve a mal, o coronel da força, Demétrio Ramos, deu garantia de vida. Não pode matar.

Fomos na barraca do Demétrio. Era uma barraca azul.

- Que há? - perguntou ele.

Olhe, Seu Coronel, Pais Leme mandou amarrar os homens pra matar. Eu confio no senhor que não mande matar. É tudo gente boa. E fica ruim pra nos. Fica feio.

O tio Demétrio Prontamente levantou-se, calçou as botas, foi aonde estava o Pais Leme e disse: Olhe, os homens não se ata. Eu sou o coronel da força. Não é pra matar. O senhor entregue os homens pro major José Borges Teixeira, que é o major da força.

Daí eu fui lá e disse: Quem livrou vocês pra não morrer fui eu, se não Pais Leme mandava matar vocês amanhã.

Manuel Antônio foi pra minha barraca. O Isidro foi pra barraca do compadre Orlando Teixeira, meu cunhado. E o compadre **Samuel Varela Demétrio também ficou aí comigo. No dia seguinte, quando nós íamos descer, tio Demétrio mandou soltar aqueles homens.**

Descemos, fomos pousar na fazenda do capitão José Alexandre. Tinha um arroio que descia, um varedão, mato alto, um morro. Pousamos ali.

A gente do Paim desceu de noite pela estrada que ia sair na

Fazenda dos Gregórios. Estavam nos atacando pela frente. Mas quando foi no clarear do dia, o Manuel Lopes Castelo Branco saiu num cavalo branco, subiu o morro, subiu a coxilha e já viu a força do Paim. Voltou e disse:

- Olhem, o chimanguedo está aí. Vamos encilhar cavalo e se prevenir pra brigar.

Eu estava lá. Tinha tomado mate, estava agora comendo um assado. O Castela chegou lá e disse:

-Quem está pronto pra briga?

- Eu - respondi.

- Então subam ali pela restinga acima. O pessoal está todo lá.

Subi eu. Subiu o Bernardo Lima. Subiu Filipe Barreto, Gustavo Campos, que morava no Capão Bonito e é morto. Era capitão. Quando o sol quis apontar, começou os primeiros tiros. Brigamos até o meio-dia com a gente do Paim, ali na Fazenda dos Gregórios.

Morreu o capitão Bica Santana, que era do Paim. Nós perdemos dois e tivemos doze feridos. Deles morreu mais gente, mas não sei quantos.

Perdemos lá do Quilombo o negrinho Albino, um preto alto, magro, que morreu lá no combate. Eram dois irmãos gêmeos, que vieram lá da fazenda do Quilombo, lá do quarto distrito, perto de Antônio Prado. O outro irmão vinha chorando.

- Que há? - perguntei.

- Perdi meu irmão.

- Paciência.

O Paim mandou retirar-se. Era muita gente, muito mais do que nós, mas ele sabia. Nós estávamos escondidos”.

★ ★ ★

COMBATES DO CAPÃO BONITO E DA ENCRUZILHADA

O General Firmino Paim Filho havia acampado, durante o mês de maio, no Capão Bonito, com cerca de mil homens. Foram presos Fernando Luís Bittencourt, Gomercindo Ferreira de Lima e mais sete rapazes. Amarrados a dois pinheiros por um só laço, permaneceram dia e noite ao relento durante nove dias.

Fazia dez dias que todo esse batalhão vivia impaciente, com vontade louca de brigar. No dia 19 de março, dia santo de guarda naquele tempo, por ser festa de São José, os chimangos, como eram chamados os legalistas pelos revolucionários assistidas, tiveram ocasião de descarregar suas armas. Foi um tiroteio ensurdecidor. Parecia pipoca na panela - disse D. Domingas Bolsonello, que estava presente. As balas cortaram as pontas das árvores do capão vizinho.

Aconteceu que o General Filipe Portinho, depois de tomar conta da vila, foi marchando para a Estância Velha, Clemente Argolo. Na altura da Fazenda da Limeira, da família Muliterno, Portinho foi informado de que o Capão Bonito fervia de chimangos.

Com um piquete, resolveu efetuar um levantamento da verdadeira situação. Vamos passar a palavra a um dos combatentes que acompanhava o chefe maragato.

João Ferreira Carpes (1902-1973) relata: “Eu tinha 16 anos. Recebi convite para incorporar na força de Portinho. Achei bonito. Fui. Fui no meu cavalo. Cavalo bom, cavalo tratado. Juntei-me com aquela caboclada.

Sáimos daqui da cidade, fomos pela Limeira e daí para o Capão Bonito. Portinho foi com pouca gente fazer um levantamento da força de Paim. Chegamos de tarde. A uns mil metros do povoado, começamos a dar tiros. Mas em seguida choveu bala de vários pontos. Uma rajada matou um soldado moreno, Vicente Leite, e outra, o cavalo de Portinho. O cavalo deu um pulo para a frente e morreu. Era um lindo cavalo branco.

Eu estava logo atrás do general. Disse: General, monta aqui na minha garupa. - Ele montou e disse: Vamos embora que agora em dois eles nos acertam o tiro. Retiramo-nos para trás da coxilha.

Aí ele apeou e disse pra mim: Rapaz, vai lá dizer que se retirem todos. Vamos embora pra Estância Velha.

Cheguei no topo da coxilha e gritei: Olhem, o general manda que é pra se retirar. Todo mundo veio. Quando cheguei. O Portinho já vinha outra vez a cavalo, um cavalo zaino. Não sei onde ele pegou. Não sei de quem era. Retiramo-nos pra Estancia. Naquele mesmo dia fomos acampar no Marmeleiro. No outro dia, Portinho seguia para Santa Catarina. Muita gente foi com ele e muitos desistiram. Eu também aceitei o convite e voltei.

Mais tarde, quando a força regressava do Erechim, depois do combate dos Quatro Irmãos, eu me incorporei de novo”.

★ ★ ★

E João Ferreira Carpes prossegue sua interessante narrativa, agora referente ao sangrento combate da Encruzilhada, no dia 21-9-1923.

“Nos Três Pinheiros, o gal. Portinho foi no comerciante Pantaleão Cardoso de Aguiar e telefonou para Lagoa Vermelha, dizendo que atacassem um piquete de maragatos a pé e mal montados.

Foi uma tática do nosso comandante para despistar o adversário. Aquilo não era verdade. Nós éramos 1.200 homens, muito bem armados, muito bem a cavalo.

Daí viemos até perto da cidade, no Salomoni, hoje dos Roman. Aqui demos uns tiros. Portinho aproveitou para telefonar para a Extrema, avisando o general Feijó que nós vínhamos muito mal. Pouca gente e mal armada.

Quando chegamos nas imediações da casa comercial de Flamínio Moreira, na Encruzilhada, o piquete da vanguarda da nossa força avistou a força do Feijó. Eram uns 400 homens a cavalo que vinham vindo pela estrada.

Recebemos ordem do general para ir num piquete de 40 homens fazer fosquinhas, provocação, dando uns tiros de revólver, a fim de provar que estávamos mal armados. A força nossa se entrincheirou pra cá do Flamínio, naquelas barrocas, os cavalos

escondidos nos matos.

Fomos na frente, um piquete de 40 homens, sob o comando do capitão Belé, que era lá do Barracão. Quando estávamos pra lá do Flamínio, avistamos outra vez a força. O Belé disse: Agora vamos dar uns tiros pra chamar atenção. Aí vêm eles.

Mas foi dito e feito. Demos uns tiros. Eles fizeram uns redemoinhos lá por cima da coxilha e já vieram de novo. Vinham sem dar tiro. Todos a cavalo. Vieram. Vieram. Vieram. Deixamos chegar perto. Quando estavam como daqui ao cemitério, uns mil e poucos metros, aí oferecemos uma resistenciazinha, só pra trazer as vítimas pra boca do tigre. Ninguém de nós tinha fuzil. Só revólver. Isto fazia parte da estratégia de nosso comandante. Eles sabendo que nós estávamos mal armados, só de revólver, não tinham medo.

Nós tínhamos ainda ordem de não cortar o arame do corredor, por onde vinha a força do Feijó. Eles vinham, vinham, pelo corredor, levantando poeira. Correndo, correndo, e vai e vai. Quando chegaram a uns 500 metros eu disse pro nosso chefe: Mas será que eles não nos alcançam, nós só de revólver?

- Não - diz Belé - agora está na hora de nós correr. - Quando eles vieram mais no topo da coxilha, montamos a cavalo e corremos. Nossos cavalos estavam todos atados no arame do corredor.

Eles começaram a atirar. As balas de fuzil assobiavam por cima de nossas cabeças. Montamos a cavalo. O Belé e mais dois avançaram uns passos e deram uns tiros no descoberto.

Aí é que eles vieram mesmo. Vinham em nós, dando tiro. Nós descemos e quase que dá confusão com os nossos. Quase que dão tiro em nós, pensando que era a força do Feijó. Fomos lá onde estava aquela cavalhada toda. Os nossos tinham tanta certeza na vitória, que os animais estavam todos encilhados, atados, prontos para seguir viagem. Depressa porque atrás vinha o grosso da força de Firmino Paim.

No que entramos na restinga, começou a estourar, mas valendo. Aquele mundo de gente a cavalo, apinhado no corredor e os nossos entrincheirados por trás da taipa, nas barrocas, em dois

fogos, um de cima, outro por baixo, com fuzil e metralhadora. Nossa! Morria gente e cavalo, coisa louca! Foi demais! Dizem os que estavam na frente que o general Portinho, a certa altura, mandou cessar fogo, se não iam matar tudo, tudo. Ele não quis fazer essa malvadez. Quis apenas dar uma boa lição. Desfalcar aquela força para poder passar. O que não morreu, dispersou-se pelos matos, pelos banhados, a pé.

Eu até encontrei depois uma carreta de quatro animais atolada no banhado. O carreteiro, escondido debaixo da carreta. Cheguei. Olhei. Reconheci o meu amigo Arlindo dos Passos. Era um senhor muito alto, uns dois metros.

- Ah, é você que está aí, Arlindo?
- Oh, rapaz, é você? Então estou salvo.
- Não, eu vou te matar, pra não ser covarde.
- Não, João, não me mate. Eu quero ir com vocês.
- Não, nós não temos ordem de levar ninguém.

Daí tiramos a carreta dele. Estava cheia de mantimentos. Colocamos fora do banhado, no seco. Então ele foi embora, pelo campo.

Depois do combate, tivemos uma parada de mais ou menos duas horas, pra enterrar os mortos. A força toda ajudou. Botemos 38 numa cova só, num forje muito grande que havia lá num capão. Disseram depois que foram enterrados mais 40 ou 50 em outros lugares, no campo pelas barrocas.

Cavalo morreu uma montoeira. Mais de cem. Até o general Feijó ficou ferido e seu filho feito prisioneiro. No outro dia, o Portinho foi entregar o filho ao pai lá em Vacaria, no hotel Gasparetto.

Naquele mesmo dia do combate, depois de enterrar os mortos, seguimos pra Vacaria. Acampamos perto da cidade. Mas quase ninguém dormiu. Partimos cedo por causa da força dos dois Paim, o Eliziário e o Firmino, que vinha atrás de nós e que nos alcançou nos Touros e nas Contas, em Bom Jesus. Depois do combate do rio das Contas, eu fui a Anita Garibaldi e daí para casa”.



Pedro Paulo Balen, irmão do historiador Monsenhor João Maria Balen, hoje com 90 anos, está rijo e lúcido, sendo visto diariamente a caminhar pelas ruas de Lagoa Vermelha. Volta e meia vai a Caxias do Sul, sua terra natal. Ele diz: “Sou forte e com saúde, porque salvei muita gente durante a Revolução do 23. Nunca atirei em ninguém.

Um dia - conta ele - anos depois da Revolução, um senhor em Erechim me abraçou e me pagou uma cerveja, dizendo: Este me salvou a vida!... Foi em Marcelino Ramos. Ele estava preso e 1ª ser atirado no Estreito do Uruguai. Eu, que era capitão da força maragata, evitei a sua morte.

Mas o gesto mais eloquente de Pedro Balen aconteceu durante o combate da Encruzilhada, no dia 21 de setembro, quando salvou 40 prisioneiros. “Era toda gente boa - diz ele. - Todos colonos de Guaporé, filhos de imigrantes italianos. Falei com o general Portinho e ele me disse que, se fosse gente boa, soltasse. Então eu dei um churrasco e um pão a cada um e falei em dialeto vêneto:

- Agora vocês vão todos embora por aqui. Passem pelos Barretos, depois no Turvo e vão até o Prata. Aqui vocês tomem a estrada que leva a Guaporé e vão pra vossas casas.

Eles partiram a pé e chegaram em suas casas sãos e salvos, sem que ninguém os incomodasse. Mais tarde, eu me encontrei com alguns deles, porque tenho parentes lá em Guaporé. Eles me abraçaram e me agradeceram muito comovidos.

Pedro Balen, que era genro do Cel. Vítor de Moraes Branco, o conhecido Coronel Mesquita, que era um República no dissidente, como seu pai, o Intendente Heleodoro de Moraes Branco, Pedro Balen fez toda a revolução do 23, acompanhando como capitão a força maragata de Filipe Portinho.

No dia 17 de março, a força acampava na cidade de Lagoa Vermelha. Balen com 17 companheiros, invadiu a Intendência e vendo nos livros de contas e notando que os contribuintes dos impostos eram apenas os colonos, rasgou e incendiou as folhas.



Agora vamos ouvir o relato de dois ex-combatentes legalistas, que tomaram parte nessa sangrenta batalha de Encruzilhada - Ramiro Hoffmann Godinho e seu irmão André, filhos de Pedro de Sousa Godinho e netos maternos do pioneiro André Hoffmann, residentes da Fazenda do Umbu, em Muitos Capões, Vacaria.

No dia 14-4-1969, uma risonha tarde de outono, lá compareço eu. O Deco (André) encontra-se na cidade, mas o Ramiro, um simpático e possante gaúcho, trajando vistosas bombachas, lá está negociando seu afamado gado Charolês a compradores da Bahia. Seu gado tinha fama no Brasil inteiro e mesmo fora dele. Seu Ramiro já é falecido, ao passo que seu irmão Deco está rijo.

Seu Ramiro pede licença para ultimar seu negócio e depois coloca-se à disposição do repórter. Começa dizendo: “Eu tinha 22 anos e era casado. Meu irmão, 21 anos e era solteiro. Morávamos na casa do papai, lá na fazenda do Deco.

Eu não estava mais incorporado na força. Fiquei um mês e pouco e saí. Fui convocado por emergência para o combate da Encruzilhada. Fomos como hoje para pousar ali na casa do falecido Antoninho França. No outro dia de manhã, deu-se o combate.

Fui no meu cavalo. Deram-me lá um fuzil. Éramos uns 300 homens. O general Feijó destacou 30 homens para o Capão Bonito a atacar o Portinho, caso ele tomasse aquele rumo. Ficamos 270 homens para o combate da Encruzilhada.

No meu ver, ao nosso comandante faltou tática. Ele deu ordem para que soltássemos os cavalos. Um piquete de 50 homens, comandado pelo capitão João de Deus, foi na frente a cavalo. Meu irmão o Deco, 1ª nesse piquete. Deram logo com a vanguarda da força do Portinho. Ficaram tiroteando durante umas duas horas.

Depois nós fomos. Mas ali o comandante extraviou os homens. Pôs uns aqui, outros ali, em vez de fazer uma linha só. Não organizou como devia ser. Tanto assim que lá pelas tantas, a força do Portinho tratou de se retirar no jeito do falecido Jordão. Mas aí terminou a munição da nossa linha de frente e não tinha lá municionadores, quando nós dispúnhamos de duas carretas cheias

de balas.

Então o nosso pessoal teve de retirar-se por falta de munição. Foi esse o nosso mal. Nessa ocasião, os maragatos, em vez de se retirarem, avançaram. Veio uma ala pela direita, outra pela esquerda. E nós estávamos lá no cemitério fazendo essa linha para fechar o cerco. Nós metíamos descargas de lá de cima, pra um lado e para outro. Eles, assim que saltavam, corriam de volta pro mato. Fizeram três dessas pegadas. Com isso o nosso pessoal foi caindo prá cá e se escapando. Se a nossa frente tivesse munição, nós teríamos feito o círculo.

O general Feijó ficou ferido. Um ferimento leve num braço. Aí retirou-se. Foi a nossa sorte. De outra forma, nós morríamos todos. Feijó retirou-se e nós corremos todos em debandada, acossados por uma linha de frente que se formou na hora.

Aí, para escapar, eu fui bem no passo do cavalo. A linha deles estava como naquela coxilha, uns 250 metros. Mas para conseguir ganhar o portão e sair para a estrada federal, andei mais um pouco e peguei o cavalo e me escapei. O Deco fugiu a pé.

Eu tinha um companheiro. Mas ali chovia de balas. Os outros foram para a frente, no Antoninho França. Nós tínhamos oito atrás de nós, tiroteando. Mas andamos bem a cavalo, fomo longe. Quando passamos o Ligeiro pra cá, fiz o cavalo pular uma taipa, eu e o companheiro. Aí nós entrincheiramos, porque tinha uma lomba na frente. Subindo a lomba, eles nos atiravam.

Era de tarde. A perseguição continuou até às 4 horas. E aquele nosso pessoal que correu pra frente, estenderam uma linha de fogo, deitaram fogo no campo, um campo muito alevantado. Vinha um vento muito forte. E aquele fogo deitou no jeito do inimigo. Atrapalhou muito. Não fosse o fogo, morria mais gente nossa.

No outro dia voltamos. Tinha uns 11 mortos em frente da casa do Flamínio Moreira, espalhados pelo campo. Mas depois disseram que tiraram secretamente 32 numa carreta e foram sepultar naqueles matos. Seriam 43 no total. Tinha uns degolados, mas não eram todos.

O cabo Fidélis vinha junto com meu irmão, vinha carregando

e descarregando o fuzil. Pediam que não parasse para atirar, que os outros vinham correndo atrás. Mas ele carregava o fuzil, virava pra trás e batia os cinco tiros. Depois corria de novo. Assim foi indo. Até que pegou uma bala na testa, acima do olho. Morreu ali perto do cemitério.

Um rapaz do Portinho, Alcino Borges, de 15 anos, começou a escaramuçar na frente da força. Outro rapaz daqui, muito bom atirador, fez pontaria e derrubou. Ficou embaixo do pinheiro, lá embaixo, naquela canhada do cemitério. Mas veio morrer em casa da mãe, em Coxilha Grande...”

★ ★ ★

André Hoffmann Godinho, hoje com 79 anos, confessou: “Eu fiz toda a Revolução, mas não matei ninguém. É por isso que ainda estou aqui forte, com saúde. Quando eu ia partir para me incorporar no regimento do general Francisco de Paula Feijó, do 3º Corpo Provisório de Guaporé, minha mãe me deu um conselho: “Meu filho, não atire em ninguém e não roube.” Eu segui o conselho da mãe e fui feliz. Todos ou quase todos os que fizeram a Revolução já morreram.

No dia 20 de setembro, de tarde - prossegue Deco - estávamos na Extrema, todos a cavalo. O general Feijó disse então que queria 150 voluntários para combater. Pediu que apeassem. E nós, uns 150 rapazes, apeamos. E seguimos rumo da Encruzilhada. Passamos a noite num capão do falecido Biriba.

Quando anoiteceu (é pra ver como bicho adivinha), toda aquela animalada rinchava a noite inteira, e as mulas orneavam sem parar, a noite inteira. Parecia que soubessem que no dia seguinte aqueles animais iriam morrer quase todos”.

E André Hoffmann Godinho vai narrando o combate da Encruzilhada, dizendo que por pouco não morreu. Chegou mesmo a ver quando um maragato de Lagoa Vermelha degolou um prisioneiro, tendo lhe antes queimado a barba. Aquela cena o revoltou.

Em seguida, tendo perdido o cavalo, deitou a correr a pé. Ao chegar ao rio Ligeiro, foi obrigado a se esconder mergulhando na



água, deixando apenas a cabeça de fora e segurando o fuzil com as mãos erguidas.

Enfim, serenado o tiroteio, prosseguiu viagem, atalhando pelos campos, para chegar em casa de noite. Ao abrir a porta, ouviu o irmão Ramiro dizer: O Deco deve estar morto. E ele entrando: Não estou morto, não. Estou aqui muito vivo, graças a Deus.

Deco Godinho, depois de algum descanso, tornou a incorporar-se na força de Paim Filho, tendo inclusive participado do combate do rio das Contas, em Bom Jesus, onde pereceu o Intendente daquele município, Antônio Inácio Velho.

Durante dois meses esteve de arma em punho, tendo, a certa altura, merecido a graduação de sargento e depois de tenente.

Comentava para o autor deste livro acerca das qualidades belicosas do seu chefe, o general Firmino Paim Filho, homem autoritário e valente, que se tomou dono de mais de cem milhões de campos, mas que, no entanto, veio a morrer pobre.

Pedro Balen, que sempre acompanhou o general Portinho durante a Revolução do 23, declara que este chefe maragato não permitia que se degolasse algum prisioneiro. Os prisioneiros que foram degolados durante a Revolução, morreram assim tragicamente à revelia do comandante. Em geral, quem mandava degolar era Fabrício Vieira, que para tanto dispunha de carrascos, como o famigerado Pais Leme.

Após o Combate da Encruzilhada, foram degolados diversos combatentes legalistas, como podemos verificar pelo depoimento dado ao autor deste livro por Maurício Alves Hoffmann (1891-1977), que no dia 22-9-1923 foi sepultar os mortos na Encruzilhada.

“O capitão Felipe Barreto - diz Maurício - sogro de Crescêncio Ferreira (falecido em 1980), disse a mim e a meu cunhado Basílio Lima:

Olhem, vocês vão atender a chimangada morta que tem por lá. Lá ficou muito chimango morto. Vão sepultar pros bichos não comer. Vão atender.

- Mas, capitão, nós não vamos assumir qualquer

responsabilidade?

- Não. Benefício é benefício. Não se recebe em mal um benefício. Vão atender.

Aí fomos sepultar os mortos. Eu e mais um rapaz vizinho meu, um homem velho, o João Maria, tio do Amantino Nunes, que é meu genro. Meu cunhado Basílio não quis vir. Era homem muito nervoso.

Na encruzilhada, no campo, à direita de quem vem de lá, tinha quatro mortos. E um pro lado de cima. O primeiro que nós achamos, um negrão muito grande, o Cabo Amorim, degolado.

Mais pra cá um pouquinho, tinha outro, um sargento, o sargento Firmino Grande, também degolado. Um mocinho novo, bem louro, que tratavam de polaquinho, degolado.

Tudo que estava ferido, os carrascos degolavam. Degolavam sem o Portinho saber, que ele não deixava. O carrasco, o rei dos bandidos, era Pais Leme. Outro era dono do Butiá Grande, um tal de Pinheiro Machado.

Então estava lá o Firmino Grande ferido. Chegou o Ramiro Moreira Leite, irmão do Flamínio e mais velho. Diz Firmino Grande:

- O senhor me valha. Estou baleado, não posso caminhar. Me defenda da morte.

E o Ramiro: O que é que vou fazer, meu amigo? Me dá o seu revólver (era um 38 muito lindo).

- Mas o senhor me acuda, me atenda.

- Em já atendo. Eu já volto aqui. Eu te acudo.

Nisto vem o carrasco: - O que é que está fazendo aí, vizinho?

- É, tou baleado, não posso caminhar.

- Bom, isso nós já curamos.

- Não, por amor de Deus, não me mate.

- Deus agora está no céu, não está aqui com nós. Você vai

ter que estar descansando.

- Mas então, pelo leite de sua mãe, que o senhor mamou, não me mate.

- Ah, meu amigo, eu fui criado guaxo, não sei que gosto tem leite de mãe.

Ele estava sentado. Derrubou assim. Virou de bruços. Pegou nos cabelos com uma mão e com outra degolou.

No fundo da casa do Nei Lourenço de Lima, tinha outro tenente, Manuel Camargo, de Bom Jesus. Não estava degolado. Mas estava sem roupa, apenas uma cuequinha. Aquela gente estava toda sem roupa. Tiravam os sapatos, as pernas, botinhas, meias, tudo.

Mais adiante tinha mais cinco. Tinha um pra cá do portão da fazenda do seu Amândio Nunes, num capãozinho; tinha um morto na estrada. No subir a coxilha, pra cá do cemitério, tinha dois.

Na ponta do capão do cemitério, tinha mais um, dentro do mato, bem na beiradinha. E pra lá da fazenda do seu Amândio, mais um. Adiante, tinha mais cinco.

Na frente da casa do seu Ramiro, agora me parece, não quero dizer, mas parece que achamos 9 ou 11. O Flamínio Moreira arrumou mal o sargento Manuel Camargo, de Bom Jesus. Os bichos estavam comendo. Daí veio o irmão dele, de Bom Jesus. Veio para matar o Flamínio. Mas com a intervenção de amigos, pra cá, pra lá, não mataram. Mas aconselhou:

- Vocês arrumem ele bem direitinho, se não nós voltamos aqui. E nós voltando aqui, vai dar revolução.

Eu até estava lá, eu e o vizinho, o falecido Raimundo Mendes. Quando eu vi aquele projeto de piquete armado, um tenente ou sargento, irmão do morto, eu disse: Isso não vai prestar. E o velho Raimundo:

- É, parece que não vai mesmo.

Aí rapemos. Ele arrumou bem, com pedacinhos de grama, tipo tijolo, um jazigozinho, muito bem.

Vi as forças do governo marchar na frente, metidas em três fogos, queimando campo (era setembro) pra não enxergarem. Uma vanguarda dos maragatos atirando atrás e outra do lado.

Cada pouco ficava um cavalo encilhado. O cavaleiro onde está? Foram pros matos ou batendo nas casas dos fazendeiros. Daquele corpo provisório de 300 homens, dizem que sobrou trinta e poucos homens.

O Flamínio não apareceu lá pra enterrar os mortos. Era eu e o Fortunato, um índio velho que ainda vive adiante do Capão Bonito. Esse foi que me ajudou.

O enterro era lá onde estava o morto. Um por um. Deu trabalho. O dia inteiro. Instrumento ruim. Um que estava meio ajeitado, perto de uma barroca, nós deitávamos lá dentro. Pegava uma vara, rachava pelo meio, fazia uma cruz e fincava lá, provisória. Ainda estão por lá. Os proprietários do campo não se importavam. O que estava no campo do Amantino, nós fizemos um muro de pedra em cima; da casa "do seu Amantino se enxerga na coxilha.

Os que estavam sepultados nas barrocas, quando chovia ficavam logo descobertos. Vinham os corvos, os porcos, e comiam. Então os vizinhos iam deitar umas pazadas de terra.

O filho do general Feijó foi preso. Portinho, antes de entregar ao seu pai, no hotel Gasparetto, em Vacaria, levou na casa do velho Antoninho França, tio do Amantino, lá onde mora o seu Balduíno. Entregou dizendo:

- Me atenda esse moço. Atendam ele, que é pessoa de futuro.

- Não tem dúvida. Está garantido.

O capitão Felipe Barreto apresentou então o general Portinho à mulher do França, uma velha caipira:

- Aqui lhe apresento o general Portinho.

Ela, admirada, olhou o general da cabeça aos pés, muito alto, e disse:

- Ah, sim senhor. Muito bonito, general Portinho. Mas é um

portão!...

Maurício Alves Hoffmann, que concedeu esta entrevista, quando era pequeno transportou numa égua velha o monge João Maria.

★ ★ ★

A BICA E O TANQUE

Para o fornecimento de água à população da Freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha, em 1869, o fiscal solicitou a compra da fonte já existente e rua pública para o seu acesso. Para efetuar o orçamento do custo da obra, foi então organizada uma comissão, composta de Inácio Bueno Candeia, Manuel Bento da Costa e o Pe. Bernardo Brandão, Vigário.

Em 25 de abril de 1877, a Câmara Municipal constituiu uma comissão para canalizar água de uma vertente ao norte da Vila. Esta comissão estava assim constituída: Francisco Pereira de Sousa Delfino e Prudêncio Machado Pereira, havendo o secretário da Câmara, Antônio Zeferino Moreira, publicado a resolução.

Esta primeira biquinha, conforme o historiador Demétrio Dias de Moraes, devia estar localizada nas imediações da atual capelinha de Nossa Senhora Consoladora. A segunda biquinha estava localizada junto ao tanque de D. Ana de Almeida, mais conhecida por Donana Quaresma, de que falaremos logo adiante, neste capítulo.

A terceira bica, conhecida por Biquinha das Freiras, ficava no terreno do Intendente Heleodoro de Moraes Branco, terreno em que depois foi construída a Escola São José, hoje Escola Rainha da Paz.

A atual biquinha, na esquina da rua do Tanque com a Buarque de Macedo, foi mandada construir pelo Prefeito Dr. Abelardo José Nácul, captando a água na propriedade de Francisco

Gentil, hoje de seus herdeiros.

Uma quarta biquinha estava localizada nas proximidades da esquina da rua Protásio Alves com a rua do Tanque.

★ ★ ★

Acerca do célebre tanque, que deu nome à rua do tanque, a atual avenida 15 de Novembro, paralela à nova rua do Tanque, vamos passar a palavra ao escritor Salatiel Soares de Barros, que ali nasceu em 1868. Em seu livro “Reminiscências” encontra-se algo interessante acerca do Tanque e de sua proprietária, D. Ana de Almeida.

“Dessas reminiscências acudiram-me outras de quando há dois meses passeava pelas ruas de Lagoa Vermelha na companhia de meu estimado amigo coronel Libório Pimentel. Detendo-se indicou-me ele uma secular casa de madeira, coberta de telhas de barro, ao meu tempo uma das melhores do povoado, em cujas dependências funcionavam a Câmara Municipal e o Tribunal de Justiça. Disse-me Libório ser a casa de d. Ana Almeida, por alcunha Quaresma.

Lesto, virei-me para ele e disse: Minha inimiga.

Teria eu 8 a 10 anos, minha mãe mandou-se à casa de negócio de d. Ana, comprar miudezas. Ao entrar na porta, lado de fora, achei uma cédula de cinco mil réis, recolhendo-a ao meu necessitado bolsinho; fiz cálculos extraordinários; penso ter imaginado casar-me ou então comer doces durante um ano.

D. Ana subiu numa escada para retirar da prateleira minhas compras, mas reparava que eu ia à porta verificar da realidade da minha sorte, puxando os 5\$000 para fora do bolso. Ao retirar-me com as compras, d. Ana segurou-me pelo braço, dizendo: Ladrãozinho, entregue-me o dinheiro que tens no bolso. Aterrorizei-me. Ela retirou o dinheiro e eu saí chorando de medo e de vergonha.

Nada disse à minha mãe; porém, eu tinha um sobrinho Janjão, meu inseparável companheiro, e dispúnhamos de dois moleques criados nas casas de nossos pais, dois demônios. Reuni o conselho de família, a fim de avaliar os danos pela falta de cinco mil réis. Declaramos guerra à d. Ana, sem prévio aviso, exemplo anos depois adotado pelo Japão contra os Estados Unidos. Iniciamos ataques às vidraças da frente da casa inimiga, quebrando-lhe todos os vidros.

Noites seguintes, atacamos violentamente um potrilho gaúcho, de estimação de d. Ana, espancando-o em forma; era um animal xucro que atacava pessoas a coices e dentes.

Os cabritos da criação doméstica de d. Ana costumavam dormir em baixo do assoalho da Igreja Matriz; aí fomos buscá-los e levaram surras em grande estilo.

D. Ana possuía um moinho de milho de trigo movido a água, num terreno de sua propriedade e para isso construiu uma represa, denominada tanque, que até hoje ainda dá nome à rua, embora tenha outro nome oficial, e sobre cujo tanque direi adiante coisas mais interessantes.

Soltamos a água, abrindo a comporta que detinha antes de entrar no canal. Era um gozo o moinho a trabalhar suas moendas de pedra sem ter o preciso grão.

Tinha d. Ana duas lindas netas; empecamos namoro com elas e demos fim às hostilidades, tanto mais que ela ignorava quais seus inimigos, porque suas queixas às autoridades não eram levadas em consideração devido a recíprocas prevenções entre estas e aquela.

D. Ana era viúva, inteligente, varonil e corajosa, administrava habilmente seus bens e não admitia influências de homens em seus negócios.

Quando construído seu tanque, a gurizada ali tomava



banho, até que um deles morreu afogado. Meu pai, que era delegado de polícia, tipo Stalin humanizado, mandou, com aplausos da população, sumariamente destruir a represa. D. Ana revidou, processando criminalmente o delegado, que teve que comparecer à sede da comarca em Santo Antônio da Patrulha, sendo ali absolvido. D. Ana restabeleceu e conservou o tanque por muitos anos.

Existia no município um fazendeiro F. Atanásio, que, quando aparecia na freguesia, gostava de tomar fortes tragadas de “gasolina” marca Santo Antônio da Patrulha: fervilhava-lhe o sangue, e ele cometia brincadeiras pesadas.

Numa dessas meteu sua montaria porta a dentro da casa de comércio de d. Ana. Ela o repeliu, desfechando um tiro de pistola e ferindo-o seriamente num braço. O português João Guimarães tinha uma casa comercial na esquina oposta à de d. Ana. Concorrência, forquinhos, mexericos, resultaram um encontro e pega a unha entre ele e ela.

Guimarães levou a pior, recebeu uma pancada na cabeça e no rosto, ficando fanhoso o resto da vida.

Naqueles tempos, os homens usavam barba, porque um fio de cabelo dado ao credor valia como documento e era respeitado, tanto que homem glabro, quando dele se queria dizer mal, apontava como sendo criatura a quem Deus não confiava esse adorno. D. Ana não respeitava barba alguma.

Quando eu chegar aonde ele deve estar, irei de barba feita, chapéu nos olhos e óculos pretos; passarei de largo se ela estiver com pistola numa mão e muleta na outra (ela claudicava de uma perna). - Paz à sua alma de mulher que valia por muitos homens”.



FERROVIA DECRETADA EM 1875

Há mais de um século, Lagoa Vermelha devia estar servida de uma estrada de ferro, ligando o município de Montenegro à então freguesia de São Paulo da Lagoa Vermelha. Neste sentido a Lei nº 950 de 18 de maio de 1875 concedia a Carlos Jacob Schilling e João Jorge Haag o privilégio por 60 anos para estabelecerem a ferrovia com terminal em nosso município. O projeto dessa lei foi aprovado em 23 de maio do referido ano.

Decorridos quatro anos, visto como os trabalhos não haviam sido iniciados, nova Lei, nº 1174 de 12-4-1879, prorrogava por mais dois anos o prazo fixado para início das obras dessa ferrovia entre São João de Montenegro e Lagoa Vermelha.

Em questão de meios de comunicação, o nosso município vem sofrendo terrível sabotagem desde o longínquo ano de 1785, bem antes da fundação do povoado pelos tropeiros paulistas, tendo à frente o capitão José Ferreira Bueno e seu filho Serafim.

Quando por volta desse ano de 1785, alguns tropeiros, procurando encurtar de cerca de 200 km o percurso para a Feira de Sorocaba, deixando de lado a estrada das tropas do Passo de Santa Vitória e abrindo outra no Passo do Pontão, o governo de São Paulo mandou prender todas as tropas de bestas que cruzassem pelo novo caminho, que permaneceu interdito até 1818, quando então foi oficializado pelo capitão Atanagildo Pinto Martins.

Esta antiga estrada das tropas pelo Passo do Pontão é nada mais e nada menos que a atual BR-470 que há mais de 50 anos vem sofrendo sabotagem. Há 50 anos que as lideranças de Lagoa Vermelha e da região vêm pleiteando a nova abertura dessa rodovia. Por ser o caminho mais curto e prático, ela fora projetada para se transformar na antiga BR-2, hoje BR-116, proporcionando um encurtamento de mais de 150 km sobre o traçado Via Lages, Vacaria e Caxias do Sul.



Dezenas de comissões oficiais vêm se revezando em Brasília, solicitando solução. As promessas e iniciativas acabaram sempre na estaca zero. Agora, finalmente, quando o asfalto chegou ao rio Pelotas no lado catarinense, a velha estrada das tropas foi entregue ao tráfego, mediante uma balsa metálica, uma vez que a ponte, com construção licitada, também foi sabotada.

Nas primeiras décadas de nossa História, o caminho para Porto Alegre seguia pelo atual território dos municípios de Vacaria, Bom Jesus, São Francisco de Paula, Rolante e Santo Antônio da Patrulha, cruzando os perigosos rios Saltinho e Santa Rita. Este longo e horrível caminho foi uma das causas da extinção da Colônia Militar de Caseiros.

A insidiosa picada do Mato Português e do Mato Castelhanos ficou largamente falada ao longo destas páginas. Diz João de Paula e Silva no seu livro “Lagoa Vermelha de Ontem e de Hoje” que “quando se proclamou a República, os lagoenses tiveram notícia da auspicioso evento com a rapidez de cinco dias, porque, por acaso, tinha chegado um tropeiro de Montenegro e trouxe a boa nova. Quatro dias antes, os liberais vivavam ao Imperador e todos os atos oficiais eram imperiais, e deixa que o ex-monarca deposto singrava além, muito além, as salsas ondas do Atlântico, em demanda da Europa... Era a República, mas nós aqui estávamos como os Chavantes de Goiás... Não havia comunicações a não ser no lombo das alimárias”.

Na famosa época das carretas de terno, a dantesca odisseia dos nossos velhos e heroicos carreteiros forneceria matéria para um grosso volume. Viajar para Passo Fundo e Vacaria constituía autêntica aventura.

Na década de 1950, o período áureo da indústria madeireira de Lagoa Vermelha, com suas 353 serrarias, era comum a incrível cena de um trator arrancando um caminhão do atoleiro em plena avenida Afonso Pena, no centro da cidade.



O nonagenário Antídio José Machado conta que por volta de 1906 acompanhou uns tropeiros que transportaram para Montenegro uma manada de porcos, mais de cem unidades, tocados a cavalo, havendo perdido dois animais na serra das Antas.

Mas a novela da ferrovia de Lagoa Vermelha tem outro capítulo. Em 1913 foi apresentado o projeto do Plano Geral de Viação do Estado. Em 1914 foi modificado e em 1920 foi ampliado.

Era um plano extremamente ambicioso e arrojado, prevendo a construção de várias linhas. A terceira linha sairia de Montenegro até Lagoa Vermelha, passando por Bento Gonçalves, e tendo um ramal até Antônio Prado e Vacaria.

Algumas destas linhas foram construídas, mas a de Lagoa Vermelha foi sabotada. Vacaria está hoje servida de Ferrovia, assim como Passo Fundo, Bento Gonçalves, Caxias do Sul.

A sabotagem dos meios de comunicação não se limita às estradas, abrange também o setor da telefonia; enquanto outras cidades de menor expressão econômica e demográfica possuem o seu sistema DDD, nós, não raro, devemos viajar a Vacaria ou Passo Fundo a fim de conseguir uma ligação de longa distância.

A sabotagem passou também para o setor industrial. Uma grande fábrica de óleo de soja, hoje implantada em Veranópolis, estava primeiramente projetada para o nosso município, assim como a Subestação da ELETROSUL, que acabou sendo instalada em Vacaria, quando devia ser aqui. O mesmo vem acontecendo com a implantação de uma fábrica de leite em pó, e outras.

O mais lamentável, entretanto, é o estado ruinoso de abandono em que há 30 anos se encontra o vasto prédio do velho Hospital Lagoense, entregue a uma ociosidade iconoclasta.

E o Frigorífico Lagoense, que custou tantos sacrifícios à população, sendo na época a mais importante empresa do Planalto Nordeste, equipado com a mais sofisticada aparelhagem.

Imponente construção dominando a cidade e agredindo os céus com sua temerária chaminé, há dez anos vai morrendo melancolicamente, ao lado do Cemitério Municipal, separado apenas pela BR-470, a rodovia encantada, a heroica estrada das tropas dos velhos tempos de esplendor, a mais rendosa fonte de arrecadação da Província.

GUARDA NACIONAL E CÍVICA

A Guarda Nacional foi reorganizada por lei imperial nº 602 de 19-9-1950 alterada pelas leis nº 2395 e 5373, de 10-9-1874. A Guarda Cívica foi criada por decreto federal nº 1.051 de 21-11-1890.

Eis a relação dos oficiais nomeados para a Grande Lagoa Vermelha:

1 - Tte. Cel. Francisco Inácio Ferreira (1851-1878), comandante superior.

2 - Cel. Delfino de Paula Neri (1878-1881), comandante superior.

3 - Tte. Cel. Tristão José de Almeida (1881-1890), comandante superior.

4 - Tte. Cel. Heleodoro de Moraes Branco, com. do 131º Corpo da Guarda Cívica.

5 - Cel. Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral, superior da G.C.

6 - Tte. Cel. João Lúcio Nunes, comandante do 8º Corpo da G.C.

7 - Tte. Cel. Manuel Lopes Ferreira, comandante do 132º Corpo da G.C.

8 - Tte. Cel. João Dias de Carvalho Guimarães, comandante



do 52° B.I.da G.C.

9 - Tte. Cel. Cândido Dias de Carvalho Guimarães, chefe do E.M. da G.C.

10 - Major Ovídio Guilherme Moojen, comandante da 6ª secção do B. da G. C.

11 - Major Afonso Crispim Dias, ajudante de ordens da G.C.

12 - Major Francisco Ferreira Leão, ajudante de ordens da G.C.

13 - Major Júlio Ferreira Garcez, fiscal do 131° C. de Cavalaria da G.C.

14 - Major Manuel Antônio de Rezende, fiscal do 52° C. da G.C.

15 - Major Antônio Mendes de Araújo, fiscal do 132° C. da G.C.

16 - Major Domiciano de Sousa Marques, da G.N. de Santo Antônio da Patrulha.

17 - Cap. Augusto Guilherme Moojen, Comandante da 1ª C. do 8o C. da G.N.

18 - Cap. Francisco Delfino de Carvalho, com. da 2ª Cia do 8° Corpo.

19 - Cap. Jordão Marques da Rocha, com. da 3ª Cia do 8° Corpo.

20 - Cap. José Ferreira Bueno, da G.N. da Lapa.

21 - Cap. Jorge Guilherme Moojen, depois Major cirurgião da G.C. de Montenegro.

22 - Cap. Honório de Paula Néri, com. da 2ª Cia da 6ªs. do B. de Reserva.

23 - Cap. Hermenegildo José de Lima, com. da 4ª Cia do 8º Corpo.

24 - Cap. Antônio Joaquim Velho, com. da 3ª Cia da 6ªs. da Reserva.

25 - Cap. João Dalmácio de Oliveira, com. da 6ª Cia do 8º Corpo.

26 - Cap. Alfredo Dias de Moraes, secretário geral da G.N.

27 - Cap. Napoleão César Bueno, Quartel mestre da G.C.

28 - Cap. João Antônio Machado, com. da 7ª Cia do 8º Corpo.

29 - Cap. cirurgião-mor Martin Francisco Aires, da G.N.

30 - Cap. Hildebrando do Amaral Fão, do 22º Corpo do 5º B. da G.N. de Rio Pardo.

31 - Tte. Antônio Ferreira de Andrade, da G.N. de Curitiba.

32 - Tte. Narciso Ferreira d'Ávila, Quartel mestre do 8º Corpo.

33 - Tte. Orlando Berthier de Almeida, da 1ª Cia do 8º Corpo.

34 - Tte. Antônio Zeferino Moreira, da 2ª Cia do 8º Corpo.

35 - Tte. João Anselmo Ferreira, Secretário do 8º Corpo.

36 - Tte. Fortunato Xavier de Castro, da 2ª Cia do 8º Corpo.

37 - Tte. Manuel Soares da Silva, da 4ª Cia do 8º Corpo.

38 - Tte. Teodoro Edmundo Moojen, da 1ª Cia da 6ª s. de Reserva.

39 - Tte. Francisco Chagas de Lima, da 2ª Cia da 6ªs. da Reserva.

40 - Tte. Inácio da Luz, da 3ª Cia da 6ª s. da Reserva.

41 - Tte. Faustino Tavares Vieira, da 6ª Cia do 8º Corpo.

42 - Tte. Barnabé Eleutério da Luz, da 8ª Cia do Corpo.

43 - Alferes Rafael Machado Pereira, do 2º Cia do 8º Corpo.

44 - Alferes Afonso Marciano de Oliveira, da 5ª Cia do 8º Corpo.

45 - Alferes Alberto Marques Berthier, da 6ª Cia do 8º Corpo.

46 - Alferes Antônio Bueno Candeia, da 7ª Cia do 8º Corpo.

47 - Alferes Cândido Florêncio de Godói, da 8ª Cia do 8º Corpo.

48 - Alferes Joaquim Manuel Ferreira, da 4ª Cia do 8º Corpo.

49 - Alferes João Teles Cordeiro, da 1ª Cia da 6ª s. da Reserva.

50 - Alferes Manuel de Paula Neri, 2ª Cia da 6ª s. da Reserva.

51 - Alferes João Ribeiro de Melo, da 3ª Cia do 8º Corpo.

52 - Alferes Francisco Antônio Borges, da 3ª Cia da 6ª s. de Reserva.

53 - Tte. Cel. Miguel Joaquim de Camargo.

54 - Cap. João Soares de Barros Filho.

55 - Cap. Joaquim Luís Teixeira.

56 - Cap. João Mariano Pimentel.

57 - Cap. João Jacinto Ferreira.

58 - Tte. Joaquim Dias de Moraes.

59 - Tte. Francisco Alves do Amaral Toledo.

- 60 - Alferes Manuel Nunes Xavier.
- 61 - Alferes Antônio Rodrigues de Oliveira Diogo.
- 62 - Alferes Joaquim Inácio Candeia.
- 63 - Alferes Joaquim Correia Leite.
- 64 - Alferes Antônio Luís de Matos.
- 65 - Alferes Augusto José Siqueira.
- 66 - Cap. Jacinto Lopes Ferreira.
- 67 - Tte. Felipe de Sousa Vieira.
- 68 - Cap. Claro José de Lima.

O 8º Corpo de Cavalaria da Guarda Nacional em Lagoa Vermelha foi criado pelo Decreto nº 7411 de 3-7-1879, sendo organizado pelo Ato de 3-7-1880. Tinha como Tenente Quartel-mestre o ex-combatente da Guerra do Paraguai Narciso Ferreira da Silva; Estado Maior: 1º Comp. Cap. Augusto Edmundo Moojen, ten. Orlando Berthier Marques de Almeida, alferes Júlio Ferreira Garcez; 2º Comp. Cap. Francisco Delfino de Carvalho, ten. Fortunato Xavier de Castro, alferes Antônio Zeferino Moreira; 3º Comp. Cap. Jordão Marques da Rocha; Ten. Manuel Nunes Xavier, alferes João Ribeiro de Melo Sobrinho; 4º Comp. Cap. Hermenegildo Claro de Lima, Ten. Manuel Soares da Silva e Alferes Joaquim Manuel Ferreira.

Pelo Ato 51 de 2-5-1883, foram preenchidos claros na 2ª Companhia: 1º sargento Rafael Machado Pereira; 8º Comp. Cap. Antônio Mendes de Araújo, Ten. Barnabé Eleutério de Araújo.

Ocuparam ainda posto nas várias Companhias do 8º Corpo da Guarda Nacional: Augusto José de Siqueira, Manuel Rodrigues da Costa, Veríssimo Américo Gomes, Paulo Alves de Sousa Marques, Manuel Paz Maciel, Manuel Rodrigues da Silva, José Florêncio dos Santos, Jacinto Lopes Ferreira, Felipe Silveira de Bittencourt, Inácio Ferreira de Sousa, Lopo da Silva Carrão, Martin

Francisco Aires, João Batista de Almeida, Eleutério. Manuel Pereira, João Subtil dos Anjos, Vitorino Antônio de Matos, Francisco Bueno Xavier, João de Oliveira Lacerda.

A Delegacia de Polícia de Lagoa Vermelha foi criada pelo Ato de 12-3-1877 do Vice-Presidente da Província João Dias de Castro. Um dos primeiros Delegados de Polícia foi o pioneiro João Soares de Barros. Por Ato nº 69 de 28-1-1890 foi criado um distrito policial. Em 23-8-1893 foi criada a comissão do Alistamento Militar constituída por Cap. Francisco Delfino de Carvalho, ten. Antônio Zeferino Moreira e ten. Francisco Alves do Amaral Toledo. Em 1916 era Delegado de Polícia Ângelo Alves de Sousa Marques e subdelegados Tomás Loureiro de Melo, Fagundes Teixeira Coelho e Francisco Jacques Vieira (3º d.).

Em 1907 o Delegado de Polícia era o Tte. Cel. João Lúcio Nunes. Em 1908, Mateus Lopes Brum e subdelegados: Bernardo Pessoa da Silva (1ºd), Antônio Leite de Godói (2ºd) e Firmino Jacques Fernandes (3º d.). Em 1913 era Delegado de Polícia João Garcez Ferreira de Andrade, amanuense Arlindo Antônio Dauber, subdelegados: João Augusto Moojen (1º d.), Antônio Leite de Godói (2º d.), Isauro Rodrigues de Lima (3º d.) e Edmundo Dalmácio de Oliveira (4º d.).

Em 1914 era Delegado de Polícia o Cap. Antônio Vítor Carneiro Lobo, amanuense Damiano José de Oliveira, subdelegados: João Augusto Moojen (1ºd), Gustavo Berthier (2º d.), José Crispim Dias (3º d.) e Edmundo Dalmácio de Oliveira (4º d.). Em 1915 era Delegado o cap. Francisco Dias de Moraes, subdelegados: Laudelino Pacheco (1º d.), Antônio Manuel de Castilho (2º d.), José Crispim Dias (3º), Fortunato Francisco de Figueiredo (4º) e Gustavo Berthier (5º).

Em 1918, Delegado: Dr. Eugênio Antônio Gonçalves Pires, subd.: Ulisses Andrade (4º d.), Salustiano Machado Vieira (3º), Manuel José Barbosa (7º). Em 1921 delegado: Dr. Sílvio Barbedo,

amanuense Demétrio Pereira dos Santos; subd.: Hildebrando Silveira Bittencourt (1° d.), Otávio d'Ávila, Dr. Herbert Spalding, Gustavo Berthier, Atanásio da Silva Dutra, Jaime de Barros Nogueira, Francisco Gonçalves Meira, José Cirino Rodrigues e Antônio Rosa.

Em 1923 era Delegado: Ten. Jorge Pelegrini Castiglione, amanuense Carlos Dias de Moraes; subd.: João Batista Amazonas (1° d.), Hildebrando Silveira Bittencourt (2°), Otávio d'Ávila (3°), Venceslau Gastal (4°), Gustavo Berthier (5°), Atanásio da Silva Dutra (6°), Jaime Moraes Nogueira (7°), Pedro Ferreira dos Santos (8°), Antônio Vítor Carneiro Lobo (9°), 1° d. vago. Em 1924, Delegado: Major Diogo Bittencourt; subd.: os mesmos e mais: Carlos Guimarães (1°), Manuel Correia de Quadros (2°), Pedro Moraes Branco Primo (4°), João Lopes Brum (6°), Antônio Rosa (10°).

Decreto 3392 de 24-11-1924 criava um Corpo Auxiliar da Brigada Militar nº34; comandante: Ten. Cel. Maximiliano de Almeida; Major Fiscal: Hildebrando Bittencourt; Cap. Ajud. Gibrail Tigre; Cap. Médico Dr. João Montano Messina; 1° esquadrão: Com. Cap. Ulisses Teodomiro de Andrade. 2° esq. Com. Cap. Manuel Nunes da Silva; 3° esq. Com. Cap. Gustavo Berthier; 4° esq. Com. Cap. José Garcez de Andrade. Tenentes: Ovídio Bittencourt, Carlos Guimarães, João Ernesto de Almeida e Egidio Alves Osório. Alferes: Plauto de Almeida, Otacílio dos Santos Mota, Francisco Bittencourt, Manuel Correia de Lacerda, Alberto Pinto Vieira, Aparício Manuel Esmeraldino, Ovídio Moojen Machado, Pedro Inácio dos Santos, Carlos Dias de Moraes e Solidônio de Oliveira Campos.

Em 1926 foram nomeados auxiliares da Brigada Militar: Tenentes: Antônio Mendes de Araújo, Carlos Zachera, Rodolfo Vecchi, José Patrício de Matos, Cândido David de Oliveira, João Lúcio de Paula, André Rodrigues Klin, José e Francisco Biavatti, Pedro Júlio Ribeiro e Arlindo Antônio Dauber. Cap. Comand. do 4° esq.: Ten. Abraão Bittencourt, Ten. João Xavier Chicuta; Cap. Com.



do 6º Corpo: Ovídio Bittencourt; Cap. Com. do 1º eq. Francisco Bittencourt, Ten. Paulino Vieira Machado; Major-fiscal Zeferino Bittencourt; Cap. médico Teodoro Frederico Wagner. Outros: Domingos de Almeida Marcarenhas, Manuel Correia de Quadros, Lorem Paim, João Simão de Bittencourt, Amantino João Antônio, Joaquim Batista de Azevedo, João Mendes de Araújo, Waldemar de Holleben, Inácio de Almeida Marcarenhas, Otávio Felisberto do Nascimento, Felipe Bittencourt, João Lopes Cordeiro, Sezefredo Guimarães.

Em 1927 era Delegado de Polícia o Major Gustavo Berthier, subd.. Antônio Ismael Machado (1º d.), Joaquim Miguel Ferreira (2º), Otávio d'Ávila (3º), Pedro Antunes Maciel (4º), André Rodrigues Klin (5º), João Lopes Ferreira (6º), Bernardo Gomes de Oliveira (7º), Luís Alberto de Holleben (8º), Felisberto Cirino Rodrigues (9º) e Alexandre Gazzoni (10º).

Em 1928 era Delegado João Augusto Moojen e subd. os mesmos e mais Vítor Antônio Vieira (5º), Firmino Alexandre Mascarenhas (6º), Leodolino de Holleben (11º) e Atanagildo Rodrigues da Costa (12º). Em 1929 era Delegado Itacir Moojen da Rocha, subd. os mesmos Névio Castellano, Albino Fabris (Protásio Alves) e Francisco Bittencourt.

No ano de 1917 funcionou um Tiro de Guerra com o Instrutor 1º Sargento Pedro André, que não aprovou nenhum candidato.

GOVERNANTES DO MUNICÍPIO

1º Tte. Cel. Sinfrônio Olímpio Barreto do Amaral - Presidente da Câmara (1876-1878).

2º Francisco Ferreira Leão Sobrinho - Presidente da Câmara (1883-1890).

3º Tte. Cel. Heleodoro de Morais Branco - Napoleão César Bueno, José Muliterno e Jorge Guilherme Moojen (depois João Lúcio Nunes) (1890-1892).

4º Tte. Cel. Heleodoro de Morais Branco (1892 reeleito em 1896, reeleito em 1900, reeleito 1904, reeleito 1908), Intendente.

5º Cel. Adolfo Paim de Andrade - Intendente (1912-1914).

6º Antônio Vítor Carneiro Lobo (Intendente substituto) 1914.

7º Dr. José Dario de Vasconcelos - Intendente interino 1914.

8º Bernardo Pessoa da Silva - Intendente interino 1914.

9º Cel. Maximiliano de Almeida - 1914, reeleito em 1916-1920 (Intendentes interinos neste período: Pedro Mariano Pimentel, Edmundo Dalmácio de Oliveira e Francisco Dias de Morais).

10º Dr. Sílvio Barbedo - Intendente 1920-1923.

11º Dr. Luís Gonzaga de Azevedo - Intendente interino 1923-1924.

12º Cel. Alberto Marques Berthier - 1924-1928.

13º Cel. Maximiliano de Almeida - 1928 - renunciou em favor de Gibrail Tigre, que durante a Revolução de 1930 marchou para o campo de operações bélicas, sendo substituído por Cel. Firmino Jacques, Afonso Meneses Filho e João Augusto Moojen.

14º Dr. Eurico de Sousa Leão Lustosa, Prefeito nomeado em 1930. Em 1932 passou o governo ao Cel. Luís Barbosa Magalhães, que passou o governo ao subprefeito do 2º distrito, Gabriel Lopes de Miranda.

15º Major Carlos Aguirre - 1933-1937, seguido provisoriamente pelo Major Gervásio Rodrigues.

16º Cel. Libório Mariano Pimentel, Prefeito nomeado - 1938-1945, sendo por um mês substituído pelo Dr. Érico Alves

Lourenço de Lima.

17° Dr. Dario Meira (Juiz de Direito) 1945 passando o governo ao subprefeito Ari Branco da Rosa - 1945-1946. Em 13-2-1946 reassumiu Libório Pimentel.

18° Dr. Abelardo José Nácul, nomeado, renunciou ao cargo em 4-4-1946, em favor do subprefeito Dr. Nívio Castellano, que em 19-8-1947 foi nomeado para o cargo de Prefeito, governando até 29 de outubro, sendo então o sr. Octacílio Motta. Em dezembro de 1947 foi empossado o Prefeito eleito Dr. Abelardo Nácul - 1948-1951.

19° Dr. Hugo Estivalet Pires - janeiro de 1952, o qual em 1955 renunciou a favor do Dr. Sacrovir do Canto Lisboa.

20° Adolfo Stella - 1956-1960.

21° Dr. Raul José de Campos - 1959-1963.

22° Adão Castellano - 1963-1968.

23° Dr. Manoel Vieira da Fonseca - 1969-1972.

24° Dr. Milton José Stella - 1973-1976.

25° José Carlos Machado Prestes Vieira - 1977-1982.

ASPECTOS GEO-DEMOGRÁFICOS

Criado o município em 12-4-1876, Lagoa Vermelha limitava com Santa Catarina, São Francisco de Paula, São Sebastião do Caí, São João do Montenegro e Passo Fundo, possuindo uma superfície de 20.195 km², área hoje ocupada por L. Vermelha, Vacaria, Bom Jesus, Antônio Prado, Veranópolis, Nova Prata, Nova Araçá, Paraí, Ibiraiaras, Ibiaçá, Sananduva, Paim Filho, Maximiliano de Almeida, Machadinho, Cacique Doble, São José do Ouro, Barracão, Esmeralda, parte de Marcelino Ramos, Nova Bassano.



Na segunda criação, em 10-5-1881, com uma área de 8.131, ocupando o 7º lugar no Estado, o município tinha os mesmos municípios acima, com exceção de Bom Jesus, Vacaria, Esmeralda e Antônio Prado.

Depois da segunda criação, L. Vermelha teve os seguintes distritos: Alfredo Chaves (Veranópolis), Turvo, Barracão, Araçá, Protásio Alves, Paraí, André da Rocha, S. José (Ibiraiaras), Caseiros, Ibiaçá, Sananduva, Maximiliano de Almeida, São João da Urtiga, Cacique Doble, São José (do Ouro), Paim Filho, Clemente Argolo, Chimarrão, Tupinambá, Santa Luzia.

Na década de 1910 limitava com Prata, Antônio Prado, Vacaria, Santa Catarina, Erechim, (Getúlio Vargas), Passo Fundo e Guaporé. Atualmente limita ao Norte com Barracão e São José do Ouro; ao Sul com Ibiraiaras, Nova Prata e Paraí; a Leste com Vacaria e Esmeralda; ao Oeste com Ciríaco, Ibiaçá e Sananduva.

A altitude na sede é de 840 m. O ponto culminante com 950 m de altitude situa-se no extremo Este, a menos de um Km da divisa com Esmeralda a 2 Km a Oeste da vila de Extrema. No Alto Grande de Clemente Argolo a altitude é de 936 m. O local mais baixo situa-se na foz do arroio Chimarrão, onde a altitude não chega a 400 m. O município está situado no Planalto do Nordeste Rio-Grandense, a 28°, 25' e 35" de latitude sul e 51°, 35' e 51" de longitude sobre o meridiano de Greenwich.

O clima é seco e saudável, não ocorrendo o fenômeno da cerração, a não ser momentaneamente por vezes ao amanhecer. A temperatura máxima gira em torno de 33 graus. A mínima atinge raramente os dez graus centígrados a baixo de zero, provocando geadas e nevadas, estas quase todos os anos. As maiores nevadas ocorreram em 1879, 1912 e 1965, que foram calamitosas, derrubando casas e matas, provocando a morte de bovinos, suínos e aves.

Os rios têm aqui o seu divisor, pela Coxilha Grande, das

bacias do Pelotas e das Antas (Uruguai e Taquari). Os principais da bacia do Pelotas são: Inhandava (Forquilha), Bernardo José (limite com Esmeralda), Passo Fundo (Passofundinho ou Passinho Fundo), Lajeado dos Ivos, Barreiro. Da bacia das Antas: Piracupιά (Santa Rita), Humatã (Turvo), Prata, Chimarrão, Ligeiro, Divisa...

População - em 1980 - Total: 29.105, sendo de 16.559 habitantes na sede. A população rural é de 11.235 habitantes (excluída a população urbana das vilas).

Em 1970 a população era de 28.818 habitantes. Em 1960 - 24.237 habitantes. Em 1950, então com 13 distritos, era de 83.631 habitantes. Em 1858 2.244 h. Em 1972 4.735 h. Em 1890 8.881 h. Em 1900 12.511. Em 1905 13.673. Em 1910 14.972. Em 1913 - 16.012 habitantes. Eleitores em 1981: 14.543.

Como se vê, em dez anos a população aumentou apenas em 287 habitantes, apesar do crescimento acentuado da cidade. Acontece que Lagoa Vermelha vem sofrendo também com o crescente êxodo rural. As pequenas propriedades rurais vão sendo absorvidas pelos grandes empresários da agricultura mecanizada e da pecuária. Acresce ainda que neste decênio verificou-se regular migração de lagoenses para o Mato Grosso, Goiás, Pará, Rondônia, Brasília, etc. Por outro lado, numerosas famílias continuam demandando os grandes centros, como Porto Alegre, Caxias do Sul, Bento Gonçalves, São Paulo, buscando melhor mercado de trabalho.

A COMARCA

Na década de 1870, quando Lagoa Vermelha pertencia a Santo Antônio da Patrulha, dois juízes municipais têm seu nome imortalizado na História do nosso município - Dr. Antônio de Pádua Holanda Cavalcanti e o Dr. Antônio Vieira Caldas. O primeiro por ter sido assassinado aqui e o segundo por sua amizade com um

lagoense, que chegou a tornar-se sócio e gerente do jornal por ele fundado - o “Correio do Povo”.

O Dr. Holanda Cavalcanti foi assassinado no dia 31-7-1870 por questão de medição de terras de Máximo Paim de Andrade, sendo considerados mandantes o Cap. João Jacinto Ferreira e seu cunhado Joaquim Mariano Pimentel, e executores do crime, os seus agregados Atanásio José de Oliveira, Francisco Gregório e Manuel Umbelino.

Em 4 de agosto de 1870 o acompanhante do infeliz juiz municipal de Santo Antônio da Patrulha escreveu uma carta a um seu irmão, que passamos a transcrever:

“Lagoa Vermelha, 4-8-1870. Prezado irmão e amigo. A 31 do p.p. fui espectador de uma destas cenas horrorosas e lamentáveis que o destino continuamente nos costuma a apresentar. Vinha eu em companhia do meu protetor e bom amigo Dr. Cavalcanti, do distrito de Vacaria para esta freguesia, e à meia légua mais ou menos distante daqui fomos agredidos por três indivíduos, que fizeram meu companheiro vítima com três tiros de pistola, e eu protegido pela Providência Divina consegui salvar-me ainda que todavia fosse seguido pelos bárbaros assassinos: Estes traziam lenços atados ao rosto, portanto me é difícil decifrar as suas feições, etc. Seu irmão e amigo obrigado Francisco Teixeira Guimarães”.

Salatiel Soares de Barros, em seu livro “Reminiscências”, descreve o lamentável episódio da morte do Dr. Holanda Cavalcanti, pernambucano, natural de Nazaré da Mata. “O cadáver foi recolhido à casa de meus pais, ficando por muitos anos uma mancha de sangue sobre o soalho, como permanente recordação do caso. João de Barros (pai de Salatiel), nomeado delegado de polícia especial, iniciou as diligências no sentido de descobrir os autores do crime, percebendo desde logo que através dele estava implicado mandante de prestígio e de bastante recursos pecuniários... Solicitou força armada ao governo. Foi para ali uma força militar sob o comando do



tenente Carlos da Silva Teles... Indigitado o fazendeiro João Jacinto Ferreira como mandante do crime, foi preso e devia ser recolhido à cadeia pública em Santo Antônio da Patrulha... O delegado João de Barros foi informado que cerca de duzentos homens armados ameaçavam de em caminho arrebatá-lo e libertá-lo o preso... O preso chegou a Santo Antônio, onde tempos depois foi submetido a julgamento e liberto pelo tribunal do júri”.

Acerca do juiz municipal Dr. Antônio Vieira Caldas, escreve Salatiel Soares de Barros: “Lá pelo ano de 1876, apareceu na vila de Lagoa Vermelha, onde 1ª instalar sessão do júri. Homem extremamente simpático e lhano, foi muito bem escolhido pela sociedade local. Íntimo amigo de meu pai. Em Vacaria fiz amizade com Caldas Junior e ambos trabalhávamos tirando translados de partilhas em inventários de órfãos e ausentes, a dez réis a linha, no cartório do meu cunhado...”

Em 1892, transferi residência para esta capital (Porto Alegre) e passei a trabalhar na profissão de caixeiro viajante comercial. Em 1895, Caldas disse-me da sua próxima fundação do “Correio do Povo”. Prometi-lhe meu interesse em auxiliá-lo sem remuneração pecuniária na obtenção de assinantes para o jornal entre os residentes nas regiões da serra e fronteira. O sucesso estupendo, que firmou o futuro do “Correio do Povo”, foi o furo de reportagem em torno de sensacional crime praticado nesta capital por Osório Cazuzá, que matara friamente para roubar o casal de imigrantes portugueses conhecidos como casal Capote, crime que abalou o sentimento público do Estado com enorme repercussão no país e estrangeiro...”

Salatiel conta que descobriu o assassino em Cruz Alta, dando ciência ao jornal. “As edições sucessivas do “Correio” esgotaram-se, continuando por dias a fio com a chegada do assassino à capital, onde, mais tarde, respondeu a júri, condenado a 30 anos. “A convite do Caldas, em 1905, associei-me à sua empresa do “Correio” exercendo também a gerência. Deixara de representar

a opulenta firma Chaves de Almeida, pois já me sentia algo doente para viagens a cavalo. Minha doença agravou-se e tive de rescindir meu contrato com o Caldas”.



Por ato de 15 de maio de 1877 do Vice-Presidente da Província João Dias de Castro foi criado o Conselho de Jurados do município de Lagoa Vermelha, “pois existem 167 cidadãos aptos para jurados”. Pela Lei nº 1141 de 7 de maio de 1878, fica desanexado do Passo Fundo e constituirá uma nova Comarca todo o território pertencente à freguesia da Lagoa Vermelha, sob a denominação de Comarca de Nossa Senhora da Oliveira”. Em 1885 foram nomeados suplentes de juízes municipais Francisco Delfino de Carvalho, João Soares de Barros e Antônio Vítor Carneiro Lobo.

O Ato nº 249, de 12-6-1890, criou a Comarca de Lagoa Vermelha, constituída do termo do mesmo nome. O Decreto Federal nº 502, de 19-6-1890, declara de 1ª entrância a Comarca de Lagoa Vermelha e fixa o vencimento do respectivo Promotor Público. Em 1892 o Decreto nº 17 de fevereiro extinguiu a Comarca de Lagoa Vermelha, passando para a termo de Vacaria, entretanto, o Decreto nº 31 de 18-6-1892 tornava insubsistente o decreto anterior, ficando restabelecida a Comarca de Lagoa Vermelha. Em 31-12-1892 o Dec. nº 37 determina que a Comarca de Lagoa Vermelha será constituída com os termos desta e de Vacaria.

O decreto nº 4.368, de 3-9-1929 desanexava o termo de Prata da Comarca de Bento Gonçalves e anexava a Lagoa Vermelha. O Decreto nº 1.328, de 28-12-1946, elevava a Comarca de Lagoa Vermelha da 1º para a 2º entrância. O Decreto nº 3.119, de 14-2-1957, criava a segunda Vara da Comarca.

Eis a relação dos titulares da Comarca: Manuel André da Rocha, João Batista de Moura Galvão, Alberto Juvenal do Rego Lins, Alberto Rodrigues Fernandes Chaves, Álvaro da Costa Franco, Ney da Silva Wiedmann, Luís de Freitas e Castro, Raul de Freitas

Boccanera, Maurílio Alves Daiello, Evaristo Silveira, Eurico de Sousa Leão Lustosa, Eduardo Ruiz Caravantes, Manuel Brustoloni Martins, Moacir Lacerda da Cruz Machado, Ademar Severo, José Carlos Candiago, João Pinheiro Ribeiro, Júlio Rosa Cruz, Lívio da Fonseca Prates, Luís Amado de Figueiredo, Mário Meira, Cipriano Alvares Lacerda, Emílio Alberto Maia Gischkow, Gabriel Pereira Borges Fortes, Eurico José de Azevedo Votto, Henrique d'Ávila Moraes, Milton Calvet Fagundes, Alfredo Zimmer, Reynaldo Pereira da Costa, Otávio Silveira Santos, Léo Stumph, Adroaldo Furtado Fabrício, Pedro Henrique Parcichelli Rodrigues, Zalmino Zimmermann, Luiz Fernando Koch, Antônio Carlos Netto de Mangabeira, Lio César Schmitt, Ivan Edson Bramatti, Moacir Danilo Rodrigues, Celso Santos Rodrigues, Lauro Duarte Gehlen, Antônio Carlos Lafourcade Estrela, Euclides Luiz Rizzotto, Sílvio Abelardo Canani, Wellington Pacheco Barros, Noely Luiz Orsato, Roque Gilberto Chedid (1º Vara 1981) e Durval da Fonseca Fraga (2º Vara, 1981).

Em 26-7-1925 o Conselho Municipal dirigiu ofício ao Supremo Tribunal de Justiça do Estado, solicitando a remoção do Juiz Dr. Maurílio Alves Daiello, por conveniência do serviço público. Idêntica petição foi feita pelos representantes da sociedade: Pedro Mariano Pimentel, Libório Pimentel, Napoleão Augusto Moojen, João Augusto Moojen, Pedro Andrade, Isauro Rodrigues de Lima, Francisco Carneiro Lobo, José Jacob Nácul, Miguel Jacob Nácul, Jorge Candeia, João Andrade, Luís Correia Leite, Gustavo Berthier, João Soares de Barros, Salustiano de Oliveira Machado.

PROMOTORIA: Manuel Carneiro dos Santos (1890), Cap. Francisco Delfino de Carvalho (de 1892 a 1905), Cândido Nogueira da Silva (1905), José Dario de Vasconcelos (1906), Afonso Duarte de Barros (1907), Isauro Rodrigues de Lima (1908), Antônio Soares Amaia de Gusmão (1909), Pedro dos Santos Pacheco (1910), Artur Veloso Moreira (1924), Brasileiro da Costa e Silva (1926); Francisco Ricardo (1927), Eduardo Pinto (1948), Raul José de Campos, José

Cândido dos Santos, Olinto Vitorino Prates, Francisco de Paula Azevedo Veiga, Ely José de Oliveira Brito, Ruy Guimarães Silveira, José Antônio Pinoz Lobato, Álvaro Azevedo Gomes, Avelino Collet, Otávio Omar Cardoso, Clóvis Goulart Ponzi, Ozana Francisco da Fontoura Rocha, Jacques Rabelo Ribas, Loreno Luiz Zambonin, Eduy Alves dos Santos, Jatyr Orlandi, David Jovino Giacomini (1978), Elso Rodrigues (1979), Agenor Casaril (1º Promotor, 1981) e Otávio Augusto de Souza (2º Promotor, 1981).

Advocacia: O 1º advogado de Lagoa Vermelha foi João Soares de Barros, seguido de : Manuel Augusto de Sousa Néri Penteado, Luís Cândido Teixeira, Hildebrando do Amaral Fão, Macedônio Rodrigues da Silva, os irmãos Trajano, Tancredo e Carlos de Oliveira Machado, Francisco Carneiro Lobo, Dário Vasconcelos, Pedro de Moraes Branco, Gomercindo Rodrigues da Silva, José Júlio Garcez, Brás di Francesco, Orestes Dionísio Barroni, Jacques Andrade, José Rodrigues de Lima, formado pelo Instituto Nacional de Ciências Jurídicas e Sociais do Rio de Janeiro em 18-11-1913, tendo sido secretário da Intendência Municipal nomeado em 5-9-1912 e Vice-Presidente do Conselho Municipal (1918), foi ajudante da Procuradoria da República nomeado pelo Presidente Hermes da Fonseca, pecuarista e político do Partido Libertador, é pai do Prof. João Maria Rodrigues de Lima, pai de 9 filhos e residente no Lajeado dos Ivos. Nas décadas de 1930 a 1970: João de Paula e Silva, Manuel Duarte, Nívio Castellano, Érico Alves Lourenço de Lima, Henrique Henckin, Abelardo José Nácul, Plauto de Abreu, Raul de Campos, Plauto de Abreu, Archimedes de Almeida, Eloy Lenzi (Deputado Federal), Manuel Vieira da Fonseca, Aido Cirino Rodrigues, Hillon Garcez, Adonis Vassalli, Paulo Mota Dolzan, Davino V. Nepomuceno, João Pereira Neto (atual Presidente da OAB de Lagoa Vermelha), Olavo Augusto Moojen, Cezar Muliterno, Noé Dutra, Luiz Ulisses Sbroglio, Agenor Possan, Jurema Muliterno Possan, Ivens José Balen, Jessé Aires de Araújo, Eron Berthier, Eni Terezinha Moreira, Rose May Nácul Berthier,



João Horácio Barreto da Costa, Carlos Celso Garcez, Ilza de Lourdes da Costa Moura, Ranulfo Fernandes, José Carlos Castellano, Luiz Alberto Cirino, Gomercindo Canevese, Célio Stella, Sinclair Bombassaro, Cersi Andreani, Antônio Alceu Adami, Rui Mandadori Godinho, Fileto Jaymer Cirino, Névio de Oliveira Melo, Germano Ferri, Alcides Rodrigues Figueiredo, Luiz Lilson Langaro, Cilon Tadeu de Freitas Lima, Iraci Comozatto, Formados em 1980: Antônio Argeu R.de Lima, Vilmar Agostinho Durante, Leodário Schuster. Em 1981: Guidione Bombassaro, Valdomiro Giaretta, Dauri Pereira, Vera Andrichi, Zailo Maria Luz e Adroaldo Mesquita.

São numerosos os advogados lagoenses que trabalham em outros municípios. Aí vai uma relação: Juízes de Direito: Fátima Nancy Andrichi (a mais jovem Juíza de Direito do Brasil, aprovada em Brasília com 1º lugar entre 186 candidatos, sendo a única mulher; é professora universitária na Capital Federal), Darcy Consalter, Mário Menegaz, Laércio Augusto Berthier, Léo Lima. Promotores: Aroldo Garcez, Vítor Hugo Garcez, José Antônio Garcez, Jones Raymundi, Augusto Borges Berthier (Chefe da Casa Civil), Ernani Betto. Advogados: Aramis Antônio Garcez (Consultor Jurídico do Estado), Vítor Hugo Lacerda, Marlene Terezinha Ferreira Garcez, Jaci de Holleben Leite, Maria Mota Garcez, Luiz Antônio Castellano de Almeida, Jarbas Lima (deputado estadual), Nereu Lima (Vice-Presidente da OAB RS), Jair Lima, Egeu Lima, Isac Chedid, José Lenzi, Adair Mendes, Nilson Paim de Abreu (Pres. da OAB de Erechim), Beatriz Almeida, Homero Paulo da Costa Moura, José Osmar Teixeira, Valdemar Alves da Cunha, Elisomero da Costa Moura; Luiz Antônio Nicolodi, Ary de Almeida Matos, Paulo Edson Nicolodi, Aida Berthier Pinto, Sílvia Mota Dolzan, Renato Francisco Roveda, Delci Terezinha Barreto Vieira, Antônio Carlos Chedid, Ari Collet, Marília Lourenço de Lima, Paulo Lacerda (Procurador do INCRA em Brasília), Nereida Lourenço de Lima, Jussara de Araújo Migliavacca, Henrique N. Cunha, Teresa Machado Ferreira, Ari B. de Almeida, Arquimedes Nácul, Caio Nácul



de Andrade, Jacob Nácul, Vilson Lopes, José Lenzi...

Nas últimas décadas foram funcionários do Fórum: Maurílio Pires de Oliveira, Pedro Augusto Moojen, Apeles Augusto Garcez, Milton Augusto Moojen, Lindoyia Andrade, Adonis Vassalli, Nei Gonzaga Campos, Otacílio dos Santos Mota, Sílvia A. Mota, Nagib Pires, Nicanor Lima, Heleodoro de Moraes Branco, Ravengar Mesquita Machado, Augusto Moojen, Otaviano Flores Machado, Valdomiro Muliterno, Cesário de Carvalho Quita, Jorge Soares Candeia, Boaventura Azevedo, Idílio Norberto Bresolin, Marcos Thomas, Assis Barreto da Costa, Aderli José Cirino Mendes, Valter José Dolzan, Nordina Maria de Jesus.

São funcionários em 1981: Escrivães: Franklin Barros Pinto (1º Cartório Judicial e Eleitoral), Aldo Silveira Miranda (2º Cartório); João Lautert (contador e distribuidor judicial), Juarez Antônio Oliveira Dias (Oficial de Justiça), Pedro Augusto de Carvalho Vieira (idem) e Osvaldo Bazzo (idem), Dr. Célio Stella (Tabelião, Dr. Gomercindo Canavese (Of. do Registro Civil), Dr. Ivens José Branco Balen (Of. do Registro de Imóveis), Odila Ana Astolfi Sgarbossa (Of. Distrital de Caseiros), Volciney Paulo Hoffmann Béliio (Of. Ajudante do 1º Cartório Judicial), Alberto Soares de Oliveira (Of. Ajudante do Cartório Judicial).

Os primeiros Bacharéis em Direito de Lagoa Vermelha com curso universitário foram: Pedro de Moraes Branco e Francisco Rodrigues de Lima.

COLÔNIAS

ALFREDO CHAVES - No ano de 1884 teve início o povoamento da Colônia de Alfredo Chaves, no então 3º distrito de Lagoa Vermelha, por imigrantes italianos, que fundaram o atual município de Veranópolis. A nova Colônia desenvolveu rapidamente,



de sorte que no Relatório Municipal de 1890 dizia-se: “A Colônia Geral de Alfredo Chaves, 99 km distante da sede, nova e muito florescente, possuindo uma igreja magnífica (talvez a melhor da região serrana), 11 edifícios, muitos prédios de pedra e cal, diversas ruas, 31 casas de negócio com diferentes ramos de comércio, pequenos hotéis, fábricas de cerveja, serrarias e moinhos hidráulicos, muitas oficinas de pequena indústria, artefatos de vime, palha, linho, etc. A sericultura está se desenvolvendo dia a dia. Há na Colônia uma Inspetoria Especial de terras e colonização composta de um chefe, um ajudante, 4 agrimensores, um escriturário, um colocador de imigrantes e um médico. Tem uma aula para o sexo masculino e diversas aulas particulares, todas muito frequentadas”.

Em 25-1-1890 foi criada uma agência do Correio de 4º classe, sendo nomeado agente Luciano Vicente Dunsatti. Em 6-2-1890 era nomeado chefe da Comissão de medição de terras (juiz comissário) Silvério Antônio de Araújo. Em 28 de abril assumia o escriturário da Comissão de Terras Joaquim dos Santos Gama. Em 6-11-1890 era criado um Distrito de Paz, cujos titulares eram: Manuel de Campos Salvaterra, Luciano Vicente Dunsatti, Olegário Xavier Caldeiras e Borgaro Domenico. Em 7-1-1891 era nomeado agrimensor da Comissão de Terras João Blesmann.

Em 25-5-1892, o Presidente da Província Domingos Alves Barreto Leite criava o município de Alfredo Chaves, nestes termos: “Considerando que o distrito que compreende a povoação do núcleo colonial Alfredo Chaves tem uma população maior de 15 mil almas, que tende a crescer rapidamente; Que constituindo o seu território o 3º distrito da Vila de Lagoa Vermelha, da qual fica distante 20 léguas de maus caminhos tornando-se difíceis as comunicações; Que nestas condições os habitantes de Alfredo Chaves não podem, sem grandes dificuldades, atender aos mais simples atos das relações civis e judiciárias, que terão lugar na Lagoa Vermelha, como casamentos, inventários de pobreza ou de valor insignificantes, processos, crimes e outros. Resolve elevar à categoria de Vila a referida povoação de Alfredo Chaves, com a denominação de “Benjamin Constant”; dando-lhe para território o atual 3º distrito da Lagoa Vermelha e ao mesmo tempo criar o respectivo termo judiciário”.



Entretanto, o ato nº 232 de 5-7-1892 declarava sem efeito o de nº 205 de 31 de maio que elevava à categoria de Vila a povoação de Alfredo Chaves, continuando, por isso, a pertencer a Lagoa Vermelha.

Em janeiro de 1893 era nomeado professor José Antônio de Sousa Guimarães. Em 25-4-1893 a escola do sexo feminino era convertida em escola mista, sendo nomeada a professora Maria Cândida Bittencourt Gonçalves.

Em 22-5-1893 foram aprovados os estatutos da Cooperativa Agrícola e Industrial de Alfredo Chaves.

Durante a Revolução de 1893, Alfredo Chaves foi teatro de violento combate entre as forças maragatas de Generoso Brabo e as legalistas sob o comando de Manuel Fabrício Vieira. O maior combate verificou-se na noite de 25 de Junho de 1894 entre a população local e um esquadrão de 250 maragatos.

A 12-7-1894 a imprensa de Porto Alegre escrevia: “Alfredo Chaves, a próspera e bonita colônia, o rico *paese nuovo* de uma considerável, laboriosa e pacífica população italiana, foi atacada encamiçadamente pelos sicários e quadrilheiros incorrigíveis, esteve sitiada durante três dias, nos quais recebeu incessante fogo dos atacantes, que atiravam atrás de paus, salvaguardados por matas...

Alfredo Chaves resistiu, porém, heroicamente, defendeu-se com bizzarria, e venceu; à pequena força que guarnecia a praça juntaram-se abnegadamente bravos colonos, dignos compatriotas e continuadores do legendário Garibaldi, o cavalheiresco e generoso campeão da liberdade que levou a sua espada, a sua bravura e a sua abnegação a toda a parte onde o seu ideal sagrado sofria ultrajes e golpes.

Os República nos sitiados, apesar de se acharem em condições numéricas oito vezes inferiores às do inimigo, resistiram três dias e três noites a consecutivo fogo, mostrando-se cada qual um verdadeiro herói.

Bravos defensores da posição, entre os quais se achava o cidadão Salvaterra, um entusiasta, entrincheirados com o piquete italiano no escritório da Comissão de Terras, repeliram valentemente



as investidas dos maragatos.

Os italianos distinguiram-se muito no combate, por várias vezes deixaram as trincheiras e saíram às ruas brigando a peito descoberto. Do referido piquete fazia parte o farmacêutico alemão da localidade, o qual saiu levemente ferido no peito.

O estimável e virtuoso sacerdote da povoação, o Rvmo. Padre D. Mateus, mantendo sempre sua inalterável calma, todas as manhãs encaminhava-se para a igreja... E, celebrada a missa, o consciencioso Vigário de Cristo, com a simplicidade atraente dos bons e a fé comunicativa dos crentes, percorria as posições dos defensores da lei, pensando-lhes os feridos, confortando-lhes a alma...

Afinal, depois de longo assédio... bateram em precipitada fuga para as matas, para não serem destroçados pela força do valente tenente coronel Avelino Paim que se aproximava...

Os nossos companheiros tiveram cinco homens fora de combate, sendo dois mortos e três feridos. Entre estes conta-se o alferes Henrique Carlos da Silva que comandava o piquete do Tte. Cel. Paim e que foi ferido pelos República nos, por engano, quando se aproximava do escritório. O inimigo teve 20 homens, entre mortos e feridos". Como sabemos, foi morto Joaquim Antônio Fernandes e ferido o seu filho Sátiro. Entre os moradores do povoado, distinguiram-se na defesa: Guilherme Pessatto, João Zanetini, João Gallo, José Cagliari, Luís de Santi, Caetano Sareta.

Em 15-1-1898, pelo Decreto nº 124, o Presidente Júlio Prestes de Castilhos elevou à categoria de Vila a freguesia de Alfredo Chaves, com os mesmos limites do 3º distrito de Lagoa Vermelha. O novo município abrangia então todo o município de Veranópolis, parte de Nova Prata e todo o de Nova Bassano, permanecendo ainda em nosso município todo o território atual de Protásio Alves (antiga independência), Nova Araçá e Paraí.

Em 11-8-1924 era criado o município de Prata, hoje Nova Prata, e antigamente São João do Erval ou Capoeiras. Pelo Decreto nº 5.158, de 23-11-1932, os distritos de Protásio Alves, Araçá e Paraí eram desanexados de Lagoa Vermelha e anexados ao município de Prata.

CHIMARRÃO - Era um bugre velho, que junto com seu filho Anísio fabricava erva-mate para o chimarrão. O carijo ficava perto de um rio, que o índio batizou com o nome de Chimarrão. Ainda hoje existem lá algumas plantas dessa erva.

Enorme pinhalão, prolongamento da serra das Antas, vinha acabar logo adiante na Fazenda São Crispim de João de Sousa Dias e de seu filho do capitão Afonso Crispim Dias. Morava ali também a família Ribeiro. João Anastácio Ribeiro era pai de Antônio, José, Paulo e de mais quatro filhos, que morreram todos em avançada idade, alguns ultrapassando os cem anos.

Eram moradores nas proximidades membros da família Nunes da Silva, Xavier, Mesquita, Moreira e Hoffmann, famosos tropeiros de mulas, que além disso viajavam com cargueiros até Torres, em atividades mercantis.

Chimarrão é o núcleo colonial mais antigo de toda a Grande Lagoa Vermelha. O início do seu povoamento por imigrantes italianos e seus descendentes verificou-se em 1897, na localidade onde foi construída a Capela de São Roque por Pedro Costenaro, Francisco Girardi, Antônio Bolzan. Este instalou o primeiro moinho, junto à linda cascata do rio Chimarrão. A imagem de São Roque dessa capela foi trazida da Itália pelos imigrantes. Por volta de 1940 Gabriel Cherubini instalava aqui a primeira serraria, na qual trabalhava Francisco Gonzato, hoje com 78 anos, pai do professor Itair Gonzato.

Em 1942 foi construída a Capela de Santa Catarina pelos madeireiros, seus operários e colonos. A primeira serraria desse lugar foi de Dionísio Toneti, na beira do rio Turvo (Humatã); perto da capela, a serraria de Antônio Lunardi. Nessas serrarias trabalhavam as famílias Dal Prá, Girardi, Batochio, Busnello, Stedile e Zanin. No lugar moravam ainda as famílias de Severino Brancaglione, Manuel Ribeiro, Firmino A. de Sousa, Olímpio Nunes da Silva, Oliveira Joaquim de Sousa e outras.

Em 1945 surgiu a Capela de São José, sendo por perto instalada uma serraria. Procedentes de Protásio Alves, fixaram-se aqui numerosas famílias, entre as quais Cassol e Dall'Agnol. Guerino Cassol deu nome à escola da Capela São José, da qual o



filho Dervino Cassol, sogro do professor Itair Gonzato, leciona há 32 anos. O primeiro proprietário dessa pequena localidade foi Bernardo Gomes, pai de Francisco, hoje com 76 anos. Agostinho Cassol foi subprefeito de Chimarrão por muitos anos.

A fundação da Vila teve lugar pelo ano de 1930, com a chegada de Salviano Bertoldo, o primeiro morador e o primeiro comerciante, seguindo-se as famílias Ciotta, Stedile, Rech (Luís e Miguel), Otacílio Fracasso, Baratto, Secchi, Arnaldo Silvestri, Luís Dondé, Hermínio Grigol (alfaiate), João José Bertoldo (sapateiro). João Godói da Silva foi subdelegado (quarteirão) por muitos anos.

No ano de 1932 foi construída a capela da Vila, dedicada a Santo Antônio, sendo atendida pelo Vigário de Protásio Alves, passando depois para a jurisdição da paróquia de São Paulo de Lagoa Vermelha, e, finalmente, com a fundação da Paróquia de André da Rocha em 1953, para o Vigário desta.

Em 1935 foi criada a escola da Vila, tendo como primeiro professor Arnaldo Silvestre, seguido das professoras Julieta Benvenuti, Ivone Agustini, Teresinha Pimentel da Silva (durante 20 anos), Maria da Luz, Mílvia da Luz, Cacilda Elci, Mirtes Arisi, Cleuse Soares, Ana e Teresinha Vieira Jacques, ainda com efetividade junto com Itair Gonzato. A princípio, Grupo Escolar, passou depois a Escola Rural Isolada e hoje Escola Rural Nossa Senhora das Dores, com uma matrícula aproximada de 40 alunos. É filha dessa localidade a Irmã Rita Dias.

Na propriedade de Francisco Gonzato existe o Morro do Boi Baio, que possui uma lenda interessante. Dizia-se antigamente que junto de um capão ao lado do Morro, ao entardecer da sexta-feira aparecia um enorme boi baio, que à aproximação de alguma pessoa sumia no meio de uma nuvem de fumaça. Diz-se que o capão é assombrado, que ainda hoje é visto por lá o Boi Baio.

O Distrito de Chimarrão foi criado em 12-8-1965, juntamente com o de Tupinambá, constituindo-se no mais afastado da sede do município, 85 km.

SANANDUVA - Todo o atual território de Sananduva e Ibiaçá teve como primeiro proprietário o fazendeiro José Bueno de Oliveira, dono da Fazenda S. João, com área de 155 milhões de m

quadrados. Quando faleceu em Castro, no Paraná, em 31-8-1886, o local da cidade de Sananduva, que a princípio se chamou Fazenda dos Buenos, foi no inventário avaliado em 1501000. Procedentes das velhas colônias italianas do Estado, aqui chegavam os primeiros povoadores no ano de 1902, sendo um dos pioneiros Florentino Bacchi. Em 1910 havia no povoado os moradores: Pedro Zambonin, Antônio Zambonin, João Subtil dos Anjos, Amílcar Vecchi (hoteleiro), Ernesto Damásio da Silveira (subdelegado), Domingos Dal Molin (negociante), Carlos Raymundi (fazendeiro e comerciante), Luiz Passarinho, Isidro Machado, Vítor de Moraes Branco (comerciante), Florentino Bacchi (comerciante), João de Carli (seleiro), Olivério Testa (hoteleiro), Luís Correia Leite (escrivão distrital), Vítório Sufredini (fabricante de cerveja), Segantin, Marchetti, Penocchio, Galvan... Em 8-5-1905 era criada a Paróquia. Em 11-11-1907, o distrito. Em 15-12-1954, o município, com área inteiramente desmembrada do município de Lagoa Vermelha.

No ano de 1901 tinha início o povoamento de CACIQUE DOBLE e ARAÇÁ. Este, depois de ter sido distrito de Lagoa Vermelha, desanexou-se em 24-10-1932 juntamente com Parai e Protásio Alves, ex-distritos lagoenses. Em 1-1-1916 era criado o distrito de Cacique Doble, que em 29-4-1929 se tomava Paróquia e, por fim, em 1-6-1964, Município com uma área de 236 km².

PAIM FILHO (ex-Sede Forquilha, ex-Sede Nova, ex-Sede Nova Gorízia) iniciou seu povoamento em 1903, com famílias de Sananduva e das velhas colônias de Caxias do Sul, havendo já ali famílias de caboclos arranchados em terras devolutas. Um picadão ligava a localidade a Sananduva. Em 1914, o povoado contava com os moradores: Sílvio Cariotto (sapateiro), João e Antonio Carlotto (comerciantes), Jacob Brandalise (hoteleiro), Ângelo e Abel Boff (comerciantes), Santo Remor (carpinteiro), Fioravante, Dionísio e Serafim Paese (madeireiros), Benjamin Leite Machado, Manuel Leite Machado (1º médico prático), João Piovesan, Francisco Ruas (Chico Ruas, mandão e temido). Havia já uma capela, atendida pelos Padres de Sananduva. Em 2-2-1918 Paim Filho tomava-se distrito de Lagoa Vermelha. Em 25-11-1927 era criada a Paróquia. Em 5-12-1961, município, com uma área de 325 km².

MAXIMILIANO DE ALMEIDA. O povoamento desta colônia

deve-se à construção de um escritório de vendas de lotes coloniais da Comissão de Terras, no ano de 1920, Chamou-se a princípio Sede Nova ou Sede Pinhal. Seus primeiros moradores foram: João Cirino, Ângelo e Abel Boff (comerciantes), Lino, Méris e Antônio Sgarbi (agricultores), José Marchioro (madeireiro), Augusto Piana (bar). Em 1926 foi construída a primeira capela que, em 20-1-1940, com a criação da Paróquia, serviu de Matriz. Criado distrito em 1-4-1927, tomava-se município em 27-12-1961, com uma área de 200 km².

MACHADINHO - No dia 31 de maio de 1894, Pinheiro Machado alcançava a retaguarda da força do Gal. Gumercindo Saraiva, que, abandonando toda a sua artilharia, atravessou o rio Pelotas e foi penetrando no atual território de Machadinho, abrindo uma picada. Em 1901 vinha morar aqui Manuel Machado de Campos, que era de pequena estatura, sendo por isso apelidado de Machadinho. A localidade passou a chamar-se Pinhal do Machadinho, a seguir, pelo Decreto N° 7589 de 29-11-1938, Machadinho, sendo então distrito de Lagoa Vermelha. Imigrantes das velhas colônias italianas e alguns de origem lusa procedentes do Barracão deram início ao povoamento. Entre as famílias pioneiras destacam-se: Polo, Vecchi, Meassi, Grison, Ventura, Biavatti, Adami, Lange, Fabro, Godói do Prado, Pimentel, Baldissera, Teixeira da Luz, Guerreiro, Alves da Silva, Mendes, Subtil dos Anjos, Bittencourt, Bonetti, Galon, Santos, Azevedo, Teles Moreira, Fonseca, Ruas, Holleben, Soeiro, Betiolo, Rosa, Girardi, Schenatto. Em 1916 o Frei Germano celebrava a 1ª missa, na Linha Coqueiros. Em 1919, o Frei Bruno ministrava o Crisma. A 1ª visita pastoral verificou-se em 1927 pelo Arcebispo D. João Becker, acompanhado pelo Pe. José Barea, futuro Bispo de Caxias do Sul. Em 24-4-1926 foi criado o distrito. Em 25-12-1943, Paróquia, tendo como 1º Vigário Frei Teófilo Antoniazzi de Flores da Cunha, que se manteve no cargo até 1978, havendo construído a nova Igreja Matriz, o Hospital e a Casa Paroquial, e quase todas as capelas do município.

CACIQUE DOBLE - As terras pertenceram primeiramente a Francisco de Paula Felipe e a seguir aos irmãos Hipólito e Franklin de Paula, que as foram vendendo a moradores de Nova Pádua (Flores da Cunha), que aqui chegavam em 1901, tendo à frente as

famílias Carniel e Madela. O Frei Gentil de Caravágio, que durante os primeiros anos da colonização atendia toda a região, fala em seu diário dos sofrimentos incríveis dos pioneiros que desbravaram este sertão. Frei Germano e Frei Bruno foram os primeiros sacerdotes que visitaram a colônia, procurando dar atendimento aos índios ali aldeados. Em 1-1-1916 Cacique Doble tomava-se distrito, Paróquia em 29-4-1929 e em 1-6-1964 município.

SÃO JOÃO DA URTIGA - O povoamento desta colônia por volta de 1903 deve-se a imigrantes de origem italiana procedentes das velhas colônias rio-grandense. Durante longos anos foi sendo atendida pelos Padres Capuchinhos de Lagoa Vermelha e Sananduva, para tomar-se Paróquia em 7-1 -1940 e distrito em 5-11 -1948.

IBIRAIARAS - ex-S.José do Carreiro, principiou a povoar-se na década de 1910, por iniciativa do então Intendente Municipal Maximiliano de Almeida, como sócio na firma Schilling Goelzer & Almeida. Esta empresa adquiriu a Fazenda Rolim, dividindo-a em lotes coloniais e traçando as mas para a futura cidade. Os colonizadores procediam de Nova Prata, Veranópolis, Antônio Prado, Bento Gonçalves, Garibaldi, Entre os pioneiros, figuram as famílias: Fabris, Bedin, Stella, Canavese, Guadagnin, Oro, Casanova, Piva, Slaviero, Dalla Libera, Lucchese, Marini, Guerra, Martini, Bonfiglio, Giardin, Puerari, Boschi, Pomatti.

Aos poucos foram sendo colonizadas as terras de Domingos Bispo (Gordo), Otaviano Teles, Nunes da Silva e outros. Em 15-4-1929 foi criado o distrito. Em 6-1-1940, a Paróquia, tendo como 1º Vigário o Frei Aleixo Polesso, seguido de Frei Paulino Bernardi, o autor do Livro “Nanetto Pipetta”. Em 9-7-1965 foi criado o distrito, com uma área de 410 km².

SANTA LUZIA - chamou-se Fundo Grande. Seus primeiros moradores de origem lusa foram: Gregório Ramos Siqueira, Israel Alcino do Amaral, Francisco Pacífico. O 1º quartirão foi João Nicolau Merib. Em 1944 iniciava-se a colonização por elementos de origem italiana, vindo por primeiro o professor Orozimbo Tondello, seguido de Aquilino Saretta, Romano Loregian, José Perin, Ermínio Crestani e outros.



Em 1945 foi construída uma igreja dedicada a Santa Luzia, em terreno doado por Orozimbo Tondello, que também doou o terreno para a escola e o cemitério. A escola foi criada em 1945, tendo como professor o referido Tondello, seguido de João Batista Merib. Escola Municipal, foi transformada em Escola Rural, tendo como professores: Ari Pelens, Paulo Silvestro, Leonel Lanzzarin, Elis Tiecher Lanzzarin (diretora) e Etelvina de Oliveira Zanin. A capela atendida primeiramente pelo Vigário de Lagoa Vermelha, passou em seguida para a Paróquia de São José do Ouro e depois Tupanci, para retornar a pertencer a Lagoa Vermelha. O professor Tondello a princípio era quem rezava o terço e lecionava religião. Atualmente a vida pastoral está a cargo de 4 religiosas da Congregação de São José. Encontra-se em fase de conclusão uma igreja de alvenaria. O 1º comerciante da localidade foi Olímpio Ferronato e o 1º subprefeito Valdomiro Rebelato. Em 12-8-1965 foi criado o distrito. Em 1968 fundou-se o Clube Lealdade. A vila conta hoje com 25 casas, sendo uma de comércio, dois bares e uma ferraria. Uma linha de ônibus diária da Empresa Lagoense serve a população com a sede do município. O atual subprefeito é Dalton Lima de Ávila.

CAPÃO BONITO – O atual subdistrito de Capão Bonito foi a princípio ocupado pelo pioneiro Claro José de Lima, tronco da grande família Lima. Na década de 1910 chegavam colonizadores de origem italiana, por iniciativa de José Cristiano Hoffmann, que trouxe de Caxias do Sul Antônio Seben (Minotti) cujo filho adotou. Menotti estabeleceu-se com moinho. Vieram a seguir Benjamin Bolsonello, c.c. Joana (parteira), e seu irmão Benedito c.c. Domingas, falecida em 1980 com mais de 90 anos. Seguiram-se Bruno Brollo, Pedro Boff e Francisco Vegher. Estes imigrantes, tendo à frente Benjamin Bolsonello, construíram uma capela, dedicada a Nossa Senhora do Caravágio, ao redor da qual foi se formando um povoado. Construíram um novo cemitério, porque o antigo ficava longe da capela. Em 1951 a população, tendo à frente Raul Feijó, líder da comunidade, foi construída outra capela, que neste ano de 1981 será substituída por uma de alvenaria.

Frei Gentil, coadjutor da Paróquia, visitou Capão Bonito em maio de 1918. Em suas memórias, assim ele se refere a esta visita:

“Parti para Capão Bonito, dirigindo-se à casa de Benjamin Bolsonello. Rezei missa numa capelinha, no cemitério. Ao Evangelho recordei que estávamos no reino da morte; a morte é colheita da vida, como de uma roça, onde se colhe aquilo que se plantou; se na visa se planta... Então um bom negrinho que atentamente me escutava voltou para o vizinho e disse: Ué, compadre, é mesmo como o Vigário tá contando... Passei depois pela fazenda da Antoninha Lima, famosa pelo acontecimento com o Pe. José, pois queria urinar sobre o Vigário. De lá passei por outras fazendas cujo nome não recordo, e fui para a capelinha de São Joaquim, onde fiquei dois dias e pude admirar a fé da jovem senhora Antunes que, com seu esposo, ficava de joelhos, no meio da igreja, durante toda a missa. Peguei um quilo de carne para churrasquear durante a viagem em direção do Pontão, chegando pela tarde à Fazenda de Lau Mendes. Permaneci aqui um dia e ouvi falar de ladrões de mulas e do coronel Maxi que andava à procura daqueles ladrões...” Durante a revolução de 1923, Capão Bonito foi cenário de um encontro sangrento entre as forças de Firmino Paim e Felipe Portinho. No dia 30-7-1938, na festa de casamento de Hermenegildo Moreira de Lima com Joana Seben, filha de Antonio Menotti, por motivo banal, seguiu sério desentendimento, seguido de tiroteio, morrendo Antônio Seben Hoffmann, esposo de Aláide Ferreira, Graciliano José de Lima (Nenê) e o velho Antônio Seben (Menotti).

ANDRÉ DA ROCHA – O primeiro proprietário da fazenda onde se ergue a vila pertenceu ao pioneiro Bernardino Fialho de Vargas, que, por sua vez, a vendeu a outro pioneiro, Manuel Pereira Vieira. Fazendo parte do antigo distrito do Turvo, em 8-11-1904 tornou-se sede distrital na fazenda de Manuel Vieira. Na década de 1910, com a instalação de uma fábrica de laticínios, teve início o povoado com o nome de Fábrica. Havia então uma capela no cemitério dedicada a São Sebastião, onde eram celebradas as missas, batizados e casamentos. Em 1920 os moradores construíram uma capela, a atual igreja matriz, que era atendida pelo Vigário de Lagoa Vermelha, a seguir pelo de Nova Prata. Na década de 1900 estabeleciam-se aqui algumas famílias de origem italiana, como Tagliari e Calliari. Em 7-6-1953 foi criada a Paróquia de São Sebastião, confiada aos Padres Servos de Maria, sendo o Pe. Tiago



Coccolini seu 1º Vigário. Em 1966 passava aos Padres Capuchinhos, sendo o Frei Guilherme Bianchi Vigário.

Os Padres Servos de Maria haviam fundado um pré-Seminário da Congregação. Durante alguns anos, Irmãos do Coração de Maria estiveram à testa de um Ginásio, que a seguir passou para a Escola Estadual, hoje sob a direção da prof. Suely Barreto da Costa Hoffmann. A vila possui um Centro de Tradições Gaúchas, que todos os anos promove concorrido Rodeio Crioulo. A vila contou durante longos anos com Cartório do Registro Civil, sendo titular Octaviano Flores Machado, hoje atendido pelo Dr. Gomercindo Canavese, oficial do Cartório da sede.

CLEMENTE ARGOLO – O primeiro proprietário foi o estancieiro João Pereira, de quem o Cel. Francisco Inácio Ferreira foi capataz e herdeiro. Seu filho de criação João Anselmo Ferreira estabeleceu-se com farmácia, dando início à fundação do povoado, que se chamou Vila dos Ingleses, por causa do Dr. João Jorge Moojen, que era inglês e começou a trabalhar aqui. O lugar chamava-se também Estância Velha, nome por que era conhecida a Fazenda Santa Isabel do referido Francisco Inácio Ferreira. O povoado cresceu, chegando a rivalizar em número de habitantes e em importância com a sede do município. Aqui surgiu o 1º hospital de Lagoa Vermelha. Aqui reuniam-se os políticos, aqui se concentravam as tropas para as investidas revolucionárias. Aqui nasceram grandes autoridades como Maximiliano de Almeida, Alberto Marques Berthier, Gibrail Tigre, o general Rubens Carlos Ludwig, atual Ministro da Educação e Cultura, o atual chefe da Casa Civil do Palácio Piratini Dr. Augusto Borges Berthier, o atual vice-prefeito Ubirajara Muliterno, o Dr. Cezar Muliterno, Ana Amélia de Lemos. Em 29-4-1914 foi criado o distrito. Várias famílias de origem italiana estabeleceram-se aqui: Bossardi, Zago, Daros, Uliana, Piardi, Biazus, Brollo, Capri, Menin, Manfron.

Durante longos anos, a vila de Clemente Argolo esteve sob a liderança de Gustavo Berthier (Tita), cuja ação se estendia à região do colonização de Tupanci, a localidade que, por indicação de Antônio Dal Molin, se chamou Gustavo Berthier. Quando Tida se transferiu para a sede do município, a vila foi decrescendo, sendo hoje apenas a sombra do que foi.

IBIAÇÁ - Chamava-se antes Nova Fiúme. O primeiro proprietário das terras foi José Bueno de Oliveira. Mais tarde, Filomeno Gomes loteou o terreno da sede cuja capela foi por isso dedicada à Santa Filomena. Entre os principais povoadores de origem italiana, salientam-se João Bombassaro, Alberto Rossi, Reinaldo Ragnini, Valentim Dalzotto (pai do Pe. Albino, Josefino), Eliseu Peluso (industrial e 1º subprefeito), Waldemar Corso, Armando Zanatta (forte madeireiro), Pedro Carra (que foi roubado em 70 contos de réis pelo curandeiro Lacerda, que lhe aplicou uma injeção anestésica), Roberto Baggio, Ernesto Palma, João Pansera, Temístocles Marchiori, José Belin, famílias Piana, Cecchin, Dorigon, Bonatti, Negri, Zago, Artuso, Boff, Capra, Brambatti, Secco, Dorini, Lenzi, Brunello...

A capela era atendida pelos Padres Capuchinhos da Paróquia de Sananduva. Em 1947, quando se organizava a criação da Paróquia, a Comissão da Capela estava assim constituída: João Bombassaro (presidente e tesoureiro), Francisco Rech, Severino Pansera, José Pansera, Raymundo Andreola, Angelo Tiepo, Ezílio Testa, Ângelo Biondo, Ângelo Balanzin e Carlos Panisson. A Paróquia foi criada em 6-1-1947, tendo como 1º Vigário o Pe. Luiz Lovatel. Em 5-5-1948 era criado o distrito.

Em 1952, o Pe. Lovatel era substituído. O Pe. Narciso Zanatta, durante os estudos preparatórios ao sacerdócio, por motivo de saúde, encontrava-se na iminência de não se ordenar presbítero. Fez então uma promessa a Nossa Senhora da Consolação, que lhe obteve a cura de sua enfermidade. Em cumprimento da promessa o Pe. Zanatta empreendeu campanha divulgando a devoção a Nossa Senhora Consoladora. O Bispo Prelado de Vacaria, D. Frei Cândido Bampi, decretou em 30-4-1954 Nossa Senhora Consoladora Co-Patrona de Ibiacá. Tinha início então a romaria de devotos, hoje uma das mais concorridas do Nordeste do Estado. Foi construído o atual Santuário de Nossa Senhora Consoladora do Ibiacá, cuja festa se celebra anualmente no último domingo de fevereiro, com milhares de romeiros, procedentes de localidades dos três Estados sulinos.

FÁTIMA-TUPINAMBÁ - Os povoadores desta colônia foram: Albino Pellegrini, João Dondé, Antônio Guadagnin, Albino Cecchin,



João Santana do Nascimento, Jacinto Botocchio, Francisco Zanin, Júlio Zancaro, Alcindo Marchioro, Dionísio Marchioro, Misto Pellegrini, Antônio Moresco, Danilo Pellegrini, Luís Gabana, Arcinto Gabana, José Barreto, João Menosso, Antônio Sorgatto, João Dal Prá, José Borges, Antônio Dal Prá. A 1ª capela dedicada a Nossa Senhora de Fátima foi construída em 1939, por Albino de Modesto Pellegrini, Antônio Guadagnin e João Dondé. E maio de 1981 foi inaugurada a nova capela de alvenaria. Na sede do distrito Tupinambá, instalaram-se alguns moradores de origem italiana: Luiz Sorgato (pai do Frei Dorvalino Sorgatto, Vigário da Paróquia de André da Rocha, à qual pertence este distrito), Daniel Pellegrini, Guerino Secagna, Mário e João Coradin, Antônio Lunardi, Ernesto e Fioravante Omizzolo. O Dr. Francisco Omizzolo, médico, professor universitário em Santa Maria, nasceu aqui. Na propriedade da família Omizzolo era antigamente o Potreiro de Nossa Senhora, uma grande fazenda doada a Nossa Senhora da Oliveira pelas famílias de João Mariano Pimentel e José Nunes da Silva.

PECUÁRIA

A primeira e principal fonte de renda de Lagoa Vermelha desde a sua fundação até 1981 foi e continua sendo a Pecuária. Quase todos os pioneiros do povoamento foram tropeiros e pecuaristas, dedicando-se a princípio mais à criação e comercialização de muares, passando, neste século, a dedicar-se mais ao gado bovino.

Em 1890, conforme Relatório, havia no município cerca de 50.000 bovinos, 40.000 cavalares e 10.000 muares, com uma exportação de 5.000 bovinos, 1.000 cavalares e 500 muares. A Guerra Civil de 1893 deixou os campos completamente empobrecidos, de sorte que havia em 1900 apenas 36.000 cabeças de gado vacum, cavalar e luar.

Em 1918, Lagoa Vermelha tinha 17.000 bovinos. Nesse ano o pecuarista de André da Rocha Firmino Jacques instalava o

primeiro banheiro carrapaticida, seguido de Sátiro Fernandes e Marcolino Pereira Vieira. Já havia os seguintes criadores de gado Zebu: Firmino Jacques, José Jacob Nácul, Sátiro José Fernandes, Carlos Raymundi, Amantino Vieira Hoffmann, Sílvio Muliterno, Manuel Pereira Vieira, Jordão Ribeiro de Melo Sobrinho, Laurindo Mendes de Araújo, José Carlos Ely, Manuel Pedro de Araújo Mendes, João Lúcio Nunes, Teodoro Teles de Sousa, Alfredo Tavares Vieira, Manuel Júlio Garcez, Manuel Fagundes de Sousa, Manuel Nunes Xavier e José Luís de Ávila. Nesse ano houve uma produção de lã de 20.000 kg.

Em 1919 a população pecuária era de 85.000 bovinos, 30.000 equinos, 30.000 muares, 12.000 ovinos; 80.000 suínos e 6.000 caprinos. Além das raças franqueira e zebu, principiava-se a criar gado hereford e holandês.

Em 1923 havia 145.400 bovinos, 30.000 equinos, 14.200 muares, 90.000 suínos, 17.000 ovinos e 6.200 caprinos.

Em 1948 havia 227.454 bovinos, 33.706 equinos, 14.771 muares, 75.013 suínos, 34.236 ovinos, 2.586 caprinos e 255.680 aves.

Em 1920 Osvaldo Fernandes e Sátiro José Fernandes traziam da Fazenda Pedras Altas do Dr. Assis Brasil os primeiros reprodutores de gado Devon, inaugurando então a criação dessa raça inglesa que teve extraordinário desenvolvimento. Na mesma ocasião os referidos fazendeiros traziam da mesma fazenda as primeiras sementes de eucaliptos. Conforme refere o escritor Demétrio Dias de Moraes, troncos nascidos dessas sementes, depois de 60 anos, foram utilizados para construção de portões do novo Parque de Exposições do Sindicato Rural.

Em 28-9-1938 foi fundada a Associação Rural, que em 1969 foi transformada em Sindicato dos Empregadores Rurais e, por fim, em Sindicato Rural. Em dezembro de 1974 foi eleita a nova diretoria do Sindicato, que ficou assim constituída: Achylles Jacques



Fernandes (Pres.), Inácio Néri da Luz (1° Vice), Itibireçá Paim Lourenço (2° Vice), Hélio Carneiro Lobo (1° secretário), João Altamiro Nunes Hoffmann (2° secret.), Demétrio Dias de Moraes (1° tesour.), Danilo Barreto da Costa (2° tesour.). Conselho Fiscal: Achilles de Lemos Pacheco, Ruy Selbach Barreto, Ulisses de Melo Marques. Delegados: Dr. Érico Lourenço do Lima e Achylles Jacques Fernandes. Suplentes: Otacílio Alves Paim, Lauro da Silva Moreira, Gil Teles Cordeiro, Ari Dorival Stormowski, Elpídio José dos Santos, Agenor Carvalho do Amaral, Firmino Vieira Jacques, Podalírio de Góis Vieira, Virgílio Pereira Damasceno, Assis Ferreira de Freitas, Érico Alves Lourenço de Lima e João Horácio Barreto da Costa.

Esta diretoria permaneceu até o fim do ano de 1980, sendo então substituída por uma Junta Governativa, composta de: Ruy Selbach Barreto, Dr. Alduíno Antônio Sartori e Dr. João Horácio Barreto da Costa. Em agosto de 1981 haverá eleição da nova diretoria.

O grande mérito da última diretoria deve-se ao trabalho gigantesco da construção do novo Parque de Exposições e realização de diversas feiras de gado e 20° Exposição Agropecuária e Industrial, de 5 a 7 de novembro de 1980.

O Sindicato Rural no ano do Centenário conta com 484 associados. Entre os pecuaristas que mais se destacam atualmente, criando gado de raças finas figuram: da raça charolesa: Achylles Jacques Fernandes, Antônio Carlos de Andrade Nácul, Antônio Gentil Boff e Irmãos, Cezar Renato Kuze Nery e Granja Dolzan.

Da raça Devon: Amantino Barreto da Costa, Antônio Jacques da Silva, Danilo Barreto da Costa, Eronildes Júlio da Silva, Etelvina Nunes de Melo, Firmino Vieira Jaques, João Altamiro Nunes Hoffmann, João Horácio Barreto da Costa, Leonel Fernando de Oliveira Rodrigues, Viúva Leonel Vieira Pato, Luis Paulo Steigleder, Paulo João Nadin, Podalírio de Góis Vieira, Rodolfo



Muliterno, Rui Manoel Mondadori Godinho, Sady D'Ávila Hoffmann, Sebastião Vilson do Amaral, Ari Alves Monteiro, Cláudio de Lima Pereira, Ernani Dias de Moraes, Granja Dolzan, Joaquim Floresmindo Nunes Hoffmann.

Da raça hereford: Dr. Paulo Edson Vasconcelos da Silveira, Sebastião Pires de Freitas.

Da raça holandesa: Achilles Mendes de Araújo, Achylles Jacques Fernandes, Agenor Carvalho do Amaral, Antônio Carlos de Andrade Nacúl, Antônio Gentil Boff, Cezar Renaldo Kuze Nery, Cilon Tadeu de Freitas Lima, Edir Tadeu dos Passos, Egídio Cavani e Filhos, Firmino Jaques Fernandes, Gil Teles Cordeiro, Idelson Luiz Scalabrin Gazolla, Júlio César Bonotto, Luiz Carlos Kramer, Sebastião Vilson do Amaral, Vitorino Nunes.

Da raça jersey: Assumpta Barreto da Costa, Elio Dalazen, Idu Teodoro Borges, Ivo Barreto da Costa, Maria Lídia Barreto Hoffmann, Nadir Franciosi, Rui Manoel Mondadori Godinho, Vitório Luiz Capri.

Da raça normanda: Achilles de Lemos Pacheco, Romy Paim Hoffmann, Ivo Bianchini. Da raça polled hereford: Hélio Godinho de Oliveira e Filhou, Luiz Fernando Dias Ortiz, Milton José Stella, Cláudio Herculano Macedo.

Da raça santa gertrudis: Ernani Dias de Moraes, Eron Berthier, Alduíno Antônio Sartori, Edu Hoffmann Paim, Ruy Selbach Barreto, Dena Sociedade Agropecuária Ltda. Da raça shorthorn: Garibaldino Alves Lourenço de Lima, Itibereçá Paim Lourenço, João Vicente Barreto da Conta, Da raça red pol: Romy Paim Hoffmann.

Ovinos da raça corriedale: Sebastião Vilson do Amaral, Agostinho Francisco Wegher, Garibaldino L. de Lima. Da raça hampshire down: Antônio Carlos de Andrade Nacúl, Antônio Gentil Boff e Irmãos, Hélio Godinho de Oliveira, Oscar Mena Barreto Grau, José Antunes de Almeida, Sebastião Vilson do Amaral. Da raça ile

de france: Achylles Jacques Fernandes, Cezar Renaldo Kuze Nery, Edu Paim Hoffmann. Da raça romney marsh: Firmino Jacques Vieira, Citro Pereira Vargas.

Equinos da raça Quarto de Milha: Albano Machado Berthier, Antônio's, Luciano Ubiratan Machado Berthier. Da raça crioulo: Antônio Carlos de A Nácul, Oscar Mena Barreto Grau, Paulo Edson Vasconcelos da Silveira.

De acordo com dados fornecidos pelo IBGE, em 1980 havia no município: 105.000 cabeças de bovinos; 20.000 de suínos; 10.000 de ovinos; 3.000 de equinos; 300 de muares; 500 caprinos; 600 coelhos e 160.000 aves. A produção de mel em 1980 foi de 5.000 quilos.

AVIÁRIOS - Lagoa Vermelha, ao lado do vizinho município de Ibiraiaras, encontra-se com sua produção de aves em nível muito baixo, existindo apenas um aviário - Lagoa Aviário de Ernesto Vitório Caron (Hermes) e do seu irmão Adagir Caron, com produção mensal de 50.000 frangos, comercializando ainda ovos, ração e concentrados. Aviário Muraro (1981).

A primeira experiência na implantação de aviários deve-se ao Sr. Raul Feijó, no Capão Bonito, seguido de Vilson Dal Lago. Atualmente as únicas pessoas que se dedicam ao ramo são os Irmãos Caron, com sua empresa junto ao Distrito Industrial.

INSPETORIA VETERINÁRIA - instalada em 1951, tem por titular desde 1960 o Dr. Oscar Menna Barreto Grau, auxiliado por Aliou Rezende Rodrigues e Jaci Telles Corrêa.

HOSPITAL VETERINÁRIO, pioneiro no Estado, instalou-se em 1980 junto ao Jockey Clube, sob os cuidados dos médicos veterinários Oscar Menna Barreto Grau, Albano Berthier e Eda Hoffmann Paim Dispõe de Instalações para internamento de grandes e pequenos animais.

PECUARISTAS RELEVANTES, além dos citados acima:

Boleslau Zamecki, Ceni & Cia. Ltda., Juarez Barreto Telles (pai da Rainha do Centenário), Ítalo Mondadori, Achilles de Lemos Pacheco, Dr. Manoel Vieira da Fonseca, Amandino Nunes de Freitas, Sucessores de Balduino Nunes de Freitas, Hill Andrade, Orides Nunes, Demétrio Nunes da Silva, Firmino Jacques Filho, Leonel Pereira do Amaral, Valdir Telles Hoffmann, Laurílio Mendes de Araújo, Antônio Mendes Araújo, Pedro Dolzan & Filhos, Dorvalino Gazolla, Luiz Antônio Bonotto Tramontini, Rodolfo Arnaldo Trein, André Stormowski, Ari Stormowski, Hélio Carneiro Lobo, Orlando Bortoluzzi, Celso Gazolla.

O ENSINO

Nas primeiras décadas do povoamento, não havia escolas para alfabetizar os filhos dos pioneiros, que procuravam dar instruções às crianças do sexo masculino, não assim para as do sexo feminino, contratando professores particulares. Estes ficavam morando na fazenda até que os filhos do fazendeiro aprendessem a ler e ainda as quatro operações aritméticas.

Um destes professores, talvez o primeiro, foi Antônio Rodrigues Moreira, paulista, tronco de numerosas gerações de professores, pai do Prof. Benvindo Rodrigues Moreira, que, por sua vez, é pai dos professores Francisco Rodrigues Moreira, José Rodrigues Moreira, Pedro R. Moreira, Henrique R. Moreira e Alcides R. Moreira. Atualmente esta família de mestres é representada pela prof. Maria Salete dos Reis Carvalho.

Por Lei Provincial de 10-2-1857 foram criadas as duas primeiras escolas para Lagoa Vermelha, uma para o sexo masculino e outra para o feminino. Em 4-5-1860 era nomeado Delegado da Instrução Pública o Cap. João Pereira de Almeida. Em maio de 1876 havia três escolas públicas, uma na sede, outra no Barracão e a terceira no Rincão da Padilha.



Em 7-4-1877 era apresentado na Assembleia Legislativa Provincial projeto criando escolas públicas no Turvo, em Santa Rita e em São João do Monte Alegre. Em 3-2-1879 foi removido a pedido o prof. Joaquim Antônio Pimentel. Em 1884 era professor no Barracão Felipe Sales de Bittencourt. Na década de 1880 era Inspetor da Instrução Pública Candido Dias de Campos, que em 16-7-1889 era substituído pelo Pe. Francisco da Silva Carrão, que em 1890 cedeu lugar a Cândido Dias de Carvalho Guimarães.

De acordo com o relatório de 1890, havia no município 8 escolas criadas, mas apenas 5 providas, 4 do sexo masculino e uma do sexo feminino, duas na sede, uma no Carazinho (Barretos), uma na ex-colônia de Caseiros e uma na Colônia de Alfredo Chaves, com um total de 158 alunos matriculados.

Em 22-4-1890 foi nomeado prof. da Colônia de Alfredo Chaves Alfredo Amantino Vilhena. Em 23-6-1890 foi nomeado professor da escola de Caseiros Cândido Nogueira da Silva, substituído em 1892 pelo prof. Cândido Gomes de Barros. Em 19-6-1894 o prof. Hortêncio Rodrigues Medrado completava 25 anos de efetivo magistério. A primeira professora pública de Lagoa Vermelha foi D. Delfina Loureiro de Melo, que iniciou sua atividade ainda na década de 1880. Em 1900 era nomeado professor no Capão Bonito Antônio Vítor Carneiro Lobo.

De acordo com o artigo do advogado Hildebrando Fão no Almanaque do Rio Grande do Sul, em 1900 funcionavam na vila duas escolas do ensino primário para ambos os sexos. Fora da vila funcionavam três escolas. Estavam então sem professor as localidades de Barracão, Pontão, Turvo, São Joaquim e Caseiros.

Em 25-1-1908 era nomeado Inspetor Escolar Adolfo Pinheiros Guimarães Dourado, seguido de Olímpio Batista Falcão. Em 7-8-1908 foi criada a escola nº 10 para o sexo masculino na sede. Em 1911 foi removido da sede para o Capão Bonito o prof. Carlos Oliveira Machado. Em 1912 era presidente do Conselho

Escolar o Dr. Eugênio Antônio Gonçalves Pires. Nesse ano ficou vaga a escola nº 10 da sede. Foi removido o prof. Amilcar Cibelli e designado o prof. Claudino Antônio Ventura Homem.

Em 1913 o Conselho Escolar era composto por Alípio Ferreira dos Santos, Otaviano D'Ávila e Júlio Ferreira Garcez. Em 1916 a escola de São Joaquim foi transferida para Sananduva com o prof. Francisco das Chagas Santos Roxo, e removido para Estância Velha (Clemente Argolo) o prof. Carlos de Oliveira Machado. Em 1918 era presidente do Conselho Escolar o Dr. Ricardo Von Borowski.

Em 1920 este Conselho estava assim constituído: Isac Pedroti (presidente), Armindo A. Dauber, Hildebrando Silveira de Bittencourt, Manuel Porto Vieira, Fernando Osório da Silva, Dr. Alfredo Augusto Moojen, Jacinto Lopes Ferreira, Pe. Antônio Serraglia (Vigário de Protásio Alves) e Manuel Alves Maciel. Nesse ano era prof. do Toldo dos índios de Cacique Doble Joaquim José Ferreira. Foi removida para Lagoa Vermelha a prof. Maria Madalena Pinto.

Em 1922 havia 31 escolas públicas e duas particulares, com 1354 alunos matriculados. Nesse ano foi transferida da sede para Sananduva a prof. Nemésia Schemes. Conselho Escolar: Isac Pedrotti (pres.), Getúlio Guimarães, Tancredo Machado, Dr. Wenceslau Gastal e Augusto Berthier. Prof. dos Índios de Cacique Doble: João Soares de Barrou Filho, nomeado em 26-5-1924.

Em 1926 o Conselho Escolar era composto de: Heitor Ilha da Cruz (pres.), Ovídio Machado, Manuel Correia de Lacerda, Demétrio Porto Vieira, Vítor Antônio Vieira, Cândido Nogueira da Silva, Augusto Bergamo, José Crispim Dias, Benjamin Leite Machado, José Cirino Rodrigues e Adão Adrianini. Em 1927, além do Grupo Escolar e três escolas estaduais, havia 35 escolas municipais. Em 1929 era Delegado Escolar Itacir Moojen da Rocha. Acerca do Ensino Municipal, veja-se o livro "Lagoa Vermelha e sua



História” deste autor, como também acerca do Ensino Médio, Ginásio Duque de Caxias...

AGRICULTURA

Em março de 1900 o advogado Hildebrando do Amaral Fão escrevia: “A Lagoa Vermelha tem dois terços do seu solo cobertos de matas ubérrimas como sejam as serras do rio Pelotas, da Forquilha e do Mato Português, e um terço de campinas ocupadas com criações pastoris. A fertilidade destas serras é assaz conhecida: produzem abundantemente milho, feijão, trigo, mandiocas, batatas, arroz, fumo, cana e até café.

É incontroverso que o futuro, a real riqueza do Rio Grande está nas suas matas e não nas vastas campinas. Estas, pela lei fatal da morte, irão sendo retalhadas constantemente de modo que, mui breve, ficarão reduzidas a chácaras as grandes fazendas de criação.

Pois bem: numa chácara de campo a vida é quase impossível, ao passo que num pedaço de mato, de igual tamanho, a vida é farta e dá para acumular fortuna. Para nos convencermos disto, basta olharmos os colonos nossos vizinhos.

Quando a maioria do povo se convencer da necessidade do trabalho como sucede aos colonos; quando se desvanecerem da ilusão de quererem ser todos criadores; quando enfim compreenderem que o verdadeiro sossego de espírito e a riqueza estão na lavoura, então, como por encanto, este município se transformará numa mina de prosperidade.

Os senhores Correia & Irmãos, empresários em Porto Alegre, compraram há meses um quinhão na Serra do Mato Português, distante desta vila 14 km, quinhão que tem 53 km², tratam de colocá-lo, com o que prestarão um relevante serviço a este município, não só desafiando ao trabalho, como abrindo

exemplo a muitos outros proprietários que conservam improdutivas grandes extensões ubérrimas terras sem nenhuma utilidade para si, para o município e para o Estado.

Oxalá encontrem o senhores Correia & Irmãos imitadores em tão útil iniciativa".

O apelo de Hildebrando Fão encontrou logo resposta. Tanto assim que um ano depois, em 1901, tinha início a penetração dos novos povoadores nos atuais municípios de Cacique Doble e Sananduva, inaugurando uma extraordinária era de progresso para Lagoa Vermelha, fazendo surgir da mata milhares de sementeiras e mais de uma dezena de novos municípios. Tudo graças à exploração das terras de serra que os povoadores luso-brasileiros haviam até então desprezado, atendo-se apenas à região dos campos e ocupando-se quase exclusivamente da pecuária.

Na década de 1940 colhiam-se na média anualmente 1.500.000 sacos de milho, mais de Três mil quilos de uva, 800 mil sacos de trigo, 3.500.000 quilos de alfafa, 5.000 toneladas de mandioca, 6.000 sacos de arroz, 5.000 sacos de batata inglesa, 7.500 sacos de feijão...

Na década de 1950 teve início a mecanização da lavoura, inaugurando novo surto de prosperidade, do qual falamos em nosso livro anterior "Lagoa Vermelha e sua História". O demonstrativo de Produção fornecido pela CAMILA o comprova. Observe-se a espantosa decadência da produção tritícola.

De acordo com a agência local do IBGE, no ano de 1980 foram cultivados no município: 25.000 h de soja; 8.000 h de milho; 800 h de feijão em duas safras; e mil h de batatinhas.

COOPERATIVA AGRÍCOLA MISTA LAGOENSE CAMILA



Fundada em 27-9-1957, a CAMILA iniciou suas atividades em 1959. Seus principais fundadores foram: Rodolfo Arnaldo Gomes Trein, Rubens Pimentel, Vítório Dolzan, Pedro Dolzan, Atilo Letti, Alvício Teles Hoffmann, Redugério José dos Santos, Solundi Pinotti, Fernando Zanchi, Mário João Pase, Genelvino Pacheco de Lemos, Cecílio Piloni, Assis Barreto da Costa, João Alves de Lima e Hélio Godinho de Oliveira.

Seus primeiros presidentes foram: Rodolfo Arnaldo Trein e Vítório Dolzan, seguidos de (1969): Araby Augusto Nácul (diretor presid.), João Horácio Barreto da Costa (dir. gerente), Gomercindo Canavese (dir. administrativo); Conselho Administrativo: Laurílio Mendes de Araújo, Newton de Almeida, Orides Muliterno, André Honorato Stormowski e Livino Antônio de Oliveira; Conselho Fiscal: Domingos Fracasso, Nelson Berthier e Zeferino Domingos Bonês; Suplentes: Albino Emílio Laucsen, Livino Rodrigues de Oliveira e Júlio Hoffmann dos Santos.

No ano de 1972: Armando Renan d'Ávila Duarte (dir. pres.), Adão Castelhana (dir. gerente), Gomercindo Canevese (dir. administrativo); Conselho administrativo: José Ceni; João Pereira Neto, Nilo Peruzzo, Romi Paim Hoffmann e Zeferino Domingos Bonês; Conselho Fiscal Vital Kramer da Luz, Hilton Garcez e Podalírio de Góis Vieira; Suplentes: Boleslau Zamecki, Geovah Garcez Domingues e Osvaldo Antônio Zotti.

Em 1975: Argeu Paim Hoffmann (pres.), Antônio Carlos de Andrade Nácul (vice), Laurílio Mendes de Araújo (secretário); Conselheiros Administrativos; José Ceni, Albino Emílio Laucsen, Nilo Peruzzo e Zeferino Bonês; Conselho Fiscal: Paulo Edson Vasconcelos da Silveira, Miguel Kuiava, Ruy Selbach Barreto; Suplentes: João Pereira Neto, Oscar Mena Barreto Grau e João Horácio Barreto da Costa.

Em 1977: Manoel Vieira da Fonseca (pres.), Laurílio Mendes de Araújo (vice), Leodário Schuster (secretário); Conselho

Administrativo: João Pereira Neto, Milton José Stella; Suplentes: Alfredo Augusto Vargas e Orácio Barreto Pegoraro; Conselho Fiscal: Hélio Carneiro Lobo, Cilon Tadeu de Freitas Lima e Gil Teles Cordeiro.

Em 1980: Manoel Vieira da Fonseca (pres.), Laurílio Mendes de Araújo (vice), Leodário Schuster (secretário); Conselheiros: Paulo Nilson Molin Dolzan e Albino Emílio Laucsen; Suplentes: Augustinho Juraci da Luz e Alfredo Augusto Vargas; Conselho Fiscal: Horácio Barreto da Costa, Ernani Peres Júnior e Argeu Paim Hoffmann; Suplentes do Conselho Fiscal: Eir Tadeu dos Passos, Reinaldo G. Pelegrini e Nilson P. de Abreu.

Demonstrativo da produção recebida de associados em sacos:

	1972	1973	1974	1975	1976	1977	1978	1979
Trigo Indústria	110.250	99.633	89.116	44.599	64.731	35.480	2.419	259
Trigo Semente	30.150	10.410	5.650					
Soja Indústria	10.230	20.150	40.185	70.467	41.145	48.509	83.010	159.350
Soja Semente	2.110	6.420	9.816	3.100	3.650	13.681	13.915	42.565
Milho	12.230	15.450	25.890	7.399	29.142	60.140	61.580	1.247
Trigo Mourisco	262.120	36.666	120.670	174.727	46.821	18.656	72.109	46.035



	1980	1981 (previsão)
Trigo Indústria	11.177	1.000
Soja Indústria	299.767	350.000
Soja Semente	31.378	35.000
Milho	7.048	50.000
Trigo Mourisco	54.709	80.000

Além dos componentes da direção, a CAMILA dispõe ainda dos funcionários: Contabilidade: Dr. Celso Antônio Nezello, Terezinha Girardi Dallagnol e Marlene de Araújo Bueno. Gilmar Alney Dri de Lima (depart. de pessoal e fiscal); Âurea de L. Campos Nery (telecomunicações); Laó Gonçalves (tesoureiro); expediente: Paulo Célio Souza, Milton Moresco e Yeda Roman; depart. técnico: Lauro Ruschel (agrônomo), Terezinha Rodrigues Nery (agrônoma), Pasqualin Otacílio Galloni (técnico rural) Juceley Carlos de Melo (técnico rural) e Erocly Alves Vieira (auxiliar). Seção de consumo: Túlio de Carvalho, Lírio Bernardi, Teresinha Solano de Oliveira, Gilmar Galloni Badch e Luiz Sérgio A. das Chagas. Armazéns convencionais: Crescêncio Henrique Bossardi e Eloi Machado Zocoli. Operários: Armindo Rech, José Valdir Alves de Almeida, Paulino Alves de Matos, José Domingos da Silva, Argemiro Batista Nepomuceno, João Batista Getúlio, Carlos Aníbal Borges Vieira, Seljo Antônio Galloni, Antônio Valdir Lemos de Moraes, Miguel Ângelo Maria Tonial, Vilson Canal, Antônio Vilson de Oliveira, José Arquimedes dos Santos e João Miguel Pereira de Andrade. Serventes: Osvaldina Daniel Dias da Silva e Marli de Fátima Dias da Silva. Motorista: José Ferreira Muliterno. Armazém graneleiro: Amir Roman, Lores José Bozza (laboratorista), Natalício Cavani da Silva, Otacílio Pereira Hoffan, Reinaldo Pereira de Oliveira, Fidelcino Hoffmann da Silva, Ibanes Antônio de Oliveira e Clarimundo Mendes de Lima.

EMATER - Eng. agr. Trajano Wilson Machado Borges (chefe do Escritório desde 1979), Gilson Antônio Teles Cordeiro (técnico rural), Aloísio Agnolin (técnico rural), Rosa Maria Vieira Lopes,



extensionista, formada em Economia Doméstica; Marli Lanzarini (auxiliar administrativa). Eng. agr. Carlos Renato de Almeida Dias (supervisor). O Escritório da EMATER de Lagoa Vermelha é sede da Microrregião. Coordena a Feira da Família Rural.

CESA - Companhia Estadual de Silos e Armazéns, tem sua unidade sob a gerência do Dr. João Flávio Belloti desde 20-2-1981, havendo sucedido ao Dr. Camilo Coelho Brandão Filho. Supervisor administrativo: Dorval Piccoli, desde 1-12-75. Supervisor de Produção; José Carlos Rodrigues dos Santos. Auxiliar de escritório: Ciro José Popik. Área de Ação: Lagoa Vermelha, Vacaria, Tapejara, Cacique Doble, S. José do Ouro, Barracão, Ibiraiaras e Ibiaçá, entretanto tem recebido trigo até do Estado do Paraná. Os silos da CESA têm aqui a capacidade de 8.500 toneladas. Em 1980 armazenou 7.500 toneladas de trigo mourisco; em 1979 - 8.882 toneladas de trigo mourisco. Em 1980, - 1.500 toneladas de trigo. Armazena ainda soja e milho. Possuía em 1980 o número de 450 clientes de trigo marisco e 125 de soja.

PLANAVAL - Planejamentos Agropecuários Vacaria Ltda., filial de Vacaria, encontra-se sob a gerência do Dr. João César Cunha e Dr. Nívio Luiz Lorenzet. Auxiliar de escritório: Vera Elizabete Gonçalves Moreira. A firma presta assistência técnica à lavoura, topografia, financiamentos...

GRANJEIROS principais: Adriano Botelho Machado, Pedro Dolzan e filhos, Luiz Antônio Bonotto Tramontini, Dr. Paulo E. Vasconcelos da Silveira, José Oscar Duarte Teixeira, Rui Selbach Barreto, Argeu Paim Hoffmann, Iteberê Paim Lourenço, Ivo e Adiles Dal Molin, Dr. Nabor Franklin da Silva, Antônio Gentil Boff, Rodolfo Arnaldo Trein, Pedro e Carlos Zanetti, Hélio Godinho de Oliveira & Filhos, Dr. Milton Stella, Antônio Carlos de Andrade Nácul, Dr. Erom Berthier, Irmãos Comiran, Luiz Fernando Dias Ortiz, José Ceni (herdeiros), Viúva Atílio Bonotto, Granja Rosa Ltda., Orides Muliterno, Agostinho Vegher, Alfredo Augusto Vargas, Dr. João Horácio Barreto da Costa, João Teodolino Guerreiro, Vitório Dolzan,



Dorvalino Gazolla, Dr. João Pereira Neto, Bernardo da Silveira, José Botelho Machado, Dr. Armindo Lottici, Egídio Crestani, Alcides Guareschi, Irmãos Veloso, Edgar e Benito Argenta, Edu Hoffmann Paim, Romy Hoffmann Paim, André Stormoski, Laurindo Mendes de Araújo, Itacir Mezzon...

FRUTICULTURA - Lagoa Vermelha possui a maior plantação de macieiras da América do Sul, num conjunto só, numa extensão de 430 hectares, com projeto para 400.000 pés, estando em 1981 plantados 200.000 pés. A granja pertence às empresas: Araucária S.A. Agropastoril Industrial, Metalúrgica Eberle S.A., Florense Ltda., Dambros S.A., Pozza Móveis S.A. Electrotecnotiesel e Madeireira Germano Pizzani S.A. O pioneiro no cultivo de macieiras é o Dr. Gomercindo Canevese (5.000 pés), seguido o Dr. Erasmo Trein e Dr. Armito Pegoraro (12.000 pés) e Daniel Barreto & Magro.

A iniciativa deve-se a EMAFLOR Empreendimentos Agroflorestais, de Caxias do Sul, que também vai implantar no distrito de Caseiros outro pomar num total de 150 hectares, de propriedade de Marcopolo S/A de Caxias do Sul, e da Instaladora São Marcos Ltda.; mais outro pomar nos Barretos, de propriedade de Incalsama, de São Marcos, Emaflor, de Caxias do Sul, e Móveis Rodial, num total de 160 hectares. O pioneiro no cultivo de macieiras é o Dr. Gomercindo Canevese (5.000 pés), seguido o Dr. Erasmo Trein e Dr. Armito Pegoraro (12.000 pés) e Daniel Barreto & Magro.

De acordo com o IBGE existem no município cerca de 2.300 pés de macieiras; 33.700 de uva; 1.500 de figueiras; 4.010 de marmeleiros; 1.700 de pereiras; 12.375 de pessegueiros; 700 de caquizeiros; 400 de tangerinas; 800 de nozes; 7.000 de laranjeiras e 360 de limoeiros.

PLANTIO DA SOJA - Pelo ano de 1970, o município era até conhecido pela Capital do Trigo. Aqui surgiram as primeiras Festas do Trigo, Inauguradas no Capão Bonito. Na fronteira plantava-se



soja mais do que trigo. Alegava-se que Lagoa Vermelha não dispunha de condições para o cultivo da soja.

No ano de 1971 a CAMILA, através de seu presidente, o Dr. Gomercindo Caneveses, tentou como iniciativa pioneira, induzir os granjeiros a iniciar o cultivo da soja. Foi um fracasso. A Cooperativa adquiriu em Palmeira das Missões 500 sacos de semente. Embora houvesse financiamento, foi uma luta para conseguir entre os associados o plantio de 200 sacos de semente. Os granjeiros que aderirem, plantando no máximo 40 sacos, foram o Dr. Gomercindo Canavese, o Cel. Armando Renan de Ávila Duarte, Iterebrê Paim Lourenço e Adiles Dal Molin.

A experiência provou que a soja rendia mais do que o trigo. Daí por diante a triticultura cedeu lugar à sojicultura. Em 1981 quase ninguém aqui planta trigo, enquanto a soja tornou-se praticamente monocultura, como comprova a estatística.

SINTICATO DOS TRABALHADORES RURAIS, instalado em 12-11-1971, tendo como 1º presidente Domingos Fracasso, seguido de Miguel Kuiava, em 1981 conta com a direção: Sérgio dos Santos Lima, Domingos Fracasso e Ariovaldo de Ávila Nery; suplentes: Osvaldo Calisto Baptistella, Valdir Lunelli e Walter Piccoli. Conselho Fiscal: Edmundo Cusin, Rosalino Borile e Hilário Minozzo; Suplentes: Daniel Pellegrini, João Vargas e Henrique de Sousa Pereira. Delegados Representantes: Sérgio dos Santos Lima e Domingos Fracasso; suplentes Ariovaldo de Ávila Nery e Edmundo Cusin. O Sindicato congrega cerca de 2.700 associados, mantém curso de Educação Familiar, proporciona assistência médica e odontológica, tem obtido mais de mil aposentadorias rurais e cerca de uma centena de bolsas de estudo.

FUNRURAL,- criado em 25-7-1972, tem como representante Amadeo Scalabrin, assessorado por Corina Scalabrin Gazolla e Delonir Graff.



INDÚSTRIAS

Na relação dos eleitores na década de 1900, não figura um único industrialista. No entanto, até mesmo os indígenas, antes da fundação do povoado, fabricavam erva-mate, como se comprova com o nome de Chimarrão dado ao rio da mesma denominação. Já nas décadas de 1840 e 1850 havia pioneiros que se dedicavam ao fabrico de erva-mate, sendo que três desses ervateiros foram assaltados e mortos pelos Coroados em agosto de 1851, conforme declara o ofício da Câmara de Vereadores de Vacaria ao Presidente da Província.

Outra indústria pioneira generalizada em quase todas as fazendas primitivas era a de laticínios, com fabricação do famoso queijo vacariano, vendido pelos tropeiros em Torres, São Leopoldo, Montenegro, Porto Alegre, Caxias do Sul. Na década de 1910 o técnico em fabricação de queijo Giovannini, de Bento Gonçalves, estabeleceu-se na atual vila de André da Rocha, recebendo a colaboração de quase todos os fazendeiros. O lugar, hoje vila de André da Rocha, recebeu por isso o nome de Fábrica.

O relatório de 1890 dizia: “Há três serrarias hidráulicas e muitas oficinas de pequena indústria”. Hildebrando Fão, escrevendo em março de 1900, assim se refere à indústria: “Há na vila dois alfaiates, 2 ferrarias, um sapateiro, um marceneiro, diversos carpinteiros, duas farmácias, um funileiro, um ourives, dois engenhos de serrar madeiras, nas proximidades, movidas por água. Há um agrimensor e dois advogados provisionados. Nas margens do rio Pelotas existem diversos engenhos de moer cana, produzindo açúcar, cachaça e rapadura em regular quantidade. O fabrico de fumo está se tornando um ramo importante de negócio”.

Relatório de 1916 apresenta as seguintes indústrias: Raimundo Salomoni, com fábrica de gasosa e cerveja, capital de 3.600\$000. Serrarias: Ernesto Pizzamiglio & Irmão, a vapor; Alberto



Silveira de Bittencourt, a vapor, no Barracão; Efre Dalmoro & Irmãos, a vapor, em Cacique Doble; Francisco Galvan, em Sananduva; Henrique Curzel, em Sananduva, José Jacob Nácul & Irmão, em São Ricardo; Hipólito José de Paula, em Cacique Doble; José Marchioro, Sananduva; José Júlio Ferreira Garcez, Estância Velha; José Antônio Pinto, Estância Velha; Henrique Curzel, Estância Velha; Heleodoro de Moraes Branco, Sananduva; João Piovesani, Sananduva”.

Na década de 1920, Antônio Ascari, proprietário do 1º moinho movido a eletricidade, instalado em novembro de 1931, era dono de cerca de 20 casas na sede do município, tendo, além de casa comercial, uma serraria existente junto à atual rua do Tanque, no local da casa do pecuarista Ruy Selbach Barreto.

Nas décadas de 1930 a 1950, Lagoa Vermelha tornou-se a Capital do Pinho chegando a possuir 353 indústrias madeireiras. Nesse período instalaram-se aqui as maiores firmas exportadoras de madeira do país na época. Entre estas lembramos: lochpe, Sibisa, Fontanive, Paese, Gaúcha Madeireira, Bonotto, Dal Molin, Zanchi, Ceni, Argenta, Zanin, Tramontini, Tumelero, Mattei, Gehlen, Rauber, Hoffmann, Zamecki, Alegretti, Salvadori, Piva, Crestani, Cherubini, Stormowski, Schmitz, Cartabil, Lenzi, Nezelo, Trein, Bianchin, Pertile, Chies, Bortoluzzi, Würzius, Kohl e centenas mais.

SAÚDE

Em todo Nordeste do Estado, Lagoa Vermelha, gozou do privilégio de contar com médicos formados, nos anos de 1858 a 1880, período em que se encontrava estabelecida a Colônia Militar de Caseiros. No interior, pelas fazendas, os pioneiros, por falta de médico, tratavam seus doentes com ervas medicinais e homeopatia. Havia sempre um bom curandeiro, que fazia curas extraordinárias, mediante simpatias e medicina caseira.



Estava muito em voga o uso de banhos com água fervida em ervas medicinais. Criança excepcional, “criança babão”, curava-se com simpatia, mandando beijar o focinho de um burrichó. Em caso de picadura de cobras, lançava mão do “curador de cobra”, que possuía poderes milagrosos, mesmo quando se tratasse de picadura de cascavel, coral ou urutu. Gente ou gado, podia estar às portas da morte, que se curava imediatamente com um simples gesto do curador.

Não havia médico-veterinário, mas o gado doente era tratado com uma infusão preparada com casca de anta, casca de guassatumba, torrada no forno e socada no pilão; ministrava-se com sal. A queda do pelo dos animais combatia-se com fumo e urina humana.

Durante anos, nas décadas de 1860 e 1870, o médico prático João Jorge Moojen prestou serviço competente e humanitário a muito doente. Seguiu-se o Dr. João Batista Galvão de Moura Lacerda. Na década do 1900, estabeleceu-se aqui com farmácia e consultório o médico prático Ricardo Von Borowski, auxiliado por João Batista Montana Messina e João Carlos Lopes.

Em 1905, no dia 11 de setembro, faleceu em casa do Dr. Borowski o jovem médico italiano Dr. Augusto Palazzi, com apenas 31 anos de idade. Nesse mesmo ano encontrava-se exercendo a medicina o Dr. Antônio Iorio. Na década de 1920 trabalhava aqui o médico prático José Gabriel Nicolau Merib, tronco da numerosa família Merib.

Em 1908 estabelecia-se com farmácia na vila de Clemente Argolo o médico prático João Anselmo Ferreira, que a seguir esteve assessorado pelos filhos João Batista Ferreira, Dr. Tristão Feijó Ferreira e José Gomercindo Ferreira.

Na década de 1920 esteve clinicando em Clemente Argolo e depois na sede do município, entre outros, o Dr. Vítor Hugo Ludwig, ocasião em que escreveu a sua tese de doutoramento “Encephalite

Epidêmica”, apresentada à Faculdade de Medicina de Porto Alegre em 19-12-1924, sendo aprovada com distinção (grau 10). No dia 16-1-1926 nascia-lhe aqui o filho Rubem Carlos Ludwig, general e atual Ministro da Educação e Cultura.

Ainda em Clemente Argolo, no ano de 1938, foi fundado o Hospital Menino Deus, o 1º do município, por Gustavo Berthier, subprefeito, e pelo médico Dr. Emanuel Oss. Durante algum tempo clinicou em Lagoa Vermelha o Dr. José Foster Camboim, que aqui veio a falecer tuberculoso.

Em 1981 trabalham no município os médicos: Agustin Nieto Rey (diretor clínico do Hospital São Paulo), Rubens Augusto Moojen, Antônio de Almeida Assis, Alduíno Antônio Sartori (coordenador do INAMPS), João Garcez, Idelso Luiz Scalabrin Gazolla, Luiz Carlos Kramer, Ubirajara Luiz Vilarino da Silva, José Solon Pacheco Kramer, João Carlos Comiran (cardiologista), Luiz Antônio Bonzanini (pediatra), Nabor Franklin da Silva, Delmar Del Pino (anestesista), Ernani Dias de Moraes (bioquímico), Nereu Baptista Melo (bioquímico), Maria Lúcia Soares (bioquímica), Gérson Petrillo Nunes (radiologista), Cláudio Roberto Colle Thomé (olhos, ouvidos, nariz e garganta), João Kasperbde Quadros (ortopedista e traumatologista).

HOSPITAL SÃO PAULO - Fundado em fevereiro de 1943 por uma sociedade hospitalar constituída por: Otacílio Mello, Dr. Nívio Castellano, Demétrio Dias de Moraes, Dr. Álvaro Luz, Heleodoro de Moraes Branco e Pedro Augusto Moojen, esteve durante cinco anos sob os cuidados da enfermeira D. Dileta Cunha. Surgindo dificuldades para sua manutenção, o hospital foi confiado à Sociedade Literária São Boaventura dos Padres Capuchinhos, em 15-12-1947, sendo procurador o Frei Celestino Dotti, então Vigário da Paróquia, o qual iniciou logo a construção de um novo prédio, aumentando em progressivas etapas, sendo inaugurado em 5-12-1955 pelo Dr. João Caruso, Governador Interino do Estado.



Neste ano do Centenário, encontrando-se na direção o Frei Raymundo Simonetto, o Hospital São Paulo vem sendo ampliado numa área de 1.450 m², sob a responsabilidade técnica do engenheiro Bruno Félix Rossi. Nesse trabalho de ampliação foram empregados 54.000 quilos de ferro, 7.000 sacos de cimento, 150.000 tijolos, num custo aproximado de 25 milhões de cruzeiros.

O novo Hospital terá, além dos 92 leitos existentes, 40 novos apartamentos, bloco cirúrgico e centro obstétrico, sendo ainda equipado com elevador Atlas com capacidade de 700 quilos, no valor de cerca de três milhões de cruzeiros, sendo o 1º do município. Nele funcionarão o ambulatório, Laboratório de Análises Clínicas e cozinha.

A direção do Hospital teve na direção: Frei Celestino Dotti (1947 a 1957), Frei Raymundo Simonetto (1958 a 1965), Frei Olivio Rineu Mocellin (1966 a 1970), Frei Brás Rodegheri (1970 a 1974), professor Gabriel Piccoli (1974 a 1976) e Frei Raymundo Simonetto (1976 até a presente data em 1981).

O Hospital dispõe de Farmácia interna e externa, que esteve sob a responsabilidade da Irmã Dulce Maria Galafassi (1956 a 1966) e desde 1966 até 1981, Ir. Leda Pivatto, sendo supervisora de enfermagem a Ir. Alice Baiotto e secretário o contador Arlindo José Vezzano.

A funcionária que mais trabalhou nesse Hospital foi a Ir. Manoelita Gasperin, desde 1949 até início de 1981, quando se aposentou, para se ocupar a atividades pastorais nas vilas pobres da cidade.

Hospital e Farmácia mantém convênio com o INAMPS, FUNRURAL e IPE. Todos os médicos acima mencionados prestam atendimento aos pacientes desta casa de saúde.

FARMÁCIAS - Além da Farmácia do Hospital São Paulo, funcionam na cidade: Farmácia Fénix, de Olívio Mello, o mais antigo

dos farmacêuticos do município; Farmácia Cacique, de Andrade, Pereira & Cia Ltda., sob a gerência de Antônio de Andrade; Farmácia Pop de Celso Lobo & Cia Ltda., fundada em 1974, e Farmácia Avenida, de Lobo, Nogueira & Cia Ltda.

Entre os numerosos médicos filhos de Lagoa Vermelha e exercendo atividades em outros municípios, destacamos: Dr. Cyrio Nácul, Dr. Jamil Nácul, Dr. Augusto Nácul, Dr. Almir Nácul, Dr. Paulo Soly Nácul, Dr. Sérgio de Moraes Branco, Dr. Sérgio Francisco Piola (do Ministério do Planejamento), Dr. Nereu Campos de Oliveira, Dr. Paulo Segranfredo, Dr. Ondina Bonotto Neves, Jaime Brollo, Jaime Comiran, Décio Dal Molin, Dr. Inaude Paim Hoffmann, Dr. Francisco Omizzolo...

ODONTÓLOGOS - Em 1981 encontram-se em exercício desta profissão os cirurgiões dentistas: Rômulo Augusto Moojen (presidente da Associação Brasileira de Odontologia), Araby Augusto Nácul, Arlindo Lottici, Jayme Berthier Domingues, Milton José Stella, Clóvis Ildemar Fabris, Érico Squina, Michael Castellano, Eduardo Mello, Ceres Kramer, Camensita R. Chaves, João Francisco Vicentini.

O 1º cirurgião dentista formado de L. Vermelha foi o Dr. Alfredo Augusto Moojen, pai do Dr. Rubens Augusto Moojen e sogro do Dr. Nívio Castellano. São filhos deste município os odontólogos: Dr. João Miguel Messina da Cruz, professor Universitário da PUC-RS; Dr. Victor do Moraes Branco (Lages); Dra. Márcia Moojen Cunha Varela (Viamão); Dr. Newton Nácul Moojen, professor da Universidade de Passo Fundo; Dr. Raul Domingues, professor universitário de Passo Fundo; Dra. Mariza Terezinha Comiran Caseli (Porto Alegre); Dra. Elizabeth Garzola Brollo (Porto Alegre), Maria Inês Tramontini (Porto Alegre); Dr. Valdir Marques, capitão do Exército em Passo Fundo; Dr. Carlos Araquém Peres (Pelotas), Dr. Paulo Roberto Moojen Pimentel (Curitiba), Dr. Walter Duarte (Porto Alegre); Dra. Maria Hemmerle Vaz (P. Alegre); Dr. Glauco Lemos Pacheco (falecido); Dr. Raul Domingues, professor universitário em



Passo Fundo.

ESCRITORES

Depois da Publicação de “Lagoa Vermelha e sua História” em 1974, surgiram novos escritores, alguns deles com repercussão em todo o Brasil e mesmo no estrangeiro.

PÉRCIO DE MORAES BRANCO, jovem apaixonado pelo estudo desde os tempos do Ginásio Duque de Caxias, aluno que foi do autor deste livro, formou-se em Geologia, passando a trabalhar em vários setores e Estados. Em 1979 publicou “Dicionário de Mineralogia”, trabalho de fôlego, inédito no Brasil e em outros países, contendo cerca de 4.500 verbetes, sendo 65% nomes de espécies. É autor também de um Glossário Gemológico”, a sair, um dicionário específico sobre preciosas, com 2.500 verbetes. Obra que embora técnica, por força de sua natureza é muito mais acessível e interessante que o primeiro. Pércio Moraes Branco, nascido em Lagoa Vermelha, descendente da ilustre e tradicional família Moraes Branco, depois de exercer sua profissão no Rio de Janeiro, encontra-se atualmente em Criciúma, Santa Catarina.

IDALÉCIO VITTER MOREIRA nasceu em Bagé a 24-2-1945, mas exerce seu trabalho de professor e jornalista em Lagoa Vermelha desde 1968. Em 1972, juntamente com o Dr. Davino Nepomuceno e Aldoir Nepomuceno, fundava o semanário “Gazeta Popular”. Em 1975 idealizou e vem coordenando o concurso anual “Crônicas de Lagoa Vermelha”. Iniciou-se nas letras publicando uma série de contos que tiveram excelente acolhida, sendo alguns deles premiados em concursos publicados na imprensa de diversos estados. Em 1976 publicava seu 1º livro de contos e crônicas sob o título de “Fragmentos”. Em 1977 dois de seus contos foram incluídos na antologia nacional “Queda de Braço”. Numerosos contos de sua autoria foram publicados no “Caderno de Sábado”, antigo



suplemento literário do “Correio do Povo”, de Porto Alegre. Um desses contos mereceu transcrição no “Almanaque do Correio do Povo” de 1981. Em 1979, juntamente com a poetisa Bartira Bittencourt, publicava o livro “A Quatro Mãos”, com prefácio do laureado escritor Deonísio da Silva. Encontra-se em vias de publicação mais um livro de contos. Seu conto “O Silêncio dos Homens” será incluído numa obra a ser lançada pela Editora da URGs. Assina na “Gazeta Popular” a coluna “Dois Dedos... de Prosa”. Durante a campanha de reivindicações do magistério gaúcho, liderou o movimento de Lagoa Vermelha.

JOÃO ÉRICO HOFFMANN RIBAS, filho de Virgiliano Antunes Ribas e Maria Luiza Hoffmann Ribas, jovem poeta tradicionalista, músico, acordeonista, declamador, repentista, estreou com o livro “Fogo de Chão Galponeiro”, em 1975, com prefácio do Dr. Nívio Castellano. O livro esgotou-se rapidamente, seguindo-se mais uma série de obras do mesmo gênero literário e uma novela sob o título “As Irmãs Pittan”, “Rio Grande Nativo”, “Piazito Campeiro”, “A Camponezinha”, “Mais um oh! de Casa” e outros. Destas obras foram feitas várias dezenas de edições, sendo parte delas distribuída pela “Livraria Sulina” de Porto Alegre.

Era sócio da Gráfica e Editora IVOMARA, quando no dia 11-3-1981, depois de meses de crise de ordem mental, suicidou-se com um tiro de espingarda em casa de seus pais, no Rincão Comprido, vindo a falecer no Hospital São Paulo.

JOVITA ESQUINA, filha do pecuarista Romeu Esquina, odontóloga e professora, reside há anos na cidade de Torres. Escreve contos, crônicas e poesias desde os tempos de estudantes. Em 1979, fez sua estreia literária com o livro “Torres, Minha Paixão”, uma coletânea de contos, crônicas e poemas, focalizando a mais bela praia do Brasil. O livro teve extraordinária aceitação, esgotando-se em poucos meses. A jovem escritora foi então convidada pelo escritor Barbosa Lessa, Secretário de Cultura e Turismo, para escrever o livro VITA ROSA, que foi publicado pela



própria Secretaria de Cultura e Turismo. É a história de uma menina que nasceu, criou-se em fazendas do Nordeste do Estado. O livro faz parte da programação cultural do Centenário de Lagoa Vermelha. É ainda autora dos livros, a sair “Quando morre uma Ilusão”, contos, e “O Primeiro Amante”, romance. Jornalista, é criadora de várias colunas do jornal “Folha de Torres” e da revista “Gente”. Seu irmão Dr. Érico Esquina foi premiado em concurso de poesias ainda no tempo de estudante.

ANTÔNIO ALVES DOS SANTOS, autor de “Versos de um Peão do Fazenda”, nasceu em 1915 em Nova Prata, então pertencente a Lagoa Vermelha. Frequentou a escola durante três meses. Músico, cantor, declamador de seus próprios versos, teve um dia ocasião de manifestar seu talento em Porto Alegre, sendo então convidado a publicar em livros sua poesia sertaneja. Rovílio Costa encarregou-se de lançar a obra. O fazendeiro José Oscar Duarte Teixeira, seu patrão, datilografou os poemas, que editados fazem sucesso. Imprensa, rádio e televisão ocuparam-se do poeta caipira de Lagoa Vermelha. O “Correio do Povo” dedicou-lhe uma página inteira, com elogiosos comentários, fazendo até comparações com Catulo da Paixão Cearense. Está para sair o segundo volume dos versos desse peão de fazenda. Faleceu em agosto de 1981.

ANTÔNIO VICENTE DE SOUZA, nascido em Taquari em 1924, veio para Lagoa Vermelha com sete anos de idade. Apesar de pouco letrado, sempre gostou de fazer versos. Agora, no ano do Centenário, por recomendação e patrocínio de amigos, pôde lançar seus versos gauchescos num livro que tem por título “A Queima de um Cartucho”, editado pela Imprensa Planalto Ltda. de nossa cidade. São poemas simples, espontâneos e belos, cantando a história e os encantos da nossa terra.

BARTIRA BITTENCOURT é sem dúvida uma poetisa de real valor, autora de poemas sublimes, autênticas joias literárias. Fez sua estreia literária em 1979, com o livro “A Quatro Mãos”,

juntamente com o contista Idalécio Vitter Moreira. Estava para entregar ao editor os originais de mais uma obra, quando, com a surpresa de toda a população lagoense, a morte veio colhê-la em pleno vigor de sua atividade profissional literária. Alma de heroína, sacrificou o amor conjugal e a vida em favor de sua missão de educadora e de filha amorosa, braço de sua mãe e de seus sobrinhos. Faleceu em 8-2-1981, com apenas 44 anos, podendo assim alcançar as estrelas, “que são quiméricas e lindas, mas que não podemos alcançar”. Vale a pena admirar este poema que tem o título de “Aqueles olhos”:

Olhos azuis e tristonhos
que iluminaram meus sonhos,
pedaços de céu de primavera
que estavam sempre à minha espera,
traziam a transparência das águas
e as sombras de mágoas
que eu quisera apagar
para ver em seu lugar
a luz e o esplendor
de um profundo e meio amor.
Porém, na minha ingenuidade,
não lembrei que o azul é também cor da saudade,
das amplidões iluminadas de luar,
moldura das estrelas nas distâncias infindas,
que são quiméricas e lindas,
mas que não podemos alcançar.

OVÍDIO CHAVES, o laureado poeta do “ABC DE PAQUETÃ”, nascido no então distrito lagoense do Barracão em 29-7-1910, faleceu no dia 8-8-1978, no rio de Janeiro, onde residia desde 1959. Seu último livro de poemas “Chão de Infância”, publicado depois do seu falecimento, já em 3ª edição, terá lançamento oficial durante o Centenário de Lagoa Vermelha. Compositor musical, Ovídio Chaves é o autor, entre outras, da canção “Fiz a Cama na Varanda”, já gravada em 15 países. Publicou ainda os livros: “Capricórnio”, romance; “O Cancioneiro” (1933), “O Anel de Vidro (1938), “Janela Aberta”, sonetos, e outros.



Ovídio Chaves era filho de Elpídio e Marieta Moojen Chaves, c.c. Hermínia, f. de Tancredo Machado. O casal teve os filhos: Luiz Antônio, Maria Lívia e Luciano Ovídio.

AUTO PAULO EVANDRO MACHADO, poeta do mais subido valor artístico, nada inferior aos melhores poetas românticos do Brasil, vai lançar neste ano do Centenário seu esperado livro “Imagens”. Deste livro, o soneto “Coração de Pedra”, que nos faz lembrar Alberto de Oliveira:

No seio agreste de uma rocha fria,
Onde o esplendor do sol não penetrava,
Nenhuma planta rústica nascia,
Nenhuma flor humilde vicejava.
Caía a tarde, vinha novo dia...
E a triste rocha, fria, continuava;
Nem mesmo borboleta fugidia,
Esvoaçando, por ali cruzava.
Mas, certa tarde, em derredor passando,
Vi, sobre a pedra, airosa flor de cardo
E meigos beija-flores revoando...
Assim, num peito, onde a frieza medra,
Às vezes nasce, mesmo lento e tardo,
Um terno amor num coração de pedra.

ERINA AMPESSAN DAL MOLIN, viúva do comerciante, madeireiro e pecuarista Antônio Dal Molin, escreveu suas memórias sob o título “Faxinal dos índios” em que narra a epopeia dos desbravadores da zona da mata da Grande Lagoa Vermelha, nos atuais municípios de Cacique Doble e São José do Ouro. É um canto sublime da grandiosa epopeia da segunda fase da colonização do município. O filho Aquiles Dal Molin, advogado e economista, igualmente filho de Lagoa Vermelha, é autor de várias obras de notável valor.

Escritores já citados em “Lagoa Vermelha e sua História”, publicaram novas obras depois de 1974. São eles: Demétrio Dias de Moraes (Grande Lagoa Vermelha, Belezas de Nossa Terra, História

do Sindicato Rural), Anita Vieira Berthier (Pedços de uma Lira, um belo volume de 200 páginas, contendo poemas, contos, crônicas, anedotas). João Pantaleão Gonçalves Leite, o consagrado autor da letra do hino do Centenário. Leonor d'Ávila Hoffmann. Luiz Carlos Alves publicou "Guaricana".

Lagoa Vermelha tem ainda uma legião de filhos, que em outras cidades, se dedicam à imprensa, rádio e televisão. Recordamos: Ênio Mello, João Batista Mello, Hamilton Chaves (irmão de Ovídio), Valdir Appio, Joabel Pereira, Inah Muliterno Corrêa (irmã do nosso vice-prefeito Ubirajara Muliterno), Peri Silva, Argemiro Trindade Vieira (o popular "Lagoa" da Rádio Fátima de Vacaria) e, sobretudo, Ana Amélia Lemos, jornalista, atriz de cinema, destacada para missões jornalísticas no estrangeiro, atualmente atuando na imprensa, rádio e TV Brasília e colaborando na imprensa de outros Estados, como na "Zero Hora" de Porto Alegre.

E agora coroando o capítulo, uma joia da literatura universal, de autoria do nosso imortal Maximiliano de Almeida:

ENIGMA (o ouvido)

Quando Deus fez a terra onde habitamos,
Por instinto do bem que sempre amara,
Cinco irmãos fez das raças diferentes
Para guia dos seres que formara.

Eu segui, compreendendo o meu destino,
Conformado e consciente do degredo,
Me instalei logo após numa casinha
Construída no meio de um rochedo.

Era um vasto chalé, feito à chinesa,
De uma rósea fachada em caracol,
Pavilhão muitas vezes adornado
Com brilhantes das cores do arrebol.

Uma sala central bem arejada



Pula aberta que Eutásquio decerrou,
Tinha um malho automático e bigorna
Que Vulcano nas forjas ocupou.

Revestia o estreito corredor,
Como a esteira tramada de tábua,
Um ceroso tabete amarelado
Que prendia esse pó vindo da rua.

Duas grandes janelas se ostentavam
Nas internas paredes do salão,
Construídas de formas diferentes:
Uma oval e redondo outro era o vão.

A varanda no fim arquitetada
Por notáveis obreiros de Corinto,
Foi o passo real de Psamétrico
E em Creta o famoso Labirinto.

Eis o rico palácio onde me instalei
Por vontade de Deus Onipotente;
Como prova de nímia gratidão
Ouvirei seu conselho eternamente.

JOVENS ESCRITORES - Terezinha Mendes Moreira Franco, Aelnir de Araújo Melo, Marissol Rodrigues Moreira e Elhone de Fátima Dall’Agnol, foram classificadas no IV Concurso Literário da FIEL de Curitiba, tendo seus trabalhos publicados numa Antologia em 1980.

RÁDIO CACIQUE, fundada em 26-5-1948 pela Radiodifusão Sul Brasil Ltda., de Erechim, é mantida hoje pela fundação Educativa Nordeste, tendo na direção: Frei Romualdo Breda (pres.), Frei Maurílio Parizzotto (secretário), Frei Camilo Bordignon (diretor financeiro) e Frei Horácio Mattana (diretor superintendente). Funcionários: Aldoir Rodrigues Nepomuceno, Ademar Fagundes Teixeira, Sebastião Leite do Prado, Nérís Francisco Solano, Jones Domingos Araújo, Magno Cândido de Oliveira, Antônio Carlos Telles

da Silva, Solange Cavagnolli, Orides da Silva, Adão Dondode Gomes, Sírio Abrão, Ivoni Fiorini e Maria Antunes Pereira. Seu 1º diretor foi Walter Correia da Silva, seguido de: Olavo Achunha, Zamir Lacerda, frei Félix de Antônio Prado, Pergentino Dal Magro, René Onzi, Amadeu Semin, ao qual sucedeu o atual diretor superintendente.

GAZETA POPULAR, semanário fundado em 1972 por Dr. Davino Nepomuceno, Aldoir Nepomuceno e Idalécio Vitter Moreira, que ainda se encontra na direção, conta ainda com os funcionários: Carlos Nascimento, Elenice Helena Domingues, Alexandre Nepomuceno, Generi da Silva Ribeiro, Francisco Bozerton e Clóvis Felipe Lemos. Semanário editado pela Imprensa Planalto, a Gazeta Popular, em geral com 4 páginas, bem impresso, apresenta sempre farto noticiário, fazendo a cobertura dos acontecimentos do município e da região, impondo-se como um dos melhores jornais do Nordeste do Estado.

VERASCÓPIO - em abril de 1981 apareceu o 1º número deste jornalzinho, dirigido pelos jovens Elenize Gonçalves Moreira, Ir. Isoleide, Rangel A. A. Guedes, Danúncio R. e Domingos F. O jornalzinho, bem redigido, mensal, apareceu com excelente material, mimeografado, em 7 páginas, prometendo para o futuro vir a público impresso.

LAGOA VERMELHA NO ANO DO CENTENÁRIO

PREFEITURA MUNICIPAL

Nas eleições municipais de 15-11-1976, foram apresentados quatro candidatos, dois para cada partido da então ARENA e MDB, a saber: José Carlos Prestes Machado Vieira para Prefeito e Ubirajara Índio do Brasil Muliterno para vice; na sublegenda: Dr. Rubens Augusto Moojen e Francisco Argenta, ambos pela Aliança Renovadora Nacional. Pelo Partido Democrático Brasileiro,



apresentaram-se: Adão Castellano, tendo como vice Antônio Carlos de Andrade Nácúl e Dr. João Horácio Barreto da Costa e para vice, Dr. Raul José de Campos. Individualmente foi vencedor o sr. Adão Castellano, com 3:844 votos, somados para o partido 5.553 votos. A ARENA fez 6.045 votos, sendo 3.452 dados ao sr. José Carlos Vieira, que foi eleito para presidir o poder executivo no período de 4 anos, período que foi depois prorrogado para mais dois anos, portanto, até 31-3-1983.

Para a Câmara de Vereadores foram eleitos pela ARENA: Agenor Carvalho do Amaral, Rui Mondadori Godinho, Octacílio Nicolau Merib, Pedro Maciel Bueno, Élio Moreira de Sousa, Paulo Renato Dolzan. Pelo MDB: Hugo Napoleão Ferreira, José Paulo Barbosa, Germano Ferri, Orácio Barreto Pegoraro e Paulo Moisés de Andrade. Havendo-se transferido para outro Estado o Sr. Paulo Renato Dolzan, assumiu sua cadeira o suplente mais votado na pessoa de Davino V. Nepomuceno. Em 1981 encontra-se na presidência do Legislativo o Vereador Hugo Napoleão Ferreira.

O quadro do funcionalismo municipal em 1981 está assim formado: Dr. José Carlos Castellano (oficial legislativo), Leda Maria C. Vieira (secretária do Prefeito), Sérgio Luiz Seminotti (motorista do gabinete); subprefeitos: Antônio Segundo Bozza (cidade), Aureomar Varela Rates (Capão Bonito), Dalton Lima de Ávila (Santa Luzia), Danilo Sorgato (Tupinambá), João Pedro A. da Silveira (Chimarrão), Livino João J. Ferreira (André da Rocha), Mário Cirino Rodrigues (Caseiros), Milton Orsi Furtado (Boqueirão), Pedro Mendes Machado (Clemente Argolo).

Olavo Augusto Moojen (procurador), Cezar Muliterno (assistente Judicial e administração), João Ibanor Bombassaro (secretário do Município), Nilza Maria K. Ferreira (diretora do expediente e arquivo), Antônio Luiz dos Santos (contador), Cleon E. Bombassaro (Diretor do Departamento de Pessoal), Delce Salete G. Bones (adjunto do contador), Eloi Moreti de Melo (inspetor de rendas), José Frederico Merib (almojarife), Oribe Melo (tesoureiro),

Octacílio Nicolau Merib (encarregado do ICM), Zélia Marcia C. Peres (auxiliar da contadoria), Aldérico Boeira da Luz (auxiliar da arrecadação), Heidi Maria P. de Lima (auxiliar da contadoria), Sérgio Melo (auxiliar da contadoria), Jorge Luiz M. Merib (auxiliar de cadastro), José Luiz R. da Silva (Auxiliar de Cadastro), Alba Célia C. Domingues (auxiliar da JAM), Almir R. Nepomuceno (cartório eleitoral), Alzira Boeira (responsável p/ UMC), Ana Magalhe S. de Oliveira (auxiliar da secretaria), Célia Casassola (protocolo), Ceres Borges Teixeira (auxiliar de serviço de licitações), Lourdes Jacques Vieira (auxiliar de serviço de licitações), Maria Helena da Luz Pereira (secretária da subprefeitura), Honorino Antônio Lorenzon (diretor de obras), Júlio Augusto Garcez (diretor do setor de licitações), Zélide Gonzatto (pesquisa e arquivo). Paulo Laone de Souza Marques (motorista da Ambulância).

Funcionários de obras: estradas 58; Telefônica 35; ruas 35; Cemitério 1; Rondas e serventes zeladores 8; Britadeira 10; Saúde 3 e Comunicações 8. Diretoria do Ensino Municipal: Ema Marafon Lenzi, Léa Beatriz de Quadros Dolzan e Leucádia Jaeger Caimi. Professores: 10 nomeados, 124 contratados e 17 serventes zeladores. Inativos 37 e assistência à velhice 7.

8ª Delegacia de Serviço Militar: Ten. Miron Aloysio Thomas, que substituiu o 1º tenente Belmur Oliveira Costa. A Junta de Serviço Militar tem na presidência o Sr. Prefeito Municipal, secretária Maria Beloni Antunes Hartmann e auxiliar Alba Célia Chemello Domingues.

Em 1981 o Deputado Federal Augusto Trein, Secretário do Trabalho e Ação Social, criou a Coordenadoria Regional da Fundação Gaúcha do Trabalho, tendo como coordenador o sr. Nicanor Hoffmann Paim, empossado em 1-4-1981. A esta Coordenadoria estão subordinados os municípios de Lagoa Vermelha, Vacaria, Bom Jesus, Esmeralda, Sananduva, Ibiraiaras e Ibiaçá. Em São José do Ouro encontra-se a Microrregião para este município, Barracão, Machadinho, Maximiliano de Almeida, Cacique



Doble e Paim Filho.

Ainda em 1981 foi criado pelo Secretário Augusto Trein o PRODECOR (Programa de Desenvolvimento das Comunidades Rurais), tendo como 1º agente o sr. Nicanor Paim Hoffmann, como auxiliar Ilceu Prusch e Maria Helena de Lima Ribeiro, princesa do Centenário. Este programa atende os municípios de Lagoa Vermelha, Ibiraiaras e Cacique Doble.

O Setor de Fiscalização do ICM municipal tem na chefia o sr. Octacílio Nicolau Merib e auxiliar Diogo Fernando Guarezi da Silva. No setor do Ministério de Trabalho para Carteiras Profissionais: Hugo Napoleão Ferreira, assessorado pelo esforçado ex-fiscal geral do Ensino Municipal Eduardo Ferreira da Silva. A Biblioteca Municipal, aos cuidados de Cerlene Terezinha do Amaral, presta atendimento mensal de cerca de 150 pessoas.

REALIZAÇÕES DA ATUAL ADMINISTRAÇÃO MUNICIPAL

De acordo com o Relatório apresentado pelo Prefeito Municipal sr. José Carlos P.M. Vieira e pelo Vice-Prefeito sr. Ubirajara Índio do Brasil Muliterno, foram as seguintes as realizações efetuadas de 1977 a abril de 1981:

Setor financeiro: A arrecadação, que em 1977 era de Cr\$ 16.239.514,52, elevou-se em 1978 para 18.436.067,23. Em 1979 subiu para 29.029.825,46. Em 1980 atingiu 64.869.931,88, verificando-se em quatro anos um crescimento da ordem de 299%. O orçamento para o ano do centenário (1981) é da ordem de 96.428.278,00, havendo para o orçamento inicial de 1977 um crescimento de 493%, sendo de 49% sobre o orçamento de 1980. “Somente no ano de 1980 obtivemos uma arrecadação a maior prevista de Cr\$ 43.074.682,00 de 51%. Este aumento foi possível graças às gestões feitas junto a órgãos estaduais e federais, para obtenção de repasses de auxílios e assinatura de convênios para execução de obras específicas”.



Setor rodoviário: Foram adquiridas 2 motoniveladoras (patrolas), 3 basculantes (tombadeiras), 1 caminhão para coleta de lixo, 1 rolo compressor, 2 retroescavadeiras e 1 camioneta Belina; de 1977 até abril de 1981 foram patrolados 13.750 km de estradas municipais, numa média de uma vez por ano, devendo-se levar em conta que a prefeitura dispõe de apenas uma patrula para cada 800 km, enquanto o DAER possui uma cada 60 km. Foram colocados nas estradas 4.037 tubos de concreto, em bueiros e pontilhões, construídos ou recuperados 2.983 m de pontes e pontilhões de madeira e 954 m de pontes em alvenaria, em saibrados 162 km de estradas e promovidos aterros na ordem de 63.000 m³.

Setor de Comunicações: A Prefeitura responsabilizou-se pela manutenção do Centro Telefônico Municipal até 25-9-1980, tendo reformado e mantido 16.590 m de redes no interior, além de estender novas redes para as localidades de André da Rocha, Chimarrão, Tupinambá e São Luís de Caseiros, publicando a rede de Pizzamiglio. Continuam, após a encampação do centro telefônico pela CRT, aos cuidados da Prefeitura Municipal as redes do interior.

Setor de iluminação pública: Foram recolocadas 989 lâmpadas fluorescentes, 905 comuns, 307 a mercúrio e 238 calhas completas com lâmpadas e seus compientes. Implantou-se a iluminação a mercúrio em diversas ruas num total de 373 luminárias, com um custo total de CR\$ 3.340.000,00. Encontra-se em fase de elaboração um projeto para implantação de cerca de 200 luminárias a mercúrio, atingindo as vilas e as avenidas de acesso à cidade.

Setor de serviços urbanos: Foram calçados 99.894 m² de ruas, encontrando-se em fase de execução 7.080 m²; foram colocados 20.000 m lineares de cordões de alinhamento; implantados 6.286 m lineares de tubos de esgoto, sendo 750 unidades de 1.00 m de diâmetro e 250 de 1.50, para canalização do valão da rua do Tanque e Tiradentes: 7.558 m lineares de valos para esgoto e saneamento; 2.659 quadras patroladas, sendo ensaibradas 422 quadras, recuperados 10.925 m² de calçamento,



mais 3.059 m² no Cemitério Municipal e 3.652 m lineares de rede de água potável, em convênio com a CORSAL. Na Área Industrial foram aplicados 13.820 m³ de saibro, havendo as máquinas da Prefeitura trabalhado nessa área 1.401 horas, em serviço de terraplenagem, abertura de ruas e implantação de esgoto. No Aeroporto Municipal foram recuperados 3.200 m. lineares de cercas, efetuada sinalização de pista, depois da patrolada. Foram plantadas 5.844 mudas de árvores diversas nas ruas da cidade e mais 78 mudas de palmeiras.

Setor educacional: Foram angariados recursos para construção e recuperação das escolas: Escola estadual “Lagoa Vermelha” (mais um pavilhão); novo prédio da Escola Estadual Duque de Caxias; da Escola Rural do Boqueirão; do Ginásio Agrícola Desidério Finamor; ampliação da Escola Estadual Dr. Silveira Neto; Escola Estadual Abelardo José Nácul; Escola Estadual Prof. João Evangelista Saraiva; construção das Escolas Municipais Prudente de Moraes, André da Rocha, Princesa Isabel, D. João VI, Conde de Porto Alegre, Mansueto Bernardi, Pedro A. Pereira, Tupinambá, Fazenda da Roseira, Assis Brasil, Nossa Senhora dos Navegantes, São Judas, José do Patrocínio, Pedro Américo e Júlio Bitencourt. Foram recuperadas e ampliadas as Escolas Municipais: Clóvis Pestana, Ponte do Turvo, São Jorge, João Riveiro, Roberto Silveira. São mantidas 74 escolas com 120 professores e mais de 1.500 alunos. Instalação e manutenção da Biblioteca Pública Municipal com mais de 1.500 volumes. Distribuição de merenda escolar para quase todas as escolas municipais e estaduais. Instalação no prédio da Prefeitura de um posto de distribuição de material escolar da FENAME.

Setor de saúde e assistência social: Em convênio com a Secretaria da Saúde, foram construídos os Subpostos de Saúde de Caseiros e Clemente Argolo e em construção o de André da Rocha. Abertura de poços artesianos em Clemente Argolo, Chimarrão e André da Rocha. Distribuição de 4.625 receitas médicas a

indigentes, construção de 32 casas para pessoas carentes, 72 hospitalizações, distribuição de 1.140 ranchos e 1.515 passagens para doentes em tratamento, auxílio para sepultamento de 315 pessoas. Manutenção de uma ambulância para viagens à Capital do Estado e outras localidades, transportando doentes. Em convênio com a COHAB será construído ainda em 1981 um núcleo com 65 casas. Em convênio com a SUDESUL, BNH e CPAHAB, serão implantadas 328 casas do projeto Pró-Morar, para as quais a Prefeitura doou terreno. Foram melhorados em sua totalidade os serviços normais mantidos pela Prefeitura: Protocolo, Inkra, Registro de Licença, Cadastro...

O ENSINO EM 1981

22° DELEGACIA DE EDUCAÇÃO, fundada em 1967, teve como 1° titular a prof. Nair P. Moojen, seguida de Teresinha Ducroquet Capri (1966-1971) e de Nilsa Argenta Moreira, que ainda se mantém no cargo, assessorada por: Jandaya Candeia Donin (Delegada Adjunta), Edythe Dutra Leite Lunelli (Coordenadora), pelo Núcleo de Apoio Administrativo composto de: Ana Maria Anzolin, Egléa Carneiro Alt, Elis Tiecher Lazzarin, Gema L. Campetti Mello, Glacira Oliveira Viali, Iraci Delavale Dutra, Jussara Marques Benedet, Lenita Fogaça Koch, Lúcia Chloé da Costa e Silva, Luíza Maria Cirino, Magda Sofia A. Ferreira, Maria de Fátima Gralha, Maria Luiza Polo Bittencourt, Maria Luiza Guimarães, Maria Helena Adami, Mirene M. Lunelli Damin, Norma Garcez de Almeida, Odete M. Gobatto Machado, Rejane Campos de Mello, Rejane Tochetto, Reni Dondé Ducatti, Reny H. Graff de Oliveira, Rosa Maria Castellano Tramontini, Rosamari Donin Caimi, Solange Ana Biolchi, Terezinha de Jesus Bonotto; pelos professores da Assessoria Técnica: Maria Celita Casarin Guimarães (Coordenadora), Bárbara Juraci de Moraes, Berenice Rigotti Bittencourt, Cacilda V.O. da Rosa, Edir Tadeu dos Passos, Genecy F. Mondadori Campetti,



Genoveva Maria Michelin (Ir. Luíza Helena), Ilza Maria Dias de Moraes Dinarte, Iraci Paiz Grigol, Jesus Helena Muliterno de Andrade, Josué A. Boeira, Laura Maria R. Varela, Laura Ribeiro de Almeida, Leda Araújo Roman, Lília Amantéa Aliprandini, Marcolina Dutra Leite Nandim, Maria da Luz dos Santos, Maria de Lourdes Gargioni, Maria Helena Duarte Bolzan, Maria Judite Mottin, Maria Stela Bortoncello, Marilena Vigo, Maria Rosa Campetti Nieto Rey, Mariza Argenta Finger, Neiva T. Zanela Marques, Realda Battistin, Sílvia Isabel Teixeira, Vera Smaniotto Dal Molin, Zeli M. do Amarante e Suzana Gracik. Datilografia: Arci Terezinha Dondé, Cerenita A. Leal dos Santos, Cezar R. Marques e Marli Terezinha Teixeira. Serviços Gerais: Eliane Tafarel, Ivone da Costa, Suely Vall da Costa e Tereza Gomes Taffarel.

ESCOLAS ESTADUAIS EM 1981	alunos	professores
Escola E. Desidério Finamor 5ª a 8ª série	115	18
Grupo Escolar Presidente Kennedy	668	55
Escola E. de 1º Grau Incompleto Prof. Delfina Loureiro	196	13
Unidade E. de Ensino José Ferreira Bueno - 1ª à 4ª série	293	22
Unidade E. de Ensino Dr. Silveira Neto - 1ª à 4ª série	293	28
Grupo Escolar Trajano Machado	184	13
Grupo Escolar João Anselmo Ferreira (Clemente Argolo)	59	3
Grupo Escolar Horácio Barreto da Costa (Barretos)	62	3
Escola E. Casemiro de Abreu (Caseiros)	100	10
Escola Rural de Caingangue	59	4
Escola Rural Nossa Senhora das Dores (Chimarrão)	36	1
Escola Rural de Encruzilhada	11	1
E. Estadual de 1º Grau Dr. Abelardo	80	8



José Nácul (Capão Bonito)		
Escola Rural de Tupinambá	31	3
Escola E. de Santa Luzia	173	13
Escola Rural Nossa Senhora de Fátima	23	1
Escola E. de 1º Grau Amantino Vieira Hoffmann (André da Rocha)	119	12
Escola E. de 2º Grau “Lagoa Vermelha”	520	67
Unidade E. de Ensino Frei Olivo – 5ª à 8ª série	472	63
Unidade E. de Ensino Francisco Argenta – 5ª à 8ª série	569	58
Escola E. do 1º Grau incompleto João Evangelista Saraiva	162	14
Escola E. de 1º Grau incompleto Duque de Caxias	398	27
Total	4.632	241

ESCOLAS MUNICIPAIS: 74 unidades

Diretoria: Léa Beatriz de Quadros Dolzan (diretora), Ilse Ana Vanzin Boeira (supervisora pedagógica), Tânia Salette Gasperin (superv. pedag.), Alba Mary Vieira Melo (superv. pedag.), Leocádia Jaeger (chefe do setor administrativo), Ema Marafon Lenzi (chefe do setor pedagógico), Romilda Terezinha Leite (chefe do setor de alimentação) e Maria Cleusa Wassem Terres (supervisora municipal do MOBREAL).

Nome da Escola	Diretor	Localidade	Alunos
EM Adão Castellano	Antônio Orli Antunes	São Joaquim	21
EM Alberto Pasqualini	Maria de Lourdes da Lima	Canhada Funda	10
EM Amélia Rodrigues	Maria Darci Alves Gomes	Turvo	27
EM André da	Marilene	Fazenda S.	13

Rocha	Brugneroto	Crispim	
EM Antônio Sales	Leonice Elli Machado	Capão Alto	21
EM Aniceto A. de Matos	Nilceu Luiz Mignoni	Antigo Picadão	11
EM André da Cunha Hoffmann	Cecília do Nascimento Rodrigues	Faz. Boa Vista	11
EM Manuel Barreto do Amaral	Júlia da S. Silveira	Boqueirão	6
EM São Jorge	Mariluci Bombassaro	sede	29
EM Casemiro de Abreu	Deonilde S. Dal Prá	Serraria Melo	9
EM Clóvis Pestana	Jussara Mendes	sede Vila Cohab	112
EM Conde de Porto Alegre	Leci da Silva Campos	Fazenda dos Ivos	7
EM Conselheiro Rebouças	Irides B. Dal'Olmo	Passo do Paiol	33
EM D. João VI	Antônio Sérgio Ribeiro	Rio Cadeia	10
EM D. Pedro I	Eda G. Reginini	São Brás	29
EM Dr. Liberato S.V. da Cunha	Sueli L. Minozzo	Pessegueiro	10
EM Francisco A. de Oliveira	Juditha M. dos P. Pereira	Moreiras	15
EM Érico Veríssimo	Noeli L. S. Brancaglioni	Tabuleiro	9
EM Espírito Santo	Clodoveu Alves da Rocha	Santa Rita	5
EM Espírito Santo Anexa	Sueli Fabro.		14
EM Farrapos	Valdemar de O. Nunes	Capão Bonito	16
EM José de O. Teles	Ana Maria B. de Araújo	Barnabé	20
EM Diógenes	Abigail R. de	Fazenda da	12

Cunha	Aguiar	Vivoca	
EM General Osório	Jeovana M. Solett	Capão do Cedro	23
EM General Rondon	Aracy Maria da Costa	Fazenda da Tapera	15
EM Guerinio Cassol	Dervino Cassol	S. José – Chimarrão	25
EM Henrique Dias	Helena de Lima Manto	Rincão Comprido	12
EM Vergílio P. Damasceno	Ezanir M. Damasceno	Capão do Cipó	17
EM Hipólito Ribeiro	Maria H. dos Passos	São Judas Tadeu	22
EM João XXII	Luiz Antônio F. da Silva	Engenho Velho	17
EM João Ribeiro	Ilza de O. Sottoriva	Vimes	19
EM João Graciano	Dejanira Vargas	Estrada de Sananduva	7
EM João Protásio da Luz	Rosa de L. Damasceno	sede - Ernesto Alves	131
EM Joaquim Nabuco	Terezinha Vieira Jaques	Santa Catarina – Chimarrão	13
EM José do Patrocínio	Ruth B. Bussolotto	Engenho Velho	17
EM Júlio Bittencourt	Alice Lopes Guedes	sede - Av. G. Vargas	55
EM Largo dos Carepas	Liberaci M. da S. Vigo	Campinas	23
EM Pedro Alves Pereira	Antônio P. de Oliveira	Sítio do Herval	15
EM Mansueto Bernardi	Eroni do C. de Lima Cusin	Capão Bonito	17
EM Nossa Sr. ^a . Das Graças	Irene dos Passos Osório	Sítio do Herval	19
EM N ^a . Sr. ^a . Dos Navegantes	Derci Rodrigues Ribeiro	Serrito	11
EM Negrinho do	Salete C. Fabro	Capim Comprido	12



Pastoreio			
EM Olavo Bilac	Eni de F. Lima Lunelli	Fátima Barretos	– 12
EM Osvaldo Cruz	Jandira Froscarini	Foscarini	17
EM Pedro Américo	José Cirino dos Passos	Caseiros	22
EM Pedro Américo	Neiva Frison	Santa Luzia	24
EM Tolentino R. de Aguiar	Ramiro Farias Neto	Pereiras	12
EM Pio XII	Calimeiro Alves Padilha	Sede Argenta	49
EM Princesa Isabel	Emília Dors Piva	Santa Luzia	18
EM Professor Saraiva	Maria L. Picoli	Rincão S. Francisco	15
EM Prudente de Moraes	Ernani Fr.de Oliveira	Fazenda Caiapiá	15
EM Júlio Hoffmann dos Santos	Elza P.P. Pereira	Rincão Comprido	12
EM Roberto Silveira	Iracilda M. Nogueira	Faxinal dos Mancos	25
EM Rita de Cássia	Santina Piva	Arroio Forte	8
EM Rocha Pombo	Izabel Wegher	Encruzilhada Cavani	7
EM Rodrigues d'Ávila	Adélis F.S. Boff	Sítio do Herval	8
EM SAMLAVE	Edílio Antônio Biavatti	sede - Vila S. José	32
EM Salgado Filho	Almerinda F. da Silva	Sede Argenta	8
EM São José	Elia Menegás	Escola Agrícola	19
EM São Judas Tadeu		São Judas Tadeu	10
EM São Roque	Itair Gonzatto	Chimarrão	10
EM Sebastião R. da Costa	Luiz A.F. da Silva	Passinho Fundo	10



EM Fr. Gonçalves de Sousa	Lília M. de M. Vendramin	Barretos	22
EM Assis Brasil	Adão Gomes da Silva	Boqueirão	32
EM Assis Brasil anexa	Cármem Maria Mendes	Boqueirão	33
EM Nívio Castellano	João M. Rodrigues de Lima	Lajeado dos Ivos	27
EM Tibúrcio Machado	Jucirlei Amaral	Alecrim	5
EM Trinta e Um de Março	Terezinha S. Paes	Sítio do Herval	21
EM João Soares da Silva	Nadir Maurício da Silva	Zona dos Soares	26
EM João José de Almeida	Lurdes Pereira Farias	Barreiro	9
EM Dez de Maio	Wilson Kehrwald	Linha Frizon	15
EM Sílvio Muliterno	Áurea M. Figueiredo	Limeira	14
EM Minuano	Arlete do A. Oliveira	Capão Grande	12

ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU INCOMPLETO JOÃO EVANGELISTA SARAIVA

Localizada na Vila Gentil, na sede do Município, proximidades do Aeroporto Municipal, esta escola começou a funcionar em 1975, sendo oficialmente criada por Decreto em 7-3-1978. Sua última diretora foi Maria Dorotéia de Veiga, que se transferiu para Caxias do Sul, encontrando-se atualmente (1981) vago o cargo. Nesse ano lecionavam os professores: Vera Maria Brites, Loreci Bonaldi Sgarbi, Jacira Maria Pimentel, Leoni dos Santos Machado, Neli Roman Agnolin, Maria Helena Mecca Koike, Ivone Accori Moreira, Ivanise Garcez, Maria Loreci Furtado Xavier, Maria Odete Roman, Rosana Maria Biavatti, João Batista Merib, Lourdes Teles Polito, Maria Elisabet Vassalli Paim e Inês Antonieta

Incesti Biazus. A Escola mantém uma matrícula de 167 alunos.

ESCOLA ESTADUAL DESIDÉRIO FINAMOR, fundada em 18 6-1962 conta atualmente com 120 alunos em regime de Internato. O Corpo Docente está assim constituído: Izaias Baldissera (diretor), Nativo Giácomo Bolzan (Vice-Diretor), Anatalício Carneiro Luz, Ana Maria Tedesco, Arlindo Menegaz, Cristina Suzana Schutz Busin, Daniel Mateus Baldissera, Elcina da Rosa Baldissera, Elenise Maria Fontana, Eloni da Rosa, Ercília Machado Bertoldi, Elio Pozer, Genésio Menegaz, Jacira Antunes de Mello, Marta Regina Smaniotto Nunes, Neiva Oliva Bertol Melo, Ondina Pereira, Wanderlei Boeira da Silva. O atual Diretor assumiu há oito anos, havendo neste período realizado um trabalho dos mais louváveis, com extraordinário desenvolvimento da Escola que, além da educação, desenvolve trabalho de produção no setor primário de agricultura e pecuária. Em 1980 a Escola obteve uma produção interna da ordem de um milhão e trezentos mil cruzeiros, resultante de safras de trigo, milho e soja. Em Horticultura a Escola produz hortaliças para consumo interno e comércio. Em Fruticultura, em fase de iniciação, já produz vários frutos, salientando-se o pêssego. Em Zootecnia com criação de suínos e gado leiteiro com produção para o consumo interno e comercialização.

Antigo GINÁSIO ESTADUAL DE LAGOA VERMELHA, fundado em 1963, hoje ESCOLA ESTADUAL DE 2º GRAU “LAGOA VERMELHA”, possuía em 1981 o seguinte Corpo Docente: Paula Ivoty Vassalli (diretora), Rosa Maria Mânica (Vice-Diretora), Lília Mana Rigon (vice-diretora), Osmar Piardi (vice-diretor), Anita Maria Gobalo, Atanagildo M. da S. Sbroglio, Cármem Amantéa Piccoli, Carmensita Rech Chaves, Célia Barreto da Costa Domingues, Celso Antônio Nezello, Davino V.R. Nepomuceno, Érico da Costa, Esmeraldina S. dos Santos, Evani da Silva Galloni, Fidélis Dalcin Barbosa, Haidée T.R. Sassi, Idalécio Vitter Moreira, Ivo Rodrigues Gonçalves, Izete da Conta Moura, Izaira C. da Cruz Paes, Jurema Muliterno Possan, Laureci R.S. de Andrade, Leonice Braghirolli de

Nardi, Lúcia Solange P.T.Toledo, Maria da Graça dos Santos Oliveira, Maria Eliza R. da Luz, Maria Emília dos Santos Fappi (coordenadora geral), Maria Janete de Mello Bassani, Maria de Lourdes Dalazen, Maria Helena F. Staigleder, Maria Ignez Rech da Rosa, Maria Laura Castellano, Maria Neli Machado Nogueira, Maria Salete Fraga Bonzanini, Marlene Barreto Tochetto, Mauro João Calliari, Nereu Batista de Mello, Nilza Manso Mello, Otilia Pereira Baggio, Paulo Roberto Endres, Reny Franceschi Moojen, Rose May Nácúl Berthier, Therezinha Fonseca de Oliveira, Zeli Bearsi Damaceno, Manuel Vieira da Fonseca, Luiz Ulisses Sbroglio, Rosa Maria Lenzi Boschi (secretária), Balbina Berthier (auxiliar), Dirlei Piardi (auxiliar), Hilda Calliari (auxiliar), Leandra Borba (auxiliar). A escola mantém em 1981 uma matrícula de 529 alunos.

UNIDADE ESTADUAL DE ENSINO “FREI OLIVO” da 5ª a 8ª série, anexa a escola anterior: Corpo Docente: Ana Maria Piola Camozzatto (vice-diretora), Olydia Buaes Andreani, Oilita Sbroglio Ferreira, Zoraida L. Ceolin Lottici, Iolanda Bodanese Prates, João Batista Pereira Bozza, Ana Ilda da Luz, Beatriz Cunha Dolzan, Maria Salete Nácúl Sartori, Lícia Accorsi Stella, Nora Vieira da Silva, Tereza Carlinda de Toledo Rosa, Seny Praxedes Leite do Prado, Marlene C. Barreto Tochetto, Odete Andress Mendes, Ida Maria Peres, Nilva Maria Ranghetti Berthier, Ermandina Correa Nery, Elcina Maciel Wuttke, Maria de Lourdes Tramontini Grau, Ivani Kramer Pereira, Maria Ivoni Canquerini Cunha, Gustavo de Oliveira Chaves, Miramar Heloísa Fernandes Paim, Rosa Maria Krindges Dias, Terezinha Maria Marchiori, Aldo Antônio Lacerda, Sônia Terezinha Braghirolli, Maristela Accorsi, Teresinha Meneghini Carneiro, Arminda Elizate Bonfilgio Moreira Souto, Leonel Lanzzarin, Zeferino Domingos Bonês, Sandra Maria Andreis, Ione S. Ceni Amarante, Talma L. Tochetto Casarin, Valci S. Hausen Dolzan, Marisa Schmidt Muraro, Cleni M. A. Ranghetti, Maria Schimidt, Marlene de Oliveira, Neiva Bertuol, Maria José A.F.L. Novo, Celeste Capri Muliterno, Edelza M. Teles e Elia Anagilda Martini Zago.



A Unidade mantém uma matrícula de 472 alunos. GRÊMIO DOS PROFESSORES, fundado em 15-6-1977 tem como presidente Haidée Reichmann Sassi, Elcima Wuttke (secretária), Elia A.M. Zago (2º secret.), Nora Vieira da Silva (tesoureira) e Neiva Bertuol Melo (2º tesoureiro). GRÊMIO ESTUDANTIL: Marli Schenato (pres.), Clóvis Ravizzoni (vice), Edeon Guarezi (2º vice), Marli Moreira de Oliveira (secretário), José Carlos Moreira (2º secr.), Sônia Antunes Moreira e Elza Zotti (tesoureiros).

UNIDADE ESTADUAL DE ENSINO “JOSÉ FERREIRA BUENO”, antigo Grupo Escolar do mesmo nome fundado em 22-2-1954 pelo Decreto 4883, instalado em 6-5-1954, está situado na Vila Nunes, rua João Anselmo Ferreira, 260, na sede do município. Teve na direção: Terezinha Chaves de Oliveira, de 1954 a 1956; Tereza Pereira da Cunha, de 1956 a 1957; Alice Hemerlle, de 1957 a 1959; Baltira Bitencourt, de 1959 a 1963; Maria de Lourdes Grazziotin, de 1963 a 1965; Otilia Pereira Baggio, de 1965 a 1973. O Corpo Docente em 1981 é o seguinte: Neiva Dall Agnol Rodrigues Moreira (diretora), Célia F. Barreto da Costa Domingues (vice-diretora), Augusta Júlia Garcez Menezes, Eva Bozza Zulianello, Elaine Anna Heineck, Eva da Silva Allegretti, Ilva Solange Corrêa, Sueli Valente Zanin, Virgínia Nunes Hoffmann Pensin, Idelmira Cirino Kern, Maria Terezinha Andrigue, Shirlei das Graças Borges de Almeida, Maria Inês Fontoura Menezes, Cleci de Jesus Nunes Godinho, Lourdes Fátima da Silva, Leonira Maria Veloso Leal, Lúcia Fátima dos Santos, Albertina Barreto de Abreu, Elizabeth Macedo Diefenthaler, Maria Salete da Silva Cordeiro, Teorides Pandolfo Martins e Terezinha Berthier Aliprandini. Auxiliares de Serviços Gerais: Dalivna Henriqueta da Silva, Eva da Silva Dias e Zelinda Lorandi. A Escola conta com uma matrícula de 293 alunos. Mantém cursos de Jardim da Infância, 1º a 4º série e uma turma de Classe Especial. Funciona na Escola o Clube de Mães e Clube de Meninas “Pequeno Polegar”, sob a coordenação de D. Maria Francisca de Góis Veira.

UNIDADE ESTADUAL DE ENSINO “DR. SILVEIRA NETO” -

1º a 4º SÉRIE, antigo Grupo Escolar da Vila Rodrigues, que em 7-2-1966 recebeu o nome de Dr. Silveira Neto e em 18-8-1980 U.E.E. Dr. Silveira Neto - 1º e 4º série, funciona em belo prédio próprio na vila Rodrigues na sede do município.

Com início em 1961, a Escola teve como primeira diretora a prof. Izomar T. Formigueri, até 1963, seguida de Neuza Regina Michelin, até 1967; Ana Francisca Picoli até 1969, Marcolina Leite Nadin até 1970, Maria de Lourdes Amaral Dalazem até 1975, e daí por diante Queny de Moura Pinto, a cujo dinamismo e eficiência a Escola deve completa reforma, com equipamento de todos os recursos possíveis a uma escola desta categoria. O Corpo Docente em 1981 é o seguinte: Queny de Moura Pinto (diretora), Cenira Maria Kramer Merib (vice-diretora), Loelia Vieira Trevisol (secretária), Helenice Vieira Povo (secretária), Justina Inês Coitinho Spanholi, Sônia Maria Correia Mazzuco, Cacildade Maria Bueno Valpato, Maria Iria Nunes Bones, Ivanete Salete Rigotti, Eleide Teresinha Vieira de Mesquita, Terezinha L.S.P. da Silva, Ana Lúcia Stefani, Irene Salete Brambatti Vanzin, Divair Fátima Debastiana, Amália Rosa Welker, Lenir da Silva Foscarini, Maria Helena G. Moreira, Maria Isabel Dal’Agnol, Maria das Graças Cirino Dalpaz, Berená Nunes Hoffmann Maciel, Helena Dal’Agnol, Líbera Justina Portelinha, Noélia Biazus dos Santos Melo, Augusta da Fonseca, Lindaura Garcia Nunes, Conceição Santos De Cesário, Olinda Moreira e Silva, Eulália de Godói (auxiliar). A escola tem em funcionamento os projetos especiais de Alfabetização em período de férias e Reforço Pedagógico e Alimentar a crianças não aprovadas em 1ª série. Conta com Clube de Mães e Clube de Adolescentes, que recebem verba da L. B. A.; Centro Cívico Escolar “Gustavo Berthier” fundado em 1980; Clube Agrícola, com a campanha do Projeto Natureza e Merenda Escolar; Pelotão de Saúde; Círculo de Pais e Mestres, com a seguinte diretoria: João Almir Merib (pres.), Conceição Santos De Césaró (vice), Lindaura Garcia Nunes (1º secret.), Loelia Vieira Treviso (2º secret.), Cersi Spanholi (1º



tesour.), Luíza Borges dos Santos (2º tesour.). A Escola dispõe ainda de uma biblioteca bem equipada. Em 1981 a Escola mantinha uma matrícula de 293 alunos.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU INCOMPLETO PROFESSORA DELFINA LOUREIRO, antigo Grupo Escolar Gaúcha, foi fundada em março de 1960 no local então denominado "Pinho Lagoense", hoje Vila Gaúcha, na sede do município. Em 19-12-1966 recebeu o nome de Grupo escolar Professora Delfina Loureiro. Foram suas diretoras: Gilda Maria Pereira de Lima (1960), Ione Terezinha Dall Molin (1961), Iolanda Menta (1962), Maria Eni Nepomuceno do Nascimento (1963 a 1970), Vilma Teles Ferreira Peruzzi (1971 a 1975), Maria de Lourdes de Lima e Silva (de 1976 até o momento). Corpo Docente em 1981: Maria de Lourdes de Lima e Silva (diretora), Alice Lopes Guedes (secretária), Dulce Bordin (vice-diretora), Rosângela Machado Paim, Lenara Sanson, Ilza Maria Vanzin, Nilva Correa Accorsi, Dinorá Terezinha de Oliveira Ferro, Maria Salete Rodrigues Merib, Marisa de Sousa Toledo, Mara Lúcia Mondadori Rodrigues, Salete Mesalira Godinho, Sônia Vitter Moreira e Jorgina Sônia Cirino da Silva. A Escola conta com uma matrícula de 196 alunos.

ESCOLA ESTADUAL DE 1º GRAU INCOMPLETO DUQUE DE CAXIAS Esta escola teve início em 1945 como Escola Paroquial, fundada pelo Vigário Frei Luís Ferronato, e dirigida a princípio pelo professor João Telatin. Funcionava num casarão de madeira na av. Afonso Pena então existente de frente do prédio do Fórum. Em 1951 passou para o novo prédio do Ginásio Duque de Caxias, construído pelo Frei Celestino Dotti e demolido em 1979 para dar lugar a uma nova ala do Hospital São Paulo. A escola transferiu-se então para o novo prédio inaugurado em 1979 no antigo campo de esportes do referido Ginásio Duque de Caxias, junto no prédio do INPS. Em 1978 por Decreto nº 26804, de 15-3-1978, foi transformada em Escola Estadual, recebendo a atual denominação em 8-1-1980. Em 1981 a Escola mantém do Jardim da Infância, 1ª a 5ª série com uma

matrícula de 398 alunos, sendo seu Corpo Docente assim constituído: Aida Piccoli (diretora), Leopoldina Perini (vice-diretora), Aura Terezinha Vassalli Rigo (coordenadora pedagógica), Maria de Fátima F. Schuller, Ana Janete T. Bacha, Célia Francisca N. dos Santos, Sueli Sbeghen de Oliveira, Sandra Tochetto Machado, Ida Pinto Kurtz, Eloá Capri, Sandra Machado dos Reis, Zara Maria de Bittencourt, Nelita Berthier Bandeira, Eliete Maria Bonotto, Avani Machado de A. Vieira, Vera de Melo Ferri, Vera Regina Bigarella, Maria Bernadete Spode, Terezinha Cirino Alves, Neli Maraschin, Noemi Pastori, Maria Elena Zanin Durante, Maria Eloísa Lima dos Santos, Ivânia de Fátima C. Nunes, Ledani Maria Crestani, Odete Tondo Ferreira, Maria Célia do Amaral Favretto e as estagiárias: Raquel Sbroglio Ferreira, Janete Ferreira, Elizabeth Lunardi e Vânia de Lima Paganella.

A UNIDADE ESTADUAL DE ENSINO FRANCISCO ARGENTA - 5ª à 8ª série, surgiu em 1976 graças a um esforço gigantesco das lideranças da comunidade lagoense. Criada pelo Decreto nº 24851 de 8-9-1976, iniciou suas atividades em 1977 com 397 alunos e 29 professores, tendo na direção a prof. Leda Maria Donato, que ainda se mantém no cargo. Escola Polivalente a princípio, ministrava os componentes da Educação Geral e da área de Tecnologia, sem manter curso profissionalizante. A partir de 1979 iniciou o funcionamento do curso noturno, passando a escola a atender alunos de 5ª à 8ª série em três turnos. O vasto prédio foi construído e em tempo recorde pela construtora local INTEGRAL, junto à avenida Circular, antiga Raia, proximidades da Matriz de Santo Antônio, onde estava localizada a Lagoa da Raia, que teria dado o nome à cidade. Ponto central para atendimento das Vilas Nunes, Rodrigues e Oliveira. A escola conta com 19 mil metros quadrados, sendo dois terços destinados a práticas agrícolas e desportivas. Em dois blocos, abriga além das salas de aulas, laboratório de ciências, oficina de técnicas industriais, técnicas agrícolas... A Biblioteca dispõe de um acervo de cerca de 12 mil



volumes. A escola foi inaugurada em 1977 pelo então Governador do Estado Sinval Guazzelli, recebendo então o nome de Francisco Argenta, por indicação do Círculo de Pais e Mestres, tendo à frente o pecuarista Celso Freitas de Lima.

A escolha do nome deveu-se ao pioneirismo, espírito de liderança e prestação de serviços à comunidade por Francisco Argenta, pai da atual delegada de Ensino da 22ª Delegacia, prof. Nilsa Argenta Moreira. Em 1981 a escola mantém uma matrícula de 768 alunos e um corpo Docente assim constituído: Adilo Dal Moro, Albino Dall’Agnol, Anita Terezinha Peluso, Carmen Menegaz, Ceres Berenice Lima Marini, Cima Salomão Mezzomo, Cláudio Antônio Damin, Cláudio de Melo Campana, Donatila Richetti Blanco, Elaine Izabel Dellazari Melo, Eliana Passos, Elzy Cavagnoli, Eva Beatriz Muraro, Genésio Menegaz, Helenita de Fátima Frozza, Ione Maria Piloni Zanin (supervisora pedagógica), Isabel Teresa Picinini Brum, Izaldi das Graças de Oliveira, José Humberto Caimi, José Celso Ribeiro, Jussara Sônia Cesarin, Leda Maria Donato (diretora), Leda Tumelero Nadin, Ledir Dalla Costa Reginato, Leonir Borghetti, Lides Zanin Zanin, Lóris Alberto Biavatti, Lourdes Nilse Lunardi, Luiza Soleide Pinto Ribeiro, Margarida da Luz Gonzales, Maria Oraide de Lima, Maria Rosaura Domingues, Maria Salete de Castro Bozza, Marilene Marchezzi, Marilsa Maria Barp Boeira, Mariza Melo Hoffmam, Marlene Margarida Moreira, Marlene Terezinha Cunha, Marli Terezinha Nezello, Neiva Maria Barreto da Costa, Nelba Silva de Leon, Neusa Terezinha Tessaro, Nicolau Bacha, Nilza Maria Kupzinski Ferreira, Orildo Viali, Pascoina Teles Cordeiro, Regina Amantéa de Sousa, Reonildo Mezzomo (orientação educacional), Rosângela Machado Paim, Rosa Santina Gai Veiga, Sandra Argenta Berthier, Sandra Celestina Capri Bigarella, Tânia Salete Gasperin, Valentim José Rodegheri, Vera Fontana, Vera Lúcia Casanova Argenta, Vera Lúcia da Silva Dall’Agnol e Zita Simões Stefani (supervisora pedagógica). Presidente do Círculo de Pais e Mestres – Itacyr Mezzon.



CURSO PRÉ-VESTIBULAR, sob a coordenação do Prof. Paulo Roberto Endres, fundado em 1979, conta com os professores: Silvana Rauber Endres, Liane Del Pino, Luiz Del Pino, Dr. João Pereira Neto, Giovanni Zoccoli Machado, Maria Nely Nogueira, Nora Vieira da Silva, Esmeraldina Subtil dos Santos, Lúcia Solange Toledo, Idalécio Vitter Moreira, Fidélis Dalcin Barbosa, Geraldo Cerri, Claudete Nezello, Ir. Izoleide, Lídia Accorsi Stella, Zelir Bearzi e Nair Heinech. Em 1980 foram aprovados 60 alunos nos exames vestibulares. Em 1981 o curso mantém uma matrícula de 60 alunos.

25° NÚCLEO DO CENTRO DE PROFESSORES da 22ª Delegacia de Ensino foi instalado em 4-4-1981, encontrando-se com a seguinte diretoria: Reonildo Mezzomo (presidente), Idalécio Vitter Moreira (secretário), Haidée R. Sassi (secretário), Adilo Dali Moro (tesoureiro). No dia 27-6-1981 a prof.^a Zilah Totta, presid. do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul, presidiu a inauguração da sede do 25° Grupo do CPERS, havendo proferido palestra aos professores do núcleo.

CENTRO DE ORIENTAÇÃO EDUCACIONAL, instalado em nossa cidade, encontra-se sob a direção da prof. Izete da Costa Moura.

CASA DO MENOR - A Sociedade Assistencial dos Menores de Lagoa Vermelha - SAMLAVE, fundada em 1975, por iniciativa do Juiz de Direito Dr. Moacir Danilo Rodrigues, chefiando um movimento da comunidade, encontra-se desde 25-6-1981 com a diretoria: Iran Bittencourt da Silva (pres), Agenor Possan (vice), Marli Teixeira (secretário), Leda Maria Donato (2º secretário), Adriano Donin (tesoureiro), Túlio Carvalho (2º tesoureiro). Conselho Fiscal: Nilsa Argenta Moreira, Gládis Camozzato e Clície Comiram; suplentes: Rodial Francisco Guadagnin, Henrique Finger e Nativo Bolzan. Até esta data era presidente Soel de Leon. A Casa do Menor atende atualmente a 62 menores externos e 25 em regime de internato, tendo como mestras: Luiza Antonieta V. Bueno, Maria Elenita Dutra do Souza, Marília Busi e Denise Peres. Assistente



administrativo e pedagógico - Edílio Antônio Biavatti, um jovem professor dotado de admirável dedicação profissional, autêntica vocação, entregue de corpo e alma à nobre missão de recuperar os jovens abandonados; formado em Técnicas Agrícolas, trabalhador incansável, transformou o terreno da Casa do Menor numa bela lavoura, produzindo hortigranjeiros para o consumo interno e para abastecer os supermercados da cidade. Organizou uma granja com centenas de aves e suínos, para o consumo interno e externo; pomar vinhedo, cancha de esportes, com trabalho exclusivo seu e de seus subordinados.

COMISSÁRIO DE MENORES - nomeado em 19-3-1963, Luiz Soares de Oliveira (Joca Soares) vem desempenhando com dedicação e carinho a missão de zelar pelos menores do município, tendo merecido o Troféu Padre Cacique, que lhe foi solenemente conferido em 27-12-1978 pelo presidente da FEBEM, prof. José Francisco Sanhotene Felice, na presença de uma delegação de pessoas de Lagoa Vermelha, formada por Dr. João Pereira Neto, Dr. Raul José de Campos, Dr. José Lenzi, Sr. Sebastião Leite do Prado, vereador Cilon Lima e Dr. Antônio Carlos Soares.

FENORG - Fundação Educacional do Nordeste Rio-Grandense. Há mais de um decênio que a população da Grande Lagoa Vermelha vem se debatendo para conseguir Ensino Superior. Neste sentido, em 27-12-1976 o Prefeito Milton José Stella nomeou uma comissão formada pelo Prof. Lauro Oppermann, Dr. José Carlos Mendes, Dr. Davino Nepomuceno e Dr. Cezar Muliterno.

Como medida preliminar da implantação de uma Faculdade, o Prefeito José Carlos Vieira doou uma área de 30 hectares, próxima à Escola Estadual Desidério Finamor, cedeu o prédio da Escola Duque de Caxias e o do Centro Cultural.

Os municípios da Grande Lagoa Vermelha aderiram ao movimento, prestando sua colaboração, surgindo daí a FENORG. Em 11-9-1980 foi eleito o Conselho Diretor: Dr. Davino Rodrigues

Nepomuceno (pres.), Dr. Fileto Jaymer Cirino (vice); Conselheiros: Marisa Schmidt Muraro, Nilsa Argenta Moreira, Izaias Baldissera, Dr. Milton José Stella, Paula Ivoty Vassalli e Cleni Maria Accorsi Ranghetti.

A Procuradoria Geral da Justiça do Estado exigiu renovação dos Atos Constitutivos da Fundação, novos Estatutos e os seguintes Instituidores: Milton José Stella, Davino Valdi Rodrigues Nepomuceno, Nilsa Argenta Moreira, Ubirajara Índio do Brasil Muliterno, Nívio Castellano, Paula Ivoty Vassalli, Adonir Jesus de Lima Gargioni, Fileto Jaymer Cirino, Cleni Accorsi Ranghetti, Marisa Schmidt Muraro, Marcolina Dutra Nadin, José Fernandes Nicolodi, Yolanda Caymi, Izaias Baldissera, Orli Barte Alves (Prefeito de Esmeralda), Selina Maria Dal Moro, Valdemar Menon (Prefeito de Sananduva), Glodovir Piana (Prefeito de Ibiacá), Arlindo Gradin (Prefeito de Barracão), Valdir João Ventura (Prefeito de Machadinho), Aldino Stédile (Prefeito de S. José do Ouro), Luiz Valdemar Beltrame (Prefeito de Cacique Doble), Idarci Rech (Prefeito de Ibiraiaras), José Maria Vigo da Silveira (Prefeito de Tapejara).

Em 1981, a FENORG, em convênio com a Fidene de Ijuí, instalou um curso de Pós-Graduação em Especialização e Metodologia de Ensino, para bacharéis e professores de Licenciatura Plena, com uma matrícula de 40 estudantes.

A FENORG continua batalhando em prol da criação de Cursos Superiores em Lagoa Vermelha, apesar da oposição que vem enfrentando por parte da nova política do Governo Federal.

GRUPO ESCOLAR PRESIDENTE KENNEDY, fundado em 1922 durante a administração municipal de Sílvio Barbedo, por longos anos chamou-se apenas Grupo Escolar. A princípio ficou instalado numa das salas da Intendência. Em 1923 passou a funcionar num prédio do Cel. João Lúcio Nunes. Visto como na então Praça Mal. Floriano encontrava-se à venda um prédio de



Diamantino Rigo, aconselhou-se adquirir este prédio para nele instalar a Intendência, cedendo o prédio da Intendência para o grupo Escolar. O Conselho Municipal aprovou a compra. Então o Grupo Escolar, que passou a funcionar provisoriamente na casa do Cel. Maximiliano de Almeida, local onde se ergue o hotel Stedile, transferiu-se para a velha Intendência no local onde se encontra hoje o prédio do Correio. Quando teve início a construção do prédio do Correio, o Grupo funcionou numa dependência do 3º Batalhão Rodoviário e a seguir, por mais tempo, na casa do sr. Napoleão Moojen, na atual avenida Libório Pimentel. Em 2-6-1952 passava para o prédio próprio. Foi seu 1º diretor o prof. João Evangelista de Andrade Saraiva, que já tinha 18 anos de magistério em vários municípios. Em 1926 este diretor tinha como auxiliares as prof.^{as} Laurinda Borba e Sofia Becker. A matrícula era de 135 alunos. Em 1927, além do Grupo Escolar, havia no município três escolas estaduais no 3º, 4º e 9º distritos, existindo ainda 35 aulas municipais. Nesse ano lecionava também no Grupo Escolar a esposa do diretor, prof. Normélia Saraiva. Ainda nesse ano assumiu a direção o prof. Carlos de Oliveira Machado, seguido de Carlos Waltrudes de Oliveira (1929), Ernestina Moura (interina), Ondina Boccanera Kauer (interina, prof. de 1929-1954), Maria Inocência de Almeida Machado (interina), Lúcia V.U. da Rocha (1940), Elvira Fernandes Dias (1941), Vitória Saadi (1941), Gianina Zonta Teixeira (1944), Oilita Sbroglio Ferreira (1965), Corina Scalabrin (1967). Entre os numerosos professores que lecionaram neste Grupo, merece destaque Fernando Ducroquet, cidadão lagoense, título conferido pela Câmara de Vereadores em 1976; hoje aposentado, F. Ducroquet exerceu o magistério em nosso Estado desde 1908, sendo que de 1930 a 1954 no Grupo Escolar de Lagoa Vermelha. Em 1981 o Corpo Docente era composto dos seguintes professores: Maria Helena Moojen (diretora), Alba Roman, Anita Gazzolla de Araújo, Araby Augusto Nácul, Áurea Marlene Muliterno Fernandes, Celuta Pereira Kramer, Cleonice Barreto Pegoraro, Dalva Maria Piardi, Edi Borges Spolti, Elizabete Maria Freitas Nunes, Etelvina



Domingues Moreira Bazzo, Helena Pimentel Argenta, Iria de Lima Klein Araldi, Ivanilse Maria Nepomuceno, Iveli Nunes da Silva, Iveti Kramer Dall Molin, Judith Bianchi Reginini, Lais Terezinha Vieira Iglesias, Liane Maria Vieira Würzius, Lédia Amélia Boscarl Zancan, Lorena Maria Dametto, Lúcia Maria de Lourdes Reis Berthier, Luizinha Eidite Boito, Mara Bittencourt Ferreira Teles, Maria de Lourdes de Oliveira Grazziotin, Maria de Lourdes Pereira de Oliveira, Maria Eni Nepomuceno do Nascimento, Maria Inês Ranghetti, Maria Marlene Dutra Bossardi, Maria Perpétua Teles, Maria Salete dos Reis Carvalho, Nilva Lourenço de Lima Hoffmann, Nilza Manso Mello, Norma Campana Carvalho, Odete Maria Sutil Gorchevski, Paschoal Pereira Bozza, Rômulo Augusto Moojen, Rosa Maria Indrino Bombassaro, Roserley Iglesias Popk, Sabino Marini, Sandra Maria Bidoni Bossardi, Severina Therezinha Biavatti, Shirlei Salete Carvalho Valente, Suely Bittencourt Falkenback, Tânia Maria Paim da Luz, Telma Campana Ferreira, Terezinha Zenaide Fappi, Therezinha Rosa Figueiredo, Verema Eneida Boscarl, Vilma Teles Ferreira Peruzzi, Zenobia Sonda e Yara Lourdes Baungarton Bueno. O Grupo em 1981 possui uma matrícula de 668 alunos.

GRUPO ESCOLAR TRAJANO MACHADO, foi fundado em 27-2-1962 em terreno doado por Salustiano de Oliveira Machado, na vila Oliveira, na sede do município, tendo recebido a atual denominação em 30-3-1966, como homenagem ao sr. Trajano de Oliveira Machado (1888-1951), professor público em Lagoa Vermelha, tendo ainda exercido o cargo de escrivão da Exatoria Estadual, montando em seguida em 1916 escritório de advocacia, exercendo a profissão durante 35 anos, auxiliado pelo seu admirável dom oratório. Presidiu entidades recreativas e esportivas. Em 1920 fundou um grupo teatral. Em 1928 foi eleito Conselheiro Municipal pelo Partido Republicano. Tomou parte nas revoluções do 1930 e 1932. Em 1950 foi candidato a Deputado Estadual pela União Democrática Nacional (UDN), ficando como 1º suplente da bancada. Era casado com Suzana Niniche Castellano, irmã do Dr. Nívio



Castellano. O Grupo Escolar Trajano Machado teve como primeira diretora a prof.^a Therezinha Fonseca de Oliveira até 1975, sendo substituída pela prof.^a Shirley da Cunha Figueiredo, que ainda se mantém no cargo, assessorada pelas professoras: Aracy Nunes dos Santos (vice-diretora), Terezinha Clori Dutra Borges, Job Romarci Antunes Nunes, Neuci Stahlirk, Ivone Lorena Viali, Bety Xavier Maslowsk, Maria Emília Guimarães, Marlene Fagundes dos Santos, Lúcia Hermenegilda Bombassaro dos Santos, Darcila Bordin Fracasso, Suzana Guimarães, Lenira Bombassaro, Ângela Maria dos Santos Garcia. Auxiliares: Maria Francisco Vieira (desde 1962) e Lourença da Silva Prestes. Em 1979 o prédio foi reformado e ampliado. Em 1981 mantém uma matrícula de 184 alunos, alguns da Vila São José. A Vila Oliveira foi fundada em 1929 por Matulino Afonso de Oliveira, filho de Marciano Afonso de Oliveira, loteando sua propriedade para os operários que vinham de Carazinho para trabalhar na indústria da madeira que então se implantava em Lagoa Vermelha, como também para trabalhadores do Batalhão Rodoviário. Na Revolução de 1893 houve um combate no lugar do atual Vila Oliveira, havendo perecido um combatente. Na Vila houve vários crimes, tendo sido vítimas, entre outros, membros da família Leitão.

ESCOLA DE 2º GRAU DUQUE DE CAXIAS

É mantida pelo Centro de Educação e Assistência (CECLEA), que tem como presidente o Dr. Fileto Jaime Cirino, assessorado por: Hélio Moreira de Sousa (Vice-Presidente), Alberto Berthier Neto (1º secretário), Agenor Carvalho do Amaral (2º secretário), Dr. José Fernandes Nicolodi (1º tesoureiro), Sinclair Bombassaro (2º tesoureiro); Conselho Dr. José Antônio de Andrade, Carlos Alberto Ranghetti e Orlando Comiran. Suplentes: Dr. Zeferino Bones, Dr. Celso Nezello e Pedro Maciel Bueno. A Escola conta em 1981 com o seguinte Corpo Docente: Dr. Adonir Jesus de Lima Gargioni (diretor), Luci T. Ranghetti do Pilar (secretária), Gilda Pereira de Lima (coordenadora), Walter R. de Oliveira (tesoureiro),

Sinclair Bombassaro, Izaldi das Graças Oliveira, José Antônio de Andrade, Luci T. Ranghetti do Pilar, Cerci Spanholi, Edson Fogaça, Celso Nezello, Vendelino Bremm, Marilene Marchezi Mansardo, Bruno Bittencourt, José Carlos Santos, Walter R. de Oliveira, Zeferino Bones, Vera Fontana, José Humberto Caimi. A Escola conta com 141 alunos. A escola começou a funcionar em 1952 anexa ao antigo Ginásio Duque de Caxias, mantido pela Sociedade Literária São Boaventura, sendo Frei Celestino Dotti seu fundador.

ESCOLA DE 1º e 2º GRAU “RAINHA DA PAZ”, antigo Colégio São José e depois Escola Normal “Rainha da Paz”, dirigida pelas Irmãs da Congregação de São José, surgiu em 1920 por iniciativa do então Vigário Frei Cláudio de Nova Pompéia. A princípio a escola destinava-se precisamente ao sexo feminino. Por isso, o mesmo Vigário tratou de fundar a escola do sexo masculino, confiada aos Irmãos Maristas. Para Tanto, em 4-11-1920, ele requereu ao Conselho Municipal um terreno para a construção dessa escola. A Intendência doou o terreno e a ideia continuou em pé, até que em 1928 encontrava-se em organização a fundação de um colégio para meninos dirigido pelos Irmãos Maristas. Para isso, formou-se uma comissão constituída por: Padre Augusto Pomp, Estêvão Resende, José Garcez de Andrade, João de Paula e Silva e Jari Jacob Nácul. Convidado para assumir a direção da escola, o Superior Provincial dos Irmãos Maristas esteve em Lagoa Vermelha. Feito um levantamento do número de alunos do sexo masculino, o Provincial não aceitou a incumbência, porque em outras localidades, como Vacaria, tornava-se mais preemente a presença da Congregação. A Escola Rainha da Paz no ano do centenário, 1981, possuía uma matrícula de 730 alunos. Seu Corpo Docente compunha-se de: Ir. Maria do Carmo (diretora), Ir. Lourdes Teresinha Sangali (coordenadora pedagógica), Ir. Maria Dolores Miotto, Ir. Geni Lourdes Benetti, Ir. Rosa Ledí Molon, Ir. Teresinha Maria Marin, Ir. Maria Elena Miotto, Ir. Neli Dela Costa Menosso, Ir. Elsa Poletto, Ir. Isoleide Furlanetto, Ir. Margarida Maria Sganzerla, Ir.



Elma Nadin, Ir. Heloísa Aresi (secretária), Ir. Maria da Glória Frizzo, Ir. Anna Mascarello, Ir. Maria Simone Marasca, Ir. Lúcia Vian, Edy Borges Spolti, Eni Elizabet Roman de Andrade, Maria Lenita Rodrigues, Noeli Pastori, Marisa Argenta Finger, Vera Lúcia Muliterno Nogueira, Ana Maria Ducroquet Capri, Aurea Terezinha Vassali Rigo, Donzilha da Silva Monteiro, Dulce Maria de Figueiredo, Evani da Silva Galloni, Genecy de Fátima Mondadori Campetti, Gustavo de Oliveira Chaves, Idalécio Vitter Moreira, Ilse Ana Vanzin Boeira, Ilza Marin Vanzin, Ioni Maria Piloni Zanin, Itamira Ribeiro da Silva, José Demócrito Neto, Josoé de Abreu Boeira, Leonira Maria Veloso Leal, Liane Maria Daniel Del Pino, Lúcia Solange Talamini Pinto Toledo, Luiz Fernando Del Pino, Maria Inês Fortuna Menezes, Maria José Augusta Figueiredo Lopes Novo, Marley Oliveira Iglesias Braghirolli, Naira Aparecida Dall’Agnol, Paulo Roberto Endres, Rosa Adelina Leusin, Sabino Marini, Sandra Maria Pagnussat, Solange Maria Bonotto, Terezinha Maria Marchiori, Irene Maria Pedroso (estagiária), Irá Sebem (estagiária) e Shirlei Zanella Zanin (estagiária). A Escola conta com um excelente Coral de 40 componentes e cinco violões, sob a direção da Ir. Rosa Ledy.

CLÍNICA PSIQUIÁTRICA sob a direção da Ir. Zenóbia Sonta, assessorada pela Ir. Maria Margarida Galafassi, funciona junto à Escola Rainha da Paz.

CASA PROVINCIAL das Irmãs de São José, fundada em 1963, ao lado da Escola Rainha da Paz, conta em 1981 com a Ir. Marcela Mussatto (superiora provincial), Irmãs Conselheiras: Leni Menegat (secretária), Lucinda Pereira, Rosalinda Morgan, Teresinha Sangalli. A Casa de Formação (Noviciado) encontra-se sob a direção da Ir. Lucinda Pereira.

CASAS BANCÁRIAS



BANCO DO BRASIL S.A., instalado em 19-11-1954, passou para sede própria em 1974, tendo tido na gerência: César Raul Voltolini, Alvino Luchese, Rubens Antônio da Costa, Paulo Domingos Lopes Machado, Ernesto Flores da Silva Neto e João Martins Blanco, atual. Funcionários em 1981: Agenor Possan, Alan Vieira Rosa, Alcides Rodrigues Figueiredo, Alfredo Clemente Dorneles, Antônio Argeu Ribeiro de Lima, Antônio Péricles Souto, Arnaldo Camozzato, Arquimedes Sassi, Caiçara Gonçalves Zanin, Carlos Antônio Guadagnin, Carlos Lourenço Crivello, Caubi Feijó Vieira, Celso Reginatto, Clessi Aurora Gollo, Daltro Acioli de Oliveira, Damaceno Schenato, Dirlei Terezinha Ranghetti, Dite Lourdes Dal Moro, Fábio Eduardo Rigon, Gilmar João Fernandes, Hevelise Maria Salvadori, Ione Maria Roman Brugnarotto, Irene da Silva Pavan, Ivanilde Lourdes Strapazon, Jair Jacinto Bittencourt, Jaira Vieira Zonta, Jeferson Scalabrin, Joacir Bombassaró, Joanete Maria Sbardeloto, Jorge Ademir Pinheiro Almeida, José Carlos Nadin, José Geraldo Cardoso dos Reis, José Luiz Teixeira, José Mário Tieppo, Leonildo Moresco, Loreci do Carmo Jacobi, Luci Maria do Carmo Lima, Luiz Antônio Pedrotti, Luiz Cláudio Ferreira Vezzaro, Luiz Fernando Del Pino, Luiz Henrique Zonta, Luiz José Ruaro Toscan, Luiz Lilson Langaro, Manoel Antônio Machado, Manoel Luiz Fernandes Nery, Maria Antonieta Macagnin, Marilda de Mello Peres, Miriam Rauber Almeida, Nelson José Friederichs, Paulo Affonso Guimarães (gerente adjunto), Pedro Maciel Bueno, Renato Balotin, Ricardo Plastina Gonsales, Rose Mary Bamiani, Rozeli Oliveira de Oliveira, Rozeni Kern dos Santos, Rudimar Roberto Gollo, Luiz Saturnino Ruas, Salvador N. Carneiro, Sérgio Lunelli, Silvana Maria Rauber Endres, Valdomiro Giaretta, Valmor Lazzarotto, Valter Deon, Vera Lúcia Borges Teixeira, Vera Lúcia da Luz Giaretta, Vilmar Agostinho Durante, Avelino Beltrame, José de Lima Veiga, Roberto Antônio Andrighe e Wanderlei Jorge dos Santos Ferrasso. Funcionários lagoenses promovidos ou transferidos: Odilon Cardoso de Aguiar (gerente adjunto em São Marcos), Elio Schmidt Osório (subchefe de departamento em



Brasília), José Alfeu Rauber (auxiliar técnico em Brasília), Raul de Bastiani (gerente em São Marcos) Gilson Chicuta Garcez (Brasília).

BANCO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL S.A., a mais antiga casa bancária do município, instalado em sede própria em 1978, teve na gerência de 1972 a 1978 Homero Alves Paim, cidadão lagoense. Em 1981 o Banrisul conta com os funcionários: Romeu Maraschin (gerente desde 1979), Primo Angonezi (gerente administrativo), Juarez Moreira (assistente gerencial), Junno Borges Berthier (conferente), Ereny Domingos Deitos (conferente), Valdivino Ribeiro da Silva (conferente), Maria Ivete Berthier (pelo conferente), Sônia Regina Machado Wegher, Donaciana de Fátima P. da Silva, Antônio Luiz Gasperin, Arlete de Lima Cordeiro, Luiz Valdemar Ribeiro, Cornélio Funkler Neto, Terezinha Ferreira Petzen, Zelir Vieira de Carvalho, Sérgio Ubirajara dos Santos, Soloni de Fátima Reche da Silva, Paulo Roberto de Biasi, Normiro do Nascimento, Joaquim Nunes da Silva Filho, Idone Zulianelo, Osmar Luiz Berlatto, Ceres da Silva Moreira, Jonas Alberto Lorenzon, Álvaro André Nunes de Mello, Nívio A. Castellano, Francisco de Ons, Ivan Cortina Vieira e Paulo Roberto de Biasi.

BANCO SUL BRASILEIRO S.A., um dos sucessores do Banco Nacional do Comércio, entre cujos fundadores figuram dois lagoenses (Antônio Soares de Barros e Salatiel Soares de Barros), esteve ultimamente sob a gerência de João Paulo La Porta Machado e Sextílio Mattiello (contador). Em 1981 está com seu quadro de funcionários assim constituído: Ângelo Darci Conterato (gerente), Sérgio Noeli Braga (contador); Altair I.S. Cecconelo, Antônio Almeida Sutil das Dores, Antônio Carlos Lobo Schuler, Antônio César Brugnarotto, Celson Luiz Scalco, Cláudio Simioni de Carvalho, Evanil F.H. da Silva, João Batista Accorsi, Jocelen Cecília Tumelero, José A. Kramer Vieira, Jucimar da Silveira Ribeiro, Maira Brusco, Milton Antônio Guerreiro, Paulo Ricardo Montano, Sueli Terezinha Cavagnoli e Valdemir Spanholi.

CAIXA ECONÔMICA FEDERAL, instalada em 1964 e na

sede própria em 1972, teve os seguintes gerentes: Caio Ferreira, José Cícero de Freitas Lima, Carlos Harres Rocha, José Mansur Abrahain, Celito Christofoli, Hercules Brito Giuliani e Udo Paes (interino). Em 1981 são funcionários: Paulo César Canaparro Bassuino (gerente), Getúlio Soares Pereira (subgerente), Doraci Rodrigues Fabris (caixa), Claudino Spasin (caixa); escriturários: Claudinor Bombassaro, Neusa Maria Gradin Langaro e Menachen Sevi Rudnitzki; estagiários: Glaura Regina Barreto do Amaral, Ênio do Amarante Machado e Paulo Roberto Ferreira.

CAIXA ECONÔMICA ESTADUAL, instalada em 1965 e em sede própria em 1978, teve como 1º gerente o Dr. Aroldo Garcez, seguido desde 1971 por Flávio Prates Castellano Filho, assessorado em 1981 por: Alceu Augusto Moojen (subgerente), Alencar Judas Thadeu Berthier (subgerente), Jussara Maria dos Santos Accorsi, Anita Almeida de Sousa, Luiz Fabiani, Lídia Alcione Muliterno, Vera Lúcia Ferro Correa, Leo Antônio Accorsi, Luiz Ademir de Borba, Vera Regina Vieira, Leonice Salvatti Lazzarotto, Adão Godinho da Rosa, Elso Ribeiro de Lima, Selita Arce Lacerda, Carlos Humberto Campetti, Antônio Carlos Antunes Mendes, Cleonice Terezinha Castellano, Antônio Carlos Antunes Mendes.



ESPORTES EM 1981

FUTEBOL - O Futebol propriamente dito, o Futebol de Campo, que outrora proporcionava belos espetáculos, praticamente inexistente na cidade, embora ativo no interior e nas vilas da sede. O Estádio Castelo Branco encontra-se abandonado.

Com a construção do Ginásio dos Esportes “Adolfo Stella” solenemente inaugurado em 6-11-1977, agigantou-se o futebol de Salão, de sorte que há em 1981 nada menos que 45 equipes, todas filiadas ao Conselho Municipal de Desportos. O Ginásio esteve desativado algum tempo para reforma do soalho, provocando retardamento na realização do campeonato de 1981.

ASSOCIAÇÃO MÓVEIS RODIAL conta com a seguinte diretoria: Rodial Francisco Guadagnin (patrono), Heitor João Trevisol (presidente do Conselho), João Maria Hoffman da Silva (presidente), Volderei Antônio Reche (vice), Ivan Carlos Trevisol (tesoureiro), Sereno César Reche da Silva (2º tesoureiro), Zultemir Cassassola (secretário), Luiz Antônio Trevisol Meneguini (2º secretário), Orley Francisco Reche (diretor social) e Ademir Humberto Trevisol (diretor esportivo).

Comissão técnica Ranulfo Fernandes (treinador), Walter R. de Oliveira (preparador físico) e Reinaldo R. Muliterno (massagista). Jogadores: Zilberto, Rogério, Nelsinho, Orley, Volnei, Chiquinho, Nico, Bozzinha, Ivan, Rudimar, Carlos Barp, Valêncio e Diosni.

Títulos: Campeã do Ascenso de 1979 de forma invicta; vice do certame da Indústria e Comércio de 1979; campeã municipal de 1979; vice da chave 2 do Campeonato Estadual de 1980; campeã do certame da Indústria e Comércio de 1980 de forma invicta; vice do Municipal de 1980. Diversos outros troféus foram conquistados em torneios e jogos festivos.

ASSOCIAÇÃO

SALONÍSTICA

BOMBASSARO

(LAGOENSE) – agremiação fundada em 15-3-1964, sendo a veterana. Diretoria: Sinclair Bombassaro (presidente), Gidione Bombassaro (vice-presidente e treinador), Daltro Bombassaro (secretário) e Claudinor Bombassaro (tesoureiro).

Atletas: Arsênio Bombassaro, Jorge Luiz Vieira, Claudinor Bombassaro, Álvaro Zanin, Sinclair Bombassaro, Almir Pagnossatto, Paulo Mello, Nereu Teixeira, Daltro Bombassaro, Ivomar Reche, Luiz Carlos do Amaral Chagas, Hermógenes Araújo, Carlos e Schmitz.

Disputa o Campeonato Estadual com o nome de LAGOENSE, contando com mais os seguintes jogadores: Joacir Bombassaro, Nauber Biolchi, Mauro Dalle Molle, Jair Dalle Molle e Roberto Dalle Molle.

Conquistas: Conquistou o certame municipal por 12 vezes, tendo ainda conquistado um regional.

ASSOCIAÇÃO ATLÉTICA SPODE (ex-Ipiranga) - Uma das mais novas agremiações esportivas, impondo-se logo como uma das principais equipes de salão. Foi fundada em 20-3-1981.

Diretoria: Antônio Germano Spode (presidente), Leopoldo R. Spode (Vice), Maria Cerenita Klei (secretária), Manoel Francisco Guimarães (vice), Volmar Spode (tesoureiro), João Nelson Spode (vice), Iraci Caetano Mezzomo (treinador), Amadeu Pereira dos Santos (massagista). Nova diretoria eleita em 4-6-1980: Leopoldo Rodrigues Spode (presidente), João Nelson Spode (vice), Maria Cerenita Klein (secretária) e Volmar Spode (tesoureiro).

Jogadores: Adair de Godói Ferreira, Dair Zani Rodrigues, Diogo Fernando G. da Silva, Flávio Campetti, Ivan Cortina Vieira, Jorge de Camargo Cardoso, Luiz Antônio Muliterno, Nauber Domingos Biolchi, Ronaldo Luiz da Rosa, Valdocci Alves Maciel e Nestor dos Santos Barreto. Treinador: José Geraldo dos Reis, fisicultor: Sabino Marini. Estes jogadores conquistaram o 1º título da



agremiação no ano do Centenário.

CAMPEONATO: O Campeonato de Futebol de Salão em 1981 correspondeu ao ano de 1980, atrasado em virtude da reforma do Estádio. Sendo realizado juntamente com o Campeonato Estadual, foi relegado em segundo plano, com renda muito baixa e pouca motivação. Só nas últimas três rodadas trouxe animação.

Sagrou-se campeã a Associação Atlética Spode, sendo muito festejada, porque a Bombassaro e a Rodial eram as favoritas, sempre mantendo-se nas primeiras colocações. A Bombassaro, surpreendentemente, perdeu de 8 a 1 para o Saci, surgindo daí o confronto direto entre Spode e Rodial. Spode levava vantagem e um empate lhe servia. Todavia Rodial venceu, devendo enfrentar Bombassaro, que estava em crise.

Na noite de 17 de maio, domingo, existia já um clima de festa no Rodial, que todos consideravam o campeão. Mas o Bombassaro fez valer sua tradição e constitui uma vitória histórica, reabilitadora: 2 a 1. O Spode foi o grande beneficiado.

EQUIPES FILIADAS AO CMC (Futebol de Salão): Spode, Rodial, Bombassaro, Saci, Tarumã, Juve, Portuguesa, AABB, Vila Gaúcha e Libol. Equipes que disputam o Ascenso: Pioneira, Flamengo, Pasfin, Alexter, 14 de Julho (Pizzamiglio), Náutico, Lagoense, Jirau, Lojas Andreólio, Arepol, Pernambucanas, Anatex, Metalmab, Mate Amargo, Mirol, Integral, Brasília, Operário, 1º de Maio, Campetti, Glória, América (Caseiros), Clave, Lojas Colombo, Clube Atlético Lagoense, Ajula, Camila, Corinthians, Fundiferro, Juquito, Água Azul, Bonotto, Chies e Banrisul.

Competições: Na categoria de Futebol de Salão são disputadas as seguintes competições, organizadas pelo CMD: Divisão Especial, Ascenso, Indústria e Comércio e Infanto-Juvenil.

EQUIPES FILIADAS AO CMD - Futebol de Campo: Ascenso: Náutico, Internacional, Água Azul, Gaúcho (Capão Bonito),

Chies, Carazinho (São Luís), Cruzeiro (Sítio do Herval), Pasquali e Finger, Canarinho (Santa Luzia), Banrisul, Estrela, Atlético, Operário, Guarani (Campinas). Categoria especial: 14 de Julho (Pizzamiglio), Palmeiras (Sítio do Herval), Lealdade (Santa Luzia), Operário, Bonotto, Clarão da Lua, Integral, Vila Gaúcha, Santos, Portuguesa de Desportos, América (Caseiros) e Corinthians. A Taça do Centenário foi realizada no interior do município, no Sítio do Herval.

Diretoria do CMD: Walter Muliterno (pres.), Irval Dal Castelli (vice), Antônio Alceu Adamy (conselheiro) e Aldérico Boeira da Luz (secretário). Delegado da Federação Gaúcha de Futebol de Salão: Adelino Oro.

SADI BRAMATTI - um dos maiores desportistas dos últimos anos, veio a perecer tragicamente, esmagado pelas rodas de um caminhão (18-5-1981), em plenos festejos do Centenário, emocionando a população que ocorreu em massa ao soleníssimo funeral, levando como um troféu seu ataúde coberto com as bandeiras vitoriosas das equipes esportivas que dirigiu.

Sadi Bramatti (Fioravante Izadir Bramatti) nasceu em Paraí a 26-10-1938, vindo pequeno para Lagoa Vermelha, iniciando sua atividade profissional como servente de pedreiro. Em poucos anos transformou-se num dos mais competentes e atuantes construtores de casas. O Edifício Ceni, o Supermercado Saci II e uma infinidade de belas construções, atestam sua habilidade e amor à profissão. Casado com Marli Spolti, deixou filhos: Fábio Luiz (15 anos), César (7) e Sadi Júnior (3). Embora jovem ainda, era proprietário de dez casas e duas chácaras, ele que era humilde e pobre.

Todos o admiravam por suas belas virtudes, por seu dinamismo, por sua cooperação em todas as boas iniciativas da comunidade. Mas salientou-se no apoio ao desenvolvimento do esporte. Fez parte da direção do Auri Verde, do Clarão da Lua (fundado por ele) e do Vasco da Gama. Não media esforços nem



sacrifícios para o esporte, que era a sua grande paixão. Expansivo, dinâmico, amigo de todos, seu inesperado e prematuro desaparecimento foi dos mais lamentáveis.

TURFE

O JOCKEY CLUB, fundado em 15-1-1966, tem em 1981 a seguinte diretoria: Ernani Peres Júnior (presidente), Nelson Berthier (vice), Pedro Maciel Bueno (secretário), Maurício Piola (tesoureiro), Rosalino Etevaldo Vieira, leiloteiro, que além de atender o município e a região, responde ainda por numerosas e brilhantes participações no Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e Mato Grosso.

Lagoa Vermelha vem se impondo no Turfe, possuindo já dois haras: Haras Antonius de Antônio Carlos de Andrade Nácul, Edu Hoffmann Paim, Dr. Alduino Antônio Sartori, Antônio Carlos Dolzan - criadores pioneiros de cavalos Quarto de Milha (Quarter Horse), tendo como técnico em criação e manuseio dessa raça o Dr. Albano Berthier.

O Haras Lagoa Vermelha pertence aos turfistas e criadores: Dr. Milton José Stella e Dr. Antônio de Almeida Assis.

O Jockey Club de Lagoa Vermelha promove anualmente três grandes prêmios, para cuja disputa comparecem turfistas de todo o Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai: Prêmio Reynaldo Cherubini, Prêmio Cidade de Lagoa Vermelha e Prêmio Prefeito Municipal.

SERVIÇO PÚBLICO EM 1981

DELEGACIA REGIONAL DE POLÍCIA - Dr. Paulo Wanderlei Welker, Delegado Regional de Polícia, empossado em 22-5-1981; Elvio Antônio Casassola (Escrivão), José César Antunes (Inspetor), João Anselmo Augusto Garcez (Investigador), Enio Stefani (Radiotelegrafista), Alduino Antônio Sartori ((Médico legista), Alba



Inês Duarte Lima (Auxiliar de Necrópsia), João Pantaleão Gonçalves Leite (Investigador).

DELEGACIA DE TRÂNSITO: Dr. Leo Loewenstein, Delegado de Polícia; Escrivães: Sílvio Luiz Tomé Fontana, Domingos Pasqual Dambrós e Anselmo Toniello Neto; Edson Santana Garcia (Inspetor) e Antônio Walmir de Oliveira Azevedo (Investigador).

DELEGACIA DE POLÍCIA Dr. Vendelino Bremm Delegado; Escrivães: Dionízio Dall'Agno, Carlos Antônio de Paula Pereira, Carlos Antônio da Silva Gomes, Olavo Pereira da Silva, Alankardec Guedes Filho; Inspetores: Paulo Wanderlei Frederes, Jorge Luiz Menezes, Nestor Brandalise, Derli Cunha Garcia, Dauri Eduardo dos Santos Pereira e Alberto Luiz Niederauer.

CEEE - Companhia Estadual de Energia Elétrica - Luiz Accorsi (chefe de Setor desde 1967 e funcionário desde 1965); funcionários: Nelson Pereira Bozza, João Anselmo Muliterno, Antônio Carlos Teles da Silva (auxiliar da receita), Amedino José Amaro, Luiz Francisco Accorsi, Loris Luiz Ciconetto e Armelinda B. de Almeida). Em 1981 existem cerca de 4.500 consumidores, que proporcionam uma arrecadação de 5.011.000,00 (em abril de 1981).

CORSAN - Sílvio Pontes (chefe do setor desde 1977); Volmeri de Almeida Saraiva (chefe do Escritório); funcionários: Ricardo Rosa, José Carlos Ferreira, Delci Maria Vieira, Arnaldo Marques da Rosa, Leocir Bozza, Valter Ben-hur Toledo, Soel de Leon, Valencar Nunes, Manoel Batista dos Santos, Cândido Moreira, João Almeida Vieira, Osório Bozza, Flornaldo Cardoso, José Alexandre Sobrinho, Jorge Salvador de Oliveira, Nelci dos Santos, Denir Souza. A CORSAN conta com uma matrícula de 3.688 usuários, que proporciona uma arrecadação mensal de cerca de CR\$ 1.200.000,00. Estão subordinados ao escritório de Lagoa Vermelha os serviços de Ibiraiaras, Davi Canabarro, Ciriaco e Esmeralda.



DESTACAMENTO DA BRIGADA MILITAR Cap. Giovani José Corrêa (Comandante), Tte. Jorge José Severo Tatch (Subcomandante), Cabo Waldir Walter. O Destacamento dispõe de cerca de uma centena de guardas PM para atendimento dos municípios de L.Vermelha, Barracão, São José do Ouro, Cacique Doble, Sananduva, Ibiaçá e Ibiraiaras.

CORPO DE BOMBEIROS - 3º Sgto. Orlei Pereira dos Santos (Comandante), 3º Sgto. Claudemir Escobar dos Santos (Sargentante). A corporação dispõe de 20 componentes, havendo sido instalada aqui em 1970. Dispõe de um caminhão tanque e uma camioneta. Seu 1º Comandante foi Alcindo Kel, seguido de Pedro Gonçalves Barcelos, Claudemir Escobar dos Santos e Manoel Sampaio dos Santos.

CADEIA CIVIL - Ignácio Abreu José de Quadros (administrador); funcionários: José Carlos Melo e Flori Rosa, auxiliados por 4 guardas PM. Dispõe de 10 celas com capacidade para 80 detentos. Em maio de 1981 havia 31 detentos.

CENTRAL TELEFÔNICA CRT - Neste ano do Centenário, a Central Telefônica encontra-se em fase de transformação, devendo passar definitivamente em julho de 1982 para a nova Central, que está sendo construída na rua Paim Filho pela firma local INTEGRAL Construções e Comércio, devendo então ser inaugurado o sistema DDD. Atualmente a CRT mantém cinco funcionários, a saber: Pedro Jaime Nogueira (responsável pela Unidade) e os técnicos: Vanderlei do Carmo, Celso Albuquerque da Silva, Celso Garcia de Góis e Pedro Cardoso Pavão. Os demais funcionários pertencem à Prefeitura Municipal, estando a serviço à CRT: Célia Casassola (encarregada do Tráfego), telefonistas: Edithe B. M. Garcia, Elaine B.M. Garcez, Élio Dias da Silva (contínuo), Eurico da Silva Amaral, Ivone da Glória Lopes (servente), Joana Melo da Silva, Jussara M. Bittencourt, Justina M. Inês Veloso, Manoelita B. Garcez, Maria C. R. Ferreira, Maria do Carmo Matos, Marili Lunelli, Pedro Ribeiro Toledo, Dione I.K. Accorsi, Sueli F. Rodrigues Gomes, Terezinha

Beatriz Toledo, Nádia Bombassaro. Existem 390 telefones instalados, 57 extensões externas e 70 internas. A Central dispõe de 4 linhas manuais com Vacaria, uma com Caxias do Sul, 3 DDD com Porto Alegre e uma manual. Há ainda linhas para Barracão, São José do Ouro, duas para Sananduva e Ibiraiaras. Na média são realizadas 5.500 chamadas urbanas diárias e 9.000 ligações externas por mês.

CORREIOS E TELÉGRAFOS Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos - Roberto Fernando Antoniazzi (gerente que em maio de 1981 substituiu Anildo Borges de Souza), Rubem Batista do Pilar (tesoureiro), João Pedro Ferreira (manipulante), Maria Nilza de Souza (manipulante), Alba Muliterno (operador de tráfego Telegráfico), Ivoni Alves Ribeiro (operador de Teleimpressores), Pedro Macari (mensageiro), carteiros: Paulo A. Antunes Rodrigues Leite, Julceu Sebastião Bozza, Alaor Edson Boeira do Carmo; Agenor Andreatta (instalador de linhas), Luiz Valeriano de Oliveira (auxiliar de instalação de linhas e Ilário Roman (auxiliar de serviços postais).

EXATORIA ESTADUAL - Exator: Vilson Soares da Fonseca (desde 1975); ajudantes fazendários: Yeda Rother e Elisa Muliterno; Fiscal de ICM: Dr. Paulo Edson Vasconcelos da Silveira. Em 1980 houve uma arrecadação de CR\$ 83.026.340,67. Média Mensal: 6.918.861,72.

AGÊNCIA DA RECEITA FEDERAL antiga Coletoria Federal, encontra-se desde 1967 sob a chefia de João Anselmo Augusto Moojen, assessorado por Lanes Berthier (agente), Suely Andrade Moojen (auxiliar). Últimos coletores federais: Manuel Antônio de Resende Filho, Dr. Plauto de Almeida e Octacílio Mello.

INPS - Almir de Campos Alt (agente), Paulo Roberto B. de Moura, Celso Schesser Salles, José Francisco Gutierrez de Souza, Edite Terezinha Battisti Bassi, Eliane Justina Mondadori Hoffmann, Leni Maria do Carmo, Helena Maria Vezzano, Cleuci Ferri, Nelson



Luiz Vezaro, Edanil da Silva Monteiro, José Leonir Teles Rodrigues, Antônio Melcio de Andrade, Luiz Carlos Chaves Correia, Janice Moliterno Adamy e Beatriz Telesca Campana.

LEGIÃO BRASILEIRA DE ASSISTÊNCIA - LBA Gládis Garcez Moliterno (presidente), Nely Pinto Lacerda (vice), Ana Catarina Lenzi Pacheco (secretária) e Nelson José Fridrichsz (tesoureiro).

ASSISTÊNCIA SOCIAL LAGOENSE - Elveny Vieira (presidente), Maria de Lourdes Muliterno (vice), Ceres Borges (1ª secretária), Ana Catarina Lenzi Pacheco (2ª secretária), Nely Lacerda (1ª tesoureira) e Gradis Garcez Muliterno (2ª tesoureira).

APAE - Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais - Joyce Cerri (presidente), Eunice Maria Castellano (vice), Mara Spode (2ª vice). A APAE foi fundada em 4-7-1980, numa reunião no Clube Comercial, com participação de autoridades, professores, médicos e líderes da comunidade. Com mandato de seis meses foi então eleita a 1ª diretoria provisória: Nely Lacerda (pres.), Joyce Cerri (vice), Izete da Costa Moura (secretária), Eunice Castellano (2ª secretária), Eulo Tochetto (1º tesoureiro), Vilson Dal Lago (2º tes.). Conselho Fiscal: Elso Rodrigues, Rodial Guadagnin, Rosalino Vieira; Suplentes: Iran Bittencourt Ferreira, Mara Spode e Neusa Sanson. Conselho DELIBERATIVO: Major Mário Garcia, Ubirajara Muliterno, Almir de Campos Alt, Daltro Acioli tio Oliveira, Jayme Domingues, Agenor do Amaral, Pe. Germino Pagno, Frei Camilo Bordignon, Alice Chies, Alberto Borges Berthier e Aldemiro Leso.

CINTEA - Companhia Intermunicipal das Estradas Alimentadoras - antiga CEMAPA - tem na chefia do Escritório Regional, sobre 18 municípios, NELSON BERTHIER, com larga folha de serviço público, tendo entre outros ocupado os cargos de Subdelegado de Polícia de Clemente Argolo, Subprefeito do mesmo distrito, Subprefeito do 1º distrito, Delegado Escolar, Diretor de Obras do Município, fiscal de Rendas do município; em 1963 passou

à Secretaria dos Negócios da Agricultura, sendo assessor técnico e subchefe da Inspetoria de Terras, chefe da Delegacia do Ingra, Delegado Regional de Terras; desde 1975 encontra-se no cargo atual. O Escritório Regional da CINTEA conta com a assessoria do Dr. Ranulfo Fernandes (advogado e contador), Ariosto Berthier (fiscal de obras). Rogério Simões Stefani (almojarifado), Adelaide Pino (auxiliar de Escritório). Dispõe de cinco turmas com 42 funcionários; 25 máquinas, 10 caminhões e duas camionetas.

IBGE - Hildebrando Aramiz Bittencourt (chefe da Agência) e João Alberto Bernardi (agente de coleta). A Agência de Coleta da Fundação do Instituto de Geografia e Estatística foi implantada aqui em 1970, em lugar da Agência Municipal de Estatística, instalada em 14-11-1947, tendo como 1º titular Armando H.P. Brum, seguido de: Agostinho de Sousa, Oskal Gomes Nogueira, Domingos Arnaldo Peres e Carlos Celso Garcez.

INSPETORIA VETERINÁRIA tem como titular desde 1960 o Dr. Oscar Menna Barreto Grau. Foi instalada em 1951, tendo como titular o Dr. Rodolfo Arhanitsch, seguido de Teodoro Wask, Dr. José Luiz Costa Arruda e Dr. José Augusto Müller.

IPERS - em 1981: Ana Claudete Prestes Machado (agente), Ana Iveilda Mello Bonotto (auxiliar do agente), José Carlos Campos de Oliveira (auxiliar), Dr. Idelso Luiz Scalabrin Gazolla (auxiliar técnico científico), Dr. Flávio Castellano Neto (engenheiro creditício na área de financiamento habitacional), Terezinha Melo Soares (servente). A Agência enquadra 11 municípios da região. Estão cadastrados mais de 4 mil associados. Possui convênio com as Prefeituras de Sananduva, Paim Filho e Ibiaçá.

UNIDADE SANITÁRIA da Secretaria de Saúde e Meio Ambiente - Médicos: Dr. Rubens Augusto Moojen, Dr. Delmar Del Pino, Dr. Ubirajara Luiz Vilarinho da Silva, Dr. Antônio Nabor Franklin da Silva, Dr. Antônio de Almeida Assis, Dr. Ernani Dias de Moraes, Dr. Araby Augusto Nácul, Dr. Nereu Baptista Mello, Dr.



Eraldo Pacheco Boeira, Dr. João Garcez. Funcionários: Maita Vargas Lenzi, Júlio Augusto Garcez, Glacilda L. Leite Bueno, Raul Augusto Moojen, Maria Joana de Melo Santos, Adiles Maria Argenta Garcez, Érico Muliterno, Amábile Boscarl Pinto Ribeiro, Luiz Fernando Cunha, Maria do Carmo Fonseca Santos, Idolina M. Paim Teles, Adenor Antônio Boito, Nilza Ernesta Quadros e Margarete Elizabet Rodrigues.

ESTAÇÃO RODOVIÁRIA - fundada em 27-9-1938 por Ernesto Bigarella (1898-1979), tem hoje por concessionários: Vitor Algacyr Bigarella & Cia Ltda., sendo gerente José Victor Bigarella. Funcionários: Maria Venus Leite, Natalícia Correa de Mello, José Érico Guerreiro, Gilceu Luiz Ribeiro, Rozeni Raimundo Ribeiro, Alexandre Luiz Baratto e Vanebaldo Cristiano Hoffmann. Fazem escala diária pela Estação Rodoviária local 44 ônibus, municipais, estaduais e interestaduais. No ano de 1980 ocorreu uma média mensal de 20.130 passageiros. Em 1974 foi construído o prédio atual, que dispõe de hotel, lancheria, lojas e residência da família Bigarella.

O AEROPORTO MUNICIPAL, com 1.400 m de pista, foi inaugurado em 27-9-1958 pelo Governador do Estado Cel. Euclides Triches, sendo Prefeito Adolfo Stella.

TABELIONATO - Dr. Célio Stella (desde 1968), auxiliares: Nilva de Oliveira Sutil, Cleusa Maria Gerevini, Marilva da Costa Vieira e Maria Marinez e Silva.

CARTÓRIO DE REGISTRO DE IMÓVEIS Dr. Ivens José Branco Balen (oficial), funcionários: Dalva Ribeiro, Ivanete, Sotile, Gema Pedrotti, Sueli Vicentini e Milton Castellano Neto.

REGISTRO GERAL - Dr. Gomercindo Canevese (oficial), sucessor de Augusto Moojen (de 1925 a 1963); Augusta Moojen Canavese (ajudante substituto) e Alcir Lucas de Andrade (escrevente).

DEPARTAMENTO DE COMANDOS MECANIZADOS - DCM
- Agência Regional, sob a chefia do sr. Raul Feijó. Escritório de Terras Públicas, sob a chefia de Walter Muliterno, auxiliado por José De Nardi.

CLUBES SOCIAIS E DE SERVIÇO

CENTRO DE TRADIÇÕES GAÚCHAS ALEXANDRE PATO
- fundado em 3-10-1953, sendo seu 1º patrão Nelson Berthier, está hoje dirigido por. Dr. Eraldo Pacheco (patrão), Joaquim Floresmindo Nunes (vice), Juarez Expedito Telles (2º vice), Horácio Campos de Oliveira (3º vice), Dr. Rui M. Godinho (consultor jurídico), Sérgio Ovino Vieira (secretário), Dirceu Rosa (tesoureiro), Dr. João Pereira Neto (agregado das falas), Adão dos Santos (patrão da Invernada Campeira).

O CTG Alexandre Pato inaugurou os festejos do Centenário promovendo o V Rodeio Crioulo Nacional, nos dias 17 e 18 de janeiro, certame que contou com a presença do Vice-Governador do Estado, Dr. Otávio Germano, do Dr. Augusto Borges Berthier (chefe da Casa Civil do Palácio Piratini), Dr. Romeo Ramos (Secretário de Minas e Energia), Dr. Aramis Garcez (substituto do Secretário de Turismo, Cultura e Desporto), deputados federais: Dr. Eloy Lenzi e Darcy Pozza; deputados estaduais: Jarbas Lima e Caetano Peruchin; Dr. Onésimo Duarte (do MTG) e de todos os Prefeitos da região, tendo discursado o Vice-Governador e o Prefeito José Carlos Vieira, outros prefeitos e deputados.

Promoveu ainda o 1º baile do Centenário, com eleição de prendas debutantes, em número de 46 moças, sendo 25 deste município. Realizou também o baile de apresentação das candidatas ao título de Rainha do Centenário, e vai encerrar os festejos com o baile das debutantes no dia 20-12-1981.

AABB - ASSOCIAÇÃO Atlética do Banco do Brasil, fundada



em 6-3-1964 por 21 associados, tendo como 1º presidente Gilson Chicuta Garcez, encontra-se em 1981 com a seguinte diretoria: Alcides Rodrigues Figueiredo (pres.), Luiz Fernando Del Pino (vice pres. administrativo), Rui Saturnino Ruas (vice e pres. financeiro), Joacir Bombassaro (vice e pres. esportivo), Loreci do Carmo D.S. Jacoby (vice e pres. social).

Em 2-8-1980 a AABB promoveu grandes festejos, com participação das autoridades e a comunidade em geral, a quem foi servido um churrasco, para os atos de inauguração de ampliação da sede do clube, constante de sala de festa, boate, churrasqueira, cozinha, instalações sanitárias. Discursaram na ocasião Luiz Henrique Zonta, então presidente do clube, o sr. Prefeito Municipal, José Carlos Vieira, e o sr. José Martins Blanco, gerente da agência local do Banco do Brasil S.A.

CÍRCULO OPERÁRIO LAGOENSE, fundado em 1942 mas oficializado em 1-1-1945, encontra-se sob a seguinte diretoria, eleita em maio de 1981: José Alair Franklin da Silva (pres.), Ernani Peres Júnior (vice), Nelson Pereira Bozza (secretário), Nelson Guarezi (2º secretário), Maurício Piola (tesoureiro), José Carlos Melo (2º tesoureiro), Balduino Cavagnolli (delegado geral), Victório Campana (presidente de honra). Conselho fiscal: Ângelo Sanson, Celso Zago e Pedro Maciel Bueno. Suplentes: Danilo Dall'Agnese, Guilherme Zulianello e Arlindo Rech Bortolini.

O Círculo Operário Lagoense teve os seguintes presidentes: Frei Luís Ferronato (1945-46), Prof. João Telatin (46-47), Maurício Piola (48), Edmundo Araújo (1949), Antônio Ceppo (50-58), Nery Adami (60), Armindo Atílio Raymundi (61-62), Nery Adami (63), Frei Renê Onzi (64-65), Waldemar Reichmann (67-69), Laurindo Stedile (1970), Waldemar Reichmann (71), Severino Pieri (72-73), Ernani Peres Júnior (74-77), Maurício Piola (78), Ernani Peres Júnior (79) e José Alair Franklin da Silva (1980).

CLUBE COMERCIAL, antigo Grêmio 14 de Julho, teve seu

salão de festas inaugurado em 31-12-1965. Atualmente encontra-se com a seguinte diretoria: Biguayr Scalabrin (pres.), Dr. Gomercindo Canavese (vice), Dr. Gidione Bombassaro (diretor social), Pery Guimarães (tesoureiro e secretário), Dr. Jessé Aires de Araújo (consultor jurídico), Dr. Ranulfo Fernandes (diretor de esportes), Dr. Ernani Dias de Moraes (presidente do Conselho).

No Clube Comercial realizam-se importantes promoções no ano do Centenário, entre elas o baile da coroação da Rainha - srta. Isaura Teles.

SER LAGOENSE - Sociedade Esportiva e Recreativa Lagoense foi fundada em 1952 por Francisco Argenta. Sua diretoria atual: Balduíno Cavagnolli (pres.), Lorivaldo Porth (vice), João Lauter (tesoureiro), Julceu Bozza (2º secretário), Hélio Gerevini (secretário) e Alberto Soares da Silva (2º secretário).

ROTARY CLUB, fundado em 14-4-1956, conta com a diretoria empossada a 30-6-1981: Ângelo Darci Conterato (pres.), Elio Dalazen (vice), Carlos Renato A. Dias (secretário), Paulo César Bassuino (2º secretário), Luiz Lilson Langaro (tesoureiro), Luiz Paulo Steigleder (2º tes.); protocolo: Germano Ferri e João Martins Blanco; serviços internos: Jayme Berthier Domingues; serviços profissionais: Mário Moraes Barreto; serviços internacionais: Rodolfo Arnaldo Gomes Trein; serviços à comunidade: João Heitor Domingues. Relação dos presidentes anteriores: Cyro José Nácul, Raul José dos Campos (57), Rodolfo Arnaldo G. Trein (58, ex-Governador do Distrito 467 em 73-74), Alfredo Zimmer (59), Lido Sanson (60), João Salatiel Pinto (61), Álvaro Nunes (62), Arlindo Lotticci (63), Eugênio Caetano Allegretti (64), Bodan Slonczewski (65), João Armindo Pessato (66), Silvano Sanson (67), Félix V. Gottlieb (68), Élio Schmidt Osório (69), Clodoaldo Brod e Fernando Ripalda Freitas (70), Vitório Luiz Capri (71), Dr. Camilo Brandão Filho (72), Lido J. Sanson (73), João Heitor Domingues (74), José Alaor Franklin da Silva (75), Marcos Thomas (76), Cláudio Paulo Krindges (77), Mário Moraes Barreto (78), Cersi Andreani (79), Jayme B. Domingues (80).



No dia 11-4-1981 o Rotary Club celebrou solenemente as Bodas de Prata de sua fundação, dentro da programação do Centenário. Houve missa de ação de graças na Matriz de S. Paulo, almoço festivo do Clube Comercial, quando falou com brilhantismo o ex-presidente e ex-governador Arnaldo Gomes Trein, o Dr. Augusto Borges Berthier, Chefe da Casa Civil, representou o Governador do Estado.

LIONS CLUB, fundado em 27-6-1966, teve como 1º presidente o Dr. Cezar Muliterno. Em 1981 o presidente Daltro Acioli de Oliveira transmitiu o cargo ao seu sucessor, o empresário João Nelson Spode, que conta com os demais membros da diretoria: Manoel Francisco Guimarães (1º vice), Aldo Leosin (2º vice), Erverton Tochetto (3º vice), Izaias Baldissera (secretário), Vilmar Durante (2ºsecretário), Carlos Ranghetti (tesoureiro) e Valdir Sgarbossa (2ºtesoureiro). Em 3-1981 o Lions promoveu concorrida festa comemorativa do Centenário.

COMTUR - Centro Municipal de Turismo, criado em 1977, conta com a seguinte diretoria: Dr. Ruy Mondadori Godinho (pres.), conselheiros: Almir de Campos Alt, Dr. José Carlos Mendes, Idalécio Vitter Moreira, Aldoir Nepomuceno e Dr. Paulo Dolzan. O COMTUR conta entre seus principais colaboradores com: Eunice Melo Castellano, Paulo Campana (o decorador dos clubes em todas as festas, pintor de renome), Ivo Barreto da Costa, Rosa Maria Branco, José Koch (fotógrafo e cronista social), Clube Lagoense e Clube Comercial.

O COMTUR promoveu o concurso de Miss Lagoa Vermelha nos anos de 1977, 78 e 79. Vem promovendo a construção do Parque Histórico segundo projeto da arquiteta Lúcia Mendes. Promove o Carnaval de rua, que neste ano do Centenário contou com os blocos: Unidos do Samba (1º lugar), Os Fascinantes (2ºlugar), Unidos da Jeni e Cadetes do Samba. O presidente anterior foi o Dr. Cezar Muliterno.



LOJA MAÇÔNICA “ATALAIA DO NORTE” foi fundada em 7-11-1898 por Dr. João Batista Galvão de Moura Lacerda, Francisco Delfino de Carvalho, Manuel Lopes Ferreira, Elias José de Oliveira, Laureano José Gomes, Cândido Dias de Carvalho Guimarães, Cel. João Lúcio Nunes, Augusto Edmundo Moojen, Ricardo Von Borowski. Foram membros da Loja, entre outros: Cel. Maximiliano de Almeida, José Castellano, Alfredo Dias de Moraes, Alberto Marques Berthier, Brasileiro da Costa e Silva. Atualmente a Loja “Atalaia do Norte”, que sedia a 5ª Zona Maçônica congregando 17 municípios, tem como Veraneável o Dr. Cezar Muliterno e como Delegado Regional o sr. Ênio Muliterno.

CENTRO SOCIAL SÃO JOSÉ, na Vila Operária e na Vila São José, construído sob a coordenação do Frei Raymundo Simoneto, foi solenemente inaugurado em 12-11-1978. O terreno foi doado pela Prefeitura Municipal e a construção do salão-capela contou com a colaboração do Deputado Federal Carlos Alberto Chiarelli, que contribuiu com 20 mil cruzeiros, e da comunidade em geral, em número de 82 famílias e entidades.

CLUBE 15 DE NOVEMBRO, na Vila Nunes.

INDUSTRIA E COMÉRCIO EM 1981

ASSOCIAÇÃO COMERCIAL E INDUSTRIAL, fundada em 29-6-1938, declarada de Utilidade Pública pela Lei Municipal nº 2013, de 6-12-1968, filiada à Federação das Associações Comerciais do Rio G. do Sul, tem atualmente a seguinte diretoria, empossada em 10-8-1979: Dr. José Antônio de Andrade (pres.), Renan F. Zanin (vice), Henrique Finger (2ºvice), Aldoir Nepomuceno (secretário), Romeu Bresolin (2ºsecretário), Dr. Ivo Bassani (tesoureiro), Nady Maria Castellano (2ºtesoureiro). Conselho Fiscal: Dr. Cersi Andreani, Mário M. Barreto, Adelino Oro, João Nelson Spode, Valdecir Durante, Rodial F. Guadagnin, Vilson Giulioli. Dr. João Pereira Neto



(consultor jurídico), Júlio César Bonotto (delegado distrital), Dr. Zeferino Bones (suplente).

O Distrito Industrial, criado pela administração do Prefeito Municipal Dr. Milton José Stella, em 1973, abriga em 1981 oito importantes empresas, tendo-se instalado por primeiro:

MÓVEIS RODIAL LTDA. de Rodial Francisco Guadagnin (diretor presidente), Heitor Trevisol (diretor industrial), João Guadagnin (supervisor). A firma possui como contador Ivan Trevisol, Chefe de Vendas Ademir Trevisol, do setor de contabilidade Zultemir Casassola e chefe do departamento de pessoal, Sereno César Rech. Conta com 174 operários. Fabrica mensalmente cerca de três mil conjuntos de dormitórios em estilo altamente sofisticado, exportando para quase todos os Estados do Brasil, inclusive Amazonas, devendo ainda neste ano atingir o mercado internacional a partir do Uruguai e Chile. Dispõe de cinco caminhões e mais duas carretas freiteiras exclusivas e um ônibus para transporte gratuito dos operários. Com um capital em 1972 de dez milhões de cruzeiros, em 1981 de 50 milhões, ocupa uma área de 16.000 m². Sua associação esportiva situa-se entre as mais conceituadas e atuantes da cidade.

Rodial Francisco Guadagnin, o fundador da empresa, nasceu em Nova Prata a 9-3-1940, transferindo-se para Ciríaco com 13 anos, iniciando ali sua profissão no setor de marcenaria. Em 1960 transferiu-se para Lagoa Vermelha, empregando-se na fábrica de móveis de Elpídio Carlos Michel. Em 1967 associou-se com Edgar Luís Stefani fundando a firma Móveis Mobilar. O prédio próprio, junto à av. Afonso Pena, incendiou em 5-5-1971, recebendo então apoio do Dr. Manoel Vieira da Fonseca, Prefeito Municipal, do Frei Humberto e do Frei Brás, que muito auxiliaram, animando-o a continuar atuando no ramo industrial, alugando o antigo prédio do Clube Lagoense, de propriedade dos Padres Capuchinhos. Em 1974 instalava-se no Distrito Industrial, já com a atual razão social. A empresa dispõe de dois reflorestamento em Cruzaltinha e Ciríaco. O

grupo Rodial possui ainda a empresa “Agropastoril Rodial Ltda.” com 450 hectares, situada no distrito de Clemente Argolo e “Máquinas Industriais Rodial Ltda.”, sucessor de Otto Heinech & Cia Ltda. Em 1980 participou da FENAVEM (Feira Nacional de Móveis) no Parque Ibirapuera em São Paulo.

BONOTTO S.A. Madeiras e Compensados, de Júlio Cesar Bonotto e dos filhos: Valmor Bernardo, Valtuir Ângelo, Gaspar José, Adhemar Antônio e Vitor André e mais Vilmar Agostinho Durante. Conta com Cersi Spanholi (diretor comercial), Érico Roman (setor de compras), Eronildes Rigon (diretor de vendas), tendo ainda no escritório: Paulo Roberto Rodrigues Borges, Gino Roberto Paes e Solange Maria Bonotto. A firma possui um capital de 42.500.000,00. Exporta seus produtos para todos os Estados do Brasil, com exceção de Amazonas, Amapá e Rondônia, atingindo neste ano do centenário o mercado exterior.

A empresa iniciou suas atividades em 2-1-1961 como firma individual de Júlio César Bonotto e um capital de 800 cruzeiros. Em 2-1-1969 passou a Bonotto Filhos & Cia Ltda.. A firma atual surgiu em 4-7-1978 com um capital de 14 milhões de cruzeiros, sendo atualmente de 42.500.000,00: Júlio César Bonotto é o diretor presidente, sendo o Dr. Adhemar Antônio Bonotto o superintendente. A firma produz chapas de compensados, que representam 47% do faturamento, portas. 26%; madeiras brutas, 19%; madeiras beneficiadas em geral, 2,6%; revenda de material de construção, 3%. A empresa possui 25 imóveis, reflorestamentos e na Área Industrial um terreno de 66.700 m².

Júlio César Bonotto, natural de Garibaldi, depois de trabalhar em vários municípios gaúchos e catarinenses, transferiu-se para cá em 1946, trabalhando como motorista de Ceni&Bonotto, de José Ceni e de seu irmão Atílio Bonotto. De 1951 a 1959 trabalhou por conta própria como freteiro. A seguir dedicou-se à triticultura, sendo ainda o pioneiro de transporte coletivo regular entre Porto Alegre e nosso município. Em 1959 iniciava sua atividade de

madeireiro, montando a serraria de “Bonotto & Marchiori Ltda.”. Em 1916 adquiriu as quotas do sócio, transformando a empresa em firma pessoal.

ESTOFADOS SPODE LTDA. de João Nelson Spode (diretor presidente), Leopoldo Spode (departamento de compras), Volmar Spode (diretor comercial) e Antônio Germano Spode (diretor industrial). Fábrica estofados em alto estilo numa média mensal 1.800 conjuntos, que são exportados para vários Estados do Brasil e para o Paraguai. Dispõe de 160 funcionários, tendo como contador Manuel Francisco Guimarães e modelista Celso Ramos, funcionário pioneiro da firma Celso Propício da Silva. Possui cinco caminhões próprios e dois freteiros exclusivos. Instalou-se no Distrito Industrial em 1976. Atualmente encontra-se em vias de conclusão um almoxarifado para depósito de matéria prima, numa área de 700 m², medindo 35 x 20 metros. Possui filial em Porto Alegre. A Associação Atlético Spode sagrou-se campeã da cidade neste ano de 1981, disputando o campeonato de 1980.

Os Irmãos Spode, filhos de Otomar Germano Spode e de Lúcia Rodrigues Spode, vieram órfãos de pai de Passo Fundo em 1958. João Nelson, o fundador da empresa, principiou trabalhando de empregado na fábrica de móveis de Elpídio Carlos Michel em 1958, passando depois a trabalhar na fábrica de Rodial Guadagnin. Em 1966 constituiu firma fiscal na reforma de estofados. Em 1974 formou-se a atual razão social, de propriedade dos quatro Irmãos Spode, sendo uma das empresas mais conceituadas na região no seu ramo. João Nelson Spode é atualmente o presidente do Lions Clube.

METALMAB - Metalúrgica Martinazzo & Bassani Ltda., de Demétrio Martinazzo, Honorino Bassani e Integral Construções Comércio Ltda., sucessor da Serralheria Martinazzo, fundada em 1964, tendo transformado a razão social em 1974, quando se transferiu para o Distrito Industrial. Diretor Técnico, Demétrio Martinazzo; Diretor administrativo, Honorino Bassani; contador

Roberto Dalle Molle; auxiliar de escritório, Leda Martinazzo. A firma fabrica aberturas metálicas, estruturas e berços metálicos, que são exportados para diversos municípios. O fundador, Demétrio Martinazzo, reside em Lagoa Vermelha há 16 anos, dando valiosa contribuição ao município. A Metalmab ocupa atualmente 40 operários.

ARCITEC - Artefatos de Cimento e Material de Construção Ltda., de Romeu Bresolin e Irajá Candeia, firma que em 1979 sucedeu a João Fortuna. A firma constrói também casas pré-fabricadas. Seus produtos são absorvidos nos municípios da Grande Lagoa Vermelha e região do Nordeste do Estado.

PASQUALI, FINGER & CIA LTDA., de Henrique Finger (diretor presidente), Leonildo Pasquali (diretor industrial), Catarina Pasquali e Antônio Argenta. Contador, Élio Paris e Rosa Maria Pasquali (auxiliar de escritório). A firma, que dispõe de 58 operários, fabrica mensalmente cerca de 2.000 beliches e 1.500 camas, que são exportados para S. Paulo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio G. do Sul. A empresa iniciou suas atividades no bairro Petrópolis, transferindo-se para o Distrito Industrial em 1976. Para transportar seus produtos, dispõe de três caminhões próprios.

KOCH OLARIA, de Henrique Koch, fundada em 1979, instalando-se no Distrito Industrial, fabrica diariamente 10.000 tijolos comuns e 8.000 de seis furos. Conta com 12 operários, dois caminhões e 4 fornos.

MADALOZZO S.A. - Indústria e Comércio de Gaspareto Madalozzo, Ivo Seganfredo, Valdomiro Onofre, Clodomar Ferreira, César Madalozzo, Carlos Augusto Madalozzo, Luiz Carlos Aliprandini, Lodovino Golo e outros; opera com serraria, fábrica de caixas, dois Postos revendedores de gasolina Esso (Tigre), lancheria, borracharia, transportadora, comércio e representações de peças Mercedes e Fiat. É proprietária do grande edifício da firma Tarumã e Casa Cruzeiro.



José Madalozzo nasceu em Antônio Prado em 1904, transferiu-se para Erechim em 1922, com os Irmãos Giacomio e João; em 1925 formaram a firma madeireira Miorando & Cia, a seguir Madeireira Sartori Ltda. e em 1932 G. Madalozzo & Cia Ltda. José transferiu-se para cá em 1945, como gerente da filial de G. Madalozzo S.A. Indústria e Comércio, sendo aqui inaugurada em 1947, como Agência Dodge. Em 1958 tornou-se concessionário da Mercedes Benz, CBT, Valmet, Toyota e Tobata. Em 1964 mudou a razão social para Comércio de Veículos e Pertences Madalozzo S.A. Em 1965 nova razão - Indústria e Comércio S.A. José Madalozzo, que faleceu em 1968, foi um líder da comunidade vermelhense, salientando-se sobre tudo por colaboração em atividades assistenciais e religiosas.

VIÚVA ATÍLIO BONOTTO (1899-1960); D. Zelinda Ceni, irmã de José Ceni, casou (1923) com Atílio Bonotto, natural de Garibaldi, havendo iniciado sua vida como viajante comercial. Foi comerciante durante 18 anos, associando-se depois a José Ceni com indústria e comércio de madeira, instalando-se com serraria no Campo do Meio e em São Luís de Caseiros. A seguir montou serraria e fábrica de caixas na cidade. Dotado de excelente tino comercial e grande dinamismo, tornou-se um dos maiores industrialistas e comerciantes do ramo. Veio a morrer com apenas 61 anos, deixando as filhas: Nídia c.c. Fiorindo Tramontini, que foi assassinado; Júlia c.c. Dr. Antônio Luiz Zaffari; Maria c.c. Vilson Giuliolli, Luíza c.c. Guilherme Comiran; Dra. Ondina c.c. Dr. Heraldo Tavares Neves (Belém do Pará); Alzira c.c. Adriano Botelho Machado; Lourdes c.c. Jesus Noé Vieira da Cunha; Maria Salete c.c. Adilson Morbini. D. Zelinda, além de continuar a indústria madeireira do esposo, agora juntamente com o genro Adilson, possui várias granjas do soja, colhendo anualmente cerca de 15 mil sacos do cereal.

EUGÊNIO CAETANO ALLEGRETTI transferiu-se de Erechim em 1941. Depois de trabalhar de empregado, estabeleceu-

se com serraria em 1943, no Faxinal dos índios em parceria com o Cel. Libório Pimentel, em seguida com José Garcez de Andrade, passando depois para Esmeralda com Laureano Duarte. Em 1965 estabelecia-se com indústria madeireira na Vila Nunes, em nossa cidade. Em 1970 implantou fábrica de casas pré-fabricadas “Alegre Lar”. Em 1974 adquiriu da CEEE a Usina do Posto no rio Inhandava, onde instalou fábrica de celulose fibra curta. Em 1981 continua com fábrica de beneficiamento de madeiras na Vila Nunes. Líder da comunidade lagoense, exerceu numerosas atividades sociais e assistenciais, entre elas: Presidente da Associação Industrial e Comercial por vários períodos; Presidente do Clube Comercial, da Ser. Lagoense; fundador da Sociedade de São Vicente de Paulo; Presidente do Serviço de Proteção ao Crédito; do Rotary Club; do Club de Diretores Lojistas; fundador do Partido Democrata Cristão, tendo sido presidente do diretório regional e membro do Diretório da ARENA. Seus filhos Clewis e Alceu residem em Marabá, junto à rodovia transamazônica, estabelecidos com indústria madeireira e fábrica de aberturas; a filha Inelves, professora, c.c. Dr. Antônio Vernando Duarte, reside em Vacaria.

FERRI FILHOS & Cia Ltda., de Carlos Orozimbo Ferri, Dr. Germano Ferri (diretor comercial), Gabriel Ferri (diretor de compras e vendas) e Geraldo Ferri. Oficina mecânica autorizada da General Motor; revendedores de Perkins, Motoserra Alpina, retificadora de motores para Lagoa Vermelha, Vacaria, Bom Jesus, Nova Prata e Esmeralda, além de toda a Grande Lagoa Vermelha; Posto Ipiranga, carro-guincho, chapeação, pintura, loja de peças e acessórios. Carlos Ferri transferiu-se para cá de Espumoso em 1956, estabelecendo-se com oficina mecânica com os irmãos Andrighi (Vitili e Vivaldino). Em 28-11-1956 formou-se a atual razão social.

INTEGRAL Construções e Comércio Ltda., sucessora de Comercial e Construtora Mendes Capri, de Dr. Ivo Bassani (diretor administrativo), Vítório Luiz Capri (diretor executivo), Dr. José Carlos Mendes (diretor técnico). Possui um capital de 30 milhões de



Cruzeiros, entre seus numerosos funcionários, destacam-se: Zelmo Mesquita Vieira (contador), Carlos Alberto Ranghetti (gerente geral de vendas), Mário Martins Meteiros (supervisor técnico), Adroaldo Paim de Mesquita e Paulo Mantovani (gerente de pessoal). É subsidiária da Metalrab, possuindo filiais em Vacaria, Sananduva, Lagoa Vermelha.

A empresa foi fundada em 1969 pelo Dr. José Carlos Mendes e Vitório Capri. Este, anteriormente, com Olívio Zanella, iniciou sua atividade em Paim Filho, onde construiu o suntuoso Santuário, de tijolo à vista. Em 1964 associava-se ao sr. Vitório Capri o Dr. Ivo Bassani. A firma, que dispõe de várias lojas de material de construção, vem executando centenas de obras nos Estados sulinos.

Destacam-se os prédios da CRT de Lagoa Vermelha e Marau, Estações de Micro-ondas da CRT de Serafina Correia, São Valentim, Aratiba, Marau, Paim Filho; Caixa Econômica Estadual de Getúlio Vargas, Centro Urbano de Bento Gonçalves, Vacaria e Passo Fundo; Escola Estadual “Francisco Argenta” de L. Vermelha, Escola Agrícola de Concórdia, Escola Estadual Desidério Finamor de L. Vermelha, Grupo Escolar Casemiro de Abreu (Caseiros), Grupo Escolar Prof. Evangelista Saraiva (Vila Gentil), Grupo Escolar Trajano Machado (Vila Oliveira), Pavilhão dos Esportes “Adolfo Stella”, Igreja Matriz de Santo Antônio, Condomínio Integral 1, Prefeitura de Sananduva, Armazéns Graneleiros das Cooperativas de Ibirairaras, Sananduva e São José do Ouro; Centro de Pesquisas de Suínos de Concórdia. Entre as centenas de casas residenciais, salientam-se a do Dr. Ivo Bassani e Rui Cunha, de Arquitetura avançada.

A. V. DE CARVALHO & CIA LTDA. dos Irmãos Avelino, Adelar, Amantino, Alfredo, Alberto e José Vieira de Carvalho, fabricantes de casas de alvenaria e casas pré-fabricadas, esquadrias, aplainados em geral, e loja de material de construção. Fundada em 1978 a empresa construiu centenas de casas nesta

cidade. Caxias do Sul, Gramado. Canela, Santa Maria e outras cidades. Com dois prédios, encontra-se instalada no local da antiga igreja matriz de Santo Antônio, na Vila Nunes. Levi Baccin é seu contador.

CENI & CIA LTDA. da viúva José Ceni, Mário Moraes Barreto, Gabriel Ferri, Caetano Peluso e Ione Ceni Amarante; Madeireira, fábrica de celulose e de papelão, agricultura, pecuária e armazém. A firma dispõe de 3.300 hectares de terras, 1.400 cabeças de gado, mais de 30 mil pinheiros de corte, dois reflorestamentos, granjas de soja, milho e trigo mourisco, com cinco tratores e duas ceifadeiras-automotrizes, 4 caminhões, possui ações da empresa Alfred de Kalil Sebbe, Serramalte, De Marchi Argenta, da Companhia de Seguros Santa Cruz (sócio fundador), do Frigorífico Lagoense (sócio fundador) 65 famílias de seus funcionários dependem da firma.

JOSÉ CENI nasceu em Garibaldi a 12-3-1913, casou em Getúlio Vargas com Rosa Albertina Costa em 11-2-1933 e faleceu no Hospital São Paulo desta cidade no dia 21-5-1981, deixando as filhas: Miriam Lourdes c.c. Mário Moraes Barreto, Solange Maria c.c. Gabriel Ferri, Theresinha c.c. Caetano Peluso e Ione Santina c.c. Juvêncio Amarante; e os netos: Paulo Ricardo, José Mário, Ângela Cristina, Roberto, Joadalberto, Luiz Eduardo, Luciana, Cláudia, Silvana, Fernanda, Fabiano e Laura. Com 9 anos de idade transferiu-se com os pais e irmãos para Sertão, mudando-se em 1934 para Coxilha, em 1954 para Pelotas e em 1959 para Lagoa Vermelha. Iniciou sua vida trabalhando de ajudante de arrasto. De manhã muito cedo saía de pés descalços a pegar os bois, choramingando e rezando para que um dia pudesse mandar e não apenas ser mandado. Trabalhava das 4 da manhã até às 10 da noite. Kursou apenas a 1ª série do ginásio do colégio Conceição de Passo Fundo, interrompendo os estudos por falta de condições financeiras. Casando estabeleceu-se com casa comercial, tornando-se sócio de Atilio Bobotto, seu cunhado, tendo ainda feito sociedade



com outro cunhado, Júlio Oliveira (Oliveira & Cia). Operando com indústria e comércio de madeira em Coxilha na firma Bonotto Ceni & Cia, fundou filiais em Lagoa Vermelha e Pelotas. Incendiando-se a matriz de Coxilha, passou a gerenciar a filial de Pelotas, comercializando madeiras e material de construção. Transferindo-se para Lagoa Vermelha, fundou várias empresas, como Bonotto Tramontini (Esmeralda), Madeireira Ceni Ltda. (Canoas), Bonotto Comiran... Em 1962, com a morte do cunhado Atilio Bonotto (com quem poderia formar uma das maiores empresas do Estado), constituiu nova razão social Ceni & Cia Ltda. Muito religioso, pertencia ao Apostolado da Oração, foi padrinho do lançamento de numerosas pedras fundamentais de igrejas e escolas, auxiliava a pobreza, tendo sempre a maior consideração para com seus funcionários, aos quais todos os anos festejava com missa, churrasco e presentes. A grande fortuna que herdou aos seus descendentes foi fruto de seu trabalho dinâmico e metódico, do seu espírito de poupança, que incutia nos seus subordinados. Não frequentava as rodas da sociedade, preferindo entreter-se com a família e seus operários, a quem não deixava de pedir conselhos. Tinha em vista planos arrojados, como fundar uma usina própria, havendo para tanto adquirido uma queda de 50 metros de altura no rio Bernardo José, no Barracão. Pretendia fundar uma fábrica de papel higiênico. Preocupado em nada esbanjar, aproveitava os galhos de pinheiros derrubados para a fábrica de celulose em Pelotas, surgindo daí a ideia da fundação de uma fábrica do ramo, junto ao Lajeado dos Ivos, local que eletrificou e transformou em belo povoado. Criatura humana altamente conceituada, teve um funeral concorridíssimo, justa homenagem da população lagoense pela sua admirável obra aqui realizada.

AMADEO SCALABRIN & CIA LTDA., grande loja de ferragens, material de construção, eletrodomésticos, louças, pratarias, cristais, cerâmicas. Amadeo Scalabrin, nascido em Caxias do Sul a 24-7-1907, c.c. Marina Zanella, deslocou-se para cá em

1932, iniciando suas atividades comerciais na Casa de Pasto ou Pouso dos Tropeiros do seu tio Raimundo Salomoni, na atual chácara dos Roman, transportando madeira com carreta de mulas. Em 1935 por um conto de réis adquiriu o bar (ao lado da Casa Dolzan) de propriedade de Manuel Ribas (conhecido por Manuel Roliço ou Manuel sem braços, por não possuí-los, exercendo assim mesmo sua profissão, auxiliado com os pés, com que vendia, servia bebida, escrevia, fritava ovos, tudo com admirável habilidade). A seu lado funcionava a loja de Isac Lewgoi, pai de nove filhos, sendo que José, antes de se tornar o famoso ator cinematográfico de hoje, iniciava aqui sua arte.

Amadeo em 1935 vendeu o velho boteco a Adão Rodrigues da Silva, que em 8-6-1938 assassinou a esposa, suicidando-se em seguida. Por 4.000\$000 Amadeo adquiriu a esquina da Av. Afonso Pena com a rua Paim Filho, onde hoje se ergue o prédio de sua propriedade, alugado à Casa Luci. Estabeleceu-se aqui com armazém de secos e molhados, iniciando o setor de ferragens em 1940. Em 26-10-1946 violento incêndio irrompeu na Casa Boaretto, destruindo sete casas, entre elas a oficina de Aníbal Colla e a Loja Scalabrin, perdendo 70% da existência. Em 1937 construiu prédio de alvenaria. Em 1963 iniciou a construção do moderno edifício Marina. Em 1949 registrava a firma individual, com um capital de 200 contos de réis. Em 1953 formou uma sociedade (Amadeo Scalabrin, Gentil Gazolla e Ângelo Primo Caon), com 500 mil cruzeiros de capital, passando para um milhão em 1975, quando entrou de sócio o genro Firmino Rovani. Com a morte do genro Gentil Gazolla c.c. a professora Corina Scalabrin, a firma, absorvendo os netos Dr. Idelso e Dr. Elizabeth, assumiu a razão Social atual. Honorina Scalabrin Rovani dirige o escritório de contabilidade, auxiliada durante anos por Damasceno Schenato.

CASA DOLZAN de Vitório Dolzan, loja e posto de lavagem de carros, recorda toda a numerosa e ilustre família DOLZAN, descendente dos imigrantes italianos Caetano Dolzan (1873-1945) e

Fiorinda Merlo Dolzan (1874-1959), que se estabeleceram em Bento Gonçalves, daí para Veranópolis e Sananduva, mudando-se para cá em 1940. Antes, entretanto, os filhos Guilherme e Pedro abriram a Casa Dolzan, que durante muitos anos foi a mais importante do município. Destruída duas vezes por incêndio, reergueu-se sempre mais pujante. A seguir, Guilherme se estabeleceu por conta própria sendo o pioneiro em Supermercados. Por fim, Pedro desligou-se da Casa Dolzan, para dedicar-se exclusivamente à lavoura mecanizada, sendo um dos pioneiros no setor e hoje, com os filhos Dr. Paulo, Antônio Carlos e Sílvia, um dos maiores granjeiros do município, além de vigoroso pecuarista. Vitório, sócio da antiga Casa Dolzan, continua a tradição comercial da família, além de dedicar-se também à agricultura e pecuária.

CASA ELITE DE IRMÃOS COMIRAN de Guilherme e Orlando Comiran, sucessores de Bonotto Comiran & Cia Ltda. (1950), nova razão em 1958, loja de tecidos, ferragens, louças, magazine, pecuária e agricultura. Filhos de Guilherme Pelegrino Comiran e Vitória Dolzan Comiran, os irmãos Guilherme e Orlando perderam o pai em 26-11-1925 com apenas 28 anos de idade. Durante 12 anos trabalharam com Dolzan & Boaretto, a seguir com Irmãos Dolzan. Guilherme c.c. Luíza Bonotto tem os filhos: Dr. João Carlos (médico cardiologista), Dr. Paulo (médico veterinário), Dra. Marisa (odontóloga), Dr. Jaime (médico) e Marco Antônio (estudante universitário). Orlando c.c. Clície da Costa e Silva, tem os filhos: Dra. Nanete Comiran Brescianini e Ângela (engenharia química).

CASAS PERNAMBUCANAS encontram-se em 1981 sob a gerência de Jorge Camargo Cardoso, assessorado pelos funcionários: Sidnei Matana, Celso Rech da Silva, Genoar Barreto do Amaral, Paulo Rogério Pinto, Marili Covatti Borges, Ayrton Gilberto Lauermann, Ângela Maria Baratto, Jorge Luiz Guimarães Vieira, Elza de F.C. da Silva, Luiz F.G. Hoffmann, Evori Soares de Lima, Jorge Luiz Saraiva, Ivete Nunes de Lima, Dorildes de Lima e Cleusa Marli Crestani.

LOJAS COLOMBO, instaladas em 1972, tem como gerente desde 1978 José Jorge Bandeira; funcionários: Vera Fappi Seben, João Paiz, Dário Ribas, João Manoel dos Santos, Adriana Muliterno Domingues, Sílvia de Fátima Amarante, Luiz Paulo Ranghetti, Antônio Felisberto Nunes Hoffmann, Benildo Dall’Agnol, Augusto Melo, João Maria Rodrigues da Silva e Maria Esaida Minusculin.

LOJAS GRAZZIOTIN, instaladas no prédio do antigo Cineteatro Guairacá, foram solenemente inauguradas em 31-1-1979, tendo como 1º gerente Sidney Ruffo Motta, e atualmente Mogar Machado Oliveira, assessorado por: Alvício José Teles, Joel Antunes da Silva, Soeli Fortuna, Nara Dal Lago, João Norival da Silva, Moacir Teles de Freitas, Domingos Tumelero, Adelar Scheidt, Pedro Soares de Lima e Almeri Finger.

ANDRIGHI E CIA LTDA. de Vivaldino Antério Andrighi, fábrica de engrenagens, semieixos, entalhados, coroas, pinhões, peças e acessórios. Possui filial em Brasília, para onde deverá transferir a matriz.

TARUMÃ comércio de máquinas e implementos, de Francisco Romualdo Ludwig, sucessor de Darcélio Brito e ledo João Costamilan; revendedor dos tratores CBT e máquinas Newholland; Rogério Lisca (contador), Carlos Carlotto (departamento de vendas) e Henrique Lima do Carmo (auxiliar de escritório).

FUNDIFERRO FUNDIÇÃO DE FERRO LTDA., instalada em 1949, filial de nova Prata, revendedores FORD, tem na direção Edyr Carlos Cerri, um dos principais proprietários, juntamente com espólio Ernesto Cerri, espólio Reynaldo Cherubini, Gelson Clemente Rigo, Delmo Cherubini; Chefe de Mecânica: Nelci Busin; Chapeação, Orestes Deliz Moraes; departamento de peças, Clóvis Graff, além de 30 funcionários. Departamento de Consórcio Ford, Geraldo Cerri.

MÁQUINAS E IMPLEMENTOS AGRÍCOLAS LAGOA LTDA., revendedores Massey-Fergusson e Perkins, de Nilo Peruzzo e



Maurício Piola, sucessores de Pagnoncelli & Scalabrin, revendedores Internacional. Dispõe de 30 operários, sendo contador Celso Zago, chefe de oficina mecânica Amaro Nery, chefe de vendas Everton Tochetto, gerente de peças Pedro Aliprandini. A firma vendeu na região mais de 900 tratores e máquinas Massey-Ferguson. Possui loja e posto de gasolina ESSO.

ELIO DALAZEN & CIA LTDA., concessionária SLC - colheitadeiras, tratores, implementos, adubos e inseticidas para a Grande Lagoa Vermelha, com filial em Vacaria.

ITACIR MEZZON - agricultura, comércio e representações. Compra e vende cereais e produtos alimentícios. Comercializa sobretudo soja e trigo mourisco. Chefe de escritório Carlos Della Valle e Nereu Pereira Damasceno.

HILTON GARCEZ - Agricultura, Indústria e Comércio, fundada em 1962, a primeira empresa industrializada a exportar para o mercado internacional, vendendo, sobretudo soja trigo mourisco e erva-mate marca "Machadinho". Países importadores dessa erva-mate: Argentina, Uruguai e Chile desde 1967. Produz e exporta para o exterior anualmente um milhão de quilos de erva-mate; comércio interno para os Estados do Sul e Pará: 300 mil quilos por ano.

AUTO COMERCIAL PAJÉ - revendedores Volkswagen, de Dr. Idacir Rech (Prefeito de Ibiraiaras) e Antônio Maria Rech. Contador, Carlos Antônio Roman; chefe da oficina mecânica, Raimundo Mendes de Melo; chefe de chapeação e pintura, Altair Giacomoni. A empresa dispõe ao todo de 23 funcionários.

CORELL - Comércio e Representações Lagoense Ltda., de Dr. Fileto Jaymer Cirino. Comercializa produtos agrícolas, máquinas, adubos, defensivos agrícolas. Funcionários: Dr. José Fernandes Nicolodi, Sérgio Luiz Cirino Kern, Luiz Carlos Roman. Empresa fundada em 12-7-1968.

MADECHIES S.A., filial de Caxias do Sul, instalada 1970, tendo como 1º gerente Racy Chiles, falecido, seguido de Gentil Chies, falecido tragicamente em São Marcos a 28-3-1979, juntamente com o filho Ademar, estudante universitário. A firma encontra-se sob a supervisão da viúva Alice Prevedi Chies, descendente de Abramo Eberle, de Caxias do Sul. Gerente: Alberto Zanin, assessorado por Ademir Chies, Ivo Barreto da Costa e Luiz César. 37 operários.

BOLESLAU ZAMECKI - madeira e pecuária, instalada no local da antiga Madeireira SIBISA. Depois de operar em grande escala no setor madeireiro de outros municípios, estabeleceu-se no Barracão e daí para Lagoa Vermelha. Escritório de contabilidade a cargo de Vivaldino do Prado e Pedro Ferreira.

MADEIREIRA CIRINO, de Euclides Cirino dos Santos, há anos estabelecido na vila de Caseiros. Seu filho VILSON ROBERTO CIRINO estabeleceu-se com serraria na cidade em 1981.

SMANIOTTO CIA LTDA. de Artur Bernardes Smaniotto - madeireira (Vila Oliveira), iniciou atividades no ramo em 1960 em S. José do Ouro, Esmeralda, Clemente Argolo, estabelecendo-se aqui em 1979.

MADEIREIRA de Ruy Selbach Barreto, estabelecida na cidade. MADEIREIRA de Albino Vegher, nas proximidades do Lajeado dos Ivos.

ELCIDES J. BRUN - revendedor Brahma, estabelecido aqui em 1960, havendo iniciado atividades como fabricante de gasosa em Santa Tereza, Bento Gonçalves, sua terra natal, transferindo-se para Sananduva, operando no ramo. Chefe do setor de vendas, Marino Brun.

COMÉRCIO DE BEBIDAS SCALABRIN LTDA. de Biguayr Scalabrin e Valdir Scalabrin, sucessores de Nazareno Scalabrin, que aqui se estabeleceu em 1939 com engarrafamento de bebidas na



av. Afonso Pena, esquina Paim Filho, tendo falecido em 1970. Biguayr Scalabrin junto com Hélio Gerevini é proprietário da TRANSPORTES SCALABRINI, fundada em 1978.

FRANCISCON & CIA LTDA., de Antônio Franciscon, revendedor de bebidas em geral, exclusivo da Serramalte e Pepsicola, estabelecido em 1968.

SUPERMERCADOS: COMOZATTO de Máximo Comozatto & Filhos, grandemente ampliado em 1979. SUPERMERCADOS SACY de Zanin Comércio de Produtos Alimentícios de Alberto Zanin, Renan Francisco Zanin e Álvaro Vilmar Zanin; o 1º na av. Afonso Pena, inaugurado em 1-7-1969; o 2º na Praça Alberto Pasqualini, com grande solenidade e promoções, em 25-4-1980. SUPERMERCADO CORAL de Brollo & Berthier (1970). Belmiro Brollo, natural do Estado do Rio de Janeiro, transferiu-se para Sananduva e daí para cá, estabelecendo-se com sucessivas casas comerciais na cidade e em Clemente Argolo. SUPERMERCADO da CAMILA, sucessor do armazém dos associados da Cooperativa. O MERCADOR de João Batista Pereira (1980).

SANSON & FILHOS LTDA., sucessores de Giordani Sanson, comércio de peças e acessórios, posto Ipiranga de álcool e gasolina, de Ângelo Sanson, Adail Francisco Sanson, Ivete Maria Sanson Guimarães; auxiliar de escritório, Júlio César Machado Paim; chefe de oficina, Segundo Fappi, há mais de 30 anos.

OFICINAS MECÂNICAS: SBERSE & FILHO, de Ondino e Altair Sberse, oficina mecânica e posto assistencial Fiat, sucessores de Simplício Schütz. GERMANO, de Delfino Germano Fortuna (1963). Irmãos WEBBER de José Antônio e Antônio Maman Webber (1973). Chapeação e Pintura de Eduardo Leite (1972). Chapeação e Pintura de Natal Lugobon (1972). Oficina RECH, conserto de radiadores de Alceno Almo Rech (1948) que fez funcionar o 1º gerador da Rádio Cacique. Auto Elétrica PORTH de Lorivaldo Porth - conserto e comércio de baterias (1970). Elio Martins Pedroso & Cia



Ltda., de Valdir Manfroi, conserto e venda de baterias (1976). Of. mecânica, chapeação e pintura de FRANCISCO DE ASSIS E SILVA (Vila Oliveira) 1963; ROSA LUNARDI, chapeação e pintura de Arnaldo Rosa e Jaime Lunardi; Oficina de Reforma de Máquinas de Luiz Colla, sucessor do seu pai Aníbal Colla, que durante vários decênios manteve importante oficina mecânica; GIABOESKI & CIA LTDA; Luiz BRUNETTO (1960); FORMIGA, chapeação e pintura de Ângelo Formighieri; Auto Elétrica XIRU alternador de motores de partida de João Gomes de Almeida; Fábrica Carrocerias de Avelino Nodari (1963); RENOVADORA LAGOENSE de Ademir Pagnussat e Otávio Ditadi (1973); Arlindo BORTOLINI Oficina mecânica (1973); ELETRO-REFRIGERAÇÃO AR-FRIO, assistência técnica em condicionadores de ar e geladeiras, de Antônio Hoffelder (1978). Posto Elétrico Vitili de Vitili Andrighi (1974): Oficina Mecânica de Arlindo Bortolini.

POSTOS DE GASOLINA - Petrobrás “ Abastecedora Lagoense Ltda.” de Honorino Furlan, que veio de Antônio Prado em 1951, borracharia, lubrificação e oficina; Posto Atlantic da INTEGRAL; Porto Tigre e Esso (Madalozzo); Posto TEXACO Auto Guairacá Ltda. (borracharia e lavagem) de André Francisco Cordeiro e Nadir Dall’Agnol; Posto SHELL de Valdecir Durante (borracharia, lubrificação e lavagem); Posto Ipiranga (Ferri); Posto Ipiranga (Sanson); Posto PONTEIO (Petrobrás) de Arlindo Fracasso, com borracharia, lavagem e lancharia; Posto PETROBRÁS de Augusto Pomatti (Caseiros); Posto Petrobrás de Honorino Furlan; Posto ESSO (Peruzzo).

BORRACHARIAS - Além das que funcionam junto aos postos do gasolina e oficinas mecânicas, registramos a Borracharia Gaúcha de Eduardo Santos (78); de Olívio Teles do Carmo; de Mário Loregian e Nívio Brum de Andrade (80).

Outros ARMAZÉNS E BARES: Comercial Dal Lago, de Vilson Dal Lago (1973); Darci Rodrigues de Paula (1977), na Vila Gentil; Alcides Cardoso (Vila Gentil); PÁSSARO AZUL de Ilário

Genoatto (1976); VALDEMAR de Valdemar Cechin (1980); CAPELÃO de Benjamin Tonial (Vila Nunes - 1976); José Rodrigues de Almeida (Vila Rodrigues 1975); Osílio Lovison (Vila Rodrigues - 1974); ALMEIDA de Cleusa de Lourdes Almeida (Vila Rodrigues - 1970); PALITO de Abelar Flores de MATOS (V. Rodrigues - 1970); CASSOL de Rivaldo Cassol (V. Nunes - 1970); TREVO de Maria de Ons da Silva (V. Rodrigues -1979); Minimercado LEMOS de Otávio Dors (1977); Eloi Bertoldi (1979); SÃO PEDRO de Domingos Valdomiro Carvalho (V. Oliveira - 1981); QUADROS de Leonel Rodrigues de Quadros (V. Oliveira - 1981); Viúva de Diniz Dutra (Barretos); Ernani Gargioni (Barretos); FERRETI de Vilson Ferreti (1979); Traquilo Zanin (1970); STEDILE de Laurindo Stedile (1948); GLÓRIA de Balduíno Cavagnolli (1965); Adir RECH (1976); Danilo ZANCAN (1947); João Maria Correia da Silva (1980); COMERCIAL GRITTI (Vila Gaúcha 1968); SÃO JORGE de Vanda Sousa de Lima (V. Gaúcha - 1981); Maria Oro Rech (1962); BIODARSENIO de Levino Ribeiro Fialho (1974); CACIMBA de Natalino Trez (1980); DICO de Henrique Maria de Carvalho (1966); CANARO de Francisco Alves Padilha (1962); NICOLODI de Atenaide Nicolodi (1940); Odorico Pereira Nepomuceno (1945); Amélia Machado de Castro (1978); ESTRELA de Hermes Valliatti (1972); Dall’Agnol de Danilo Dall’Agnol (1971); Mercado AVENIDA de Alfredo Anzolin (1963); Café COLORADO de Elias Bittencourt Ruas (1981); CÂNDIDA Fruteira de Clotário Anzolin (1980); PAVÃO de Grazziotin e Pazzetti Ltda., de Ismael Grazziotin e Ambrósio Pazzetti; Fruteira de Isidoro Pereira Hoffmann (1977); VIALI de Laurindo Viali & Filhos (60), REAL de João Valiatti; Ivanir Mezzomo (78); Alberto Soares de Oliveira (72); Érico Bachi e Silva; Hélio dos Santos Lima (76); Dametto de Laurindo Dametto; Morona de Altivo Morona (77); Abraminho Marini (70); Fruteira e Fruticultura de Adolfo Vicente de Sousa; Anildo Borges de Souza; Armazém RAMOS de Altamiro Pereira Ramos e Idília Terezinha Reche Ramos; Adi Zanin (74); Júlio Corrêa da Silva (trailer-cachorrão). Pensão PIARDI de Antônio Piardi, que se transferiu de Clemente Argolo.



OUTRAS FÁBRICAS Móveis de Gomercindo MANETE (quartos e cozinhas, fábrica e loja). Móveis AMANTEA de Teimo Amantea (76). Oficina de Móveis (sob encomenda) de Ademar Braghioroli (72). Oficina de Esquadrias MENEGAZ de Avelino Menegaz (52). Fábrica de Aplainados de Guilherme Menegaz (52). Estofados Gobatto de Pedro Luiz Gobatto. Estofados DAL CASTELLI. Irmãos BIANCHIN Ltda., fábrica de aberturas, de Orli e Orlando Bianchin, sucessores de Antônio Bianchin, falecido em 10-12-1978. Fábrica de Surdinas PARIZZOTO de Armando e Ademar, sucessores de Serralheria Parizzoto. Fábrica de Móveis de Arlindo GRUBER (52). Fábrica de Vassouras de Albino PELLEGRINI (81). Estofaria e Sapataria MUNDIAL de Teresinha Andrade Guedes (78). Fábrica de Colchões GUADAGNIN e PAGNUSSAT (76). Funilaria de Danilo DAL'AGNESE (58). Casa das Flores de Laura Mendes. Sirlei Polachini (Careca) - Ferro Velho e Guincho. Oficina de encanador de Virgilo POLLO, que iniciou sua atividade como funileiro na década de 1940.

Outras CASAS COMERCIAIS Casa TAMOIO (loja e armazém) de Olívio Pedro Biasi, contador, pecuarista e granjeiro. CASA GURI de Mohamad Hayeff Makki (1970). FEIRA PAULISTA, loja de confecções e calçados, de Arafat Othomar (1972). SAPATOLÂNDIA de Gamal Nasser Selman, comércio de calçados e confecções (1980). Agência central de empregos de Jair Cirino Rodrigues (1980). CASA PARIS de Abdel Raouf El Azear. GRADISCOS de Decir Hoffmann Favretto e Sandra Favretto, fundada por Eroni Maria Bianchin, comércio de discos e fitas (1974). Agropecuária QUATRO TENTOS DE Valdemar Rodrigues, vacinas, adubos, sal, sementes, medicamentos, rações (1980) TESSARO de Sebastião Tessaro (1976). DIONÍSIO SLAVIERO, material de construção, com nova loja em construção, av. Benjamin Constant esquina Paim Filho. Cinderela confecções, miudezas, de Zeni Cavassola (1979). Comercial Lagoense de Bebidas de Arno FILIPPINI (1981). Loja STEDILE de Stedile & Filhos, sucessores de



Inês Stedile & Cia Ltda. (1973). Atelier ADRIANA, moda masculina e feminina, de Antônio Lourenço dos Santos. JÓIA CAR de Enecir Spolti e Dirceu Bordin, comércio de automóveis, garagem e estacionamento (1973), auxiliar João Antônio Costa. Depósito Lagoense de Vacinas anti-aftosa de Valdemar Joaquim Rodrigues (1965). LUCI MODAS de Cármen Luci Gobbato Vieira de Carvalho (1964). Picolés e Sorvetes de Artêmio RIBICKI (1970). Lojas BECKER (Eletrônica) de Zeno Becker, o pioneiro em TV em Lagoa Vermelha, técnico da Rádio Cacique durante dez anos, havendo montado a Rádio Fátima em 1950. Iniciou as atividades em 1948 no porão da velha igreja 1969 associou-se ao irmão Ivo Becker. Comercial VIEIRA de Newton Sérgio Iovino Vieira - comércio e representações (1977). Depósito de Meias Fortaleza Ltda. de Kamel Salman (1979), atacado. Gráfica e Livraria IVOMARA de Ivone Dutra Guarezi. Livraria LIDER de Claudionor Tomazzini, em casa própria desde 1981. GRÁFICA LAGOENSE e IMPRESSORA PIANALTO Ltda. de Antônio Aldemiro Lenzi e Antônio Luiz Costa, livraria e editora, responsável por numerosas obras editadas na região, em grande atividade desde 1951. CASA OMEGA de Vilson Giuliolli (1955). Comercial Elétrica SABOSA - materiais elétricos, de Ricardo Ghidini, Ademir Antônio Barazzetti, Valduíno Sorgatto de Oliveira, João Moacir R. da Silva, Sady Munaretti e Francisco Zapparoli (1981). Lojas VOLPATO LTDA. Comércio e Representações, filial de Ciríaco, gerente Moacir Volpato, máquinas agrícolas, móveis e eletrodomésticos, instalada em 13-4-1981 na antiga Loja Guáira. Móveis POPULAR (loja) de Hélio João Grudzinski (1978). VIDRAÇARIA LAGOENSE de Oélito Baldi Rodrigues e Nédio Roberto Atolini (1978). Lojas ANDREÓLIO de João Carlos Chiesa - calçados e confecções - filial de Veranópolis. DIRCEU ROSA DA SILVA - máquinas de escrever, móveis e calçados (1977). CASA DAS BICICLETAS de Giovanni Lima. CASA AGROPECUÁRIA Casa Verde de José Alaor Franklin da Silva (39). BAZAR POPULAR de Constantino GRAVOS, João Francisco Heinech e Zoitsa Heinech. ANATEX de Ana Gavros e Zoitsa G. Heinech - 3 lojas, varejo e



atacado. CASA SÃO PAULO - tecidos, calçados, confecções - atacado e varejo de Tail Salman (68). Casa do FUMO de Adão C. Ribeiro. AUTO LAGOA VERMELHA LTDA. de Armando Lenzi (Moacir), operando há 30 anos. Casa FALKENBACK de João Francisco D. Falkenback (herdeiros) falecido em 17-5-1981. PINK - Casa das Flores - de Teresa da Rosa. Casa Funerária CAMPANA de Vitório Campana e Filho. Casa Funerária S. Francisco (filial) e Casa Funerária Cogo, filial de Passo Fundo. Quitanda de FEFEU de Alfeu L. de Lemos (1980). VALTER - Modas masculinas de Valter Valiatti. Cataventos Hidráulicos HEINECH de Romeu Heinech. Torrefação e moagem de Café PASE & Cia Ltda. de João Roberto Pase, sucessores de Piloni e Francisco Argenta. Casa Comercial DONDÉ de Lodi Dondé (1981). Lavanderia EDEL de Luiz Fernando Garcez sob a gerência de Solange Garcez Alves. PADARIA O PÃO de Franklin Oro & Cia Ltda. (1977). PADARIA PEDROTTI de José Pedrotti. PONEAGRO - Porteira Negócios Agropecuários Ltda. de Dr. Oscar Menna Barreto Grau, comércio de fertilizantes e remate de gado, representante dos adubos Trevo, assistência veterinária, sob a gerência de Enio Klein. CASA CRUZEIRO de Nelson Cavichioli (1968). Gersi Moretti (bijuteria - 1981). CASA DAS CARNES e Minimercado de Djalma da Silva Prestes (81). Mônica Modas de Rita Rosa Reche(1976).

ESCRITÓRIOS DE CONTABILIDADE E DESPACHANTES - João Pereira Bozza e Artidônio Dutra. Salomão Júlio TAIBA (Cont. representações e seguros). EXACTUS (cont. e advocacia) de Dr. Sinclair e Dr. Gidione Bombassaro. Valdevino Monteiro da Silva (1968). VISÃO de Bruno Bittencourt, Neusa Piloni Tochetto e Albina Piloni Campetti. Hilário CAMPETTI (desp. de Trânsito), auxiliares: Ivanir Mignoni, Miguel Ângelo Guerreiro da Silva, Maria Lúcia Marini, Cleusa Gollo Bittencourt e Rogério Gollo. Vanderlei Piva de Melo (despachante - 1977). NERY ADAMY e Eulo Tochetto (1941). OLIVEIRA de Walter Rodrigues de Oliveira (1979). FERREIRA de Pedro Ferreira, Paulo Roberto de Melo e Leston Ferreira (1950).



Avelino Ribeiro. Dr. Zeferino BONES, auxiliares: José Luiz Appio, Osmar Getúlio Appio e Luiz Henrique Bones. TITULAR de Paulo Melo (despachante). Carlos Nepomuceno. João Batista de Carvalho. Aloar Franklin da Silva. Organizações Contábeis FENIX de Volnei Ranghetti. CENTRAL de Rodolfo Cirino Rodrigues. DINÂMICO de Sérgio Bassani-CONTEC - Organizações Contábeis Ltda. e Imobiliária de Armando Cervo, Erli Giacomelli, Edson Luiz Fogaça e Eva Dall'Asta Fogaça.

RELOJOARIAS - MUNDIAL de Solundi Pinotti (1947). ALVORADA de Setembrino Alves Valente (1966). MEZZOMO de Osvaldo Antônio Mezzomo (1969). LAVINA de Arlindo A. Salvadori (1954). SAFIRA de Gelson Antônio Gomes de Oliveira, fundada em 1960 por Antônio Paim de Oliveira, falecido em 1-10-1980. Strapazzon de Valter e Jairo Strapazzon (1976).

BARBEARIAS E CABELEREIROS - FERREIRA de Olavo Ferreira (1977). Salão MACHADO de Oldengar Mesquita Machado (1944). AVENIDA de Pedro José dos Santos (1960). NEI CABELEREIRO de Nei José Subtil Godinho (1978). Jovita Pimentel de Andrade (1971). Dumas Damiano de Oliveira (1957). Arlindo Tafarel Leondina Hoffmann. Ari Égide Ribeiro. Valdomiro Teles Pilar. Elisa Vezzaro Frezza.

AÇOUGUES - Evaldo dos Santos (1975). Mário Machado (1979). Avelino Pedrotti. CENTRAL DE Ivo Lemos de Oliveira, sucessor de Titon (1980).

ALFAIATES - Clarinda Alves Machado (1972). Braz Tercílio Favretto. Luciano Donatto (1953). Cláudio Grigol. Valter Valiatti. Sérgio Morello (1972). VERANA de Sildo Peruzzo (78). Alaídes Carvalho Godinho (costureira -1970).

CALÇADOS - SEMPRE VIVA, fábrica e loja, do Dr. José Antônio de Andrade, que exporta sandálias para os Estados Unidos. NOVA SAPATARIA DO CHICO, fábrica e loja, de Francisco Godinho da Silva (1945). Sapataria SERRANA de Darcy A. Müller (1968).

EMANUELA CALÇADOS e Confecções de Manoel Gehlen Lacerda (1981). CASA DAS BOTAS de Paulo Aliprandini (1980). Consertaria de Calçados de ORIDES GONÇALVES de Ávila (1967). Sapataria DALLA ZEN de Luiz N. Dalla Zen (1969). CASA DOS CALÇADOS de Antônio Alves da Cunha. CASA LIAMAR de Bellio Oliveira (1965). PASSO CERTO de Salman e Azear Ltda. (1979). LOJA GAÚCHA, calçados e roupas feitas, filial da Casa Paris. Concerto de Calçados de Nicanor Pereira dos Santos. Selaria ZULIANELLO, calçados e artefatos de couro, de Guilherme Zulianello (1970).

HOTÉIS - HOTEL ORO, de Adelino Oro, 1ª parte inaugurada em 14-4-1978, com 24 apartamentos; 2ª parte inaugurada em junho de 1981, com 15 apartamentos. NOVO HOTEL, fundado em 1949 por José Bertelli e Alípio Fernandes, hoje de Maria R.B. Bertelli & Cia Ltda., filhos Leunice, Euler José, Nelita Cármem Bertelli c.c. Dr. Hércules José Pereira, Eleonice Bertelli e seu esposo Laerte Antônio Kramer; 47 quartos e apartamentos. HOTEL REAL de Hermínio e Vivaldo Cavagnoli, sucessores de Severino Sanson (1962), com 17 quartos. HOTEL STEDILE, de Stedile Filhos Ltda., inaugurado em 1973, tem 15 apartamentos e 4 quartos. HOTEL LAGOA, de propriedade Victor, Algacyr Bigarella & Cia Ltda. alugado a Volmir Pacheco, 16 apartamentos e 8 quartos (1980).

RESTAURANTES E LANCHERIAS - KANDIERO de Iracy Camozzato, anexo ao Clube Comercial. Churrascaria e Dormitório SANTO ANTÔNIO de Olívio Teles do Carmo (69). Restaurante e Churrascaria CASARIN de Kirmes Casarin (52). Lancheria QUADROS de Natal Rebech (81). Restaurante ALEXTERS de Alexandre Silvestrin (71). BELISCÃO de Antenor Luiz Tomazzoni (81). COPERSUCAR de Helvina F. Guarezzi (79). Lancheria AMIGA de Valdemar Dias da Silva & Cia Ltda. BOM GOSTO de Lodi Dondé (76). KIKÃO de Pedro Paulo Oliveira. Lancheria do MÁRIO Loregian. VARGAS (restaurante, Bar e Dormitório) de Antônio Carlos Vargas (74). MATE AMARGO de Zamarchi & Filho (77). MACHADO de Domingos José Machado (58). BITTENCOURT de Anselmo Luiz



Bittencourt Ltda. (Estação Rodoviária). AMIZADE de Miguel Ribick (72). MINUANO de Djalma Prestes (81). Lancheria ORO de Adelino Oro, anexa ao Hotel Oro.

OFICINAS DE RÁDIO E TV - João Nereu Vieira Nery. Oficina Radio técnica de Carlos Souza Iglesias (1960). Rádio Elétrica TUPI de Delmar Alves Pinho (1963). Eletrônica LAGOENSE de Ubirajara Hoffmann Figueiredo. VIDEOKYT de João César Alves Moreira (1973).

TÁXIS - Avelino Della Valle (1960). Amantino Hoffmann de Lima. Osmar Neri da Silva. Orlando Severo. Moacir Dias de Moraes (1951). André Renato Lourenço de Lima (1981). Cláudio Agnaldo de Lima Dias (1948). Neri Ramos (1970). Idílio Baggio (1966). João Carlos Nery. Romi Rodimar Ribeiro de Godói. Florentino Borges da Cruz. Ivo de Lorenzi. Hortêncio Teles Xavier. Remy Tavares de Godói. Arcelino Moreira Bueno. João Xavier Malowski. Benvenuto Matos. Névio Souza (4 carros). Sílvio José da Costa. Severino Pretto (1978).

ESCRITÓRIOS DE ENGENHARIA ESCALA - Engenharia e Comércio Ltda. de Vilmar Antônio Stedile, Valmor Chiochetta e Genor Chiochetta, Roselen Bozza (auxiliar de escritório), José Paulo do Amaral (desenhista) e Jair Dalle Molle (contador); executa cerca de 12 projetos por mês, atendendo a região. JIRAU Arquitetura e Construções de Melo Machado Berthier Ltda. de Luciano Ubiratan Machado Berthier e Paulo Armando Nunes Mello (arquiteto), Augusto Celso Machado (diretor administrativo), João Lúcio Nunes (desenhista) e Marli Teresinha Moreira de Oliveira (secretária). BENITO Emílio ARGENTA e Flávio Castellano Neto, assessorado por Edgar Pedro Argenta, responsável pelo Loteamento Petrópolis e granja. ROMEU BRESOLIN (projetista decorador), José Carlos MONDADORI (arquiteto) e Elenise Gonçalves Moreira (desenhista).

JURILEX - Escritório de Advocacia: Dr. Carlos Lafourcade Estrela, Dr. Rui M. Godinho, Dr. Antônio Alceu Adami, Rosibel

Candeia (secretária) e Irajá Candeia (secretário).

CLUBE DE DIRETORES LOJISTAS - fundado em 1970, teve como 1º presidente Eugênio Caetano Alegretti. A atual diretoria (1981) está assim constituída: Elio Moreira de Souza (presidente), Oswaldo Mezzomo (vice), João Carlos Chiesa (secretário), Germano Ferri (tesoureiro); Relações Públicas: Sidney Ruffo Motta, Jorge Cardoso (diretor sem pasta), Júlio Dolzan (pres. SPC), Constantino Gavros (Vice (SPC). Jorge Cardoso eleito presidem em 1981.

AGÊNCIAS LOTÉRICAS - Loteria Federal: Pery Guimarães e Ernesto Emílio Lange (Lange & Guimarães Ltda.). Loteria Estadual: Oribe Mello, sucessor de Álvaro Nunes, tendo sido o 1º agente João Batista de Melo. Loteria Esportiva: Irmãos Dolzan de Rogério Caetano Dolzan (1975). No dia 27-5-1981, fazendo parte das comemorações do Centenário do Município, a Loteria Federal realizou o sorteio em Lagoa Vermelha, saindo o 1º prêmio para o número 20.862.

TRANSPORTES - Empresa de Transportes Lagoense de Joventino Colussi (1944), a única empresa de transporte coletivo estabelecida no município. Escritório da Transportadora Santa Rosa a cargo de Lino Sanson, Escritório da Transportadora Santa Rosa, a cargo de Aldo Leusin. Transporte de Bovinos: Alfredo Tavares da Luz, Mário Casarin, Jaime Melo, Joaquim Amarante.

FOTÓGRAFOS - Sebastião Rosa (aposentado), Foto Líder Color de Jair Cirino Rodrigues (1975), Foto 2001 de João Batista de Carvalho (1978), foto Izamar de Izamiro Scalabrin (1960), Foto Arco-Íris de Edelmi Soares de Lima (1980), Foto Artes de Nicolau Bacha e Nelson Ribeiro, Foto Stúdio Moderno de Primo Koch e de José Koch, os fotógrafos do Centenário, cujas fotos dos festejos do Centenário ilustram estas páginas.



FESTEJOS DO CENTENÁRIO

A Comissão Central do Centenário, sob a presidência do Dr. Cezar Muliterno, programou vasta relação de promoções abrangendo todos os meses do ano de 1981, visando festejar condignamente os cem anos da criação definitiva do município.

O CORAL CENTENÁRIO foi fundado em 8.4.1980, com a presença do professor Antônio Carlos Cunha e com apoio da Prefeitura Municipal. A 1ª diretoria foi assim constituída: Nely Pinto Lacerda (pres.), Ir. Rosa Ledy Molon (vice), Beatriz Bica Scalabrin (secretária), Lenara Sanson (2ª secretária), Valda Dias de Moraes (tesoureiro). Conselho: Older Rigon, Lília Maria Acunha Rigon, José Carlos Vieira (Prefeito), Dr. Cezar Muliterno, Dr. Ruy Godinho, Ir. Neli Menosso, Ir. Maria da Paz, Ir. Madalena Perondi, Ilza Maria Dinarte, Ir. Geni Benetti.

Em 13-6-1980, nos estúdios da Rádio Cacique, o Coral gravou o hino do Centenário, com um grupo formado por: Major Mário Garcia (autor da música do hino), Neli Lacerda, Frei Maurílio Parizzotto, Orlando Ranghetti, Franklin de Barros Pinto, Prof. Antônio Carlos Cunha (maestro), João Salatiel Pinto, Mário Muraro, João Ligório Alves, Ir. Margarida Sganzerla, Ir. Geni Benetti, Anita Berthier, Ir. Rosa Ledy Molon, Ana Maria Capri, Zeli Bearzi, Deni Cavassolla, Bartira Bittencourt, Maria de Lourdes Muliterno, Corina Scalabrin Gazolla, Ilza Maria Dinarte, Neusa Sanson, Lenara Sanson, Valda Maria de Moraes, Keny Pinto, Oscar dos Reis, Rute Rosa, Antônio Brasil de Oliveira, Ivone Ferreira, Eloá Trein, Lourdes Vieira, Bento Martins, Aquiles Solano, Deonildo Pasquali e Jonas Araújo (técnico da gravação).

HINO DO CENTENÁRIO

Letra de João Pantaleão Gonçalves
Leite

música do Major Mário

Garcia
(ganhadores do
concurso)

Lagoa Vermelha
Dos poentes multicores,
Campos bordados de flores,
Repletos de pinheirais.
Lagoa Vermelha,
Minha vida, esperança,
Vento calmo que balança
Os cachos louros dos trigais.

Estrilho:

Tua água encanta,
Um povo lendário,
Feliz, hoje canta
O teu centenário.

Lagoa Vermelha,
Linda serrana sem luxo,
Berço nobre do gaúcho,
Rincão da hospitalidade;
Lagoa Vermelha,
Tuas glórias permanecem
Entre laços que guarnecem
O teu símbolo de amizade.

Lagoa Vermelha,
Minha cidade do Sul,
Princesa do céu azul
Num trono bem verdejante;
Lagoa Vermelha
Tuas coxilhas e planuras
Dão belezas de molduras
À visão do caminhante.

Juntamente com o concurso do Hino, foi escolhido o Selo do Centenário, que deveria servir de selo postal, o que, entretanto, não



chegou a acontecer, tendo sido aprovado pela Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos apenas o carimbo postal. Entre 33 desenhos apresentados, foi aprovado o de autoria de Adriano Luiz Candeia Donin, desenho que ilustra a capa deste livro.

As comemorações do Centenário tiveram início no dia 10 de janeiro, 9º aniversário da fundação do jornal GAZETA POPULAR. Oficialmente, com a presença do Vice-Governador do Estado, Deputados Federais e estaduais, todos os Prefeitos da região, os festejos foram inaugurados com a realização do V Rodeio Crioulo Nacional. A seguir, nos dias 13,14 e 15 de fevereiro, na vila de André da Rocha, teve lugar o V Rodeio Crioulo Internacional. Dias 28 de fevereiro a 3 de março, Carnaval do Centenário, promovido pelo Comtur e entidades sociais.

No mês de março, nos dias 10 e 11, Primeira Feira de Ovinos, promoção do Sindicato Rural, no Parque das Exposições. Dia 13, inauguração das escolas municipais Júlio Bittencourt, José Cirino Rodrigues, Assis Brasil, José Ribeiro, D. Pedro I. Dias 14 e 15 disputa do 1º Grande Prêmio de Petiços, na cancha do Jockey Clube. Dia 21 programação da Rádio Fátima, com participação dos historiadores. No mesmo dia, 3ª reunião do Lions Clube. A noite, grande baile na Sociedade Esportiva e Recreativa Lagoense, com eleição da Rainha do Centenário na pessoa de Isaura Telles, sendo princesas: Maria Ondina Gilioli, Maria Helena Ribeiro e Elenise Maria Fontana.

Dia 12 de abril, soleníssima promoção do Rotary Club, celebrando o Jubileu de Prata de sua fundação, tendo contado com a presença do Chefe da Casa Civil, Dr. Augusto Borges Berthier, representante do Governador Estadual, Dr. Augusto Amaral de Souza, Dia 17, sexta-feira santa, a comunidade de Santo Antônio, sob a coordenação de Frei Camilo Bordignon, encenou diante da Matriz a Paixão e Morte de Cristo, com a presença de cerca de cinco mil pessoas, que haviam tomado parte na procissão da Matriz de São Paulo até à de Santo Antônio; espetáculo digno de registro,

em que tudo foi admirável: cenários, encarnação, acompanhamento musical, narração, mensagens cristãs.

Dia 8 de maio, O Governador do Estado, Dr. Augusto Amaral de Souza, participou das comemorações do Centenário acompanhado dos Secretários: Dr. Augusto Borges Berthier (Chefe da Casa Civil), Dr. Augusto Trein (do Trabalho e Ação Social), Dr. Leônidas Ribas (da Educação), Dr. Romeo Ramos (de Minas e Energia), Dr. Baltazar de Bem e Canto (da Agricultura). Por volta de 9 horas, foi inaugurado o novo prédio do Grupo Escolar Casemiro de Abreu de Caseiros. A seguir, a eletrificação rural de São Luís de Caseiros, quando falou o Dr. Romeo Ramos. Às 11 horas, inauguração do Obelisco do Centenário, discursando o Dr. Cezar Muliterno e o Dr. Aramis Garcez (da Secretaria do Turismo). O Governador decerrou a placa, que traz os dizeres: “1881-1981 - Neste monumento o testemunho de cem anos de lutas, glórias e trabalho do povo lagoense. Lagoa Vermelha, 10 de maio de 1981”:

Ao meio-dia, no galpão do CTG Alexandre Pato foi servido o Churrasco do Centenário, durante o qual o Governador Amaral de Souza, em vibrante discurso, prometeu atender às reivindicações do povo lagoense, entre outras, a implantação de dois projetos PROMORAR através da Cohab, posto de resfriamento de leite, asfaltamento da BR-470... De tarde o Governador concedeu audiência na Câmara Municipal. Visitou as obras do Centro Social Urbano. À noite aconteceu o Baile de Gala com a apresentação da Rainha e Princesas do Centenário. No dia 9, no Clube Lagoense, um baile a passeio.

No dia 10, data do Centenário, às 10 horas, Ato Cívico-Militar de compromisso à Bandeira dos cidadãos dispensados de incorporação ao Exército Nacional, promoção da Delegacia do Serviço Militar, quando discursaram a Prof. Izete da Costa Moura e o Prefeito Municipal, sr. José Carlos Vieira. A tarde, desfile de carros alegóricos a cargo de escolas, indústria e comércio, perante grande multidão de pessoas. À noite, no centro da cidade, um belo

espetáculo pirotécnico (fogos de artifícios), seguido da sessão solene na Câmara Municipal, com a presença do Coral do Centenário, quando foi feito o lançamento do carimbo comemorativo. Dias 20 e 21 o Sindicato Rural realizou a IV Feira da Novilha.

No dia 26, a Rádio Cacique, comemorando 33 anos de fundação, inaugurou o retrato do 1º diretor da emissora, sr. Walter Correia da Silva. Ao meio-dia churrasco no galpão do CTG, quando falaram o Dr. Cezar Muliterno, em nome do poder executivo; o sr. Pedro Maciel Bueno, em nome do poder legislativo; o Dr. Ivo Bassani, em nome da Associação Industrial e Comercial, e o Frei Huberto Mattana, diretor da Rádio, que, agradecendo a colaboração das empresas anunciantes, autoridades e povo em geral, historiou as atividades da emissora durante os 33 anos de existência. À noite, a Rádio Cacique promoveu um baile no Clube Lagoense, animado pelo conjunto Santa Paula.

Dia 27 a Caixa Econômica Federal efetuou aqui o sorteio da Loteria Federal, em comemoração do jubileu de ouro do município. No mês de maio foi também lançado o concurso “Crônicas de Lagoa Vermelha”, promoção da Gazeta Popular. No dia 27 a Maçonaria “Atalaia do Norte” homenageou L. Vermelha com sessão solene, com palestra do historiador Demétrio Dias de Moraes.

Durante todos os meses restantes, haverá promoções festivas e culturais salientando-se a Semana da Cultura em novembro, quando são lançados vários livros, entre os quais “Chão de Infância” de Ovídio Chaves, “Rosa Vita” de Jovita Esquina e “Ainda há flores no meu Caminho” do Dr. Moacir Danilo Rodrigues; está programada a presença do Ministro da Educação e Cultura, Gal. Rubens Carlos Ludwig, filho de Lagoa Vermelha.



A LEI AQUI É O REVÓLVER

Como acontece muitas vezes em regiões de pioneirismo colonizador, Lagoa Vermelha foi igualmente cenário sangrento de peleias e crimes, conforme ficou largamente evidenciado ao longo destas páginas.

Uma palavra atrevida, um desaforo, uma ofensa pessoal, uma traição passional, tinha como resposta imediata um tiro de pistola e, mais recentemente, de revólver, quando não uma facada. Vingança era lei sagrada, ninguém ousava transgredir.

Velha herança dos bandeirantes, do tropeirismo sulino, das guerras contra os castelhanos, da Guerra dos Farrapos, da Revolução de 1893, o espírito altivo e aventureiro dos pioneiros lagoenses tingiu de sangue a lomba das coxilhas, o chão empoeirado dos galpões e as paredes de velhos salões esfumaçados.

Reuniões em dia de carreirada ou em noite de baile, ofereciam bela ocasião de entabular o tiroteio.

Como exemplo aí vai um caso real, presenciado pelo pai do meu colega, o professor Érico da Costa.

- Papai, - pedia o filho - conte uma história. Conte a história dos irmãos Camargo. Conte de novo aquela briga do papai. Como foi mesmo que aconteceu?

- Foi assim, meu filho. Num sábado de tarde, encilhei meu baio. Montei a cavalo e galopei pelo campo. Atravessei o capão de soberbos pinhais, cujas grimas gemiam ao sopro do vento serrano. Bandos de papagaios faziam uma algazarra tremenda. Que prazer sentia eu naquele ambiente impregnado do forte odor da resina do pinhalão!

O baio sabia de cor as voltas do caminho e ia me levando à

fazenda do Pedro Rodrigues, enquanto meu pensamento voava para a sombra das laranjeiras, onde um meigo rostinho de menina estaria certamente à minha espera. Era a Ritinha, o meu primeiro amor. Uma encantadora garota que andou perturbando o sono de meus rivais, os irmãos Camargo.

Ao chegar à fazenda, ela veio ao meu encontro, abrindo-me a porteira. Amarrei o cavalo e fui sentar à sombra, onde me esperava um bom chimarrão, junto com Pedro e D. Luísa.

- Veio preparado para o baile? - perguntou Seu Pedro.

- Tem baile hoje, Seu Pedro?

- Tem, na casa do Seu Miguel. E quer saber de uma coisa?

- O quê? - perguntei curioso.

- Os irmãos Camargo estarão lá.

- Mesmo? - perguntei, pondo à mão na cintura, para me certificar da presença da faca e do revólver.

- Pode se preparar, José, que a briga vai ser hoje. Eles andam morrendo de vontade de se vingar da derrota que lhes aplicaste, roubando-lhe o amor de minha filha.

- Não tenho medo. Estou armado de faca e revólver.

De noite, a Ritinha e seu pai me acompanharam à casa do Seu Miguel, em cuja sala a acordeona roncava. O baile correu sem incidentes até por volta da meia noite.

Eu notei logo algo de estranho que iria acontecer. Os meus rivais lá estavam e volta e meia fuzilavam uns olhares na minha direção.

Foi quando organizaram uma “meia canha”. Depois de algumas trovas, chegou a vez de um dos meus rivais. Foi ao centro do salão, olhou fixamente para mim e encontrou, com voz potente:

Gauchada amiga,
Prendas do meu rincão,
Hoje alguém vai dançar
Na ponta do meu facão.

Muitos bateram palmas, gritando: Muito bem! Muito Bem! A acordeona voltou a tocar e o baile recomeçou. Em seguida a gaita silenciou, e o outro rival, olhando para mim, bateu com força as botas no soalho, fazendo retinir as esporas. Ganhou o centro da sala e abriu o peito:

Hoje alguém vai dançar
Comigo logo depois;
Trago seu nome escrito
No cano do trinta e dois.

Palmas, gritos, sapateados, festejaram a arrojada provocação, que me fez ferver o sangue.

O baile prosseguiu ainda mais animado. Quando o chote terminou, eu, deixando a Rita ao lado do pai, fui ao centro. Lancei um olhar alucinante para meus provocadores e declamei com vigor:

Conversa tem a galinha,
Papo tem o galo;
Se hoje eu cair da égua,



Nunca mais eu monto a cavalo.

O resto se passou num instante. Parecia que um raio tivesse fulminando a casa. Quando vi, estávamos no salão só eu e os dois irmãos Camargo. Atirei-me ao chão, no momento em que uma saraivada de balas passava assobiando por cima de minha cabeça.

Mas ao cair, eu já estava respondendo ao fogo. Acertei em cheio num deles, que tombou, enquanto o outro continuava atirando.

Logo senti como um ferro em brasa penetrando-me o braço esquerdo. Antes de perder os sentidos, dei mais duas vezes ao gatilho. Ouvi um forte gemido e tudo escureceu...

Quando recuperei os sentidos, vi aquele rostinho de anjo banhado de lágrimas. Vendo-me voltar à vida, atirou-se aos meus braços, chorando de alegria.

Eu havia recebido uma bala no braço e outra me raspou a nuca, provocando-me o desmaio.

Os dois rivais jaziam estirados sobre o soalho, um varado por duas balas e outro por uma no coração. Duas mortes que ficaram famosas nas histórias de galpão.

E foi assim, meu filho, que conquistei definitivamente o coração de tua mãe, no tempo em que a lei aqui era um bom revólver e muita coragem, que nunca faltava a um bom lagoense.

★ ★ ★

Os originais desta obra estavam para entrar no prelo, quando, no dia 2-6-1981, ocorreu um crime que abalou a população e provocou um caso inédito, de extrema curiosidade, talvez único no Brasil. Nas proximidades do Posto Tigre e da Vila Rodrigues, em Lagoa Vermelha, fora encontrado o corpo de uma jovem, que a polícia julgou tratar-se de Juçara de Fátima Assunção, filha de

Fidêncio Moreira de Assunção e Setembrina Barbosa de Assunção, moradores na Vila Rodrigues.

No necrotério, a mãe, levada pelo inspetor de polícia, reconheceu sua filha na pessoa da defunta. Eslaque vermelho, blusa listrada, casaco azul, correntinha no pescoço, anel no dedo e uma cicatriz num pé. Tudo, tudo indicava tratar-se de Juçara, de 16 anos, que se encontrava em Caxias do Sul.

O corpo foi velado entre lágrimas da família. No dia seguinte, após missa de corpo presente na Matriz de Santo Antônio, foi sepultado no Cemitério Municipal.

Entretanto, os policiais, indo a Caxias do Sul, em busca de informações acerca do autor do crime, tiveram a maior surpresa da vida: encontraram Juçara dançando numa boate!...

Trazida para Lagoa Vermelha no dia após o enterro, Juçara causava à família e à população o maior assombro imaginável, aliado à imensa alegria dos pais e irmãos, vendo “retornar à vida” aquela jovem que havia sido velada e sepultada.

A moça assassinada, vestindo casualmente a mesma roupa, possuindo todos os indícios identificáveis de Juçara, era Zelinda Aguiar de Oliveira, de 22 anos, que residia em Farrapos, distrito de Tupanci, São José do Ouro, para onde, depois de exumado, foi seu corpo trasladado e dado novamente à sepultura.

O criminoso, Gomercindo Moreira, de 21 anos, viciado em tóxicos, tendo vivido alguns meses com Zelinda, que agora trabalhava em nossa cidade, depois de breve separação, tratou de se encontrar de novo com a jovem. Tomou então conhecimento de que ele estava sendo traído. Depois de beber bastante, saiu com Zelinda. Encontrando-se em lugar deserto, a uns 500 metros da BR-285, Gomercindo, depois de discutir, passou uma rasteira em Zelinda, estrangulando-a em seguida com a cinta e, por fim, esfacelou-lhe a cabeça com uma pedra.



JOÃO JORGE MOOJEN

Entre os fundadores de Lagoa Vermelha, paulistas de origem lusa, destaca-se um pioneiro nascido na Inglaterra, antepassado de vários milhares de lagoenses ou filhos de lagoenses - João Jorge Moojen, que era conhecido por Dr. João Inglês.

Sua biografia e sua numerosa descendência, que se aproxima de 3.000, encontram-se em seu diário, nas pesquisas de Waldemar Luís de Holleben e num trabalho do historiador Ruben Neis, publicado no “Correio do Povo” de 17-8-1975.

A primeira parte do seu diário foi escrita em inglês e traduzida por uma de suas descendentes, Maria Tereza Chaves Custódio, filha do jornalista Hamilton Chaves. A segunda parte, de 1848 até 1880, foi escrita em nosso idioma.

O seu diário é talvez o único documento extraoficial acerca dos pioneiros que fundaram Lagoa Vermelha. Contém uma riqueza notável de datas, nomes de pessoas e lugares, uma vez que a vida de João Jorge Moojen se cifra numa contínua viagem, até que se fixou definitivamente em Lagoa Vermelha. Pode-se dizer que ele viveu viajando.

O diário não esclarece o objetivo de tantas viagens. Entretanto, deduz-se tratar-se de atividade comercial, pois mais de uma vez declara que vendeu bem em várias localidades. Além disso, no dia 3-11-1842, o Ministro da Fazenda, Major Antônio Vicente da Fontoura, da República dos Farrapos, mandou que o coletor de São Gabriel sequestrasse e confiscasse as mercadorias do inglês João Jorge Moojen, acusado de contrabando. No entanto, o Cel. Domingos José de Almeida, ex-Ministro da Fazenda, entendeu estar ele inocente, o que deu lugar a questões com o general João Antônio, que era contra o inglês.



O certo é que, durante anos, João Jorge Moojen, acompanhou como tropeiro seus amigos, especialmente Francisco Inácio Ferreira (Chico Furriel), que se fixou no atual distrito de Clemente Argolo, conhecido por Estância Velha, onde João Jorge Moojen, antes de se transferir para a sede do município, residiu, sendo, por isso, a localidade conhecida por Vila dos Ingleses.

A sua primeira viagem ao Rio Grande do Sul (São Gabriel) ocorreu em 1841, em companhia de Simão Lopes de Estelita, Felipe José de Sousa e João Vieira, que se fixaram nos campos do atual município do Barracão.

De São Gabriel viajou para Cruz Alta em 1842 e daí para Alegrete. Em 1-3-1843 chegava ao sítio da Cerquinha, em Vacaria, tendo a seguir viajado para Castro e daí para Santos.

Em 21-2-1844 saiu outra vez de Castro para Sorocaba, em companhia do compadre Chico Furriel. Em 1844 viajou para Vacaria e Cruz Alta, passando pelo território do atual município de Lagoa Vermelha. Em 1845 desentendeu-se com sua esposa e o sogro, fazendo as pazes pouco mais tarde.

Em 25-6-1846 visitou seu irmão Guilherme, que veio a falecer em S. Paulo no dia 16 de junho daquele ano, dia de Nossa Senhora do Carmo, conforme ele declara, acrescentando: “Oh! possa ele dormir ao lado de Jesus! Oh! possa aquela tumba fria e silenciosa ser um leito rutilante para seu corpo enfraquecido e macilento. Possa sua alma preciosa e imortal ser levada pelos anjos para o paraíso celestial e alinhar-se com os espíritos dos homens juntos, que se tomaram perfeitos”.

Em 1849 estava outra vez em Vacaria, tendo em 19 de dezembro acompanhado o Pe. Cândido Lúcio de Almeida a Cima da Serra (S. Francisco de Paula). Em 1850 viajou de novo a Vacaria e Passo Fundo, junto com Chico Furriel. Em 14-3-1853, Aninha contraía matrimônio com Manuel Borges do Amaral no Pontão. Ambrosina Garcez casou em 12-10-1853 com João de Sousa Filho.



Fixou-se em Passo Fundo.

Em 6-9-1862 chegava em Lagoa Vermelha, de onde se transferiu para a Estância (Clemente Argolo) em 1-9-1865. Seu filho Ovídio viajou ao Paraná com Tristão José de Almeida. Em 9-4-1866 o Dr. João Jorge seguiu para a Guerra do Paraguai, como médico cirurgião do Exército, incorporado às forças organizadas pelo cunhado Francisco Inácio Ferreira. Em 14-1-1868, no acampamento de Aguapehy, no Paraguai, perdeu seu filho Ernesto Adalberto, de 19 anos, vítima de febre tifóide.

Em 24-12-1869 chegava de volta a Lagoa Vermelha, onde continuou a exercer a medicina, com grandes sentimentos humanitários, grangeando a estima de todo o Planalto riograndense. Faleceu aos 15-9-1895. Um ano depois, e 2-11-1889, falecia sua esposa Liduína Eufrásia Garcez, filha de Manuel Moreira Garcez e de Liduína Eufrásia de Almeida, com quem casara em 28-8-1837.

Conforme diz o seu diário, em 5-1-1872, seu filho médico Jorge Guilherme Moojen estabeleceu-se na Extrema, onde casou com uma filha de Inácio Manuel Velho. Em 1874 chegava a Lagoa Vermelha o CORONEL Joaquim Resende Correia de Lacerda, que casou com sua filha Maria Madalena Moojen.

Assinala o nascimento do cel. Maximiliano de Almeida a 20-5-1876, filho de Maria Luísa. Acerca das eleições em 1-10-1856, ele escreve: “Chico e Tristão tomaram carão nas eleições. Falhou a sagacidade esta vez”. Assinala a morte de Delfino Henriques de Carvalho em 28-11-1876, com 83 anos; e de Domiciano de Sousa Marques, em 4-12-1876. O Cel. Francisco Inácio Ferreira foi a Lagoa Vermelha para se tratar (era tuberculoso), mas regressou a Estância onde veio a falecer em 8-7-1878: “perda irreparável para todos nós... Homem generoso, mas o mais sagaz que tenho conhecido, sendo a adulação a mola mestra de todas as suas ações.”

Assinala ainda a morte de: Gaspar Padilha, em 16-11-1877;

Jorge Bueno Candeia, em 6-11-1878; Manuel Augusto de Sousa Néri Penteado em Campos Novos a 14-5-1878. Fala da grande seca dos primeiros meses de 1877; da enchente em 1878; das Missões em Lagoa Vermelha em agosto de 1878. Refere a morte de Adão Schel em Passo Fundo a 28-8-1878, “deixando no mundo o dinheiro e o orgulho; este certamente não levou; a terra lhe seja leve”. Em 12-9-1878 falecia seu afilhado Agenor, neto de José Francisco de Oliveira (o Jeca Cabeça).

Em 18-12-1878 faleceu de tifo José Ferreira Leão e Augusto Ferreira Leão a 19 do mesmo mês. Em 22-8-1879 falecia o Pe. João de San Martin, Vigário de Lagoa Vermelha. Em 12-5-1880 chegava de Castro Alberto Marques Berthier.

João Jorge Moojen em seu diário, várias vezes, faz recomendações de ordem espiritual: “Meu filho, teme a Deus e observa seus mandamentos, por que isto é tudo na vida. Tenham todos fé em Deus só e em Nossa Senhora e em nada mais. Nada de idolatria e superstição. Navega sem sentido quem não toma a Deus por Norte”.

Nascido em Londres a 25-11-1814, filho do comerciante João Jorge Moojen e de Catarina Turner, descendia de família holandesa, em cuja língua Moojen significa “o bonito”. Batizado na religião católica anglicana, abraçou a católica romana em Tibagi, provavelmente para se casar.

Parece que na Inglaterra havia cursado Medicina, segundo demonstram seus conhecimentos médicos. Em 1-10-1850, a Câmara de Vereadores de Santo Antônio da Patrulha oficiava às autoridades de Vacaria e Cima da Serra para que não consentissem que o estrangeiro João Jorge Moojen exercesse a arte de curar, sem que primeiramente viesse a exhibir à Câmara seu diploma ou licença que tinha para exercer a medicina.

DESCENDÊNCIA

João Jorge Moojen teve dez filhos: Ovídio Guilherme (1838-1898), Maria Luíza (1840-1916), Maria da Conceição (1834-1835), Francisco Faustino (1845), João Guilherme (1847-1906), Ernesto Adalberto (1848-1968), Maria Amélia (1850-1944), Augusto Edmundo (1852-1904), Teodoro Edmundo (1854-1890) e Maria Madalena (1867-1931).

Ovídio Guilherme Moojen, nascido em Castro, faleceu em Porto Alegre. Foi tropeiro e criador de gado bovino, comerciante e político influente, vereador em Lagoa Vermelha e major-comandante da Guarda Nacional. Casado com Teresa Eulália Branco, de Ponta Grossa, PR, teve onze filhos. Entre seus netos, destacam-se: O cap. Ovídio Moojen Bittencourt, Dr. Zeferino Bittencourt, ex-combatentes das revoluções de 1923 e 1926; Ovídio Moojen Chaves, laureado poeta, seu irmão Hamilton M. Chaves, jornalista e compositor musical; professor Júlio Bittencourt; Nancy M. Bittencourt, viúva do pesquisador Waldemar de Holleben.

Maria Luísa Moojen nasceu em Castro, PR, e faleceu em Lagoa Vermelha; casada com coronel da Guarda Nacional Tristão José de Almeida, teve 12 filhos, destacando-se o Dr. João Anselmo Ferreira, médico abnegado, fundador da vila de Clemente Argolo; o coronel Alberto Marques Berthier, fazendeiro, ex-intendente de Lagoa Vermelha; O coronel Maximiliano de Almeida (1876-1954), agrimensor, hábil político, chefe do Partido Republicano, várias vezes intendente de Lagoa Vermelha, comandante de forças auxiliares nas revoluções de 1923 a 1930, ex-intendente interino de Passo Fundo, exímio poeta autodidata, deixou seu nome a um município gaúcho, da Grande Lagoa Vermelha; era amigo íntimo do autor deste livro, que assistiu na hora da morte, no Hospital São Paulo, de Lagoa Vermelha, administrando-lhe os Sacramentos da Penitência, Eucaristia e dos Enfermos, que o velho caudilho recebeu com emoção e humildade.



Maria da Conceição Moojen nasceu em Castro e morreu com um mês de idade, assim como seu irmão Francisco Faustino Moojen, nascido em dezembro de 1845.

Jorge Guilherme Moojen, que tinha “o culto de todas as virtudes. Inteligente, culto, honestíssimo, sabia fazer-se querido, sendo encantador no trato indistintamente com toda a gente” (Salatiel Soares de Barros, que lhe dedicou um inteiro capítulo do livro “Reminiscências”). Nasceu em São Paulo e morreu em Montenegro. Foi médico prático, comerciante e prestigioso político em Lagoa Vermelha e Vacaria. Depois de exercer a medicina e outras atividades na Extrema (Vacaria), transferiu-se para Montenegro. Foi autor de vários produtos farmacêuticos, como a pomada “Milagrosa” e as gotas “Milagrina”, com larga aceitação. Casado com Maria Inácia de Sousa Velho, teve 13 filhos. Era sogro do Dr. Manuel André da Rocha, 1º Juiz de Direito de Lagoa Vermelha, um dos fundadores da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1º diretor da Faculdade de Direito, presidente do Tribunal de Justiça do Estado, pai do Dr. Jorge Moojen da Rocha, Juiz de Comarca e Desembargador, grande enxadrista e um dos maiores filatelistas gaúchos; uma irmã deste, Maria Albertina, casou com o Dr. Ladislau Coussirat de Araújo.

Maria Amélia Moojen, nascida em Lagoa Vermelha e falecida em Porto Alegre, era casada com Antônio Cândido Dutra, tendo 13 filhos. Entre eles, o Dr. Adalberto Moojen Dutra, engenheiro da Viação Férrea. A neta Antonieta Dutra Viana casou com o engenheiro civil Sílvio Barbedo, ex-intendente de Lagoa Vermelha. O Neto Dr. Clemente Dutra de Argolo Mendes faleceu em Porto Alegre em 1975. Uma filha deste, Ir. Lenita de Argolo Mendes, foi superiora provincial das Irmãs Bernardinas em Porto Alegre.

Teodoro Edmundo Moojen, nascido em Passo Fundo, casou com Brasilinda Correia, da qual se separou em 1880. Suicidou-se dez anos depois em Lagoa Vermelha, sem deixar descendência.

Maria Madalena Moojen nasceu em Lagoa Vermelha, onde veio a falecer. Casou em 1874 com o coronel Joaquim Rezende Correia de Lacerda (1845-1905), o “Legionário da Lapa”, que foi também senador da República. O casal só teve um filho, nascido na Lapa, José Correia de Lacerda, que teve 14 filhos e era comerciante, tendo tomado parte na defesa da Lapa em 1893, com ordenança do seu pai.

Augusto Edmundo Moojen, nasceu em Passo Fundo e faleceu em Lagoa Vermelha, onde exerceu diversas funções públicas. Casado com sua sobrinha Maria Augusta de Almeida, irmã do Cel. Maximiliano de Almeida, teve 14 filhos e mais de 300 descendentes. Seu neto Cel. Diomário Moojen foi comandante da Brigada Militar durante o governo de Leonel Brizola. Outro neto, Dr. Abelardo Moojen Nácul, foi prefeito municipal e deputado estadual.

Seus filhos: Elisa (1874-1916), Madalena (1876-1916), João Augusto (1879-1928), Mercedes (1880-1959), Honorina (1882-1914); Napoleão (1884-1963), Alfredo (1886-1940), Alberto (1890-1975), Maria Luiza (1893-1950), Aurora (1890-1957), Noemi (1902).

Com a colaboração do Dr. Rômulo Augusto Moojen, podemos dar a descendência completa do seu filho JOÃO AUGUSTO MOOJEN, neto do Dr. João Jorge Moojen. Nasceu em Lagoa Vermelha, onde faleceu. Foi escrivão do Júri e execuções Criminais, Delegado de Polícia e intendente interino, oficial da Guarda Nacional. Casou com Marcolina Moreira de Melo (1887-1916) com quem teve quatro filhos. Casou em 2ª núpcias em 1912 com Bárbara Mariana Pimentel (1893-1974), filha de João Mariano Pimentel e Gertrudes de Almeida, tendo 7 filhos.

F 1 Augusto Moojen nasceu em Lagoa Vermelha em 1903, funcionário público, c.c. Maria Clara Machado (1914-1972). Filhos:

N 1 Eunice Zoé Moojen (1931) casou em 1948 com Rui Cunha, falecido em 8-3-1981; filhos: B 1 Márcia M. Cunha (1950), odontóloga, c.c. (1972) o odontólogo Aurélio Varela; filhos: Daniele

(1975), Letícia (1978) e Patrícia (1981). B 2 Paulo Augusto (1953), médico, c.c. Sílvia Todeschini Zaffari (1977). B 3 Clarissa (1968).

N 2 João Guatimozin Moojen (1933), bancário, c.c. Celonir Pereira do Carmo (1940); filhos: João Augusto (1962), Círio Leonardo (1964), Luís Fernando (1968) e Débora Elisabete (1960).

N 3 Dóris Maria Moojen (1935) c.c. Dr. Darci Abuchaim, psicanalista (1931); filhos: Cláudio (1959), Eduardo (1962) e Marcelo (1966).

N 4 Alceu Augusto Moojen (1937), economiário, c.c. Maria Helena Poletto, professora (1943); f.: Vinícius (1968) e Fábio (1973).

N 5 Rômulo Augusto Moojen (1938), cirurgião-dentista, c.c. Reny Franceschini (1970), professora; f. Alexandre (1971) e Olga Maria (1973).

N 6 Augusta Moojen (1943), c.c. Gomercindo Canavese, advogado e funcionário público (1937); f.: Marjorie (1969), Tatiana (1973) e Desidee (1979). N 7 Luciano Augusto (1976).

F 2 Maria Augusta Moojen (1905-1929) c.c. Álvaro Nunes (1905-1980). F: N 8 Clecy Moojen Nunes (1931), c.c. Oribe Melo (1950), funcionário público e agricultor; filhos: Eduardo Nunes de Melo (1951), odontólogo, c.c. Neiva Butol (1978); Paulo Armando Nunes Melo, arquiteto, (1953); Álvaro André Nunes de Melo (1958).

N 9 Iria Moojen Nunes (1932) c.c. Enio Carvalho, advogado e economista (1916); F.: Eliane M. Carvalho (1953), c.c. Carlos Alberto Guaspari (1977); Heloísa M. Carvalho (1954), c.c. Fausto Dias (1974); Ana Luísa M. Carvalho (1975); Ricardo M. de Carvalho (1958) e Larina M. Carvalho (1968).

N 10 Maria Luísa M. Nunes (1940), c.c. Pery Guimarães (1931); F.: João Lúcio Nunes Guimarães (1964), Maria da Conceição (1966), Waldeck (1966) e Luciano (1974).

N 11 Tânia Maria Nunes (1945), c.c. Cap. da BM de S.



Paulo Luiz Huxley Paiva de Magalhães (1938); F.: Luciana Andréia (1971), Tatiana Cristina (1972), Fabiana Mara (1974) e Luís Huxley (1975).

F 3 JORGE AUGUSTO MOOJEN (1906-1980), funcionário municipal, c.c. sua prima Marina Moojen Nácul; f.: N 12 Newton José Nácul Moojen (1938), cirurgião-dentista e professor em Passo Fundo; N 13 Maria Luísa N. Moojen (1939), c.c. Dr. Antônio Caldas Rodrigues (1967); N 14 João Cláudio Moojen (1941) economiário. N. 15 Helena Beatriz N. Moojen (1943), c.c. Odon Luís da Silveira, fazendeiro; F.: João Francisco da Silveira Neto (1964), Jorge Augusto Moojen da Silveira (1966), Luís Augusto M. da Silveira e Odon Luiz da Silveira Filho (gêmeos) 1967; Jorge Guilherme M. da Silveira (1973) e João da Silveira (1976).

N 16 Maria da Glória Nácul Moojen (1945). N 17 Antônio Celso N. Moojen (1947), funcionário público aposentado, c.c. Ana Luísa Moojen de Carvalho (1957); f.: Jorge Augusto M. Neto.

N 16 Maria da Glória Nácul Moojen (1945). N 17 Antônio Celso N. Moojen (1947), funcionário público aposentado, c.c. Ana Luísa Moojen de Carvalho (1957); f.: Jorge Augusto M. Neto (1974), Raquel de Carvalho Moojen (1970), Odon Augusto Nácul Moojen (1978).

N 18 Jorge Guilherme Nácul Moojen (1948), médico.

F 4 Inocência Aurélia Moojen (Rolinha) (1908), c.c. José de Sousa Marques, bancário falecido em 1929; dois filhos; em 2^{as} núpcias c.c. Gaspar Coitinho, advogado 1 filho.

N 19 Newton Carlos Moojen Marques (1920), advogado, c.c. Jandira Cabral; f.: Marília (1953), c.c. Albino Antônio Weber, odontólogo, f.: Antônio Augusto (1976), Moacir (1958), Maurício (1960), Mirian (1963).

N 20 Moacyr Moojen Marques (1930), arquiteto, c.c. Maria Ivone Paes Bianchi; f.: Nádia (1954), c.c. Onix Lorenzoni; José

Carlos (1957), Sérgio Moacir (1963).

N 21 Iola Maria Moojen Coitinho (1932), professora, c.c. Jorge Luís Koop, industrialista; f.: Denise Helena (1959), prof., c.c. Francisco José Tabajara, economista, e Ana Luísa (1959).

F 5 Diomásio Moojen (1913), Coronel Comandante Geral da Brigada Militar (1960-1963); f.: Alexandre Luciano (1974).

F 6 Alice Augusta Moojen (1914), c.c. Manuel Mendes de Araújo, funcionário público; f.: Moacir Augusto M. Mendes, funcionário público; Iolanda M. Mendes (1934), c.c. Carlos Celso Garcez, advogado (1926); f.: Ivanise Alice (1958), prof. e Ana Cristina (1967).

F 7 Júlia Augusta Moojen (1915-1976), c.c. Cirilo Domingos Stella, industrial (1907), falecido em 1974; f.: Célio Stella, advogado (1935), c.c. Lídia Bachenek, func. do Tribunal de Justiça (1951); f.: Gustavo (1975), Felipe (1977), Henrique (1978); Célia Jucy (1936); Cleonice M. Stella (1937), c.c. Oly Zaffari, f.. João Paulo (1962), Denise (1965), Renata (1970), Alessandro (77); Celso João Stella (40), c.c. Vera Cecília Pastro, f. Patrícia (75); Celi Maria Stella (41), c.c. Aráci Pereira Wellausen, psicólogo, f.: Tatiana (74) e Rafael (75); Clori Stella (43), c.c. Solange, f. Rodrigo (69), Roges (71); Cloraci Moojen Stella (45).

F 8 Pedro Augusto Moojen (1916), funcionário do Tribunal de Justiça, c.c. Zuleica Pereira dos Santos, prof., f.: Sheila Silva (48), c. em Londres c. Guido Igor Lauffer (49), prof. universitário e poliglota, f.: Jaciara (73), residente em Salvador; Carina (75), Tiago (77); Valéria dos Santos Moojen (50), veterinária com curso de especialização em Michigan; Rosane dos Santos Moogen (1955).

F 9 Gertrudes Pimentel Moojen (1917), func. municipal aposentada.

F 10 Napoleão Augusto Moojen Sobrinho (1921), engenheiro agrônomo, c.c. Teresinha dos Santos Lima, 3 f.; em 2ª

núpcias c.c Dejanira Alves Machado; f.: Fernando (45), funcionário do Tribunal de Justiça, c.c. Sandra Freitas, funcionária do Tribunal de Justiça; f.: Bárbara (75), Daniel (77), Ricardo (47), func. público. Suzana Lima Moojen, f.: Alessandra. Roberto Machado Moojen (55), prof. universitário, Napoleão Machado Moojen Júnior (59).

F 11 Milton Augusto Moojen (1922), escrivão judicial em Caxias do Sul, c.c. sua prima Maria Augusta Moojen; f.: Milton Augusto Moojen Júnior (52), advogado, c.c. Mari Menegollo, prof. de História; f.: João Augusto (75), João Alfredo (1953), dentista, e Zolá Emílio Augusto Moojen (1963).

WALDEMAR LUÍS DE HOLLEBEN

Waldemar Luís de Holleben sempre foi um apaixonado pela História de Lagoa Vermelha, sua terra natal. A pedido do Prefeito Municipal Dr. Manoel Vieira da Fonseca, viajou para as cidades da Lapa e Curitiba, a fim de colher dados biográficos do fundador da cidade, Cap. José Ferreira Bueno, e de sua família.

Já aposentado, transferiu-se, em 1940, para Porto Alegre, a fim de poder mais facilmente pesquisar no Arquivo Histórico, no Arquivo Público, no Museu Júlio de Castilhos e outros arquivos. Passava dias, semanas, meses e anos, metido nessas repartições, copiando ou xeroxando documentos.

Fruto dessa exaustiva e dioturna pesquisa, há cinco grossos volumes, nos quais os estudiosos encontram informações e curiosidades não apenas acerca da História do Nordeste do Estado e do Planalto Médio, mas de todo o Estado e mesmo do Brasil.

Para completar seu arquivo, Waldemar tornou-se amigo do Pe. Ruben Neis, um dos mais competentes pesquisadores da nossa História, tendo, por meio dele, acesso ao arquivo da Cúria Metropolitana.



Viajava para diversas cidades, a fim de compulsar os cartórios, os registros de imóveis, de nascimentos, de óbitos, Prefeituras municipais, casas paroquiais, cúrias diocesanas...

O arquivo de Waldemar de Holleben encontra-se hoje em poder da viúva, D. Nancy de Holleben, que gentilmente o cedeu ao autor deste livro, a fim de que ele pudesse colher numerosas informações, decretos, nomes, datas, que figuraram nesta Nova História de Lagoa Vermelha.

Como nosso preito de gratidão a D. Nancy e à memória do seu ilustrado esposo, vai este capítulo, dedicado à nobre família Holleben.

Waldemar Luís de Holleben, descendente do Barão de Holleben, filho de Luís Alberto de Holleben, que além de professor público exerceu outros cargos importantes, e da Rita Cândida Santos de Holleben, nasceu em Lagoa Vermelha a 25-6-1898, tendo falecido em Porto Alegre, no dia 10-4-1980. Em 12-12-1928 contraiu matrimônio com Nancy Bittencourt, filha de Diogo Bittencourt, Conselheiro Municipal, de nobre família francesa, e de Otília Moojen, tendo apenas uma filha, Eunice, nascida em 1929 e falecida solteira em 1972.

Em 1922, incorporou-se ao 38º Corpo Auxiliar da Brigada Militar de Lagoa Vermelha, alcançando o grau de 2º Tenente. Em 1921 foi Auxiliar do Secretariado e Encarregado da Estatística de Lagoa Vermelha. Escrivão em Paim Filho, então 7º distrito de Lagoa Vermelha, nomeado em 9-11-1925. Foi Escrivão distrital do 8º distrito. Agente do Correio em Lagoa Vermelha, nomeado em 1923. Funcionário do Escritório da Comissão de Terras e Colonização, nomeado em 1922. Encarregado das obras de construção da Estrada de Rodagem entre Nova Petrópolis e Canela. Fiscal da Divisão de Construções Estaduais das Estradas de Rodagem, sendo aposentado pelo DAER.

Residiu em Marcelino Ramos, onde foi sócio de Cooperativa

Vitivinícola Marcelhinense Ltda. Sócio da firma Fioravante Paese & Cia, de Paim Filho. Em 1931 fez Curso de Engenheiro Agrícola. Em 1941 foi professor estadual.

★ ★ ★

Waldemar descendia do Barão de Holleben, Luís Henrique de Holleben, da nobreza da Alemanha, nascido em 5-12-1832, parente do Embaixador da Alemanha no Brasil, Ehrenfried Von Holleben, que foi vítima de sequestro no Rio de Janeiro.

Foi oficial do exército pruciano, tendo depois seguido para a Inglaterra, onde lutou como oficial na legião dos estrangeiros do exército britânico. Tendo casado com Ana Maria Georg, que morreu no primeiro parto, o Barão, na qualidade de engenheiro ferroviário, emigrou para o Brasil.

Em Curitiba, como engenheiro das Obras Públicas do Paraná, em 12-8-1863, já católico, casou em segundas núpcias com Maria da Luz dos Santos, filha do coronel Ricardo José dos Santos e de Ana Roberta da Mota.

Transferiu-se para Niterói, no Estado do Rio de Janeiro, onde veio a falecer sua segunda esposa, deixando os filhos Luís Antônio de Holleben e Luís Alberto de Holleben, com 3 anos e um ano e meio.

Em Campos, o barão foi engenheiro-chefe na construção da estrada de ferro. Em 14-6-1875 foi lançada a pedra fundamental da estação de Campos, com a presença do Imperador D. Pedro U, da Imperatriz, do Conde D'Eu e outras autoridades gradas, que foram recebidas pelo engenheiro barão de Holleben.

Nesta cidade, contraiu matrimônio com Maria de Azevedo Koch, de 21 anos, filha de Martinho Koch e de Ana de Azevedo. Esta esposa acompanhou o barão no resto da vida, tendo vindo juntou para o Rio Grande do Sul, depois de trabalhar mais algum tempo no Paraná.



Em setembro de 1880, o barão acompanhou o engenheiro Carvalho Borges à Colônia Conde d'Eu (Garibaldi), a fim de dirigir as obras de construção da estrada de ferro entre Montenegro e aquela cidade. Passou a residir entre Carlos Barbosa e Salvador do Sul, lugar que passou a chamar-se Barão, porque, para designar a localidade, dizia-se: "Lá no Barão".

Aqui permaneceu por dois anos, transferindo para Porto Alegre, onde, entre 1882 e 1894, trabalhou na reconstrução da linha de bondes da Ferro Carril de Pelotas, dirigiu a construção de trechos da estrada de ferro Rio Grande-Bagé. Na época de sua trágica morte, em 1894, construindo prédios em Cassino.

Residindo em Rio Grande, tinha casa de comércio na vila de Cerito, no atual município de Pedro Osório. Esta casa comercial, mal administrada pelo sócio, saqueada durante a Revolução de 1893, foi a falência, provocando atrasos mercantis e a ruína financeira. Ele não estando acostumado a falhar em seus compromissos, havendo sempre pautado sua vida com honradez e prontidão na execução de seus negócios, não suportou viver endividado.

No dia 2-4-1894, viajando de trem de Rio Grande para Cassino, deu-se um tiro de revólver na frente direita, morrendo instantaneamente. Deixou várias cartas à esposa e amigos, explicando as razões que o levaram ao desespero. Numa delas, diz: "Melhor um fim com horror do que um horror sem fim".

A viúva, com cinco filhos menores, chorando a perda do marido e da fortuna, ficou a lutar contra a aflitiva situação financeira.

Seu filho Luís Antônio de Holleben, nascido em Curitiba a 1-3-1866, faleceu em Porto Alegre em 1951 com 85 anos, deixando 8 filhos. Luís Alberto de Holleben, nascido em Curitiba a 8-3-1868, faleceu em Sananduva a 17-10-1965, com 97 anos, tendo casado em Passo Fundo com Rita Cândida da Rocha e Sousa, da qual teve 9 filhos, entre os quais o pesquisador Waldemar Luís de Holleben e o fazendeiro Otávio Luís de Holleben, sogro do Dr. Zigomar Leite.

Henrique Luís de Holleben, nascido em Campos em 1876, faleceu solteiro em Paim Filho. Cecília Luísa de Holleben, nascida em Itajaí em 1877, casou em Rio Grande com Raimundo Nonato de Oliveira Santos, faleceu em Porto Alegre em 1939. Ana Luísa de Holleben, nascida em Itajaí 1879, faleceu em Porto Alegre em 1932. Clara Luísa de Holleben, nascida em Porto Alegre em 1881, casa com Nilo Ribeiro Cademartori, faleceu em 2-4-1963. Otília Luísa de Holleben, nascida em Bagé em 1888, faleceu solteira.

Dos dois filhos da segunda esposa, o Barão de Holleben tem hoje mais de 250 descendentes, ao passo que dos outros filhos não existe mais descendência. (Bibliografia: “Correio do Povo” de 15-11-1975, em artigo de Ruben Neis, com pesquisa de Waldemar Luís de Holleben).

★ ★ ★

O PINHEIRO

Era um pinheiro lindíssimo, erguido em missão decorativa no topo da coxilha, à beira da estrada. Alto, esbelto, o estípite reto, caprichosamente torneado, abrindo lá em cima a negra sombrinha espinhenta de sua airosa copa. Posto ali sozinho, muito sozinho, na imensa desolação do descampado, qual sentinela dos pampas, emprestava à paisagem deserta uma nota sensibilizadora e inesquecível.

A coxilha bem redonda, redonda como um seio, liricamente revestida pela maciez de veludo da grama nativa... Por vezes, à tardinha, quando o sol se punha, romântico, por trás dos coxilhões, algumas reses pastavam ao pé do solitário pinheiro, recortando-se em silhueta contra o horizonte em brasa.

Não havia turista que não se encantasse diante daquele

poema bucólico, diante do pinheiro solitário, posto ali como de encomenda, sem outro pinheiro, sem outro vulto arbóreo. Sozinho no régio isolamento, a derramar poesia sobre a imensa amplidão da campina.

Veza por outra, um viandante menos apressado, um turista poeta, estacionava o carro no acostamento da rodovia asfaltada e colhia, numa foto colorida, a recordação daquele quadro incomparável. Aquele belíssimo pinheiro, no topo da coxilha deserta, à beira do caminho, era para muita gente a mais impressionante maravilha da natureza. Um tesouro merecia ser guardado com extremo carinho.

Um dia, entretanto, com incrível surpresa, com a mais suprema dor no coração, notei que aquele finíssimo ornamento da paisagem pampeana, à beira da estrada, havia desaparecido. Havia desaparecido misteriosamente. Teria sido arrancado pelas iras do furacão? Nada disso! Ele simplesmente fora derrubado pela fúria humana do machado e da serra. Fora sacrificado em holocausto ao seu proprietário, ao qual rendera duas dúzias de tábuas.

O belíssimo pinheiro, que fazia o encanto de tanta gente que passava pela BR-285, o pinheiro que tão liricamente enfeitava a paisagem deserta, com sua majestosa presença, no topo da coxilha, agora inteiramente despida do seu rico ornamento...

Já faz alguns anos que o rico pinheiro à beira da estrada tombou, no bucolismo da paisagem deserta, no topo verde da coxilha lagoense. Faz alguns anos, mas sempre que passo por lá e vejo a coxilha despida, uma pungente coraçãoada me escangalha o peito e me revolta. Me revolta contra o crime que roubou aos sofreadores motoristas, a milhares de turistas, a todos os passantes, uma das mais fascinantes belezas dos campos de Lagoa Vermelha.



ANTÔNIO BIANCHIN

Antônio Bianchin é um dos primeiros filhos de São José do Ouro, onde nasceu em 26 de dezembro de 1909. Seu pai, Luís Bianchin, foi, com Jacinto Carniel, o primeiro morador daqueles matagais do Alto Uruguai, então município de Lagoa Vermelha.

A família emigrou de Nova Pádua, distrito de Flores da Cunha, em 1907. Odisseia inesquecível a viagem através da floresta e do campo, em cargueiros, as crianças metidas nos cestões presos nas cangalhas, enfrentando perigos de onça, perigos de bugres, perigos de rios caudalosos.

Moço, Antônio foi trabalhar de marceneiro em Paim Filho, onde casou com Cecília Chiochetta, natural de Nova Prata. Retomou, anos após, ao torrão natal para exercer seu ofício.

Naquele começo de povoado, escasseava o trabalho para o incansável e hábil marceneiro. Não hesitou, por isso, corridos alguns anos, em aceitar um convite amigo para trabalhar no Batalhão Rodoviário, sediado na sede do município, quando construía a atual BR-285.

Enquanto a família continuava residindo em São José do Ouro, Antônio trabalhava como um mouro, passando frio e fome. Uma de suas obras, que mereceu os melhores encômios por parte das autoridades civis e militares, foi a ponte sobre o rio Santa Rita, que liga os municípios de Vacaria e Lagoa Vermelha.

Autêntico artista! Trabalhos caprichosamente torneados por ele foram enfeitar suntuosas aulas na Capital da República, no Rio de Janeiro, para onde o queria levar o comandante do Batalhão.

Bianchin recusou tão honroso convite, porque o Pe. Luís o incumbiu da construção do salão paroquial, que hoje ainda está de pé, bem no centro da cidade.



Depois de longa e dolorosa separação, um dia Antônio encontrou meio de trazê-la para junto de si, em Lagoa Vermelha.

Pois foi justamente durante esta viagem que ocorreu o caso surpreendente que vou narrar, um legítimo milagre de Santo Antônio.

Era segunda-feira, dia 2 de julho de 1942, no coração de um inverno rigorosíssimo. A neve caída durante todo o dia de sábado, vestia ainda de branco coxilhas e várzeas, oferecendo aquele soberbo espetáculo de alvura.

A família, com três filhos pequenos, o menor de poucos meses, viajava com a mudança num ônibus misto, o caminhão de Luís Dezan, de São José do Carreiro, hoje Ibiraiaras. Um caminhão Ford muito velho, com três bancos para os passageiros e, atrás, a carroceria para carga.

O ônibus, que fora contratado por Antônio, só trafegava de quando em quando para São José do Ouro. Além da família Bianchin e sua mudança, iam nele cinco passageiros.

O veículo largara da cidade fundada por José Gelain logo depois do meio-dia. Transposto o imenso matagal da serra, surgiu o espetáculo cegante da campina coberta de neve, reverberando ao sol daquela tarde maravilhosa. O lençol de arminho sem fim refletia agressivamente um cambiante cor de anil.

O carro de Luís Dezan foi atravessando aquele oceano de brancura azulada, roncando furiosamente, anunciando-se aos fazendeiros a longa distância.

Cruzou por Clemente Argolo, a própria vila dos ingleses, hoje decadente, mas então rivalizando com a sede do município, servida de hospital e fortes casas comerciais. É o berço de vultos ilustres, como o Gal. Rubens Ludwig, atual Ministro da Educação.

Vencendo com dificuldade a rampa próxima do povoado, o



motor Ford deu de falhar. Vai aos arrancos, estralejando, para enfim deixar de andar, a poucos metros do topo do coxilhão.

O motorista examina o motor, examina as velas, a bateria, o carburador: Deve ser a gasolina - murmura, sabendo que a reserva do combustível não devia ser grande.

Pega de uma vara de carqueja, enfia pelo cano do tanque da gasolina. Retira. Olha atentamente: - Pois é. Vejam aqui. Não molhou nem a ponta da vara.

Um passageiro, o Seu Lobo, não se convence. Agarra também uma varinha, mete-a dentro do tanque. Olha, toca com os dedos: - Exato, Sou Luís. Não molhou nem a ponta. Seco. Completamente seco.

- E agora, Dezan?

- Agora o remédio é mandar um próprio a Lagoa buscar uma lata do gasolina. Eu vou lá naquela fazenda.

E foi andando a passo largo, nervoso, resmungando contra o deserto daquelas estradas, onde não trafegava um só carro motorizado. Falou com o fazendeiro, que se prontificou, saindo pouco depois a cavalo em busca do único meio de repor o ônibus em movimento.

Entretanto, os passageiros divertiam-se comendo gelo e travando batalha com bolas de neve, que apesar do sol, persistia acumulada sobre a grama do campo.

O motorista, de retorno da casa do fazendeiro, para dar mais uma satisfação aos passageiros, torna a examinar o motor, o tanque. Dá o arranque. Depois pragueja umas blasfêmias em italiano e queixa-se:

- Se na Estância Velha (Clemente Argolo) houvesse gasolina, a solução vinha depressa. Mas aqui não existe um só carro. O remédio mesmo é esperar pelo próprio, não é, Seu

Bianchin?

Olhando pelo sol do inverno, seriam quatro e meia da tarde. Antônio estava pensativo, inquieto. Via as coisas pretas. Para ele tudo era negro no meio do branco lençol de neve. A família, as crianças pequenas, obrigadas a passar a noite no meio daquele frio horrível... O próprio só virá lá por meia-noite. Imagine, são 30 quilômetros de ida e 30 de volta. A cavalo...

Naquela sua imensa aflição, como fazia sempre, lembrou-se do seu poderoso padroeiro. Santo Antônio nunca falhou, graça pedida era graça alcançada. É verdade, a graça agora não seria pequena. Era preciso uma grande graça. Um milagre. Um autêntico milagre. Fazer andar o ônibus sem gasolina.

Mas Antônio não vacilou. Nenhuma hesitação. Mãos no bolso, cabisbaixo, sozinho lá atrás do ônibus, ele reza em pensamento: Sto. Antônio, prometo duas missas. Duas missas, mas leve a minha família até minha casa, em Lagoa Vermelha.

Rezou com vivíssima fé. Fez promessa na mais firme convicção de que o santo lhe atenderia o aflitivo apelo. Não havia nele a mínima dúvida. Ele tinha certeza, certeza absoluta de que seria ouvido por seu padroeiro.

Já fazia mais de hora que o caminhão se encontrava estacionado no meio da estrada, a poucos metros do topo da coxilha. De repente, o motorista tem uma ideia absurda. Faz um convite surpreendente:

- Minha gente, vamos empurrar o caminhão até lá no alto, depois largamos morro abaixo. Só para adiantar caminho. Encontraremos o próprio mais depressa.

Todos se esquentaram fazendo força, empurrando o carro. Dezan convidou:

- Agora vamos todos embarcar.



Enquanto embarcavam, Antônio recomendou:

- Luís, na decida ligue o motor. Ele vai pegar, sabe? Depois deixe funcionar. Siga sempre, sempre, sem parar, ouviu?

Motorista e passageiros franziram a testa como quem diz: Este Antônio Bianchin não deve regular bem da bola hoje. Como é que o motor vai pegar se não existe uma gota de gasolina?

Com um pequeno impulso do chofer, o carro movimenta-se. Começa a descer. Mil metros do lançante.

- Ligue, Dezan - grita Antônio.

Milagre! O motor estraleja e pega a funcionar. Funciona valendo, arrancando um grito de festa de todas as bocas, enquanto, Antônio, lá com seus botões, murmura satisfeito: eu sabia. Santo Antônio nunca falhou.

Ao atingir o veículo o final da descida, ele recomenda: Dezan, siga sempre. Não tire o pé do acelerador. Vamos até Lagoa.

Entre exclamações de incrível júbilo, o ônibus começa a subir o morro com a maior facilidade, tão bem como nunca naquele dia.

Sobe coxilha. Desce coxilha. Dispara na planura. Atravessa os campos do Dr. Plauto de Abreu, os campos dos Pereira, a Fazenda da Floresta. Desce para o vale do Barreiro: Atravessa a ponte. Vai repechando a grande subida. Desce. Sobe.

Agora atravessa os campos do Capão do Cipó, pela estrada velha, cruzando perto do cemitério, onde numa capelinha tosca se venerava a histórica imagem do Bom Senhor dos Homens. Uma artística estátua de madeira, certamente obra dos Jesuítas, no tempo das Reduções. Apenas o busto. Manto vermelho sobre a túnica azul-claro. Barba preta, cabelos negros, compridos e soltos. Cabeça calva. Olhos abertos, fitando o alto, pura o lado esquerdo.

Dizem os moradores das vizinhanças que as pessoas que cometeram grandes pecados, os criminosos, os ladrões, não conseguem erguer a imagem por mais fortes que sejam, embora ela não pese mais que vinte quilos.

É aqui, perto deste cemitério, que o ônibus vai alcançar o fazendeiro, o próprio que ia em busca do combustível. O motorista esclarece:

- Amigo, não carece mais ir à cidade, sabe? O caminhão anda agora que é uma maravilha.

- Então, onde foi que encontraram gasolina?

- Em nenhuma parte. O carro vai sem gasolina mesmo. Largamos morro abaixo e pegou. Pegou e não parou mais. Ninguém de nós sabe explicar. Mas vai por conta de um passageiro, o Seu Bianchin. Muito obrigado. O senhor pode voltar. Quanto é o seu incômodo, amigo?

- Dez mil réis.

E o carro sem apagar o motor segue seu caminho rumo da cidade. Cruzando o Lajeado dos Ivos, a estrada sobe sempre. Motorista e passageiros, exceção feita ao Seu Bianchin, garantem que o caminhão não poderá vencer toda aquela rampa.

Mas o velho barulhento Ford passa pela ponte e, roncando forte na primeira, trepa brincando os três quilômetros de morro.

Chegando na cidade, todo mundo está convencido de que o sr. Antônio Bianchin possui a mais potente magia. A incrível magia de fazer andar um ônibus sem combustível, no percurso de 30 quilômetros.

Ao desembarcar, diante do Hotel Nicolodi, no local onde hoje se ergue o prédio das Lojas Grazziotin, todos querem saber a magia de que Antônio se serviu.



- Diga lá, Seu Bianchin, que é que você fez?

- Eu pedi a Santo Antônio e prometi duas missas.

- Louvado seja Deus, Bianchin! Você é um santo! Mas neste caso, nós também queremos ajudar a pagar a promessa.

- Não, senhores. Eu prometi pagar sozinho. Muito obrigado.

Luís Dezan quis logo abastecer o carro de gasolina. Antônio protestou:

- Não ponha gasolina, Seu Luís. Eu pedi a Santo Antônio que o ônibus nos levasse até em casa sem botar gasolina.

- Pois é, Bianchin, mas o tanque está vazio.

- Não importa. Coloque só depois que tiver me deixado em casa, lá no Batalhão.

O motorista não disse palavra, mas pensou: Esse Bianchin não regula bem hoje. Imaginem se vou deixar de abastecer agora que me encontro na boca da bomba.

E abasteceu. Abasteceu e tratou de colocar o motor em funcionamento. Inacreditável! O motor não pega. Não pega. Brê, brê, brê. Não pega, Brê, brê, brê.

- Viu, Dezan? Eu não disse?

Pois saibam que não foi pequeno o sacrifício de percorrer os dois quilômetros que separavam o Batalhão do posto de gasolina. Cada pouco o motor parava de funcionar e era mister levar o carro à frente aos empurrões, o carro com o tanque cheio de gasolina.

Tempos após, o passageiro Lobo, pouco devoto de Santo Antônio, narrando o fato ao sr. Nazareno Scalabrin, confessava: A gente às vezes vê cada coisa que ninguém explica.

Ninguém explica, Seu Lobo, menos Antônio Bianchin, o forte e moreno marceneiro de Lagoa Vermelha, dono de uma bela

gargalhada, e cuja oficina, altas horas da noite, acordava a vizinhança com o ronco de sua serra e do seu torno.

TESOURO ESCONDIDO NO CAMPO

(conto)

O rapaz era pobre. Descendente dos pioneiros que povoaram os campos da Vacaria, podia ser rico, grande pecuarista, dono de milhares de cabeças de gado. Mas, como aconteceu com muitos daqueles bandeirantes aventureiros, seus antepassados foram vendendo seus campos e acabaram empobrecendo.

Morava no Barracão, proximidades do Espigão Alto. O pai tinha lá sua pequena propriedade, uma rocinha, umas vaquinhas, um cavalo, porcos galinhas...

Com idade de 17 anos, Gomercindo empregou-se na serraria de Hilário Kohl que viera para cá procedente de Carazinho. O alemão chegou aqui com 16 anos. Chegou sem nada e quase analfabeto. Começou a trabalhar na serraria de Vitório Zanchi. Correto e eficiente, conquistou logo a simpatia do patrão, que mais tarde lhe cedeu a gerência de um de seus engenhos.

Passado pouco tempo, o Hilário se estabelecia com indústria madeireira própria. Hoje ele tem várias serrarias, é pecuarista, granjeiro, comerciante e dono de uma frota de caminhões. Estudou por correspondência, podendo, com essa instrução e por seu poder econômico, tornar-se um líder da comunidade local. Elegeu-se vereador, tendo sido até indicado para candidato a prefeito.

Gomercindo, trabalhando na indústria madeireira de Seu Hilário, tomou conhecimento da espantosa evolução progressiva do seu senhor. Este, como ele, fora rapaz pobre, tendo enfrentado rudes batalhas antes de atingir a privilegiada situação atual.

Dominado por espírito de emulação, o rapaz sonhava seguir idêntico rumo de vida, ladeira acima, subindo, sempre subindo, até ficar rico. Era um sonhador. Mas uma noite sonhou de verdade. Um sonho atordoante, que não lhe deixou mais sossego. Ele que sonhava enriquecer, sonhou com uma panela de dinheiro enterrada na beira de um banhado, perto da reserva do Pontão.

A reserva do Pontão era uma ponta de serra que vinha da encosta do rio Pelotas e avançava pelo campo, colocando uma mancha negra em meio ao verde da campina. Um enorme pinhalão, que durante longos anos foi preservado como reserva estadual de pinho-araucária.

Os tropeiros paulistas, quando chegaram aqui, batizaram o lugar com o nome de Pontão, por causa dessa ponta de mato. Até o atual Passo do Barracão era conhecido por Passo do Pontão.

No ano de 1848, o governo provincial mandou construir aqui um quartel para os guardas encarregados da cobrança do imposto do gado que saía para São Paulo e outras províncias, e também para defesa dos moradores contra os assaltos dos índios Coroados, numerosos e extremamente ferozes. Lugar de gentio brabo, como dizem os antigos documentos oficiais.

Ao lado do quartel foi construída uma capela, dedicada a Nossa Senhora das Dores. Começou então a afluir gente e foi surgindo um povoado, com o nome de Capela do Pontão. Entretanto por causa do quartel que era um enorme barracão de madeira, o povoado passou a ser conhecido pelo nome de Barracão, nome que acabou se fixando definitivamente.

Perturbado por aquele estranho sonho, que lhe roubou a tranquilidade, o rapaz foi um dia para junto da reserva do Pontão, na esperança de descobrir o banhado do sonho, o banhado da panela de dinheiro.

Com espantosa surpresa, deu logo com o banhado, o

banhado do sonho. O mesmíssimo banhado, perto da reserva do Pontão. Ficou de perna mole o rapaz. Estaria ele realmente com sorte, prestes a se transformar, assim da noite para o dia, dono de uma fortuna?

Excessivamente crédulo por natureza, Gomercindo convenceu-se de que era rapaz privilegiado e digno de tão extraordinária bênção do céu. Seria decerto a recompensa de sua extrema ambição, de sua louca vontade de enriquecer.

Saiu logo à procura do proprietário do campo. Saiu convencido de que o Seu Anastácio, o dono do banhado, lhe venderia aquele terreno a preço de banana, pois naquele tempo campo e gado tinham pouco valor.

O fazendeiro espantou-se com a absurda proposta do rapaz:

- Mas por que você quer comprar esse banhado horrível, onde nem gado pode entrar? Que ideia é essa, Gomercindo?

- Sabe, seu Anastácio, é que me deu na cabeça que ali está enterrado um cabedal, uma panela cheia de ouro.

Anastácio soltou uma gargalhada:

- Mas, rapaz, decerto você sonhou, não é?

- Sonhei.

- E acredita no sonho?

- Acredito. É por isso que vim aqui. Desejo comprar o terreno. O banhado e uma tira de campo em redor.

- Pois olhe, Gomercindo, eu lhe vendo com prazer o banhado, um pedaço de campo e o mato perto, aquele capão ao lado.

- Não, Seu Anastácio. Eu não disponho de muito dinheiro. Vou comprar apenas o banhado e um pedacinho de campo. Mais

tarde, quem sabe.

- Pois não. Quando quiser.

★ ★ ★

Realizado o negócio, o ingênuo rapaz, cegado pela ambição de enriquecer com pouco esforço, rapidamente, tratou logo de abrir um valo perto do banhado, precisamente no local indicado pelo sonho.

Trabalhou afanosamente todo o dia, no dia seguinte e no outro, sem que lhe surgisse sinal algum do enterro do cabedal. Nem sequer o carvão, o carvão que os enterradores de dinheiro costumavam colocar para impedir o deterioramento do recipiente, da panela.

No terceiro dia, resolveu construir um rancho, onde pudesse passar as noites, sem ter de retornar diariamente à casa e, desta maneira, trabalhar sem perder tempo.

No sábado de tarde, o Anastácio, sempre incrédulo e rindo da ingenuidade do rapaz, foi vê-lo naquela lida estafante.

- Mas, então, Gomercindo, que dê a panela de dinheiro? - perguntou fingindo seriedade.

- Pois é, Seu Anastácio, aqui não existe sinal de enterro algum. Desconfio que seja mais para cá, mais perto do capão. Se tivesse dinheiro, eu lhe compraria esse mato. Estou até com vontade de retornar ao meu emprego na serraria a fim de ganhar o dinheiro necessário.

- E então, por que não vai?

- Sabe que é o mais acertado.

E Gomercindo voltou a trabalhar na serraria. Passados dois meses, com o dinheiro do ordenado e um pequeno empréstimo, realizou a compra do capão, um belo capão com altos pinheiros.

Instalou-se no velho rancho, que ainda se mantinha de pé. E, agora desde o clarear do dia até o anoitecer, foi abrindo valo atrás de valo. Parava só ao meio-dia para comer o seu feijão de panela.

Um dia, já um tanto desanimado, e vendo aquele terreno esplêndido, beira de banhado e de mato, terreno que se prestava para a lavoura, levantou um cercado e fez uma roça, plantando milho, feijão, batata-doce, aipim, abóboras.

Em poucas semanas, farfalhava ao vento uma bela seara, exuberante e promissora, modificando a paisagem agreste, como flor em pleno deserto.

Contente com aquela inesperada promessa de fartura, e dando asas ao seu espírito de criatividade e ambição, aumentou o cercado e plantou mais milho e feijão.

Visto como a terra lhe pertencia, surgiu-lhe agora a ideia de fixar-se ali definitivamente, talvez para o resto da vida, naquele recanto magnífico, de muita água, muita sombra, muita caça, muita poesia.

Reformou o rancho e construiu ao lado uma pequena mangueira, com vistas numa vaquinha deleite.

Dono daquele capão de grossos e altos pinheiros, pensou em vender parte deles ao Seu Hilário. Dito e feito. O patrão foi lá, cortou os pinheiros e disse que gostou muito daquele lugar. Desejou que o seu antigo empregado o desfrutasse com proveito.

Tendo milho, comprou uma vaca, umas galinhas e um porquinho. Vendeu mais pinheiros, e, com o fruto da venda, adquiriu outro pedaço de campo, aumentando assim a sua pequena propriedade rural.

Tratou de construir uma moradia melhor, aproveitando a madeira dos pinheiros. Auxiliado pelos irmãos, Gomercindo levantou



a casa, o galpão, o chiqueiro e o galinheiro.

Tudo correu tão depressa e favoravelmente, que quando se deu conta, já estava casado com a Maria Eugênia, uma ex-colega de escola, pela qual sempre esteve apaixonado desde os tempos de garoto.

Quando nasceu o segundo filho, ampliou outra vez a propriedade, adquirindo mais uns hectares de campo. Dispunha agora de meio milhão de metros quadrados de terra, entre campo, mata e banhado.

A jovem esposa era forte e trabalhadeira. Com sua ajuda aumentou a lavoura, aumentou o rebanho, as galinhas, realizando sempre gordos negócios, com a venda de cereais, queijo, porcos, galinhas, ovos...

O tempo foi passando. Nasceram mais três filhos. Eram agora três rapazes e duas meninas. Filharada linda, sadia, disposta, criada naquela fartura de leite, ovos, carne de frango, num ambiente saudável, respirando o ar da serra.

Todos os filhos receberam instrução em escolas municipais e particulares. Quando o mais velho atingia a idade de 16 anos, iniciava-se na região a era da lavoura mecanizada. A pecuária, pouco lucrativa naquele tempo, cedia lugar à agricultura.

Muitos criadores transformaram então seus campos de pastagens nativas em granjas de trigo, que ofereciam aquele sublime espetáculo de um oceano de ouro, ondulado ao sabor das coxilhas.

Gomercindo, que já vinha irresistivelmente fascinado pela agricultura, aderiu logo ao revolucionário movimento. Com empréstimo bancário, comprou um possante trator. Agora, auxiliado pelos filhos, igualmente apaixonados da mecanização da lavoura, que era uma extraordinária novidade que a todos empolgava, lavrou o seu campo e mais uma parte do vizinho, que arrendou.

Ao cabo de algumas semanas a manobrar o trator, cujo ronco rompia o silêncio daquele sertão, em lugar do verde das pastagens, surgiu um poema vermelho de terra lavrada, enfeitado, aqui e acolá, por airosos capões de pinheiros, guamirins e arceiras.

Lançada à terra a semente, as planícies e as coxilhas tornaram a vestir-se de verde, um verde uniforme, obedecendo à simetria impecável das carreiras formadas pela máquina semeadeira, dando a impressão de versos paralelos de um poema.

No mês de outubro, o trigal principiava a laurejar, ondulando, num espetáculo estonteante. Um dia, em vésperas da colheita, Gomercindo sentiu-se na obrigação de agradecer ao Senhor pelo inestimável dom daquela fartura de trigo, que nunca sofreu os insultos das intempéries e que colocava a ele, caboclo humilde e pobre, entre os abastados granjeiros do município.

Organizou uma festa. Carneou um boi. Fez um grande churrasco, para o qual convidou os parentes, as autoridades, os vizinhos, os amigos. Convidou Frei Alexandre, o vigário, para celebrar a missa em ação de graças.

O churrasco e a missa tiveram lugar à sombra aprazível de um capão, no meio da granja. Depois da missa, enquanto o churrasco assava, impregnando o ar de apetitoso odor, a comitiva saiu para o alto da granja, de onde se descortinava, em todo o seu esplendor, aquele mar de ouro.

Foi então que Gomercindo contou aos presentes a curiosa história da origem daquela granja, a fantástica história do sonho. O vigário, tomando a palavra, declarou:

- Graças a Deus que você acreditou no sonho, Gomercindo. Você acreditou e fez o que diz o Evangelho. Sabe o que diz o Evangelho?

- O que, sr. vigário?



- O reino dos céus é semelhante a um tesouro escondido no campo. Você acreditou que nesse campo havia um tesouro escondido. Comprou o campo e, depois de algum trabalho, descobriu o tesouro. Agora, enquanto vai desfrutando o tesouro, colabora na construção do reino dos céus, dando ao povo brasileiro o pão nosso de cada dia.

Todos bateram palmas e abraçaram o novo triticultor, que, de tão comovido, chegou a derramar uma lágrima.

EU FUI MARGINAL

(conto)

Eu fui um marginal. Fui assaltante e ladrão. Estive na iminência de me tornar assassino. Uma dezena de vezes, revólver em punho, fiz pontaria para matar... Agora que estou recuperado, sinto-me à vontade para contar a minha história, a minha dramática história.

Sou filho de uma prostituta. Prostituta com sangue africano. É claro, se dependesse de mim, escolheria outra mulher para mãe, em que pese o elogio de Cristo, que coloca as prostitutas à frente de muita gente-bem às portas do reino dos céus.

Filho da zona do meretrício, sem pai e sem padrinho, comecei a gatinhar entre marginais, numa vida bruta, ambiente sombrio de vício e miséria. Vivía de esmolos, passando fome, sofrendo os rigores do inverno, por falta de roupa e coberta. Roupa minguada, rasgada, suja e fedorenta.

Com oito anos, já saía pelas ruas da minha cidade, junto com alguns companheiros de infortúnio, a bater de porta em porta. Nesses peditórios, em geral, era bem sucedido, ganhando um prato de comida hoje, amanhã um pedaço de pão e até algum dinheiro.



Mas lá um dia, nessas minhas andanças, sofri a maior decepção da vida. O mais feio tombo, que seria o começo de uma série de trambolhões.

Bati à porta de bela moradia de um forte empresário, cuja esposa costumava me atender bem, dando-me sempre alguma ajuda. Infelizmente, nesse dia, quem me recebeu foi o seu marido, o Seu Alfredo, que era uma fera para os pequenos marginais.

Quando o Seu Alfredo, abrindo a porta da casa, me viu, levantou a voz, esbravejando blasfêmias em italiano e dizendo: *Brutti negri! Vão trabalhar, vagabundos!*

Arranquei na disparada, mas uma pedra me acertou as costas, enquanto duas balas passaram assobiando perto de meus pés, sobre o calçamento. A pedrada me deixou uma marca que até hoje conservo e que irá comigo à sepultura.

Qualquer pessoa, por mais educada e cristã que fosse, se revoltaria, diante de um gesto de tanta selvageria. Imaginem então eu, um pequeno marginal, criado na escola dos marginais, vivendo a filosofia dos marginais.

Pois o demônio tomou conta de mim. Fiquei um demônio, um diabinho. Jurei vingança. Vingança diabólica, infernal. Jurei que haveria de matar aquele bruto. Fiz promessa. Fiz promessa de matá-lo com a mesma arma com que ele acabava de me atirar.

Executando meu plano diabólico, eu tive sorte, tive a proteção não do céu mas do demônio, que nessa empreitada me abençoou escandalosamente. O que me parecia quase impossível, tornou-se a coisa mais fácil do mundo. Entrar em casa do Seu Alfredo sem ser visto e sair dela com o revólver, foi uma façanha extraordinária, de que até hoje me admiro.

Não tive mais sossego. Não pensei mais em nada. Eu só queria entrar na casa do Seu Alfredo e sair dela com o seu revólver, o revólver com que me havia atirado e com o qual eu o haveria de

matar.

Durante alguns dias, às escondidas, nas proximidades da suntuosa casa, estive espreitando uma oportunidade. Ao cabo de uma semana, fiquei sabendo que de manhã o Seu Alfredo saía para a sua empresa, os filhos iam à escola, ficando em casa somente D. Ernesta, com o filho menor e a empregada.

Um dia, por volta das dez horas da manhã, escondido por detrás das árvores da avenida, vi com alegria a D. Ernesta sair de casa junto com o filho e a empregada.

A casa ficou deserta, mas estava fechada à chave e, nos fundos, bem guardada por enorme cachorro policial, capaz de estraçalhar um adulto, não apenas uma criança como eu. Mas eu ignorava a presença do animal. Fui penetrando afoitamente, pela garagem, e daí para a cozinha num pulo, sem que o cachorro desse por mim. Devia com certeza, providencialmente, estar dormindo.

Atravessei duas salas ricamente mobiliadas e atapetadas e penetrei no quarto do casal. Abri uma gaveta. Tive sorte. Vi lá um revólver pequeno, de cano curto, calibre 22, fácil de esconder no bolso das calças. Estava carregado. Ao lado, uma caixa de balas, que agarrei junto com a arma.

Na mesma gaveta, ao lado do revólver, estava uma faca prateada, com bainha. Vendo àquela faca, tive uma ideia. Uma ideia absurda, diabólica, infernal. Com o revólver eu mataria o Seu Alfredo. Em seguida, com a faca, lhe abriria o peito para verificar se ele tinha coração...

Coloquei o revólver e as balas no bolso das calças e enfiei a faca na cintura, por baixo das calças, o cabo encoberto pela camisa.

Num instante, estava na garagem. O cachorro, amarrado por longa corrente, disparou atrás de mim, sem conseguir me pegar. Levei um grande susto, do qual me refiz em seguida, porque eu acabava de realizar uma façanha espetacular.



★ ★ ★

De posse do revólver, eu vibrava, prelibando um segundo feito, que era derrubar o Seu Alfredo com a sua própria arma, a arma com a qual ele me havia disparado dois tiros.

Eu cuidava que matar o Seu Alfredo seria mais fácil do que entrar em sua casa e furtar-lhe o revólver e a faca. Mas eu estava enganado, redondamente enganado. Matar o Seu Alfredo foi para mim a empreitada mais difícil do mundo.

Sabia eu que o Seu Alfredo, aos sábados e domingos, à noite, 1ª ao cinema. Diante do cinema, no outro lado da rua, era a praça com árvores frondosas, oferecendo ambiente favorável para me ocultar, horas mortas da noite, e disparar a arma sem ser notado.

No primeiro sábado, fiquei mais de uma hora zanzando por ali, à espera do final da sessão cinematográfica. Por volta das 11 horas, o alto-falante abriu a goela, anunciando a saída dos espectadores. Sufocando a emoção e o nervosismo, postei-me, de revólver em punho, atrás de uma palmeira, em que me escorei para fazer pontaria.

Sem demora, reconheci o Seu Alfredo no meio da multidão, trajando um terno claro. Saía do cinema conversando com os amigos. Levantei a mão e fiz pontaria. Fiquei aguardando que ele se afastasse dos companheiros, que eu poderia atingir com uma bala, sem querer. Mas ele foi andando e se afastando sempre ao lado de outras pessoas.

Desapontado, aguardei o domingo. Mas nesse dia tudo correu como no sábado. O Seu Alfredo, sempre perto de amigos, saiu da casa de espetáculos e foi seguindo para o café. No outro sábado e no outro domingo, repetiu-se a minha frustração, sempre pelo mesmo motivo. Foram cerca de dez tentativas, sempre em vão.

Resolvi mudar de lugar de espera. Coloquei-me diante da

primeira esquina, escondido no meio da profusão de árvores da avenida. O Seu Alfredo, que nunca faltava ao cinema, veio saindo e descendo a rua, acompanhado da esposa. Fiz pontaria, mas, não sei por que, a mão começou a tremer. Assim a tremer, eu poderia atingir a D. Ernesta, ela que sempre foi generosa e educada para mim. Foi mais um redondo fracasso.

Dias depois, aconteceu um fato importante, que me fez mudar de vida. Eu fui recolhido à Casa do Menor Abandonado. Fui para lá ainda com a ideia de um dia poder matar o Seu Alfredo. Levei comigo o revólver, a faca e as balas, que logo no primeiro dia escondi no oco de uma árvore, ali perto, num mato do terreno da Casa do Menor. De vez em quando, eu 1ª ver as armas e lubrificava o revólver com os restos de óleo das oficinas mecânicas, para que não enferrujasse.

Fazia uma semana que me encontrava nessa casa de recuperação, quando assumiu a direção o professor Atílio. O professor Atílio era um jovem, solteiro, baixinho, forte, muito simpático e apaixonado por menores carentes. No primeiro dia, ao vê-lo chegar, nós até ficamos com medo dele. Mas chegou sorrindo e oferecendo frutas para nós, o que muito nos alegrou e nos aproximou afetivamente do novo administrador.

Formado em Técnicas Agrícolas, transformou logo o vasto terreno da Casa do Menor numa imensa lavoura. Plantou árvores frutíferas e um vinhedo. Uma horta enorme, com a qual há anos vem abastecendo os supermercados da cidade. Organizou um aviário, com centenas de galinhas poedeiras e de corte. Um chiqueirão com dezenas de porcos Duroc. Cada três meses, abatíamos um porco de 300 quilos, que nos fornecia carne, salame, banha e dinheiro.

O fruto da lavoura, da horta, do aviário e da porcada, era para nós. Uma fatura colossal, coisa que nunca vimos antes da chegada desse novo administrador, que após as aulas, trabalhava com seus pequenos auxiliares, que éramos nós.

Um dia chegaram de Porto Alegre, para visitar a nossa casa, duas distintas senhoras da direção da FEBEM (Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor). Ao se aproximarem, viram logo o professor lidando na lavoura, de mãos sujas. Falaram com ele:

- Escute moço, por favor, pode nos chamar o diretor?

- Pois não - respondeu o professor. - Vamos entrar.

Elas entraram, sentaram na sala, enquanto o professor foi lavar as mãos, para em seguida se apresentar.

- E o diretor? - insistiram as senhoras.

- O diretor - respondeu humildemente o professor - o diretor sou eu. Desculpem.

Nós ficamos querendo muito bem ao professor Atílio. Ele era o nosso amigo, o nosso pai, a nossa mãe. Era tudo para nós. Mas não deixava de ser exigente. Não tolerava abusos e desordens. Depois de uma desordem nossa, vinha logo o castigo, que nós aceitávamos com agrado.

Uma noite, depois de nos acomodar no dormitório, o professor foi visitar o pai, que aniversariava naquele dia. Nós aproveitamos a sua ausência para nos divertir. Quando ele chegou, o dormitório era um campo de batalha, cujas balas, de grosso calibre, eram os travesseiros.

O professor não gostou. Chamou-nos para fora. Mandou que ficássemos só de calção, todos em fila. E, agarrando um balde de água, nos deu um banho naquela noite gelada. A seguir ordenou:

- E agora todos lá no mato carregar para aqui aquela árvore que o temporal derrubou. Amanhã vocês vão transformá-la em lenha.

Lá fomos nós, alguns resmungando: Mas professor! Carregamos no escuro da noite aquela gigantesca árvore diante da



casa.

Há muitos episódios curiosos que merecem registro. Mas vou contar apenas um. De vez em quando as normalistas da cidade visitavam a Casa do Menor, a fim de prestar alguma ajuda. Pois uma dessas normalistas, aos poucos, foi se apaixonando do professor. Vai até que um dia ela não se contém e faz a sua declaração de amor:

- Professor, eu gosto muito de você, mas não queria vê-lo aqui entre os marginais.

O professor não gostou da segunda parte dessa declaração e protestou com extrema violência:

- O quê?! Marginais?! Então você não sabe que estes meninos são filhos da alta sociedade, embora nascidos na zona? Você quer ver uma coisa?

E o professor levantou a voz e chamou:

- Flávio, venha cá.

O rapazinho se aproximou do professor, ali diante da normalista.

- Você está vendo este marginal? Olhe bem pra cara dele. Não é parecido com você? Pois este marginal, minha filha, é teu irmão. O pai dele é o teu pai, embora a mãe seja uma prostituta.

Eu, que estava presente, tive muita pena da pobre normalista, que sofria ali diante de todos nós a mais arrasadora humilhação, que lhe despedaçou a alma e o coração, pondo-a numa choradeira sem fim.

No dia seguinte, ela retornou à Casa do Menor, levando no carro um enorme embrulho, que entregou ao diretor. Era uma bela coleção de finíssimos lençóis, duas dúzias de lençóis, que ela, como que se desculpando, oferecia para nós, os pequenos marginais,



entre os quais se encontrava um seu irmão.

O professor Atílio gostava muito de nós, gostava tanto da Casa do Menor Abandonado, que um dia, correndo boato de que a casa poderia fechar por falta de recursos e colaboração da sociedade local, declarou para o presidente da entidade mantenedora:

- Se a sociedade não quiser ajudar, eu não deixarei que esta casa no acabe. Venderei meu carro e uns terrenos que tenho, para sustentá-la.

O professor dispunha de uma camionete “Brasília” de sua propriedade. Com ela nos levava ao centro, em várias viagens. Levava-nos a festas, à missa e, por vezes, para nós descarregarmos um caminhão. Ele nunca pediu à entidade um cruzeiro para as despesas do combustível. Tudo corria por conta do seu minguado ordenado de professor.

★ ★ ★

Passado algum tempo, como fazia muitas vezes aos domingos, o professor nos levou à missa numa igreja matriz da cidade. Essa missa foi para mim a salvação, acabando com a minha absurda ideia de me tornar assassino.

Durante a homilia, o Vigário, Frei Manuel, falou do respeito que devemos ter pela vida. Disse que ninguém pode tirar a vida de outras pessoas. A gente não pode tirar a vida a si mesmo e nem tirar a dos outros. Esse direito pertence a Deus, a Deus tão somente.

Fiquei pensativo e disse comigo: Então, eu não posso tirar a vida do Seu Alfredo, embora ele tenha sido tão ruim para mim.

Não sosseguei mais. No dia seguinte, fui ter com o diretor:

- Professor, eu tenho uma coisa muito importante para lhe contar. Mas estou com medo.



- Medo de quê, meu filho? Então, tu não tens confiança no teu diretor?

- Eu tenho, professor. Mas estou com medo que o que vou contar chegue aos ouvidos de outras pessoas. Gostaria que o professor guardasse segredo.

- Claro, meu filho. Eu tenho obrigação de guardar segredo profissional. Podes ficar descansado.

Animei-me e fui desenrolando minha história. Logo a seguir, ambos nos dirigimos ao mato, onde, no oco do tronco da árvore, estavam as armas. O professor agarrou o revólver e quis testá-lo. Puxou o gatilho e saiu um tiro forte. Ele guardou as armas e me disse:

- Alceu, agora tu ficas rezando, porque o professor vai fazer uma coisa muito importante.

- Professor, o senhor não vai querer me denunciar?

- Nada disso, meu filho. Por amor de Deus! o professor nunca faria uma coisa tão absurda. Podes ficar descansado.

Então, de noite, o professor foi à casa do Seu Alfredo e contou toda a história. O Seu Alfredo, ao tomar conhecimento do meu assalto e de minha tentativa de homicídio contra ele, enfureceu-se e exclamou:

- Eu quero saber quem é esse bandido. Ele vai me pagar.

- Calma, Seu Alfredo - disse o professor. - Calma. Esse negrinho pode ser seu filho. E se você, por acaso não for o pai dele, seja pelo menos o seu padrinho agora. Você deve dar graças a Deus por não estar morto. Por isso, você deve ajudar o guri a se recuperar. Eu vou trazê-lo aqui para lhe devolver o revólver.

Na outra noite, lá fomos nós, o professor e eu, à casa do Seu Alfredo, que nos recebeu na sala ao lado da esposa.

O professor foi falando. Falando de sua obra. Falando de outros casos semelhantes ao meu. Enquanto ele falava, eu, em silêncio, refletia nas voltas que a vida dá. Nas surpresas que nos reserva. Que transformação a nossa! Éramos dois inimigos de morte que agora se tornavam amigos... Refletia eu na radical mudança de minha mentalidade de marginal, agora transformado em manso cordeiro.

Eu nada falei. Chegando o momento de entregar o revólver e as balas, eu queria falar, queria pedir perdão, mas não pude falar. As lágrimas me saltaram em borbotões e me sufocaram a voz. O Seu Alfredo, ao receber a arma e a caixa de balas, deu-me um grande abraço. Ele também rompeu a chorar, seguindo o meu exemplo e o de sua esposa, que se lavava em pranto, ali diante do olhar satisfeito do professor... Foi o momento mais sublime de toda a minha vida. O momento do perdão e da reconciliação...

A seguir, o professor concluiu:

- A faca, seu Alfredo, eu vou guardar, como recordação dessa história, que acabou tão lindamente.

Daí por diante, o Seu Alfredo ficou sendo meu padrinho. Deu-me naquela noite dois mil cruzeiros. Hoje seriam vinte mil. Dias depois, deu-me mais cinco mil. A seguir levou-me à Casa Renner e me comprou um lindo terno azul-claro. Nunca na vida eu tinha vestido roupa tão linda.

Com isso, eu pude me sentir gente. Estudei o suficiente para ser útil à sociedade e ajudar minha mãe.

Hoje sinto-me feliz em declarar que, residindo em outra cidade maior, tenho um bom emprego, ganhando mais que o meu professor Atílio.

Ao concluir esta narrativa, eu devo revelar um detalhe. Um detalhe surpreendente para mim e para todos. Detalhe que me derrubou das nuvens, espetacularmente.



Tudo o que aconteceu comigo, eu procurava ocultar à minha mãe, que de vez em quando eu visitava. Ela não sabia de nada e de nada desconfiava.

Um dia, quando eu ganhei o belo terno da Casa Renner, ela quis saber de quem eu havia recebido aquele traje tão bonito. Fui obrigado a contar tudo.

Eu notei, durante a narrativa, que a mãe se perturbava, chegando a enxugar algumas lágrimas furtivas. Por fim ela me perguntou:

- Meu filho, tu sabes quem é o Seu Alfredo?
- Quem, mãe?
- O Seu Alfredo, Alceu, é o teu pai!...



ÍNDICE DO SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO

Figura 1 -Igreja Matriz São Paulo, construída em 1910, por Frei Germano.....	430
Figura 2 -Praça Alberto Pasqualini, vendo-se a Igreja Matriz de Santo Antônio, inaugurada em 27.11.1981. À esquerda, o Ginásio de Esporte "Adolfo Stella".....	430
Figura 3 -Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo.....	431
Figura 4 -Capitão JOSÉ FERREIRA BUENO, fundador de Lagoa Vermelha (à direita). Capitão Serafim Ferreira de Oliveira, filho do fundador, igualmente considerado fundador por haver confirmado a doação do terreno. Sua esposa D. Júlia Morerira do Amaral é gaúcha.....	431
Figura 5 -Praça Marechal Deodoro - Igreja Matriz, construída em 1910. Ao lado o prédio que serviu de casa comercial de Antônio Ascari, Pessatto, Sanson e Caon. À esquerda, a velha casada Prefeitura. (1930). Casa branca de Augusto Berthier.....	432
Figura 6 -1910 - O pioneiro José Muliterno, esposa Guilhermina, cunhada Maria Clara Lacerda. À esquerda o filho Nestor. Maria de Jesus, c.c. o filho Sílvio, Amadeo, Juvenal e o neto Carlos Dias de Moraes.....	432
Figura 7 -Casamento de ALBERTO AUGUSTO MOOJEN, vendo-se: Napoleão A. Moojen, Carlos Augusto Kauer, José e Miguel Nácul, Cincinato Rocha, Dr. Alfredo Moojen, Dr. Nívio Castellano, Álvaro Nunes; meninos: Cyrio Nácul e Pedro Augusto Moojen, Vilson Lopes (fardado) 1918.....	433
Figura 8 -31-12-1917 - Bodas de Prata do casal Ricardo Von Borowski - Delfina Loureiro. Da esquerda: Sentados: João da Silveira Marques, João Soares de Barros Filho, Agapito Guimarães, Florentino Pinto de Andrade, João Ribeiro Leitão, Francisco Delfino de Carvalho, Delfina Loureiro Borowski, Ricardo Von Borowski, João Lúcio Nunes, José Jacob Nácul, Francisco Dias de Morais, Edmundo Dalmácio de Oliveira, Sargento Pedro André. Sentados no chão: Ernesto Ferreira, Protásio Marques, Ulisses de Andrade, Sadi Marques, Trajano Machado, Cincinato Barreto e Nívio Castellano. De pé: José Ribeiro Leitão - Felipe Lemos, Tancredo Machado, Augusto Berthier, Jorge Candeia, Pedro Candeia, José Castellano, Macedônio Rodrigues da Silva, João Messina, Pedro Andrade, Gibrail Tigre, João Augusto Moojen, Batista, Pedro Fidélis Ferreira e Alfredo Ferreira. Última fila: José Gomercindo Ferreira, Sebastião Kneip Ramos, Heitor Ilha da Cruz, Wenceslau Mauer, Carlos Koth, Carlos Augusto Kauer, Domingos Castellano, João Xavier Chicuta e Afonso Menezes Filho.....	433
Figura 9 -1918 - Joaquim Ferreira (Cirino), Alberto Berthier e Manuel Júlio	



Garcez.....	434
Figura 10 -1947 - O guarda de Trânsito MANUEL LUIZ DOS SANTOS, vendo-se a antiga matriz e Casa Paroquial no lugar do Altar da Pátria de hoje.....	434
Figura 11 -1948 – As primeiras casas da Vila Rodrigues (sede) vendo-se o carro da Prefeitura.....	435
Figura 12 -Igreja Matriz de Caseiros.....	435
Figura 13 -Outubro de 1930 - Oficiais de Lagoa Vermelha durante a Revolução de 1930, junto com a Miss Paraná e companheiros em Curitiba. Sentados: Domingos Bispo, Gibrail Tigre, João de Paula e Silva, Dr. Plauto de Almeida, Miss Paraná, Maximiliano de Almeida (que saudou a Miss de improviso com um belo soneto), Cel. Macedônio Rodrigues da Silva, Cel. Manuel Nunes. 2ª fila: Cel. Gil Monteiro, Cel. Pedro Antunes, Tte. Jorge Candeia, Major José Borges Teixeira, familiares e amigas da Miss, Cel. Resende. 3ª fila: Israel Farrapo Machado, Nívio Castellano, Podalírio Borges de Lima, Cel. Augusto Berthier, Trajano Machado, Sebastião Knaipe Ramos, Nelson Berthier, Henrique Negri, 4ª fila: Cel. Wite, Tte. Rocha, Ovídio Machado, Guilherme de Freitas Melo, Elias Tigre e Ovídio Muliterno.....	436
Figura 14 -Janeiro de 1918 - Conselho Diretor de Tiro de Guerra nº 378:.....	436
Figura 15 -1917 – Tiro de Guerra nº 378 – instrutor Sgto. Pedro André.....	437
Figura 16 -Inauguração do Aeroporto Municipal, vendo-se o Governador Euclides Triches, o Prefeito Adolf Stella, o ex-Prefeito Dr. Abelardo Nácul e esposa.....	437
Figura 17 -CÂMARA DE VEREADORES - 1969-1972. Sentados: Nady Maria Castellano, Romy Paim Hoffmann, Raul Feijó (presidente), Ivo Rodrigues Gonçalves, José Carlos Vieira. De pé: João Horácio Barreto da Costa, Érico Miguel Moreira de Lima, Dr. Eloy Lenzi (hoje Deputado Federal), Dr. Rômulo Augusto Moojen, Nicanor Hoffmann Paim, Hugo Napoleão Ferreira, Renato Dolzan, José Carlos Castellano (secretário) e Aldoir Nepomuceno (jornalista).....	438
Figura 18 -29-7-1931 - Inauguração da Britadeira Municipal.....	438
Figura 19 -1974 - No galpão do CTG Alexandre Pato - O governador Euclides Triches, conversando com o Prefeito Milton Stella, ao lado de Ernani Peres Júnior, Nelson Berthier, Raul Feijó e outros.....	439
Figura 20 -1922 - Sentados, da esquerda: Raul, Isauro Rodrigues de Lima, Hoffmann, Dr. Raul de Freitas Boccanera, João Messina, João Augusto Moojen e Salatiel Pires. Em pé: Dr. Brás di Francesco, Dr. José Rodrigues de Lima, Trajano Machado, Cap. Jorge Pellegrini Castiglione, André Hoffmann de Melo, Djalma Nunes e Emídio Limonge.....	439
Figura 21 -5-11-1948 - O Prefeito Dr. Abelardo José Nácul, instalando o distrito de São João da Urtiga. Frei Justino Dotti, Vigário.....	440



Figura 22 -Touro Devon, várias vezes premiado, de Amantino Barreto da Costa.....	440
Figura 23 -Novilho de 1.141 kg, de Francisco Machado Vieira. Outro boi do mesmo proprietário pesou 1.531 kg.....	441
Figura 24 -1931 - Na fazenda de Firmino Jacques - Dr. Eurico Lustosa (Prefeito). Sentados: Libório Pimentel, Francisco Dias de Moraes, Tte. Adonis Ventura Homem, Dr. Kurico Lustosa, Firmino Jacques e Dr. Brasileiro da Costa e Silva. 2ª fila: Albino Gering, Trajano Machado, Amantino Hoffmann e Salustiano Machado. 3ª fila, entre outros, Otaviano Machado.....	441
Figura 25 -1950 – primitivo prédio da Escolha RAINHA DA PAZ.....	442
Figura 26 -1951 - Inauguração do Ginásio Duque de Caxias: Sentados: Dr. Hugo Stivalet Pires (Prefeito), Frei Celestino Dotti (diretor), Nilda Manso e Melson Tumelero (atual diretor-presidente do Grupo Tumelero). Em pé: Frei Huberto Mattana, Prof. João Telatin, Cap. Esmeraldino Salatino, Nelson Berthier, Renato Reis, João Salatiel Pinto, Augusto Lobo, Francisco Argenta, Dr. Raul José de Campos, Guilherme Lenzi, Bruno Caon, D. Eulália e seu Esposo Dr. João de Paula e Silva, Dr. Flávio Valente.....	442
Figura 27 -1934 - Grupo Escolar - Prof. Fernando Ducroquet, Maria Machado, Ondina Boccanera Kauer e Prof. Centeno. Alguns alunos: Clícia Comiran (a menor), Odila Candeia, Lindóia Andrade, Edite Andrade, Fátima Ascarí, Elaine Dias de Moraes, Leda Santos; Milton Mota, José Mota, Linor Silva, Maurílio Mendes, Valdemar Reichmann, Danton da Costa e Silva, Rubens A. Moojen, Assis Melo, João Candeia.....	443
Figura 28 -Prof. Carlos Machado, esposa Malvina; filhos: Ovidio, Caio, Teresa, Naura, Israel Farrapo, Ermínia, Nino. Falta Nídia c.c. o escritor Josué Guimarães.....	443
Figura 29 -Vista parcial do Distrito Industrial.....	444
Figura 30 -29-6-1937 - o poeta lagoense OVÍDIO CHAVES recebendo o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, vendo-se o escritor Levy Carneiro e Pedro Calmon (sentado).....	444
Figura 31 -1981 – RÁDIO CACIQUE Sentadas: Nilsa A. Moreira, Ilva Mandelli Corrêa (viúva de Walter da Silva, 1º diretor), Maureem Corrêa e Nely Lacerda. Em pé: Frei Humberto, Hélio Moreira, João Salatiel Pinto, Dr. Cezar Muliterno e Dr. Roque Chedit (Juiz de Direito).....	445
Figura 32 -8-5-1981 - Inauguração do Obelisco do Centenário: Secretário Augusto Trein, Deputado Federal Eloy Lenzi, Secret. Baltazar de Bem e Canto, Governador Amaral de Souza, Prefeito José Carlos Vieira, Pres. da Câmara Hugo N. Ferreira, Dep. Federal Darcy Pozza e Dep. Est. Jarbas Lima.....	445
Figura 33 -General RUBEM CARLOS LUDWIG, Ministro da Educação em 1981, nasceu em Lagoa Vermelha a 17-1-1926.....	446
Figura 34 -1927 - Bloco carnavalesco - 1ª fila: Lúcia Nunes, Nair Moreira de	

Melo, Olga Marques de Melo, Neusa Lopes, Emília Machado, Inésia Marques, (Tata), Judite Melo e Muiguelina Messina; menino: Clori Cruz Messina. 2ª filha: Luíza Marques Machado, Diva Marques, Arthur Veloso (promotor, assassinado), Pedro Santos (assassinado), Heitor Ilha da Cruz, Agripina Messina da Cruz, Maria da Conceição Marques (Rocha). 3ª filha: Ovídio Machado, Otaviano Flores Machado, João de Holleben, João Romário Machado, Cincinato Rocha (assassinado), Atílio Sbroglio, Claudionor, e Jorge A. Moojen. 4ª filha: Dácio Marques, José Muliterno Filho, Guilherme de Freitas Melo, Nicanor Lima, Podalírio Lima, Ovídio Marques (assassinado), Garibaldino Lourenço de Lima, Ferreira, Carlos Nino Machado, Francisco Marques. O tenente Ovídio de Carvalho Marques, comandante da Brigada, foi assassinado por um guarda seu subordinado por motivo fútil; foi Prefeito de Soledade, irmão de Júlio e Protásio e tio de Paulo Laone de Souza Marques, atual motorista da ambulância municipal. Foto batida diante da casa de Tancredo Machado, que também foi assassinado.....446

Figura 35 -1932 - Cavalhada - aparecem entre outros: Ulisses Melo (Floripa), José Garcez de Andrade, Antônio de Melo Hoffmann, Porfírio da Rosa, Heleodoro dos Santos (Guri), Teodoro Teixeira Borges, José Muliterno Filho, Lauro Dias de Moraes, Djalma Pinto, Podalírio Lima. Vê-se à direita parte da casa comercial de Gaudêncio Carrão, que serviu depois de sede provisória do Ginásio Duque de Caxias. A seguir ficava a casa comercial de Mário Marzotto, pai do Dr. Carlos Henrique Marzotto, engenheiro em Caias do Sul. Hoje no lugar da casa do centro, ergue-se o edifício CORELL.....447

Figura 36 -1980 – ASSOCIAÇÃO DE MÓVEIS RODIAL.....448

Figura 37 -1980 – CÂMARA DE VEREADORES.....448

Figura 38 -A MAÇONARIA EM 1981.....449

Figura 39 -1950 - no Cine Guairacá: Gal. Amarílio Osório, Vitório Dolzan, Dr. Flávio Valente e esposa, Vanda Gasperin, Inah Muliterno, Tte. Pereira (no alto), Dr. Silveira Note e D. Edite, Erasmo Ferreira (que foi assassinado).449

Figura 40 -1908 - Membros da Maçonaria: João Jorge Pez, Alfredo Dias de Moraes, João Lúcio Nunes, Manuel Antônio Resende, Ricardo Von Borowski, Hildebrando Fão, José Castellano, Alcides Pimentel e Manuel Almeida.....450

Figura 41 -DEBUTANTES – 1980 – apresentando-se na TV em Porto Alegre.....450

Figura 42 -DEBUTANTES – 1978 – ao centro D. Nely Lacerda.....451

Figura 43 -1981 – Baile de Debutantes no CTG Alexandre Pato.....451

Figura 44 -ROSAURA TELLES, Rainha do Centenário, junto com o Governador Amaral de Souza, Deputado Jarbas Lima, Prefeito José Carlos Vieira, Dr. Ruy Godinho e Agenor Carvalho do Amaral.....452

Figura 45 -DEBUTANTES DE 1979 junto com as prof. Ana Speroto e Célia



Barreto Domingues.....	452
Figura 46 -1980 – Balê infantil – crianças da sociedade lagoense.....	453
Figura 47 -1906 - Viajantes comerciais de Lagoa Vermelha: Rodolfo Goelzer, Pedro Padilha, Mário Padilha e Otto Mussnich.....	453
Figura 48 -1980 - Lideranças reunidas com o Chefe da Casa Civil para tratar da instalação de fábrica de leite em L. Vermelha. Sentados: Ubirajara Muliterno (vice-Prefeito), José Carlos Vieira (Prefeito) Dr. Augusto Borges Berthier (Chefe da Casa Civil do Palácio Piratini), Agenor Carvalho do Amaral (Pres. da Câmara de Vereadores). Em pé: Dr. Cersi Andreani, Dr. Cezar Muliterno, Dr. Manuel Vieira da Fonseca, Dr. João Garcez, Vittorio Capri, Achyles Jacques Fernandes, Dr. Ivo Bassani, Otacílio Nicolau Merib e Dr. Davino Nepomuceno.....	454
Figura 49 -1980 - EDIR CERRI, premiado por ter sido Destaque do ano como maior revendedor FORD. Funcionários da FUNDIFERRO.....	454
Figura 50 -1981 - Diretoria da Associação Industrial e Comercial: Dr. João Pereira Neto, Romeu Bresolin, João Nelson Spode, Dr. Ivo Bassani, Dr. José Antônio de Andrade e Henrique Finger.....	455
Figura 51 -1944 - Reunião do Sindicato dos Empregados: Dr. Nívio Castellano, Maurício Piola, Max Britz, Ângelo Scalabrin, Guilherme Comiran, Diogo Bittencourt, Dorvalino Gazolla, Augustinho Carneiro Lobo, Ademar Fontoura, Ateneu de Quadros, Maurílio Júlio Machado, Ângelo Primo Caon.....	455
Figura 52 -1981 - CORAL CENTENÁRIO maestro: Frei Maurílio Parizzotto.....	456
Figura 53 -1981 – Rainha e princesas do Centenário, vendo-se o historiador Demétrio Dias de Moraes.....	456
Figura 54 -CARRO ALEGÓRICO SPODE no desfile do Centenário dia 10-5-1981.....	457
Figura 55 -WALDEMAR LUÍS DE HOLLEBEN.....	457
Figura 56 -Vista parcial de Lagoa Vermelha.....	458
Figura 57 - Vista parcial de Lagoa Vermelha.....	458
Figura 58 -Vista parcial de Lagoa Vermelha.....	459



SUPLEMENTO FOTOGRÁFICO



Figura 1 -Igreja Matriz São Paulo, construída em 1910, por Frei Germano.



Figura 2 -Praça Alberto Pasqualini, vendo-se a Igreja Matriz de Santo Antônio, inaugurada em 27.11.1981. À esquerda, o Ginásio de Esporte "Adolfo Stella".



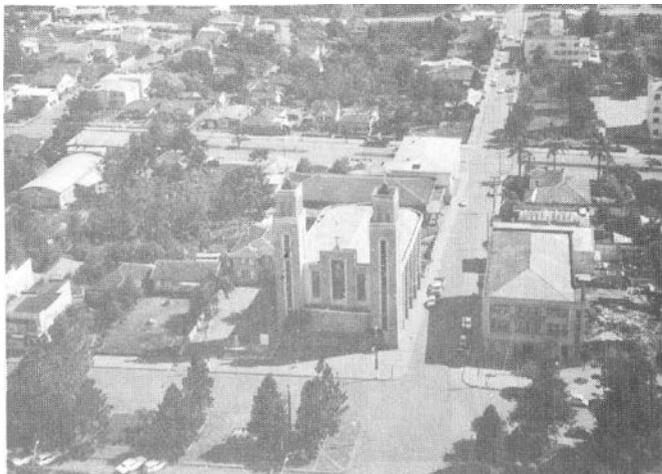


Figura 3 -Igreja Matriz de São Paulo Apóstolo.



Figura 4 -Capitão JOSÉ FERREIRA BUENO, fundador de Lagoa Vermelha (à direita). Capitão Serafim Ferreira de Oliveira, filho do fundador, igualmente considerado fundador por haver confirmado a doação do terreno. Sua esposa D. Júlia Morerira do Amaral é gaúcha.



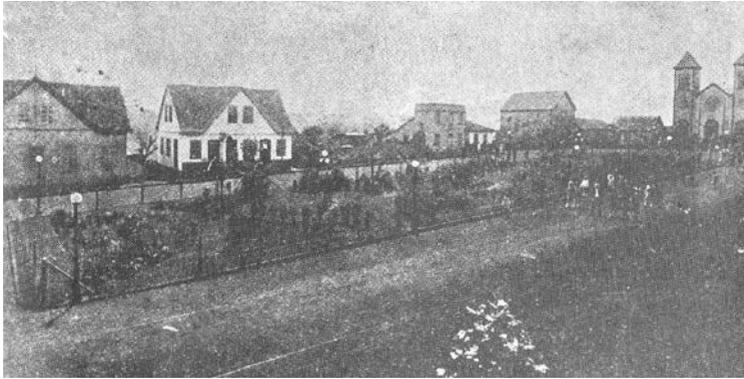


Figura 5 -Praça Marechal Deodoro - Igreja Matriz, construída em 1910. Ao lado o prédio que serviu de casa comercial de Antônio Ascari, Pessatto, Sanson e Caon. À esquerda, a velha casada Prefeitura. (1930). Casa branca de Augusto Berthier.



Figura 6 -1910 - O pioneiro José Muliterno, esposa Guilhermina, cunhada Maria Clara Lacerda. À esquerda o filho Nestor. Maria de Jesus, c.c. o filho Sílvio, Amadeo, Juvenal e o neto Carlos Dias de Moraes.



Figura 7 -Casamento de ALBERTO AUGUSTO MOOJEN, vendo-se: Napoleão A. Moojen, Carlos Augusto Kauer, José e Miguel Nácul, Cincinato Rocha, Dr. Alfredo Moojen, Dr. Nívio Castellano, Álvaro Nunes; meninos: Cyrio Nácul e Pedro Augusto Moojen, Vilson Lopes (fardado) 1918.

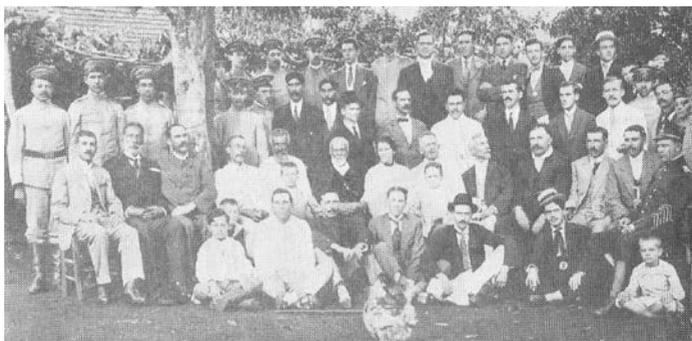


Figura 8 -31-12-1917 - Bodas de Prata do casal Ricardo Von Borowski - Delfina Loureiro. Da esquerda: Sentados: João da Silveira Marques, João Soares de Barros Filho, Agapito Guimarães, Florentino Pinto de Andrade, João Ribeiro Leitão, Francisco Delfino de Carvalho, Delfina Loureiro Borowski, Ricardo Von Borowski, João Lúcio Nunes, José Jacob Nácul, Francisco Dias de Moraes, Edmundo Dalmácio de Oliveira, Sargento Pedro André. Sentados no chão: Ernesto Ferreira, Protásio Marques, Ulisses de Andrade, Sadi Marques, Trajano Machado, Cincinato Barreto e Nívio Castellano. De pé: José Ribeiro Leitão - Felipe Lemos, Tancredo Machado, Augusto Berthier, Jorge Candeia, Pedro Candeia, José Castellano, Macedônio Rodrigues da Silva, João Messina, Pedro Andrade, Gibrail Tigre, João Augusto Moojen, Batista, Pedro Fidélis Ferreira e Alfredo Ferreira. Última fila: José Gomercindo Ferreira, Sebastião Kneip Ramos, Heitor Ilha da Cruz, Wenceslau Mauer, Carlos Koth, Carlos Augusto Kauer, Domingos



Castellano, João Xavier Chicuta e Afonso Menezes Filho.



Figura 9 -1918 - Joaquim Ferreira (Cirino), Alberto Berthier e Manuel Júlio Garcez.



Figura 10 -1947 - O guarda de Trânsito MANUEL LUIZ DOS SANTOS,

vendo-se a antiga matriz e Casa Paroquial no lugar do Altar da Pátria de hoje.



Figura 11 -1948 – As primeiras casas da Vila Rodrigues (sede) vendo-se o carro da Prefeitura.



Figura 12 -Igreja Matriz de Caseiros





Figura 13 -Outubro de 1930 - Oficiais de Lagoa Vermelha durante a Revolução de 1930, junto com a Miss Paraná e companheiros em Curitiba. Sentados: Domingos Bispo, Gibrail Tigre, João de Paula e Silva, Dr. Plauto de Almeida, Miss Paraná, Maximiliano de Almeida (que saudou a Miss de improviso com um belo soneto), Cel. Macedônio Rodrigues da Silva, Cel. Manuel Nunes. 2ª fila: Cel. Gil Monteiro, Cel. Pedro Antunes, Tte. Jorge Candeia, Major José Borges Teixeira, familiares e amigas da Miss, Cel. Resende. 3ª fila: Israel Farrapo Machado, Nívio Castellano, Podalírio Borges de Lima, Cel. Augusto Berthier, Trajano Machado, Sebastião Knaipe Ramos, Nelson Berthier, Henrique Negri, 4ª fila: Cel. Wite, Tte. Rocha, Ovídio Machado, Guilherme de Freitas Melo, Elias Tigre e Ovídio Muliterno.

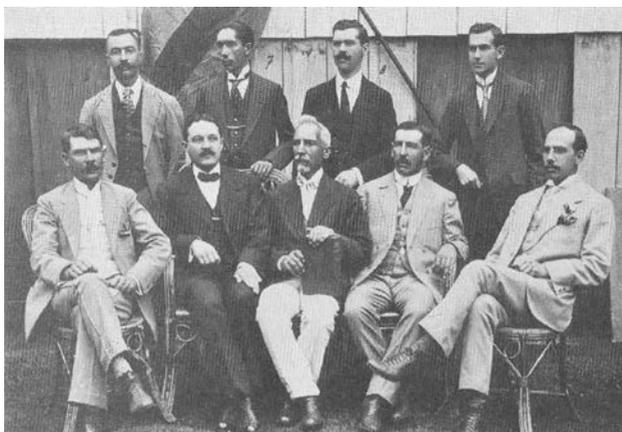


Figura 14 -Janeiro de 1918 - Conselho Diretor de Tiro de Guerra nº 378:

Sentados: Arlindo Dauber, Pedro Pimentel, João Lúcio Nunes, Francisco Dias de Moraes, Napoleão Moojen. Em pé: Pedro Fidélis Ferreira, Felipe Lemos, Pedro Andrade e Gibrail Tigre.

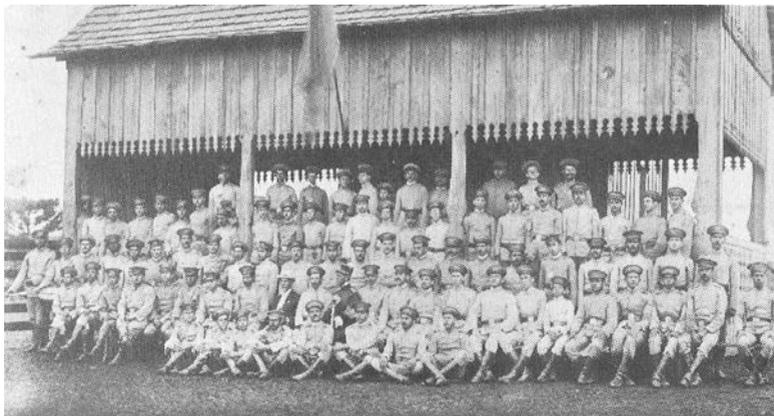


Figura 15 -1917 – Tiro de Guerra nº 378 – instrutor Sgto. Pedro André.



Figura 16 -Inauguração do Aeroporto Municipal, vendo-se o Governador Euclides Triches, o Prefeito Adolf Stella, o ex-Prefeito Dr. Abelardo Nácul e esposa.

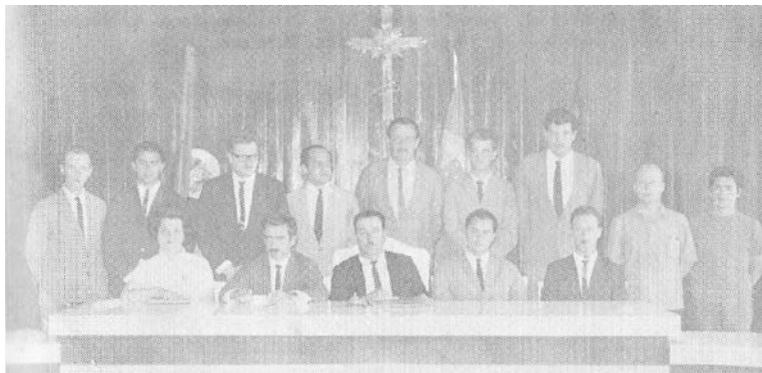


Figura 17 -CÂMARA DE VEREADORES - 1969-1972. Sentados: Nady Maria Castellano, Romy Paim Hoffmann, Raul Feijó (presidente), Ivo Rodrigues Gonçalves, José Carlos Vieira. De pé: João Horácio Barreto da Costa, Érico Miguel Moreira de Lima, Dr. Eloy Lenzi (hoje Deputado Federal), Dr. Rômulo Augusto Moojen, Nicanor Hoffmann Paim, Hugo Napoleão Ferreira, Renato Dolzan, José Carlos Castellano (secretário) e Aldoir Nepomuceno (jornalista).

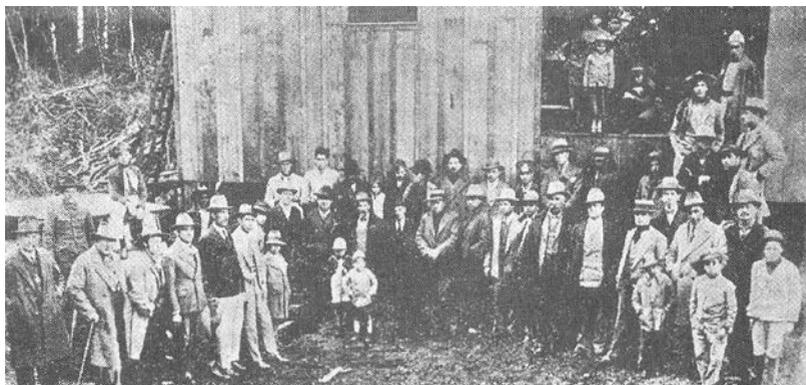


Figura 18 -29-7-1931 - Inauguração da Britadeira Municipal

Da esquerda: Antônio Ascari, Protásio Marques, Alfredo Dias de Moraes, João Jaci Lorenzi, Otto Reichemann, Eugênio Pedro Teles, Jorge Candeia, Carlos Guimarães, Olavo Moojen, Joaquim Lisboa Ribeiro, Francisco Rodrigues da Silva, Dr. Eurico Lustosa (Prefeito), Antônio Machado, Carlos Machado, José Castellano, Brasiliano da

Costa e Silva, Libório Pimentel, Miguel Jacob Nácul, Albino Ghering, Afonso Meneses Filho, Ernesto Ferreira, Cel. Adonis Homem, Dr. Vítor Hugo Ludwig (pai do Ministro da Educação), José Jacob Nácul, Pedro Campana, Nívio Castellano, Jorge A. Moojen, Álvaro Nunes, Pedro Antunes Maciel, José Piccoli (pai do Germano).



Figura 19 -1974 - No galpão do CTG Alexandre Pato - O governador Euclides Triches, conversando com o Prefeito Milton Stella, ao lado de Ernani Peres Júnior, Nelson Berthier, Raul Feijó e outros.



Figura 20 -1922 - Sentados, da esquerda: Raul, Isauro Rodrigues de Lima, Hoffmann, Dr. Raul de Freitas Boccanera, João Messina, João Augusto

Moojen e Salatiel Pires. Em pé: Dr. Brás di Francesco, Dr. José Rodrigues de Lima, Trajano Machado, Cap. Jorge Pellegrini Castiglione, André Hoffmann de Melo, Djalma Nunes e Emídio Limonge.



Figura 21 -5-11-1948 - O Prefeito Dr. Abelardo José Nácul, instalando o distrito de São João da Urtiga. Frei Justino Dotti, Vigário.



Figura 22 -Touro Devon, várias vezes premiado, de Amantino Barreto da Costa.

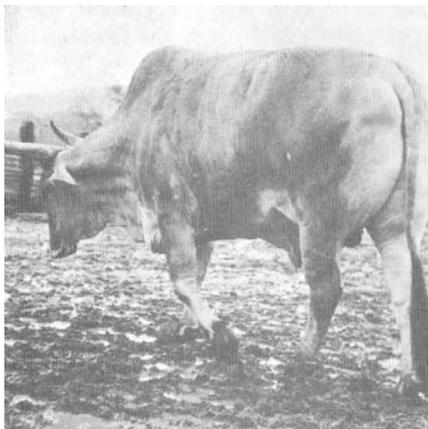


Figura 23 -Novilho de 1.141 kg, de Francisco Machado Vieira. Outro boi do mesmo proprietário pesou 1.531 kg.

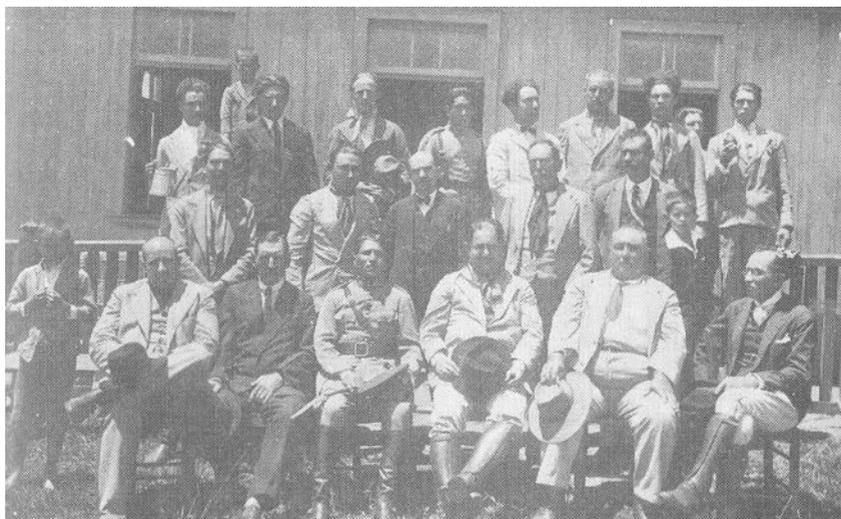


Figura 24 -1931 - Na fazenda de Firmino Jacques - Dr. Eurico Lustosa (Prefeito). Sentados: Libório Pimentel, Francisco Dias de Moraes, Tte. Adonis Ventura Homem, Dr. Kurico Lustosa, Firmino Jacques e Dr. Brasiliano da Costa e Silva. 2ª fila: Albino Gering, Trajano Machado, Amantino Hoffmann e Salustiano Machado. 3ª fila, entre outros, Otaviano

Machado.

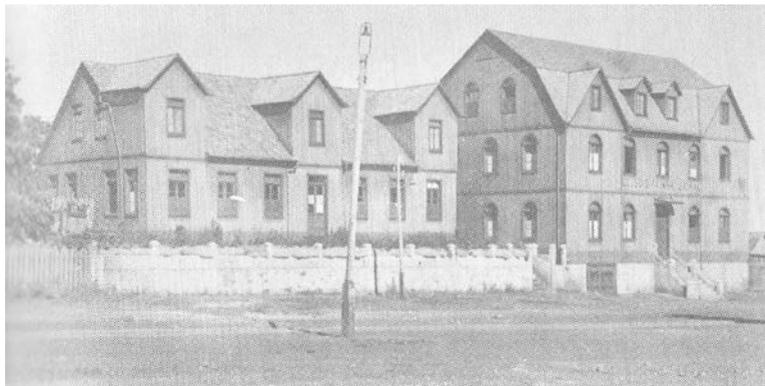


Figura 25 -1950 – primitivo prédio da Escolha RAINHA DA PAZ.



Figura 26 -1951 - Inauguração do Ginásio Duque de Caxias: Sentados: Dr. Hugo Stivalet Pires (Prefeito), Frei Celestino Dotti (diretor), Nilda Manso e Melson Tumelero (atual diretor-presidente do Grupo Tumelero). Em pé: Frei Huberto Mattana, Prof. João Telatin, Cap. Esmeraldino Salatino, Nelson Berthier, Renato Reis, João Salatiel Pinto, Augusto Lobo, Francisco Argenta, Dr. Raul José de Campos, Guilherme Lenzi, Bruno Caon, D.

Eulália e seu Esposo Dr. João de Paula e Silva, Dr. Flávio Valente.



Figura 27 -1934 - Grupo Escolar - Prof. Fernando Ducroquet, Maria Machado, Ondina Boccanera Kauer e Prof. Centeno. Alguns alunos: Clície Comiran (a menor), Odila Candeia, Lindóia Andrade, Edite Andrade, Fátima Ascari, Elaine Dias de Moraes, Leda Santos; Milton Mota, José Mota, Linor Silva, Maurílio Mendes, Valdemar Reichmann, Danton da Costa e Silva, Rubens A. Moojen, Assis Melo, João Candeia.



Figura 28 -Prof. Carlos Machado, esposa Malvina; filhos: Ovidio, Caio, Teresa, Naura, Israel Farrapo, Ermínia, Nino. Falta Nídia c.c. o escritor Josué Guimarães.





Figura 29 -Vista parcial do Distrito Industrial.



Figura 30 -29-6-1937 - o poeta lagoense OVÍDIO CHAVES recebendo o Prêmio da Academia Brasileira de Letras, vendo-se o escritor Levy Carneiro

e Pedro Calmon (sentado).



Figura 31 -1981 – RÁDIO CACIQUE Sentadas: Nilsa A. Moreira, Ilva Mandelli Corrêa (viúva de Walter da Silva, 1º diretor), Maureem Corrêa e Nely Lacerda. Em pé: Frei Humberto, Hélio Moreira, João Salatil Pinto, Dr. Cezar Muliterno e Dr. Roque Chedit (Juiz de Direito).



Figura 32 -8-5-1981 - Inauguração do Obelisco do Centenário: Secretário Augusto Trein, Deputado Federal Eloy Lenzi, Secret. Baltazar de Bem e

Canto, Governador Amaral de Souza, Prefeito José Carlos Vieira, Pres. da Câmara Hugo N. Ferreira, Dep. Federal Darcy Pozza e Dep. Est. Jarbas Lima.



Figura 33 -General RUBEM CARLOS LUDWIG, Ministro da Educação em 1981, nasceu em Lagoa Vermelha a 17-1-1926.



Figura 34 -1927 - Bloco carnavalesco - 1ª fila: Lúcia Nunes, Nair Moreira de Melo, Olga Marques de Melo, Neusa Lopes, Emília Machado, Inésia Marques, (Tata), Judite Melo e Muiguelina Messina; menino: Clori Cruz Messina. 2ª fila: Luíza Marques Machado, Diva Marques, Arthur Veloso (promotor, assassinado), Pedro Santos (assassinado), Heitor Ilha da Cruz,

Agripina Messina da Cruz, Maria da Conceição Marques (Rocha). 3ª fila: Ovídio Machado, Otaviano Flores Machado, João de Holleben, João Romário Machado, Cincinato Rocha (assassinado), Atílio Sbroglio, Claudionor, e Jorge A. Moojen. 4ª fila: Dácio Marques, José Muliterno Filho, Guilherme de Freitas Melo, Nicanor Lima, Podalírio Lima, Ovídio Marques (assassinado), Garibaldino Lourenço de Lima, Ferreira, Carlos Nino Machado, Francisco Marques. O tenente Ovídio de Carvalho Marques, comandante da Brigada, foi assassinado por um guarda seu subordinado por motivo fútil; foi Prefeito de Soledade, irmão de Júlio e Protásio e tio de Paulo Laone de Souza Marques, atual motorista da ambulância municipal. Foto batida diante da casa de Tancredo Machado, que também foi assassinado.

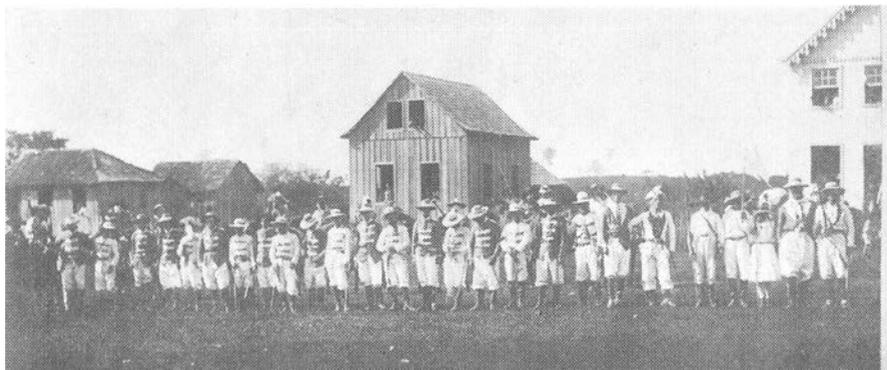


Figura 35 -1932 - Cavalhada - aparecem entre outros: Ulisses Melo (Floripa), José Garcez de Andrade, Antônio de Melo Hoffmann, Porfírio da Rosa, Heleodoro dos Santos (Guri), Teodoro Teixeira Borges, José Muliterno Filho, Lauro Dias de Moraes, Djalma Pinto, Podalírio Lima. Vê-se à direita parte da casa comercial de Gaudêncio Carrão, que serviu depois de sede provisória do Ginásio Duque de Caxias. A seguir ficava a casa comercial de Mário Marzotto, pai do Dr. Carlos Henrique Marzotto, engenheiro em Caxias do Sul. Hoje no lugar da casa do centro, ergue-se o edifício CORELL.





Figura 36 -1980 – ASSOCIAÇÃO DE MÓVEIS RODIAL



Figura 37 -1980 – CÂMARA DE VEREADORES



Figura 38 -A MAÇONARIA EM 1981



Figura 39 -1950 - no Cine Guairacá: Gal. Amarílio Osório, Vitório Dolzan, Dr. Flávio Valente e esposa, Vanda Gasperin, Inah Muliterno, Tte. Pereira (no alto), Dr. Silveira Note e D. Edite, Erasmo Ferreira (que foi assassinado).





Figura 40 -1908 - Membros da Maçonaria: João Jorge Pez, Alfredo Dias de Morais, João Lúcio Nunes, Manuel Antônio Resende, Ricardo Von Borowski, Hildebrando Fão, José Castellano, Alcides Pimentel e Manuel Almeida.



Figura 41 -DEBUTANTES – 1980 – apresentando-se na TV em Porto Alegre



Figura 42 -DEBUTANTES – 1978 – ao centro D. Nely Lacerda



Figura 43 -1981 – Baile de Debutantes no CTG Alexandre Pato



Figura 44 -ROSAURA TELLES, Rainha do Centenário, junto com o Governador Amaral de Souza, Deputado Jarbas Lima, Prefeito José Carlos Vieira, Dr. Ruy Godinho e Agenor Carvalho do Amaral.



Figura 45 -DEBUTANTES DE 1979 junto com as prof. Ana Speroto e Célia Barreto Domingues.



Figura 46 -1980 – Balê infantil – crianças da sociedade lagoense.



Figura 47 -1906 - Viajantes comerciais de Lagoa Vermelha: Rodolfo Goelzer, Pedro Padilha, Mário Padilha e Otto Mussnich.



Figura 48 -1980 - Lideranças reunidas com o Chefe da Casa Civil para tratar da instalação de fábrica de leite em L. Vermelha. Sentados: Ubirajara Muliterno (vice-Prefeito), José Carlos Vieira (Prefeito) Dr. Augusto Borges Berthier (Chefe da Casa Civil do Palácio Piratini), Agenor Carvalho do Amaral (Pres. da Câmara de Vereadores). Em pé: Dr. Cersi Andreani, Dr. Cezar Muliterno, Dr. Manuel Vieira da Fonseca, Dr. João Garcez, Vittorio Capri, Achyles Jacques Fernandes, Dr. Ivo Bassani, Otacílio Nicolau Merib e Dr. Davino Nepomuceno.



Figura 49 -1980 - EDIR CERRI, premiado por ter sido Destaque do ano como maior revendedor FORD. Funcionários da FUNDIFERRO.





Figura 50 -1981 - Diretoria da Associação Industrial e Comercial: Dr. João Pereira Neto, Romeu Bresolin, João Nelson Spode, Dr. Ivo Bassani, Dr. José Antônio de Andrade e Henrique Finger.

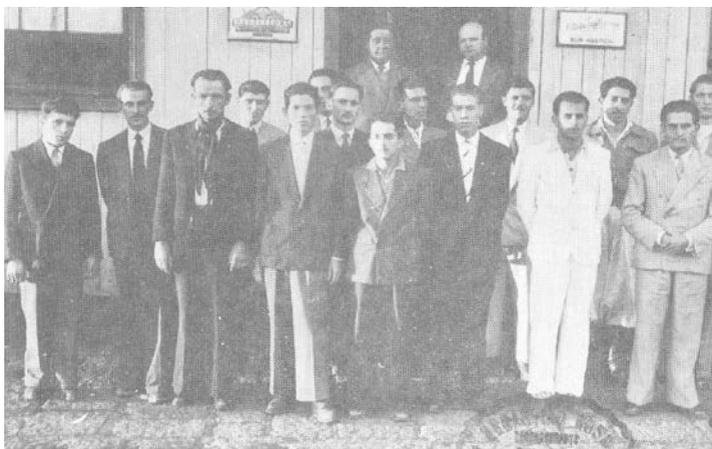


Figura 51 -1944 - Reunião do Sindicato dos Empregados: Dr. Nívio Castellano, Maurício Piola, Max Britz, Ângelo Scalabrin, Guilherme Comiran, Diogo Bittencourt, Dorvalino Gazolla, Augustinho Carneiro Lobo, Ademar Fontoura, Ateneu de Quadros, Maurílio Júlio Machado, Ângelo Primo Caon.





Figura 52 -1981 - CORAL CENTENÁRIO maestro: Frei Maurílio Parizzotto



Figura 53 -1981 – Rainha e princesas do Centenário, vendo-se o historiador Demétrio Dias de Moraes.



Figura 54 -CARRO ALEGÓRICO SPODE no desfile do Centenário dia 10-5-1981.



Figura 55 -WALDEMAR LUÍS DE HOLLEBEN

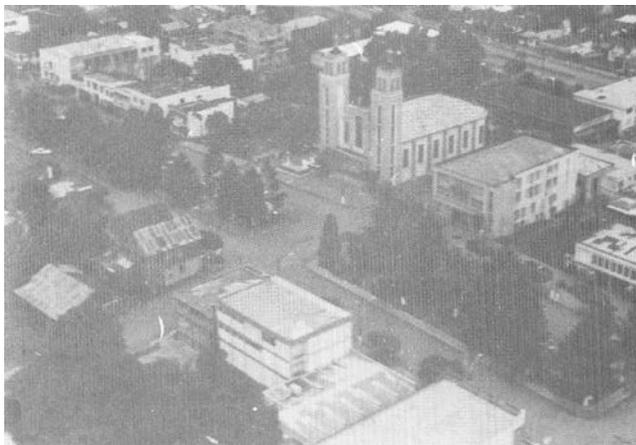


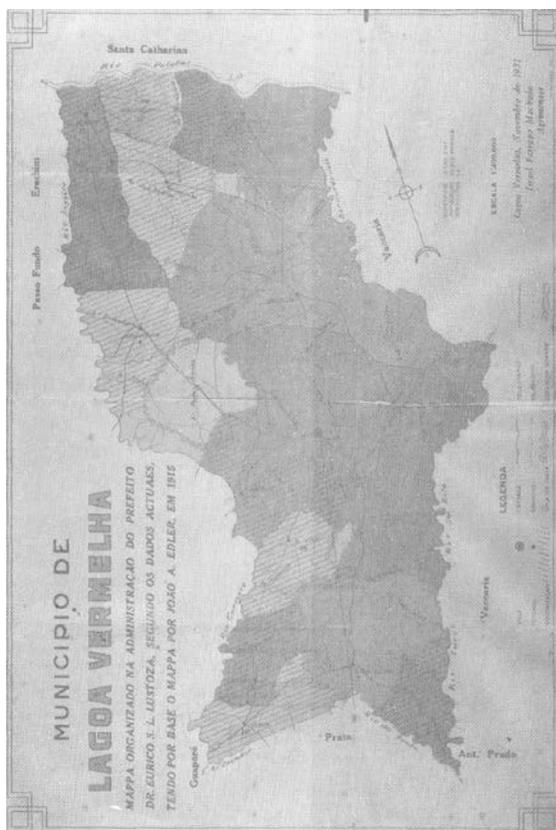
Figura 56 - Vista parcial de Lagoa Vermelha.



Figura 57 - Vista parcial de Lagoa Vermelha.



Figura 58 -Vista parcial de Lagoa Vermelha.



Concluiu-se esta edição em outubro de 1981
"PROVAS REVISADAS PELO CLIENTE"

Composição, impressão e acabamento:
GRAFOSUL
Indústria Gráfica e Editora Ltda.
Rua Gen. Vitorino, 41 - Porto Alegre - RS
Fones: 21-5566 e 25-8079
Rua Monsenhor Veras, 678 - Porto Alegre – RS
Fones: 23-0523 e 23-5512



Projeto
Passo Fundo
Apoio à cultura

[Catálogo do Projeto Passo Fundo](http://www.projetopassofundo.com.br)
www.projetopassofundo.com.br

Nova História de Lagoa Vermelha não é, pois, uma fria criação a partir de documentos e arquivos, que o Autor bem conhece, mas é a tentativa de traduzir a totalidade da vivência do povo lagoense no desenrolar do processo de sua própria história. Cabe ao Autor, o mérito da paciência, da sensibilidade e da emoção aliadas ao envolvimento da comunidade lagoense que começará, assim, a identificar-se com sua própria caminhada.

Natural de Montenegro, Fidélis Dalcin Barbosa nasceu aos 14.12.1915. Fez seus estudos secundários e superiores nos educandários capuchinhos. Professor e jornalista, iniciou atividades de magistério na Faculdade de Ciências Econômicas de Pelotas, continuando em Caxias, Lagoa Vermelha e Canela, estagiando cinco anos em Portugal mas sempre com sua mente e coração voltados para Lagoa Vermelha.

Nova História de Lagoa Vermelha estará sendo completada a partir da publicação desta obra, porque o leitor sentir-se-á envolvido e convidado a registrar suas impressões e conhecimentos, omitidos ou insuficientemente expressos na obra. Passados dez anos, se a algum historiador fosse dado ter em mãos os comentários e anotações de cada leitor, teria o privilégio de escrever uma Nova História de Lagoa Vermelha brotada da boca e do coração do povo.

Porto Alegre, 4 de outubro de 1981

Rovílio Costa

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Faculdade de Educação.

